

VIDA  
OCIOSA  
A FILHA

GODOFREDO  
RANGEL  
FALANGE  
GLORIOSA  
OS BEM-  
-CASADOS

vol. 2

VIDA  
OCIOSA  
A FILHA  
GODOFREDO  
RANGEL  
FALANGE  
GLORIOSA  
OS BEM-  
-CASADOS



GODOFREDO  
RANGEL  
FALANGE  
GLORIOSA  
OS BEM-  
-CASADOS

vol. 2

Belo Horizonte | MG, 2022



7 **NOS BASTIDORES DA CRIAÇÃO**  
Márcio Sampaio

13 **FALANGE GLORIOSA**

267 **OS BEM-CASADOS**

471 **GODOFREDO RANGEL**  
Carlos Drummond de Andrade

479 **CRONOLOGIA**



## NOS BASTIDORES DA CRIAÇÃO

### *Um autor mais que singular*

Godofredo Rangel é um escritor que se tornou referência no contexto da literatura brasileira por seu primeiro livro, *Vida ociosa*, publicado na juventude. Ao longo de décadas, foi lembrado e considerado mais por essa obra do que pelo que veio a publicar em seguida: os contos de *Andorinhas* e de *Os humildes*, a novela *A filha*, editada em 1929, e os romances *Falange gloriosa* e *Os bem-casados*, em edições póstumas, de 1955, mais três livros de histórias para crianças, obras que compõem o conjunto modesto de sua bibliografia, a que se acrescentam crônicas e histórias espalhadas nas páginas de jornais, revistas e antologias do conto brasileiro.

As referências a Godofredo Rangel em estudos gerais sobre a literatura brasileira dão conta de um escritor *singular* por seu romance *Vida ociosa* e por ser ele o “interlocutor oculto” do amigo Monteiro Lobato em correspondência que mantiveram ao longo de 43 anos. O escritor paulista publicou suas cartas em dois volumes, *A barca de Gleyre*, mas o mineiro, mineiramente tímido, preferiu não dar a público as suas, considerando-as apenas como uma provocação às do amigo.

Entretanto, mais que o autor de um romance primoroso, Godofredo Rangel reaparece como personalidade intelectual de primeira grandeza, tanto pela sua obra, parcamente conhecida, como pela influência que exerceu sobre vários escritores com os quais veio a ter contato.

Da sua juventude, como estudante de Direito e estreado na literatura, ficaram os testemunhos de um grupo de jovens, também aspirantes



a escritor, inspirados em grandes autores brasileiros e estrangeiros, que liam no original, com sofreguidão, e sobre os quais mantinham prolongadas e acaloradas discussões.

Esse tempo, temperado pelas expectativas próprias dos jovens, seria magnificamente retratado no “Prefácio dispensável”, com que Hilário Tácito (José Maria de Toledo Malta) — um dos integrantes da turma — abriu a primeira edição de *Vida ociosa*. Nessa peça antológica, ele apresenta o ambiente e os personagens daquele grupo, acentuando o perfil do autor do romance como uma figura humana da melhor qualidade — inteligente, culto, afável.

Mais que o autor de *Vida ociosa* e de cerca de duas centenas de cartas inéditas endereçadas a Lobato, além de muitas outras, endereçadas a escritores, editores e amigos — pelo que tem sido lembrado —, Godofredo Rangel começa a ser agora reconsiderado pela qualidade de sua produção literária, publicada em livros e em periódicos (material que, por sua natureza, é facilmente descartado).

Resgatada, essa produção dará conta mais do que de um escritor *único*, mas de um romancista e contista de primeira grandeza, como se pode avaliar pelos trabalhos acadêmicos que começaram a surgir nos últimos anos, em artigos e estudos de alguns pesquisadores, entre os quais Enéas Athanázio, biógrafo e incansável pesquisador da vida e da obra de Rangel.

Na galeria de admiradores de Rangel como autor e figura humana notável, estão escritores como Carlos Drummond de Andrade, J. Guimarães Menegale, Alphonsus de Guimaraens Filho, Rodrigo M. F. Andrade, Mário Matos, apreciadores do brilho de sua inteligência, da cultura e da alta qualidade de sua criação. Todos eles sublinham também a personalidade do escritor, como um homem suave, afável, atencioso, pronto para uma boa conversa; um mestre incomparável, sempre disposto a ler originais e comentá-los, bem como a orientar jovens escritores.

### *Nos bastidores da criação*

Estudando o acervo literário de Godofredo Rangel, que me foi confiado pelo Prof. Nello Rangel, filho do escritor, pude, nestes últimos tempos, penetrar no universo imensamente rico de qualidades

humanas e intelectuais de um escritor que trabalhava obsessivamente para depurar a linguagem e com ela revelar aspectos da vida, do tempo e do mundo, com a sua beleza, os conflitos, as angústias e a humilde resignação.

Compõem uma seção desse acervo livros preciosos, que sobreviveram à ação do tempo e às circunstâncias como foram por anos guardados. Essas obras dão conta das preferências de leitura e das afinidades com os autores.

Outro expressivo aspecto desse conjunto documental são as cartas que por mais de 40 anos escreveu a Lobato, numa interlocução comvente, de discussões sobre literatura, confissões de vida, da vida em família e do trabalho exaustivo, como juiz, professor e tradutor. Drummond reclama, com razão, a publicação dessas cartas, a fim de complementar o diálogo dos dois amigos.

Tão relevantes — e talvez mais importantes para o conhecimento do processo criativo de Rangel — são as centenas de anotações manuscritas feitas em qualquer pedaço de papel (depois coladas organizadamente nos cadernos que chamou de “Mealhas”, “Borrões” e “Anotações”).

Mais ainda, os rascunhos e textos acabados, manuscritos ou datilografados, com suas dezenas de interferências para correções: os pentimentos, as substituições de palavras e frases e, finalmente, as peças prontas para publicação.

Diários de sua vida pessoal e dos seus filhos enquanto crianças e adolescentes compõem o painel de afetividade e cuidados amorosos pela família.

Cinco volumosos cadernos compõem um extraordinário “Dicionário etimológico”, cujos verbetes foram elaborados com um trabalho metódico, em que seus conhecimentos da língua são ilustrados ou corroborados por importantes autores, dos quais colheu exemplos em livros e publicações especializadas.

Nos cadernos de viagem, amalhou e organizou anotações da fala dos habitantes do interior sul-mineiro, histórias que ouvia nos julgamentos do tribunal, nas conversas de rua, nas roças. As falas, expressões e termos sobreviventes de antigas culturas, sabedoria popular acima da ciência instituída, com que o povo conduz a vida. O modo como se ocupa com a

natureza e suas forças transcendentais. As descrições da paisagem, deus e o diabo nas crenças populares, as almas penadas e as iluminadas que vagueiam pelas casas destruídas pelo tempo, as plantas, as mezinhas, a época própria de plantar e colher, o que pescar e o que comer. Sobre-tudo o *sertão*, essa entidade que está ali perto, para onde caminhamos e aonde nunca vamos chegar.

Citado por Lutiane Marques, em seu livro *O visitante*, Guimarães Rosa confessa: “escritores como Godofredo Rangel me impressionaram e influenciaram profundamente”.

Esse desconhecido aspecto da relação intelectual dos dois JGR — José Godofredo Rangel e João Guimarães Rosa — pode ser mais bem avaliado pela comparação dos seus arquivos ocultos.

*Nonada*, a palavra mágica que Rangel emprega em simples frase de *Vida ociosa*, seria a chave para Guimarães Rosa abrir o *Grande sertão: veredas* e derramar caudalosamente, por suas páginas extraordinárias, a confissão de Riobaldo a um oculto ouvinte, que bem poderia ser o velho mestre Rangel. O processo criativo de Rosa é semelhante ao de Rangel, como foi observado pelo pesquisador Lutiane Marques.

Em artigo publicado no *Suplemento Literário de Minas Gerais*, comemorativa do centenário de Rangel, a escritora Mirtes Licínio também aponta afinidades entre os textos dos dois escritores, demonstrando o apreço e admiração de Rosa por ele e sua obra.

Os dois autores fazem sua travessia pessoal em diferentes caminhos, que por vezes se cruzam, e seguem pelo sertão, com algumas dúvidas e poucas certezas. Que a escrita, a linguagem, enfim, a literatura, ensejam.

### Falange gloriosa e Os bem-casados

Embora com sólida formação intelectual, formado pela Escola de Direito, e dominando vários idiomas, Godofredo Rangel viveu, entretanto, amarrado aos limites impostos ao escritor brasileiro. Nunca deixou de ser um *juiz de direito da roça*.

Não sendo afeito às grandes aventuras, passou grande parte de sua vida no ambiente modesto da província, afogado em outras atividades — de professor e tradutor —, a fim de garantir a sobrevivência da família.

Com aguda percepção do fenômeno da vida, interpretada na linha crítica, às vezes pessimista, às vezes resistente, acentua em suas narrativas traços de sarcasmo, ironia e ceticismo. Mas, em alguns momentos, seus textos são amenizados por ternura e afeto. Sensibilizava e enriquecia os mais insignificantes e miúdos detalhes do cotidiano, transformando-os, pela penetração psicológica e capacidade de transfiguração poética, em “acontecimentos literários”.

Com *Os bem-casados*, sua narrativa é bastante precisa. A caricaturização perversa de personagens e situações acentua com pessimismo a estrutura familiar, os interesses, o poder corrosivo e a desistência de um ser paralisado pela prepotência. A história se desenvolve com uma força narrativa que segura e move o leitor a tomar partido sem, contudo, poder criar soluções. Está tudo escrito. Para terminar com uma cena de profunda tristeza.

A estrutura do poder está acentuada em *Falange gloriosa*, estendendo o seu caráter corrosivo a instituições de ensino que Rangel experimentou e amargou como professor e espectador de um espetáculo grotesco. Salvam-se poucos personagens, os mais fragilizados e os humildes, além dos que transitam dentro da estrutura do ensino, em colégio algo *integralista*, como indicam seus próprios nomes e a disciplina imposta pela direção.

Fatalizadas pelo caráter mineiro, essas produções atingem, na aparente simplicidade, a grandeza artística que alinha o autor com os maiores e mais expressivos nomes de Minas. E essa grandeza está ainda exemplificada pelas numerosas antecipações de algumas de suas ideias e obras no âmbito da literatura fantástica, do chamado miniconto, do *nonsense humorístico*, já evidentes nas próprias produções de sua adolescência. Uma parte dessa riqueza se encontra dispersa em publicações de periódicos; outra parte, expressiva, está em seu arquivo particular.

MÁRCIO SAMPAIO

*Escritor, artista visual e membro da Academia Mineira de Letras  
Curador do Acervo Godofredo Rangel*



FALANGE  
GLORIOSA  
GODOFREDO  
RANGEL



## CAPÍTULO I

No princípio de ano, às dez da manhã, o trem parou, como de costume, na vila das Três Barras — lugarejo insignificante que não chega a contar uma centena de casas e nem figura nos mapas mais meticolosos do Sul de Minas — e a esse momento um casal de velhos se levantou, para sair dum carro de segunda classe; como, porém, em janeiro fosse desusado o movimento da estaçõzinha da vila, ou do “arraial”, conforme lhe chamavam os antigos, e notória a pequena espera do comboio, houve no simultâneo embarque e desembarque de passageiros um certo atropelo que lhes tolheu os passos.

A sineta deu súbito o sinal de partida. Seguiu-se o trilo do chefe de trem.

Um viajante de enormes bigodes que acabava de instalar-se num banco, exclamou, vendo a atitude dos velhos:

— Não vão descer? Então depressa, que o trem está saindo!

E empurrou-os, solícito, para a portinhola.

Os dois, atarantados, tontos, abalroaram numa enorme caixa de papelão que entrava. A caixa caiu para o lado, praguejando, e eles passaram. O silvo da máquina apressou-os mais; e, quase sem fôlego viram-se enfim pisando terreno firme. Era tempo. Os carros, lentamente, já se punham em movimento.

— Olá, ó vovô! — gritou o mesmo viajante.

O invocado acudiu ao apelo, e correu a tomar a trouxa que o desconhecido lhe passava pela janela.

— Muito obrigado! — disse o velho descobrindo-se, e acompanhando com olhar enternecido a quem assim lhes salvava os haveres.



Já a distância, e sorrindo, o viajante dos bigodes gritou alegremente, fazendo-lhe um aceno de despedida:

— Não há de quê! Recomendações à velha!

— Ó Flávia — disse a esta o companheiro, quando lhe chegou ao pé —, quem é aquele moço?

— Não reparei, João... Por quê?

— Ele mandou recomendações a você.

— Quem sabe se será algum conhecido... — e Flávia esticou o pescoço descarnado para verificá-lo. Mas era tarde; entre fumo e poeira já o trem desaparecia num corte, donde não vinha mais que uma trepidação ensurdecida e remota.

Com as pernas mal firmes, e nos ouvidos um imenso rumor subjetivo, ambos ficaram-se um instante, meio apatetados. Era grande o contraste dos solavancos e ruídos do trem com a paz da estaçãozinha das Três Barras, relegada ao centro de uma várzea, entre a chiadeira fanha das cigarras, que gozavam a luz daquela manhã sem nuvens. Os outros recém-chegados abalavam, aos magotes, para a vila. Alguns três-barrenses, palitando os dentes, buscavam conhecidos entre eles, ou assalteavam o negrinho estafeta, pedindo a correspondência vinda pelo ambulante. O agente conferia cargas e dava ordens; carretas de mão barulhavam na areia úmida da plataforma; e de mui longe, em intermitentes lufadas de sons, vinham os surdos arquejos da locomotiva e o amortecido rolar dos carros.

Sacudiu o torpor dos velhos a vista de seus companheiros de viagem que se iam afastando, rumo à povoação, entre crianças e os meninos das malas. Na maioria eram pais que vinham matricular os filhos no Ginásio equiparado “Fiat Lux” e na Escola Normal, também equiparada, “Deus, Pátria e Família”, dois importantes estabelecimentos de ensino, que conseguiram vingar e prosperar naquela humilde vilazinha mineira, graças ao gênio de seu diretor, o Sr. Antônio Junqueira Navarro, educador competentíssimo e verdadeiro apóstolo do ensino. Os velhos, que se destinavam à Escola Normal, reagiram contra a fadiga e puseram-se a caminho, em passo lesto, para alcançá-los e guiarem-se por eles.

No meio do grupo mais numeroso, notava-se um moço melancólico, a quem todos prestavam reverente atenção. Era Fortunato Marolo, um dos regentes do ginásio, encarregado pelo diretor de acompanhar à estação os pais que se iam de retorno e esperar os que deviam chegar por não tê-lo podido fazer pessoalmente aquele dia. Aos que não conheciam ainda o Navarro, e nem haviam experimentado os frutíferos métodos de ensino dos seus colégios, a figura do regente, que ali os representava, incutia magnífica primeira impressão, que exigia respeito e dispunha favoravelmente; pois, embora vestido sem alarde, nem muito asseio, o moço respirava unção e santidade, como uma imagem que, cansada da eterna postura de imobilidade e êxtase no seu retábulo, se resolvesse a descer dali e a sair da igreja, para misturar-se com os pecadores. Em seu andar havia o compasso solene de quem acompanha um andor; a voz era lenta e nasalada, com inflexões de canto gregoriano; e com a mão gesticulava molemente, com os ares de quem abençoa.

Os velhos, que se avizinhavam, viram a cruz de irmandade que lhe pendia sobre o colete sujo. Por fim, já conseguiam escutar suas palavras.

— Graças a Nossa Senhora... Alunos sempre aumentando, doutor... — respondia a uma figurinha grisalha, em cuja cara rechupada brilhavam nasóculos.

E a nova pergunta de outro interlocutor:

— Só sarampo... constipaçãoezinhas... Ah, os que morreram? Eram cardíacos de nascença, disse o Dr. Peregrino, médico dos colégios... Mas morreram na graça do Senhor, com todos os sacramentos. E descobrindo-se, acrescentou com os olhos compungidamente elevados para o céu:

— Deus os tenha na sua infinita glória!

— Amém — ecoou baixinho João, também desbarretando-se.

Os velhos já haviam alcançado o grupo.

— E o tifo, de que ouvi falar... — arriscou um fazendeiro de carão vermelho, a quem acompanhavam duas caipirinhas vestidas identicamente e de olhos postos no chão.

— Tifo! — respondeu o doutorzinho grisalho pelo Marolo.  
— Histórias! São os inimigos do Navarro que propalam isso. Conheço bem esta localidade, cujo clima é salubérrimo. Além disso, nos colégios a higiene é rigorosa. O diretor escrupuliza em tudo. Posso falar assim, porque tenho cá o meu Dariozinho há três anos, no ginásio; por sinal que um pirralho deste, com oito anos incompletos, já cursa o segundo ano... Hem? isto não atinge as raías do milagre?

Todos os olhares confluíram para um fedelho esperto, uniformizado de alferes, que caminhava ao lado do pai, com ares de militar.

Em vez de se mostrar acanhado ou desvanecido por ser a mira de todas as atenções, o menino carregou o boné sobre os olhos, como contrariado pelas palavras paternas.

— É milagre! — confirmou o doutor. — Também os colégios têm um corpo docente de primeira ordem. Além disso, o Navarro possui o condão de inculcar nos alunos o amor ao estudo. Ali estuda-se deveras. E não creiam que a disciplina seja rigorosa; longe disso; é toda de meios suasórios e estímulos morais. O resultado é estupendo. Este rapaz, por exemplo, é um travesso insuportável em casa; ninguém o pode tolerar; já no ginásio muda completamente. No ano passado, todos os meses, os boletins trouxeram a nota de procedimento — ótima com louvor.

O pequeno, que passara a ouvir tudo com o narizinho franzindo erguido para o ar, aproveitou a pausa do pai para protestar:

— Não acredite nos boletins, papai! O Cerqueira é malcomportado e tem também ótima com louvor no fim do mês. O Martinho também; e se o senhor conhecesse o Martinho...

— Menino! — censurou o pai, atalhando-o.

Dario calou-se, mordendo o beicinho de despeito, e o doutor prosseguiu:

— É o aproveitamento! O resultado colhido pelos alunos leva os pais de surpresa em surpresa. Basta dizer-lhes que este menino, que está apenas na idade em que os outros começam a ler, já me escreve cartas em francês quase correto.

— É extraordinário! — exclamou com sinceridade o fazendeiro de carão vermelho, incubando com olhos ternos as suas caipirinhas, na esperança de vê-las um dia fazerem o mesmo.

Dario ergueu outra vez o narizinho franzido para protestar:

— Decerto! O Sr. Bias dá norma...

— Menino! — tornou o pai, severamente.

Com o vexame dessa nova censura em público, o abelhudo fechou a cara, embezerrado, murmurando para si outras coisas contra o professor de francês.

Os encômios do doutorzinho causaram sensação. Confirmava-se mais uma vez a justiça da fama que enchia Minas, até os rincões mais selváticos. Do seu auditório o mais atento era um negociante de sertões longínquos, com ar palerma, que vinha a Três Barras expressamente para ver o Navarro, de quem era admirador fanático, embora sem conhecê-lo pessoalmente. Aproveitando o pretexto de trazer para o ginásio o filho de um compadre, só de cavalo andara oitenta léguas, distância que lhe parecia curta, comparada com a grandeza do seu objetivo. Em dias remotos empreendera igual romagem, para ver o Rui Barbosa.

Os velhos continuavam a ouvir, silenciosos; mas, de cansados, o passo aos poucos afrouxava-lhes; e iam-se ficando para trás, enquanto o vozear dos viajantes se distanciava à frente. Antes de se perderem além, ocultos pelas cercas dos primeiros pomares da vila, Flávia deu ainda um olhar de interesse para as duas filhas do fazendeiro, de vestuários iguais, saias de chita azul, blusas brancas com estrelas cor-de-rosa, cintos amarelos, um laço de fita na trança de uma, outro laço igual na trança da outra... E ambas não ousavam tirar as caras inexpressivas e como talhadas em madeira, das botinas semelhantemente amarelas.

O marido fez um gesto amplo, mostrando-lhe o casario da vila, afundado entre os arvoredos das hortas, que se espriava no lançante de um outeiro.

— É bem maior que o Douradinho, Flávia...

— É... — disse ela — e a igreja é muito mais bonita — e apontou para a fachada vetusta, ladeada de duas pesadas torres, que se erguia a meio da vertente.

A esta comparação lembrou-lhes a modesta capelinha meio deruída de velhice, e mais conchego que templo, onde tantos anos — tantos! — não perderam uma missa aos domingos. Asiu-os então a mesma saudade do lugarejo que deixaram quatro dias antes, entre os prantos dos velhos conhecidos. Durante quarenta e cinco anos vegetaram ali a vidinha de professores da roça, num velho casarão herdado, por onde passaram muitas gerações de crianças. Isso durava desde a época do seu casamento — aliás um tanto excêntrico, e que o marido com ar magano gostava de trazer à memória da velhota, que se fazia de esquecida. E durante sua vida, a escassa meia dúzia de crianças, que se sentavam nos longos bancos negros de uso, substituíam para eles os filhos que lhes faltavam. Lembrava-lhes o salão de aulas espaçoso e sombrio, onde o estralar dos chinelos lépidos de Flávia punha ecos claustrais; tinha três vidraças para o largo, vidraças de descer, e todas em estilhaços; se fazia tempestade e vinha a chuva de viés, era preciso cerrar as folhas da janela, para não alagar o assoalho; e então, na penumbra acolhedora e que fortalecia contra o ribombo dos raios e o vasto fustigar das cordas d'água, as vozes das crianças, cantando alto a lição, davam a nota de um rito litúrgico entoado em família e na paz, contra o esbravejar dos elementos lá fora. No lar, era Flávia a cabeça dirigente, a cuja autoridade, branda e maternal, João se submetia com prazer. Ela a mais sábia, quem tomava sobre si a tarefa mais difícil, ao passo que João se limitava ao bê-á-bá e à geografia. E na geografia, que concepção original não fazia das coisas do mundo! Tinha a certeza de que, se subisse a um ponto muito alto, enxergaria a Terra toda, como num planisfério; e ensinava aos meninos que o mundo era, em vez de laranja, uma espécie de rodeira de carro: no meio, as cinco partes; em roda o mar; em cima, o firmamento com as estrelas; mais para cima ainda — o céu e Deus.

Depois de tantos anos dessa vida igual e suave, malgrado a estreiteza de recursos, Flávia começou a sentir certos quebrantos de

velhice, que a faziam reçar pelo futuro; pela sua parte João sofria crises amiudadas de antiga moléstia cardíaca. Consultavam-se ambos com o capitão Sousa, vereador do Machadinho que às vezes aparecia por lá como louvado, e que também tinha ciências de carimbamba. Depois do uso de garrafas improfícuas, o Sousa aconselhou-lhes mudança de ares; tendo vários parentes com filhos em Três Barras, prontificou-se a colocá-los com o Navarro.

De feito, poucos meses depois escrevia-lhes avisando que havia na Escola Normal um lugar reservado à Flávia. Como fosse conhecida a grande bondade do diretor, a quem todo o mundo se referia com gabos, a velha aceitou incontinente, pensando apenas na moléstia do marido. À simples ideia de mudar, este sofreu muito; apegado aos hábitos de uma vida inteira, custava-lhe quebrá-los assim de repente; mas, como era obediente à mulher em quem achava mais juízo, obedeceu. Passaram então a vender tudo o que possuíam, reservando-se apenas a casa, para a qual não acharam de pronto comprador.

Muito galhofou o velho João por ter sido a companheira chamada para regente ou professora de primeiras letras o que ficara indeterminado. Ela, que sabia tanta coisa, ocupar um cargo tão humilde? Não podia tomar isso a sério, e intimamente ria-se da surpresa que ia fazer ao diretor, com seus grandes conhecimentos. Em pouco tempo se tornaria talvez uma espécie de diretora da Escola Normal. Por sua parte, acariciava a ideia de arranjar uma hora para lecionar geografia; e, quando Flávia fosse removida para lugar mais eminente, a ele tocava inevitavelmente substituí-la no bê-á-bá. E o desejo de ver Flávia deslumbrar, acabou por compô-lo com a mudança.

Agora, à chegada, não os agitavam mais as esperanças com que se partiram. Estavam muito abalados daqueles quatro dias de viagem, e, sem que pudessem explicar por quê, sentiam um vago mal-estar. Talvez o cansaço, a convivência com estranhos, a impressão de que o mundo era maior do que supunham, ou a majestade crescente com que às novas referências aos colégios se lhes antolhava o diretor. Por isso, as recordações acudiam-lhes dolorosas, obsidentes. Como

passavam nesse momento a ponte sobre um ribeirão que assinala o começo do povoado, acudiu-lhes à lembrança o córrego do Lava-Pé, de águas claras e rolando sobre seixos finos, à entrada do Douradinho. Era ali que nos dias de festa os agregados dos roceiros desencodeavam os pés da lama das estradas, para meterem botinas rinchantes; e onde as pretas abaixavam as saias novas, que durante as léguas andadas, para resguardá-las, haviam trazido arrepanhadas até os joelhos. Tornariam um dia a rever o Lava-Pé? E entre homens e coisas estranhas, sentiam a angústia dos exilados. Todavia, houve um momento em que, exumando recordações que lhe eram caras, João sorriu. E, já de humor alegre, apoiou a mão nas costas magras da mulher.

— Sabe do que me estou lembrando?

— Cale a boca, já aí vem com bobagem! — respondeu a velhota, fingindo amuo.

— Do dia em que furtei você para nos casarmos — tornou João, rindo-se brejeiro.

— Você tem a mania de falar nisso! Não sei de mais nada, já me esqueci...

— Você tinha quinze anos e eu vinte...

— Cale a boca, João!

João calou-se, mas ambos sorriram-se com enternecimento. Era tão bom recordar os tempos da mocidade! E com essa volta do bom humor puseram-se a fazer castelos, escolhendo já com os olhos uma casinha caiada e alegre para sua vivenda.

Pensaram no futuro, calculando o tempo que levariam para formar um peculiozinho, se Deus lhes desse mais uns anos de vida, haveriam de voltar para o Douradinho e aí acabar os dias no sossego. Podiam continuar a ter alunos, um ou outro menino pobre para lhes dar alguma ocupação e divertimento. Porque pelo fato de ficarem ricos não iam viver só para mostrar roupas novas e passar os dias na vadiação, com criadagem em casa... A essa ideia de roupa nova e criadagem os dois riram como duas crianças.

— Aqui vou ficar moço outra vez, Flávia; creio até que já estou remoçando... Olhe minha barba...

E riam, riam.

Depois ficaram constrangidos e sérios, porque já passavam em ruas de mais casas, onde havia pelas janelas rostos desconhecidos que, curiosos, os fitavam. Como eram bem-educados, iam cumprimentando a todos — a velha com uma inclinação de cabeça, o velho soerguendo o chapéu com a mão direita, que na outra levava a trouxinha da bagagem. Guiados pelos carregadores de malas, abocaram por fim no largo; perto da matriz perderam-nos de vista; então desnortearam-se e procuraram com o olhar quem os informasse. Foram felizes, porque nesse momento um indivíduo fechava a porta da sacristia, saindo ao adro. Era um preto baixote e velhíssimo, de aspecto de um gorila encanecido que se mantivesse em equilíbrio sobre os membros traseiros; da extremidade do braço excessivamente longo pendia um molho de grandes chaves.

— O senhor é o sacristão? — perguntou Flávia.

Curvando-se com gravidade, o preto confirmou que sim.

E, à pergunta sobre o caminho da Escola Normal, deu-lhes o roteiro com toda a seriedade, e escrupulosamente, como quem se desempenha de um encargo de responsabilidade. Tomassem à esquerda, seguissem em continuação a estrada que fraldejava em curva a encosta do morro.

— Muito agradecida!

E os velhos prosseguiram na peregrinação. Andaram mais uma longa rua de casas espaçadas, que ia dar no fim do povoado. Aí encurvava-se sobre o caminho um portão vistoso, à guisa de arco de triunfo, pintado de fresco, do qual, em letras de um metro, saltava o dístico “Deus, Pátria e Família”. Empurraram a grade e passaram. Agora, para cima e para baixo, eram só campos agricultados. Já estavam em dependências do colégio. E iam andando, entre barranca à direita, e uma sebe de trepadeiras do lado oposto. Pouco além viram à beira do caminho uma pequena farda; reconheceram o Dario, filho do doutorzinho de nasóculos que tanto exaltava o Navarro. O pirralho fumava um cigarro de



papel, cuspidando a cada instante. À aproximação dos velhos encarou-os com sobranceria, expedindo pelo nariz um jato bífido de fumaça. João, que gostava de crianças travessas, pôs a mão no ombro dele.

— Está fumando escondido, sô maganão?

O pequeno engalispou-se:

— Escondido, não! Fumo onde quero, até perto do papai.

— Mas seu pai não bate em você? — indagou a velha.

— Bate, mas que me importa! Pois ele também não fuma? O diretor não fuma? E os professores? Sou capaz até de fumar na aula, como o carcamano.

— Que carcamano? — perguntou João.

— Pois o lente de inglês! — respondeu Dario, admirado por haver alguém que não o conhecesse.

— O Cavagnari!

E acrescentou, enjoado:

— Um homem que vive bêbado e não toma banho. A barriga dele é isto.

E o menino empinou o umbigo, figurando com as mãos um enorme abdome.

— Por que é que você está aí, sozinho? — perguntou Flávia.

— Estou esperando o papai. Na Escola Normal não pode ir nenhum menino, para não namorar as meninas — acrescentou Dario com convicção.

E, cansado de responder a tantas perguntas, soprou no nariz de João uma espessa baforada, e voltou-lhe as costas.

Os velhos riram-se. Flávia apressou o marido para reencetarem o caminho, pois sentia fome, e não deviam fazer-se esperar para o almoço. João despediu-se do pequeno com um puxão de orelhas.

— Alto lá! Não admito essas intimidades! — protestou Dario, cerrando as sobrancelhas e desembainhando o espadim boto, no receio de segunda investida.

Os velhos, muito divertidos, afastaram-se; longe, porém, ouviram a voz fina do menino:

— Ó careca!

João atendeu-o.

— Que é?

— Lembranças à Glorinha — gritou Dario.

— Que Glorinha?

— A minha namorada.

Dito isto, voltou-lhe de novo as costas, arremetendo furiosamente contra enorme abóbora pendurada do barranco.

## CAPÍTULO II

Circundada de grades, casinhotas e telheiros, tudo repintado a cores vivas, pompeava numa garganta a maciça edificação da escola normal. À sua frente uma escadaria de dois lanços traçava uma ampla oval, depondo os últimos degraus numa avenida que descia suavemente a escarpa, indo mais abaixo entroncar na estrada da povoação. No ponto de união erguia-se novo arco de triunfo com as palavras do outro, porém em francês, “Dieu, Patrie et Famille”, que os pais de alunos, quando ali passavam, traduziam, cheios de si, uns para os outros: “Deus, Pátria e Família”! E admiravam-se de sua própria argúcia.

Pouco antes haviam subido a avenida os pais e as alunas desembarcadas; agora os dois velhos faziam o mesmo com fadiga, firmando a cada passada a mão no joelho, para atenuar o esforço. O olhar de ambos errava de uma coisa para outra com mais inquietação que maravilha. A majestade do Navarro crescia ainda nos seus espíritos deslumbrados; e assombreava-lhes mais o ânimo o palacete que se lhes deparava defronte, pois na sua ingenuidade supunham ir encontrar ali um pardieiro destruído pelas chuvas, como os casarões do Douradinho.

— É um palácio, João... — sussurrou Flávia, com um tremor na voz.

— É... — confirmou o marido, não menos perturbado.

Se tivessem recursos para voltar daquele ponto, como não hesitariam antes de subir suas opulentas escaleiras! Mas a sorte estava

lançada, só lhes restava curvar a cabeça ante o desconhecido destino, que os enchia de misteriosas apreensões.

Chegados ao palacete, bateram palmas.

Um preto hercúleo que cantarolava perto, alisando o pelo de cavalos de tiro, cessou a cantilena e gritou-lhes meio escarninho:

— Subam a escada e batam de novo.

Os dois seguiram a recomendação. No patamar repetiram novas palmas, timidamente.

Pelo longo corredor, que à frente mergulhava no edifício, havia uma lufa-lufa de criados conduzindo malas e acompanhando meninas chorosas. Uma voz lenta, de mulher, dava ordens ao fundo. Do locutório, logo à entrada, vinha-lhes o chalrear de vozes conversando, dominando todas um vozeirão reboante que adivinhavam ser do diretor. Depois de algum espaço o vozeirão interrompeu-se e aproximaram-se passos duros. Surgiu-lhes de rosto um homem robusto, pletórico, orçando pelos trinta e oito anos; na mão e na gravata faiscavam-lhe diamantes e tinha os olhos negros carregados de hipnotismo.

Vendo a velha, seu rosto tomou um ar de complacência e foi cumprimentá-la com ambas as mãos.

— É a D. Flávia? do Douradinho? Já estava tardando... Boa viagem? Entre, está em sua casa. Vá procurar a Adélia, aos fundos.

Dando nesse momento com a vista no velho, reteve um movimento de recuo e perguntou, em tom duro:

— Quem é esse homem?

Flávia, estonteada pelos modos bruscos do diretor, tartamudeou a resposta.

Navarro clamou, entre surpreso e indignado:

— Marido?! Pois a senhora não é viúva!... — e levou a mão à cabeça.

— A senhora não é viúva! — repetiu, ao passo que, lançando ao velho um olhar de cólera, exigia que o contestasse. Pela primeira vez João sentiu já não estar entranhado sete palmos adentro na terra. Flávia escutava-o aterrada. E a timidez de ambos tolhia-lhes a palavra.

Então o diretor pareceu concentrar-se em meditação, e acrescentou irresoluto, como em solilóquio:

— Tem marido! Não serve... Se os separar, são visitas todos os dias... Ele parece doentio, toca a velha a acocá-lo, deixando as obrigações... Não serve, absolutamente! Isto é, veremos... Hei de consultar a Adélia...

E, lembrando-se das visitas, tornou à sala. Da porta, porém, voltou-se chamando-os:

— Venham!

Havia no locutório numerosas pessoas sentadas em semicírculo. Apesar das idades várias e da diversidade de posições sociais, comungavam todos, naquele momento, na mesma veneração pelo impertérito paladino na instrução. Entre eles estava o negociante apalermado que viajara a cavalo oitenta léguas para conhecê-lo. Todo olhos e enlevo, como em colapso celestial, ainda não havia aberto a boca para pronunciar uma palavra, ocupado em decorar todas as frases do Navarro, para as reproduzir o resto da vida em rodas sertanejas, com a narração circunstanciada daquele grande dia.

Acolheram o retorno do diretor em respeitoso silêncio.

— É uma nova auxiliar — disse-lhes o Navarro apontando Flávia, que esperava, queda, à porta, ao passo que João buscava sumir-se à sua sombra —, vai ser regente...

E, como a figura de ambos não os recomendasse muito, Navarro tomou expressão paternal:

— Um casal de pobres velhos que protejo.

Não se tornou a falar de ambos no decurso da palestra.

— Pois meu caro jornalista, apreciei muito seu artigo — prosseguiu Navarro, reatando o fio interrompido.

Dirigia-se ao Décio, um rapaz louro e espigado, que piscava por balda roendo descontinuamente o bigode amarelo. Décio enviava correspondências do Mar de Espanha ao “Estado”... e numa das últimas, a pedido do diretor elogiara no superlativo os colégios três-barrenses.

— Jornalista! Você está debicando... — respondeu.

— Juro que sou sincero. Você tem um estilo admirável.

— Oh! uma despreziosa correspondência!

— Despreziosa mas extraordinária — afirmou Navarro com calor. — Não me considero suspeito pelos encômios que fazia a esta humilde tenda de trabalho, porque, francamente, não receio a competência de qualquer outro colégio de Minas.

— Do Brasil! — emendou com entusiasmo o doutorzinho de nasóculos.

— Não gostamos de alardear nossos méritos — observou Navarro, modesto. — Aos amigos desta casa incumbe julgar-nos; e, quando o juízo é favorável como o seu, curvamo-nos, agradecidos. Mas o senhor disse a verdade. Sei bem como nesses colégios por aí anda tudo à matroca.

Ao passo que Décio, muito sensível a elogios, se consternava com o novo rumo da conversação, Navarro prosseguia, enumerando pelos dedos:

— Falta tino, falta seriedade, habilitação, prática, higiene... Falta tudo. Nós temos tudo. Desafiamos a quem prove o contrário!

Seu olhar aquilino relanceou a sala, como se o repto se dirigisse aos presentes. Longe de protestar, todos se curvaram, esmagados sob o peso da evidência. E essa hostilidade que lhes era emprestada, deu-lhes um tudo-nada de escrúpulos, como se se sentissem culpados.

O pai do Dario embebeu no diretor um olhar maravilhado.

— O senhor é um herói, nosso país deve-lhe muito — disse.

— Muito! — confirmou o Navarro em tom breve.

— Este homem — disse o doutorzinho aos pais, apontando o Navarro —, este homem sabe tudo, até engenharia, matéria em que posso falar de cátedra, porque é minha profissão. Pois, sem acanhamento o confesso, deu-me um dia um quinau em áreas, na fórmula do trapézio.

Houve um murmúrio de admiração.

— O doutor vê tudo pelo prisma do seu grande coração, iluminado pelo facho de amizade — declamou Navarro batendo-lhe ao ombro, com modos de vencedor indulgente.

A esse ponto um coronel bexigoso tomou a palavra para detrair o Ginásio Rio-verdense, duma localidade próxima, cujos alunos o iam de ano para ano desertando, absorvidos pelo “Fiat Lux”, como se entre os dois ginásios se tivesse estabelecido um sistema de sifão, com o ramo maior no último. O coronel das bexigas desabafou ali da grande indignação que o oprimia. Pois seu filho, moço inteligente e aplicado, não fora lá reprovado na última época de exames?

— O expediente é velhíssimo — anotou Navarro com desprezo. — Reprovam para demorar os meninos no colégio. Uma patifaria! Nós aqui nunca reprovamos, em geral; e em geral nossas notas são de plenamente para cima. Por quê? É que sabemos ensinar. Ah, meu caro, nesse terreno sou uma fera, uma fera indomável! Escolho o professorado a ponta de dedo e submeto-o a uma disciplina férrea. Para nós o magistério não é meio de vida e sim uma missão. É como se Deus do seu alto sólio nos tivesse despachado à Terra, ordenando “Ide e ensinai!”, e nós, humildes e obedientes, tornamo-nos em apóstolos da luz e legionários da ciência.

— Apóstolos da luz... — decorou, em êxtase, o homem das oitenta léguas.

Para prova de desprendimento, Navarro passou a pormenores financeiros. Todo o mundo supunha que seus colégios fossem uma mina de dinheiro. Puro engano! No último ano letivo havia tido um *deficit* de vinte contos. Ah! Se não tivesse os seus dois vinténs, já estaria arruinado. E não esperava no futuro. No futuro antevia maiores e crescentes sacrifícios.

— Que fazer, meus amigos, sou feito assim! Nesta argila moral há aspirações divinas (e bateu no peito com força). Sou o missionário da instrução. Ensino por dever, como D. Quixote combatia. Sou o último cavaleiro errante da instrução e do progresso!

Entranhado de admiração, o engenheiro encarou com o diretor, exclamando:

— Mas que homem é você!

— E creia que incompreendido e vituperado — disse Navarro com singeleza.

Em seguida puxou o relógio.

— O Dr. Peregrino já está demorando — disse —, ficou de vir apresentar-me dois professores novos...

Neste ensejo seus olhos deram casualmente com o aspecto lastimável dos dois velhos que ainda esperavam à porta, retraídos e atemorizados, fazendo-se pequenos para ocupar o menor espaço possível. O diretor coçou a cabeça irresoluto, e teve-lhes ódio pelo problema difícil que lhe havia suscitado. Tomou uma expressão severa para falar-lhes, mas um tropel múltiplo subindo a escada reclamou sua atenção. Correu à janela.

— Cá estão os retardatários! — exclamou.

E saiu, para introduzi-los no locutório.

Entrou à frente o Dr. Peregrino, médico dos colégios e professor de ciências físicas e naturais. Era um frangote de óculos, cujo rosto se compunha de caso pensado, para aparentar sisudez científica. Diplomado havia apenas um ano, da Academia embocara diretamente para ali. Intumescido de teorias acadêmicas e espírito de classe, tinha a presença altiva do homem que se reconhece superior aos seus semelhantes.

Foi dispensada sua apresentação porque já o conheciam quase todos os presentes. Atrás do médico, Navarro cedia o passo aos dois professores novos. O mais moço era um galhardo rapagão de sobrecasaca, luvas brancas, sapatos fulgurantes de verniz, andar majestoso e linhas esculturais em todos os movimentos.

Os olhos cravaram-se nele deslumbrados.

Navarro apresentou-o:

— O Sr. Penedo, que hoje vem alistar-se em nossas fileiras patrióticas...

Os pais levantaram-se, e Penedo adiantou-se cumprimentando. O diretor acompanhou-o com a vista um instante. Conhecia-o apenas por cartas, e visivelmente impressionara-se bem. Chegou a esquecer um instante o outro professor. Ao vê-lo teve uma ligeira visagem de desagrado. Era um sujeito de cinquenta anos, alto, colarinho de duas semanas, calças no fio, o porte abrutalhado de um



cabra sertanejo. Político decaído por uma reviravolta governamental, sem eleitores e sem consideração, precisara arranjar o emprego de professor para sustentar a família.

— O coronel Mercês, ex-deputado estadual...

Navarro apresentou-o assumindo uma expressão displicente, que era como o lavar mãos de qualquer responsabilidade; mas, ao dizer “ex-deputado”, animou-se a confessar a verdade:

— Também vai ser um dos maiores do nosso exército... Ex-deputado! Quem não conhece em Minas o coronel Jerônimo da Silva Mercês?!

O diretor circunvagou o olhar interrogativo pelos presentes, que assumiram o ar de quem confirma vagamente.

— Quem não conhece no Brasil o nome respeitabilíssimo do coronel Felipe de Sousa Mercês?!... — tornou o diretor com ênfase.

Estava lançando o futuro magíster. Os pais arregalavam os olhos para ele, meio esquecidos do Penedo. Muitos chegaram a afirmar que o conheciam de fama; depois viram que era engano.

O coronel debateu-se debilmente para fugir à apoteose; mas depois entregou-se de corpo e alma ao regalo daquele momento de popularidade.

Fazia tantos anos que perdera a influência política e vivia esquecido para um canto! Nele despertavam gratas emoções dos tempos de antanho quando as manifestações de solidariedade e apreço iam filar-lhe a cerveja. E quedou-se com a atitude formalizada de quem ouve uma saudação, enquanto Navarro desenvolvia o seu panegírico.

Entrementes Penedo sentara-se com todo o garbo numa poltrona, dobrando carinhoso a aba da sobrecasaca. Ao seu lado, o Dr. Peregrino pôs-se a relatar aos mais vizinhos a marcha de uma pneumonia que estava tratando com todo o rigor da medicina moderna. Sua voz era abafada pelos berros do Navarro, que rememorava insígnias feitas do “ex” na bancada mineira, numa crise política de outrora. O coronel Mercês, formalizado e desvanecido, os olhos postos no assoalho, dizia a espaços palavras agradecidas, com a voz entrecortada

de emoção. E como não se lembrava de ter feito todas as coisas que Navarro dizia, vez em vez arriscava um delicado protesto:

— Há engano, não fui eu... Meu mandato era meramente estadual...

O diretor atalhava-o, tonitruante:

— Perdão! Nada de modéstias. É como eu estava contando...

Durante suas breves pausas ouvia-se a voz grave do facultativo-zinho falar em microrganismos e Metchnikoff. Penedo, entre dois fogos, tinha aprovativas inflexões de cabeça para um e outro lado. Com este movimento acentuava-se na sala um precioso aroma de brilhantina e cosmético.

— Mineiro de altos ideais, antiescravista, republicano histórico... — bramava o diretor.

Súbito, no meio de um rasgo eloquente, Navarro emudeceu, suspenso, enquanto de olhos no chão e extremamente comovido, o ex-deputado esperava o resto. Navarro não acabou a frase. Acabava de ouvir a palavra “bacilo”; e, com grande espanto do ex-deputado, abandonou-o no meio da sala, correndo para o médico. Navarro cingiu-o pelas costas, dizendo em tom confidencial aos circunstantes:

— O Dr. Peregrino é um sábio! Um grande sábio!

A atenção deslocou-se para o médico, que fitou gravemente o teto, calando-se.

— Continue, doutor, queremos apreciá-lo — estimulou Navarro.

O médico recomeçou, com sisudez e competência:

— Eu expunha aqui a estes senhores as fases de uma moléstia cíclica e endêmica...

— É um sábio! — berrou Navarro. — O maior sábio do Brasil! Vejam-no! (E o diretor pôs-se detrás dele, para melhor exibi-lo.) No seu crânio há todos os caracteres lombrosianos da ciência. Quando emite uma opinião, os mestres curvam-se respeitosos. São os frutos de dez anos de vastíssima prática, de acuradíssimo estudo. Há dez anos que luta e vence, fora das portas da Academia.

— Oh! — pasmaram todos que davam ao médico vinte anos prováveis.

— Sim, senhores. O Dr. Peregrino já tem trinta e tantos anos e não os aparenta. É a higiene, a vida metódica... talvez o elixir da longa vida, não, doutor? — e Navarro deu-lhe palmadinhas amistosas para fazê-lo rir.

O Dr. Peregrino fechou a cara. Não gostava daquele procedimento do Navarro. Pois já não o obrigava a andar de óculos pretos? Ele era um sábio; o próprio Navarro o reconhecia; para que mais? O seu maior orgulho era ser um sábio precoce; mas o diretor embirrava em dar-lhe mais idade.

Essa nova apologia confortou os pais, que ficaram tranquilos sobre a saúde dos filhos.

— Coronel — disse de improviso Navarro —, lembro-me de que em uma de suas cartas queixava-se de qualquer moléstia; se ainda sofre, trate-se aqui com o doutor. Garanto que em poucas semanas o nobre deputado está bom.

— Desculpe — acudiu, espinhado, o coronel. — Não sou mais deputado, nem o pretendo ser. Seu tratamento ofendeu-me. Por estes tempos de desmoralização e servilismo, o título de deputado é um labéu.

— Pelo contrário! — opôs o diretor, vincando a testa. — É uma honra insigne. E é mesmo provável que o nosso amigo, num futuro não remoto...

— Nunca! — exclamou o coronel, cheio de ódio.

O diretor fora-lhe bulir no ponto sensível. Depois de sua queda do poder, dez vezes apresentara-se candidato, e dez fora derrotado, apenas sufragado pelo seu próprio voto isolado. Esses insucessos seguidos encheram-lhe a alma de rancor contra a sociedade. E finalmente, a transbordar fel, o coronel atacou os homens de Minas.

Navarro não gostava que se falasse do governo. Para quebrar o rumo da palestra, interpelou o elegante Penedo:

— Que acha da nossa modesta chácara?

O perguntado, com gesto de primor, arredondou uma frase florida; a chácara era um dos recantos bucólicos que celebra Virgílio, sob a doçura de um azul macio, debruado das tonalidades verde-negras da mata; numa garganta, que era um tesouro, ela erguia-se

como um palácio de contos de fadas, de ouro esplêndido sob o dardejar do sol, engrinaldada de voos de andorinhas...

Sua voz era pausada e veludosa, um andante de violoncelo.

Navarro ficou encantado. Sem poder conter-se, segurou-lhe a mão com força, confidenciando-lhe efusivamente:

— O senhor é um homem extraordinário! Um artista! Conserve preciosamente seu estilo. Procure os pais, fale, disserte, descreva...

E, afastando-se do Penedo, namorou-lhe ainda de longe a belíssima estampa, contrapondo-a à do ex-deputado, a quem o acesso de cólera pusera descomposto, a camisa irrompendo da cintura, a gravata enviesada a escalar o colarinho.

Nesse momento assomou à porta do locutório uma negra idosa, alta e hirta, prevenindo que o almoço estava na mesa.

— Avise que já vamos, Luciana — disse o diretor.

A negra retirou-se, tesa como um poste.

Os dois professores novos, já almoçados, levantaram-se para sair.

— Temos reunião no ginásio amanhã, à tarde — avisou o Navarro. — Não faltem. Lá combinaremos o que for necessário. Depois de amanhã as aulas começarão a funcionar regularmente.

Depois de se retirarem, ainda o diretor gritou-lhes da janela, gracejando:

— Dou-lhes vinte e quatro horas de férias!

Voltando-se então para os presentes, o diretor explicou:

— Viram-me galhofar com meus dois novos subalternos e hão de estranhar a intimidade. É que há em mim dois homens: aqui fora sou o amigo e meu coração é um trapo; abro o peito e mostro-o por dentro. Sou o colega, o camarada. Mas de portas a dentro das aulas, em hora de serviço, o amigo afetuoso é substituído pelo diretor inflexível. A intimidade e a amizade são do amigo, porque o diretor tem o coração de pedra!

Durante a explicação Navarro assumiu atitude e expressões adequadas; dizendo-se amigo, inclinava-se para a frente, sorridente, em menção de quem vai abrir a caixa torácica pelo meio; e como diretor tornou-se tão rígido, com tais chispas de ferocidade nos

olhos magnéticos, que um arrepio de terror lavrou nos membros dos circunstantes.

— Mas vamos ao almoço! — comandou Navarro, militarizando-se.

E, com meneios de violência amistosa, impeliu-os de tafulho para o corredor.

Nesse instante Décio travou-lhe do braço, pedindo um particular.

— Dr. Peregrino, comande a falange, que não me demoro. Vão começando o assalto!

— Que deseja, meu amigo? — perguntou-lhe Navarro, apenas ficaram sós.

Décio perturbou-se; mas, vencendo a timidez, balbuciou com voz débil:

— Navarro, diga com sinceridade: você gostou mesmo do meu insignificante artigo?

Navarro segurou paternalmente as duas mãos do moço.

— MUITÍSSIMO! Você já é um escritor de estilo definido.

O jornalista pôs-se a pestanejar muito e a roer desesperadamente o bigode, o que nele era indício de grande emoção:

— Então... — perguntou, gaguejante — não é desfrute?

O diretor apertou-lhe as mãos com força:

— Excelente! Você é um escritor de raça. É digno de transpor os umbrais do Silogeu!

Décio vibrava. Piscava freneticamente, e num movimento nervoso quase tocou com os dentes a metade do bigode.

Mas o Navarro fechou o assunto, recomendando-lhe que desfechasse no “Estado” novas correspondências sobre os seus colégios.

— Mas ao almoço! Marchar! — rematou, empurrando Décio, com rudeza de veterano.

À porta do locutório estacou contrariado:

— Vá para dentro, vá almoçando, meu amigo, quanto a mim ainda tenho que fazer...

É que ali, a um canto, encolhidos, timoratos, dera com o casal de velhos.

E recomeçou, desesperado:

— D. Flávia, por que não me disse que não era viúva? Foi uma traição! E agora me põe amarrado... — e murmurou para si: — Que maçada! Que maçada!

Ficou contrariadíssimo e pôs-se febril a passear pela sala, monologando:

— Preciso de uma professora de primeiras letras e estou sem regente... É casada! tem o trambolho do velho! Não serve! Isto é lógico, claríssimo... Mas preciso de regente! É necessidade inadiável... A anarquia já está começando e pode impressionar mal...

Então Navarro lembrou-se de chamar a mulher. Tendo alguém ao lado, acompanhando-lhe os raciocínios, resolvia melhor. E seu vozeirão atroou no corredor:

— Adélia!

A esposa atendeu-o, surgindo logo no locutório. Tinha uns trinta anos. Era magra, aparência histérica.

— Veja, Adélia — e ele apontou-lhe os velhos —, é a regente, casada! É claro que o velho não pode ficar com ela no colégio; mesmo assim todos os dias serão visitas intempestivas, queixas de doenças, interrupções... Que hei de fazer agora! Vamos, auxilie-me...

Com as mãos apoiadas aos ombros da esposa, encarou-a fixamente, como a beber ideias na sua figura apagada. De repente tomou uma resolução desesperada:

— Não há remédio! É preciso que a velha fique. Leve-a, Adélia, leve-a...

Flávia, em tremuras, tomou a trouxa que o velho lhe oferecia e acompanhou a esposa do diretor.

— E o caro amigo... — acrescentou Navarro para o velho, repuxando-lhe um botão do colete.

Fora uma frase e um gesto maquinal, por cacoete, pois sua atenção se concentrava, através da janela, no negro que ainda lidava no terreiro com os animais.

— Estão bem ferrados, baiano? — gritou para fora. — Então vá aprontar o trole.

O negro respondeu chamando a atenção de Navarro para o que

quer fosse, o que o decidiu a ir ao terreiro.

À saída reteve-o uma voz trêmula.

— Sr. Diretor...

Com desespero viu que era o velho João.

— Meu Deus! Não posso almoçar hoje! Vá embora, homem, vá para onde quiser!

— Não conheço ninguém aqui... E eu queria dizer-lhe...

— Possa-se com esta! — exclamou Navarro levando a mão ao sincipúcio. — Não me importune! Vá embora!

E atirou-se para a escada como um furacão. Minutos depois, como tornasse, encontrou ainda o velho imóvel, no patamar, a esperá-lo.

— Ainda está aqui! — berrou Navarro, a estourar. — Vá embora! Vá, vá, vá.

O velho desceu a escada atarantadamente, fugindo ao diretor que se quedara no patamar, com um gesto de expulsão, em atitude trágica de anjo de extermínio.

Navarro acompanhou-o com os olhos pela alameda em declive, achando-lhe gaiata a pressa trôpega. De longe, vendo-o lançar para trás um olhar de terror, acenou-lhe ainda com a mão que se fosse, que se fosse!

Depois entrou, expedindo um suspiro de alívio.

## CAPÍTULO III

João fugia, quase correndo, como encaçado por uma matilha de cães raivosos. A espaços atirava para trás olhares repassados de terror, com receio de que o perseguissem. Sua moléstia circulatória produzia-lhe no íntimo grande revolução, que se traduzia num ofegar rouquejante. Tanto que o espigão encobriu a escola normal, moderou o andar, procurando coordenar as ideias; mas seu estado de espírito era uma espécie de exaltação mórbida, como a que causam certas substâncias letais; e suas ideias baralhavam-se em incoerências de loucura, fugindo-lhe, fluídas como entre malhas de rede a água aprisionada. Tinha raros momentos de clarividência, que se esbatiam na sua confusão como instantâneas projeções ópticas numa câmara escura. Era a escuridão, um rápido fulgurar, e em seguida a escuridão. Ora via o diretor, formidável, alto como um pinheiro, o longo braço estirando no ar um largo gesto sinistro, “vá, vá, vá...”, ora o dorso corcovado de Flávia desaparecendo no bojo da escola normal; viu num relance o uniforme azul do chefe de trem, pedindo os bilhetes (João num movimento instintivo apalpou os bolsos); ou antolhava-lhe ouvir ainda os guinchos sacudidos da locomotiva, dispersando em desabalada fuga as reses desgarradas que lhe galopavam à dianteira.

— Queira Deus não aconteça algum desastre, Flávia!

Procurou-a ao lado, para sentir-lhe o contato reconfortante. Ninguém... E cheio de pasmo estendia o olhar pelas plantações que margeavam a estrada.



Ninguém... e a realidade aos poucos acentuava-se, exata e implacável. Haviam-lhe tomado a Flávia; e, a ele, desterravam-no para entre estranhos. Não tinham mais recursos para voltar, a separação era inevitável. E João, habituado a agir sob a doce autoridade da companheira, a quem entregara a vontade para que a regesse por ele, sentia-se mutilado e só. Senhoreou-o então uma sensação esquisita. Lembrou-se de certo dia, em menino, muito menino, quando uns parentes o levaram a passar uns tempos no Machado. Deixara os pais com a infantil alegria de viajar a cavalo. Mas no caminho, ouvindo a entoação de vozes que não lhe eram familiares, vendo rostos a que não estava afeito, e fatigado pelo monótono e longo jornadear, teve a impressão que devem sentir as criancinhas novas quando “estranham”. Um nó arrouchou-lhe a garganta. Não era bem nostalgia, nem tristeza, e sim o amargor de um misterioso desespero que não tem as lágrimas como expansão, e que não encontra expressão correspondente na linguagem, porque a linguagem não é feita pelas criancinhas. Sofrendo a influência desse antigo estado de ânimo, João sentia-se como uma criança desamparada.

— Apresentar armas! — gritou súbito uma voz de falsete.

A dois passos de si, rente ao chanfrado, entreviu o Dario, minúsculo e empertigado, a mão esquerda em continência, a outra erguendo a prumo o espadim. Vislumbrou-o e passou, sem o reconhecer. E continuava a caminhar, apático, os pensamentos assombrados num nevoeiro, quando sentiu que lhe puxavam a aba do paletó. Teve um grande susto, lembrando-lhe o diretor. Era Dario. Ante o olhar amedrontado do velho, o menino soltou uma casquinada:

— Ficou com medo, careca? Você pensou que eu te ia furar com a minha espada?

O velho encarou-o sem palavras, e recomeçou a andar.

Generosamente Dariozinho embainhou a lâmina, e pôs-se-lhe de par, tagarelando:

— Você é bobo, careca! Era brincadeira, porque não sou louco. Esta espada é só para quando eu brigar com o Cerqueira. Então eu

faço assim: E arremessando-se de arma em punho contra o invisível inimigo: — Espere, Sr. Cerqueira!

E dava botes, ou recuava, como um leãozinho, de acordo com as peripécias imaginárias da luta. Depois acompanhou quieto o velho. Mais adiante mostrou-lhe estripada no chão, o endocarpo amarelo à vista, vestígios de terríveis cutiladas, uma grande abóbora, que se atrevera a dizer-lhe imaginárias insolências.

— Eu só espeto quando bolem comigo, careca.

O chilrear do menino atraiu aos poucos a atenção dispersa do velho. Muito amante de crianças, João pousou-lhe a mão no bonzinho militar. Sensível à carícia, Dario calou-se, erguendo para ele os olhos:

— Como é que você se chama?

— João.

O menino pensou qualquer coisa. Depois perguntou, inquieto:

— Você não fica zangado quando lhe chamam careca?

Triste como estava, o velho sorriu involuntariamente.

— Não fico, não, meu filho.

Outra pausa. E o interrogatório prosseguiu:

— A velha vai ficar no colégio?

— Vai.

— E você onde vai morar?

João teve um gesto vago. Como, porém, a pergunta lhe revocasse as amarguras do presente e as incertezas do futuro, enxugou uma lágrima. E fosse que julgasse ter ao pé um coração que o entendesse, ou necessidade de expansão à dor, pôs-se a contar a sua vida, o futuro que com Flávia sonhara, as fadigas da viagem, o grande impasse final... Concluiu vertendo amargo pranto. Por que não morrera ainda? Que destino lhe estaria reservado? Ia talvez, pedir esmolas? Pedir esmolas! Como um aleijado...

Sua narração impressionou profundamente Dario, que admirado o fitava. Como nunca presenciara um velho chorar, via, com um misto de dó e comiseração, escorrerem-lhe as lágrimas pelos sulcos das rugas, indo empastar-lhe as barbas. Ouvindo falar em esmola,

ele maquinalmente, com uma espécie de temor religioso, e a encará-lo com insistência de hipnotizado, insinuou a mão no bolso do dólma, donde tirou uma moeda.

— Tome, Sr. João... Pode ficar com a pratinha. Não dou mais, porque não tenho.

— Não, meu filho, não quero, recusou o velho.

— Tome, tome!

E como o velho repelisse a mãozinha dadivosa, Dario deu um pulo e introduziu-lhe a moeda no bolso. E teimando o menino em não aceitar a restituição, João declarou-lhe que a guardaria como lembrança.

Então Dario começou a queixar-se, por seu turno.

Seu pai a encher a pança na escola normal, e ele esquecido ali, na estrada, sem almoço! Estava com tanta fome! Pois o pai já não podia tê-lo deixado no ginásio, entregue ao Meira, o subdiretor? Mas qual! Chegando às Três Barras era um tal assanhamento com o Navarro, que se esquecia de tudo.

— E o Navarro é um prosa! — exclamou, fazendo recair sua indignação contra o diretor.

Depois sua loquacidade estendeu-se por uma infinidade de pequenas coisas.

O velho já não o ouvia, imerso de novo em sua tribulação presente. A tagarelice do menino coava-se através de sua confusão como uns sons remotos, mais garganteio de ave que palavras humanas.

Chegados insensivelmente ao coração da vila, João, vendo o preto velho abrir uma porta lateral da igreja, teve vontade de rezar. Entrou após o sacristão. Sob as naves as suas passadas produziram um barulho enorme. Ao menor som, ecos roncavam, trovejantes. Acostumado à modéstia da capelinha roceira onde sabia orar tão bem, o velho perturbou-se. Via-se pequenino demais no amplo bojo daquela igreja; e, ante as imagens que ladeavam o altar-mor sentiu-se como em presença de deuses estranhos, de ritos ignorados. Aquelas imagens não o reconheceriam como seu antigo devoto; as feições e proporções eram todas outras das que ele conhecera no

Douradinho, minúsculas e familiares. Latentemente se formavam impressões fortes no seu espírito. Aquele Cristo, oprimido sob pesada cruz, tinha nas pupilas fitas a ferocidade de um deus inclemente, de vagas parecências com o Navarro, pelo magnetismo do olhar sombrio. O sangue rubro manando de suas chagas, lembrava nódoas num magarefe depois da chacina; ao contrário, no olhar da Virgem Lacrimosa revia uma tal alucinação de sofrimento, que, absorvida na sua própria dor, impotente para remover sua louca desesperação de mãe sem filho, ela jamais o volveria aos tristes que a implorassem. A suntuosidade dos ornatos, o esbanjamento dos dourados, pareciam fazer daquela igreja um templo propiciatório aos ricos e não a um frangalho de criatura como ele.

Profundamente perturbado, João buscou com o olhar um lugar mais modesto, para fazer as suas rogativas; foi por fim ajoelhar-se num recanto obscuro ante o santo do seu nome, mais acolhedor e quase lamentável, esquecido como o fora num retábulo humilde, pardo de poeira, e cercado de esmaecidas flores de papel. E o velho absorveu-se em oração.

Concomitantemente Dario punha o velho em grandes aflições. O circunspecto acólito de longos braços esgazeava olhos aterrados, à expectativa de algum cataclismo mandado pelo céu para castigo do travesso menino. Via sua fardinha desaparecer e repontar no mesmo instante por toda parte. O menino fazia um barulho infernal nas tribunas e no coro, boné na cabeça e refle nu, remetendo contra morcegos tontos que desencafuara não se sabe onde; a espaços emitia gritos de emoção, derrubava estantes, e se sovertia nas portas laterais. Certo instante ouviu-se o rumor surdo e rápido dos seus pés, galgando a espiralada escadaria da torre, em perseguição da caça que lhe fugia. Receando diabruras, o preto seguiu-lhe as pegadas. Daí a pouco o menino volveu, acuando com sanha um enorme quiróptero, que num voo pesado circulou a nave, e foi abater no nicho de São João.

Dario emocionado tropeçou no velho.

— Saia, careca! não me atrapalhe!

No momento em que suas mãozinhas ágeis se afirmavam no altar para guindar o corpo, João reteve-o, admoestando com brandura:

— Não faça isso, meu filho! É falta de respeito!

— Por quê? — perguntou Dario, ainda fremente das peripécias da caçada, e o rostinho a tressuar.

— É pecado, meu filho!

— Ah!

Com a interjeição, o menino cravou-lhe os olhos límpidos, onde a admiração se pintava. A palavra “pecado” na boca do velho se revestia de uma grande força. Quantas vezes, cursando o catecismo no ginásio e nas prédicas aos domingos, a ouvira ao padre Gauquério! Mas embirrava com este desde que um dia tomara a liberdade de puxar-lhe as orelhas em aula. Chegara a tomar-lhe ódio. E nesse dia Dario alcunhara-o de padre Ganso, por causa da caseira, Maria Gansa, de quem tivera muitos filhos.

O menino docilmente tirou o quepe e postou-se ante o velho na humildade de quem reconhece que cometeu uma grande falta. Mas perdeu a compostura ajuizada ao ver avizinhar-se esbaforido, as chaves tilintando-lhe na extremidade do braço, o sacristão, que inutilmente procurara alcançá-lo.

O preto não se zangou; antes mostrou num sorriso bom as gengivas sem dentes. Gostava tanto de crianças! Era ele que nos seus braços de octogenário criava os rebentos da Maria Gansa, que o tratavam de tio. Fez a Dario quaisquer recomendações paternais, que este não ouviu, vivamente interessado, a seguir com o olhar o seu morcego, que abria novamente o voo tonto, indo pousar entre os círios do altar-mor.

Entrementes João se erguera, reconfortado. O sacristão cumprimentou-o, e, como era afável, perguntou-lhe se haviam acertado o caminho da escola normal. Dada a resposta afirmativa, silenciaram os dois, imóveis, frente a frente. E como João notasse nas feições do preto um certo interesse, e o desejo de fazer perguntas que a discrição calava, encetou segunda vez, com malrepresadas lágrimas, a narração da sua odisseia.

O preto sacristão, ou tio Roque, como era conhecido, comoveu-se ouvindo-o, pois tinha coração sensível. Não era de impostura que se

mostrava grave e circunspecto; essas maneiras solenes, dava-lhas a consciência de suas responsabilidades. Porteiro da Câmara e sacristão, uma e outra coisa de longa data, atravessara a vida ingenuamente embebido em duas adorações. A igreja e o Conselho deparavam-se-lhe como sumas potestades gêmeas, a que prestava culto igual. Ninguém como ele sabia dobrar o joelho ante os altares e conservar tão inalterável respeito nas mínimas coisas do seu ofício; trazia a igreja, para quem tinha extremos de pai, como num mimo, muito de ver; várias vezes por dia ia ver se os linhos estavam bem alvos, e o Santíssimo sem azebre; se por acaso visse neste algum tise esverdinhado, ia cheio de unção buscar uma pouca de água benta; e com uma escova igualmente benta, procedia de joelhos à melindrosa limpeza, um olho no metal e o outro revirado para os anjinhos papudos da abóbada, como se a salvação de sua alma estivesse empenhada naquele ato.

Na Câmara sua atitude era a mesma. Os fazendeiros vereadores, idosos e de longas barbas amarelentas de sarro, homens silenciosos cujas sessões eram augustas e sem palavras, e que discutiam apenas com vagos movimentos de olhos e lentos meneios de cabeça, impressionavam-no como uma assembleia de papas. Seu olhar injetado de sangue não se desgrudava deles; e sem motivo acudiam-lhe à boca os latins dos responsos; ao passo que os joelhos lhe amoleciam numa tendência à genuflexão. O asseio do prédio onde se reuniam, não lhe merecia menor desvelo, e ao tirar das escarradeiras os es-carros pegajosos, fazia-o com a mesma unção com que limpava o azinhavre do Santíssimo.

E assim a Igreja e a Câmara se irmanavam no seu espírito. Como eleitor, acompanhava a rotina desde tempos imemoriais. Os partidos gangorreavam; os chefes renhiam em altibaixos de predomínio; rajadas eleitorais varriam o pessoal das câmaras derrotadas; malgrado tudo, seu voto era imutável: sempre com a Câmara. E sorrindo a esta veneração e coerência, os vitoriosos o poupavam... Mas em sua vida houve um lanço de grande tribulação. Causara-o o atual vi-gário, o padre Gauquério, homem de gênio independente e arrebatado, fanático de tricas politiqueiras. Numa sessão agitada rompera

violentemente com o Tipico, jurando derrotá-lo com uma oposição formidável; e ao sair limpava na soleira da Câmara o pó dos seus sapatos. A essa dissidência o cérebro do tio Roque tresvariou, pois o reverendo exigiu seu voto. Caiu de cama, gravemente enfermo. Seria possível?! Duas potências divinas a jogarem as cristas?! Igreja *versus* Câmara?! Que seria da bela harmonia com que as grandes chaves lhe tilintavam, cônsonas, na mão? Era como se o céu fosse de súbito desabar. Extinguia-se a harmonia do globo, e caos em luta ia aniquilar a Terra.

E na cama, com febre, o velho sacristão delirava; fantasmas horrendos surgiram ante seus olhos alienados; e foi para sua vida como um segundo alvorecer suavíssimo, a notícia da fusão ocorrida nas vésperas do pleito entre o reverendo e o diretório desfalcado, que, bombardeado do púlpito com extrema violência, se apressou a apresentar ao padre bases plausíveis para um acordo. A olhos vistos tio Roque medrou de novo, miraculosamente curado; e tudo continuou como dantes — as potências congraçavam, e ele continuava a alvejar o linho das aras e a votar com a Câmara.

Morava numa meia-água, dependência da habitação do reverendo; servia à mesa deste, e auxiliava a Maria Gansa o meneio interno. Era adorado pelos pequenos do padre. A criançada não lhe dava tréguas, trepando-lhe ao ombro ou tomando-lhe de assalto o cachaço. Trocava a fralda aos pequeninos e lhes ensinava a andar; e era de ver a maternal ternura em que seu olhar se diluía, quando os pirralhos lhe diziam pela primeira vez: “Tio Loque!”.

Quando João terminou sua narrativa, grossas lágrimas lhe desciam pelas faces. “Que fazer agora?” murmurara: “Tomar o bordão dos mendigos e ir de porta em porta, esmolando migalhas!”.

Então o preto ofereceu, com sinceridade:

— Enquanto o amigo não achar algum arranjo, venha ficar comigo. Meu cantinho dá para dois. O senhor há de gostar de siá Maria, que é mulher muito boa.

E explicou naturalmente, como se se tratasse de coisa lícita e aprovada por Deus:

— Siá Maria é a companheira do padre Gauquério.

— Mas sou um traste velho, que apenas lhe vai ser pesado... — objetou João.

— Não senhor! Não se acabrunhe por isso. O senhor pode ajudar-me em muita coisa.

João agradeceu efusivamente. Depois ainda palestram, combinando os serviços que o velho podia prestar. No Douradinho ajudara à missa, tempos atrás: conhecia também quase todos os toques de sino...

Interrompeu-os de improviso uma bulha infernal. O altar-mor ia em despenho; círios e castiçais rolavam de cambulhada; e, bem ao alto, imagem do triunfo, Dariozinho dançava de alegria, exibindo o morcego, seguro pela ponta da asa:

— Peguei! Olhe, João!... Olhe, macaco velho!

Em dois pulos atirou-se abaixo para contar-lhes as peripécias da caçada. A luta fora porfiada, o bicho mordera-o, a espadinha partira-se...

A este ponto o menino aplicou o ouvido a um rumor conhecido.

— É o trole do Navarro! — exclamou, correndo para fora.

Com efeito, acentuava-se um fragor de rodas sobre pedras, e o trote compassado de animais. Junto à igreja o veículo parou, para receber o menino. Um vozeirão interpelou-o alegremente; no mesmo instante ouviu-se o berro assustado do Baiano, cocheiro do trole, recebendo em cheio, na cara, o morcego moribundo.



## CAPÍTULO IV

Ninguém sabia ao certo que espécie de criatura era o Navarro, nem donde viera. Da sua vida conheciam-se apenas os últimos dez anos que passara no Sul de Minas. As versões que corriam sobre seu passado eram contraditórias, e, aliás, não passavam de meras conjecturas. Ele próprio concorria para aumentar a incerteza, ora dando-se como carioca, ora como paulista. Segundo suas narrativas não havia profissão que não tivesse exercido nem ponto do globo que não tivesse percorrido. O Dr. Ponciano, que fora médico e lente dos seus colégios, e que depois que cortara relações com o Navarro se limitava a clinicar na vila, teve um dia a pachorra de orçar o tempo que o diretor assim empregara a correr terras. Tomou em conta a idade de quinze anos com que aroara à Espanha, para cursar a Universidade de Salamanca; os seis em que a frequentara; os oito com que se distinguira numa cadeira; os três duma travessia da África; cinco em que negociara especiarias na Oceania; três de cativeiro entre os antropófagos de Mato Grosso; dez de estadia em Minas; e, desprezadas outras parcelas de alcance, obteve um total de cinquenta e oito anos. Ora, Navarro quando muito raiava pelos quarenta...

O que se sabia de certo, é que, umas semanas antes de chegar às Três Barras surgira em Belo Horizonte resolvido a montar lá dois importantes estabelecimentos de instrução; apenas chegado à Capital, sondara o azul do céu, tomara os ventos dos quatro pontos do horizonte, hesitara, refletira; e adotando afinal o alvitre de ouvir uma cartomante, resolveu, a mando da cabala, zarpar para alhures.

Todavia, não o fez antes de ter pedido e obtido uma audiência especial do presidente do Estado, para apresentar-lhe suas homenagens de “indefesso patriota e incorruptível zelador do nome de Sua Excelência. Procurou também vários deputados e senadores, e afinal dispôs-se a partir... Ainda não o fez. Queria ir casado. E não lhe custara decidir-se por uma rapariga escarnada, pálida, olhos mortifícios. Chamava-se Adélia. Vinte dias depois já não era solteiro, e desembarcava com a esposa em Três Barras. Guiara-o para ali grande convicção de êxito, depois de ter examinado uma ruma de relatórios e guias de estradas de ferro. Julgara a posição estratégica.

Ao desembarcar impressionou-o bem a topografia montanhosa do lugar. Era de efeito. Rimava com seus planos.

Os três-barrenses olharam embasbacados aquele homem bem-composto, de presença e abdome ministeriais, que vinha quebrar a monotonia de sua vida ramerraneira. E ninguém adivinhara que aquela personalidade que não parava de apregoar contos e grandezas, estava metida no seu fato de casamento, por ter o restante da roupa no fio.

Sem demora Navarro lançou os fundamentos do ginásio e da escola normal. Não houve embaraço que a um seu aceno não se removesse; prédios, dinheiro, crédito ilimitado, tudo foi-lhe fácil. Com seus modos magnéticos e dominadores não se baixava a pedir auxílio; antes, crescendo e assoberbando-se ante fazendeiros ranhetas em quem o seu influxo movia rasgos de incompreensível liberalidade, esperava que o auxílio subisse até ele, como oblação merecida e devida. Obteve uma esplêndida chácara para a escola normal, e grandes prédios para o ginásio, sem discutir preços nem condições. Depois disso, seu primeiro cuidado foi reformar tudo, demolindo, reconstruindo, pintando e aformoseando. A esse tempo já milhares de impressos, contraditórios como anúncios de pílulas digestivas, infestavam Minas, transbordando para os Estados limítrofes, a lançarem por toda parte, em altos pregões, o seu nome de educador e a fama dos seus institutos. E ainda não tinha nem um professor, nem um aluno...

Em pouco, tudo lhe sobejava. Pedidos de cátedras choviam às dezenas. Entre os que se apresentavam havia nomes conhecidos no magistério. Navarro, porém, corria com olhares distraídos o maço de cartas deprecativas e mal lhes respondia com evasivas. Guiado por secretos intentos e por seu faro de conhecedor, era em torno que buscava os seus auxiliares. Pesquisando aqui, indagando além, e atentando mais para os encalacrados de dívidas e carregados de filhos, foi reunindo, um a um, os seus docentes. E justificava a escolha com abundantes frases filantrópicas:

— Não quero medalhões, prefiro os gênios ignorados que por aí andam, sem azo para aparecer; e, quando o seu mérito obscuro se encarna na penúria, tornam-se duplamente dignos de serem os eleitos...

Esse ato caritativo deu brado pelas cercanias, onde o seu nome começou a ser celebrado como o de um benemérito.

Feita a seleção do corpo docente, ou do seu “estado-maior”, conforme dizia, restava um problema de maior tomo: a escolha de um diretor interno para o “Fiat Lux”. Aqui iam culminar as mostras de tato que dera Navarro. Resolveu dentro de si este problema muitas semanas, sem optar por nenhum dos inúmeros nomes que se ofereciam. Queria um homem excepcional, que, rebuscando em torno de si, ele não desesperava de encontrar, empregando o mesmo método de que usara para reunir os professores. Por fim, pôs sua mira numa espécie de rústico que, de camisa e calça de riscado, cavava a terra, de sol a sol, num sítio dos arredores. Primeiro hesitou; depois observou-o, conversou-o, informou-se, e um dia foi arrancar-lhe das mãos a enxada laboriosa, trazendo-o para o colégio. Tinha o seu Homem, e esse Homem era o Meira.

Mais uma vez seu sagacíssimo faro não se desmentira. Meira tinha do rústico apenas o aspecto. Pertencia a boa família decaída de fortuna e tinha história edificante. Primeiro lecionara; mais tarde, carregado de filhos, viu-se forçado a escolher meio de vida mais produtivo, e fez-se agente comercial. Angariando logo vastos créditos, pela honestidade inquebrável do seu caráter, teve dias prósperos,

conseguindo formar um bom pecúlio, que depois comprometeu, negociando por conta própria. Os filhos aumentavam à medida que ele ia caminhando para um beco sem saída. Faliu desastrosamente, por fim, e essa falência marcou-lhe a reputação de nódoa inapagável. A injustiça dos que não o conheciam bem tachou-o de improbidade. Então tresvariou; bebeu, jogou, e, um dia que a família passou fome, deu um tiro na cabeça. Quando se restabeleceu do suicídio frustrado, tomou da enxada; e, pés descalços, foi lavrar um pedaço de terra obtida de empréstimo. Explicava-se por esse passado dramático a sua perpétua taciturnidade, e uma grande cicatriz na testa, um pouco à esquerda, disfarçada sob tufo de cabelos grisalhos.

De um homem destes, Navarro podia esperar toda a dedicação. Meira tinha a religião do agradecimento; por isso resolveu sem hesitação fazer pelo seu benfeitor todos os sacrifícios. Começou por separar-se da família, medida que Navarro achava necessária. Morava no colégio, ficando a mulher e os filhos em casinha à parte. Meira só se reunia a eles nas férias. À altura destes sacrifícios, praticou muitos outros. Ao ver sua família forrar-se à miséria negra em que sua má estrela a lançara, entranhado da resolução de ser grato, não houve tarefa sob que seus ombros vergassem; tornara-se uma poderosa máquina de trabalho, graças à sua vontade onipotente, que lhe redobrava a capacidade de esforço. Eliminara seus sofrimentos pessoais do rol das coisas atendíveis; nele só havia o esforço e o desejo de esforçar-se mais, reagindo contra a sua compleição combatida de quase velho; rechaçava pertinaz as investidas da velhice, que o ameaçava com os seus primeiros alquebramentos. Mourejava infatigavelmente todo o ano, só tomando breve fôlego nas férias; então furtava alguns dias para prodigalizar à família carícias atrasadas e capitalizadas. Não precisava de mais para ganhar novos alentos para a luta. Esses dias de folga figuravam uma aberta fulgurante de sol no pardacento uniforme da sua vida. Via o seu caro ninho cheio de conforto; a casinha era alegre, a despensa farta, e os pequenos tinham agasalhos: aí estava tudo o que anelava, o único fito da sua existência. E, nesses dias sem sombras, os carinhos da esposa, a algazarra infantil

dos filhos viçosos, a visão do lar feliz restaurado, espancavam do seu espírito sombrio todos os fumos de remorso que lhe restavam, por haver tentado um dia abandoná-los, num gesto de louco, que aos seus olhos punha na coerência da sua vida sem mácula a nota estigmatizante de uma traição.

Com um auxiliar irrealizável como o Meira, também graças ao seu espírito de propaganda, era fatal que Navarro visse seus colégios lançar sólidas raízes, desde a sua fundação. A primeira turma de alunos quase atingiu a um cento; a segunda excedeu-o, e as seguintes aumentavam, em contínua progressão. De preferência notava-se essa crescente onda de prosperidade no “Fiat Lux”, que, além de obter logo as regalias da equiparação, tinha como alma obscura e todo-poderosa o subdiretor. Um dos segredos desse prestígio estava na sua doçura de caráter, que o fazia tratar os alunos como pai carinhoso. Esse tratamento não era artimanha hábil, e sim a espontânea efusão de uma bondade inata. Meira estimava sinceramente os seus alunos e não se limitava à só tarefa de os disciplinar; procurava incutir-lhes altos e estoicos sentimentos em que mais tarde se encastelassem, quando tivessem de superar crises como aquela que o levara a desvairar, com a arma assassina na mão, e o pensamento num covarde aniquilamento. Vendo regressar ao colégio, cada ano, a maior parte dos alunos do ano anterior, Navarro entusiasmava-se com o que dizia ser o “método” de seu substituto, e tentava encorajá-lo na mesma via:

— Isso! Proceda sempre do mesmo modo... Abrace os alunos, faça-lhes carinhos. Confesso que o senhor tem certa habilidade para fazer-se estimar.

O subdiretor contava como auxiliares, na disciplina, Marolo e Ricardo, sobrinho do Navarro. A principal ocupação do primeiro era tratar da salvação da alma. Passava os dias a desfiar as contas do seu rosário, e, relativamente aos encargos de regência, nada via nem ouvia, sempre alheado, como um espírito imaterial, limitando-se, quando a indisciplina da miuçalha era excessiva, a invocar a profícua intercessão do Espírito Santo. Sua utilidade real era

para levar recados (recados curtos e simples) e, além disso, dar ao ginásio, com a sua presença compungida, um certo cunho de religiosidade que agradava ao diretor.

A diligência de Ricardo contrastava com a imprestabilidade do Marolo. Malgrado sua compleição franzina e tolhiça, e sua pouca idade, era o braço direito do Meira, cujo esforço procurava imitar. Não se limitava a colaborar na regência dos educandos; tinha a seu cargo diversas cadeiras, e era uma espécie de substituto geral dos outros docentes e do secretário Dadico.

O pai do mocinho, José Siqueira, fazendeiro nos sertões de Minas, era viúvo, e irmão da esposa do diretor. Ao tempo da fundação do “Fiat Lux”, inda era remediado, e foi então que mandara Ricardo para lá. Poucos anos depois, entretanto, uma colheita perdida, complicada com uma hipoteca no vencimento, deu-lhe forte xeque à fortuna. Desesperado com esse desastre ao cabo de cinquenta anos de trabalho, deu de mão a todas as preocupações, do que lhe resultou ruína total.

Estas novas ele próprio comunicara ao diretor numa carta que respirava desalento. Se ainda lhe restavam forças para pegar na pena, dizia, era porque ia deixar um filho na miséria, e queria dar-lhe um pai na pessoa do Navarro.

Esta carta viera recoberta de outra tarjada de negro, comunicando a morte súbita de José Siqueira. Mataram-no os desgostos.

Dias depois do seu recebimento, o diretor chamou de parte o órfão que vestia luto, e disse-lhe:

— Seu pai, antes de morrer, escreveu-me esta carta. Leia-a.

O menino obedeceu. Em seguida Navarro tomou-lha das mãos e guardou-a na pasta dos seus documentos preciosos, dizendo:

— Viu aí que seu pai confessa dever-me dois contos e tanto. Ora, como ele morreu, é você quem arca com a responsabilidade da dívida. Vamos ver se também é um ingrato. Seu pai foi pouco escrupuloso, o que eu não esperava, pois o tinha em conta de homem sério. Também não é só dizer “tome lá, meu filho, aguente como ele”. Um presente de grego depois de um calote!

Ricardo ouviu, cabisbaixo; as últimas palavras o aterraram, porque o diretor as pronunciara com cólera, como se fosse investir com o tûmulo do cunhado.

O tio empurrou-o para fora do escritório:

—Vá, vá para o estudo, e trate de tirar esse luto, para o colégio, por contrapeso, não ganhar aspecto fúnebre.

E o moço não notou que dessa época em diante o diretor, sempre tão exuberante de carícias aos alunos, e que, como aos outros, o abraçava a cada passo, dando-lhe palmadas amistosas nas costas, parecia não dar mais pela sua existência no colégio. Ricardo não se magoava com a falta desses mimos porque, de natural humilde, julgava-se indigno deles. Outrora, quando os partilhava, era como se recebesse um dom celeste e inapreciável, pois o diretor tinha a seus olhos prestígio de deus que rege universos. Nas contendas entre alunos de que o Navarro tivesse conhecimento, embora fosse ele a vítima, se o diretor lhe dissesse que era o culpado, bastava isso para que convicto e submisso fosse pedir desculpas aos que o insultavam ou feriam. E, como após a morte do pai aquele sempre lhe negasse razão, Ricardo racionou consigo que era um menino ruim e mal-educado; e depois disto esteve sempre pronto a sofrer com paciência as troças e maus-tratos dos colegas. Todavia, o que lhe dava mais alento para suportar a nova situação, era o Meira. O subdiretor estimava-o sempre, e parecia dedicar-lhe ainda mais afeto depois da sua desgraça. Ricardo achava uma grande doçura no avizinhar-se dele, no ouvir-lhe os conselhos sussurrados em voz mansa e paternal. Acolhendo-se à sua sombra quando estava triste, sentia-se banhado de um doce influxo reconfortador. Era em obediência a seus conselhos que procurava distinguir-se em todas as classes. A figura de destaque que fazia no meio de uma centena de colegas atraiu a atenção do Navarro, que esperou, desde então, tirar algum proveito do sobrinho. Um dia, para ensaiar, confiou-lhe uma dúzia de alunos miseráveis, admitidos gratuitamente, a pedido de pessoas influentes, esmolas que junto aos pais o diretor encarecia, como prova de seus sentimentos altruísticos. Entregando a Ricardo essa turma, colhia

também a vantagem de não sobrecarregar as classes dos que pagavam. O mocinho aceitou com júbilo o encargo, embora, como bom aluno, sentisse ter que deixar de estudar desse dia em diante.

Ao diretor pouco importava que aquelas crianças aproveitassem ou não; mesmo assim, em certa hora de folga, teve a excêntrica fantasia de ir examiná-las. Chegou de surpresa em plena aula e logo abriu a boca, estarecido: ao quadro negro um fedelho de nove anos resolvia sem hesitar, um problema de juros. Olhou atônito as mãos dos outros petizes onde contava encontrar cartilhas de abc, e nelas viu folhas de jornais em que estudavam, à mímica de livros; o menos idoso leu-lhe correntemente um artigo sobre a fixação do câmbio. Em geografia fizeram prodígios; afinal, para acabar de encher-lhe as medidas, um dos pirralhos deu-lhe, sem hesitação, a fórmula da área do trapézio. O trapézio! a base, o eixo, o núcleo dos ensinamentos do Navarro na sua cátedra de geometria, o trapézio que tanto confundira o engenheiro, pai do Dario!

Sem dizer palavra, rebocou dali Ricardo para a sala de História e Geografia.

— Precisava de um professor destas matérias — disse. — Nomeio-o catedrático das mesmas. Esforce-se no ensino, para que um dia comece a pagar-me o muito que me deve.

E mandou chamar as classes para o catedrático de quinze anos marcar-lhes lição.

Passada a primeira ebriedade do júbilo da promoção recente, Ricardo reflexionou melancolicamente:

— O tio Navarro disse: “para que um dia comece a pagar”... Então minha dívida ainda está inteira e não será tão cedo, talvez, que eu comece a amortizá-la...

Seu raciocínio, entretanto, ficou nisso; nem de leve pôs em dúvida o espírito de justiça do diretor. O que este dizia era a verdade e a razão. Como inexperiente, formulava uma falsa ideia sobre a permanência das dívidas e os pagamentos humanos; assim o tio Navarro lho fizera concluir; e assim deveria ser.



Ricardo esteve à altura de seu acesso; dedicava-se ao trabalho, procurando salientar-se na nova graduação. Sobrava-lhe ainda entusiasmo para o estudo solitário; e horas mortas, repartindo olhares desvelados entre os livros e os leitos do dormitório à sua guarda, preparava a preleção do dia imediato e recapitulava lições de outra, com a leve nostalgia de não ser mais aluno; e, antes do sono cerrar-lhe as pálpebras, evocava a reconfortativa figura do Meira, para que sua imagem lhe ficasse assistindo à cabeceira, transfundindo-lhe novas energias durante a noite.

Todavia o mocinho tornara-se menos feliz. Agora que já não jazia na espécie de insulamento em que era deixado com a sua turma de meninos pobres, sofria a miúdo a fiscalização vigilante do Navarro. Ora, Ricardo acalentava a veleidade de querer agradecer-lhe com o seu trabalho, o que ia tornar-se um pungimento constante para a sua sensibilidade refinada. Porque Navarro, se deixara transparecer admiração no gesto brusco com que o promovera, teve mais tarde o tino de ocultar o que sentia. Cada vez que surgia a inspecionar a aula do sobrinho, este fitava-lhe o olhar palpitante de quem perscruta uma relevante sentença na fisionomia de um juiz; e a sentença aí lida era sempre desfavorável; Navarro afetava para ele, como para os demais subalternos, um eterno descontentamento que seu espírito prático achava de subido valor para quem dirige homens, a fim de poder extrair de cada um o máximo de atividade e zelo. Ao finalizar a inspeção, se não silenciavam deixando apenas falar por si sua expressão displicente, dizia ao sobrinho que os alunos estavam fracos, e naturalmente porque o professor não se esforçava.

Então Ricardo sentia ferver-lhe no íntimo o recrescido vigor de uma seiva estuante. O tio não ficara satisfeito? Pois bem! Redobraria de esforços, saberia um dia contentá-lo! E dava-se ao trabalho com maior aferro; inaugurava aulas suplementares em horas de repouso; recorria a métodos excepcionais para os alunos exceções; conseguia triunfar da má vontade e da inibição intelectual. Podia vir agora o diretor! Ele se encarnara no “sacerdote do magistério”, compreendia enfim o que devia o “apóstolo da luz”,

tinha consciência dos milagres que obrava, embora desfibrando-se de sua carne e dando o rutilo vital de seu sangue. Esperava-o a cada hora, fremindo de emoção, antecipadamente certo da vitória. Ia deslumbrar! Chegava o grande dia. O diretor vinha... Mas não havia brilho que lhe alisasse as rugas da fronte, nem milagre que lhe espontasse as palavras ferinas.

Pintar o amargor dos primeiros desânimos do moço é folhear um livro torturante. Como começaram a apontar-lhe n' alma? Eram a exaustão de um físico depauperado, arcabouço sem vísceras, que revertera seu potencial em energia radiante? Talvez o alquebramento do viajero sedento que no deserto vê a miragem de palmeiras e cascatas furtar-se-lhe à aproximação, negaceando-lhe de novo em remontados horizontes? Ou seria antes a visualidade desanimadora da realidade entrevista? Pois Navarro, malgrado o progresso dos alunos, queria absurdamente mais progresso, progresso indefinido; e, para desconcertar o professor feliz que assistia confiante ao seu meticuloso interrogatório, engendrava perguntas ambíguas, capciosas, em cujas malhas apresava os alunos incautos; e saía sobre o fiasco, com a visagem contrafeita de quem não se impressionou bem. Era visível seu expediente.

Depois desse vislumbre da realidade, Ricardo não se aforçurava menos no cumprimento do dever; no entanto, carecia de um esforço crescente para se conservar na mesma altitude; e, sem embargo de sua ardente vontade de pagar ao Navarro o muito que lhe devia, no que envolvia ao mesmo tempo um preito de amor ao seu querido morto, começava a sentir descorajamento e tédio da sua dedicação estéril, e um como fermento de protesto. Algo de instintivo e indomável dentro de si queria rebelar-se enfim, sendo preciso, para soprear-lhe os assomos, a mão firme que obriga a mola de aço a manter enroscadas suas espirais elásticas. Por esse tempo Meira foi encontrá-lo um dia deitado, depois da hora regimental do levantar; não dormia; seu olhar vago espriava-se por visões misteriosas, e estava tão embebido nelas, que estremeceu num sobressalto, sentindo a mão que lhe pousava na cabeça.

— Cumpra o seu dever — sussurrou-lhe o subdiretor.

Ricardo voltou-se receoso para ele, esperando repreensão; mas a fisionomia do Meira, iluminada por um sorriso bom, apenas exprimia a tolerância e bondade de quem conheceu dolorosas crises espirituais.

Desde esse dia Ricardo compreendeu o subdiretor; e, estimando-o como a um pai, começou também a admirá-lo, como a um ente de estatura moral acima do vulgar. Viu a firmeza inquebrantável de sua conduta, a par da bondade sorridente dos seus olhos; e adivinhou que nos passos apagados e na figura mansa daquele homem, se encarnava uma força sobre-humana. Pela primeira vez lembrou-lhe a cicatriz da fronte e deu sentido à frase “tentou suicidar-se”, que os alunos repetiam à boca pequena. Que padecimento terrível não teria sido o daquele homem, para levá-lo a tal extremo! E esta ideia sugeria-lhe a da luta feroz que se devia travar lá fora, além das quatro paredes do colégio, luta em que mourejadores como o Meira iam de vencida. Dava-lhe susto só o invocá-la, terrível e desconhecida, impiedosa e exterminadora. O tio Navarro fora realmente bom, dando-lhe guarida contra a borrasca exterior!

A esses pensamentos, buscava imitar a gratidão do subdiretor. Mais do que nunca procurava acolher-se à sua sombra de doçura e do amor, para recobrar o alento que lhe ia faltando; e Meira, que por uma secreta correspondência d'almas conhecia a crise íntima do moço, caritativo e perturbado com a lembrança do próprio passado, desvelava-se por ele, como por um doente solitário e em transe.

## CAPÍTULO V

Os professores iam ser convocados para uma reunião à tarde, porque, no dia imediato as aulas deveriam recomeçar a funcionar regularmente, e o Navarro queria dar instruções ao seu estado-maior. O local da reunião era defronte do edifício principal do “Fiat Lux”, no prédio de um antigo teatro, cujo imenso salão fora dividido por baixos biombos em seis salas de aulas, que comunicavam com um longo corredor lateral. Esses biombos desmontavam-se por ocasião de festas ginasiais, para aumentar a latitude do espaço reservado aos assistentes. No prédio principal, de enormes dimensões, havia outras salas de aulas, e eram ainda nele a secretaria, o refeitório, os dormitórios, e demais anexos do internato.

Naquele dia ainda o salão do ex-teatro apresentava o desmantelo em que o deixaram os últimos festejos do fim do ano; por isso, uma turma de empregados, dirigida pelo subdiretor, retirava o palco armado aos fundos, bem como ornamentos destroçados que se amontoavam a esmo, e a poeira de milhares de pés, ao passo que eram recolocados os tabiques divisórios.

O Baiano, negro membrudo e espécie de *factotum* do colégio, cocheiro de trole, cozinheiro e muitas coisas mais, desenvolvia ali grande atividade. Estimulava os companheiros com pragas e motejos, fazendo de patrão. Baiano tinha o fraco de imitar o Navarro, e procurava adquirir-lhe até a entonação da voz.

Meira observava-o sorrindo.

— Procure o Marolo outra vez — disse o subdiretor a Ricardo.  
— É preciso fazer a convocação dos professores.

Ricardo, trepado numa cadeira, ocupava-se em arrancar da parede uma grande galeria de aquarelas e desenhos que a empapelavam num vasto trecho. Aquilo era o “salão” do Lago, trabalhos achavascados por ele, aos quais os alunos apunham a assinatura, apresentando-os como provas de exame. Esses trabalhos eram preciosíssimos, porque, apenas com modificação de data, serviriam para futuros atos. Todavia, não honravam muito o professor, que tinha mais habilidade no trombone que no pincel. Figuravam aí touros com fisionomias humanas, homens de orelhas de burro, árvores que pareciam espanadores, e passarinhos com pescoços de cisne. Os pais achavam interessantíssima aquela exposição e em fim de ano era um divertimento a que se entregavam sem ironias; reuniam-se em magotes defronte de um trabalho, a trocar palpites:

— Aquilo para mim é um pato.

— Não é pato, é bezerro.

— Engana-se, meu amigo; é um banco de carpinteiro.

— Oh! é uma mesa, é claríssimo. Não vê aquelas cadeiras em roda?

— Continuo a sustentar que é um pato.

— Não pode ser, porque tem quatro pernas, etc., etc.

Às vezes a discussão acalorava-se tanto, que faziam apostas, e mandavam chamar o professor de desenho. O Lago vinha, e de pronto cortava o nó górdio:

— É um rancho, meus senhores, um rancho sertanejo.

E, extremamente satisfeito pela atenção que mereciam seus trabalhos, o professor iniciava-os minuciosamente no valor de cada traço.

Mais umas tachinhas arrancadas, e Ricardo desceu da cadeira sobraçando o maço de desenhos.

— Guardo-os na secretaria, e de lá vou ver o Marolo — disse, saindo.

Dessa vez veio acompanhado do regente. Fora encontrá-lo na horta, ajoelhado num canteiro de couves, onde já havia tempo esquecido se achava, a desfiar suas contas.

Como se tivesse estado a dormir, chegou esgrouinhado com a súbita interrupção do seu arroubo místico.

— Tome esta lista de professores — disse-lhe o Meira — e vá prevenir a cada um que esta tarde, às seis horas, há reunião da congregação.

E como Marolo fosse saindo:

— O Dr. Cavagnari já chegou?

— Não senhor... Não o vi desembarcar.

Perguntou-lhe ainda pelo Dadico, secretário do ginásio, que fora passar as férias no Rio. Também não havia chegado.

— Está bom. Pode ir.

Compassado e solene, com um crucifixo a bater-lhe no colete esgarçado, Marolo afastou-se a passos lentos.

No vasto salão atordoavam as marteladas nos biombos que se repunham. Nos intervalos de silêncio o Baiano, essencialmente tagarela, dizia graçolas ou fazia comentários. E ao mesmo tempo ia consumindo as relíquias das festas dos exames, festas que eram ainda atestadas por tudo naquele local. A cada ângulo havia tufos de folhagens ressequidas; correntes de papel de cor cruzavam-se diagonalmente no forro; bandeirolas multicores debruavam o alto das paredes; de distância em distância, com aparência de lanternas japonesas, pendiam do teto pinhas de papel de seda; nas paredes caiadas escudos alardeavam palavras pomposas: “Glória à Instrução!” — “Viva o Ex.<sup>mo</sup> Dr. Presidente do Estado!” — “Salve, nosso Diretor!”. E impiedosamente as correntes eram dilaceradas; as ramagens caíam barulhosas, num chocalhar de folhas secas; fieiras de bandeirolas obliquavam-se para a poeira; e tudo era carregado, às braçadas, para fora.

Como Baiano se preparasse para arrancar em enorme escudo da parede, o Meira deteve-o:

— Esse não. É o nome da sala.

— “Salão Mesquita”... — leu o preto. — Mesquita... ah, já sei, o fiscal da Escola Normal que assistiu aos exames... Eta mocinho preparado!

“Preparado”, para o cozinheiro, era sinônimo de elegante.

O Mesquita foi poupado; menos sorte tiveram as outras legendas, que arrancadas uma a uma, juncavam o assoalho. Depois Baiano tomou da vassoura e pôs-se a varrê-las, de mistura com o cisco. Nunca foram tão enxovalhadas as máximas sublimes e os nomes venerandos! Impelidas pelas vassouradas ainda do meio da poeira enunciavam preceitos pedagógicos ou gritavam vivas aos pais dos alunos; mas o sacrílego Baiano sufocava-lhes o brado último, mettendo-as para a frente, de envolta com o lixo.

— “Deus, Pátria e Família!”

— “A criança é o porvir.”

— “Luz, luz a jorros!” — gritavam inutilmente, debaixo das varinhas da inclemente vassoura.

Depois, quase finda a limpeza, Meira afixou no corredor um horário organizado pelo Navarro, e que era encimado pela seguinte distribuição de matérias:

#### CORPO DOCENTE:

- 1 — Antônio Junqueira Navarro — Geometria e Trigonometria.
- 2 — Dr. Cantídio Peregrino — História Natural.
- 3 — Luís de Camões — Português e Literatura.
- 4 — Coronel Inácio Pereira (ex-deputado) — Aritmética e Álgebra.
- 5 — Cav. Ercole Cavagnari (doutor em ciências pela Universidade de Milão) — Inglês, Grego e Alemão.
- 6 — Rev. Álvaro Gauquério — Latinidade e Religião.
- 7 — Farmacêutico José Nunes de Mendonça — Física e Química.
- 8 — Alcindo Penedo — Civilidade, Astronomia e Mecânica.
- 9 — Augusto Meira — Educação Moral.
- 10 — João Bias Brochado — Francês.
- 11 — Cândido Rodarte — Geografia, Psicologia e Lógica.
- 12 — Ricardo Siqueira — História Universal, História do Brasil e Curso de Adaptação.
- 13 — Policarpo do Lago — Música e Desenho.
- 14 — Fortunato Marolo — Contabilidade e Primeiras Letras.

À tarde, à hora designada, já a maioria dos docentes estava sentada em carteiras, num salão do antigo teatro. Do alto do estrado o Navarro presidia à reunião.

Às seis e um quarto ainda faltavam dois professores, o Bias e o Cândido; por isso, o diretor não abria a sessão: torcia com impaciência as guias do bigode, e seu carão anormalmente congestionado ameaçava tempestade. Logo naquele dia, na primeira reunião a que iam os dois professores novos, já estes teriam má impressão da disciplina interna?

— Seis e um quarto... — começou o diretor. — Nesta casa nunca houve exemplo de tal anarquia.

Navarro esforçava-se por conter dignamente sua cólera. Reparou então que o Penedo não se sentara como os outros. Saboreou-se a contemplá-lo um instante, todo de branco, dos sapatos à gravata, com impecável estampa de militar, realçada pela cinta esbelta. Depois lembrou-se de que a autoridade deve ser exercida desde o primeiro dia e observou:

— Faça o favor... Sente-se.

Penedo obedeceu a contragosto, ajeitando-se com cuidados infinitos na exiguidade de um banco.

— Já sabe — disse Navarro, continuando a dirigir-se a ele —, já sabe que está como catedrático de mecânica, astronomia e boas maneiras... Não? Pois já consta do quadro do corpo docente. O senhor deve entender bem de mecânica, pois noto-lhe assim uns ares de engenheiro.

Penedo respondeu com uma visagem ambígua.

— E o coronel Mercês — prosseguiu o diretor apontando para este — foi designado para reger a cadeira de aritmética e álgebra.

— Confesso que não conheço uma palavra de álgebra, disse o coronel; mas em aritmética desafio a quem faça mais depressa, de cabeça, uma conta de rebate.

— É o que queremos. Nosso ensino deve ser prático, exclusivamente prático. E mais uma vez, atendendo ao fim que nos



reúne aqui... — Mas o Bias! e o Cândido! isto toca às raias do banditismo! Meira, tome nota lá uma falha em cada. Terão desconto de vencimentos.

O subdiretor ficou suspenso por ouvir um tropel. Eram os dois retardatários que chegavam.

O Bias era um magricela arruivascado, orçando pelos vinte e oito anos. Havia muito lecionava ali. Os colegas invejavam-no, porque o diretor a cada passo citava-o como modelo. Seu rosto tinha uma expressão variável de papalvo e finório; às vezes seu olhar acendia-se em fosforescências felinas; mas em presença do Navarro mantinha-se embaciado e humilde. Casara havia três anos com uma criatura despótica que lhe batia de chinela, ao chegar, com um trejeito abobalhado.

Ninguém lhe deu resposta. Um pesado silêncio de reprovação acalcanhava os recém-vindos.

Bias então foi sentar-se com açodamento; e, na carteira, para não ficar sem fazer alguma coisa, pôs-se a coçar desesperadamente as pernas, às mãos ambas. Seu companheiro postou-se à sua ilharga, como a buscar proteção. Cândido Rodarte era baixo, de ombros muito distantes um do outro, entre os quais assentava uma cabeça globulosa, que, no occipício, era chata como uma prancha. Tinha os olhos à flor do rosto e com a inexpressão de olhos de boneca. De mimetismo fundamental, ressentia-se dos modos e das opiniões dos companheiros. Vendo naquele momento o Bias inquieto no assento, como um macaco sobre um formigueiro, não soube que atitude tomar, por isso cravou-lhe um olhar interrogativo. Bias deu-lhe um beliscão que o fez afastar um pouco e amuar.

— Seis e vinte — recomeçou o Navarro, depois da terrível pausa — e por especial obséquio eu lhes revelarei o ponto pela primeira e última vez. Risque lá, Meira.

A sessão podia agora ter início; mas o diretor tardava a entrar na matéria, contemplando o humilde rebanho que se postava em ordem à sua frente. E essa contemplação exasperava-o, por causa da expressão abatida do seu estado-maior.

Todo o princípio de ano era de ver os professores chegando um a um, moles, descorajados, ante a árdua labuta a recomençar, à só perspectiva das sete ou oito aulas diárias a que quase todos eram constrangidos, parte no Ginásio, parte na Escola Normal. Nos fins de ano o diretor envergonhava-se de ter de exhibir aos pais professores de rosto macilento e expressão desalentada. Esperava que durante as férias se revigorassem, mudassem de aspecto, se aprovisionassem de entusiasmo para o ano todo e voltassem a ocupar alegremente seu posto de combate. Expectativa vã! Parecia que tornavam ainda mais cabiscaídos e sorumbáticos. Que lhe adiantava escolher seus auxiliares entre a mocidade resistente? Um belo dia demitiria a todos em massa, e poria ali gente viçosa e risonha. E Navarro exacerbava-se à vista desse museu de desânimo e miséria moral, alinhado defronte, nas carteiras colegiais. Todavia, o silêncio de expectativa e respeito que aguardava suas palavras lisonjeou-o; e o novo olhar com que correu o banco, foi o do chefe obedecido e temido que passa em revista suas tropas fiéis. Na primeira fila viu a batina do padre Gauquério e a sua envergadura enérgica de apóstolo belicoso; ladeava-o o Dr. Peregrino, de óculos escuros, e um pouco humilhado por ver-se ali, na sua dignidade de médico, nivelado com os outros lentes. O farmacêutico Mendonça, inimigo de Peregrino, por ciúmes de ofício, fora pôr-se bem longe deste, no último banco, em companhia do Meira e do Ricardo. A fisionomia do lente de física e química era terrosa, e no seu todo mostrava um quê de alheado, desde que, em aula, quando fora mostrar aos alunos uma reação que apenas conhecia de teoria, se dera uma explosão que o cegara quase de um olho; também desde essa época cobrara tal horror ao laboratório, que passara a ensinar tudo pelas figuras do livro, deixando as retortas e balões se cobrirem de poeira, e os ácidos roazes comerem pacatamente as rolhas, nas prateleiras dos armários. Nem gostava de os ver; quando isto sucedia, botava-lhes de revés uma olhadura feroz, repassada de ódio implacável. “Para ensinar não precisa droga” — respondia ele ao Navarro, com sua voz fina e mole, quando o diretor o mandava ensaiar experiências vistosas para os fins de ano.

Em todo caso, como era mister obedecer, limitava-se às inócuas colorações do tornassol.

À frente, e cheio de si, ainda se estadeava o Lago, professor de música e desenho. Andava sempre de fraque e não abria a boca sem proferir algum disparate gramatical. A coisa que o desvanecia mais era dizerem-lhe: “Você, Lago, que é um cate-drático...”, “Você na sua cátedra...”. Ao ouvir estas belas frases, seu pomo de Adão empinava e a cabeça tomava-lhe uma inflexão imponente. Narrando incidentes de aula, o que fazia a qualquer pretexto, não deixava de começar: “Ontem, quando eu estava na minha cátedra...”. Mas a aula de desenho e música era tão pobre, que o assento do lente era um tamborete manco que ficou célebre, e batizado solenemente como “a cátedra do Lago”. Tinha uma rapariga nas Três Barras; e era notório que o Dadico, secretário do Ginásio, o atraía. O Lago sabia-o e não havia dia em que não proferisse terríveis ameaças contra ele.

Na segunda carteira o ex-deputado cortava aparas de fumo, preparando um cigarro. Renteava-o Luís de Camões, professor de português e literatura, poeta inspirado, e redator do *Lábaro da Instrução*, órgão de propaganda dos colégios. Seu pai, de uma insignificante família das Três Barras, era homem lido, e tinha a mania de dar aos filhos nomes de sumidades. Além do vate português, gerara ainda um Victor Hugo, um Napoleão Bonaparte e um Rui Barbosa. O menos obtuso de todos era seu Camões, que por admirável coincidência se revelou desde criança com enorme vocação para a poesia. Ao entrar para o “Fiat Lux”, Navarro sequestrou-lhe a lira, achando que a preocupação das rimas podia prejudicar o ensino; Camões, porém, não se compôs totalmente com a ordem, e desabafava, no *Lábaro*, cantando em ditirambos líricos a disciplina interna do ginásio e os méritos do diretor. Não havia rima em “arro” que ele não tivesse ensanchado numa quadrinha gamenha. Nas festas dos colégios era orador crônico.

Na mesma fila viam-se o Bias, o Cândido e o Penedo. Para trás, junto com os restantes, adivinhava-se, por um balbucio de preces, que estava o Marolo a passar as contas.

Depois de estender um olhar de dono sobre o rebanho atento, Navarro começou:

— Eu dizia que só admito ensino essencialmente prático. Que importam os programas, as álgebras, as trigonometrias, o diabo? São coisas inventadas por meia dúzia de ociosos que vivem pairando nas abstrações e teorias, e nada entendem das verdadeiras necessidades da vida. A maioria de nossos amigos são fazendeiros; e eles preferem, com razão, que seus filhos façam com facilidade uma conta de juros ou brilhem na sociedade entabulando com as pessoas cultas palestra em francês, a resolverem uma equação de muitas incógnitas ou a dar a demonstração de um princípio de física. Quero a prática. A prática é tudo! Concilia-se a exigência dos programas com o nosso programa real, exercitando os alunos em meia dúzia de pontos fáceis para os exames oficiais e só. Mas...

Navarro súbito calou-se, fazendo pairar um silêncio tremendo sobre o coronel Mercês, que alisava uma palha. Era um crime, naquele momento. E resolveu esperar, até que o faltoso desse pela culpa. Por fim, vendo que o silêncio não produzia efeito, pois o ex-deputado continuava a passar a palha contra o fio do canivete, interpelou-o, rebufando a observação com ironia:

— Eu não sabia que o coronel fumava!

— Fumo — respondeu este com ingenuidade — e muito, mas preciso escolher. Sou muito exigente até na qualidade da palha. Tenho em casa um rolo de fumo especial que mandei vir do Poço Fundo com receio de não encontrar aqui da mesma qualidade. Hei de dar-lhe uma prova...

— Obrigado — disse o diretor com frieza —, mas não aceito.

— Experimentando há de gostar. É um fumo e companhia!

O coronel enrolou o cigarro e acendeu-o. Navarro, com interna fúria, calara-se de novo, rufando com força os dedos na mesa. Com exceção do ex-deputado, todos os mais sentiam o trágico daquele silêncio. Depois de um certo espaço, o diretor resolveu-se a um ataque direto:

— Não proíbo o seu cigarro, coronel. Pode fumar tranquilo, que não o multarei por isso hoje. Façamos de conta que estamos aqui em família, porque não temos conosco o Dadico para lavrar a ata.

O ex-deputado, que puxava com inocência as primeiras fumaças, exclamou num sobressalto:

— Hem? Como é?

— Queria dizer — tornou o diretor — que as sessões da congregação devem ser augustas, revestidas de toda a solenidade, tal a importância da nossa missão. Assim, em tese, não aprovo o seu cigarro, coronel Mercês, nem o seu fato branco, Sr. Penedo!

Este recebeu impassível a admoestação, ao passo que o ex pediu desculpas, enfiando atabalhoadamente o toco na caixa de fósforos.

O diretor protestou. Desculpas? Cabia antes a ele pedi-las. Pois não era atrevimento fazer reparo no procedimento dum antigo e impertérito batalhador do Congresso Mineiro? Mas relevasse-o, por favor! É que na sua pessoa havia uma dualidade em conflito — o diretor e o amigo. Ali dentro, naquele âmbito sagrado, estava o diretor rígido; lá fora, encontrariam o amigo de coração de trapo, etc., etc. (Gestos adequados.) Mas ali mesmo, na sua investidura de diretor, recomendava aos docentes que imitassem o caráter do coronel e o asseio do Penedo. Ai, que este último ponto era de uma importância capital! Com recomendações especiais apontava-o como modelo ao Bias, que, apesar de indefesso soldado do livro, trazia às vezes a gravata torta e o colarinho sujo. O Camões também tinha a zelar os louros do seu ilustre antepassado (pois não podia deixar de haver parentesco entre ele e o autor dos *Lusíadas*); seu exterior devia rimar com a beleza e suas qualidades interiores; assim, tratasse da caspa com loções antissépticas, lavagens frequentes da cabeça e pente fino. E, para justificar a observação, Navarro apontou a fariinha branca que se lhe acamava sobre os ombros.

Enquanto Bias se coçava, e Camões, desempoando-se, se desvanecia pela referência à sua linhagem hipotética, o diretor procurava entre a soldadesca do seu batalhão, um que precisava também recomendações especiais.

— E o Cavagnari? — exclamou, depois de o procurar baldamente. — Ainda não chegou?

— Não, respondeu o Meira.

— É de gloriosa! — tornou Navarro, indignado.

Arrostando o perigo de uma explosão do diretor, Bias observou com a voz aflautada, acendendo para ele os olhinhos brilhantes:

— Decerto encontrou patrícios, e ficou nalguma bodega cozendo o vinho, à hora do trem.

— Sr. Bias! — censurou Navarro, carregando o rosto.

O diretor não gostava dessas alusões ao vício do italiano. O indiscreto sabia-o, mas gostava de bulir às vezes — inofensivo mosquito — com o leão majestoso, e já se lhe ia tornando sestro meter alguma graça, sempre sem graça, no meio dos mais sérios assuntos. Fulminando por aquela interjeição, apagou o olhar astuto; e, abaixando a cabeça com humildade hipócrita, tomou um ar emparvecido. Sua atitude corrida desarmou o diretor, que, esquecendo o italiano, se dispôs a desenvolver o primitivo tema:

— O colarinho alvo e as botinas lustrosas estão muito no prestígio pessoal. Os senhores conhecem os versos de Gonçalves Dias “O talhe de um colete, os pontos de uma luva”, não conhecem? — Enganei-me, isso é de Bocage.

— De Guerra Junqueiro — arriscou Luís de Camões.

— De Bocage! — insistiu o diretor, enrugando os sobrolhos.

— Tenho a certeza que são do Junqueiro, na Velhice — retorquiu o catedrático de literatura, que gostava de zelar da integridade de seus poucos conhecimentos.

Navarro inclinou a cabeça com gentileza:

— Respeito a opinião de um descendente do grande épico dos *Lusíadas*, mas não me convenço. Se Bocage disse isso é porque não pode deixar de ser verdade. Recomendo-lhes a leitura desses versos. Procurem-nos no quinto ou sexto volume...

— Ou no sétimo, opinou o Bias, com espevitamento.

— Não! não subam além do sexto! — acudiu Navarro, alarmado. — Abro apenas exceção aqui para o meu amigo, o padre Gauquério...

Houve hilaridade nas carteiras.

— Obrigado, já li — respondeu o vigário com tédio, num bocejo.

— Tornando à vaca-fria, procurem-nos por ali que os encontram. E Navarro declamou:

“O talhe de um colete, os pontos de uma luva, substituíram hoje as regras de Lombroso. Saia um homem à rua com um guarda-chuva velho. Que dirão logo: — Aquele sujeito é um sacana!”

— É mais ou menos isto, não me responsabilizo por alguma traição da memória. Ah, meus amigos, houve tempo em que eu desafiava a qualquer um... Basta que lhes diga que cheguei a saber de cor o testamento, protestante fanático... Hoje meu coração ampliou-se, e acolho a todas as religiões como bênçãos do céu. — É verdade, antes que me esqueça, reverendo, o Manequinho é protestante, não precisa, portanto, inscrevê-lo no catecismo. Mas malhe com ele de rijo no latim... O pai dele é latinista. Declinações, verbos, regência, Horácio, um pouco de Tito Lívio... — e como um maestro brandindo a batuta, a cada pausa a mão do Navarro traçava um gesto oblíquo.

Manequinho lembrou-lhe o Sebastião, outro aluno que reclamava cuidados especiais. Agora suas palavras iam com vistas ao subdiretor. Não era possível repetirem-se os escândalos do último ano. O menino, afilhado do ministro da Fazenda, conservava-se ainda bronco como viera. Faltava sistematicamente a todas as aulas, e, quando o tratavam com mais rigor, fugia para o mato e lá se ficava entre as brenhas, como uma besta-fera. Para capturá-lo, era preciso organizar-se uma verdadeira montaria. Onde estava o Meira, que não punha cobro a esse abuso? Inda bem que o Sebastião não saía nas férias, e seu eminente padrinho apenas tinha notícias suas pelas cartas dele, Navarro, e pelas boas notas (uma falsidade necessária, no caso) dos boletins mensais. Providenciasse o subdiretor sobre isso, para no fim do ano não serem forçados a trazê-lo a pau e corda para a sala dos exames. Felizmente, já passara os do primeiro ano, mas que exames! A banca, solene, ali à frente do rapaz, e ele que cosia obstinadamente a boca, sem proferir palavra, à parte alguma injúria imunda...

— E um menino assim foi aprovado? — perguntou o ex, em grande admiração.

Navarro respondeu, descarregando-lhe um olhar preñado de magnetismo:

— O Sr. Coronel Mercês, o senhor é pai? Sabe então que lira melindrosa é um coração de pai? Se lhe reprovassem um filho — vamos! diga lá! — esse golpe não iria fazer sangrar o seu coração amantíssimo? Ainda não se convenceu? Mas ponha o caso em si. O senhor na sua nobre investidura de deputado...

O coronel teve um movimento de quem ia protestar contra a comparação.

— Mas suponhamos! — prosseguiu Navarro, ordenando-lhe silêncio. — O senhor está na sua eminentíssima situação. Os jornais da oposição babam fel e pus sobre seu nome, atassalhando-lhe a honra ilibada; as preocupações públicas absorvem-no; no seu caminho, e por todos os lados, os abrolhos enristam-se para o ferir. E então, onde vai o senhor beber alento para arrostar essa dolorosa Via da Amargura de todos os dias? Não é no sacrário do lar, no carinho da esposa, no sorriso dos filhos, e — por que não o dizermos também! — daqueles que levou à pia batismal no sublime papel de padrinho? Não é nesse conchego abençoado que vai retemperar para a luta cotidiana o gume gasto de sua espada? Imagine agora, nesse lugar de amor e de paz, uma granada a estourar de súbito, na notícia da reprovação de um ente querido! Compreendeu, coronel? Agora já concorda? Há certas aprovações que são meritórias obras de caridade. Deus nos livre de, por uma veleidade estulta, fazermos perder a rota a quem tem, nas suas mãos, o leme de nosso governo. O próprio Deus, que é infinitamente justo, é também infinitamente bom!

A este ponto, Navarro, num gesto patético de invocação ao céu, ergueu a fronte extática e as mãos eloquentes para a manga de gás que lhe ficava sobre a cabeça; incontinente, porém, e sem modificar a atitude, mudou de tom para observar ao subdiretor:

— Ó Meira, por que não mandou limpar este vidro?! Está indecente, com titicas de moscas!



— Foi esquecimento do Baiano — respondeu o Meira. — Falei com ele sobre isso.

— E se outra vez se esquecer, multe-o! — disse o diretor voltando à postura natural.

Daí Navarro passou ao objetivo principal da reunião. Recomendou aos professores que iniciassem ativamente o ensino, pois daí a dois meses viriam os exames da segunda época. Estendeu-se sobre disciplina — já sabiam — nada que descontentasse o aluno. O Meira os iniciaria no método da “paternidade”, o mais eficaz. Ao Dr. Peregrino, recomendou que, em história natural, exercitasse os alunos de preferência no estudo do corpo humano. Nomes dos ossos, colocação das vísceras principais — rins, fígado, estômago, coração; umas tinturas de medicina caseira não seria mau, embora em detrimento da mineralogia e da geologia; ao Camões, pedia bem decoradas as definições do João Ribeiro, de modo que de pronto o aluno pudesse responder a qualquer pergunta (batuta do maestro), “Que é artigo? adjetivo? eclipse? zeugma? cacófato? pleonasma?”, e, bem assim, meticulosa correção das cartas para os pais, dando-lhes redação elegante, e exigindo letra ótima. O coronel Mercês já sabia: as quatro operações, sistema métrico, juro; ao padre Gauquério: os mandamentos, os mistérios, pecados mortais, declinações, gêneros, conjugação, regência, ablativo absoluto; ao Mendonça: ar atmosférico, água, oxigênio e experiências vistosas, abstendo-se o mais possível do tornassol, que já estava muito visto; ao Penedo, boas maneiras aos alunos, modo elegante de sentar, tirar o chapéu, comer, andar; ao Bias, cartas em francês, conversação, saudações; ao Cândido, noções sobre cometas, principalmente o de Halley, que estava na atualidade, os rios maiores do mundo, etc. E, como estas, fez recomendações aos demais docentes. Concluiu insistindo com o Meira para mandar limpar as moscarias.

— Isto não tem propósito! — reforçou ele. — Os pais a chegam, e se um deles dá com uma imundície destas, que não irá dizer da nossa limpeza, ou antes, da nossa porcaria?

Indignou-se por mais algum tempo sobre este ponto, e depois ficou refletindo, para ver se nada havia omitido.

— Sinto que tenha ainda qualquer coisa para dizer-lhes...  
 — murmurou cogitativamente. — Ah, é sobre o fiscal. Pelos meados do ano, ou talvez antes, deve chegar de visita à Escola Normal. É um tal Cobra, mal-encarado de retrato, e dizem que muito exigente. Desejo não só agradar-lhe, como deslumbrá-lo; mas, homens como esses, estão sempre prevenidos para achar tudo péssimo, portanto...

Bias, cujos olhinhos acesos simularam um grande pavor, insinuou uma de suas perguntinhas engraçadas:

— Esse Cobra então é muito bravo?

O diretor prorrompeu, encolerizado:

— Ó Sr. Bias, quem falou em bravo? Que nos importa que seja, ou não? Pensará que estou com medo? O senhor parece bobo!

Mal-assombrado, Navarro tomou bruscamente o chapéu, e, sem despedir-se, desgalgou do estrado, encaminhando-se para o corredor. Da porta voltou-se, como para dizer alguma mais pesada: mas, como garras retráteis que se encolhem, já as feições do Bias assumiam uma humildade rastejante. De relance, o Navarro viu-o tão acachapado, que se limitou a dizer jovialmente ao professorado:

— Está encerrado o despacho presidencial, meus senhores. Salud!

Apenas se afastou dispuseram-se os “magísteres” a partir. Bias começou então a dar pulinhos pela sala, indo de um para outro. No momento em que o Lago ia a sair com toda a sua importância de catedrático, Bias agarrou-lhe no rabo do fraque, convidando:

— Vamos dançar um maxixe, colega!

O Lago, pouco amante de intimidades, repeliu-o, furioso:

— Mais amor e “menas” confiança, siô traste.

## CAPÍTULO VI

Os exames de segunda época correram suaves e benfazejos como bênçãos do céu. Turmas de candidatos à madureza acorreram de todos os pontos cardeais e fizeram ato sem desastres nem contrariedades. Estavam tão azeitadas as engrenagens do “Fiat Lux”, que o examinando passava docemente entre elas, e saía intacto e com certificado de habilitação em todas as matérias. Nem uma reprovação. Na primeira época, em novembro, ainda se admitia que um ou outro aluno fosse “cortado”, com a condição, porém, de perder uma única matéria, para curar-se o aleijão na segunda época, o que o regulamento, nessa hipótese, consentia.

Alguns dias depois de findos, pelas dez horas, um grupo de professores aguardava, no trecho da rua comprimido entre o prédio principal do ginásio e o do antigo teatro, o toque da sineta para a entrada das aulas. Faziam roda à figura gigantesca do Navarro que lhes dirigia suas habituais recomendações para o bom andamento do ensino. Quem os lobrigasse de longe, ao ver os grandes gestos do diretor, e ao lhe ouvir o troar da voz, no meio daquele círculo de homens cabisbaixos, e em cujo dorso a humildade acentuava corcovas, suporia o diretor no paroxismo da cólera, se não reconhecesse a santa exaltação que o transfigurava, ao tratar de matéria concernente à sua superior missão de educar.

Os professores chegavam sempre com antecipação. Um quarto de hora antes do sinal para as aulas, já estavam agrupados, à porta do ginásio, rindo-se cada um interiormente da pressa dos outros.

É que o Navarro, desde o princípio do ano, se mostrava excepcionalmente enérgico, e por um retardamento de dez minutos descontava o dia. A vigência dessa penalidade era fora de dúvida porque, com exclusão do Bias, todos já haviam tido dolorosa experiência pessoal. O pior é que a vítima só era avisada do desconto no dia imediato, do que resultava dar gratuitamente, sem o saber, as restantes aulas do dia condenado. A inflexibilidade da regra provava-se por um fato recente: Luís de Camões acabava de perder seu irmão, Victor Hugo, um rapazola palerma que se resolvera a morrer, talvez por palermice, talvez pela indigestão de bananas que diagnosticara o médico. No dia da morte, e no do enterro, o poeta não comparecera ao trabalho, e teve desconto de dois dias de vencimento. Por sinal que, embocando a tuba avoenga, Camões azorragara o Navarro em objurgatórias rimadas, que circularam em secreto entre os professores.

Até aquela data era o Bias o único imune. Sua pontualidade chegava ao exagero; uma hora quase, antes do sinal, já o viam no espaço intermédio aos dois prédios do “Fiat”, passeando filosoficamente para cá e para lá. Nesses momentos solitários de espera, muita gente achava graça em seu cacoete de enfiar a mão no bolso da calça, dali levando-a à boca, de instante a instante, com um gesto maldisfarçado de quem cofia o bigode.

O Navarro louvava-o pela pontualidade, ao passo que os demais se remordiam de inveja:

— Façam como o Bias, imitem-lhe a dedicação ao trabalho! porque precisamos rasgar o tumor maligno da ignorância com o bisturi dos nossos esforços, para semear na ferida as sementes da instrução. O Bias é um belíssimo exemplo de apóstolo da luz.

Mas a causa suspeitada da pontualidade do elogiado eram as tempestades domésticas que o esperavam no lar, à hora do almoço. D. Oleogarípia, sua esposa, levantava-se tarde, e de humor endiabrado. Ao ver entrar o marido, já ia avançando com as mãos grifenhadas para os seus bigodes cor de milho, ou, se não havia pretextos recentes, serviam os atrasados e prescritos. Ao desencadear da tempestade,

o marido esquivava-se à sanha da metade, fugindo precipitadamente de casa, não sem antes dar jeito de atafulhar na algibeira da calça um pão comprido. E ia roê-lo às esconsas, à porta do ginásio, fazendo tempo para a aula.

Mas a sineta badalou as quatro pancadas regulamentares. Navarro, sacrificando a última frase, enxotou os subalternos:

— Para os postos, para os postos!

O grupo bipartiu-se indo a maior parte dos docentes para o exteatro. O prédio fronteiro vomitou longa fita de alunos, a dois de fundo, que levou um minuto atravessando a rua.

No corredor, os professores ladearam, dando-lhes passagem, resolvidos a conservar-se ali um instante ainda, a saborear um último cigarro, fumado às pressas, o qual, nesse momento, com sacrifício do tempo das aulas, tinha o sabor especialíssimo dos frutos proibidos. Esse furtozinho era lícito, porque o Bias, o mais esforçado dos lentes, apontado como espelho, não se forrava à mesma fraude. Estavam ali o Cândido, o ex, o Mendonça, o Penedo, o Bias, e mais um homúnculo rotundo, nariz empelotado, maxila quadrada e rosto de um colorido avinhado; era o Cavaliere Ercole Cavagnari, doutor em ciências pela Universidade de Milão, poliglota emérito, uma das aves raras do colégio, que acumulava as cátedras de grego, alemão e inglês. Como muitos homens de grandes conhecimentos, era incurioso da casca externa; e sua profunda ciência revelava-se no seboso do terno de sobrecasaca (único que lhe conheciam desde que aproara ali), no encardido dos miúdos dentes em serrilha, e na sem-cerimônia com que arrotava os gases se suas digestões laboriosas ao focinho do mais grado interlocutor. Homem de poucas palavras, falava quase sempre em monossílabos, suprindo com a propriedade da mímica a deficiência da dicção; e sua linguagem mista lembrava o esperanto, com predominância do italiano. Apesar de conhecer de raiz todas as línguas vivas e mortas e com especialidade os dialetos da Baixa Itália, a sorte lhe fora tão esquerda na cara pátria, que tivera de emigrar numa terceira classe, de tafulho com colonos que se destinavam

aos Estados Unidos. Ali permaneceu onze meses, mas o Navarro, porventura tendo ouvido mal, apregoava que foram onze anos.

— Não foram onze anos e sim onze meses — corrigiu uma vez o Dr. Ponciano, quando a sua incompatibilidade de gênio com o Navarro ainda não os havia levado ao extremo de cortar relações.

— Onze anos — confirmou o diretor fechando a cara para convencer com a força moral.

— Onze meses — turrou Ponciano. — Chame o Cavagnari e pergunte.

Navarro enfuriou-se, afinal:

— Dr. Ponciano, o senhor é pirrônico! Pois mesmo que o fosse, para um espírito esclarecido como o doutor Cavagnari, onze meses não equivalem a onze anos? a onze séculos?

O Dr. Ponciano respondeu com uma gargalhada franca, desencadeada, que depois pagou com o desconto do dia.

Foi por discussõezinhas tais que ele abandonou o colégio, ocupando-lhe a vaga o Dr. Peregrino.

Fossem onze anos ou onze meses, o certo é que para o Dr. Ercole Cavagnari a língua inglesa não guardava segredos. E era de ver o denodo com que em hora de lição se batia com os alunos para transmitir-lhes seus grandes conhecimentos; e necessitava toda a energia, porque muitos habitualmente cochilavam na aula, ao passo que a maior parte ria do professor, quando este se esbofava para explicar:

— *Zi daime* — il tempo; — *zi dógo* — il cane!

Depois de esgotar muito tempo nesta luta ingrata, o doutor acabava por se rir como os escarninhos, e depois por cochilar, como os demais; e durante a pesada sonolência do vinho, que o fazia derrubar a cabeça sobre o ombro, vinham-lhe sobressaltos de sono alegre; abria um olhinho escasso, e com um riso parvo, declamava, arredondando a boca em ó:

— *Zi dógo* — il cane! — Dio cane!

E ria-se mais, recaindo em seguida na soneca. Só no fim da hora era despertado bruscamente pelo toque da sineta.

Malgrado estes senões, o Navarro tolerava-o, não só pelo seu vasto cabedal de conhecimentos, como porque, à força de propaganda,

muitos italianos punham os “bambinos” no “Fiat Lux”, só para que fossem lecionados por tão alta notabilidade patricia.

No corredor os docentes fumavam, conversando, ou melhor, trocando ideias, conforme a gíria introduzida pelo Penedo.

— Então o Peregrino te escreveu? — dizia o ex, dirigindo-se ao professor de salamaleques.

— Recebi carta hoje. Comunica-me que em poucos dias comecem as provas do concurso de obstetrícia. Recomenda-me em termos calorosos que acompanhe o andamento dos trabalhos no *Jornal do Comércio*. Está certo da vitória...

— Dizem que o Navarro se opôs muito ao concurso, com receio de algum fiasco — observou Cândido, erguendo para Penedo os olhos infantis. — O Peregrino bufou!

— Fiasco! — admirou-se Penedo com irônica seriedade. — Haverá quem duvide de que na envergadura ronqueira do Dr. Peregrino, e atrás da competência dos seus nasóculos pretos, não haja a sapiência dum Fajardo, dum Francisco de Castro!

— Pois estou louco para que volte, disse o ex, porque tenho piorado muito nesta vila. O clima é péssimo.

— Fale baixinho! — segredou o Bias officiosamente. Se o Navarro ouvisse...

— É péssimo! — repetiu o coronel Mercês. — Pois não vê que aqui estamos como num vale, montanhas de uma banda, e montanhas de outra? O ar que passa no meio forçosamente há de ser encanado!

O farmacêutico Mendonça, de rosto terroso e inexpressivo, tinha as ideias tardas e a dicção dificultosa; a esse ponto tomou a palavra, que lhe saiu quase fácil:

— O Dr. Peregrino acabará com o senhor, coronel Mercês; seus doentes pioram sempre. Formou-se o ano atrasado, ainda não tem prática nenhuma.

— Isso de doente piorar é sorte, Sr. Mendonça, porque na Academia os médicos estudam seis anos e ficam conhecendo todas as doenças. Mas, enquanto o Peregrino não vem, aqui o Dr. Cavagnari

há de receitar-me alguma coisa... Se prefiro o Peregrino não é por desfazer no senhor, doutor; e sim porque já comecei a tratar-me com ele. Depois das aulas posso procurá-lo?

— Non sono clínico! — rebateu o Dr. Cavagnari, como ofendido.

— Ah... Pois eu pensava. É advogado?

— Avvocato!?! — bradou o doutor, com indignação.

— É então engenheiro? farmacêutico? dentista?

— Ma! ma! — articulou o Dr. Cavagnari, a quem a fúria tirava as palavras.

— Mas então é doutor em quê? — indagou o ex, estupefato. Furibundo, o doutor levou os dedos apinhados ao nariz do ex, berrando:

— Dottore in scienze... per l'Università di Milano!!!...

— Mas em que ciências — redarguiu o ex com impaciência. — Físicas? Matemáticas? Sociais?

O doutor ficou fora de si. Pôs-se na ponta dos pés para ficar nariz contra nariz com o ex; e repetiu com fúria, a mostrar a serrilha dos dentinhos encardidos, espirrando-lhe perdigotos na cara:

— En scienze... En scieeenzze...

O ex recuou, dando-se por satisfeito. Atrás dele o Bias encostava o nariz nos joelhos, torcendo-se de riso.

— Que mamute intratável! — murmurou o coronel Mercês, dando-lhe as costas.

Nesse momento a grande algazarra dos alunos soltos nas aulas abafou todas as palestras do corredor. Alguns lentes entraram nos compartimentos respectivos a pedir silêncio. Houve um arrefecimento na fervura. Os docentes então volveram ao lugar primitivo.

À ilharga do ex, Mendonça, que não o havia abandonado, retomou o seu assunto. Sua voz era frouxa, e as ideias vinham-lhe habitualmente tardas, a fórceps. Muitas vezes começava uma frase na intermitente oclusão cerebral. Nesse dia os professores admiraram-se de ver como suas frases moles se iam emendando umas nas outras, formando uma coisa lânguida e sem fim, que lembrava o lento desnovelar-se de uma meada bamba. Esse milagre só lhe sucedia quando o punham ciúmes de ofício.



— O Dr. Peregrino — dizia — é presumido e ganancioso. Não tem escrúpulo de matar os doentes; pelo contrário, aproveita-se dos insucessos para cobrar mais. Não ouviram contar a história da mulher do Pereira? O Sr. Navarro não gosta que se fale nisto, mas a verdade deve saber-se.

Embora consternados ante essa obstrução de seu precioso tempo furtado, os professores viram-se forçados a escutá-la. A senhora do Pereira tinha sempre os partos difíceis, porém sem acidentes. Questão de esperar um pouco e espremer muito, e o filho ia nascendo normalmente. Chamaram o Dr. Peregrino para o último. Apenas este viu a doente começou a falar *a priori*, sobre incapacidade da bacia, necessidade de operação cesariana. Quando o marido soube que se tratava de abrir o ventre, opôs-se tenazmente. Então Peregrino mostrou-se ofendido e quis retirar-se, predizendo morte infalível. Ouvindo-o, a mulher rompeu em gritos de horror, pedindo a operação. O marido, por sua vez, perdeu também a calma e concordou. E a operação fez-se... A criança foi retirada morta, porque desastadamente o médico ferira-a em lugar mortal; e uma hora depois também a mãe expirava... O Peregrino apresentou ao espólio crédito de cinco contos. Por aí coronel julgasse...

O ex mostrava certa incredulidade.

— Não sei... — disse ao Mendonça. — Sou levado a não fazer mau juízo dele por isso. A medicina é coisa tão difícil, que nós não podemos emitir opinião sobre fatos como esse.

O “Nós” ofendeu o Mendonça, que tinha em muita conta sua competência na matéria. E disfarçadamente foi-se escoando para o seu salão de aulas, onde começou a chamada com a sua voz vacilante.

Entretanto, abordado pelo Penedo, o Dr. Cavagnari afirmava-lhe, com toda a convicção, que “il greco é una língua morta”. E, como o Penedo lhe falasse sobre Homero, patrioticamente desconversou:

— Il Dante é più grande da Homero! Il Dante é un gênio! Il signore Navarro conosce il Dante. Domandate a lei...

E era a pura verdade. Cada vez que o diretor se achava de veia, dizia ao Cavagnari, aplicando-lhe rijo pastelão no cachaço:

— E o Dante, hem, doutor? “Nel mezzo del camin di nostra vita... Lasciate ogni speranza, voi ch’entrate!”

— Il Navarro conosce il Dante! — repetiu o doutor com veemência.

— Mas fale-me sobre Homero... — insistiu Penedo — o senhor ensina o grego, conhece-o, portanto, no original...

— Il greco é una língua morta! — repetiu o doutor com um momo de desdém.

O Bias, que novamente se estorcia de riso por trás do Cavagnari, ainda não acendera o cigarro, o que era indício de que podiam tranquilamente conversar. O ex então comentou, dirigindo-se ao docente modelo:

— Estes furtozinhos às aulas são de muita justiça, não acha, Sr. Bias? O senhor, que é exemplar, também não os dispensa. Mas aproveito a ocasião para perguntar-lhe uma coisa: por que razão as horas aqui são tão compridas?

— Não acho — disse o Bias compondo a cara com seriedade.

— É incrível! Tenho um relógio que é um cronômetro. Quando bate a sineta, ponho-o nas dez em ponto; mas ao toque das onze, ele marca onze e um quarto! Todo dia adianta hora e meia. E o mais admirável é que no dia imediato confere matematicamente com o toque das dez!

— Seu relógio é maluco — observou o Bias, reprimindo o riso.

— Não pode ser outra coisa...

E o coronel quedou-se cismativo, imerso em vaga desconfiança.

A esse ponto, um aluno tossiu significativamente na aula de francês. Bias, em sobressalto, aplicou o ouvido finíssimo ao que quer que fosse lá fora.

— É o Dadico! — disse consigo.

E ao tempo em que o ex se voltava para os colegas, repetindo acaloradamente o caso do relógio, Bias escafedeu-se de sorrate para seu compartimento. No mesmo instante ouvia-se sua voz, de uma bela potência, “voz de aula”, consoante ele dizia, a começar a chamada pelo fim:

— 39...

— Presente!

— 40... 41... 42... disse “presente”?

Levípede e sorridente, o secretário entrou no corredor. Chamava-se Damião, mas tratavam-no por Dadico, alcunha “de querer bem” que o Navarro lhe pusera. Todos (com exceção do Lago, por motivos particulares) o estimavam pelo seu gênio de tico-tico feliz; por isso, acercando-se dos professores, acolheram-no prazenteiros, já preparando antecipadamente a palavra que deixariam cair como saudação. Todavia dessa vez o secretário tinha pressa.

— Penedo — disse —, o Navarro quer ver a carta do Peregrino. Dê-ma, se não tem segredos.

— 45! — berrou o Bias do outro lado do tabique. — Bem! Agora a lição. “Monsieur Weber, voulez-vous des haricots?”

— “Oui, monsieur” — respondeu uma vozinha tibia.

— Obrigado, Penedo. Que letra danada a do tal Sr. Dr. Peregrino! Bem mostra que é médico. “Au revoir.”

Bias ouviu o tropel regressivo do Dadico amortecer logo na rua. Só então tomou fôlego. Uf! De que escapara! E seus colegas, que não desconfiavam da espionagem do secretário... Decreto porque a figura deste não era para incutir receios. Pequenino, saltitante, menino... Bias conhecia-o a fundo. Perto do Navarro tinha modos de cãozinho alegre que abana o rabo, a língua pronta para lambar, e o lombo tolerante aos pontapés do dono. Era rapaz vivíssimo, todo movimento e electricidade. De gênio insinuante e confiado, ia tratando a todos por “você”, à primeira vista. Gabava-se de conviver mão por mão com o Navarro. Perto de testemunhas, achava pretexto para dizer ao diretor injúrias amistosas:

— Você, Navarro, é um refinado tratante! Este Navarro é um cão!

O diretor ouvia-o complacente, quase terno. Estimava sinceramente o secretário pelo esforço que este punha em agradecer-lhe. Tivesse qualquer motivo de prazer, o Dadico era o primeiro a levar-lhe parabéns; estivesse adoentado, o Dadico inquietava-se, queria chamar o Peregrino; perto dos pais, o secretário fazia

humildemente ao diretor consultas sobre matérias que lhe eram familiares, proporcionando-lhe ansa de largos e retóricos desenvolvimentos. Navarro gostava dessa reptante sujeição, e apenas de longe em longe murmurava para si, com um toque de melancolia desbotando-lhe o sorriso: “Candongueiro!”. Mas era tão doce ser enganado por aquele tico-tico interesseiro, que o diretor se abandonava às suas carícias, fazendo-lhe até, por várias vezes, grandes favores pecuniários.

— Concedo o que você me pede — dizia nessas ocasiões —, mas não vá pensar que me deitou poeira nos olhos. Sei que não passa de um grandessíssimo bajulador.

Dadico retorquia emproando-se com fingidas indignações. Navarro escutava-o atento, e no fim batia-lhe no ombro:

— Você é de uma lábia prodigiosa; mas eu ainda sou mais fino, porque percebo seus manejos.

Enquanto fazia esta evocação, Bias repousava sua voz de aula, que lhe fazia mal aos pulmões. Do corredor vinha-lhe o vozear dos inadvertidos docentes que prolongavam o precioso furto de tempo. A espaços as orelhas do Bias, essencialmente móveis, se aprumavam, tentando ouvir ao longe. Súbito, outra tosse de aluno. O professor estremeceu, e compôs-se no estrado, recomeçando:

— “Mr. Dàrio, aimez-vous les oranges”?

— “Oui, monsieur” — respondeu uma voz de falsete.

— “Mr. Weber” — tornou o Bias — “dites-moi une chose...”.

Estrondaram no corredor as passadas duras do Navarro, e o seu vozeirão estrugiu, repassado de cólera:

— Meus senhores, que escândalo! que escândalo!!!...

Bias, cujos olhinhos vivíssimos e irrequietos tinham a singularidade de quando o queria, olhar simultaneamente para todos os lados, entreviu-lhe no corredor a atitude magistral. Navarro parara e encruzara os braços, como o Napoleão do poeta, encarando com os docentes apanhados em ridículo flagrante de debandada inspirada por um tardio instinto de conservação. Os lentes detiveram-se, perturbadíssimos. Durante a pesada pausa que se seguiu, e que era

como um ribombar silencioso, só se ouvia o Bias a cerrar em perguntas em francês, que os alunos estribilhavam intercadamente com vozes aflautadas. Aos fundos um discípulo do Mendonça recitava, monótono, a lição de química. Colhido em falta, os professores remissos aguardavam, de cerviz curvada, a trovoada. Mas da apóstrofe o diretor passou ao patético. Depois de um tempo interminável destrançou lento e majestoso os braços, e com um sorriso amargo declamou, indicando aquelas aulas:

— Ouvi, senhores, ouvi... (Navarro esbanjava o “vós” nos momentos solenes.) São professores que se esforçam... Como é edificante! São mãos generosas a atirar aos sulcos sementes às mãos-cheias, para a frutificação da seara de amanhã!

Imobilizou-se na postura de vidente inspirado que devassa o futuro, o olhar para o além, e a mão prestes a ceifar as espigas sagradas. Imobilizou-se assim muito tempo, porque na realidade o diretor estava de serviço até o pescoço e procurava meio de resolver em duas palavras o incidente. Por isso, quebrou subitamente a atitude sublime, limitando-se banalissimamente a puxar o relógio:

— Dez horas e doze minutos... Passem bem.

Sem mais, deu as costas ao grupo, desandando. Era o clássico desconto, não tinha dúvida.

— Sr. Navarro! — chamou Cândido, em voz chorosa.

Volvendo-se da porta, o invocado atendeu-o com uma palidez excessiva:

— Que é, Sr. Cândido? Que deseja de mim?

Cândido, fazendo caramunha, suplicou-lhe que não lhe descontasse o dia. Ele recuperaria de qualquer modo o tempo perdido, prolongando, por exemplo, a última aula. Gaguejava ao falar, porque, visceralmente forreta, a perspectiva de desconto consternava-o até às lágrimas.

— É só? — perguntou Navarro em seguida, como estranhando ser incomodado por tão pouco.

Vendo o diretor inflexível, e fazendo nova menção de retirar-se, Cândido sentiu ferver-lhe no íntimo certo briozinho de colegial

que lhe repassava o fundo do caráter. Gostando de imitar os companheiros, por sua vez tinha-lhes inveja se ficavam com a melhor. E com um rompante de soldadinho de chumbo, exclamou:

— O senhor há pouco estava elogiando o Bias; no entanto ele esteve conosco até o Dadico chegar.

Navarro teve o sorriso superior de quem está bem informado. Tomou o Cândido pelos ombros quadrados e rebocou-o à aula de francês. Com a mão fez ao Bias sinal para que desse tréguas ao seu berreiro. O professor levantou-se, e cedeu a cadeira ao Navarro que lha reclamava. O diretor sentou-se, e, apontando o dedo a um mocinho, ordenou:

— Levante-se!

Quando o rapaz obedeceu, os docentes, que se apinhavam à porta, olharam o Bias com uma espécie de dó repassado do prazer maligno de vê-lo diminuir de prestígio. Cândido atirava a espaços aos colegas o olhar triunfante de quem salvou a pátria. Todos compreenderam que iam ter ali a habitual devassa, instituição temível em que os alunos eram inqueridos sobre as faltas dos professores. E admiraram-se de ver a grande serenidade do Bias.

De fato, o professor de francês nem pestanejava; tinha, aliás, a consciência tranquila: confiava plenamente nos alunos, que lhe pagavam em cumplicidade as boas notas das lições.

— Diga-me uma coisa — começou Navarro. — O Sr. Bias esteve conversando no corredor, depois da chegada dos alunos?

— Não, senhor, respondeu o mocinho.

— Pode sentar-se. Agora o senhor... Outro... Acolá, você... O seu companheiro...

Os alunos levantavam-se sucessivamente, reforçando todos a resposta do primeiro. Foram cargas cerradas. Apenas um vadio da classe, que na véspera ganhara nota baixa, hesitou um momento. Bias mandou-lhe uma promessa numa piscadela, e ele depôs como os demais. O professor caluniado nobilitava-se brilhantemente; mas em vez de com o triunfo mostrar altanaria ou procurar despicar-se, tomara o porte do merecimento modesto.

Ao final da devassa, Navarro encarou o intrigante com sobranceira esmagadora. Cândido não o pôde suportar:

— É tudo falso, Sr. Navarro! Estão de combinação... Pergunte ao Dadico e verá.

O diretor fez aceno a um menino:

— Vá chamar o Dadico, providenciou calmamente.

Segundos depois chegava o secretário. Interrogado, declarou que estivera no corredor às dez e pouco e que nesse momento o Bias terminara a chamada e começava a lição.

Então Navarro, sem dizer mais palavra, levantou-se ruidosamente da cadeira e saiu com as feições de quem ficou enjoado de tanta baixa moral. Nem respondeu aos vagidos de desespero com que o Cândido procurava retê-lo.

Os professores multados quedaram-se interditos no corredor. Penedo propôs o alvitre de ir cada um para sua casa. A proposta foi acolhida friamente: era muito arriscado. Num momento em que o Bias os espiava maliciosamente através da porta, Penedo disse-lhe com ironia:

— Admirável, Bias! Você é extraordinário! Há de ensinar-me um dia seu truque...

Depois o grupo ficou ainda resmoninhando frases surdas, sobressaindo a voz do Dr. Cavagnari, que, engasgado de indignação e apinhando os dedos, exclamava: “Ma!... Ecco!...” Em seguida todos divergiram melancolicamente para os respectivos salões, única solução que achavam: as chamadas. A voz de aula do Bias foi logo abafada pelos berros exasperados que passavam por cima dos baixos biombos; as vozes dos lentes formavam uma balbúrdia ensurdecedora a que o Navarro chamava “Hino do trabalho”.

Bias em pouco, preferiu repousar sua voz. Ficou à escuta. Seu corpo magricela sacudia-se em frouxos de riso, ouvindo do outro lado o Cavagnari repisar, furibundo: “Zi dógo, il cane! cane! cane!”. Uma espécie de alteração na aula do Cândido deu-lhe curiosidade de ir ver. Desenvencilhando-se de alguns pirralhos que se amontoavam no seu estrado para reclamar contra notas anteriores, saiu pé ante pé

ao corredor, recomendando previamente aos alunos que ficassem quietos. Aí acendeu o cigarro ainda virgem, chupando-lhe as fumaças com regalo. A porta mais próxima era a do italiano. Bias divisou-lhe o abdome esferoidal, e a gesticulação enérgica contra a indisciplina e a desatenção. A sala seguinte era a do Cândido. Espreitando de fora, viu ali dois alunos de joelhos e três de pé.

— O Cândido está hoje rigoroso — monologou.

Nesse momento ele gritava a outro aluno:

— Fique de joelhos, Sr. Martinho... Não ouviu?

— Ouvi, sim, senhor — respondeu uma voz cantada.

Cândido bufou:

— Você não tem vergonha, menino?

— Não tenho, não, senhor — cantou a mesma voz.

Fora de si, o professor levantou-se, para castigar o cínico. Precipitou-se sobre ele, que lhe escorregou das mãos como uma gota de azogue. Então atirou-se em sua perseguição, entre a hilaridade da classe. “Pega! pega!” — gritavam-lhe alguns, pelas costas. Mas o Martinho escapulia-se como um camundongo por entre os colegas, que lhe facilitavam a passagem. E certo momento em que o magister procurava desentaliscar-se de entre duas carteiras, Martinho sentou-se à sua mesinha, fingindo-se de professor, a garatujar, o livro da chamada. Cândido, quase a chorar de raiva, saiu para invocar a autoridade do Meira. No caminho o Bias abraçou-o pelas costas, perguntando em ar de remoque:

— Aonde vai com essa pressa, colega?

Surpreso de vê-lo ali, Cândido esqueceu o Martinho, e disse, despeitado:

— Você bem fresco aqui, e ganhando o dia, e eu a lutar de graça com os meninos! Vou fazer como você, quero ver o que o Navarro pode dizer-me!

E Cândido pôs as mãos nos bolsos, assumindo um ar isento.

— Bem feito o seu desconto, para não ser intrigante — disse-lhe o Bias.

— Intrigante é você! — replicou o Cândido ofendido, só sabendo, até para injuriar, repetir as palavras alheias.



Bias sorriu-se do abespinhamento do colega e, mudando de assunto, perguntou:

— Quando o Navarro saiu, que é que vocês ficaram resmungando no corredor?

— Estávamos resolvendo o que devíamos fazer. O ex (Cândido pronunciava “eks”, com a ênfase do Penedo) propunha um voto de protesto contra a arbitrariedade. Outros queriam que fôssemos para casa; mas, por fim, conformamo-nos. Você só que é feliz, Bias... Comecei hoje a compreender suas manhas: aquelas tossinhas de alunos... aquelas mentiras... Vocês têm combinação! Foi o Penedo quem deu com a coisa.

Bias ouvia-o como absorto. Em seguida, sugeriu:

— Vocês são uns bobos. Todos deviam unir-se e exigir do Navarro que cancelasse o ponto. Podia-se até fazer greve para mudar muita coisa: diminuir as horas de trabalhos... aumentar o ordenado... Você, que é inteligente, de certo já pensou nisso...

— Creio que pensei... Tive mesmo essa ideia.

— Imagine, por exemplo no fim do ano, nas vésperas dos exames. Os professores, todos unidos, vão ao Navarro: “Sr. Navarro, queremos isto assim; ou nos concede tudo, ou não examinaremos ninguém!”. Hem? Que responder a isto? E o chefe pode ser você: não só porque teve a honra de conceber a ideia, como por causa desses seus modos insinuantes... enérgicos...

Os olhinhos do Bias fuzilavam.

— Eu tenho esses modos... enérgicos? — interrogou Cândido, lisonjeado.

— Se tem! Enérgicos e insinuantes... Depois das aulas toque no assunto com os lentos... Toque de leve e não diga que conversamos a respeito. Talvez seja melhor eu ficar por fora, por causa de certa prevenção dos colegas contra mim... E, em regra, aquilo em que me meto não vai adiante. Mas vamos lecionar um pouco; pelo meu relógio são dez e meia... Grita bastante do seu lado, que eu farei o mesmo do meu, para vermos a fúria do Cavagnari...

E o professor de francês imitou, comicamente:

— *Zi dógo! Eccol!* — Até já, Cândido.

— Até já.

Cândido encaminhou-se para a sua sala. Bias seguiu-o um pedaço, de mansinho, para pregar-lhe um rabo de papel. Depois voltou aos pulinhos alegres, reencetando na aula com Mr. Weber um interessante diálogo interrompido:

— “Mr. Weber, voulez-vous des petits-pois?”

— “Oui, monsieur!”

## CAPÍTULO VII

A vida do velho João corria mansa e melancólica em casa do padre Gauquério. Estava ali como em família. A Maria Gansa estimava-o, a miuçalha adorava-o e o próprio reverendo, de gênio violento e lunático, não o tratava mal. Era até provável que não tivesse dado pela sua presença ali, absorvido por qualquer de suas habituais ideias fixas. João receava-se um tanto dele, embora sem motivo. Durante o dia, o velho, assediado pela pintalhada do padre, fazia-lhe brinquedos a canivete, ou lecionava primeiras letras aos mais velhos; à hora do sino arrastava-se até à igreja, e trepava arquejando as escadarias rangedoras da torre. Conhecia os dobres, mas a mudança de sineiro foi estranhada nas Três Barras. Notaram a nostalgia dos seus toques, ainda os mais repicados. E nesses momentos não faltava quem murmurasse:

— Dobre a finados... Quem morreria?

— Como tem morrido gente estes dias! — admirava-se outro.

Depois que se elucidou o caso, acharam graça; e muitos, chufecendo João, perguntavam-lhe se aquilo não era um modo ardiloso de remeter os seus suspiros saudosos à velhota distante.

Ao entardecer, quando ia tocar às ave-marias, João aprazia-se em demorar-se no alto da torre. Ia sentar-se num rolo de cordoalhas que ali estava, há cem anos, a um canto, esfazendo-se de podre. Com aquele cabo de quase um palmo de diâmetro, fora guindado o sino grande, na terminação das obras da igreja, e nunca tivera outra serventia. Nas largas janelas o último vasquejar da tarde enquadrava-se

em retângulos purpúreos. Aves noturnas, preparando-se para a saída, mexiam-se nos desvãos do telhado, atirando ao chão caliça e poeira. Do velho madeirame carunchoso, das paredes escalavradas, das vigas lascadas de raio, desprendia-se um olor de mofo centenário, que era como a alma daquela velhice, alma cheia de evocações de eras antiquíssimas. O velho João cismava, vendo os retângulos sanguíneos distinguirem-se em tonalidades crepusculares. Caía a noite... E solene, pesado, suspenso sobre o abismo, o sino grande era um borrão negro, com o perfil duro recortando-se no último livor da tardinha. E o velho João cismava... Súbito um grande ruído. Algo gigantesco espanejara-lhe a cabeça, atirando-se no vácuo. Era uma coruja. E, com o coração ainda arfando do susto, João ouvia-lhe fora o guincho estridente, já longe, perdido na escuridão exterior, ao passo que o sino grande, roçado de passagem pela asa potente, emitia um surdo ronco brônzeo.

Sua soledade melancólica na torre alegrava-se amiúde com as visitas do Dariozinho. Iludindo a vigilância do “Fiat Lux”, o pequeno travesso irrompia a toda hora pela igreja, desde a invenção da caçada aos quirópteros. Ainda no patamar inferior lançava para o alto o seu grito de guerra: “Esperem aí, morcegos!”. E seus passinhos rápidos subiam velocíssimos a escada em caracol. Chegava em cima arquejando, suando, armado de uma lasca de bambu aguçada; e, belicoso como um guerreiro, começava o assalto. Às vezes sua efervescência amortecia, percebendo lágrimas nos olhos do velho; apiedava-se perguntando-lhe pela Flávia, e buscava alegrá-lo com sua tagarelice de passarinho solto. De chofre vinha-lhe a fervura da luta, e, impetuoso, chuçava os esconderijos dos morcegos, soltando gritinhos de emoção quando algum, atordoado, levantava o voo. Seus trinados alegres esbatiam uma réstia de sol na alma entenebrecida do velho. E, durante as correrias do menino, seguia-o como lho permitiam as pernas perras, para evitar a tempo alguma travessura perigosa.

À noite João repousava na meia-água do tio Roque, onde fora posta mais uma enxerga. Dormia mal, passando o mais do tempo a banzar na sua vida. Embalavam-lhe a vigília os roncões do

companheiro de quarto, que assumiam variantes entre o grunhido e o rugido. Invejava-lhe mesmo o sono, malgrado seus pesadelos noturnos, pois tio Roque era sonâmbulo, e a espaços resmoneava em toada de ladainha trechos de antifonário ou fragmentos de atos municipais; acordava rara vez, e o lapso de lucidez era apenas o bastante para verificar, fazendo-as retinir, que as chaves da igreja e da Câmara não lhe haviam sido escamoteadas de sob o travesseiro.

O pensamento único de João, nas suas meditações na torre e nas noites maldormidas, era a mulher que lhe haviam arrancado. Depois do dia da chegada, vira-a pela primeira vez, no domingo imediato. Foi na igreja, à hora da missa. Fora dos seus hábitos religiosos, o velho descurou das rezas, passou o tempo todo a contemplá-la. Via-a de mãos encruzadas no peito, orando, como remoçada por um vestido novo de ramagens cinzentas, e pelo coque grisalho enrolado cuidadosamente na nuca. Flávia não desfitava o altar, salvo para observar, a espaços, se se portavam bem as colegiais uniformizadas à sua frente, sob a sua vigilância.

João tristemente notou que nem um relancear ela circunvolvera, a fim de procurá-lo. Ele ansiava por um seu olhar, como em solteiro, quando a capelinha de sua freguesia natal foi cúmplice dos olhares amorosos nela permutados. Agora como que sentia uns longes de ciúme de tanta devoção, e daquele vestido novo com que a via pela primeira vez. Pensou em falar-lhe à saída; a essa hora, porém, tinha de subir à torre, para o toque final.

Com mais esse espinho na alma acabrunhada, João esperou o domingo seguinte. Nesse dia, antes da terceira entrada para a missa chamada “entradinha”, postou-se à janela ocidental da torre. Daí aparecia-lhe quase toda a vila, em amplo descortino. Dentre as estradas que a ela confluíam de todos os quadrantes, colhendo de caminho os afluentes de carreadouros e trilhos, lembrando no conjunto lineamentos cartográficos de bacias fluviais, seu olhar foi buscar uma rubra faixa, desgarrante, em harmoniosa curva para a escola normal. Sua vista frouxa via nítido, por concentração de vontade; chegava a entrever o letreiro “Deus, Pátria e Família”, estampado no primeiro

arco de triunfo; e afirmava-se no ponto extremo, onde o boleado do morro ocultava a estrada, observando cada nuvem poenta que ali se intumescesse, desnovelando-se em destaque sobre as lavouras marginais. Finalmente surgiu a turma das alunas; e seu olhar acompanhou até perto a longa mancha de uniformes, que figurava a distância, com o empastado das visões remotas, uma lagarta azul a colear preguiçosa entre a barranca e o fofo debrum da viçosa sebe. Antecipando-se um pouco à hora costumada, deu João a entradinha; em seguida, com o coração aos pinotes, desceu para o adro, onde ficou à espera arrimado ao portal da entrada. Ao avistar Flávia, a emoção pôs-lhe um tremor nas mãos. Viu-a ao lado das alunas, que em boa ordem se encaminhavam para a porta. Passando por ele, algumas meninas sorriram-lhe, como se o conhecessem de muito; outras repuxaram-lhe o paletó, cumprimentando-o familiarmente: “Bons dias, Sr. João!”.

Ele não correspondia, embebido na mulher. Quando esta se avizinhou, ele sussurrou comovido:

— Flávia...

A velha roçou-o, sem o ver, passando adiante.

— Flávia! — repetiu, tocando-lhe no braço.

Desta vez ela ouviu-o, e deteve-se para falar-lhe; mas tal hilaridade levantou entre as alunas a expressão comovida de João, que a regente teve de admoestá-las a que soubessem entrar com respeito na casa do Senhor. E, preocupada com a disciplina, deixou o velho só, sem nada dizer-lhe.

Absorvido pelo alvoroço do encontro, João nada compreendeu, a não ser que Flávia o abandonara à porta da igreja. E nesse abandono viu apenas desprezo. Desse dia em diante o seu íntimo viver foi uma tragédia. João ressentia antigos estados d’alma.

Abalado pelos anos e pela separação, em seu espírito gerou-se mórbida revivescência de antigas impressões. Antolhava-se-lhe que estava a quarenta e cinco anos atrás, e que era noivo. Como certos pólipos vivazes, que, subtraídos ao seu meio normal, volvem, após largo período de morte aparente, à primitiva atividade, também

velhíssimas sensações, há muito deslembradas, tumultuavam-lhe no espírito, como se um longo trato de tempo não se interpusesse entre os dois períodos. No seu coração renovava-se uma dor moça e pungente, que gemia: “A Flávia não me ama!”. Pelo mesmo prisma coava-se seu olhar, quando, fitando-a obstinadamente, em vez das cãs de sexagenária, lhe via as negras tranças de rapariga de quinze anos, trêfega e caprichosa, que com um muxoxo sabia incutir-lhe louco desespero, para balsamizá-lo súbito com o feitiço de inesperado sorriso. O passado transpunha decênios, para consubstanciar-se com o presente. E via tudo tão claro, e tão próximo, que o que era lembrança apagada lhe parecia atualidade tangível.

Ainda era rapazote imberbe, ao tempo em que começou a gostar de Flávia. Todo o dia, aos fundos da casa, punha a cara entre as achas da cerca para vê-la passar na turma das companheiras, rumando à escola, ou de regresso, depois da hora das lições. Ela sorria-lhe, ele sorria-lhe. E, depois que passava, de distância em distância Flávia voltava-se para sorrir-lhe de novo, ternamente. Mas não era apenas para ele que Flávia se voltava e sorria... João conhecia os rivais e provocava-os. Esmurrara muitos narizes de competidores.

Essa mobilidade que perseverou na moça-feita era para espicar-lhe a afeição. Em pouco João tornou-se apaixonado. Amava sofrendo, pois a criança travessa que fora Flávia, fizera-se rapariga irrequieta e enigmática, talvez disfarce de volubilidade. O espírito da moça tinha a mutabilidade dos florões hexagonais do calidoscópio. Se num dado momento João cria no seu amor, um instante depois via-se esquecido ou desprezado. Mas a família dela, não vendo com bons olhos as pretensões do rapaz, tratou de arredá-lo de ao pé de Flávia. Desde esse tempo a moça, talvez por espírito de contrariedade, talvez de pena, começou a manifestar-lhe aberta predileção. Sem embargo disso, falou-se um dia no casamento dela com um comerciante de Paredes, boquejando-se que a moça não se punha por fora do arranjo. Sabedor da nova, na primeira oportunidade, João interpelou-a com veemência:

— Você vai casar-se? É verdade?

— Que ideia! — disse Flávia, troçando. — Com quem?

— Com o Joca! (Era o nome do negociante.)

A moça deu uma risada, sem outra resposta. Mas João tomou o caso em tal desespero, que Flávia, envaidecida de tanto amor, lhe perguntou com faceirice:

— E se fosse verdade?

— Não sei! não sei! — repetiu ele, dementando.

Então a voz dela adoçou, para dizer-lhe:

— Eu gosto é de você... Mas o papai não quer!

— Fuja comigo! — exclamou o namorado, com o olhar fuzilando resolução.

Flávia fitou-o num sobressalto. Um tal amor fulgurava nos olhos do rapaz, que a balança pendeu de seu lado. O ardor cavalheiresco que ele pusera naquele proposta repercutiu vivamente na alma da moça. Fugir era para seu gênio caprichoso uma estouvance apeteável.

— Pois fujamos! — respondeu, resolvida.

Em duas palavras combinaram o lance; e a desoras, na noite desse mesmo dia, quando todos os conchegos douradinhenses repousavam na treva e no silêncio, uma forma assustadiça tirava com mão trêmula a tranca de um portão. Abriu-se a saída... E do outro lado, na rua, um vulto travou-lhe do braço e com sofreguidão conduziu-a à casa do pároco. Ao lhes abrir a porta, o sacerdote arregalou olhos de assombro; mas vendo os fugitivos a um tempo trêmulos e risinhos à sua porta, por aquelas horas perdidas da noite adivinhou o caso antes de contado; e depois de um breve sermão sobre a doidice dos moços daquele tempo (eterna cantilena dos velhos em todos os tempos), casou-os de afogadilho, atropelando o latim e o cerimonial, com a falha de quem lhe arde a casa e corre às latas d'água para impedir a catástrofe. Só então pôde respirar; e, como com o sermão preliminar e o *conjuço vobis* já tinha a consciência desafoçada, passou a ser o mesmo homem simples e alegre do costume; botando-lhes olhinhos maliciosos, pediu pormenores e regalou-se com a narrativa circunstanciada do fato. Depois esfregou as mãos, contente e paternal, encorajando-os: ficassem tranquilos, tudo se



arranjaria, os pais haviam de perdoar. Ele próprio, com lençóis perfumados de alfazema, preparou-lhes a cama nupcial. E, no quartinho asseado, o resto da noite correu-lhes felicíssimo e sem cuidados, salva a suspeita bem-fundada de que o vigário os espiava pelo buraco da fechadura.

Com essa intervenção, tudo logo esqueceu. Durante quarenta e cinco anos de casados a felicidade igual do João era comparável à preguiça remansosa de um rio que, sem pressa, flui à sombra de salgueirais. A menina petulante não lhe entrara a casa; portas a dentro havia a impecável caseira, afetuosa, diligente, guardando apenas da noiva a risada jovial, que cantava como ouro puro. Felicidade não exprime bem o que sentiam; completavam-se, viviam uma vida única. Por isso, depois que lhe arrancaram Flávia, João sentiu-se desfalcado de um pedaço de si mesmo; era como o adormecido há séculos que, chamado, à vida num meio estranho, relanceia para as cercanias olhares esgazeados, procurando avivar as ideias entorpecidas para compreender. E suas ideias antigas voltavam, sugerindo-lhe sensações antigas, transplantando-o ao passado. Quem se lhe esquivara à porta da igreja não era a Flávia de outrora, versátil e enigmática, a negacear-lhe carinhos? Não era a rapariga cruel que se aprazia com vê-lo sofrer?

E, como a serpente que hipnotiza a vítima e brandamente a enlaça com uma rosca, outra rosca, e, por fim, num violento ato de posse, a constringe entre os convólulos de aço como coisa definitivamente sua: assim, com pés de lã, um terrível ciúme entrou no coração do velho. O desespero abriu-lhe as portas e ele entrou.

Tê-lo-ia Flávia esquecido? Amaria agora algum outro? Eram perguntas que a sua demência lhe revolvía no íntimo. Amar a outro! João media o absurdo da hipótese, rebatia-a; mas a dúvida tornava, insistente, aferrava-se-lhe ao espírito, com obstinação monomaníaca. Nos momentos de lucidez bem via que tresloucava; essa convicção, porém, não o libertava do obcecante desvario, que já se lhe implantara no cérebro, com a inexpugnabilidade da ideia fixa. Tudo concorria para isso. Às vezes um simples gracejo,

dito inadvertidamente, impressionava-o, e ia lavar-lhe por dentro, agravando-lhe o desespero, como a faúla fugaz que atea um incêndio. Certa vez Dariozinho disse uma frase brincalhona:

— João, a Flávia nunca te vem visitar... Quem sabe se arranjou algum namorado?

— Que namorado? — voltou o velho, fixando-o agudamente, como para extorquir-lhe algum segredo terrível.

E embora o menino desfechasse uma risada, confessando o graço, João ficara apreensivo, certo de que lhe ocultava alguma coisa. O desejo de ouvir de sua boca a verdade atenezava-o dolorosamente. E não poupava artimanhas para decidir Dario a dizê-la; uma vez ou outra tornava, fingindo indiferença:

— De quem estará gostando a Flávia, meu filho?

O menino reiterava a risada, mas a dúvida persistia.

Na manhã de uma noite tristemente desvelada, João levantou-se, trazendo embutida no espírito uma grande resolução. Ia ver Flávia. Queria uma explicação decisiva, para atalhar seus sofrimentos. Na chácara não havia o diretor. Flávia estava lá — nada mais ele sabia. De caminho, a frescura da aura matinal varreu-lhe as nuvens do espírito, como uma lufada depois da tempestade, leva do azul os últimos farrapos de nimbo. Possuía-o agora a emoção de um namorado que vai matar saudades da noiva. Como doce música ouvia o sussurro acariciador da aragem, arrepiando os renovos da sebe, que ia passando à sua esquerda. As trepadeiras ainda estavam úmidas de orvalho. Ele deteve-se em certo ponto para colher dentre os festões viridentes uma corola campanulada. Ia levá-la a Flávia, como um singelo mimo de namorado. E sorria inconscientemente, sem saber por quê. Ao transpor o segundo portão, quase deu um grito de terror. Surgira-lhe de rosto um homenzarrão refeito, sem paletó, de camisa arremangada, vermelho e suado.

— Que quer? Que vem fazer aqui?

Era o Navarro. Na sua mão uma tesoura de podar investia ameaçadora com o intruso. Aos lados da avenida juncavam o chão galhas cortadas de fresco.

João recuou titubeando e fugiu. As coisas tremendas que o diretor lhe gritava chegavam-lhe aos ouvidos como um reboar sem sentido. O trovão, quando ronca no céu, também não precisa palavras para aterrar. Voltando a espaços para trás o olhar desvairado, açodava-o a figura gigantesca postada além, no portão, como o anjo defendendo a entrada do Paraíso, e de cujas mãos algo expedia relâmpagos — talvez a espada flamante.

Nesse dia, ao chegar a casa, arquejante, o coração a saltar-lhe do peito, atirou-se aos pés do padre Gauquério que gesticulava, agitado, na sala de jantar.

— Por caridade, Sr. Padre! Eu quero ver minha mulher!

Defronte do reverendo a forma chata do sacristão escutava de cabeça baixa. Falava-se de coisas de tanta monta, que o padre arredou distraidamente o velho:

— Sim, sim... Depois conversaremos...

E o vigário continuou a gesticular e a falar com tio Roque, enquanto João, com clarão de esperança, esperava. O reverendo estava indignado com o Tipico, chefe político e agente executivo. Na última sessão da Câmara ele, e a mais gentilha sua, haviam tido o atrevimento de rejeitar vários projetos do padre Gauquério. Eram medidas de saneamento, de embelezamento, assunto que havia longamente debatido com o Navarro. Pois os camaristas, instigados pelo Tipico, não lhos puseram todos abaixo, sem discussão, sob pretexto de que o Navarro, sugerindo essas ideias, só visava à melhoria de seus colégios? E o pior é que, dando a razão do malogro ao diretor, este remoqueara de seu prestígio.

— Pois o diretor não poderá pensar, com toda a razão, que sou um dois de paus, tio Roque? Então quem manda aqui há de ser sempre essa oligarquia de capadócios? Não! Comigo hão de ver...

E o reverendo enrubescia de ódio, lembrando-se novamente dos motejos do diretor, que habilmente achava meios de o escandescer ao rubro. Não! ele, Gauquério, tão certo como Deus é Deus, jurava que havia de arrasar a Câmara! Ia começar imediatamente.

Cabisbaixo e consternado, tio Roque continuava escutando.

Nesse dia nem nos seguintes não houve ensejo de João fazer ao padre seu pedido. Porque, com a cabeça atafalhada de coisas, como o reverendo andava, não tinha ideias para mais nada. Vivia a gesticular pela casa, sem se deter um instante, a planear a campanha contra o Tipico. Parecia aguilhoado por uma legião de demônios. Seu próprio gênio mudava-se; não fazia carícias aos pequenos, e tratava brutalmente a Maria Gansa, sua terna companheira, que vivia com os olhos vermelhos de chorar. Tio Roque então dizia à meia voz, explicando a metamorfose:

— Isto passa, Sr. João... O senhor verá. É a tentação!

O sacristão benzia-se, lembrando-se dos evangelhos.

— É a tentação... Cristo também foi tentado por Satanás. Mas o padre Gauquério vencerá! Não lhe contaram que já houve uns tempos em que ele andou brigado com a Câmara?

A essa recordação um véu opaco toldava a inteligência de tio Roque. Rememorava o cataclismo que o prostrara há velhos tempos, em semelhante conjuntura. A luta das Potências, só de lembrá-la, punha-lhe as ideias num caos. Morreria, decerto, se esses tempos voltassem.

— Mas o padre Gauquério vence. Deus está com ele. O senhor verá que ele vence! E, concluindo estas palavras, com que o preto procurava confortar-se a si mesmo, revirava para o alto os seus olhos arraiados de sangue, em muda súplica.

E as semanas dobravam-se com o mesmo tom uniforme de sofrimento para o velho João. Cada vez mais se radicavam na sua alma as visões retrospectivas; e, frequentemente desesperando, ele deprecava ao céu que lhe pusesse termo à vida atribulada. Para que viver, se estava tão só? Quem havia no mundo que pusesse olhos piedosos na sua miséria? Quanto à Flávia, essa... acabou-se. Ali existia “alguém”, um “outro”, a embevecê-la... A esta ideia um tumulto crescia-lhe na alma. Num rugido de revolta queria avançar contra o mundo inteiro para retomar sua Flávia; ou então, abatido e fraqueando, bambeavam-lhe as pernas, e suas mãos trêmulas tateavam o espaço, buscando um ponto de apoio...

## CAPÍTULO VIII

“Venha toda urgência. Meninas doentes. Fiscal a chegar.” — foi o teor de um telegrama transmitido pelo Navarro ao Dr. Peregrino, que ainda se achava no Rio.

No dia seguinte, à hora do almoço, ele descia impaciente a alameda da Escola Normal. Esperava o médico que naquela manhã devia ter desembarcado, conforme sua resposta: “Sigo noturno”. Como o trem já passara havia uma boa meia hora o diretor não se cansava de puxar o relógio, desesperando de vê-lo chegar.

Navarro estava contrariado, contrariadíssimo. No colégio duas doentes passavam mal. Não queria chamar o Dr. Ponciano, porque de antemão já lhe ouvia a velha cantilena: “É o tifo”. E saindo dali não deixaria de espalhar a coisa aos quatro ventos, com grandes inconvenientes para a reputação dos colégios. Inda mais agora, que estavam de relações cortadas. Na véspera Navarro tratara de isolar as doentes, pois uma vizinha de leito amanhecera com violentos sintomas, o que indicava possibilidade de contágio. O diretor repisava consigo:

— Tifo não pode ser! Só na cabeça do Dr. Ponciano... Ademais, o tifo na Escola Normal “Deus, Pátria e Família”... Impossível! absurdo! — Qualquer febrezinha passageira... (E o Peregrino! Teria perdido ontem o trem?!) A Flávia, com seus chás caseiros, não conseguiu dar melhora às meninas. A experiência dessa gente velha não sei para que presta, que nem lhe serve para arranjar mezinhas que curem uma... influenza maligna, talvez. Não será outra coisa... (Quase onze horas!)

Então, lembrou-lhe a visita que aquela manhã fizera às meninas, em companhia da regente. Achara a Matilde, uma das enfermas, muito desfigurada, sem dar acordo de si; inquieto, perguntara à Flávia:

— Está fraca, não é? É só abatimento, e talvez um pouco de mamparra, não é?

Flávia chamara-o ao corredor, e, com os olhos marejados, disse-lhe baixinho:

— Esta morre... Não passará de hoje ou de amanhã, coitadinha!

E contou que a doente às vezes delirava, chamando pela mãe. Estava tão acabadinha, que era de cortar o coração! E, dizendo isto Flávia soluçava.

— Então, a senhora acha...

— Não passa de amanhã, Sr. Navarro... Assim Deus me desmintal! Telegrafe à mãe...

O diretor desesperara:

— É absurdo, D. Flávia! Seria um alarma inútil! Ela não pode, absolutamente, morrer... Não sei que gosto tem em agourar!

E Navarro, a quem a possibilidade dessa morte subvertia as ideias, afastara-se agitado, monologando alto, sem reparar que Flávia, aflita, cruzara o dedo sobre a boca, pedindo silêncio.

— É gosto de agourar — repetiu Navarro.

E continuava a descer a avenida, entre o desfilar de copas cônicas de magnólias, sondando com a vista, até onde esta alcançava, a estrada que levava à povoação. Uma figurinha apressada assomou ao longe. Pondo a mão em pala sobre os olhos, Navarro reconheceu o Cândido.

— Como tarda o Peregrino!

Esperava-o com ânsia, e ao mesmo tempo um tanto irritado. A reprovação já sabida do Peregrino no concurso de obstetrícia era de abalar-lhe a reputação. Navarro pensava, com raiva, que decerto o Dr. Ponciano se estaria lavando em água de rosas. E o pior é que isso poderia ter ficado mais ou menos abafado, se não fosse a criancice do Peregrino, que no dia imediato ao do malogro distribuía a todos

os jornais verrinas contra a banca examinadora. Tanto se opusera o diretor a esse malfadado concurso! Mas o Peregrino embirrara, e a birra deu nesse fiasco.

A essas reflexões Navarro teve a acentuada sensação de um vácuo em torno de si. Ninguém podia compreender, ou ajudá-lo a sentir o seu ideal. Porque Navarro tinha um ideal. Cada vez que lhe faltava alento para vencer as contrariedades e os grandes obstáculos que dia a dia precisava transpor, para não quebrar de uma linha a sua nota vencedora, concentrava o espírito numa visão interna que era um surto à região confortadora da fantasia. Então, via seu ideal. Era uma forma materializada, confusa e luminosa, que vagamente lembrava sua própria pessoa, aureolada de resplendores, e refestelada num trono de ouro; os pés pousavam numa grande bola coberta de riscos encruzados, que talvez fosse a Terra; em torno, constelações submissas giravam em cadência nas suas órbitas; e a Forma, com uma batuta de diamante na mão, em largos gestos que também lembravam os seus, regia a harmonia das esferas. Era talvez a reprodução de um anúncio de cerveja que o impressionara há tempos, com a substituição do copo espumante pela batuta. Que significava essa visão? Como traduzir-lhe o sentido alegórico? Navarro ignorava. Todavia, era certo que o enchia de conforto. Um tanto supersticioso nos momentos sentimentais, confiava no seu ideal como Napoleão em sua estrela. Queria iniciar nesse culto os professores, para que comungassem todos na mesma adoração e compartissem dos mesmos benefícios, decifrando, de parceria, sua face enigmática e apocalíptica; mas julgava-os indignos de tanto, sem dois escrúpulos de imaginativa, incapazes da elevação espiritual que demandava essa contemplação transcendente. Nem a Adélia, sua mulher, em cuja presença raciocinava melhor, como se telepaticamente ela lhe incutisse mais clarividência, nem a Adélia o confiara.

— Bom dia, Sr. Navarro — articulou Cândido, passando.

Estava aflito, suado, anelante, porque faltava um minuto para a sua aula. Navarro sorriu ao ver o afã do aorentozinho que não queria ter desconto. Respondeu ao cumprimento e perguntou pelo Peregrino.

— Disseram-me que desembarcou — respondeu Cândido.

— Ah!

O diretor, que instintivamente havia travado com a mão o braço do docente, não o quis soltar antes de uma necessária admoestação.

— Inda não soou o sinal da sua hora, mas o senhor já está infringindo o regulamento, Sr. Cândido. Quantas vezes lhes tenho recomendado que cheguem com antecedência, para descansar um pouco, antes do trabalho? Venham devagar, a passos medidos, porque andar assim pondo os bofes pela boca e com um sol destes é para dar insolação... Nunca me esqueço de zelar pela higiene dos meus professores. Além disso, lecionar cansado é lecionar mal; os alunos aproveitam menos. Poupem energia, acumulem energia, para mais facilmente levarem de assalto a fortaleza da ignorância.

Navarro largou-lhe o braço. Afastaram-se, cada um para seu lado.

— O Peregrino chegou... graças a Deus! — disse Navarro consigo, fitando de novo a estrada ao longe. Em pouco viu o médico apontar. Enfim! Foi-lhe pressuroso ao encontro, e no abraço reforçado que lhe deu, parecia querer traspassar-lhe seus encargos de consciência pelas doenças no colégio.

O médico correspondeu-lhe seca, friamente. Estava contrariado de ter apressado o retorno. Navarro, que o sentia necessário a si, tomou a empreita de fazê-lo voltar às boas; e, ao passo que retomavam o caminho da Escola Normal, disse-lhe:

— Meus parabéns, doutor; li seus artigos que foram uma bofetada naquela cáfila de ineptos. Creia que todos aqui esposamos a sua causa.

— Não cheguei a fazer nada — respondeu Peregrino. — Foi pena chamar-me, porque eu já estava disposto a quebrar a cara de todos os examinadores.

E, com a voz cortada de ira, passou a narrar as peripécias do concurso.

— É revoltante! — exclamou Navarro, estreitando novamente o jovem sábio.

Peregrino prosseguiu, em tom exaltado. Dizia injúrias aos examinadores, e ameaçava, com grande inquietação para o Navarro,



publicar suas provas no *Jornal do Comércio*. Suas roucas invectivas assustaram uma codorna, que de uma touça próxima ergueu o voo pesado e rasteiro, com ruidoso tatarar de asas. Quando o viu mais calmo, Navarro observou, mudando de tom, fazendo renascer em si o diretor:

— Chamei-o com urgência, e o doutor ainda não me pediu explicações — prova do seu alto interesse pelos nossos institutos!

— Já sei — respondeu o médico, impaciente. Seu telegrama foi explícito. Precisa dos meus serviços.

Ao dizer estas frases, Peregrino contrapusera à circunspeção do diretor a majestade do sábio que se reconhece indispensável.

Seu espinhaço, que na cólera retomara certa curvatura, que lhe era habitual — e que todos os dias tentava corrigir andando quarenta minutos com um bastão preso às costas pelos ângulos internos dos cotovelos —, seu espinhaço reergueu-se, solene, e rugas de gravidade estudada arregoaram-lhe a testa alta.

Navarro saboreou-se de vê-lo assim e perguntou-lhe, já desarmado, torcendo o assunto:

— Por lá, muitas novidades na ciência, doutor?

— Muitas. Vi aplicar-se um novo anestésico que suplantarão o clorofórmio: a estovaína, injetável na medula. Coisa simplesmente pasmosa! Faz-se a raquiestovainização nos primórdios de todos os trabalhos cirúrgicos: tira a sensibilidade, mas o doente ouve, vê e fala. Trouxe até algumas ampolas.

Ato contínuo, Peregrino mostrou ao Navarro maços de revistas e folhetos embolsados no jaquetão, referentes ao novo preparado: e discorria entusiasticamente, relendo fragmentos de impressos.

— Depois voltaremos a este assunto — atalhou Navarro, como chegassem ao patamar do colégio —; hei de mesmo sugerir-lhe uma conferência a respeito, na festa dos exames, perante os pais...

— Caiamos agora na realidade triste.

Uma negra esgalgada e velhusca atravessava o pátio com um caldeirão à cabeça. Navarro perguntou-lhe:

— Como vai o Matias, Luciana?

— A mulher disse-me que o pé ainda não acabou de sarar, mas que daqui a uns dias já pode trabalhar.

— Um estrepe arruinado. Quase bateu as botas, e, se morresse, me causaria grande transtorno. É um Ursus! Ninguém como ele para tirar um eito. O doutor, porém, conhece-o... Entremos.

Atravessaram todo o edifício. Num recanto afastado encontraram a alcova onde as três doentes foram isoladas. O silêncio, ali seria absoluto, se não fosse um zumbido remoto de enxame humano, vindo amortecido das aulas, no andar térreo, e a nota confrangedora de choro de crianças tristes, saídas dos leitos próximos. Ao transporem os umbrais do aposento, quaisquer outros corações menos preocupados que os dos dois visitantes se teriam perturbado. O insulamento daquelas três enfermas, sem uma pessoa que vigiasse à cabeceira; o ambiente carregado de penumbra densa, de mistura com o fétido lúgubre da doença, que lembrava o bafio de uma sepultura; o soluço das duas doentes, o estupor da sua companheira e o estranho brilho febril, no meio da sombra, dos seus olhos de criança, olhos que tinham medo e imploravam proteção, tudo fazia daquela alcova esconsa um lugar de melancólico abandono, um quarto de despejo dos tristes e infelizes que importunam, um desses cárceres como só os pode conceber a imaginação infantil, onde os tutus das histórias das pajens trancam as criancinhas que fazem manha.

Ao entreabrir uma folha de janela, por cuja fresta um raio de luz baça caiu sobre as formas esmirradas deitadas em três leitozinhos estreitos, ao ver a consumação aterradora da doença que em poucas horas dava a corpos cheios de saúde o aspecto macerado, e as órbitas deprimidas e feições escaveiradas que tinha diante dos olhos; ao pensar no abalo que cada caso mortal não deixava de trazer ao colégio, e no Cobra prestes a chegar — Navarro sentiu uma surda irritação. Não podia admitir que sua vontade, irresistível e dominadora quando se tratava de rasgar uma aberta entre os interesses alheios para conduzir avante os seus por ela, fosse quebrar-se assim, estupidamente, contra a fatalidade. Quase julgava as doentes responsáveis pela sua enfermidade; e vinha-lhe um desejo irritado e

irreflexivo de sacudir raivosamente aqueles corpinhos débeis, ordenando-lhes que sarassem incontinente. Com especialidade, exasperava-o o pranto inconsolável e doído da Matildezinha.

— Que quer? — perguntou-lhe com aspereza. — Por que está aí nesse nhe-nhe-nhem sem fim?!

— Mamãe! Onde está mamãe?! — soluçou a menina no delírio. E, com os olhos carregados de febre, procurou-a aos lados da cama, supondo que talvez já estivesse ali perto, e pudesse acudir à invocação. E, como a não visse, pôs-se a chorar de novo, “Mamãe!”, traduzindo nas inflexões com que amiudava esse apelido, um desespero de criancinha abandonada. E tudo nela reclamava a ausente; o corpinho magro, torturado de aflição, com as costelas frágeis em relevo, parecia suplicar um regaço de mãe, onde pudesse aconchegar-se para sofrer menos; os bracinhos descarnados torciam-se na ânsia de se abraçarem a um pescoço adorado, onde com esse gesto estava habituada a encontrar refúgio quando tinha medo; e seus ouvidos tinham saudade das doces toadas maternas que outrora a acalentavam, quando era bem pequenina.

— Vamos — disse Peregrino, que rapidamente observara os sintomas.

Saíram silenciosos. Navarro, inquieto do que podia ouvir, não teve ânimo de pedir o diagnóstico ao médico. Só ao chegarem à secretaria deserta o diretor perguntou, em voz um tanto incerta:

— Então, doutor?

Peregrino não deu resposta. Limitou-se a pedir o vaporizador de desinfecção. Enquanto este funcionava, Navarro observava os movimentos inconscientes dos lábios do médico, temendo que dali saísse a palavra fatal: “É o tifo”. Estava acorrentado às distraídas contrações dessa boca, que desejava se conservasse eternamente muda. E ao mesmo tempo, o silêncio pesava-lhe horripelantemente. Não deixou de ter um sobressalto quando o médico sussurrou em quase solilóquio:

— É pena! ter-se-ia feito uma brilhante amputação.

Emudeceu de novo, quedando-se como indeciso; mas, de improviso, voltou-se resolutivo para abrir a porta:

— Vamos ver o Matias — disse.

— É inútil — observou o diretor com uma apreensão. — Está quase bom, não precisa dos seus valiosos serviços.

— O senhor não entende de medicina — retorquiu o médico, lançando-lhe um breve sorriso de desprezo. Faça questão. Ele pode necessitar dos meus serviços, e para mim é um dever prestar-lhos, máxime tratando-se de pessoa miserável.

Ante a insistência do médico, Navarro deu de ombros, conformado. E saíram do gabinete. Daí a instantes atravessaram o pátio da Escola Normal, rumando a um casebre pouco afastado. Encontraram o Matias sentado num tamborete, o pé direito envolvido em faixas, descansando sobre o joelho esquerdo; estava a galhofar com a mulher, que a dois passos lhe pregava botões nas roupas velhas. Contrastava com a criatura pequenina que era ela a constituição hercúlea do jornaleiro. Matias era resistente, e algumas semanas de doença não o abateram; os músculos do braço ainda semelhavam cabos retorcidos, subjugados num invólucro de couro curtido; e a robustez do peito cabeludo, e o surdo rugitar de vida intensa que lá dentro barulhava, lembravam rumores de usina no âmago de maciça edificação de pedra e cal. E sobre esta compleição de gigante, uns olhos submissos de animal domesticado.

Marido e mulher pararam de rir vendo os visitantes. A última, levantando-se, foi-lhes ao encontro.

— Ah, Dr. Peregrino! senti tanto o senhor ter viajado... Meu marido esteve por uma dependura.

— Não parece — gracejou Navarro, medindo o corpanzil do brutamontes.

— Estou quase bom, sô Navarro, mas andei apostado com a morte. Desta não me levou e agora — se Deus for servido! — não me levará tão cedo.

Peregrino que com mostras de descontentamento atentara na visível robustez do enfermo, mandou que lhe mostrasse o pé doente.

— Sim, senhor, sô doutor. Desate aqui, Maria.

A cabocla tirou os panos com cuidado. Navarro sopitava a impaciência que tudo isso lhe causava, quedando-se também a ver, como

se a sua condescendência pudesse atenuar o diagnóstico das meninas doentes. Desnudado o pé o Dr. Peregrino sofregamente esquadri-nhou a inflamação, que ainda porejava pus pela fenda aberta com o bisturi. À proporção que o exame prosseguia, Peregrino tornava-se mais displicente. Essa expressão e o demorado do exame alarmaram o casal, que não lhe desfitava olhos de ansiosa expectativa.

— Não sei... Pode ser... — disse por fim o facultativo descurvan-do-se e voltando as costas ao paciente. Foi à porta do casebre como distraidamente e com o ar de quem tivera uma decepção. Com um gesto maquinal apertou contra o corpo o bolso do jaquetão e nesse ato sentiu o fortalecedor contato do maço de revista e monografias.

— Quem o lancetou? — perguntou de chofre, voltando-se para Maria, que cuidadosamente reembrollava a ferida.

— Foi o Sr. Mendonça... pessoa que, sem desfazer do senhor, foi de muita caridade conosco. Podemos dizer que, com a ajuda de Deus, ele tirou meu marido da cova.

— É verdade — confirmou Matias, cheio de agradecimento ao farmacêutico.

Peregrino sentiu crescer-lhe no íntimo o ódio que votava a seu concorrente.

— Não fosse ele, você já estaria bom — disse ríspido —; essa lancetada é que podia e ainda pode levá-lo à sepultura. Mostre-me o pé outra vez...

A mulher atendeu-o, espantada por aquelas palavras, desfazendo novamente os atilhos. Peregrino outra vez se curvou sobre a ferida, tão atento e tão de perto, que parecia querer comer o pé. Premia os rebordos da chaga, fazia-lhe esvurmar o conteúdo, enquanto Navarro, contrariadíssimo por aquela inútil perda de tempo, tilintava a corrente do relógio.

— Não faça barulho — ordenou severamente o sábio, reduplicando de atenção.

A corrente parou de tinir.

Por fim, de permeio a um silêncio sepulcral, Peregrino ergueu-se, desfechando uma risadinha sarcástica.

— É o que pensava — disse —; vai gangrenar. Se não operar, tem pouco tempo de vida.

Maria quis emitir uma exclamação que se lhe prendeu na garganta. O camarada arregalou uns olhos espantados que pareciam ter medido, naquele instante, a profundidade de uma cova. E o médico, tomando com hábil indiferença o braço do Navarro puxou-o para fora.

A mulher quedara-se no mesmo lugar em alheação de estuporada; a terrível notícia fora como uma navalhada indolor que entalha a carne, sem ao princípio se fazer sentir; súbito a carne reage, golfa sangue, os nervos gritam; assim foi, quando, rápida como o golpe, clareou-lhe na consciência a realidade terrível. Desatou a correr até alcançar os visitantes, e, apegando-se ao braço do doutor, rolou-se-lhes aos pés, num grito lancinante:

— Dr. Peregrino, salve meu marido!

O médico repetiu a risadinha satânica:

— Ora! Pois não o tratou o Mendonça? Chame o Mendonça!

— Salve meu marido! — repetiu a cabocla escabujando de desespero.

— Deixe-nos! — disse o diretor, ajudando o Peregrino a libertar-se da mulher. — Nada de espetáculos. O doutor tratará do Matias, afianço-lhe.

E, como Maria pedisse ao médico a confirmação dessa promessa:

— Pois sim, disse ele, comovendo-se, mas será preciso cortar a perna.

E, enquanto a mulher levantava as mãos ao céu, asseverando que preferia ver o marido sem as pernas e os braços a vê-lo morto, afastaram-se os dois.

Entraram segunda vez na secretaria e aí trancaram-se.

— Mas a estovaína... — ia começando Peregrino, com entusiasmo.

— Doutor, atalhou o Navarro — nem por sombra pense em amputar a perna ao Matias. Não vê logo que a ferida está cicatrizando? Um camarada de mão cheia ficar inutilizado!

— O senhor não entende de medicina — replicou secamente o médico.

— Não entendo, mas há coisas que entram pelos olhos; e em certas enfermidades o melhor médico é a natureza.

— É um erro — observou o diplomado condescendendo em argumentar —; é um lugar comum inepto e boçal. Combati essa ideia na minha escrita no concurso. Vai ver que se prova a coisa pela razão. Se a natureza efetivamente curasse, qual seria então a utilidade da medicina e dos médicos? Em consequência deveríamos suprimi-los, o que é um absurdo; logo...

— O doutor argumenta como um Rui Barbosa — disse Navarro. — Todavia, afinal, tratemos do assunto que nos interessa. Vendo-o assim despreocupado, suponho que achou as enfermas apenas com alguma influenza forte... com qualquer infecçõzinha benigna, não é?

— Têm tifo — respondeu o médico, como distraído.

— Tifo! — o diretor deu um pulo. — Está gracejando, decerto?

— Têm tifo, todas — afirmou Peregrino em tom categórico. — Não resta a menor dúvida. Os sintomas são infalíveis: estupor, delírio, erupção.

Desfiou em cargas cerradas outros indícios.

Abatidíssimo, Navarro deixou-se cair numa cadeira. — Era a ruína, a derrocada de seus estabelecimentos — gemia.

O médico não se comoveu. Resolvera abrir luta com o diretor, não se curvando mais às suas exigências. Os nasóculos pretos que lhe davam um semblante amadurecido, já os suprimira de vez. A uma insinuação do Navarro, que continuava a descabelar-se, declarou que, de modo algum, trocaria dessa feita o diagnóstico para fazer valer o seu trabalho e não tomar a pecha de ignorante. Tinha muitos inimigos que lhe invejavam o renome.

— Mas o doutor não calcula que alarma isso vai dar! Já estou a ver uma chuva de telegramas aflitos e de pais inquietos a vir buscar os filhos!

— Embora! A sinceridade antes de tudo.

— Doutor — tornou Navarro aceitando a luta —, nunca o supus um ingrato. Há quanto tenho-o como companheiro e amigo? Quem lhe dá bons ordenados e grande prestígio nestas redondezas?

O espinhaço corcovado do médico tomou prumo e ele impou de dignidade para protestar.

— Está enganado! Prestígio dá o meu nome aos seus institutos. Minha presença aqui é um favor.

— Mil perdões — conveio Navarro, mordaz. — Nem por um momento me acudiu à memória que tenho diante de mim uma notabilidade clínica encanecida na ciência, um sábio que revolucionou a medicina e lutou com uma congregação. Os jornais do Rio não falam de outra pessoa... na seção livre.

Peregrino titubeou sob a afronta inesperada. Esperava a cólera do diretor, mas não se prevenira contra o sarcasmo. Navarro viu-o hesitante, interdito, sob o golpe habilmente desfechado. Receou, todavia, que Peregrino, num acesso de brios, quisesse romper com ele; e não desejando inimizar-se com um participante dos segredos da administração interna dos colégios, fez-se de repente quase terno. Segurando familiarmente um botão do colete do seu interlocutor, disse-lhe com entoação suasória:

— Venha cá, Peregrino, preste-me atenção. Vou falar-lhe como um pai a um filho. Você é um grandessíssimo criançaola, desculpe-me a expressão. Isto por exemplo, de julgar-se sábio... Afinal, eu é que sou culpado de entrarem essas caraminholas na cabeça dos meus professores. Elevo-os quanto posso perante os meus amigos... Você quando veio para aqui, salvo algumas fumaças de médico novato, era mais modesto. Mas em presença dos pais pus-me a falar a seu respeito com o encarecimento com que falava dos outros professores, dando-o como um gênio, um médico prodígio; os pais acreditaram, cercaram-no de consideração e... lá se foi seu bom senso. Não contesto que tenha um talento invejável; mas, apesar de tudo, não passa de um mocinho de vinte e poucos anos inexperiente e cheio de ilusões... que acaba de fazer o curso...



Peregrino abriu a boca para protestar; Navarro intimou atenção, repuxando-lhe fortemente o botão do colete.

— Inexperiente, sim... — confirmou com dureza amiga. — Pois não sabe que é o longo tirocínio que faz o bom médico? Hoje não se admite mais ciência infusa. Por isso você não pode ter dessas exigências comigo. Ainda mais, consulte a memória e verá como sua clínica tem sido desastrosa.

— É falso! — exclamou Peregrino.

— Apele à memória, insisto... — e, contando nos dedos:

— O Antônio Dutra morreu, o Anastácio morreu, o Frederico morreu...

Era um nunca acabar. Peregrino, esmagado, deixou descair as costelas. As palavras do Navarro punham-no estupefato. Pois o diretor que o havia revelado a si próprio, que espalhava seu nome pelas cercanias, em cujos encômios ele, Peregrino, hauria forças quando a confiança em si desfalecia; Navarro, que ele acreditara que admirasse seus predicados de cientista; a voz profética que lhe mostrava o futuro aos pés do Gênio da Medicina encarnado nele, Peregrino, acabava de confessar que todas as suas palavras laudatórias foram mero reclamo! Livre, nesse momento, da catarrata da enfatuação, o médico via quão sensatas eram as observações do diretor. A enumeração dos seus “casos fatais” tirava-lhe o resto de aprumo. Facilmente sugestionável por tibieza de temperamento, máxime agora com tais carradas de razão, Peregrino quase se convenceu da sua nulidade.

Ouviu como num sonho a proposta que Navarro em seguida lhe fez:

— Voltando ao nosso ponto de partida — se o doutor me garante que as doentes saram, publique o diagnóstico, mas depois da cura. Assim será de vantagem para nós ambos.

— É impossível — gemeu o Peregrino. — A Matilde não escapa. Quanto às outras, tenho esperanças.

— Mas enquanto não se realizarem essas esperanças, vá dizendo aos que perguntarem que se trata de gripe ou influenza... Está combinado?

Peregrino moveu debilmente a cabeça, assentindo; e, empunhando a pena que o Navarro lhe oferecia, receitou, caprichando a letra. — Para que fazer letra ininteligível? — perguntou amargamente para si; ele era um homem vulgar. Adeus, rabiscos corridos com que procurava arremedar a grafia diabólica de algumas notabilidades! Todavia, aproveitou a ocasião para se despicar do Mendonça; em cada receita incluiu de sobrepensado alguns símplices que não vinham bem ao caso, mas que sabia não existirem na farmácia o professor de física e química; em consequência, as receitas seriam aviadas noutra. Concluídas, Peregrino entregou-as ao Navarro com um gesto abatido, e foi tomar o chapéu.

— Doutor, você vai maçado comigo! — disse Navarro, segurando a mão que lhe dizia adeus. — Acredite que, se o diretor é às vezes rabugento, o amigo é sempre o mesmo — profundamente dedicado. Espero que nada perderei de sua amizade.

Peregrino ficou-se mudo e cabisbaixo como a estátua da desilusão. Doendo-se de vê-lo assim, Navarro bateu-lhe ternamente na corcova; e disse-lhe à guisa de consolo:

— Tenha a certeza de que, se ainda não o julgo um gênio, tenho muita fé no seu futuro. Reconheço que tem seus méritos, e, para provar, entrego-lhe o Matias. Meu grande amigo ainda pode ser algum dia um Pasteur, um Oswaldo Cruz...

O diretor largou-lhe a mão e ele saiu. No caminho seu alquebramento moral tornou-se, se era possível, ainda maior. Do seu arcabouço murcho e curvado, descaía o jaquetão com a expressão desalentada das roupas nos cabides. Nunca ele suporia que a grande conta em que se tinha era arraigada aos louvores do Navarro. Suas últimas palavras ainda lhe voltavam, como um requinte de ironia: Ele era um “moço de talento”, um “futuroso”... Com uma clarividência cruel buscou à roda o que o fazia considerar-se sábio; e, em tudo, na veneração que os pais lhe tributavam, nos elogios dos jornalecos mineiros, no acatamento com que sua palavra era ouvida, via o dedo oculto do Navarro. O grande respeito com que o acolhiam em casa dos doentes, e que era para ele como um eloquente

testemunho do seu valor, do quanto se tornara indispensável sua ciência, não era uma ansiedade natural, a homenagem habitual ao médico, de que aquinhoavam seus colegas de classe? Não se dirigiam à pessoa, mas à profissão. Fazendo-lhe fosquinhas dançava-lhe diabolicamente na cabeça a meia dúzia de fórmulas que sabia de cor e receitava para tudo. Do tropel irrompiam por meio delas frascos de preparados que prescrevia por serem novidades ou pelos rebarbativos nomes científicos. E do meio delas e deles saía a gargalhada histérica das receitas erradas, das doses mortíferas propinadas por inadvertência. Tudo lhe chamava o mesmo o apodo:

— Homem vulgar! Nulidade!...

Por uma correspondência secreta, o quebranto moral comunicou-se ao físico, e ele parou. Faltavam-lhe forças para caminhar e para pensar. Quedou-se bestificado e vazio... Viu-se a meio caminho da vila. Olhando o chão, interessou-se distraidamente por um marimbondo-cavalo que arrastava uma tarântula morta; linha a linha subia o barranco, puxando a pesada aranha; de repente despencavam ambos de cambulhada, tornava a subir, lentamente, puxando com esforço...

## CAPÍTULO IX

Por esses abençoados tempos o governo resolveu lançar olhos vigilantes sobre a instrução pública, e o futuro prometia farta colheita de benefícios. Passou a ser enérgica a fiscalização técnica do ensino. Os inspetores punham em contínuo sobressalto os pacatos professores, sobre cujas cabeças parecia estar constantemente a desabar, como um raio, a demissão do nobre cargo.

Navarro nunca temia esses fiscais, cuja interferência, aliás, só respeitava à Escola Normal (o Ginásio era apenas sujeito à inspeção permanente do coronel Tinoco, um fazendeiro de vistas curtas indicado pelo diretor e nomeado pelo governo da República).

Nada obstante, tomava-o um pouco de inquietação quando algum ameaçava chegar, emoção que contribuía para dar mais sabor à vitória que lograva a cada uma dessas visitas. E ele buscava transmitir aos professores essa inquietação, para que se esmerassem em fazer brilhar as classes, por ocasião das visitas oficiais. Pedia-lhes igual zelo pelo ensino no “Deus, Pátria e Família” e no “Fiat Lux”, porque os docentes de um eram os de outro; e Navarro julgava indispensável deslumbrar os inspetores com o regular e brilhante andamento dos trabalhos do Ginásio. Cada uma destas visitas equivalia a um imenso cartaz que por toda Minas apregoasse o seu nome, emparelhado com a sua obra.

Não temia os fiscais, entretanto. Homens formidáveis acompanhados com a inveja dos seus inimigos, já haviam arribado ali com as piores intenções. O Trovão fora um deles.

Quem o visse! Era um monte de banhas, um hipopótamo atoucinhado, afogado em papadas, todo ele a estrugir e a arrastar quando estava em jejum. Seu encontro com o Navarro foi tremendo como um estouro de granada. É que Trovão não almoçara... A fome, em irritados borborigmos, rugia nas entranhas do bruto. Passados os ecos da primeira trovoadá, Navarro teve o tato de arrastá-lo para a mesa. Serviu-lhe suculentos paios, garoupas chegadas de fresco, presuntos recendentes... Trovão atafulha-se dessas coisas, roncando e fungando como um porco. Ao fim da travessa de requeijão que pôs termo ao almoço, Navarro contou-lhe anedotas desopilantes, temperadas com o efeito de um garrafão de vinho caldense; e Trovão, incapaz de comer mais, manso e desassombrado, o corpo descaído para trás, os dedos encruzados no ventre abacial, abalava os alicerces da casa com homéricas gargalhadas.

Dali foram às aulas. O fiscal assistiu a tudo fingindo atenção, num abandono de si que era quase um dormir. Um sorriso de bem-estar soerguia-lhe o canto dos beiços sensuais, e tinha o olhar diluído em untuosa ternura. O bruto cismava... Nas suas cismas sorria-lhe uma enorme posta de garoupa, afundida em pirão, reservada para o jantar.

Foi-se o Trovão. E o fiscal temeroso, insubornável, e que tão prevenido viera contra o Navarro, apenas deixara nas Três Barras, como marca indelével de sua passagem, em vez de ruínas e assolações, a memória de uma tremenda indigestão de leitão com chouriço.

Depois veio o Mesquita, outro homem temível, por ser irmão ou primo de quem quer que era que tinha interesses em conflito com os do Navarro. Cumulava ao seu cargo o de redator do *Martelo*, reles semanário. Felizmente passou pela vila como nuvem rósea num céu azul. Era elegante, flor ao peito, muito conversável. Foi recebido na estação entre alas de alunos e alunas que lhe despejavam na cabeça balaiadas de flores. Processionalmente o conduziram ao ginásio; e, a partir do momento em que o préstito entrou o salão do ex-teatro e leu seu nome no alto da parede, ele, que até então se mantivera contrafeito e ambíguo, deu-se de corpo e alma ao Navarro. Sentira

a impressão de haver sido perpetuado em bronze eterno... Durante os dias de exames que lá esteve, foi uma festa não descontinuada entre discursos e flores. Se saía à rua, era sobraçando ramalhetes de que pendiam fitas rabifurcadas, com palavras alusivas às suas grandes qualidades. Ouviu encantado trinta e tantos discursos encomiásticos. Para fiscalizar os exames era entronizado num estrado e submergido entre tufos de flores, tendo ainda nos cabelos e nos ombros relíquias da chuva festiva de pétalas e folhas com que ao cruzar do limiar o acolhiam as examinandas. Partiu ao espocar de foguetes, entre novas manifestações; e, entre as muitas suaves recordações que levava das Três Barras primavam as quinze assinaturas do *Martelo*, que Navarro tomara para si e para os subalternos.

E depois de ter-se medido com homens tão temíveis, e com uma chusma de outros de menor temibilidade, quando já seu nome estava definitivamente depurado no crisol de tantos relatórios panegiristas, eis que o domina terror infantil e incompreensível à notícia de que estava a pique de surdir ali um novo fiscal, um certo Cobra, de quem apenas conhecia o nome — mas que nome! — tendo, outrossim, lembrança de lhe ter visto o retrato algures: vastas barbas cobrindo-lhe à feição de máscara a maior parte da tromba, densíssimas sobranceiras, e dois olhos ferozes emboscados como bandidos atrás dessa abundância de pelos. Quem seria esse Cobra? Que redes ocultas vinha urdir contra seus institutos? — perguntas como estas Navarro não cessava de formular mentalmente.

E o diretor tremia, e informava-se; cada novo informe, porém, vinha agravar sua conturbação. Soube que o Cobra cercava de mistério seus atos e seus roteiros; que só viajava a cavalo, para mais facilmente colher flagrantes de desleixo; e que de viagem disfarçava-se em caipira... Só apurou isso. O mais, era vago, contraditório, dubitativo. Sobre estes alicerces, nada mais natural que levantar-se o busto do fiscal com todos os traços de esfinge indecifrável, como o via o Navarro ao evocá-lo. Por isso, na secretaria do ginásio, onde reinava o afã das repartições frequentadas, havia horas em que o diretor redigia, umas sobre outras, minutas de telegramas aflitos,

que espalhava por todas as localidades da circunscrição do Cobra: “Bom Retiro — Dr. Arantes: Inspetor Cobra aí?”, “Agente correio Canaviais: Peço notícias índole inspetor Cobra”, “Coronel José Pendão — Poço Fundo: Soube inspetor Cobra esteve aí. Peço informações minuciosas seu itinerário. Resposta paga oitenta palavras”, etc. Vinham as respostas — e com elas aumentava o impreciso e a dúvida...

Havia momentos em que, numa tão suplicante incerteza, Navarro reclinava a cabeça sobre o peito do Dadico, esmorecendo. Nesses instantes era como o vencido que oferece o pescoço à espada do inimigo, para pôr termo a uma resistência exaustiva e estéril. Dadico, que não conhecia bem o diretor, admirava-se desses desfalecimentos de bom augúrio. Não sabia que essas crises de pusilanimidade e desalento só o afligiam em vésperas de pleitos memoráveis, quando cogitava grandes modificações na sua vida. Nesse ano abriam-se-lhe à vista largos e acessíveis horizontes, que o enchiam de febre interior. Planejava imensas coisas, sobre as quais se expandia confidencialmente nos ouvidos distraídos da Adélia. E era essa incubação grandiosa e secreta que lhe quebrava a energia.

“O momento decisivo não vem longe — estou no meu Get-sêmani” — balbuciava ele em voz débil, com a cabeça pousada ao colo do secretário amado.

Nesses períodos tinha para os subalternos a ternura vencida dos fracos que imploram solidariedade...

Passado o primeiro desfalecimento, viera como reação a rudeza do exaspero; o diretor levantara a cabeça enérgico, viril e tomava medidas que prevenissem os inconvenientes de uma surpresa; e, à febre das suas ordens, via-se cercado de uma agitação febril, que objetivava, em torno de si, a sua disposição de ânimo. Operários, em grande freima, rebocavam os portais de tintas novas, e remoçavam a mobília escolar; jornaleiros em mutirão melhoravam a estrada da chácara; começou a ser dado o número regulamentar de aulas de trigonometria, mecânica e outras matérias habitualmente enforcadas em benefício do ensino “prático”; afixaram-se concentrados horários

provisórios; a meninada decorava discursos; às aulas os docentes esforçavam-se mais; e, a qualquer rumor de passos aporquinantes, tomavam atitudes estudadas e arregalavam o olho para a porta, contando com o inimigo; o sono do Dr. Ercole Cavagnari, passou a ser mais sobressaltado; o Bias berrava, multiplicando perguntas a “Mr. Weber”, às quais a vozinha fina do menino prodígio respondia como um refrão; “Oui, monsieur!”. O farmacêutico Mendonça andava consternado; seus cabelos cresciam à ideia de ser precisa alguma experiência de química, de volver a lidar com os ácidos roazes, com as reações traiçoeiras do ácido sulfúrico e com as retortas explosivas; em contrabalanço, o Lago, catedrático de música e desenho, regozijava com a oportunidade de exhibir certo fraque esguio e solene que andava sofrendo ásperas escovadelas.

Em tudo se via inquietação, afogo, e como preparativos para grandes acontecimentos.

Para pôr cobro a essa inquietação geral, o próprio Cobra comunicou o dia de sua vinda. Foi isso dois dias depois da chegada do Dr. Peregrino. Na secretaria, a sós com o Dadico, Navarro corria com a vista as cartas recebidas pelo trem da manhã; acotovelando-se com ele, o secretário fazia lançamentos no contas-correntes. O diretor falava-lhe ininterruptamente, dando-lhe conselhos morais, que entremeava de uma ou outra breve observação sobre a correspondência.

— Você sabe, Dadico, não quero a mínima quebra de harmonia quando o inspetor Cobra abicar a estas paragens, por isso, permita que, pela centésima vez, censure seu procedimento com o Lago. Você precisa desagarrar-se da Nhá Tuca, uma vez por todas. Que diabo! É o Lago quem a sustenta, logo, é dele; sendo assim, deixe-o em paz!

— É nossa — fez o secretário com os olhos de rato crepitando malícia.

— Vá, não gracieje, Dadico; você bem sabe que, como dizem os juriconsultos, há coisas por sua natureza indivisíveis. Repugnam à consciência certos comunismos... — O José da Exaltação pede a conta; mande-lha hoje mesmo.



Navarro passou às mãos do Dadico uma carta e prosseguiu.

— Repugnam! Não tanto pela coisa em si, mas pelas consequências. Assim, conhece o gênio explosivo do Lago; e, como ele já está pela garganta com você, não é impossível que durante a visita do Cobra surja qualquer pugilato que desmoralize esta tenda de trabalho.

— Por esse lado não há perigo, sorriu o Dadico; se tivesse de haver catástrofe, já teria arreventado há muito tempo.

— Dadico, não brinque! — Já foi cumprida a ordem do Soares. Arre! credite-lhe, enfim, os quatrocentos e cinquenta mil réis. — Desconfie dos mansos. Quando menos se espera, eles saem-se com alguma... Além disso, mesmo pelo lado higiênico, essas sociedades têm inconvenientes. Quem nos diz que o Lago não tem em si qualquer vírus, que, indiretamente, possa inocular? Hei de pedir ao Peregrino que dê a você algumas luzes sobre os progressos da bacteriologia e propriedades dos vários cocos... E, além disso, Dadico, Nhá Tuca é mulher do povo, talvez de pouco asseio, e com seus quarenta puxados. Que beleza você foi achar ali? Uma cara enrugada, mais própria a fazer de papão que a se pasmar em trejeitos sentimentais.

Dadico soltou uma brusca e estridente gargalhada.

O diretor embatucou um pouco; depois redarguiu com severidade, rompendo um novo sobrescrito.

— E o lado moral da questão, Sr. Dadico? Onde fica a moral? Sócrates, o grande Sócrates, a alma pura que foi Sócrates, disse em um dos seus livros...

Navarro não completou a citação. Empalideceu, cambaleou. Dadico lançou a pena e precipitou-se em seu socorro.

— Que tem você, Navarro?

Com uma das mãos o diretor agarrou-se à secretária; com a outra transmitiu-lhe o cartão que assim o transtornara:

— Leia! — disse.

E, por cima dos ombros do subalterno, releu as palavras seguintes: “Sr. Antônio Junqueira Navarro.

Cumpre-me participar-lhe que aí chegarei sábado próximo futuro, à tarde.

Serei seu hóspede por quarenta e oito horas ou mais. Sou, com estima,

Seu admirador e criado.

Matos Cobra”

— Viu que homem? Que fera? — comentou Navarro, custando a reachar a voz.

— Não vejo nada de mais,olveu o secretário, analisando as frases do recado. Absolutamente nada. E não posso compreender por que você está e tem estado tão perturbado estes dias! No Brasil não há um colégio igual aos seus.

— Não é isso, tornou o diretor; não receio um exame imparcial, e sim a prevenção. Este homem está prevenido comigo!

— Por quê? Qual, Navarro! Eu às vezes me convenço de que você está ficando idiota!...

Por preocupado que estivesse o diretor, a familiaridade do secretário fê-lo arrugar as sobrancelhas.

— Sr. Dadico — censurou — é hora de serviço, por isso, deve compreender que aqui não está o amigo e sim o diretor, ouviu bem? Meça, portanto, suas familiaridades.

— Sim, senhor, queira desculpar, Sr. Navarro — respondeu o secretário com vozinha adocicada.

— O fiscal está muito prevenido — prosseguiu o diretor, reatando o fio cortado. Ouça! — e em voz alta releu o bilhete, que ia comentando:

— “Cumpre-me participar-lhe” (hem? quanta solenidade!) “que aí chegarei” (que tom incisivo!) “sábado próximo futuro” (hoje, santo Deus!). “Serei seu hóspede quarenta e oito horas ou mais” (é uma devassa, Dadico! Os outros fiscais em duas horas visitam as aulas todas). E agora no fim: “Seu admirador”. Que provocação!

Num grande assomo chegou o cartão às vendas do Dadico:

— Leu bem? É um repto, um cartel de desafio!

Em seguida, quase desfalecendo, cingiu o pescoço do secretário, a cujo ombro arrimou a cabeça. E pôs-se a gemer:

— Num momento destes é que se aprecia a amizade, Dadico; e eu que não tenho por mim nem um coração dedicado! Quanto desejava ter um verdadeiro amigo!

— Pois duvida, Sr. Navarro...

— Não me trate de “senhor”, Dadico; trate-me simplesmente de Navarro... Quem está aqui agora não é o diretor e sim o amigo, um amigo infeliz que precisa de conforto... Diga-me alguma coisa, Dadico... Ou não, não diga nada, porque mesmo que você fosse sincero eu não acreditaria... Que pena você ser tão interesseiro! Vá chamar o subdiretor, vá!

Veio o Meira. A pedido do Navarro percorreu as linhas do fiscal, e também não notou nada de mais, a não ser um “c” desnecessário em “futuro”. A opinião do Meira fez o diretor renascer do quebranto; e incontinente, sentindo um vigoroso afluxo de energia, bradou ordens, multiplicou providências, movimentando com cada frase um batalhão de empregados e alunos.

Contrastando com essa agitação anormal, havia a quatro léguas dali um quadro pacato. Por uma estrada que demandava a Três Barras, cavalgavam dois viajantes. Ao primeiro lanço, julgar-se-iam dois matutos da mesma igualha; atentando-se, todavia, ao que abria a marcha, notar-se-ia sobre a dianteira do lombilho uma grande mala, o que induzia a crer fosse um camarada, ao passo que o ar digno e lambão do companheiro, indicava o patrão viajando incógnito. E assim era.

Este último tinha tudo da fotografia que horrorizara o Navarro, dando-se desconto do cansaço que abatera um tanto sua feição bravia; as barbas davam-lhe catadura sinistra, e vez em vez seus olhos expediam fulminantes flechas para o matungo que parecia afrouxar. Quem o visse nesses momentos, havia de espantar-se da alimária não cair trespassada de cada vez que se lhe dirigiam esses olhares, terríveis.

Seguiam silenciosos, hipnotizados pelo piso isócrono dos quadrúpedes.

Como o camarada fosse distanciando o patrão, cujo animal se deslocava em passo lerdo, este, com voz cava e trágica, bem conforme à sua figura, bradou:

— Máximo! (o camarada chama-se Máximo) apanhe-me uma vara, por favor.

O interpelado respondeu com decisão:

— Não, Sr. Cobra; já lhe dei quatro depois que saímos do pouso, e o senhor deixou cair todas. Apanhe o senhor mesmo, se quiser.

O fiscal (era ele) suspirou resignado e picou o animal com o tacão das botas, à guisa de esporas, que não trazia. Não podia aceitar, por impraticável, o alvitre do camarada. Sem embargo do seu muito viajar, era mau cavaleiro, e a custo mantinha o prumo na sela. Apear, apanhar a vara, tornar a montar... operações muito complicadas para quem não se sentia naquele momento com muitas disposições para o heroísmo.

As pernas se lhe derrearam em breve, com a nova ginástica. Por um motivo secreto fazia questão de não ficar muito atrás; observava com enorme concentração os mínimos movimentos do camarada percebendo assim que ele fazia o seu animal acelerar o passo, excitando-o com dissimuladas manobras que seriam imperceptíveis a um observador desprevenido. A suspeita que o patrão concebera corroborou-se.

— Máximo! — declamou — deixe-me ao menos ir adiante, para você tocar meu cavalo quando ele lerdear.

— Não! — respondeu aquele com a mesma decisão. — Para quê? o senhor não sabe abrir porteira... Assim, eu vou onde vou.

— Você é injusto, Máximo! — retorquiu o amo. — Quantas porteiras já não tenho aberto? Hoje mesmo uma ou duas, se não me engano.

O camarada achou melhor não dar resposta; e abertamente picou o animal.

“O Máximo é um autocrata” — pensou para si o Cobra, que tinha o hábito de formular sentenças sobre o caráter de seu companheiro de viagem.

Este seguia em passo estugado; e, em breve, dobrou um espigão ao longe. A horrível suspeita que invadira a alma do fiscal, então toma vulto e ele se resolve a praticar um feito heroico. Ao primeiro arbusto que o ombreia a jeito, invoca toda a sua resolução e se obliqua para ele. Cai não cai consegue quebrar-lhe um ramo que vitoriosamente desfolha. Tem a vara, enfim! E com umas lambadas esperta o matungo, que despede em perigoso galope.

Quando por sua vez atinge o espigão, engasga-o um “oh!” de triunfo. O Máximo pilhado em flagrante! Pouco além seguia o camarada, baforando descuidado as fumaças de um cigarro de palha.

Máximo, ao vê-lo, sobressaltou-se e esporeou o animal para manter-se a distância; com dois arrancos, porém, Cobra pôs-se-lhe de par e censurou calorosamente:

— Não me pode mentir agora, Máximo! Você tem fumo... E ainda há pouco mo negou! Sabe Deus como ando seco por fumar há duas horas!

O camarada, de mau modo, ajuntou nos fundos do bolso da calça uma pitada de farelo que o patrão recebeu alegremente no covo da mão; e, já sem pressa, Máximo foi trotando emburrado, não respondendo às frases cariciosas com que o Cobra, enfim bem-humorado, tentava ameigá-lo.

Comovidamente o fiscal confeccionou o rolete; e no acendê-lo pôs uma tal gana, que as barbaças quase lhe foram em labareda. Traçou a primeira fumaça até o mais profundo das pacueras, saturando da brancacenta névoa as mais recônditas vesículas; aí parou de viver um momento, gozando beatamente essa primeira impressão; em seguida expeliu o fumo, que ao sair se entranhou na raiz das barbas, desprendendo-se depois por entre o pelo, em lenta fumigação.

O Cobra não protestou por ver de novo o camarada tomar a dianteira. Sentia-se invadido de grande felicidade, que nesse momento se traduzia por tendências a expansão.

— Olhe, Máximo — disse ao camarada, fazendo largo aceno, que este não viu por não se ter voltado —, olhe este gordural florescido que de todos os lados nos cerca! O capim recobre as ondulações

destas colinas como um tapete roxo. Que cheiro penetrante de uberdade e viço! E você não se move a toda esta poesia, Máximo... Você não tem a alma entusiasta. Isso é mau, Máximo; o homem não deve cuidar das necessidades corporais. (Repentina mudança de tom.) Mas que é isto! Um córrego espreado... Um caudal atravessando a estrada... Cuidado, Máximo! vá tentando o caminho para achar vau... Não! o melhor é esperar quem nos informe... (Grito de horror.) Máximo! que é isso! Vai pelo mais fundo! Aí é um pélogo, talvez... Volte, temerário! Não serei eu... Lá caiu minha vara e o cigarro! E o meu cavalo que não obedece! Máximo! eu morro!

E mais não disse. O fiscal, abraçando-se ao pescoço do cavalo, fechou os olhos ao mundo exterior. Sob ele, compassadamente, os jarretes do animal padejavam a água. Ainda bem que o cavalo do camarada pisou em pouco chão duro, e o seu fez o mesmo após um angustioso infinito. Cobra então abriu largamente os olhos, e, volvendo a cabeça, contemplou absorto as águas que atravessara, com a sensação dulcíssima daquele

“che con lena affannata,  
uscito fuor del pelago a la riva,  
si volge a l’acqua perigliosa e guata”

Do abismo seu olhar foi buscar Máximo, que filosófico lá seguia à frente, sem demonstrar a mínima emoção, como se nada se houvesse passado.

— Máximo, você é intrépido! — sentenciou o Cobra, cravando-lhe nos costados olhos cheios de admiração.

A perda do cigarro e da vara não molestaram o fiscal, pois a lembrança do perigo passado dilatava-lhe o coração em calmo gozo. Esvanecida essa violenta impressão, o cheiro suculento do capim-gordura incutiu-lhe disposição para prosseguir na ordem de ideias interrompida; preferiu, no entanto, calar, por ver que Máximo continuava embezzerrado. E ambos recaíram na sonolência hipnótica que provocava o balanço ritmado e o compassado patear dos animais.

De longos anos Cobra obtinha do governo empregos de viajar, sem todavia fazer uso de outro meio de locomoção que não fosse o cavalo, por mais econômico. Levado pela avareza, que das suas qualidades morais era a de mais destaque, vestia-se como um carreiro a título de incógnito, e ratinhava o mais possível nas despesas forçadas, o que o levava a nunca pagar hotel, preferindo hospedar-se com professores, sob pretexto de esmuiçar-lhes a “psicologia” profissional.

Em todas essas viagens tinha o Máximo por companheiro insubstituível. Malgrado os rigores do rebelde camarada levarem o amo a defini-lo como um bruto sem entranhas, votava-lhe admiração infinita. Os mil pequenos atos do Máximo num só dia bastavam para lhe encher a vida. O camarada absorvia-lhe os pensamentos. A maior preocupação do Cobra era estudar-lhe a “psicologia”, sua expressão favorita. E, palestrando com terceiros, não se cansava de dizer com o calor de um nunca arrefecido enlevo: — O Máximo é de uma franqueza rude — O Máximo é uma alma leal — O Máximo é um valente...

A maior dor d’alma do patrão era Máximo não ser um “intelectual”. Por isso, quando viajavam, o fiscal tentava embutir-lhe algumas noções gerais, sobretudo certa dose de filosofia transcendente; mas o camarada era-lhes refratário; e por vezes, no mais patético das divagações do amo, pedia a este que lhe poupasse os ouvidos.

Por seu turno, Máximo não queria saber de outro patrão. Embora jurasse e tresjurasse em cada viagem que aquela seria a última que fariam juntos, esses juramentos só lhe saíam da boca. Considerava um tanto o Cobra como propriedade sua, o que lhe fazia conceber zelos das pessoas que lhe demonstrassem amizade. E, para fazer esquecer o descaso com que aparentemente o tratava, sempre que ameaçava o amo um perigo real, Máximo não hesitava em afrontá-lo.

E assim, amo e servo completavam-se como D. Quixote e Sancho Pança.

Decorreram longas horas silenciosas. Por volta das cinco, os cavaleiros avistaram a vila.

— Máximo — disse então o Cobra —, repare bem naquela baixada, na entrada da povoação... Está vendo? É uma boiada imensa... Vamos dar uma volta, passando mais à esquerda, por aquelas marias-pretas.

— Não — respondeu, seco, o camarada —, o caminho é por ali, havemos de passar por ali.

— Máximo! Máximo! Veja bem o que faz! Pese as grandes responsabilidades que recairão sobre você!

Máximo foi inflexível; e o fiscal media, aterrado, a extensão da onda viva que se mexia no vargado longínquo. Como não via chifres, alimentou a esperança de que fosse gado mocho, raça que lhe parecia menos temível. Esmurrou a anca do cavalo até este encostar o focinho no traseiro do animal de Máximo, para assim ir mais à sombra do obstinado camarada. E começou a fechar antecipadamente os olhos.

— Ó Sr. Cobra — disse de surpresa o companheiro —, aquilo não é gado, é gente!

O fiscal atentou para a baixada, e reconheceu, atônito, ser realmente uma multidão humana; e viu, pairando sobre as cabeças, panos grandes, imitantes a velas pandas. Ali havia letreiros ainda ilegíveis. Deviam ser estandartes.

A estrada começou a descer, contornando um cabeço. Seu leito cavado pelo trânsito secular e pela erosão, entre duas altas barrancas laterais, tolhia agora a vista. Além assomaram os viajantes a cavaleiro do povo.

Vinte foguetes serpentearam no ar, indo estalar no céu. Instrumentos metálicos com o som empalidecido pelo descampado tocaram o hino nacional. A vozeria da gente clamava vivas a alguém. As velas pandas — efetivamente estandartes — também davam vivas a alguém, cujo nome o Cobra não pôde ler pelo fremer entusiástico dos panos. E toda aquela multidão parecia avançar ao encontro dos viajantes...

Cobra sentiu um íntimo arrepio indescritível. Aquilo seria para ele?

— Máximo — gaguejou a custo —, deixe-me ir adiante, porque...



A voz negou-se a dizer mais.

Batendo duro com o calcanhar na barriga do cavalo, fê-lo de um pincho passar para a frente; e com a acuidade dos sentidos centuplicada, o Cobra procurava a confirmação de sua suspeita.

Agora não havia duvidar. Dentre os gritos do povo, o espipocar dos foguetes e o tarataxim dos instrumentos, vinham-lhe nitidamente os sons: "... obra!". Num estandarte vislumbrava um "TOS": e, quando a charanga calou, ouviu, já perto, um homem pletórico bramar, alçando os braços:

— Viva o Exmo. Sr. Inspetor Matos Cobra!...

— Viva! — respondeu o povo a um tempo.

Estavam chegados. O fiscal fez uma careta, sorriu alvarmente, engoliu um soluço, e, forçado a apear-se — que século levou a arrancar o pé do estribo! — foi cair, acabrunhado de gozo, nos braços alentados do Navarro.

## CAPÍTULO X

Desse lugar até a chácara “Deus, Pátria e Família”, Cobra foi de braço com o diretor. Durante o caminho mostrou-se perturbado, deixando sem resposta as frases que ele lhe dirigia. Isso tornou Navarro apreensivo, supondo que o fiscal o fizesse de estudo, para dar-se ao respeito. Navarro então envergonhou-se de ter feito tão pouco; sentiu não ter podido arvorar arcos de bambus pelos dois quilômetros que percorreu o préstito. Davam-lhe instantâneo alento as lágrimas que escorriam sobre a cara do fiscal, cujas barbas orvalhadas tinham certas convulsões que denotavam soluços. Pensou todavia que essa comoção fosse comédia, pois sentia-se ainda impressionado pelos olhares terríveis do manifestado, que bem figuravam, através das bagadas comovidas, coriscos entre o aguaceiro. As próprias vestes dele lembravam-lhe Diógenes e outros filósofos célebres, a quem o excesso de ideias empecia às preocupações materiais. No relancear aquilino com que a espaços o fiscal abrangia o préstito, Navarro lia um meticuloso espírito de observação. “O homem já começou a inspecionar” — dizia de si para consigo. A verdade, contudo, é que Cobra procurava Máximo enternecidamente, para ver se também ele partilhava da sua emoção. Só sabia ser feliz a dois, e o número dois havia de ser Máximo. Mas não lhe dava com os olhos.

— Máximo vai encher-se de orgulho, pensava. Decerto, vem atrás deslumbrado. Ganharei muito na sua opinião.

Depois de um tempo infinito, e infinitamente doce para o Cobra, chegaram à Escola Normal. Dos dois ramos da escadaria de

entrada debruçavam-se meninas de branco, que à chegada do fiscal lhe entornaram na cabeça bandejadas de pétalas. Faziam-no, porém, de tão mau jeito e tão contrafeitas, que Navarro se possuiu de íntima fúria. Passando por elas segredava-lhes áspero:

— Deem vivas! Fiquem alegres, riam-se!

Foi em vão. Os rostinhos melancólicos mostravam antes vontade de chorar. Algumas furtivamente enxugavam lágrimas rebeldes. E, ao invés dos vivas ordenados, reinou um silêncio sepulcral. Havia só o tropear da multidão a desandar para a vila, e que lembrava a rumorosa abalada de um préstito fúnebre que acaba de largar o morto no cemitério.

“Sou um incompreendido” — murmurou o diretor, apegando-se ao seu ideal.

Mais familiarizado com o inspetor, ia-o levando de reboque para o locutório, quando o viu empacar na soleira, volvendo-se com inquietação para a turba que lhe mostrava as costas. O diretor supôs que ele quisesse falar. Bateu palmas chamando a atenção e chegou a dar uns gritos para fazer voltar as pessoas do cortejo. Enganara-se, porém, na sua suposição; Cobra apenas procurava Máximo.

— Não vai falar? — perguntou o diretor, vendo-o fazer menção de entrar.

— Falar? Eu?! Absolutamente! — respondeu Cobra, assustado.

Nunca em sua vida fizera um discurso; e à só ideia de discursar enfrentando uma multidão, injetava-lhe no corpo todos os pavores. Era o primeiro a estranhar essa insólita negação, pois, viajando com Máximo, tinha momentos felizes, em que, sem exagero, reconhecia em si uma superior eloquência, que sentia desperdiçar nos ouvidos do seu bronco companheiro de peregrinações.

— Não é nada, podem voltar! — gritou Navarro para a turba. E precipitou-se ao encalço do fiscal que fora refugiar-se na sala de visitas, onde ainda continha com as mãos os batidos do peito.

Afastado o perigo, Cobra pôde respirar. Ao mesmo tempo desgostava-o má impressão que o incidente poderia dar de si ao diretor. Ah, se o Navarro o tivesse ouvido ainda naquele dia, quando ele

mais o Máximo atravessavam um gordural! Pena foi o incidente do córrego interromper a parlenga que começara tão bem. Mas no decurso de sua estada ali, havia de desvanecer essa má impressão, atestada por um risinho entre cortês e irônico que o Cobra bem viu, ao dar-lhe sua resposta terrífica. Entretanto, o diretor demonstrava-lhe certo acatamento que lhe agradava. Chegou a mandar a esposa para apresentar-lha; e após um rápido cumprimento trocado entre a dona da casa e o recém-vindo, sem dar tempo a este de formular a frase respeitosa e elegante que concebera, puxou-o para fora da sala:

— Deve estar cansado, mas vamos dar uma vista d’olhos nas salas de aula, fazendo tempo para o jantar. É desnecessário dizer-lhe que, além de não ser mais hora de lições, hoje o dia foi considerado de grande gala, em homenagem ao amigo.

— Obrigado.

— Não tem que agradecer. É um justo tributo que rendemos a um dos mais brilhantes expoentes da raça latina.

— Obrigado, obrigado. O senhor me comove...

E Cobra enxugou uma lágrima.

Foram a todos os salões e anexos da Escola Normal. Tendo-se senhareado de si, o diretor dava largas à loquacidade. Via claro a ascendência que ganhava sobre o incorruptível funcionário e jurava-se que daí a pouco nada restaria de perigosa prevenção com que este abordara às Três Barras.

Na sala de geografia mostrou-lhe, um a um, todos os mapas murais, indicando-lhe a posição de muitas cidades importantes. Perguntou-lhe sobre seu berço natal; e tendo o fiscal respondido que era a Mumbuca apontou incontinentemente.

— Cá está a Mumbuca, a gloriosa gleba! veja sua terra abençoada... Vou assinalá-la a tinta cor-de-rosa para chamar a atenção das alunas... Ah, meu caro, nós aqui temos o culto dos beneméritos!

Veio a lançar uma dissertação sobre o professorado. Eram apóstolos do livro, legionários da ciência, etc.

— Agora aqui, a mobília americana (deu repetidos socos em diversas carteiras). De solidez a toda prova! E com a distância regularmente positiva. O senhor vai conferir; vamos buscar a fita métrica...

Com esta tenção entraram na sala de geometria. Navarro, porém, esqueceu as carteiras e fez o fiscal admirar uma figura traçada a giz no quadro negro. Explicou-lhe que naquele dia o assunto da lição fora a avaliação da área de um trapézio.

— Ensino eminentemente prático e intuitivo — anotou.

Dali se dirigiram ao gabinete de física e química e história natural, onde preparou em dois tempos um copo de limonada efervescente, que ofereceu ao fiscal. Por sinal que carregara muito no ácido cítrico. O Cobra provou, careteando.

— Que tal? — perguntou Navarro, com um ar triunfador.

— Deliciosa, saborosíssima — respondeu o fiscal, que gostou de os adjetivos lhe saírem fáceis. Há quanto tempo buscava brecha na dicacidade do Navarro para encaixar uma frase revelativa de seu talento!

— Não é a minha cadeira, mas nós, os docentes, nos familiarizamos com as dos colegas, para haver uniformidade de vistas e sempre um substituto à mão... Mas beba mais, já que gostou.

— Obrigado, mas acho que...

— Beba! Nada de cerimônias...

Navarro levantou o copo que aquele depusera e pôs-lho ao nariz. Cobra virou o resto.

— Mas interrompi-o, desculpe!

— O senhor ia dizendo que achava que...

— Nada... Apenas que a limonada estava um tanto ácida...

E o diretor com veemência:

— Oh, por que não o disse? Para desfazer a má impressão, preparar-lhe-ei outra com todas as regras... Espere, é um momento.

— Não, não! estou satisfeito — obstou o fiscal, aflito interpondo-se entre o Navarro e os bocais.

Continuando a exibição, o diretor apontou os quadros do Museu Deyrolle, que revestiam as paredes. Tomou uma miniatura de

esqueleto de uma caixinha e fê-la dançar sobre a mesa. Passando à seção de física, armou e graduou um microscópio, obrigando o fiscal a arrancar um fio das barbaças, operação dolorosa de que foi largamente recompensado vendo-o pela ocular tornar-se em reforçada cordoalha, o que o encheu de orgulho. Entrando pela eletricidade, fez funcionar a máquina elétrica, que não deu faísca; conseguiu, todavia, carregar uma bateria de Leyde, com a qual por um triz não fulminou o inspetor técnico, que deu um berro.

— Então! — disse o diretor, entusiasmado. — Forte, pois não é? E nem podia ser o contrário: aqui tudo é novo e bem-cuidado; em Minas não há um gabinete como o meu, garanto-lhe.

O fiscal, em tremuras, quis responder com uma frase lapidada, mas ainda não havia recobrado bem seus espíritos. No princípio cuidara que ia morrer, felizmente dentro em pouco só lhe restava um resquício de terror retroativo.

Saíram para outro compartimento. Navarro quis proporcionar ao fiscal um agradável inesperado e por isso lhe cedeu o passo:

— Reservo-lhe aqui uma surpresa — disse prazenteiro, filando efeito —; vejamos se atina com ela.

Enquanto o diretor revia à socapa a legenda em tinta fresca e letras góticas “Salão Matos Cobra”, estampada no alto da parede, o homenageado dava uma vista de olhos ao redor.

— Não sei... Nada vejo — disse.

— Ali ao alto... “Salão Matos Cobra”!

O fiscal sentiu-se felicíssimo ao dar com o seu nome eternizado na história. Nem pôde agradecer.

— Desculpe a insignificância da lembrança — disse Navarro —: o senhor merece ainda mais. E saiba que neste salão se leciona civismo e pedagogia. É o salão nobre. Venha, vamos continuar o giro.

O diretor tomou-lhe o braço e levou-o aos outros repartimentos.

Por último, mostrou-lhe as latrinas.

— Desinfecção perfeita... Descargas automáticas... Água em abundância. Não tem nem longes de mau cheiro. Experimente, experimente.

Obedecendo à pressão que lhe fazia no cogote a mão robusta do Navarro, o fiscal dobrou-se e aspirou; ato contínuo torceu o nariz, enjojado.

— Largue-me, senão sufoco — pediu angustiado ao diretor, que ainda o mantinha curvo.

— É o cheiro do desinfetante — explicou o último.

— Saíamos daqui, rogo-lhe, que me sinto tontear; talvez seja influência destes vapores sulfurosos ou choque da limonada. A verdade é que não me sinto bem.

Tornaram à sala de visitas. O diretor ia conduzir o Cobra para o jantar, mas um afastado tilintar de talheres fê-lo mudar de propósito.

— Ainda não lhe ofereci banho — disse —, e já há de lhe estar achando a falta. Vou providenciar.

O fiscal respondeu com desespero, depois de ir mais uma vez devassar a avenida fronteira:

— Não pode ser agora, porque não sei que foi feito do Máximo. Sumiu com a mala.

— Deve estar por perto, vou mandar procurá-lo — disse Navarro, saindo.

Voltou pouco depois.

— Ninguém sabe dele... — explicou. — Agora lembra-me o tipo; é um homem assim de meia-idade...

— É.

— Trombudo...

— Exatamente, mas uma bela alma.

— Acho bom avisarmos o subdelegado — observou o diretor. — Quem sabe se não azulou com os seus haveres? Há gente tão sem escrúpulos... e seu camarada tem a cara de um refinado patife.

— O Máximo é um caráter probo! — exclamou Cobra, a modos de protesto.

— Seja o que for, precisamos remediar — disse Navarro. Ponho à sua disposição meu guarda-roupa... Desculpe-me a ousadia, mas insisto para que aceite. Espere, enquanto mando ver o banho.

Dali a instantes veio Luciana buscá-lo; e, espichando o longo braço retinto, mostrou-lhe o quartinho, onde a água na banheira fumegava calor.

Fechou-se a porta sobre a figura enxovalhada do fiscal; meia hora depois reabriu e por ela saiu-se, outro homem, vestido de sobrecasaca talar, a orla da calça enrodilhada no peito do pé, tudo bambeando-lhe no corpo por excessivamente largo. Ganhava, todavia, em imponência, o que pôde verificar num espelhinho de bolso. E, tendo perdido o acanhamento que lhe dava o seu brinzinho sujo, pôde restituir ao olhar sua expressão sinistra e redar à voz um certo tom cavernoso que muito lhe agradava.

Ao sair veio-lhe ao encontro o diretor, que disse, contrariado, conduzindo-o ao refeitório:

— Acabo de passar um récipe ao pessoal, por ter-nos posto refeição à parte. Minha mesa é sempre a das alunas, e tanto desejava mostrar-lhe o passadio destas... Mas não faltará ocasião. Creia que no que como não há um prato demais ou melhor. Ensino-lhes também boas maneiras às refeições e em todos os outros atos. Sou de uma tal ferocidade nestas coisas... Hei de pedir-lhe referências neste sentido em seu relatório.

— Pois não!

Haviam chegado à sala de jantar. A mesa estava posta. — Sente-se, sente-se. Não o incomodam essas folhagens no ombro? Chegue-se mais um bocadinho para cá... Agora. Note as bandeiras do teto, e aqueles escudos enaltecendo seu nome. É homenagem espontânea das alunas, creia-me. Estou alheio a tudo isto, mas aprovo. Não queria apenas que partisse de mim, que sou suspeito. Aquela recepção também... Todavia, sou causa indireta de tudo, pois há tempos tenho nesta casa de instrução salientado sua figura, e ensinado a venerá-la como o merece.

— Obrigado! — soluçou o fiscal.

— Nada a agradecer. Tinha, todavia, a intenção de oferecer-lhe um banquete, ao qual concorresse o mais seleta da nossa sociedade; infelizmente, não nos preveniu com tempo... Um pouco deste



paio... Agradeço-lhe o aviso, que tomei como prova de consideração. Um pastel... Ponha dois que não são maus. Escuso dizer-lhe que tive do senhor a mais grata impressão. Cá entre nós! alguns de seus colegas são de tal modo ineptos... Sirva-se de peru, não espere que lho ofereçam. Ó Luciana, você, pateta, não sabe servir... Adélia, passe-nos aquelas garrafas. Cerveja, Sr. Cobra, um copo... Depois do vinho tinto não é mau.

— Aceito.

— Olhe o peru. Há pouco tempo fiz demitir um. Graças a Deus o Governo atende-me sempre. “Demitido a bem do serviço público”, foi o decreto.

— Não me lembra — refletiu Cobra, chupando a espuma aderida aos pelos. — Até hoje só houve uma vaga no nosso quadro, e por morte.

— O senhor há de lembrar-se... Apele à memória... Não faz ano... Talvez a causa, a bem do decoro da classe, tenha sido conservada meio abafada.

— É... Talvez... Sim! Parece-me... Minha cabeça anda tão aturdida!

— Cansaço da viagem. Pois tenho amigos íntimos no Governo. O presidente é meu compadre e os ministros todos têm filhos aqui. Trato a toda essa corja de você... E, quando me encontro com eles começo nesse tom: “Então Senhores grandíssimos sacanas, cada vez mais avolumando esses baixos (bato-lhes na barriga) com a patriótica comedeira?”.

Cobra encarou Navarro com um retraimento geral de humildade e medo.

Essa atitude lisonjeou o diretor.

— Quanto ao meu amigo — continuou —, não creia que vá intrigá-lo. Pelo contrário; hei de fazer-lhe elogiosas referências... Amanhã mesmo, pois tenho de escrever ao presidente... Uma carta trocista em que hei de descompô-lo a valer... Tocarei a seu respeito. Quero também trabalhar para que se elevem os vencimentos dos inspetores técnicos.

Disse-lhe pormenorizadamente todas as belas coisas que poria à sua conta.

— Será imensa bondade sua — respondeu o fiscal agradecidíssimo:

— O senhor merece. Na sua envergadura modesta encarnam-se a atividade e a competência malremuneradas. Que doce prefere? Abacaxi, goiaba, laranja, pudim... Passe o pêssego, Flávia, e vá daqui levar as meninas à vila. Coloque-as em frente ao estrado da diretoria, em três filas de cadeiras. E, dirigindo-se ao fiscal: — Os alunos querem fazer-lhe uma festinha... No ginásio há um “Grêmio Literário Luís de Camões”, que festeja todas as grandes datas; e a de hoje será solenizada, pois é grande a honra que sua visita nos confere. Temos no corpo docente um descendente do grande autor dos *Lusíadas*, que o senhor vai conhecer... Não desmerece da estirpe ilustre.

Terminado o jantar, aproveitaram o resto da tardinha para percorrer as dependências da escola; Navarro encareceu suas culturas, fazendo ver que o Governo andaria bem comprando-lhe a chácara para um campo de experimentação agrícola. Custara-lhe havia tempos vinte contos (disse-o irrefletidamente), mas já valia bem duzentos, pelo muito que a valorizara com isto, com aquilo... Que no relatório não se esquecesse de falar nisso, individuando todas as vantagens da transação.

— Se conseguirmos a venda, terá uma comissão régia. Trabalhe comigo para esse fim. Sei que tem parentes, altamente colocados...

— Farei o que me pede e com prazer — respondeu Cobra.

— E mesmo, se me permite — tornou Navarro —, tomarei a liberdade de sugerir-lhe alguns tópicos...

— Aceito — disse o fiscal —, pois em certos momentos, como agora, tenho o juízo tão perturbado, que me custa conceber uma ideia ou alinhar uma frase.

— Por esse lado, sossegue; dar-lhe-ei norma para poupar-lhe esforço... Porque o senhor está visivelmente fatigado.

— É verdade, e isso é a causa desta perturbação; não vá pensar que seja o meu estado normal... Às vezes tenho ideias tão belas!

O fiscal pensou no Máximo, que bem poderia estar ali para o atestar. Mas a lembrança do camarada o entristeceu. Seu sumiço pressagiava longas semanas de birra e cara fechada. Máximo estava enciumado, redobraría seus rigores...

E Cobra, suspirou para si:

— É pena! Um dia tão feliz! Podia ser sem nuvens... E essas picardias me desgostam tanto!

## CAPÍTULO XI

No ex-teatro, onde funcionavam as principais aulas do ginásio, os biombos foram eletricamente arreados, o que reduzia o recinto a um imenso salão. Podiam ser sete da noite; por isso, o acetileno já esguichava de dezenas de bicos, extravasando a luz farta por entre ramagens e ornamentações de papel. As sanefas de bandeirolas multicores projetavam no teto sombras repicadas, e as folhas dos bambus, um inextricado de pontas de lanças. Ao fundo do salão um dossel acolhia sob suas dobras de veludo longa mesa elevada por um estrado revestida de toalha rendada. Atrás da mesa quatro poltronas de alto espaldar, ainda vazias, ladeavam-se, solenes como tronos; sobre ela, vasos empenachados de ramalhetes enormes; outros ramalhetes das mesmas dimensões jaziam a esmo entre os vasos, deixando pender para a frente brancas fitas com inscrições a ouro. No salão, entre o sussurro das pessoas que se haviam antecipado à hora designada, ouviam-se as múltiplas passadas dos que iam chegando. Defronte da mesa, uma larga faixa de vestidos brancos e cabelos soltos, indicava as meninas da “Deus, Pátria e Família”; em filas de cadeiras, atrás delas, mulheres, moças, crianças da vila; depois, numa série de compridos bancos, os alunos do ginásio; por último, os demais convidados, de pé. Estes invadiam também a passagem lateral entre os bancos e filas de cadeiras de um lado e a parede do outro.

Os alunos eram disciplinados por Meira, Ricardo e Marolo; o primeiro transitava continuamente entre os bancos dos fiscalizados, pedindo silêncio a um, modos a outro; Ricardo buscava imitar

o Meira; Marolo, porém, remanchava; e, imóvel, os olhos espasmódicos para o teto, desunhava-se a ocultas no rosário de irmandade que lhe pendia sobre o colete.

Cada um dos meninos trazia à lapela um distintivo; eram todos sócios do “Grêmio Literário Luís de Camões”, por força dos estatutos do ginásio; e cada um pagava mensalmente a este cinco mil réis, para gozar essa regalia forçada. Era presidente perpétuo do grêmio o poeta e professor de português xará do grande gênio. Por isso, Luís de Camões tinha um assento nobre reservado atrás da mesa. Volta e meia ele ia procurar a poltrona presidencial e sentava-se um instante; mas, inquieto, abandonava-a outra vez e punha-se a passear ao longo da parede, lançando em torno olhares absortos, muito pálido, e mastigando em solilóquio coisas incompreensíveis. Por intervalos detinha-se no caminho a encarar no retrato de Camões, que da parede lhe correspondia com um olho só; depois deste breve e mudo colóquio, recomeçava seu febril vaivém. Muitos olhos quedavam-se a contemplar-lhe o corpo chupado, a cara comprida e em retângulo, de ligeira expressão cavalariça, devido ao nariz muito longo e de igual altura no seu percurso, desde o ponto de pega inicial no alto da fronte, até a boca, onde ia morrer.

Naquela noite, aproveitando-se a oportuna reunião, ia-se conferir o grau de presidente honorário do grêmio ao coronel Tinoco, fazendeiro três-barrense e fiscal permanente do ginásio, nomeado pelo Governo federal, por proposta e empenho do Navarro. Andava ele arredio do ginásio desde os últimos exames; por motivos guardados sob hermético sigilo amuara com o colégio, e talvez mesmo o hostilizasse, pois andava muito ligado ao Dr. Ponciano; o que resguardava o Navarro de qualquer traição possível era depender esse cargo de fiscal da existência do “Fiat Lux”, de sorte que, com a supressão do ginásio, o Tinoco veria do mesmo passo suprimidos os seus vencimentos de três contos e seiscentos por ano.

A causa do seu agastamento era insuspeitável. Seriam os escândalos nos exames? A má administração interna do colégio? Intrigas de algum desafeiçoado? Mistério imperscrutável! O fiscal reservava

para si os seus motivos reservados. Malgrado tudo, sua vinda a empossar-se do honorífico grau, importaria reconciliação muito desejada pelo diretor.

A ele prometera vir, e era esperado, não obstante ainda não haver chegado até as sete horas.

O Bias, o Cavagnari, o Mendonça, o Cândido, o Penedo e o reverendo Gauquério já lá estavam. O último, afastado dos colegas, discutia calorosamente política, numa roda de magnatas rurais; os demais ficaram no recanto destinado aos professores, próximo à entrada. O Navarro gostava de pô-los o mais longe possível de si, para furtar-se ao desprazer de ter diante dos olhos as figuras pífias do seu “estado-maior”.

Os catedráticos, entanto, gostavam daquele acantoamento escondido, para dar largas à língua, e chupar em secreto algumas fumaças no decurso das solenidades cívicas do grêmio camoniano. Todos eles procuravam ser pontuais nas festas do ginásio, para evitar o desconto do dia. E essa comunicação era tão observada que o Penedo e o Cândido tomaram falha por não terem ido à recepção do Matos Cobra. Se ali ainda estavam, é que pairava sobre suas cabeças a ameaça da falha dupla — outra instituição apavorante em pleno vigor no ginásio. Verificava-lhes o comparecimento e permanência no local o secretário Dadico, que de tempos a tempos, sob pretexto de dar uma piada, mas realmente com o fito de espionagem, vinha imiscuir-se no grupo magisterial.

Atirado em uma cadeira, sobre cujo respaldo descansava a nuca, dormitava nesse recanto o poliglota Ercole Cavagnari, que a intervalos despertava a meio, em sobressalto, e com um sorriso babão, dizia palavras inglesas italianizadas, supondo achar-se em aula. Os vizinhos, riam-se; e ele, antes de dar pelo engano, recaía na primitiva postura, sonhando com o Dante e com a torre inclinada. O Penedo disqueteava a meia voz com o ex-deputado Mercês. Beirando este, a quem agora o ligavam laços de profunda solidariedade, o farmacopola Mendonça escutava e aprovava em silêncio, com sua eterna inibição de exprimir-se por palavras. Um pouco arredados, dizia ao Bias o Cândido, que fora ferido no seu fraco de avarento:

— Desaforo, você não acha? Por uma nuga, desconto! Ando cheio de tudo isto. Se aguento o Navarro é porque tenho mulher e filhos; senão...

Cândido fez um trejeito ameaçador; mas, mesmo em cólera, tinha um arzinho inofensivo de soldadinho de chumbo.

Bias retorquiu repreensivamente, para enfurecê-lo mais:

— Seu ponto foi justo. Você devia ter ido ao encontro do fiscal. Não sabe que é do regulamento?

— Mando o regulamento a... — Cândido deteve-se, para observar o Penedo. Este também tomara falha, e, no entanto, praticava sem despropósitos com o ex.

A essa vista, Cândido, dominado pela sua natureza, que o constrangia a imitar sempre, levantou os ombros e concluiu, já calmo, com um sorriso superior:

— Não me importam quantos regulamentos haja no mundo.

— Você não é medroso — disse o Bias, arregalando para ele um olho de emparvecida admiração.

— Acha que não sou?

— Acho. Sou meio analista... Não admira que a ideia de parede tivesse sido sua.

— É mesmo, foi minha — respondeu Cândido aceitando o tema insidiosamente oferecido. — Por sinal que me esqueceu desde aquele dia.

— Não quis fazer propaganda?

— Não... tenho certo acanhamento de pôr-me à frente. Acharia melhor que fosse você.

— Eu?! — recuou o Bias assustado. — Com este meu gênio mole! Ah, se eu fosse... enérgico como você... enérgico e resolutivo... Você tem qualidades que invejo, Cândido.

— Você... acha? — perguntou o professor de geografia impando de satisfação infantil.

— Sou meio analista, como disse.

— E se eu ficar assim... enérgico com o Navarro, e os outros professores ficarem do meu lado, pensa que ele nos perdoará as faltas?

— Ora se! Olhe — pode-se conseguir supressão dos descontos, ordenados nas férias, melhoria de vencimentos, diminuição de serviço, e mais tanta coisa!

Cândido Rodarte ficou deslumbrado, e nesse momento leu apenas sinceridade na expressão astuta que assumira o rosto do Bias, ao observar o efeito que suas palavras causaram. Perguntou-lhe como devia começar. Então seu colega desenvolveu um singelo plano para o início da campanha; devia convidar os professores para uma reunião secreta, longe da vila. Podia adotar o pretexto de um convés-cote. Lá, então, exporia tudo.

— Mas primeiro é preciso apalpar os ânimos... meter mais alguns no segredo... Boa ideia, dê uns toques no Penedo, agora; ele anda pouco satisfeito... Inda mais hoje que tomou desconto!

Aceitando o alvitre, Cândido dirigiu-se para o lado do professor de civilidade.

Penedo parecia melancólico e apresentava no todo visível decadência. Não era mais o rapaz garboso que chegara às Três Barras; já não exibia gravatas raras, nem recendia a perfumes preciosos; mesmo sua roupa de festa, muita esgarçada e esmaecida, podia trocá-la sem prejuízo pelo terno de sobrecasaca do doutor Cavagnari. Não apurava na atitude, nem nas boas maneiras; no seu olhar havia um quê de nostalgia, como a do galo altivo ao qual embotaram as esporas, arrancaram as penas do rabo e caparam... Suas frases lapidadas, de torneio arredondado e arrebiques floridos, trocaram-se em impropérios plebeus. Em vez de repisar a miúdo a “doçura do céu azul” e o “manto aveludado das nossas relvas”, como fazia dantes, realçando as frases com gestos de primor, as palavras que mais frequentes lhe saíram da boca, eram “canalha” e “safado”, com vistas ao Navarro.

À chegada do Cândido, ainda o Penedo e o coronel Mercês palestravam. O ex-deputado ao Congresso, ladeado por seu amigo Mendonça, cuja cor terrosa tinha cambiantes lívidas sob o brilho das luzes, referia-se à manifestação ao Cobra, com isenção que recobria um travo de inveja:



— Para que estas festas? Não significam coisa alguma... Minha presença aqui não quer dizer adesão... Vim forçado. Ah, Sr. Penedo, não tenho mais ilusões sobre estas homenagens; no meu tempo, cada vez que meu modesto nome tinha a sanção das urnas, havia festejos cem vezes mais imponentes... Oradores de talento me saudavam em termos entusiásticos. A multidão entupia a rua, defronte de minha casa... Mais tarde o governo mudou e a opinião com ele. Vi-me só. Corja de hipócritas!

Nesse instante, Cândido fez um sinal misterioso a Penedo, chamando-o de parte. Para atendê-lo, este virou as costas ao seu nobre interlocutor; viram-lhe então no posterior, por baixo do paletó encolhido, dois remendos enormes que ele procurava ocultar, pondo as mãos nas costas.

Triunfante na sua roupa reformada e pisando duro, entrou o Lago. O professor de desenho e música enveredou de cabeça erguida para o canto do professorado.

— Saparia, boa noite! — saudou coletivamente. — Creio que já é hora de trazer a banda...

— O catedrático! De fraque novo! — disse o Bias, vindo-lhe saltitante ao encontro.

— Não gosto de confianças! — vociferou o Lago, formalizado. — Veja lá!

Desprezando o aviso, o Bias com uns pulinhos lépidos conseguiu pegar-lhe na aba do fraque. O catedrático, enfuriando-se, rechaçou-o com um safanão.

— Você não aprende, traste! Espere mais outro... — mas o Bias, levípede, furtou o corpo à segunda arremetida.

Com a mesma imponência, Lago afastou-se para buscar a banda colegial que ainda se exercitava ao longe. Coincidiu com uma piscadela sorridente, que Cândido mandou ao Bias, para anunciar-lhe a renição provável do Penedo.

Fez, por fim, sua entrada, o Dr. Peregrino. Só tirou o chapéu, e com impertinente vagar, ao atingir o cantinho do professorado. Este seu passo era uma honrosa condescendência, pois de ordinário

não gostava de confundir-se com o pessoal docente, procurando, de preferência, auditório de pessoas gradas. Notaram que não arvorava ao nariz seus óculos escuros, o que significava rebelião ao Navarro. Com o rosto assim a descoberto, davam-lhe uma expressão de ganância e rapacidade os olhos redondos muito chegados um do outro e fundos como olhos de coruja. Foi logo dizendo alto, a reclamar as atenções até aí esfaceladas em grupinhos:

— Já sabem, sem dúvida, da operação do Matias? É um caso cirúrgico sensacional. Fiz-lhe ontem amputação da perna, aplicando como anestésico a estovaína. Desejaria que lá estivessem para ver o operado conversar tranquilamente durante a intervenção. Nem um gemido! O clorofórmio vai-se. Tinha sido ele um dos primeiros cientistas do Brasil a praticar a raquietovainização.

— Você foi de muita caridade — disse o Bias, dirigindo-lhe os olhinhos acesos. — Raros médicos seriam assaz desprendidos para fazer desinteressadamente uma operação tão importante.

— O senhor é um idiota, Sr. Bias? — replicou-lhe — pouco pedi, só meio conto; o Matias deve-me ficar infinitamente agradecido não só pela modicidade dos meus honorários, como porque — falando em tese — um médico faz sempre jus à gratidão prestando seus serviços, porquanto poderia deixar de prestá-los, e o doente, assim, morrer à míngua.

— O Matias nunca lhe poderá pagar isso — objetou-lhe Penedo. — É um jornaleiro: só faz para comer.

— Nesse caso, pagará o Navarro. É o patrão, e, por conseguinte, o diretamente responsável. Ainda ontem tivemos uma forte “pega” a esse respeito; por fim o Navarro concordou. Parece mesmo que vai entender-se com os senhores a esse respeito.

Estas últimas palavras coaram frio no tutano dos docentes. A vigésima subscrição daquele ano, porventura?

Peregrino ainda insistiu sobre a operação. Contou-lhes os pormenores, com amorosa minúcia, sem perder uma expressão técnica. Os docentes ouviam-no constrangidos e desatentos; felizmente para o narrador, ele não dava por esta circunstância. Aquele

momento de expansão do facultativo revelava sua satisfação íntima. Peregrino estava certo da sua força, não precisava mais da opinião do Navarro para se crer sábio. Após a terrível dúvida, daquele dia de crise, fizera uma rigorosa análise introspectiva que decidira a seu favor; a convicção resultante estabelecera-se-lhe no íntimo como rocha indestrutível. Ele era um sábio. A própria dúvida que num momento de alheação pessimista concebera sobre seu valor concorria para convencê-lo. Todos os gênios não têm instantes em que sucumbem ao desalento? Foi uma crise sintomática, nada mais.

Terminada a exposição, e antes de retirar-se do recanto comprometedor, inda Peregrino falou num tom de volubilidade bem-humorada:

— Ando numa tal azáfama, depois que regresssei do Rio... É um nunca acabar de chamados. Coronel Mercês, o senhor é o meu cliente mais importuno! Como vai a bexiga? Precisa convencer-se de que é indispensável uma operação... Afirmo-o com a minha autoridade de médico. Os extremos recursos para os casos extremos... E o seu é grave, muito grave; o senhor tem família grande, sua vida é-lhe preciosíssima.

E, com estas frases agoureiras, afastou-se dos colegas, para historiar noutra roda a operação do Matias.

O Mendonça e o ex, emparceirados, acompanharam-no com um olhar oblíquo. Só então os companheiros notaram a profunda perturbação que as palavras do médico deitaram no antigo congressista. Ficou esgazeado, impressionadíssimo. Sentindo nascer em si facilidade para exprimir seus pensamentos, Mendonça pôs-se a consolá-lo:

— O senhor é um tolo, não se impressione. O Dr. Peregrino o que pretende é aterrorizá-lo. Ele cobra mais caro uma operação que um tratamento, por isso vive a apavorar os clientes para que se deixem operar. Creia que o que o senhor tem é um simples estreitamento. Não se deixe mais explorar: largue os remédios dele e esqueça suas palavras sobre a necessidade de rasgar a bexiga.

Resolva-se a usar a sonda. Com um pouco de prática se habilitará a manobrá-la, sem a intervenção de ninguém.

Em seguida o farmacêutico perdeu de novo a palavra, mas seus olhos de peixe morto tiveram um clarão vingativo. Então os colegas compreenderam que o Mendonça estava tão camarada do ex-deputado pelo desejo de arredá-lo do Dr. Peregrino.

O coronel Mercês ficou mais confortado com essas palavras, que o farmacêutico desfiara numa entoação uniforme e apagada. E, ainda a tremer, e quase com as lágrimas nos olhos, expandiu-se com os outros professores:

— Este nosso colega vive a tomar da boca dos meus filhos o pão que tão laboriosamente ganho aqui. Devem lembrar-se de que cheguei às Três Barras sofrendo muito das urinas. Por causa dos elogios do Sr. Navarro, resolvi tratar-me com ele. Não calculam que consequências fatais teve esta resolução! Exige que eu ingira quanta droga se apraz propinar-me. É receita sobre receita e eu a piorar depois que sigo as suas prescrições... Chamei-o só uma vez, mas depois do primeiro chamado ele tem-me aparecido em casa a todo o instante. É cedo, é à hora do almoço, é à noite, a todas as horas, enfim. Vai cinco, seis vezes por dia visitar-me. No princípio eu recebia-o com agradecimento. Achava no seu proceder a prova de muita dedicação à sua arte e de amizade particular. Imaginem, porém, minha surpresa ao receber ontem a primeira conta: de cada um desses passeios que fazia arbitrariamente, sempre que lhe dava na telha, leva-me dez mil réis! Quis reclamar, por intermédio do diretor; mas este, depois de conferenciar com o Dr. Peregrino, disse-me que eu não tinha razão, e que por cima era um ingrato. E agora, desde que chegou do Rio, é sempre isso que os senhores ouviram: o doutor trata de impressionar-me, exige que me deixe operar... Bem sabe como sou nervoso. Inda se eu tivesse certeza de que é só por ganância que me dá esses conselhos!... Mas, por mais que reaja, suas palavras deitam-me n'alma uma dúvida horrível!

Um rumor de muitos passos aproximou-se na rua. Era a banda do Lago. Entrou no salão, rompendo um dobrado com tal reforço de

zabumba e pratos, que atalhou cerce todas as palestras. Os músicos aboletaram-se à ilharga do professorado. Por causa dessa vizinhança incômoda, o Bias apelidara de “inferno” o cantinho dos docentes. O professor de francês, depois que a banda se instalou ali, morria de riso vendo o Lago de fraque e trombone inchando muito as bochechas para o instrumento roncar com mais fúria. O diretor da banda não decaía da sua imponência, mesmo ao desempenhar essa função pouco estética; e, tão conscienciosamente se havia, que seu trombone e o bombo abafavam os outros instrumentos que, entre esses roncões e ribombos, figuravam tíbios e quase afônicos, como vozes a distância. Muitos aproveitaram esse embargo dos colóquios para observar a sala. Alguns olhavam com interesse uma inscrição colocada ao alto da parede, nos fundos, “Salão Matos Cobra”, e perguntavam para si mesmos se a memória não os enganava, ou se se lia antes “Salão Mesquita”. Também prendia a curiosidade de grande parte dos presentes a figura do Marolo. De pé, uma mão meio levantada, outra descaída, a atitude impassível, o olhar místico e parado para o forro, lembrava o São Sebastião furado de setas, da matriz; só faltava ficar nu, e ter uma árvore amarrada às costas, para completar-se a semelhança. Pelo hábito de conviver com os santos, ia adquirindo posturas de imagens bentas. Com isso ganhava prestígio entre as beatas; ali mesmo, na sala, achavam-se algumas que não o desfitavam, sentindo na alma certa compunção destoante da profanidade da festa.

Cessada a música, todos espiaram curiosamente a porta, reconhecendo a voz trovoante do Navarro. De fato, ele assomara ao limiar com o fiscal Matos Cobra pelo braço. Com um olhar agudo o diretor percorreu a sala, procurando alguém.

— Como! — tonitruou por fim — o coronel Tinoco ainda não veio? Quer, sem dúvida, que eu vá oferecer-lhe meu braço amigo... Vou buscá-lo.

Deu uma vista d’olhos ao professorado, fazendo uma visagem descontente ante a figura capadócica do Penedo.

Com um valente soco amistoso no ombro do Dr. Cavagnari, cortou-lhe abruptamente a soneca. O ilustre italiano, atabalhado,

tomou atitude mais acadêmica na cadeira, e regougou, maldesperto, com a boca em ó:

— Zi dógo — il cane!

E riu-se alvarmente aos circunstantes, que tomava por alunos.

— Doutor! — e um segundo murro do Navarro pô-lo de pé e definitivamente desperto. — Apresento-lhe o D. D. Inspetor Matos Cobra. Sr. Cobra, este é o Dr. Cavagnari, poliglota versadíssimo em todas as línguas vivas e mortas.

— Cavaliere Ercole Cavagnari, dottore per l'Università di Milano — disse o ilustre italiano, curvando-se em palaciana mesura.

— Entrego-lhe este meu amigo por alguns instantes — disse-lhe Navarro. — Apresente-o aos colegas e principalmente ao Luís de Camões, que ele deseja muito conhecer. Onde está o Camões? Pst! — Navarro fez-lhe um aceno de apelo, e, sem mais esperar, saiu do recinto, atirando de passagens o sobretudo ao nariz do Bias, para que lho segurasse.

Os professores estranharam as excêntricas vestimentas do inspetor. Suas barbas de bandido, com a sobrecasaca do Navarro a descer-lhe aos tornozelos, davam-lhe ares de um padre turco.

Quando se avizinhou o presidente do “Grêmio Literário”, que atendia ao “pst”, Cobra foi-lhe ao encontro.

— É o Sr. Luís de Camões? Aperto-lhe comovido esta mão que tem sangue do grande épico — e comprimiu-a em ambas as suas.

— Creia que sou um sincero admirador dos *Lusíadas*.

Camões, pálido e meditabundo, agradeceu distraidamente, em nome dos manes do seu avoengo.

Cobra ainda explicou que não era competente, nem poeta, mas que tinha a alma entusiasta pelo belo. Dissesse o Máximo, seu camarada que sumira no reboiço da festa. A natureza e a poesia encontravam nele um fervente admirador, nele Cobra, porque seu camarada era um insensível; em compensação, tinha ricas qualidades de caráter.

— Um pouco seco, meio selvagem às vezes, o que não o impede de ser um homem probo, concluiu o fiscal.

O presidente do grêmio respondeu-lhe com frases vagas que demonstravam a desatenção com que o ouvia. Estava febricitante, e muito absorvido pelos seus próprios pensamentos, para poder encarrilhar um diálogo. Não se contendo mais, esquivou-se; e, num movimento de retirada:

— Desculpe, mas é preciso que...

E afastou-se preocupado, sem concluir.

Bias segredou aos companheiros:

— Luís de Camões vai botar o verbo. Está pálido, cismático... e além disso empacou num “que” — e arremedou, com voz de papo:

— É preciso que...

Os docentes riram-se.

Nesse momento o Dr. Cavagnari, que tudo ouvira enciumado, dirigiu-se ao fiscal:

— Il Dante é più grande da Camões.

— Também admiro muito a *Divina comédia* — disse o Cobra, satisfeito por mostrar erudição.

— Il Dante é um gênio! — exclamou o Dr. Cavagnari.

— Nel mezzo del cammin... Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate! — berrou da porta uma voz conhecida.

Era o Navarro. Entrou ovante, com o coronel Tinoco por um braço; prendeu com o outro o do Matos Cobra; e, rebocando a ambos, caminhou triunfante para os fundos, batendo sonoras palmas, para chamar a atenção.

Rumorosamente todos os assistentes puseram-se de pé.

## CAPÍTULO XII

Ao cindir a multidão para conduzir a seus assentos as duas figuras principais da festa, Navarro observou satisfeito a enchente obtida aquele dia; viam-se ali numerosas famílias da vila, que concorriam pontualmente à intimação recebida à última hora, sob a forma de um convite.

Assim como o diretor exigia nessas solenidades o comparecimento dos professores, também pedia que os três-barrenses viessem dar-lhes mais brilho. Os faltosos eram por ele censurados como espíritos antipatriotas e retardatários, e podiam contar com a má vontade do diretor quando tivessem negócios que dele dependessem.

Dando a cada um de seus gestos e atos um efeito teatral, Navarro subiu o estrado; e, tomando para si e para o Camões as poltronas extremas, instalou ao centro da mesa os dois fiscais.

Estes contrastavam sobremaneira entre si. O Cobra era medonhamente cabeludo, ao passo que o coronel Tinoco, velho de expressão apatetada, era quase completamente despido de pelos. Tera uma calva absoluta se não fossem umas farripas encardidas que lhe restavam no occipício. Seus beiços rapados, convergindo para a frente, pareciam repetir eternamente as últimas sílabas do seu próprio nome: “Noco, noco”... Do seu lugar lançava às vezes olhares de soslaio para seu vizinho Cobra, como se não simpatizasse com ele. Cobra, por seu turno fitava intrigado o barrete de linha que lhe tampava o cocuruto e que, com uma borla ao alto, fazia o coronel Tinoco semelhar-se a algum monarca bárbaro com coroa real.



Esse gorro chamou a atenção como novidade; e para os mais argutos e bem-informados foi uma revelação, pois denunciava os motivos reservados dos arrufos do Tinoco com o Ginásio. Lembravam-se de que, quando apareceu a fiscalizar nos últimos exames, eram só risadas e remoques, da parte dos alunos. Um peralta chegou a amassar com cuspo uma pelota de papel, plantando-lhe um fio de linha com uma figura recortada do *Malho*, na ponta; pilhando-o descuidado — zás! — atirou-lhe pelas costas. O coronel Tinoco deu um pinote e um berro, forcejando, entre gargalhadas, por despegar sem dor a bola, que se lhe grudara nos fios posteriores. Depois que o conseguiu, lançou-a longe, com fúria, e saiu resmoneando injúrias. O aparelho, arremessado a esmo, foi grudar-se no teto, deixando balançar do fio um barão do Rio Branco, que ali ficou muitas semanas a pernear com o vento.

No dia seguinte o coronel, a muitas instâncias, ainda voltou, para rubricar provas e assinar atas; depois encafuou-se hostilmente em sua fazenda.

Entretanto, a solenidade da sala era tamanha, que contivera os risos. Essa solenidade ainda cresceu, quando Camões se levantou na presidência, declarando que... (fez pausa), a sessão estava aberta. Fez ainda com a boca uns trejeitos em seco, como se fosse continuar, mas não emitiu mais uma palavra. Estava trêmulo e sem saliva.

— Água! — estertorou afinal, à ventura.

O Baiano ouviu-o e retirou-se para ir buscá-la no outro prédio. Enquanto isso, Camões continuava de pé, mastigando em seco para si várias frases do discurso preparado, que não vinham ao caso. Fugira-lhe o princípio da arenga. Ele sofria desses traiçoeiros lapsos de memórias.

— Água! — articulou de novo, suando frio.

Tornou-se palpitante o caso. Legiões de cabeças inquietas voltaram-se para a entrada a ver se vinha o preto; duas ou três pessoas chegaram a sair, aflitas, para apressá-lo. Um século depois o Baiano apontou com um cristal rebrilhando numa bandeja. Os corações dilataram-se, os peitos desoprimiram-se, ao passo que,

de longe ainda, o corpo dobrado sobre a mesa, Camões estendia um braço convulso para a água inspiradora. Todos se regalarão ao vê-lo sorver o primeiro gole.

Já livre do lapso, o orador pôde começar; e começou dizendo que aquela reunião tinha um duplo fim: festejava a vinda do D. D. Inspetor Matos Cobra, bem como solenizava a cerimônia do revestimento do fitão simbólico no presidente honorário do Grêmio, o abalizado coronel João Simplício Tinoco. Enveredando enfim para matéria de sua predileção, falou sobre a riqueza da flora brasílica e sobre a vastidão do Amazonas — o gigante dos rios. Achou pretexto para citar Victor Hugo, e levemente tocou na descoberta da Índia, para apropositar referência ao seu ilustre bisavô. Também a cada instante achava jeito de encaixar um “que”, que dizia de um modo sacudido, imitante a tosse, a projetar o queixo para a frente, realçando-o em seguida por uma pausa. Ao terminar houve aplausos. E, enquanto Camões caía no marasmo apático que o prostrava cada vez que acabava de discursar, Navarro fez sinal a uma menina, que foi cingir a tiracolo o peito do coronel Tinoco com um largo fitão bicolor.

Nesse momento soleníssimo algumas pessoas, notaram certo repuxar escarninho das barbas do Cobra. O tratante ria-se, por trás delas, do seu venturoso colega!

Prorrompeu em triunfo o hino nacional.

No silêncio que se sucedeu a suas últimas notas palpitarão os corações dos circunstantes. O Navarro iria tomar a palavra? Esta pergunta agitava-se com império no íntimo de todos, e fazia o assunto de todas as palestras, porque a fama do Navarro como orador era estrondosa, e cada uma de suas metáforas cheias de imaginação não se perdia; eram ouvidas com religião e decoradas, para depois serem plagiadas ou encarecidas pelos seus admiradores.

Para atalhar a toda dúvida, Navarro, ainda sentado bateu palmas. Ia falar.

O falario difuso do auditório baixou a um silêncio respeitoso.

Lento e majestoso, o diretor ergueu-se. E, curvado sobre a mesa, à qual se apoiava às mãos ambas, como um inválido, esperou que se

evaporassem os últimos ecos do sussurrar da sala. O silêncio recresceu. A expectação era fremente. O Navarro ia falar!

Cobra espichou ingenuamente o braço peludo para tirar uma flor de ramallete. Navarro deteve-lhe a mão a meio caminho. O braço recuou, enfiado.

— Exmo. e D. D. Sr. Matos Cobra, competentíssimo Inspetor técnico do Governo do nosso glorioso Estado de Minas Gerais — começou num sopro quase imperceptível, e ainda curvado.

— D. D. Coronel João Simplício Tinoco, proecto e incorruptível delegado federal junto ao Instituto Ginásial Equiparado “Fiat Lux”... — prosseguiu no mesmo tom.

— Belíssimos e puríssimos corações de minhas alunas e de meus alunos... Senhores professores. Distintos três-barrenses...

Num tom de voz inaudível e lento, e como em segredo, penetrou na oração, fazendo prolongadas pausas, que pareciam embaraços de principiante. Quantas vezes ouvira fazer assim a grandes oradores! Aos poucos, porém, a voz foi-lhe crescendo, as pausas diminuindo, o corpo alteando-se, até que, numa explosão inesperada e de grande efeito, mostrou-se ereto, rubro, gigantesco, gesticulando como asas de moinho e atroando como trovões emendados. Estava ali o Navarro!

As orelhas se acabavam, as bocas engoliam.

Referiu-se amplamente aos seus estabelecimentos: “Neste instituto”, “Nesta casa”, “Nesta tenda de trabalho...”. Com as duas mãos investindo-se crispadas, figurava duas hostes inimigas em porfia; uma eram os Soldados do Livro, capitaneando a Mocidade Estudiosa; outra, as Trevas da Ignorância. O talento, que eram as armas da primeira, enristava-se contra a rotina, apanágio da contrária. Depois de um prélio renhido em que o sangue espadanava e cabeças rolavam sem corpos e corpos sem cabeça (no sentido figurado), a Luz destroçava as Trevas, “hasteando alto o farol da regeneração”, graças a ele, Navarro.

— Muito bem!

— Então, continuou o orador, pela trilha rósea da esperança, seguirá a mocidade, adubando a seara do porvir.

— Muito bem!! Muito bem!!

Acrescentou novos conceitos ricos de tropos encapsulados. Em seguida, baixando de sublime, passou a referir-se, em termos elogiosos, ao Governo de Minas, pedindo ao Cobra que fosse levar a este, na urna inspirada da memória, as palavras que lhe acabava de ouvir, pálida oblação a essa plêiade de homens extraordinários que dirigiam os destinos do Estado.

— Comedores! Uma súcia de comedores! — apartou o ex-deputado, perdendo a calma, pelas lisonjeiras referências a um governo que o despossara de seu nobre mandato.

Navarro encarou-o fixamente, para frisar sua reprovação. Depois repetiu, com entonação severa:

— Homens mais que extraordinários, mais que dignos da gratidão de todo o mineiro que se preza de honrado.

Estrangulado de ódio, e não se atrevendo a interrompê-lo mais, o coronel Mercês desabafou, ameaçando:

— Hei de tomar a palavra! Eu também hei de falar!

Navarro prosseguiu. Depois de hora e meia de estilo puxado, declarou peremptoriamente que ia entrar no tema principal. E, sem mais, afundou na pré-história. Meia hora depois chegou à Grécia e Roma; em seguida, arregimentando as forças para um poderoso arranco, atravessou a voo largo a Idade Média, indo aterrar na Renascença. Arriscou a cabeça na Revolução Francesa, bandeou-se com os inconfidentes, bateu-se em Waterloo ao lado direito de Napoleão, acompanhou a este no seu desterro. Finalmente, invocando de novo os eminentes homens do governo, exclamou arroubado, fazendo com a mão um largo gesto de quem descreve círculos ou mexe tacho:

— Fazei-vos em coroas, almas refulgentes que invoquei! E vinde, na aurora puríssima desta consagração, aureolar de chispas e perfumes estas duas frentes augustas!

Isto dito, lançou as coroas imaginárias aos fiscais comovidos, num duplo gesto de magnetizador; uma mão pairando sobre cada cabeça.

O que se seguiu não agradou tanto aos manifestados; Navarro pôs-se a cotejar-lhes as virtudes, dizendo de um o que afirmava do outro. Comparou-os a dois astros gêmeos dos jardins da probidade, a duas flores irmãs vagando nos páramos ideais do talento, etc. Os fiscais visivelmente desadoravam o paralelo. Por quê? Problema! Havia talvez ali um ódio de raça, a surda hostilidade do pelo contra a pele, da calva contra a gaforinha.

Daí ao fim pouco distou. E, tal um crescendo de acordes originados de longínquos compassos, ameaça terminar e ameaça ainda, e afinal põe estrepitoso remate a uma sinfonia, assim, mais meia hora de grandiloqua peroração, e o diretor concluía com uma série de vivas aos fiscais, aos homens do Estado, ao Mérito e à Instrução, os quais ruidosamente reboaram, de envolta com tempestuosas palmas.

— Peço a palavra! — rugiu então o coronel Mercês, galgando o estrado.

Entrementes, uma onda humana arrebatava o Navarro, e levava-o de peito em peito através do salão. Afetando desprendimento, mas na realidade muito sensível a elogios aos seus dotes de orador, ia debulhando frases a esmo:

— Ah, meu amigo, fiquei rouco... — Obrigado, reverendo! É bondade sua... — Qual! — São ironias... — Estou fatigadíssimo e suando... — Estive infeliz, reconheço-o...

— Navarro, então, não o posso abraçar também? — gritou Dadico, que lhe viera no sulco. Dê-me essas costelas...

— Sempre ao meu lado nas grandes ocasiões — disse-lhe Navarro, estreitando-o efusivamente. — Então, que tal?

— Você é um sacana para falar, Navarro! Hoje houve momentos em que me contive para não o mandar à...

— Obrigado, obrigado, Dadico! — respondeu o diretor com enternecimento.

O sucesso o embriagou mais uns instantes. Quando recobrou os sentidos, viu que a onda de admiradores o havia lançado no cantinho dos professores; e aí deparou-lhe o Bias metido em seu sobretudo.

— Céus, Sr. Bias! por que foi vesti-lo! Tire-o depressa, depressa... Meu Deus, vai ficar imprestável! O senhor tem um cheirinho enjoado... Que disse! Um sobretudo de cento e cinquenta mil réis!

Enjoado, amontoou-o no antebraço esquerdo; e ia começar uma preleção sobre as miríficas propriedades de um banho com sabão de cinza, quando deu pelos berros que do alto do estrado o ex-congressista ejaculava:

— Governo de comedeiras!... Governo de patifarias!...

Navarro, possuído de cólera, protestou em altos brados:

— É falso! Não apoiado! Não apoiado! Casso-lhe a palavra!

E como o ex prosseguisse, mais exaltado com os apartes, o colarinho solto, a gravata ao léu, apocalíptico e esculhambado, o diretor fez um sinal à banda, que prorrompeu de novo no hino nacional, a peça mais barulhenta do repertório do Lago. Vociferando que se consignasse na ata o seu protesto por essa arbitrariedade, o ex desceu do estrado compondo às tontas as avarias dos trajos, e retirou-se altivamente do recinto, como o fizera em idêntica emergência no Congresso mineiro. A uma piscadela do Navarro, Dadico puxou do canhenho, registrando uma falta contra o desertor.

Então iniciou-se o que se poderia chamar a segunda parte da festa, parte maçante, durante a qual a assistência começou a debandar, toda reservada às saudações de alunos.

Falou primeiro uma menina, gesticulando monotonamente — levava as mãos à pastinha, e dali as divergia, como espichando fios de cabelo. Embaraçou-se em certo ponto do discurso, sendo preciso que o Navarro lhe soprasse o resto. Sucedeu-lhe outra que, com gestos de tocar manivela, recitou um francesinho esganiçado. Matos Cobra escutou-a com uma atenção enorme, com lentas inclinações de cabeça, para fazer crer que estava compreendendo. Quando a menina terminou, ele levantou-se e agradeceu em voz cavernosa:

— Seus bondosos conceitos muito me penhoram, prendada menina.

E tornou a sentar-se, solene. A esse ponto o Navarro cutucou-o, explicando:

— A menina recitou o “Vase brisé”, belíssima poesia.

— Belíssima, na verdade, na verdade — assentiu o Cobra calorosamente.

Uma terceira aluna passou a dizer uns versos do Camões, com rimas em “obra” e em “oco”, nos quais o Tinoco andava às voltas com o Cobra. Depois veio o turno dos rapazes. Falaram vinte e oito, pois a oratória no “Fiat Lux” era tida em grande apreço, ocorrendo ainda que a fama do Navarro como orador estimulava as ambições dos novatos. Cada um em geral sabia de cor um ou mais discursos, para diversas solenidades. Os de melhor memória deram seu recado depressa, engolindo a pontuação; outros iam tropeçando, gogos, mas chegavam ao fim; muitos se ambasacaram no meio e, entre galhofas paternais do Navarro, foram sentar-se.

O Cobra ficou desvanecido com o primeiro, ouviu os imediatos, aturou os seguintes e começou a cochilar com o décimo terceiro. Ao vigésimo espertou num pincho.

— É o Máximo, enfim... Lá embaixo... — exclamou.

Alvorçado saiu de seu trono e meteu-se por entre os assistentes, que já rareavam. Viram-no depois perto da porta, a conversar com um caboclo mal-encarado. Não se sabe por miúdos o que disseram; o fiscal, porém, voltou descorajado.

— É o Máximo mesmo — explicou, satisfazendo o olhar interrogativo do diretor. — Disse-me que sumiu porque não gosta de folias... Como é severo! Quer por força partir amanhã de madrugada.

— Não pense nisso! — exclamou Navarro. — Não o deixarei ir sem visitar as aulas em seu funcionamento. Vai passar comigo uma semana, no mínimo.

— Bem o quisera! Tenho gostado tanto daqui! — suspirou o fiscal. E, muito abatido, acrescentou: — Chegou a ameaçar-me de partir sozinho, com a mala... E o Máximo, quando diz que vai, vai mesmo! O Máximo é sistemático!

Depois de muito insistir, o diretor viu que a partida do Cobra era irrevogável. Então providenciou com afã:

— Dadico, traga-nos canetas, tinta e papel, muito papel. Já há pouca gente, por isso escreveremos aqui mesmo...

E, quando vieram os objetos pedidos:

— Coronel Tinoco, troque de lugar com o Sr. Cobra, para ele ficar mais perto de mim... Está dormindo, coronel? Coronel! Coronel! É para trocar de lugar com o seu colega. Mas lá caiu seu gorro... Deixe-me apanhá-lo... Isso! Agora nós, homem inexorável. Para facilitar-lhe o trabalho, vou rascunhando o relatório, e o senhor vai passando a limpo, sugerindo o que faltar. Quero que mo deixe assinado, para evitar demoras. Pelo primeiro correio seguirá para Belo Horizonte.

Pôs-se a escrever. A pena corria-lhe rápida, gatafunhando páginas sobre páginas. Detinha-se apenas quando o fiscal pedia elucidação de alguma garatuja.

— Ex.<sup>mo</sup> Sr. Fiscal Matos Cobra — gania o vigésimo primeiro orador.

Mas ninguém ouvia mais. No recinto agora permaneciam quase que exclusivamente alunos, regentes e professores, e esses mesmo limitando-se fazer ato de presença. Enchia o salão o susurro de difusa palestra. E o vigésimo primeiro orador, pálido de emoção, lia o discursinho de estreia. Tinha presença de espírito — e, entre pausa e pausa, a imaginação voava-lhe como um pássaro sedento de azul, que bate as asas contentes no céu. Via sua terra natal, e os queridos velhos a soletrarem a carta em que lhe daria notícia do grande acontecimento. Que alegrão, iam ter! Não deixariam de chamar a vovozinha: “Venha ver a carta!”. O Bituca fez um discurso no Ginásio, perto do diretor e de uma porção de fiscais do Governo! “Mas com os anos a avó tornara-se incrédula, haviam de trazer-lhe os óculos para verificar por si que não a enganavam; e depois, como tinha a comoção fácil, choraria de saudade e de orgulho do seu netinho predileto”.

E o orador a falar e a sonhar...

Muitos dos espectadores também sonhavam, olhos escancarados no vazio. Era a melancolia de fim de festa que se inscrevia em tudo. A luz do acetileno, já sem força, bruxuleava: fora preciso um reforço de velas na mesa da presidência. Cansada, a música emudecera.



Por sua vez, a voz dos oradores ia-se repassando de uma dolência elegiaca; sem aplausos e sem ouvintes, lembravam dementes a monologar no ermo. Principalmente nos bancos das alunas crescia uma tristeza inexplicável. A velha Flávia embebia furtivas lágrimas na manga do paletó. Houve até um momento em que o Navarro julgou ouvir pranto. Furioso, largou da pena, ordenando:

— Calem-se! Querem passar o dia a chorar? Amanhã conversaremos!

A essas palavras os prantos recrudesceram. Havia ali uma dor malcontida, que se desembargava afinal.

Fora de si, o diretor prorrompeu:

— Saíam, saíam!... Estão expulsas da festa!

Era o que queriam. Pois não lhes dariam ao menos a liberdade de chorar a Matildinha? Pobre pequena! Haviam-na levado ao cemitério aquela madrugada. E naquele pranto desafogado que agora, na lufa-lufa da retirada, talvez também chorassem por si mesmas, sem o saber, na possibilidade de passarem pelos mesmos tranSES. Não valera à doentinha a angústia desesperada com que chamava a mãe para salvá-la. Não lhe valera a ânsia aflita com que invocava a todos os recantos sombrios da alcova em que a encerraram: “Mamãe! Mamãe!”. Chorava mais, vendo seu apelo sem resposta. E perguntava a Flávia, quando a via perto, comovida, a acariciar-lhe a cabecinha:

— A mamãe não vem? Diga! Ela não vem! — a correspondência era censurada, os pais nada podiam saber.

— Vem, vem, minha filha...

E a criança, em súbita calma, esperava, sem dar pela presença do médico quando ia vê-la por desencargo de consciência, nem pelo desespero do Navarro, que à volta dele esbravejava surdamente no corredor, ouvindo que ainda não havia melhoras.

A esperança, porém, durava pouco, e recomeçava o doloroso reclamo:

— Mamãe! mamãe! A mamãe não vem?

Flávia respondia-lhe, com os olhos aguados de pranto:

— Vem, vem, minha filha... Espere um pouco, ela já vai chegar... Já ouço um tropel subindo a escada...

Quem veio foi a agonia; e a doente, no ralo supremo, ainda interrogava ansiosamente a sombra, olhos perdidos de desesperação, aqueles mesmos olhos com que as criancinhas em transe imploram asilo no colo materno.

E morrera...

Foi à meia-noite; mas o caixão em pouco ficou pronto (o Baiano também carpintejava) e às três horas seguiu o enterro. E as alunas evocavam o desfilar na treva. O amiudar dos galos parecia apelos excruciantes de criancinhas sem mãe. As orvalhadas da noite, gotejando dos ramos pensos sobre a estrada, tinham a friez indiferente do pranto dos estranhos. Na igreja, o escasso bruxuleio dos círios projetava lúgubres clarões nas trevas densas, um zumbir monótono de latim, algumas aspersões, e seguiram...

No cemitério, um cômoro de terra mexida de fresco ficou marcando sua jazida.

Pobre Matildinha!

## CAPÍTULO XIII

Acabaram-se as aulas das três. No corredor do antigo teatro, como era hora de mudança de classe, a torrente de alunos que se dirigia para o edifício principal do ginásio encontrou-se com outra que vinha em sentido inverso. Foi como o reverter ruidoso de dois caudais que topam de frente misturando as águas: houve balbúrdia, gritos, abalroamento propositais, sacões, rasteiras; em seguida o novelo humano desdobrou-se em duas turmas, a dois de fundo, a se afastarem uma da outra... Em passinhos lentos a sacudidelas de pernas, para as desentorpecer, os docentes buscaram o corredor já desimpedido, sem atenderem ao tumulto que lá ia nos salões de aulas, onde os alunos recém-chegados aguardavam. Apenas o ex chegou-se à porta do seu compartimento, para pedir em tom benevolente:

— Menos barulho, meus amiguinhos!

E dali foi reunir-se ao grupo de professores que alisavam palhas e preparavam fumo para os clássicos cigarros dos intervalos.

Todos se mostravam perfeitamente tranquilos, porque era hora de o Navarro estar na Escola Normal, a podar arvoredos.

Devido à algazarra dos meninos, baques de tampas de carteiras, corridas, retinir de tímpanos, os professores mal se podiam ouvir. O assunto versou logo sobre a indisciplina crescente que tomava os alunos no segundo semestre, em que tinham assegurada a impunidade, desmando agravado agora pelos ecos da imponente recepção do fiscal Matos Cobra. Cândido Rodarte pedia conselho aos colegas para conter os meninos.

— Eu não me queixo da indisciplina — disse o ex —, e não uso castigo. Estou muito habituado a tratar com homens, cujas qualidades existem em rudimento nos pequenos, de onde a justeza do aforismo “a mocidade é o porvir”. Assim, nas horas de reinação apelo aos sentimentos nobres dos meus queridos alunos, mostro-lhes sua tarefa no futuro, apresentando-lhes o quadro dos homens atuais hipócritas, inconstantes e traidores. Ah! no meu tempo não era assim!

E o coronel suspirou com amargas saudades porque “no meu tempo” queria dizer — no tempo em que ele tinha eleitores.

Cândido, que muito acatava a opinião do professor de civilidade, pelo grande ascendente que tomara sobre muitos colegas, dirigiu a ele um olhar interrogativo para ver se aprovava o método do ex-deputado.

Mas Penedo volveu, incisivo:

— Quanto a mim não apelo para coisa alguma. Faço como o Lago: vai tudo a sopapo.

Cada vez mais decadente, tinha a roupa no fio e barba de duas semanas; e respondera áspero e breve, sem aveludados de entoação.

Cândido achou o processo violento. Por isso ficou hesitante em “deixar correr o marfim”, divisa do Bias, ou em distribuir pelos alunos pastilhas e balas peitorais, como fazia o farmacêutico Mendonça.

Nas aulas a algazarra continuava. Como águas que se despeñam de rochedos altos, com intercadências de grande fragor e arrefecimentos súbitos, o ruído infernal dos rapazes fazia-se ouvir às ondadas. Aproveitando uma relativa calma, Penedo, visivelmente de mau humor, prorrrompeu em protestos contra a última arbitrariedade do Navarro:

— É uma roubalheira! Cada um de nós desembolsar cinquenta mil réis para entrouxar no tal doutorzinho mascavado! Tudo porque ele quis dar-se à alta recreação de cortar a perna a um pobre jornalista! Qual! um dia eu estouro...

Referia-se ao meio conto que Peregrino exigira pela amputação do Matias. O diretor, querendo assegurar-se a boa vontade do

médico, que se fazia um tanto esquivo, repartiu a obrigação pelos professores, depois de uma eloquente arenga sobre a caridade. E não houve reagir. Penedo, a quem a perda das boas maneiras tornava ousado, quisera objetar; mas o Navarro abotocara-o com um “perdão!” formidável, que abalara as vidraças, e tirara ao atrevido o desejo de prosseguir no mesmo assunto.

A essas palavras do Penedo, que fizeram vibrar no íntimo de cada ouvinte a mesma nota de revolta, o médico surgiu no limiar. Passou teso pelos colegas, em cuja companhia não gostava de comprometer-se, dando-lhes um superior e escasso aceno de mão. O coronel Mercês disfarçou; os mais retribuíram friamente. Penedo seguiu o médico com a vista, até que entrasse no salão de história natural, enciumado da gola de veludo do seu sobretudo novo. Teve então um profundo suspiro de rei deposto que vê sua coroa no cocuruto do usurpador.

Ao perpassar do médico os olhos vidrados do farmacêutico, sempre rente ao ex-deputado, tiveram um brilho de alegria perversa, por haver conseguido libertar o coronel Mercês das garras do ganancioso facultativo. O coronel encarregou-se de contar o caso:

— Sabem que esse Dr. Coisa cortou relações comigo? Somos hoje inimigos capitais, e agradeço ao meu bom amigo Mendonça o ter-me aberto os olhos. Lembram-se das minhas queixas a seu respeito; viram também, na noite da festa do Cobra, o sem-escrúpulo com que ele me apontava a cova para que me sujeitasse à operação na bexiga. De tanto repetir esse gesto agoureiro, tomou-me o espírito a vertigem da morte... A essa impressão se juntava um tal horror, que eu ia consentir enfim, e abençoando-o, por cima. Mas, para atender ao meu amigo, resolvi empregar a sonda cujo uso foi a minha salvação. E o mais ridículo do caso é que esse doutorzinho, mal soube disso, foi, como um menino que tomou uns cascudos, fazer queixa ao Navarro... O diretor mandou chamar-me. Quis obrigar-me a operar-me, censurando-me por implantar a discórdia no seio do corpo docente, mas respondi-lhe

francamente que o achava injusto e que minha saúde era coisa que principalmente me interessava a mim mesmo.

À recordação dessa cena, uma nuvem obscureceu o bom humor do coronel. Lembrou-se do tom irritado com que o diretor queria impor-lhe as pazes com o médico. E não foi só: indo no mesmo dia examinar seus alunos, achou-os atrasadíssimos e decidiu passá-lo às primeiras letras, no princípio do mês imediato. O ex-deputado estadual não gostou da ideia, bem que o diretor lhe tivesse feito ver quão mais nobre era a missão de mestre de abc. Quem diria que ele se degradasse tanto na sua vida acidentada?

Para fugir a essa torvação desagradável, o ex segregou-se dos companheiros, desistindo de prolongar o furto de tempo dos intervalos, e penetrou na sua sala, entalando na forquilha da orelha o cigarro apenas principiado a fumar.

Com a sua presença a anarquia dos estudantes de aritmética e álgebra não diminuiu; apenas o Oscavo, travesso incorrigível, que havia escrito o quer que fosse no quadro negro, depôs o giz às pressas, e correu para o seu lugar.

— Meus filhos — começou enternecidamente o ex —, façam menos barulho!

A fervura das palestras baixou um pouco; e, sem incomodar-se com os recalcitrantes, o ex-deputado envolveu num olhar acariciativo a turma dos seus adorados alunos.

Ali sentia-se completamente feliz. Depois que, na festa do inspetor Cobra levantara o seu protesto humano, teve a palavra asfixiada, mas não vencida, pelo tarataxim dos instrumentos da banda do Lago, começou a gozar entre os alunos de uma popularidade de encher as medidas. As palavras que ali lançara, através de uma atmosfera hostil, não as proferira em vão, pois notava que se haviam embutido no ânimo dos estudantes, que depois não deixavam passar ocasião de demonstrar-lhe seu apoio. Desde aquele dia memorável, cada vez que, com intoleráveis tenesmos, atravessava o pátio do recreio (andava um pouco disentérico), os alunos faziam-lhe cauda berrando com entusiasmo:

— Viva o coronel Mercês!

— Viva o ex-deputado ao Congresso Mineiro!

E muitos repetiam as frases que ele clamara naquela atitude veementemente, o que mostrava que lhes haviam caído n'alma como a boa semente no terreno bom.

Ainda na véspera, ao dirigir-se com urgência a certo sítio do pátio, levando às calças as mãos aflitas, pôs-lhe cerco numeroso grupo, que lhe fez as demonstrações costumadas numa avalanche de vivas.

— Obrigado, meus amigos, obrigado! — dizia ele, tentando passar adiante.

Não era fácil; os alunos reclamavam-lhe a atenção; e o Cerqueira guindou-se à barra fixa, de onde lhe fez uma comprida saudação por motivo de seu aniversário natalício.

— Mas é um novo engano, como o da semana passada — interrompeu o ex. — Não faço anos hoje.

— Faz, faz! É modéstia sua! — bramou a turba em efervescente entusiasmo, enquanto o da barra prosseguia:

— Saúdo, pois, o aniversariante, impertérrito ex-campeão das pugnas políticas, o ex-farol do Congresso mineiro, o ex-coronel Mercês...

— Desculpe! — interrompeu de novo o manifestado — coronel ainda sou... Isto é, tenente-coronel, apesar de não haver tirado a patente.

— É modéstia, é modéstia! — berraram de novo os alunos; e o clamor abafou o seguimento da saudação.

Então o Cerqueira pulou abaixo e deu um sinal: irresistivelmente todos avançaram sobre o coronel, e carregaram-no em braços, dando com ele quinze voltas em torno do pátio do recreio.

A essa doce recordação, sobrevinha naquele momento de início de lição, o ex sorriu interiormente, passando por alto, como página desagradável que se deve passar depressa e de nariz tapado, o desafogo que tomou nessa ocasião a fragilíssima natureza humana.

— Meus bons amiguinhos... — começou a dizer em tom complacente.

Prestaram-lhe atenção os da primeira fila, entre eles o Weber, baluarte da aula de francês como de todas as outras, miudinho e pálido, eterno exemplo de estudioso apontado aos cento e tantos colegas. Com o tempo ia-se identificando com o aluno ideal de todo o mestre-escola, para o que ele se esforçava. Nas aulas, como seus colegas não parassem de mexer, e se pusessem em posições atravessadas, ou de cotovelos estatelados na carteira, o punho na cara repuxando as feições, ele levava de seu brio conservar-se absolutamente imóvel, empertigado como um soldado, os braços escorridos aos lados do corpo, o olhar cravado no professor. Ao recreio nunca brincava, quedando-se nas rodas dos sérios na posição sisuda das gravuras dos livros de leitura. Tinha uma memória assombrosa, não omitindo nem substituindo palavra das definições, com imenso gáudio do Navarro. Nos últimos exames ginasiais, a firmeza com que respondia ao Bias o “oui, monsieur!” fizera que o conclamassem primeiro aluno de francês, e que lhe fosse conferido o prêmio “Afonso Pena”.

Os ouvintes eram ainda muito poucos; o ex queria reclamar mais atenção; todavia não se atrevia a censurar os que tagarelavam ou brincavam; tinha pelos alunos a benevolência de um chefe de partido com os eleitores. Ascendera muito alto na sua carreira política, e caíra depois, vítima de infames corrilhos de que acreditava fossem pactuários todos os altos personagens do Estado e da República, numa conspiração geral contra a sua pessoa; e vegetando depois apagadamente num recanto mineiro, desprezado e esquecido, não fora no coração dos seus queridos alunos que pela primeira vez acharam eco seus brados de protesto? Eles os haviam retido, como a concha o rumorejo oceânico, e agora ali estavam, patriotas do porvir, eleitores de amanhã, com a boa semente germinando na alma. Deles o ex-deputado esperava a reivindicação; por isso, depois de obter um silêncio sofrível, passou à parte principal das suas aulas, que era atassalhar os conventículos dos politiquieiros e os do governo. E regalava-se por ter ali um auditório para desabafar os seus agravos e propagar seus ideais patrióticos.



Os alunos deliciavam-se com essas digressões, que diminuía os pontos para exames. O Weber, correto e atento, buscava decorar muitos conceitos do orador, para os repetir integralmente, sem a falta de uma palavra, como se fossem pontos de arguição. O Samuel, mocinho espigado, de expressão alerta, fiscalizava-lhe todas as frases, para filar erros de português. Seu fraco era colecionar batatas dos docentes e escabichar pelos dicionários coisas nunca ouvidas, para com elas, mediante perguntinhas que se fingiam de ingênuas, pôr em aperturas o professorado. Sempre com um lápis engatilhado sobre uma caderneta, era o terror dos que lhe conheciam o vezo. Chefiava uma rodinha que lhe devotava grande admiração.

— Vocês, meus queridos filhos — ia dizendo o coronel —, serão os homens de amanhã. A salvação da nossa pátria infeliz está nas suas mãos. Como Cristo no templo, expulsem a azorragadas os vendilhões da...

O ex sentiu na garganta um nó que lhe atalhou a palavra. É que, na sua fúria inspirada, circunvagando com febre os olhos sobre toda a classe, para hipnotizar-lhe a atenção, dera, casualmente, com as palavras escritas a giz no quadro-negro. Fixou-as de olhos muito esbugalhados e semblante mudado. Lia-se ali: “Deputado relaxado”. Passado o primeiro estupor, pulou do estrado com expressão homicida, como uma vez em que puxara faca no Congresso.

— Qual foi o infame que escreveu aquilo?! — perguntou com voz rouca, o dedo convulso apontando as palavras fatais.

— Quem escreveu aquilo?

O mesmo silêncio. Então, dementado com aquele conchavo de mutismo, deu botes para cada aluno, perguntando, quase afônico:

— Foi você? Então você, o senhor? Foi você?

Tudo inútil. Afinal, dando acordo do seu ridículo, parou a tremer de ira no meio das carteiras, as mãos crispadas a fremerem, brancas no ar, prontas a esfrangalhar o primeiro gasnete que se lhes metesse de permeio. Repentinamente, determinando-se a ir buscar o Meira, saiu de repelão. O Meira veio, aconselhou, ralhou, e foi-se sem atinar com o culpado.

Todavia, a rajada de demência que assaltara o coronel, já se comutara em profunda comoção; e, em pé no estrado, sobranceiro aos alunos, começou um discurso vibrante, lembrando seu passado glorioso. Tantos louros que colhera, tantos aleives que desmascara-ra, o desastre da sua queda, e, por fim, entre seus amiguinhos vinha receber aquela afronta, a maior da sua vida! Entre seus filhos estreme-cidos, fibras da sua alma!

— Eu não fui! Nem eu! — começou um chorrilho de protestos, logo que o ex-deputado resvalou para a ternura.

— Mas aquele labéu — e atirou um gesto trágico para o quadro negro — não podia ter surgido ali, espontaneamente! Alguém o escreveu. Para que essa obstinação em negar? Digam o nome do culpado! Não querem acusar um colega? Pois bem, próprio culpado que se acuse, que de antemão está perdoado!

E o coronel ex-deputado reforçou o seu apelo com o panegíri-co da verdade. Tendo em mira o seu programa básico de educação moral e cívica, citou casos de meninos que mentiam, e que no fim, confessando arrependidos a verdade, obtinham perdão e recompensa. A recompensa ali estava já no seu bolso, uma caneta-tinteiro.

— Mas levante-se o culpado! Para o reinado da mentira bastam os conventículos políticos!

O momento tornou-se palpitante; sentia-se que a verdade ia aparecer. E todos os olhares convergiam para o Oscavo, que havia um quarto de hora estava transido de pavor.

Foi então que uma voz cínica e meio escarninha soou bem ao fundo:

— Fui eu, Sr. Mestre!

Lá estava o Martinho, de pé, a cara muito lavada, fitando o ex-deputado.

— Venha, meu filho, aos meus braços!

Sôfrego o ex-precipitou-se ao seu encontro, cingindo-o demo-radamente. E por ser tão bela aquela apoteose da verdade triun-fante (ou por unânime zombaria), a sala prorrompeu num estron-doso uníssonos de palmas. Houve alarma nas turmas contíguas de

meninos soltos; e, como alguns professores que ainda esforçavam o tempo no corredor, mostraram à porta a facha curiosa, perguntando o que sucedera, o ex, apontando para o Martinho, que baixara os olhos, modesto, declamou:

— É a verdade que triunfa!

Abraçou-o de novo, deu-lhe o prêmio prometido, e encorajou-o a que prosseguisse na mesma luminosa senda, para que um dia fosse um cidadão útil à Pátria, ao Estado e à Família.

Em seguida foi sentar-se.

O final da aula transcorreu sem novidade. Como de costume, a lição, enfim à baila, versou sobre cálculo mental e problemas sobre as quatro operações. Por fim soou o sinal para nova mudança de classes. Sem esperar mais, os alunos atiraram-se de roldão para o corredor. Apenas meia dúzia permaneceu na sala, pondo cerco à mesa do ex-deputado. Era o Samuel com uma rodinha de admiradores. O perverso rebuscador de dicionário trazia uma consultinha traiçoeira.

— Senhor coronel — perguntou em voz brandíssima, cavilosa —, que diferença há entre “peão” e “noete”?

— “Peão”, meu filho, é um homem que amansa cavalos — respondeu afavelmente o ex — e “noete”... deve ser um nó pequeno; por exemplo: dado num fio de linha, num barbante, etc.

Os consulentes atiraram-se para a porta, abafando frouxos de riso.

Só nesse momento notou o professor que na sala ainda havia ficado mais alguém. Era o Weber, o aluno impecável. Quisera destacar-se da classe em peso, e esperara sair até o último dos colegas. Então, em passinhos medidos e dignos, buscando com o olhar o professor que o observava, tomou da escova, e foi ao quadro negro apagar as palavras que, por geral relapsia exibira durante toda a hora os seus dizeres garrafais: “Deputado relaxado”.

E, superior e impecável, retirou-se.

## CAPÍTULO XIV

Eram quase sete horas. Ricardo acabava de conduzir ao refeitório a turma submetida à sua vigilância, para o café matinal. Lá deixou-a entregue, como as demais, aos cuidados do Marolo, que vigiava, e do Baiano, que servia, e foi procurar o Meira na secretaria. Este acabara de verificar as últimas contas dos fornecedores do “Fiat Lux”, após o que se quedara pensativo à espera da visita que os filhos, raro em raro, tinham permissão do Navarro para lhe fazer. Quedara-se pensativo e melancólico, porque nesse ano já se sentia mais fatigado que nos anteriores. A velhice parecia vir a galope; e ele se lhe esquivava sem tréguas, abaluartando-se na sua vontade onipotente contra seus frequentes assaltos. Precisava ainda lutar. Bem que o José, com os seus dezenove anos, já estivesse encaminhado num ofício, tinha ainda oito filhos menores a reclamarem-lhe os cuidados. O mais novo, Titi, contava pouco mais de ano... E o Meira engolfou-se, inquieto, a sondar o futuro.

— Bom dia, Sr. Meira.

— Bom dia, Sr. Ricardo.

O subdiretor havia retomado sua feição tranquila e doce, ao volver-se para o moço que o procurava; e, fitando-lhe o olhar bom, ficou calado, à espera de que o trazia ao escritório.

— É para tratar da disciplina — respondeu Ricardo à muda pergunta. — Não sei mais conter meus meninos em aula, nem na regência. Vinha aconselhar-me com o senhor sobre o que devo fazer.

A expressão do Meira tornou-se repentinamente grave e desgostosa, ouvindo Ricardo tocar no eterno e insolúvel problema da disciplina.

— O mesmo dá-se comigo... Mal posso contê-los. Que fazer? É ter paciência, aconselhar, e talvez que...

Um véu de desânimo pareceu toldar-lhe um instante a vista; mas, readquirindo presto sua força tranquila, falou com alguma febre, como se procurasse convencer-se a si mesmo:

— Os meninos não são maus, coitadinhos; é que já dobraram o semestre e sentem a proximidade das férias, que estão por dois meses e pouco... Bem lhes procuro falar ao coração; mas andam com a cabeça no ar, saudosos e talvez também cansados. A disciplina... Com paciência pode-se obter tudo.

É preciso não desanimar, Ricardo... Dentro de todos nós existe sempre uma provisão de força inextinguível.

Ricardo ouviu-o com respeito; mas no íntimo sentia a inutilidade das palavras do subdiretor, que já lhe não traziam conforto, como dantes. Nem todos sabiam, como o Meira, seguir uma inquebrantável linha de conduta. Essa reserva inesgotável de forças, Meira notava-a no seu caráter de exceção e, por isso, a atribuía à generalidade dos homens. E agora, nas suas palavras, Ricardo sentia uma como quebra de tranquilidade. O próprio subdiretor via a ineficácia dos seus esforços. E essa ineficácia parecia ir em progressão de tempos àquela parte, pelo que se passava no espírito dos alunos. Muitos estavam no colégio havia anos, e no trato dia a dia com o subdiretor, vendo-o sempre bom, extremoso, atribuía a pobreza de espírito o que era manifestação de bondade. O Cerqueira, aluno velho no ginásio e chefe dos insubordinados, metia à bulha, na sua rodilha, o gênio inofensivo do subdiretor, arremedando-lhe a voz e repetindo-lhe as palavras: “Seja bom, meu filho... Pense no seu pai que espera tanto de você e tantos sacrifícios faz para vê-lo estudar...”. O arremedo, temperado com a entoação gaiata, provocava a hilaridade e fomentava a indisciplina. E, se os alunos em presença do Meira, tinham alguma compostura,

era o produto do hábito, respeito involuntário, ou atitude hipócrita. Quando em falta, estavam sempre prontos a fazer-lhe todas as promessas de bom procedimento futuro, dispostos, aliás a quebrá-las, mal o Meira voltasse as costas. Nas aulas, então, o descalbro era completo. Navarro indignava-se com os professores, se lhe iam pedir remédio à situação.

— Quando o professor é bom, não há alunos maus; o professor impõe-se na razão direta do seu mérito.

E aconselhava o método da “paternidade” acrescentando:

— Apenas permito que longe em longe censurem os alunos mais rebeldes — mas, já se sabe, com toda a urbanidade, em tom de grajejo delicado e algum tanto respeitoso. Todavia, evitem essas censuras, principalmente no segundo semestre... porque não quero que se apartem tristes de mim. Tenho para os rapazes um coração de pai — ou, para dizer em tom camoniano (ouviu, Sr. Luís de Camões?) meu coração é uma delicada lira cujas cordas são os meus educandos. O Meira também. Tomem o Meira como exemplo, e apliquem-lhe o método.

Mas o Navarro não sabia ser coerente.

Se entrava no estudo e via o subdiretor a esforçar-se pacientemente para obter silêncio, prorrompia em cólera:

— Que anarquia, Santo Deus! Ó Meira, você não tem energia? Por que não os põe de joelhos? Fica aí feito padre a dar conselhos, e esses demônios a grazinarem... Os senhores vão calar-se, não? De joelhos, todos, já! Lá o Sr. Cerqueira não obedece? Já! Senão, meto-lhe a vara, patife! E amanhã quero duzentas cópias da lição de hoje.

Dias depois, se o Meira, obedecendo-lhe à ordem, punha alunos de joelhos, Navarro, se assim os encontrava, trançava os braços, teatral:

— Bonito, Sr. Meira! Meu colégio como casa de suplício... Sim senhor! Devia ter nascido na inquisição. Que espetáculo edificante!

E, braços cruzados, passava alguns instantes a revezar olhares magnéticos entre o subdiretor e os genuflexos; por fim desatava em trovões seu assomo malcontido:

— De pé! já! Para seus lugares! Não admito que se maltratem meus queridos alunos!

E sobre estas palavras saía de golpe, com a juba revolta, e a catadura de um leão enfurecido.

Uma feita Navarro fez fiasco. Foi com o Sebastião, afilhado do ministro; sempre rebelde às aulas, vivia gazeteando-as; além do mais, fujão. Como o ministerial educando não se desasnasse nunca, bronco, mal-educado, eterno escândalo nos exames, o diretor acusava o Meira, tachando-o de mole. Tomou de uma vez por empresa corrigi-lo. Começou com carícias e presentes e concluiu com remessas de bolos que o bicípite hostil de Baiano reforçava de bom grado, devido ao hábito do paciente, grande esganado, de ir fossar-lhe nas panelas. A catequese fazia-se na secretaria. Um dia Navarro saiu dali furioso, para curar o nariz, que o Sebastião lhe destroçara com um rijo soco. E dessa data em diante abandonou a empreita. Incapaz de expulsar um aluno, muito menos um afilhado de ministro, decidiu que o mocinho poderia viver à sua guisa. Por isso, não era raro o Sebastião passar um dia inteiro sumido, ou mesmo não aparecer à noite, sendo preciso, para capturá-lo, organizarem-se grandes batidas, nos arredores. E só o traziam a pau e corda.

Ricardo, a quem Navarro já não era infalível, decaído do prestígio com que o aureolavam suas impressões de criança, teve um sorriso, lembrando-se da acusação de mole feita ao subdiretor. Frouxo o Meira, que ele via ir incansável de aluno a aluno tentando conquistar-lhes o coração, ameaçando-os como filhos, não na execução de uma tática hipócrita, mas obedecendo ao impulso de sua natureza; o Meira, que após a labuta do dia, transnoitava-se nos dormitórios, indo de leito em leito, com pés de lã e o rosto amenizado por um sorriso bom, reunindo no silêncio fecundo das horas do repouso, cabeças sôfregas em torno de si, a quem lembrava historietas, explicava apólogos, e dava conselhos, procurando antes formar o homem rijo na luta pela vida, que o animal domesticado! O mocinho via a injustiça da acusação, e ao mesmo tempo memorava quanto a longanimidade daquele homem suportava. Via-o segregado da família,

malgrado seu coração extremoso. Longe dos filhos, o não poder dirigir-lhes a educação havia de doer a um homem dedicado a formar a dos filhos dos outros; e Meira não tivera um protesto quando Navarro lhe negara o colégio para seus pequenos, que agora cursavam a escola pública da vila.

Mas um tropel áacre e barulhoso veio despertar a ambos de suas reflexões. Como uma onda invasora de sol, os filhos do Meira, sorridentes e tagarelas, irromperam pela secretaria:

— A bênção, papai!

— Sua bênção, papai!

— Bom dia, papai!

Estava ali meia dúzia dos seus pequenos; até Titi, o caçulinha, vinha visitá-lo; e do colo da menina mais velha emitia uns gritinhos alegres, que na linguagem inata dos nenês, deviam representar também uma saudação.

Como todos queriam atirar-se-lhe ao peito ao mesmo tempo, Meira abriu jovialmente os braços e estreitou num bolo a miuçalha que lhe oferecia os bracinhos.

O amplexo foi demorado, e talvez com a demora quisesse o pai dissimular comoção. Por fim desabranchando-se dos filhos, pôs-se a acarinhá-los à vez, achegando de si as cabecitas irrequietas, que, com deleite, se pousavam no seio do pai querido, que viam tão pouco! Indagando dos faltosos, soube que não puderam vir. Depois perguntou pelas lições; os que estudavam prorromperam num animado concerto e chilros e gorjeios, cada qual querendo falar primeiro. O Meira tapou alegremente os ouvidos:

— Não! cada um por sua vez, senão ensurdeço.

Então Luisinha, a mais velha e mais loquaz, começou a contar novidades da escola, o que a mestra disse e não disse. Tão sôfrega dava conta das novidades, que a voz se intercortava. Outros atalham-na, julgando-se com o mesmo direito à expansão. A hora era tão breve! Em pouco recomeçou o concerto de gorjeios.

— Lá você, Laurindo, por que está tão quieto? Diga também alguma coisa.



O menino contorceu o corpo, enleado.

— Sabe por que ele está descochado, papai? — tagarelou Luisinha. — Foi porque tomou castigo!

— Mentira! — redarguiu Laurindo, furioso.

— Tomou! tomou castigo! A Maria me disse! — E a irmã dava com o punho na mão, para reforço...

— Então? — interveio o Meira, zombeteiro. — Já vê que não pode negar...

Sempre torcendo-se desapontado, e enrolando a ponta do paleto, o menino resolveu então confessar a verdade; e começou pelos remotos antecedentes do caso. Ele se relacionava com um certo canarinho que não saía da horta. Tinha a cabeça vermelha, e de manhã à tarde vibrava como um endemoninhado, e, como por acinte, balançando-se num galho de amoreira. Se o Laurindo passava por ali eram surriadas cristalinas de acirrar a cobiça; e o passarinho a balançar-se no galho, como em desafio... As atalaias com o alçapão tomaram-lhe um tempo imenso. Mas o tratante caiu! E já desembaraçado, fôlego partido, e esquecendo a punição para só pensar na presa, Laurindo desfiou os prodígios do canário, prometendo ao pai trazer-lho na gaiola para admirá-lo também.

Renteando-lhe a calça, Meira notou que o Pedro lhe dizia há muito tempo o quer que fosse que ele não conseguia ouvir. Era um fedelho de cinco anos, de calcinhas compridas e barriguinha gorda, todo empertigado de importância por já frequentar a escola. Meira deu-lhe um piparote no umbigo:

— E você, barrigudinho, que está dizendo aí?

— Eu já sei a “uva”, disse o pirralho compenetrado.

— Não sabe não, papai — ele decora tudo! — relatou a impiedosa Luisinha. — Perguntando salteado ele não responde!

O pai pô-lo sobre o joelho; então Pedro sussurrou-lhe ao ouvido que “a viúva viu o ovo e o vovô viu a uva”. Meira aplaudiu-o fazendo-lhe cócegas na barriguinha, com o que ele perdeu a gravidade e riu até chorar.

Por fim foi a vez do mais novo.

— E você, Titi? Ainda não me deu um abraço, siô maganão!

Meira tomou nos braços o pequerrucho, que do primeiro movimento lhe repuxou os bigodes com as mãos ambas. Depois, barafustando, quis tomar uma caneta na secretária.

— Não pode, meu filho! Faz dodói...

A insistência do pirralho pôde mais que a meiga resistência do pai. E já de posse da caneta, e com o gesto firme de quem tem consciência do que vai fazer, molhou a pena, que em seguida, entre a alegre celeuma dos manos, passou e repassou uma folha de papel, sem tirar traço. Com o insucesso arremessou a caneta e quis introduzir o dedinho no tinteiro.

— Não! Não pode, meu filho — protestou o Meira.

Se podia! Molhou o dedo quantas vezes quis, tirando com ele largos traços, o que o enchia de júbilo. Depois desviou-lhe a atenção movediça a bengala do pai a um canto. Novamente alvo-rouçado, Titi reclamou:

— Upa! upa!

E, indicando-a com o dedo, fazia muxoxos de instigar cavalo.

Súbito trovoar fez-se ouvir nos corredores. Eram os alunos que, findo o café tornavam para o estudo, a buscar os cadernos e livros para as aulas matinais.

Foi pronta a debandada dos pequenos visitantes, já habituados à estreiteza da hora. Como um bando de rolinhas assustadas precipitaram-se para fora, não vendo a consternação do Titi, cujo último pedido fora esquecido.

— A bênção, papai!

— Sua bênção, papai?

— Adeus, papai!

— Adeus, adeus, meus filhos... Olhe, Titi, não faça beijo... Dê-me um beijo e leve o cavalo para fazer “upa! upa!”.

Saíram os filhos.

No escritório, onde apenas ficaram o subdiretor e Ricardo, ecoava duramente o tropel de cento e tantos alunos, que em confusão e tumulto passavam perto, no corredor.

— Está bem... Vou vigiar os meninos, porque o senhor e o Marolo têm aula agora — disse Meira saindo adiante do moço.

Ricardo foi postar-se à porta do seu salão.

Ia dar História do Brasil, uma aula suplementar extraprograma arranjada pelo Navarro para preencher a única hora vaga que lhe restava. Ouvia na rua vozes de outros professores, que também esperavam o toque da sineta em palestra, defronte do antigo teatro. Passadas unguidas lento e lento aproximaram-se: apareceu o Marolo, que num compartimento próximo ia dar contabilidade. Na sua figura arroubada e no compassado dos seus movimentos, havia algo da nostalgia dum santo arreado do andor, e forçado a caminhar por seus impolutos pés. Defrontando sua porta, ficou imóvel, concentrando-se em oração. Invocava o Espírito Santo, o que era o seu meio de transfundir conhecimentos e manter disciplina. Se os alunos se portavam bem, atribuía-o à influência miraculosa, e rendia graças ao céu; se assim não sucedia, rendia-as do mesmo modo, aceitando a insubordinação como provação terrena. E evangelicamente compunha-se com os reiterados descontos que o Navarro lhe infligia pela sua sacrossanta incúria.

Um minuto, no mais, e ia ouvir-se o toque da sineta. Ricardo sentiu a alma turvada, ao sondar a úmida penumbra onde ia lecionar. Sua sala lembrava um porão ou um cárcere. As paredes po-rejavam umidade salitrosa e bafio de bolor. Como luz, tinha apenas os frouxos raios que se infiltravam por uma exígua abertura ao alto; por ela se intrometia uma rama verde batida de sol, que vinha mover saudades da luz e da liberdade que campavam lá fora, paredes-meias com o soturno calabouço. Inda se lhe fosse permitida a soledade! Embora prisioneiro naquele ambiente estagnado, sua imaginação tinha o mundo inteiro para bater asas às soltas; o que ele temia, era o trabalho sugador da vida e o bando endemoninhado dos alunos. Nesse momento um profundo arrepio regelou-lhe a carne. A sineta ia soar. Era como se possuísse a dupla visão: via nitidamente o Baiano encaminhar-se para o sino, imitando no andar ao Navarro, a quem tomava por cópia, até no badalejar longo e impertinente

para as aulas. Fez o último passo... Tomou da corda... O coração de Ricardo atirou um pinote, advertindo-o. E o repique soou longo, irritante, frenético.

Que profundo exaspero suas notas bimbalhantes não levantaram no espírito do moço! Significavam para ele a voz do árduo dever, o rebate da escravidão.

Sua vida era um doloroso agitar-se recortado de toques de sineta, que lhe separavam em pedaços iguais o sofrimento sem fim. A sineta era a voz exigente do Navarro, seu dedo imperioso apontando para a escuridão tétrica do salão de aulas, o azorrague sibilante do feitor:

— Anda! trabalha!

E ali ficou, o coração batido de agoniados estalos, esperando com a fisionomia contraída, num ricto de dor que era quase um sorriso, a vinda dos alunos ainda rumorejantes ao longe.

— Anda! trabalha! — dizia ainda o eco da sineta martelando-lhe o cérebro em pancadas duras.

Naquele momento ele revia em largos traços todas as etapas da sua evolução íntima, laivada de tragédia, que, principiando na bondade e dedicação da criança ignorante, terminava no desespero, depois de evoluir pela revolta, pelo desânimo e pelo terror. Primeiro incorporara-se nele apóstolo afervorado que baixava das abstrações pedagógicas para fazer-se mestre; o ideal largara dos seus altos termos, como a águia cansada de se pesar no inacessível éter, e viera abater num corpo adolescente; mas, depois que a realidade começou a enfocar-se-lhe à vista, a ave remontara de novo às alturas. Onde havia um santo, nasceu um revoltado. Então julgou-se desquitado com o Navarro da sua obrigação interminável. E tudo se dera por força do inconsciente. O Meira ali estava sempre, pondo como um bordão, a todos os desânimos do moço, a lembrança de seu dever.

Seu dever! Ricardo via-o nítido, quase tangível, concretizado em preceitos claros, como num catecismo. Devia ser bom, manso, paciente, resignado, submisso... Ele o quisera ser; a princípio vinha a cada falta pungi-lo o remorso, cravando-lhe as aceradas úngulas na

consciência. Em exame introspectivo reconhecia que devia ser bom e não o era, devia ser manso e não o era também; fazia protestos de corrigir-se; obrigava a renascer em si a ardência da extinta flama; todavia, sua vontade guiada por potestades incógnitas embarrancava-se em profunda impotência. E exclamava consigo que bem podia o trabalho ser sagrado, como dizia o Meira; sem embargo, não o achava menos cruel. Depois veio o lento e incoercível vasquejar deste último bruxuleio, o preceito esquecido sem causa, as presas do remorso rebotadas. E o dever faliu, lançando o moço no marasmo de um profundo quebranto espiritual. Sucedeu ao desânimo o terror. Navarro aguilhoou-o com um novo golpe. Foi num dia em que apareceu a fiscalizar-lhe a aula. Variou perguntas, partindo das capciosas às corriqueiras. Houve um fracasso estrondoso. Nesse dia, perante a classe, o diretor o descompusera, congestionado de cólera, ameaçando despedi-lo. O gesto amplo com que deu relevo à ameaça, gesto de escancarar as portas de par em par para a expulsão do moço, soçobrou-o a ponto de suas ideias girarem vertiginosamente, como a água de um sorvedouro. Empalideceu, apoiou-se a um portal. Vira, talvez, nesse momento, em cores carregadas, o desconhecido temeroso da vida, cujas ondas vinham embater-se nas quatro paredes do colégio, onde uma nesga de paz se filtrava, defendida da sanha exterior pelo peito possante de Navarro. E, mais tarde, quando Ricardo evocava essa visão, que o confrangia até a medula dos ossos, tremia como em presença de um fantasma ameaçador. E, acovardado, vendo que não havia fugir ao ergástulo que o emparedava, aforçurou-se no desempenho do cargo. Trabalhou com fúria, sem ideal, sem prazer, trabalhou por puro medo; e, sem fito na existência, Ricardo tinha uma sensação singular — a de não existir; ele era uma sombra imponderável que flutua e não vive, a roda inconsciente de um mecanismo, girando sem cessar na mesma órbita, mas uma roda sofredora, a que cada movimento fazia estalar de dor. Por fim, a crise desfechara num misto de indiferente embrutecimento, e surdo desespero. O desejo do aniquilamento, alternava-se nele com um entranhado rancor; e, de longe em longe,

propendia ao devaneio, sonhava, como libertação, a fuga para meios estranhos, ou, num retrocesso de troglodita, a libérrima e solitária existência da fera, nas florestas.

Entrementes, chegara a sua turma; e ante ele desfilavam, entrando no salão, caras vadias, cínicas, hostis, escarninhas, entre as quais sobressaía a sisudez de menino modelo do Weber. Passara o Cerqueira, machacaz espadaúdo, de olhar insolente, andar gingado de valentão; o Martinho, com a sua carinha implicante de menino que se ufana em ser desbriado; o Samuel, que, olhando o mestre, em cochichos malévolos com os companheiros, fazia prever uma consultinha de algibeira; o Dario e o Oscavo, eternos travessos, que fechavam o comboio saltarilhando.

Seguiu-os Ricardo, lentamente. Para ele o ar daquela sala era espesso e difícil de romper como um fundo de água salobra.

Quando o professor subiu ao estrado, entre a bulha ensurdecedora dos alunos que se sentavam, chegou em berreiro um retardatário. Era Napoleão Bonaparte, irmão de Luís de Camões; vinha mancando e trazia um olho inchado, crescido como uma laranja, efeito de tremendas murraças do Sebastião, que, graças a Deus, ainda aquele dia havia fugido às aulas. Houve risota geral à sua entrada, pois raro era o dia em que o lorpa, de natural poltrão e choraminga, não chegasse mais ou menos avariado. Sentou-se atrás, numa carteira vazia, onde se pôs de cotovelo especado na carteira e as mãos frouxamente abertas sobre as orelhas, como duas aranhas enormes trepando-lhe em simetria ao alto da cabeça, e lançava de esguelha olhares apavorados para o Martinho, que se lembrara de ir ladeá-lo.

Feita a chamada, e para evitar a inutilidade de tomar uma lição que, à exceção do Weber, ninguém saberia, Ricardo começou a prelecionar. Com exclusão também do Weber, que, correto, e sem pestanejar, fazia prodígios de imobilidade na primeira linha, também ninguém o ouvira; suas palavras não tinham mais a força comunicativa que dantes convergia para si, como um só todo, o espírito dos alunos. Mesmo assim, abstraindo da desatenção da sala, Ricardo prosseguia expondo e explicando. Fazia-o distraidamente

acudindo-lhe precisos, pela força do hábito, os acontecimentos e os comentários; e todo ele se voltava para o exíguo respiradouro do alto da parede, por onde a rama, verde e banhada de sol, se oferecia como a salvadora mão da própria natureza, para libertá-lo do lóbrego encerro daquelas paredes avelhentadas e exsudando bolor. E aquele sol, e aquela verde mão convidativa, punham em tumulto, no seu interior, um mundo de aspirações insaciadas. O que havia em si de embriões de sentimentos, rebulia em perturbadores assomos de seiva nova, germinando poderosamente, fecundadas por aquela nesga entreaberta ao mundo exterior. E a sua fantasia alava-se, mostrando-lhe prados inundados de sol, sombras misteriosas de florestas propícias ao repouso, doces idílios entretecidos de flores, voluptuosidades mordentes, com o sabor agreste de frutos bravos.

Guinchos estrídulos despertaram-no.

— Sr. Ricardo, me acuda! Olhe o Martinho!

Era o Napoleão, com o olho inchado, a escabujar entre as duas mãos do vizinho, que lhe submetia as orelhas a dolorosa esfregadura. E o carrasco, sem parar, fitou no mestre os olhos descocados, à espera de censura. Gostava tanto que lhe chamassem sem-vergonha!

— Tenha modos, menino! — exclamou Ricardo.

Martinho delambeu-se com o pito; mas apenas resolveu-se a largar a vítima, quando viu o professor fazer menção de precipitar-se em seu socorro. Então, fugindo às gatas, Napoleão embarafastou-se por baixo da mesinha do professor, onde ficou com ares de macaco acocorado, de cauda revirada para a barriga. E dali mesmo lançava olhares esgazeados ao Martinho, que lhe fazia com a mão sinais de ameaça.

Desse momento em diante, quebrou-se o encanto dos devaneios de Ricardo; e até o fim da aula prelecionou embrutecido, sem expressão, o olhar desatentadamente cravado no Weber, que, fatigado da sua imobilidade, dormia, e que, correto, mesmo ao sono, não aluía uma linha da sua atitude de menino de gravura.

Ao soar mudança de aulas, os alunos atiraram-se de roldão para a porta. Apenas ficaram o Samuel, e a rodinha acaudilhada por ele,

na qual figurava a figura insolente do Cerqueira. Ricardo esfriou, vendo-os caminhar para seu lado, calculando que seria mais uma das insidiosas perguntas para desmoralizar.

— Que deseja, Sr. Samuel? — inquiriu com aspereza.

— Sr. Ricardo — perguntou o mocinho em voz fina e melíflua —, venho pedir-lhe uma explicação. Que diferença há entre “peão” e “noete”?

— Não sei! consulte o dicionário — respondeu, seco, o professor.

A essas palavras, o grupo saiu precipitadamente entre risotas. Da porta o Cerqueira fez da mão porta-voz e gritou:

— Não sabe! Chii! Que fiaasco!

E todos gargalharam prolongadamente, afastando-se:

Ricardo supôs que não houvesse mais ninguém na aula; mas o seu pé esbarrou numa coisa trêmula, debaixo da mesa.

— Quem é? Ah, o Sr. Napoleão! Vá embora, menino, vá estudar!

Ficando só, encostou-se abatido na mesa, esperando a segunda turma do dia. Não sentia agora desespero, nem aspirações conturbadoras; invadia-o apenas um imenso quebranto. Ah! pudesse passar a vida toda derreado numa cadeira, no silêncio e na solidão! Para ele seria a suprema ventura ficar assim indefinidamente, brutificado e sem ideias, a alma apresada pela mão grifanha do tédio. E ouvindo naquele instante, rumorando ao longe, a nova turma de alunos, sentiu-se sacudido como por um engulho convulsivo, pelo desejo físico de vomitar das entranhas numa pasta de vômito, como se ali os tivesse, ao Navarro, aos alunos, ao resto do mundo e a si próprio.



## CAPÍTULO XV

Como os exames já não estivessem longe, as aulas supletivas pululavam, o que sobremaneira exasperava o corpo docente. O próprio Cândido, modelo de paciência, tinha vagidos de indignação quando se referia às nove horas de trabalho de que estava sobrecarregado. Como desabafo a esse estado de coisas, a ideia da parede começou a tomar corpo. O Camões, o Cavagnari, o Mendonça e o Ex, também já participavam do conluio. Num sábado, nos momentos furtados às aulas para o cigarro e para a “troca de ideias” o Penedo interpelou o lente de francês.

— Sr. Bias, ponha em execução a sua ideia. A continuar assim, ficamos eternamente na mesma. Mexa-se, convoque reunião dos professores... Olhe, amanhã é domingo, faça a coisa para amanhã.

Como uma lesma que se enconcha retraindo os corninhos, Bias esquivou-se:

— Ideia minha, não! Sou alheio a isso... Estou satisfeito; e apenas por coleguismo prometo adesão. O Cândido é quem está à testa disso; dirija-se a ele.

Com uma piscadela carbonária chamaram-no; então Penedo, apoiado por exclamações aprobativas do Dr. Cavagnari, sugeriu-lhe uma porção de projetos. Concluiu aconselhando:

— Convoque uma reunião para amanhã, na mata. Iremos a pretexto de convescote, e lá discutiremos tudo em segurança.

Envaidecido, Cândido prometeu fazê-lo. O professor de geografia fora sempre meio desprezado pelos colegas, que o tratavam com

descaso; por isso, sentia agora grande prazer por estar em evidência, com o caso da parede.

Combinaram excluir do convite o Meira, que nunca pactuaria com a ideia; o Ricardo, parente chegado do diretor; o Marolo, criatura ultramística, que só cogitava da salvação da alma; o Lago, que superpunha a todos os interesses a sua importância de catedrático; e o reverendo Gauquério, que absorvido pela cabala política, porque novembro não estava longe, e, nessa época, de mãos dadas com o Navarro, queria dar xeque-mate à câmara do Tipico. Mesmo desfalcado desses “amarelos”, conforme o calão corrente entre os conspiradores, o professorado constituiria uma facção temerosa. Depois separaram-se com coçadelazinhas misteriosas nas palmas; irradiando para os respectivos salões.

À tarde, Cândido prestou contas do trabalho do dia; estavam todos avisados e prometiam ir; o Dr. Peregrino, que fora devidamente iniciado, prometera também comparecer ao lugar da reunião, furtando alguns quartos de hora à clientela. Não o esperassem, porém, à partida; chegaria quando pudesse.

No dia seguinte, às onze horas, a companhia zarpava para o mato. Nada tinha de garbosa nos seus brins, que eram os mais pífios e caseiros. Entre eles sobressaía com vantagem a eterna sobrecasaca do Dr. Cavagnari. Vestiam propositalmente roupas que os espinhos pudessem rasgar sem graves prejuízos; e, para evitar motejos, qual a qual afetava mais despreensão no trajar, como homens de espírito superior que não se preocupam com insignificâncias. A este respeito chegou a travar-se uma discussão entre o Bias e o Penedo.

— Eu acho — dizia aquele — que em questão de trajos a gente deve andar à vontade, inda mais para entrar no mato; por isso, procurei a roupa mais no fio que possuía.

— E a minha! — replicou Penedo. — Está com dois enormes remendos no traseiro.

— A minha ainda nem foi remendada.

— Mas em compensação tem todos os botões.

— Mas seu terno está lavado, ao passo que há dois meses o meu não vai à fonte, etc., etc.

Apesar de alguns debates como este, o jornadear fazia-se quase em silêncio. O fato é que, de caminho, tiveram de rentear o ginásio, o que os pôs aborrecidos pois lembraram-se das aulas no dia seguinte. Os únicos momentos de doce despreocupação que gozavam era no sábado à tarde, pela perspectiva de mais de vinte e quatro horas de descanso. Fora das aulas nem gostavam de ouvir a sineta soando no colégio algum repique regimental; as vibrações imperiosas que o Baiano sabia dar-lhe trespassavam-lhes a cabeça, amargando seu repouso. E assim iam andando taciturnos, levemente consolados pela esperança do ainda longínquo êxito da parede, que deveria irromper por ocasião dos exames.

O Bias foi o primeiro a reagir contra aquela tristeza. Já estavam num pasto de capim rasteiro, estorricado pelo sol. Aí ele largou uma carreira para pular um cupim. Suas perninhas finas agitaram-se no ar transpondo o obstáculo; mas, por infelicidade, caiu de assento, no outro lado, sobre uma touça de juás-bravos. Entre as gargalhadas dos companheiros levantou-se corrido, com as mãos nas nádegas.

— O Bias tem a mania de ser palhaço — comentou o Penedo. — Tanto lugar para pular, e ele foi escolher um espinheiro.

Bias protestou com indignação, jurando que espinhos do tamanho de alfinetes não eram para brincadeiras.

Aberta a válvula à alegria, as troças reinaram. Foi muito flauteado o grave Dr. Cavagnari, pelas garrafas gorduchas de vinho italiano levadas por ele nos braços com extremos de pai, e zelos de único senhor e possuidor. Depois a vítima foi o Cândido, todo a tressuar ao peso de uma grande cesta atestada de comestíveis, com que ele ia agraciar os paredistas.

Os excursionistas, que caminhavam dispersos pela relva, meteram-se por fim a um de fundo pelo carreiro que guiava para a mata, pois arbustos insensivelmente já se iam adensando no percurso, indicando transição para a capoeira. A mata não tardou; e eles estacionaram, afinal, à sombra de uma grande árvore, cuja ramaria arrastava no chão, como asas de peru fazendo roda. Discutiram o local. Camões achou-o poético, mas Mendonça receava

constipações, devido à frescura da sombra. De preguiça foram ficando; e cada um tratou de arranjar assento, o que foi fácil, porque o tronco tinha sobejas e proeminentes raízes. Todos ajeitaram-se ali, menos o Bias, que, com o corpo empenado, e a mão por dentro das calças, procurava extrair das carnes os últimos espinhos que lá se tinham encravado; quando o conseguiu, pôs-se a olhar em torno buscando assento mais macio.

— Sua Ex.<sup>a</sup> o Sr. Presidente pode abrir a sessão — disse o ex, formalizando, dirigindo-se ao Cândido, que se tornou de uma ligeira palidez solene.

— Está aberta a sessão — avisou o presidente.

— Peça a palavra! — disse o Penedo. — Sr. Bias, por que não se senta de uma vez? Dr. Cavagnari, não acha melhor abrir as garrafas depois?

— Mangiam! Beviam! — exclamou o doutor, acabando de sacar uma rolha.

— Tem tempo — redarguiu Penedo. — O doutor pensa que convescote é a gente vir ao mato, comer, beber e ir-se embora. Inda mais hoje que nos reúnem aqui motivos tão graves!

Emborcando a garrafa número um, o italiano fez um expressivo aceno com os dedos, como quem afirma que nada mais fácil que fazer ao mesmo tempo duas coisas não incompatíveis.

— Meus senhores, pedi a palavra... — ia começando Penedo. Mas gritos insólitos atraíram a atenção geral. Fora o caso que o Bias, procurando um assento macio, confiara-se a um traçoeiro murundu de cor escura. O murundu cedeu, e grandes formigas pretas esfervilharam sob ele. Pôs-se de pé, e, aos pulos e tapas, numa dança macabra, defendia-se das ferroadas.

— Que é, Sr. Bias? — interrogou Penedo, de mão na ilharga. — Alguma nova palhaçada? Creia que neste momento qualquer graça fica muito sem graça.

Enfim Bias sossegou num canto; e, escutado por todos, exceto o Dr. Cavagnari, que já ia a vapor pela garrafa número dois esgazeando para os colegas o olhar embrutecido e sorrindo alvarmente, Penedo

começou tomando por tema a miséria dos ordenados magisteriais. Antes de chegar ali, tendo, em sua terra, meia dúzia de alunos avulsos, sobrava-lhe sempre com que comprar uma gravata nova, ou uns sapatos de verniz. Despediu os alunos e veio para Três Barras, acreditando, por uma carta do diretor, que ia ganhar mundos e fundos. Fez grandes despesas consigo e com a família, instalou-se bem, mas, depois de alguns meses, durante os quais Navarro negava-se a dizer-lhe quanto ganhara, revelou-lhe que seu ordenado era isso que mal dava para a comida! E, como ele, estavam quase todos. Por isso, a primeira coisa que propunha, era exigirem grande aumento de ordenado.

— Vejam como estou hoje! — exclamou para remate, exibindo a fatiota coçada. — Nunca em minha vida descí tão baixo. Apelo para o testemunho dos colegas, em como ao chegar aqui era um rapaz apresentável, para não dizer galhardo!

— É verdade! — confirmaram todos, olhando-o cheios de dó, porque realmente era lastimosa a sua decadência.

— Proponho, portanto, em primeiro lugar, aumento de ordenado — resumiu Penedo.

A proposta foi aprovada por unanimidade.

Em seguida o orador apresentou uma outra. Exigiriam do Navarro completa abolição das subscrições entre os professores, fosse para o fim mais sagrado do mundo. Todos sabiam que neste terreno suas imposições aumentavam de dia para dia. Pois ultimamente cada qual não tivera de entrar com uma grande quantia para o pagamento da operação do Matias? O justo seria o Dr. Peregrino fazer a operação gratuitamente, por ser o paciente miserável.

— O Dr. Peregrino é sempre assim — aparteou o Mendonça. — Quanto ao Matias, até era escusada a operação. Tratei-lhe do pé, e a ferida já cicatrizava naturalmente. O resultado foi o coitado ficar aleijado e além disso ser despedido, por não poder mais trabalhar. Encontrei-me com ele um dia destes, pedindo esmolas.

Aprovada a segunda proposta do Penedo, o ex-deputado levantou-se.

— Sr. Presidente, peço a palavra! Nobres colegas, reclamo vossa atenção. Permiti que, primeiro que tudo, eu lance um protesto enérgico contra os descontos por falhas; e requeiro seja o meu protesto consignado nos termos mais veementes na ata da presente sessão.

— É preciso lavar-se uma ata? — perguntou o presidente, perplexo.

— Não, explicou o Penedo. Isto é um modo de se dizer... Uma figura de retórica.

O ex concordou e prosseguiu. Reclamava ainda contra o cerceamento da liberdade de palavra de que fora vítima. Como todos sabiam, encarando a missão do mestre do seu ponto de vista pessoal, compreendia-a como meio de formação de caracteres patrióticos e independentes, a fim de dar bons cidadãos ao Estado e à República. Profligava, portanto, na sua cátedra, a corrupção dos homens de hoje, ensinava os meninos a ver o que é um governo de sicários e de sevandijas. Mas vai o Navarro proíbe-lhe um dia a menor palavra sobre o assunto, e remete-o para o bê-á-bá! Pois deviam saber que ele havia sido arbitrariamente rebaixado para as primeiras letras.

— Meus nobres colegas — exclamou o ex-deputado —, este incidente conduz a uma colisão entre os interesses da Pátria e as conveniências do ginásio; e quais devem prevalecer, meus senhores? Quais?

Os companheiros trejeitaram vagamente, como dizendo que estavam prontos a concordar com aquilo que o coronel quisesse. E foi decidido reivindicarem para o ex-deputado a liberdade de propaganda.

Seguiu-se o Cândido que pediu diminuição das horas de trabalho. Em vez de oito lecionariam, em média, quatro.

— E você, Bias? Não reclama nada?

Bias não ouviu; naquele momento estava de agacho junto do formigueiro, vingando-se das formigas, que esmagava, uma a uma, com um pauzinho.

A palavra passou ao Mendonça. O farmacêutico tinha porventura o que quer que fosse a reclamar; mas suas frases eram de tão difícil gestação, que nada pôde dizer.

O Cavagnari nem foi lembrado; a essa hora jazia em estado comatoso, sorrindo para as filhinhas gêmeas, de que, embora vazias, não tinha ânimo de separar-se.

Camões então declarou que tinha reparos a fazer sobre a disciplina do ginásio.

— Pode falar, concedo-lhe a palavra — disse o presidente.

— Meus caros colegas, neste momento em que...

— C’os diabos! a coisa vai ficar solene — murmurou o Bias, tomando compostura.

— ... em que cercados de poesia nativa das florestas de nossa terra...

— Psit! — fez o Bias piscando o olho aos colegas, ao passo que com o dedo indicava um ponto na mata.

O susto retransiu a assembleia, cuja atenção convergiu para um estalidar de ramúsculos pisados. Perto vinha alguém caminhando para o seu lado. Assomou logo o Peregrino, e à sua vista os grevistas readquiriram calma.

— Boas tardes, meus senhores! — saudou ele coletivamente.

Alegres cacarejos acolheram-lhe a vinda. E, entreabrindo a asa de peru como quem soergue um reposteiro, o médico veio para o meio dos colegas. Sua giba retificada mostrava que se levantara de vez no seu próprio conceito, e que acreditava que, lá em cima, na caixa das ideias, havia muita coisa genial.

— De que tratavam? — interrogou Peregrino.

Penedo o pôs ciente das reclamações; e, instado para prosseguir, Camões, cuja retórica esfriara com o susto, recomeçou singelamente.

— Reclamo contra a falta de castigos corporais, porque todos sabem que anarquia faz nas aulas o tal método da “paternidade”, que o Navarro vive a recomendar. O aluno aqui manda mais que o professor, e faz o que quer sem que a gente se atreva a queixar-se, para ainda por cima não tomar repreensão e desconto. Vou contar-lhes

alguns incidentes de aula, para ver-se a que ponto chega a ousadia dos tais senhores alunos. Um dia eu estava na sala, de pé, recitando para os discípulos uma passagem dos *Lusíadas*, quando de repente sinto um calor úmido nesta perna. Volto-me — e que havia de ver! — era o Martinho, com uma perna erguida, e a coisinha de fora, pregando-me uma mijada! Tal qual um cachorrinho num poste!

Rebentaram gargalhadas, interrompendo o poeta. Muitos choravam de rir. Com essa o Dr. Peregrino ficou farto; e, arrependido de ter dado a confiança de misturar-se com os colegas, desgarrou da assembleia, e foi entreabrir a ramagem pensa, para disfarçar, contemplando a mata.

— Outra, ainda pior que a primeira... — ia recomeçar o orador.

— Basta! basta! — pediram muitas vozes.

— Já registrei sua reclamação — disse o presidente.

Mas o professor de literatura ainda tinha mais a reclamar. Em frases elegíacas lembrou que, desde a sua entrada nos colégios, o Navarro lhe embargara a tuba poética. Ora, quem pode exprimir os transe de uma alma ansiada de expansão métrica e que se vê recalçada com um tão bárbaro interdito? Reclamava, portanto, a liberdade de musa.

— Já registrei também essa — disse Cândido acabando de gatafunhar num caderninho, que pusera nos joelhos. — É só? Então dou a palavra ao Dr. Peregrino.

O médico não respondeu. Aspirava com ruído o ar, como a dosar-lhe a quantidade de oxigênio. Depois observou, voltando-se:

— Que ótimo lugar para um sanatório!

Alguns docentes levantaram-se para desemperrar as pernas, indo também admirar a floresta.

— Você não vem, Cândido? — perguntou Penedo ao presidente, que se mantinha solene no mesmo lugar.

— Então... posso encerrar a sessão?

— Pode!

— Declaro encerrada a sessão — apregou Cândido com sua voz infantil. E levantou-se imitando os demais.



Embaixo da árvore ficou unicamente o Dr. Cavagnari. Ao movimento de retirada, ele tentou embalde levantar-se nos cotovelos; depois de alguns esforços desistiu e estirou-se de costas. Chamando o Bias sua atenção para a paisagem, ele conseguiu entreabrir por instantes um dos olhinhos diminuídos pelo vinho, sem compreender bem para que era. No decorrer da sessão figurava-se-lhe estar numa assembleia de sábios italianos, na Universidade de Milão, discutindo coisas científicas; e a beatitude feliz de sua figura provinha da satisfação de ver-se entre eminências patricias.

Fora os professores, impressionados pelas belezas naturais, trocavam impressões:

— Extraordinário para um sanatório! — repetiu o Dr. Peregrino estendendo os olhos às árvores de em torno.

Metido em brios pelo ciúme profissional, Mendonça fez ponto de honra em contribuir com seu reparo:

— Aquele pau é quássia... Aqui há muita planta medicinal.

— Não sei disso — disse o ex —, mas admiro a atitude augusta dos enormes troncos que nos cercam. Faz lembrar uma sessão na Câmara dos Deputados, no meu tempo... — e suspirou.

Penedo e Cândido, que já haviam sido fornecedores de dormentes, avaliavam o rendimento provável da mercadoria, ali num raio de vinte braças.

— Sr. Bias, o senhor não admira a poesia épica destas brenhas? — perguntou Camões ao professor de francês.

— Não sei se têm poesia — respondeu o Bias, catando-se —; o que posso garantir é que carrapatinhos não faltam.

Depois de pasmarem mais um pouco na paisagem, Cândido foi buscar a cesta das vidualhas. Os soldados do livro acometeram-na valorosamente.

— Dr. Peregrino! — gritou o Bias com a boca cheia, ao médico, que errava daqui para acolá, buscando pontos de descortino. — Seus órgãos locomotores devem estar fatigados. Venha deglutir conosco algumas substâncias alimentícias! — e brandia convincentemente um pão francês, já quase a meio, no qual amiudava dentadas vorazes.

Peregrino não atendeu. Sumia por aqui, reapontava do outro lado, amadurecendo o plano.

— “Sanatório Peregrino”... Não! “Sanatório Dr. Peregrino”...  
— murmurou, desaparecendo de novo na espessura.

Enfiando um olhar pela cesta, Bias viu que já ia ao cabo; e num bote certo aferrou a metade de um frango, que corria perigo.

— Alto lá, Sr. Bias! — clamaram vozes consternadas.

Mas o professor escafedeu-se com a presa, internando-se também por entre as árvores. E, pão numa mão, frango na outra, alternava dentadas entre eles, ao passo que ia andando. Para onde o levavam suas pernas? É que sabia de certo sítio além do espigão do morro, que dava vista desimpedida para a cozinha da Escola Normal. Com o estômago cheio, sentia tendências sentimentais e não desgostaria de avistar a Luciana, crioula por quem sentia umas fraquezas de coração.

A meio caminho deu-lhe preguiça e voltou. Encontrou os colegas aprestando-se para levantar acampamento. Como o Cavnari ainda não houvesse voltado do coma beatífico, Bias espartou-o de vez com uma mutuca de carvão.

De regresso discutiam pelo caminho os últimos pontos a aclarar.

— Precisamos combinar o modo de arrebentar a parede, lembrou o ex.

— Isso é o mais simples — respondeu Penedo. — Nas vésperas dos exames vai uma comissão exigir do Navarro imediata e cabal satisfação às reclamações, sob pena de ficar em momento crítico sem a maioria dos professores. Para ele não há fugir: ou vai, ou racha! — e gracejando:

— Imaginem, ele que se dá tanta importância, com que cara não vai ficar vendo os pigmeus sobranceando-o como gigantes!

Todos riram gostosamente, cada um vendo em mente a futura cara provável do diretor.

Discutiram mais outros pontos, entre eles o sanatório do Dr. Peregrino, que, por simples maioria de votos, foi registrado no caderninho do presidente. Fecharam a memorável discussão

combinando profundo segredo. Para este fim entraram numa moita de marias-pretas que ladeava o caminho: os conjurados um a um iam pegar na mão do Cândido, pronunciando a fórmula terrível de um juramento cujo rascunho fora improvisado, com gênio, pelo Camões; tão terrível, que, ao saírem da moita, todos se entreolhavam espantados, como se se tivessem passado ali dentro coisas pavorosas. E ninguém teve mais coragem de tocar, nem por leve alusão, no grande assunto.

Dez minutos depois entraram as ruas da vila.

Numa esquina uma voz lenta fez-se ouvir à passagem do grupo.

— Nossa Senhora Aparecida, guarde o Dr. Peregrino!

Reconheceram o Matias; estava ali como um gigante vencido, arrimado às suas muletas. Humildemente tinha tirado o chapéu; e nos seus olhos lia-se uma gratidão imensa ao médico que lhe salvara a vida.

— Adeus, Matias! — cumprimentou Peregrino jovialmente, atirando-lhe um tostão.

Nos dias subsequentes o relaxo entre os professores recresceu. Quem não enforcava ao menos duas aulas por dia, era apontado com o dedo e escarnecido.

Cada qual timbrava em ser mais relapso que os outros. A formidável liga secreta dava-lhes ousadia para arrostar com a cólera do Navarro. Que importa se alinhassem inumeráveis risquinhos de descontos na caderneta do secretário? Aquilo era papel sujado inutilmente, como o provariam nas vésperas dos exames. E, ao pensar no ajuste de contas com o diretor, riam-se da cara que este havia de espichar. Não poderia haver no mundo um homem mais acachapado que ele, nesse grande dia!

E era como se o diretor antecipadamente já previsse a derrota; nem uma censura, nem um reparo mais. A indisciplina campava-lhe às barbas, e ele fingia nada ver; não tinha dúvida de que por instinto já sentira eletricidade temerosa que se lhe condensava em torno, para no momento oportuno deflagrar em medonho trovão.

Mesmo as aulas que os docentes se dignavam dar ocorriam lânguidas, sem entusiasmos, sem aproveitamento; o professor apenas

comparecia, e ficava presente durante a hora, deixando à vontade os alunos. Não raro o docente abandonava a cátedra e ia à porta da rua dar uma olhadela a um sobradinho próximo.

Aqui havia outra grande causa de indisciplina. De poucos dias morava nele com a família uma moça miúda, carinha bonita e janeleira. A toda hora levantava o velinho róseo da cortina, e ia coser os cotovelos ao peitoril; olhava alternativamente para as duas pontas da rua, deitando de passagem olhares insistentes para o colégio, onde havia sempre o olhar baboso de algum magíster a requestá-la. Era a moça tão linda, o fito de seus olhos tão provocante, e tão graciosa a covinha que à custa de muita chupadela conseguira cavar-se na face direita, que os corações professorais andavam desgovernados como naus sem leme. No Penedo, malgrado os remoques dos colegas, começaram a reviver algumas de suas antigas boas maneiras; o Cândido, esposo tão submisso e inofensivo, já noites a fio sonhava que a moça, inteiramente nua, vinha oferecer-lhe a covinha ímpar para que nela depositasse um beijo; até o coronel Mercês, que tinha a zelar a sua honorabilidade de ex-deputado, fora tomado pelos amavios da vizinha; e, com o pretexto de dar lições higiênicas ao ar livre, levava a pequenada do abc para certo lugar do recreio de onde avistava o velinho da cortina.

O Bias, esse não dava uma única lição, embora de corpo presente em todas as aulas; zelava carinhosamente a sua célebre voz, que havia muitas semanas não botava para fora da caixa do peito. Passava a maior parte do tempo no corredor, espiando as aulas dos colegas. Chegava a escandalizar. Quando o horário o obrigava a remover-se do Ginásio para a Escola Normal, gastava no trajeto o maior tempo que podia, seguro da impunidade por certas manhas de Sherlock Holmes.

Uns quinze dias antes dos exames tinha de dar lá consigo depois da aula do meio-dia. Saindo do antigo teatro, gastou uns minutos na rua, a sondar o prédio principal. O Navarro estaria ali ou na chácara? Esta questão era capital para o sossego. Não lhe ouvia a voz. Dado chegou à janela, espiou e retraiu-se para o interior. Queriam

ver que estava na chácara? C'os diabos! Nesta hipótese precisava não perder tempo para chegar à hora. Acabando esta reflexão, Bias estremeceu de júbilo. Através da vidraça vira o vulto do Navarro.

Foi rápido, mas o professor não concebeu dúvidas. E, aligeirando as tíbias finas, tratou de pôr-se a salvo das vistas do bruto. Seguiu depressa até o primeiro arco de triunfo; ali parou, com os bofes pela boca.

— Safa! um bocado de descanso não é mau. A vida deve levar-se um pouco flauteada... Isto de a gente se matar, e de uns terem medo dos outros, é pura tolice. A vida passa depressa... Daqui a cem anos, que resta de mim? Uma caveira; do Navarro? Outra caveira; da Oleogarípia? Outra (e esta, mesmo depois de caveira, há de arreganhar medonhamente os dentes). Pois se tudo tem de dar em caveira, não é mau ir-se temperando a vida com um pouco de filosofia. Por conseguinte, nada de pressas.

E Bias foi sentar-se do outro lado do arco, as mãos cintando os joelhos encolhidos. Do ponto que escolhera lobrigava, sem ser visto, através do tapume de trepadeiras, um longo trecho de rua que era trajeto forçado para quem se dirigia à Escola Normal. Embebeu a atenção numa folha que toava pela estrada, assoprada pela aragem; acompanhando o voo de um pássaro que descrevia curvas sinuosas, teve vontade de voar, num aeroplano, por cima da cozinha da Escola Normal: a Luciana ficaria embasbacada de admiração... Desceu do aeroplano mental e acompanhou as deformações de uma grande nuvem arredondada; e distraiu-se ainda em tudo o mais que descansa a atenção e embala a ociosidade. Súbito teve receio. Quem sabe se o vulto entrevisto pelas vidraças, no interior sombrio, era o Baiano? O negro tinha a tineta de imitar os modos do Navarro, e, de relance, podia dar os ares deste... Qual! Que teria o Baiano a fazer no escritório? Era o Navarro mesmo. Apesar desta segurança, Bias resolveu continuar o caminho; mais além se deteria de novo, em outra escala obrigatória.

Num ponto do percurso o professor tomou compostura, por avisar o padre Gauquério que vinha da chácara, para a vila. O reverendo

estava animado e movia as mãos, conversando consigo mesmo. Passou pelo Bias sem dar por ele. O professor divertiu-se uns instantes a imitar-lhe a mímica.

Chegando ao arco “Dieu et Famille”, subiu à barranca, onde se ajeitou a cômodo, tendo de olho um trecho longínquo do caminho da chácara. Puxou o relógio: doze e quarenta.

— A aula começa às doze e vinte... Lucro líquido: vinte minutos.

Satisfeito com o balanço, assobiou com o calcanhar contra a barranca. Quando cansou, descavalgou de um pulo ao chão.

— Toca a andar mais um bocado... Parece que sinto fome! Nesse caso vamos ao almoço.

Enfiou a mão no bolso para roer o seu naco habitual. Tirou de dentro uma coisa preta e melada com a forma de ovo de ema.

— E esta! Um pão de sabão! — exclamou, cheio de lástima. — E eu com o estômago a exigir lastro... Se o danado do Penedo cá estivesse, havia de dizer que foi de palhaço que meti no bolso este sabão.

E Bias rememorou a verdadeira causa do engano. Aquela manhã a trovoadá doméstica fora mais violenta que de costume; D. Oleogáripia exigira imediatas explicações sobre certas atoardas referentes à moça do sobradinho; e, como o marido, em apuros, dera explicações confusas e insuficientes, a esposa, furiosa, pegara um cabo de vassoura, arremetendo sobre ele. Bias raspára-se mais que depressa; e, na precipitação da fuga, atafulhara o sabão no bolso, inadvertidamente.

Recordando este incidente o professor ficou revoltado. Então a mulher a pensar que ele namoriscava a lambisgoia da vizinha! Que injustiça! Quando neste ponto ele era impecável e sabia ser constante à Luciana, apesar de seus rigores.

Chegando a este ponto de suas cogitações, esqueceu a esposa e deu-se todo a pensar na negra.

— Vamos apressar o passo — planeou —; pode ser que eu ache jeito de dar-lhe duas palavrinhas... ardentes. Peço-lhe, suplico-lhe, e — conforme as circunstâncias — caio de joelhos... Hei de lascar aquele coração de ébano!

Distraidamente pôs de novo a mão na algibeira, mas retirou-a enlambuzada.

— Brrr... Emporcalhei-me! Boto fora esta imundície? Deus me guarde! A Oleogarípia me comia vivo. Imagino que já está a estourar dando pela falta... Daqui a cem anos todos nós seremos caveirinhas. Mas senti uma espécie de papel no bolso... Vejamos. Ah! a carta para a Flávia, que o Dario me deu. É urgente — disse o pirralho —, e eu que já a esquecia! Por seguro, vamos levá-la na mão, se não vai, o velho morre, e fico com remorsos.

A brincar com a carta Bias continuava a caminhar. Fazia conjeturas: “Verei a Luciana? Terei coragem para ir direito ao caso? Ainda hoje será cruel?”. E fantasiava situações. Talvez a negra naquele momento estivesse no galinheiro, recolhendo ovos ou apalpando galinhas; e, nesse caso...

Bias alegreinho, trauteou a “Margarida vai à fonte”. Já estava no fim da avenida. Evitando a porta principal, ele contornou a chácara pela direita. Já ouvia o trepidar de uma tampa de caldeirão em fervura. E, à porta da cozinha — oh! coincidência, alcaiota dos namorados! — dá com a Luciana destripando um frango.

Os olhinhos do professor chisparam. Achado um pretexto, foi em direitura da negra com a carta na mão. Estendeu-lha, gaguejando!

— É para a Flávia... — e acrescentou em tom violentamente apaixonado:

— Luciana!

A cozinheira, de cara fechada, atirou para o lado os debulhos do frango, e pegou na ponta da carta. Mas o Bias não largou da outra ponta.

— Enjoado! — resmungou a preta, forcejando por tomar-lha.

— Meu bem! — murmurou Bias, num enlevo.

E a luta continuava.

— Dê a carta, Sr. Bias, e venha cá, que preciso falar-lhe — disse o alegre vozeirão do diretor atrás dele.

Foi como se o agarrassem pelo gasnete. Bias voltou-se perturbadíssimo, armando a cara mais apatetada que pôde. Navarro levou-o consigo, repuxando-lhe o botão do paletó.

— O senhor errou hoje a porta da rua... Sabe Deus há quanto tempo isto sucede! Mas hei de contar a sua mulher. Quem havia de dizer! O senhor, com essa cara de sonso, e por dentro do refinado finório!

— Eu? eu? — perguntou o Bias parvoamente.

— O senhor, sim! Mas não faça outra; podia alguma aluna ver, e que escândalo! Lembre-se também da chinela de D. Oleogáripia... Agora é que noto, o senhor está atrasado quarenta minutos. É preciso dar-me explicações... Mas depois. Estou agora preocupadíssimo com outras coisas. Encontrou no caminho o padre Gauquério? Pois acabávamos de ter uma longa conferência. Deu-me notícias deliciosíssimas. Tudo vai de vento em popa. Sr. Bias! A primeiro de novembro nossa vitória é certa. Diariamente eleitores do Tipico bandeiam-se para o nosso lado. E note-se que assim como estamos já fazemos maioria. Ah, o reverendo é habilíssimo! Tem uma extraordinária vocação política. Dispõe as pedras e arma o xeque, com uma tática prodigiosa. Pelo meu lado, presto-lhe todo o apoio, o que é a metade da vitória. Imagine que o Tipico já abandonou a partida; não tem trabalhado mais, vendo esboroadado hoje por nós o que construiu ontem. Lá está ele, trancado na fazenda, com um acesso de neurastenia profunda... Mas também pode ser plano, por isso não deixaremos de esforçar-nos até o último momento, com o relógio na mão. Quem tem uma causa santa por que lidar, sente as forças redobradas. E o senhor não avalia as dificuldades que temos tido! Há quarenta anos, por carneirice, o povo acompanha o Tipico. Foi uma celeuma quando eu e o Gauquério o desafiamos a pé firme. “Como! estão loucos? Vocês não arranjam vinte votos!” era só o que diziam. E, de fato, a toda a tentativa amigável que fazíamos, respondiam: “Meu voto? Não posso! Estou comprometido com o Tipico, e o Tipico é um velho companheiro”, e tal, e coisa. “Ah, é assim?”, exclamei: — Pois bem! Sr. João da Costa, se não me der seu voto, não lhe compro mais o feijão. — Sr. Chico Peneira, de hoje em diante venda seu arroz onde quiser. — Sr. Candote, não precisa cortar mais para



os colégios; virá carne da Estiva. — Senhores pintores, pedreiros, carpinteiros, não terão mais serviço nosso quatro meses por ano. — Senhoras lavadeiras, se seus maridos e filhos não votarem conosco, tenho recursos para não repartir mais entre as senhoras os vinte contos que me ganham por ano. — Senhores três-barrenses, se não me souberem ser gratos, mudarei meus institutos para melhor zona”. Ouvia, Sr. Bias, as palavras mágicas que viraram o pessoal? Cederam à força bruta, à força dos argumentos convincentes da ameaça. E pensa que eu não a cumpria? Ora se! Mas eles o compreenderam, e ali estão, caidinhos, pedindo pelo amor de Deus uma cédula nossa para enfiar na gretinha da urna. O padre, por sua vez, berra do púlpito verdades duras contra o Tipico. De fato, que tem feito a Câmara, dele? Os porcos aí estão pelos quintais alimentando focos de infecção; a água canalizada é uma barrela intragável; quanto à iluminação, inda é a lua dos poetas que nos vale, quando pode. Mas a coisa vai mudar de rumo. Tudo tem frutificado de sobejo. A árvore aí está, vergando sob a carga de frutos: é só ir colhê-los a primeiro de novembro. E se eu lhe expusesse o que pretendo fazer...

Aqui Navarro deteve-se. A irradiação que lhe iluminara o rosto ao lembrar seus projetos, mudou-se em ruga apreensiva. Bias ficou assustado com a mudança.

— A felicidade nunca é perfeita, Sr. Bias! — suspirou. — Imagine que logo hoje tive grandes contrariedades... — Creia que se me atrasei... — começou, balbuciante, o professor de francês, que já tivera tempo de alinhar mentalmente uma desculpa.

— Não, não é nada com o senhor — atalhou Navarro. — Sobre seu caso, mais tarde conversaremos, quando eu estiver disposto... Já amarrei um lembrete na corrente do relógio. Agora absorvem-me cuidados maiores. Estou perplexo, e sozinho não sei raciocinar... Uma idiossincrasia do meu temperamento! Por isso vendo-o a rondar a cozinha, lembrei-me de chamá-lo. Espere, senhor, um pouco, quero também a presença da mulher...

Nesse momento chegavam ao patamar.

— Adélia! — gritou o diretor, cobrindo com o brado o sussurro das aulas.

E foi entrando com o Bias para o locutório.

— O caso é este Sr. Bias — expôs. — Há semanas que me absorvo na política, sem lazeres para dedicar ao ginásio. Não que o tenha abandonado — não! Minhas lutas atuais resultarão em seu benefício e é por isso que a elas me entrego. Mas não tenho tido tempo de imiscuir-me diretamente em seu funcionamento. Quando lá cheguei hoje, abriram-se os meus olhos ante as enormidades que presenciei. Vi alunos brincando em aula, professores fora dos postos. Entrei na sala do Marolo, e — que havia de ver! — em vez de ensinar contas, fazia em voz alta uma invocação ao Espírito Santo. Ah, ah! ao Espírito Santo! É inútil dizer-lhe que imediatamente lhe mostrei o olho da rua. E lá saiu ele como um padre mendicante, de alpercatas e bordão, mundo em fora... Não sei onde foi achar alpercatas. Decerto sola de chinelos velhos. Mas lá saiu... Vá com Deus ou com o Diabo para onde lhe agradar — eu no colégio é que não podia consentir mais um regente... Também o Marolo ou nada era a mesma coisa. Saindo dali fui procurar o coronel Mercês. Não estava em seu salão! Cheirei e remexi quanta sala de aula havia, sem topar com ele. Cheguei a ficar intrigado. Por fim mostraram-mo, sabe onde? No pátio, Sr. Bias! dando a aula de primeiras letras ao ar livre, Sr. Bias! Se não fosse coisa tão trágica, eu era capaz de morrer com uma barrigada de riso... Também fui enxotando logo o bando para dentro: “Chut! Chut! Para dentro, pessoal!”. E lá se foram em procissão, o galo capão mais a pintalhada... “Ah, ah, ah!”

Bias estranhava esses acessos de hilaridade; era preciso que as coisas corresse muito bem ao diretor para que assim se desabotoasse em cascalhadas. Estava outro homem.

— Que quer, Navarro? — perguntou a esposa, que havia abandonado a aula de trabalhos manuais. Era sempre pálida, aparência histérica, olhos mortícios.

— Depois examinei-lhe os alunos — prosseguiu o diretor para o Bias. — Não sabem nada, absolutamente nada. Os que sabiam um pouco desaprenderam com uma facilidade assombrosa. O ex-deputado ao Congresso é estupendo! Não sei até quando o tolerarei.

Digo-lhe isto sob reserva, já se entende, mas não seria mau que o senhor me intrigasse um pouquinho... A censura por linhas travessas produz às vezes mais efeito. Diga-lhe que estou resolvido a despedi-lo... Não, não diga tanto. Deixo à sua habilidade preparar-me uma pequena obra-prima nesse sentido. Mas a realidade é esta: em vésperas de exames vejo-me sem um regente, e sem um professor de primeiras letras. Por outro lado, preciso arranjar outra coisa para o coronel... Talvez encostá-lo na mecânica e astronomia... Lógica... grego... Não, não se deve desarranjar o que está feito. Não sei então... Vamos, Adélia! Sr. Bias, auxilie-me! Sugiram-me alguma coisa, um modo de desdar este nó... Tive uma ideia ao avistá-lo, na cozinha, Sr. Bias. (Sabe o que o Bias estava fazendo na cozinha, Adélia? Depois te contarei...) Conheço sua dedicação ao serviço, seu grande amor ao apostolado do ensino, e penso que o senhor não iludirá minhas esperanças, se eu lhe confiar as primeiras letras. Espere, Sr. Bias, não precisa dizer nada. O senhor quis falar que já tem todas as horas do dia preenchidas. Sei disso! Em compensação, está desocupado todas as noites. Isto não é um direito do professorado — é uma concessão minha. Nas horas vagas os senhores são comparáveis a soldados de prontidão. Se o tempo é de paz, ficam no quartel polindo as armas e escovando a farda; mas se a necessidade urge, toca a marchar! Sou o general e preciso de sua espada e do seu valor até durante as noites. É marchar — à nobre conquista da Luz. O senhor lecionará primeiras letras das 6 às 8, estamos entendidos; já vou consignar no horário. É claro que não lhe falo em aumento de ordenado. Como lhe disse, os professores são meus, e, se têm horas feriadadas, é que lhas permito; além disso, sei que o senhor se ofenderia se fôssemos mercantilar horas de ensino. Há uma coisa mais nobre que o dinheiro — é a consciência de ter praticado o bem. Cristo, o eterno exemplo, nunca exigiu salários para disseminar entre a plebe suas palavras divinas. Este ponto fica então assentado de pedra e cal, pelo unânime consenso dos povos. Veja, Sr. Bias, que estou disposto a gracejar... Fora das aulas sou o amigo; em matéria de serviço, é ali! de rijo! o diretor. Temos conversado.

Hei de dar-lhe por miúdo instruções que o senhor cumprirá à risca, em relação a essa classe que com toda a confiança lhe deposito nas mãos. Agora passemos a outro ponto. A questão está neste pé: tenho um professor de mais, e um regente de menos. Encostar o coronel na regência? É um absurdo. Não seria muito lustroso para um ex-deputado ao Congresso mineiro. Admitir no colégio outro regente... Implico com caras novas. Gosto sempre de viver em família, Sr. Bias. Dar regência ao Lago... Mas o Lago é emproado e violento. Eu não gosto de violências. O ex... Mas há de ser o coronel Mercês, que remédio! Pois não sei que fazer dele... Entende tanto de ensino como eu de grego... Digo, como eu de funilaria. Os radicais helênicos são-me familiares: *fono* — som, *tele* — ao longe, *logos* — discurso. Declino alguma coisa e suponho que já li a Odisseia... Hoje estou um tanto esquecido. A Odisseia é soberba, Sr. Bias, mas no original. Assiste-se ao vivo as pugnas tremendas entre gregos e troianos. Helena raptada, os argonautas em demanda do velocino de ouro... O ex-deputado absolutamente não nasceu para o magistério. O diabo é que se maçará quando eu lhe tocar na regência... Maçar-se, como! Então eu aqui não sou o diretor? Se é preciso... Em matéria de serviço sou inexorável; não peço, ordeno.

Aqui, Navarro, que não gostava de medidas extremas, coçou a cabeça.

— Vamos, Adélia, vamos, Sr. Bias, inspirem-me! Vocês ficam aí como dois estafermos... Mas o coronel Mercês não se melindrará quando eu lhe falar na regência? Não pode melindrar-se, absolutamente. Ele, como republicano, deve ser democrata. O trabalho não dá desdouro — seja o do humilde jornaleiro, que, armado de enxada, parte para o eito, seja o de diretor de estabelecimentos de ensino. O trabalho é sempre sublime e nobre, e o melhor brasão é uma palma calejada. Por que aviltaria ser regente de alunos? Que é o general senão o regente de seus soldados? Está aí! o argumento é sem resposta. O general e o regente se equivalem; há só a diferença de nome. Questão de rótulo! Muitas vezes um nome modesto implica funções brilhantes. Pois bem! Se a roda encrava por uma

questão de onomástica, é só mudá-lo. Será... preposto... prefeito da disciplina... Soberbo! Prefeito da disciplina! Belíssima expressão! Um homem pode com garbo dizer a outro: — Sou prefeito da disciplina no ginásio “Fiat Lux”. — Hem? Eleva, enobrece! E vocês dois às favas! Vá para sua aula, Adélia. Vamos, Sr. Bias, quero apresentar-lhe sua nova classe. É só o tempo de escovar o chapéu e descermos para a vila.

Daí a instantes transpuseram, de saída, o patamar.

A cada degrau da escada o diretor detinha o Bias, para expor-lhe expansivamente seus projetos. Estava tão satisfeito por ter destrinçado suavemente aquela dificuldade! Para ele era um suplício volver os olhos para o que não fosse sua cruzada política. A vitória iminente embriagava-o. Ia tornar concretos alguns planos que havia anos acalentava, e aos quais a câmara de Tipico sempre se mostrara atravessadiça. Não queria cargo nenhum para si, mas escolheria a dedo os vereadores. A presidência da Câmara já estava prometida ao Dadico. Ia contrapor à decrepitude dos vencidos uma câmara de moços. Pois a mocidade não era o nervo do progresso?

— A mocidade é o porvir — conceituou triunfante.

Acabavam de descer a escada, quando correu para eles, saindo do salão de estudo, no andar térreo, a figura lastimosa de Flávia. Tinha um papel na mão, e os olhos vermelhos de chorar.

— Mau sintoma! Não sei onde tinha a cabeça, que não a interceptei.

— Sr. Navarro — disse ela arquejante —, meu marido está de cama, vim lhe pedir licença para ir vê-lo.

O diretor respondeu incisivo:

— Não pode. A senhora está ocupada e sua presença no estudo é indispensável.

— Mas está passando mal, Sr. Navarro! — tornou ela. — Se não acredita, veja esta carta! O senhor é um homem de caridade, e compreenderá que não posso abandoná-lo!

— Em hipótese alguma, ouviu? — replicou — tem obrigações, e não lhes pode faltar.

— Mas, meu marido...

— Nada tenho com seu marido!

— Então há de o coitado ficar sozinho, nesse estado? — revoltou-se a velha. — Desculpe, mas preciso ir; ele está velho, e pode morrer dum momento para outro.

— Se for, despeço-a! — exclamou o diretor, irritado.

— Pode despedir-me! — replicou Flávia corajosamente. — Ponho acima de tudo a vida de meu velhinho.

E afastou-se, com resolução.

— Alto lá! — berrou o diretor enfuriado, cortando-lhe o caminho. — Então é só ir saindo, sem mais? “Pois me despeça!” E o que a senhora me deve? Vamos primeiro ajustar as contas! Não a ponho na rua, velha astuta! Primeiro saldemos a dívida! E, se não ficar por bem, recorro à justiça!

E como Flávia se arrimasse, esmorecendo, contra uma parede, ao peso desta ameaça, que para a sua ignorância era formidável, Navarro prosseguiu, encruzando tragicamente os braços:

— Sim, senhora! Sim, senhora! Então é só dar-lhe a gente roupa, atafulhá-la de feijão, dar-lhe casa para morar, pagar-lhe lavadeira e engomadeira, e deixá-la sair assim sem mais? Não! Vamos primeiro fazer as contas, que lhe garanto que me deve mais do dobro dos seus ordenados! Ou tenho acaso obrigação de dar-lhe tudo grátis? Pois está enganada! mas muito enganada!

E, bufando, o diretor puxou brutalmente o Bias, numa retirada que era um lance magistral. A largos passos abalaram pela rampa da avenida. Atrás Flávia ficara inerte contra a parede, a razão vasquejando, os olhos sem luz.

Quando já estavam a certa distância, Navarro mais calmo, porém mal-humorado, desabafou:

— É isso! Acontecem-me essas coisas exatamente nos momentos em que estou mais satisfeito. A culpa é sua, Sr. Bias! Não entregue mais cartas no colégio, a quem quer que seja, a não ser a mim. O senhor infringiu o regulamento interno.

E depois de uma pausa:

— Mas viu como a velhota é topetuda? Parecia uma santinha... Minha sina é criar serpentes ao meu seio, Sr. Bias. Cada esmola generosa que minhas mãos largam, cria-me um ingrato e talvez um inimigo. Por falar nisso — que negócio de greve é esse com que há dias todo o mundo me enche os ouvidos?

Bias quase teve uma síncope. Marejou-lhe na testa um suor de agonia.

Mas Navarro já esquecera a pergunta; o horizonte amplo espancara dum jato todas as contrariedades, reavivando-lhe na memória os seus grandes projetos.

— Hei de fazer desta vila um mimo — disse. — Meu primeiro cuidado será a questão — saneamento. Água e limpeza — eis o moto principal do meu programa. Derivarei para as Três Barras um riacho que passa alto, daqui a meia légua. Entretecerei uma perfeita rede de esgotos. Lavados, por esse permanente lençol d'água, não haverá mais fermentações malignas. Tudo será feito de acordo com as últimas conquistas da hidráulica e da higiene. A luz também será profusa. Por todos estes contornos abundam cachoeiras para a instalação de potentes turbinas. Quero que a claridade jorre, de vinte em vinte metros, de cachos de arcos voltaicos. E ainda...

— E dinheiro? — interrompeu Bias, satisfeito pelo novo rumo da conversação.

— Dinheiro? — fez Navarro sorrindo superiormente, como a escarnecer a ínfima objeção. — Pois não sabe que o empréstimo é a alma do progresso? A Câmara lançará um empréstimo de mil, dois mil, três mil contos. Dinheiro há sempre quem o dê, a questão é saber pedir. Mas detenhamo-nos um pouco neste lugar. Ponto de vista esplêndido, não acha? Daqui não há horizontes contingentes: o infinito por todos os lados... Veja a figura pífia do Ginásio, acolá... A Câmara vai doar-me um soberbo palacete para o "Fiat Lux". É coisa decidida. Olhe o largo lá embaixo, coberto de capim, com animais pastando... Vai tornar-se uma linda praça ajardinada: E os casebres! que imundície! Que borões na paisagem! O sapé será proibido a três quilômetros de raio. Todas

as casas deverão ser caiadas no mínimo uma vez no ano, sob pena de pesada multa. Hei de arrancar este morro que está às nossas costas, atulhando com a sua massa o vale, lá embaixo, para rasgar uma soberba avenida, ampla, retilínea, da estação à Escola Normal. Hei de...

Era ainda tanta coisa! Navarro, transfigurado, brandia os braços, sulcando de enormes gestos todos os pontos do horizonte. E ao seu lado, com olhos só para ele, Bias sentia-se mesquinho, arrasado até o chão, e de tal arte, que ao pé dele, na sua insignificância sentia-se um átomo de poeira ao pé de uma montanha.



## CAPÍTULO XVI

Em casa do reverendo Gauquério, o único feliz era ele. E “em casa” é um modo de se dizer, porque esse lugar era o em que menos ele aparecia. Se o padre apeava do cavalo vindo de alguma excursão de propaganda pelas fazendas, era para ao mesmo instante tornar a montar. Não lhe sobrava um minuto para dar umas carícias à Maria Gansa, que passava o dia a levar o avental aos olhos para nele embeber as lágrimas. De alma amorosa e sensível desabafava com o tio Roque, dizendo que tinha medo de finar-se de melancolia, ou de endoidecer. Tio Roque ouvia mudo, pondo-lhe os inexpressivos olhos toldados pela idade. Na crise mortal por que passava seu espírito só sabia rezar; e rezava assim:

— Ó Onipotente Deus, S. S. Virgem Maria, meu São Roque, ó anjo Gabriel! Fazei que os olhos do padre Gauquério se abram à luz da verdade! Fazei que ele vença a tremenda tentação, e não lute mais contra a Câmara! Ou então chamai ao vosso seio esta alma atribulada. Amém.

Enquanto rezava, tio Roque sentia conforto; mas ao terminar, seus pensamentos desciam de novo às coisas da terra, e a razão turvava-se-lhe, excogitando: não era certa a queda dos antigos camaristas? E não havia um tanto de santidade nos velhos vereadores roceiros, silenciosos e solenes, que durante as augustas sessões olhavam lentamente uns para os outros, a passar a mão, alto a baixo, pelas imensas barbas encardidas? Iam ser expulsos da Câmara para todo

o sempre, cedendo o seu lugar a uma dúzia de mocinhos escanhoados e bilontras. Isso não seria obra do Maldito?

Assim pensando, tio Roque se enchia de novas aflições, e buscava um recanto de sossego, para recomeçar a súplica:

— Misericordioso Senhor Deus, meu São Roque, Virgem Maria pura antes do parto, no parto e depois do parto, anjo Gabriel! Antes que meus olhos vejam um tal sacrilégio, tirai-me por piedade esta vida que já vai longa! Levai-me para o vosso seio antes de primeiro de novembro. Amém.

Com a taciturnidade do tio Roque a pequenada da Maria Gansa não vinha mais em alegre investida cavalgar-lhe o cogote; e os dois últimos gêmeos, que já começavam a falar, ainda não lhe diziam: “Tio Loque!”. À falta dos brincos que o negro inventava, tornaram-se manhosos e birrentos, infernando a vida da desconsolada mãe, que não deixavam chorar em sossego.

João, esse estava desde muitas semanas prostrado na enxerga. Vivia ali, só, esquecido, apenas alegrado pelas visitas do Dariozinho. A caseira do padre, sem cabeça para nada, raro lembrava-se de levar-lhe um chá. O que sofria era uma nova e longa crise de sua opressão de peito. Tinha palpitações e falta de ar. Se o Dario estava presente, mandava abrir a rótula da meia-água, e aspirava, aliviado, o ar de fora; e, nos seus acessos fortes, se ninguém podia valer, quente, boqueando febril, com o anseio do peixe que a rede colhe, e que, levado para um novo elemento que não é seu, debate-se numa suplicante asfixia; ofegava, quase desmaiando, horas a fio; e, quebrando o silêncio espesso, só havia na penumbra do quartinho os sinistros sons que lhe saíam do interior do peito, e que lembravam um surdo e permanente galope de cavalo desbriado, crinas ao vento, numa planície sem fim.

Flávia, nunca a esquecia João, mesmo nos paroxismos da dispneia. Via-a com diferentes olhos, conforme a sua sanidade mental no momento; e seu duplo modo de vê-la, era entremeado, na moléstia, por intermitências de delírio. Em todo caso, a prostração aumentava-lhe os espaços de lucidez, porque, vivendo da memória,

acudia-lhe a lembrança de outras crises idênticas no Douradinho; durante elas, a velhota pouco lhe saía da cabeceira, mimando-o como a uma criança; entrava a toda hora no quarto, maternal e incansável, interpelando-o jovialmente, multiplicando-se em cuidados; ajeitava-lhe os travesseiros, inventava mezinhas milagrosas; e, pisando de manso, ia de porta em porta tapar as correntes de ar. E quantas vezes, nos momentos de delírio, ele gemia escandalosamente alto, exagerando os sofrimentos, só para tê-la à cabeceira, alisando-lhe maciamente os cabelos com a mão abençoada! E agora sentia a falta dessa mão carinhosa, tão eficaz para alívio de todos os seus padecimentos.

João ditara diversas cartas ao Dario, pedindo a Flávia que nas folgas do serviço fosse vê-lo; não recebera nenhuma resposta. Já suspeitava que não chegavam às suas mãos. Naquele dia escrevera-lhe de novo e, ao contrário do que costumava fazer, pedira que a carta não fosse entregue ao Navarro, e sim a ela, diretamente, por intermédio de um dos professores. O Demônio, que assim chamava ao diretor, procurava, decerto, mantê-la sequestrada e incomunicável. E sabe Deus quanto ela não devia sofrer, longe do seu companheiro, adivinhando, com a sua intuição de esposa amorosa, os transe por que passava!

O velho tinha a certeza de que ia morrer agora; e, se morresse, não seria melhor para Flávia? Depois de viúva, Navarro vê-la-ia com melhores olhos e ela, por sua vez, ficaria sem cuidados. Nada perderia vendo-se livre do marido, um imprestável trambolho importuno e gemente, um fardo de miséria bem digno de que um pé caridoso o empurrasse para um buraco de cemitério. Então o velho pedia a morte. Mas, figurando-se morto, via Flávia continuar na clausura, sob a guarda do Navarro, o cérbero incorruptível. As imagens da lucidez misturavam-se neste ponto com os vapores da demência. Ela estava prisioneira, porque Navarro a queria para si. Amava-a e tinha zelos do marido. Deixando-a só, ela ficaria indefesa. Não! ele não podia morrer. Devia conservar a vida para salvá-la daquela horrorosa prisão. Embora velho, não

poderia ainda socorrê-la? Não tinha ainda dez dedos para estrangular algum Demônio que se lhes metesse de permeio? Ele devia viver para salvá-la a todo o transe! Quem seria tão afoito que quisesse enfrentar sua grande cólera?

E o enfermo sentava-se repentinamente no leito, com crispações poderosas em todos os músculos; circunvolvia rápido o olhar, buscando o temerário que procurava resistir; e suas pupilas dardavam selvagem na penumbra do quarto. Como! Ali não havia mais ninguém? O que tomara por inimigos eram as escassas réstias de luz que se intrometiam pelos resquícios das telhas e juntas da rótula. E, recobrando-se do delírio, recaía no travesseiro, gemendo: “Quem me acode com um pouco de ar, santo Deus!”.

Delirando, o seu desespero crescia. A velha companheira cedia o lugar à noiva travessa. Eram moços. Estavam num domingo, e nesse dia o olhar dela esquivara-se ao seu, na capela do Douradinho. Seria que o desprezava? Sim, não tinha dúvida; pois não ia casar-se com o Joca? Era coisa sabida, voz geral. E todo o mundo tinha gosto em ir magoá-lo repisando a notícia. Ele indignava-se:

— Já sei, Dario, já sei, mamãe. Gente, que gosto têm vocês em me virem repetir isto? Nada mais natural! Eu sou pobre, o Joca é rico. Casem-se e sejam felizes!

— Mas não hão de casar! — rugia em seguida, num acesso violento. — Não ouviram? Mato, espedaço quem me tomar a Flávia! Ela é minha, minha, minha!...

E assinalava a posse às punhadas no peito descarnado.

— É minha! minha só! Ah, meu Deus, não haverá uma alma caridosa que me escancare essa janela? Quero ar!

O delírio continuava. O Joca levava Flávia para a Escola Normal. João ia matar a ambos, mas de caminho Navarro embargava-lhe o passo, ameaçando-o com uma tesoura de podar.

— Ah, não me querem dar a Flávia? Pois hei de arrancá-la dessa prisão, porque ela é minha, minha só! Saia da frente, demônio, que não temo a sua grande espada! Venha, Flávia. Como?! Não me acompanha por bem? vai à força! você é minha!

Arrebatava a moça e fugia com ela. Tinha-a, enfim! Que montava o mundo a persegui-los? Ela estava ali ofegante, contra o seu peito, e não havia força que lha arrebatasse. E, acossado por uma legião de demônios desgrenhados e ferozes, corria, corria... Quem era o cavaleiro temerário que, rédeas soltas, o chicote silvando no ar, fazia o seu cavalo galopar por uma planície tenebrosa? Que fantasma negro fugia rápido, na escuridão da noite, crinas revoltas, impetuoso como um tufão? O estrépito era incessante, onde batiam os cascos surgia um rasto de faíscas, e a terra, sacudida por eles, produzia um oco reboar, como percutida no mais profundo das entranhas. E o galope infernal a restrugir sem fim, no âmago das trevas...

Aí João espertava. Via-se sentado, anelante, a abraçar violentamente o próprio peito. Que era feito da Flávia? Ah, fora um pesadelo. Mas que surdo galope ainda lhe feria os ouvidos? Buscava-lhe a causa nas sombras do quarto, descobrindo, enfim, que era o próprio coração a bater-lhe descompassado no peito.

— Não há ninguém que tenha caridade desta criatura, santo Deus! — gemia ele.

Nesse dia houve alguém, e esse alguém foi Flávia. Abriu maciamente a porta, e entrou pé ante pé.

— A Flávia! Não estarei sonhando? — estertorou o velho.

Silenciosa como uma aparição, ela não respondeu. Agachou-se sobre a enxerga, desfez os caroços da palha; ajeitou-lhe o travesseiro nas costas, arranhou melhor a coberta; em seguida, relanceou o quarto, procurando o que quer que fosse; dirigiu-se para uma tripeça tosca, onde havia uma caneca coberta com um pires; destampando-a viu-lhe o conteúdo, um chá caseiro já mofado; volveu de novo o olhar em torno, e depois embebeu-se a contemplar a tramela da rótula. De repente, em pranto convulsivo, correu a abraçar-se com o marido.

— Meu velho! coitado do meu velho! — soluçou entre torrentes de pranto.

— Ah, Flávia, sofro muito! — gemeu o velho, estreitando-a.

Ela continuava a soluçar; e suas lágrimas foram tão ardentes que parecia chorar sangue.

— Coitado do meu velho! — repetia a cada instante por entre o ralo dos soluços.

Depois, mais calma, sentou-se-lhe ao lado, tomando-lhe a mão entre as suas; mas atentando para os mulambos que se amontoavam no chão, para as paredes de ripas à mostra, para a telha-vã, prorrompeu de novo em pranto:

— Coitado! nesta miséria, neste abandono! atirado para um canto, como um trapo à toa! E eu que não tenho nada, nada para aliviar você!

— Tem, Flávia, sussurrou o velho. Basta ficar comigo... Não me abandone mais, sua falta já me fazia louco... Olhe, já melhorei. Já estou rindo... Não chore!

Sorria, de fato, contemplando-a embevecido. Não era aquela a sua Flávia? Não a tinha ali agora para todo o sempre? Sentia a suavíssima felicidade que sucede aos arrufos dos namorados levado pelo giro habitual de suas ideias, perdia outra vez o senso da realidade. Então recriminou-a. Para que o desprezara tanto tempo? Por que essa volubilidade que o fazia sofrer? Ele estava pronto a tudo esquecer, o que não obstava a que tivesse o direito de, pela última vez, chamar-lhe ingrata...

— João!

— Sim, ingrata. Pensava que ele não sabia? Na igreja correspondia-lhe aos olhares amorosos? E não se lhe esquivava se lhe queria falar? Ele sabia de tudo, mas tudo perdoaria...

— João!

E o doente reiterava os queixumes, ao passo que Flávia o ouvia sorridente, acariciando-lhe os cabelos brancos. Quando terminou ela pôs-se a explicar-lhe. Se na igreja era tão atenta às orações, é que pedia por ele. Na Escola Normal não tinha licença para sair, e trabalhava das cinco da manhã à meia-noite. Não havia lá tarefa de que ela não participasse. E as exigências do diretor, o homem de cem olhos, ubíquo, onisciente, que tinha a habilidade de aparecer de improviso onde o serviço era casualmente remanchado! Se lhe sobrava um momento de folga, em que pudesse respirar, era a ele,

João, que dirigia o pensamento; imaginava o que não estaria sofrendo, só, no meio de estranhos. Não podia ir vê-lo, porque, como disse, não tinha licença para sair. Mesmo naquele dia, sabe Deus que ameaças terríveis do Navarro ela afrontara, para conseguir chegar até o seu querido velho!

A explicação era tão simples, a verdade tão evidente, que suavemente caiu a venda dos olhos do marido. Quem estava a seu lado não era mais uma criação doentia do cérebro, e sim a boa companheira de sua vida; era ela quem naquele momento lhe sorria, encarquilhando o olho murcho. E teve imensa piedade da pobre velha, que parecia ter ficado tão mais velhinha, depois de poucos meses de clausura. Que podia agora fazer por ela? Estava de cama, enfermo e abandonado. Fazê-la aquinhoar da sua miséria? Mil vezes não! Ao menos no colégio não passaria necessidade; e, se morresse, ela não ficaria em desamparo. Então a realidade impôs-se-lhe. Ela devia voltar. E a lembrança de que ali estava, desobedecendo ao Navarro, aterrorizou-o.

— Flávia, volte agora para o colégio! Você já me viu, e eu já matei as saudades. Volte, volte depressa.

— Voltar? — exclamou Flávia. — Então hei de deixar você aqui sozinho? Não! Quero ficar à sua cabeceira, e, enquanto eu tiver vida, o diretor não há de arrancar-me daqui.

— Vá! — tornou João com os olhos cheios de terror. — Olhe, só com a sua vista já melhorei, não preciso mais de você. Se ficar, é até pior para mim. Vá, vá! Quero ficar sossegado. Suporte mais um pouco o colégio. No fim do ano estarei bom e libertarei você. Então voltaremos para o Douradinho. Nossa casa ainda não foi vendida; para o mais, todo o mundo nos estima e nos auxiliará.

Flávia sacudiu a cabeça, em dúvida.

— O diretor não me deixará sair — disse, abatida, evocando o incidente daquele dia.

— Vou contar um sonho que tenho tido — tornou João. — Muitas vezes parece-me que somos moços e estamos no Douradinho. E sonho que a torno a raptar, e que vamos, você nos meus braços,

galopando no meio da escuridão, numa planície interminável. Será um pressentimento? Olhe, antes do fim do ano, é preciso que eu veja você outra vez, para combinarmos uma porção de coisas...

Enlevado em doce devaneio, João sorriu; súbito, porém, tornou-se agoniado e novamente encheram-se-lhe os olhos de pavor:

— Mas vá! o diretor já deve estar à sua espera. Volte depressa, correndo!

E, como Flávia ainda quisesse resistir, ele pôs-se em pé, roxo, esquelético, sinistro como a morte.

— Vá! Vá! — gargarejou, num estertor.

— Eu vou! — exclamou aterrorizada a velha, receando piora — vou já, mas deite-se primeiro, meu velho... Assim... Eu vou, já disse, vou já!...

Beijou-o na testa e saiu soluçando. Dali passou pelo médico; e, de regresso para o colégio, prometia-se voltar breve a vê-lo, custasse o que custasse.



## CAPÍTULO XVII

Navarro convocara uma reunião da congregação para o dia 15 de novembro. Era mais uma das célebres “sessões de conselhos”, consoante diziam os professores. Nessas reuniões instruíam-os sobre o modo de se haverem nos exames, bem como o general na iminência de uma batalha decisiva, reúne os soldados e arenga-lhes, para incutir coragem e tornar certa a vitória.

Chegara a época em que a bomba devia explodir, segundo o acordo dos paredistas. Prouvesse a Deus, todavia, que o estouro esperado não se resolvesse no fiasco de um traque chocho! Porque o entusiasmo dos docentes arrefecera consideravelmente, desde que o Bias revelara que o Navarro já “sabia”. Essa revelação tirou-lhes o melhor do espetáculo; era certo que o diretor não ia alongar a facha em desapontamento surpresa, ao receber o ultimato; ao contrário, topariam com um homem prevenido. Não restava dúvida de que haveria luta intensa, cujo êxito era sobremaneira incerto. Com isto, o corpo docente tremia; e, se não recuara, foi por não ter encontrado um providencial eufemismo que acobertasse a vergonha de uma retirada. Bem que, desinfluídos, todos mostravam-se ainda muito isentos.

— Eu não tenho medo do Navarro — dizia o Cândido na noite de quatorze para quinze, em casa do ex-deputado.

— Nem eu — bazofiava o Penedo, sem entusiasmo. — E, se ele me disser alguma liberdade, sou capaz de dar-lhe um soco no nariz.

O corpo dos grevistas tinha-se reunido em sessão magna, naquele lugar. Foi designada a meia-noite para o conciliábulo. A essa hora,

através da escuridão densa da rua, via-se a intervalos aparecer cosido com as paredes, e caminhando a pé cauto, um vulto humano embaçado num xalemanta, ou mesmo num cobertor; ao defrontar a casa do ex, atirava-se sem fôlego pelas escadarias acima. Algum mais receoso assobiava das trevas um sinal convencional, uma espécie de canto de saci, só se aventurando a entrar quando das profundas entranhas da casa lhe respondiam com um trilo de inambu, o que significava não haver novidade. E a porta engolia mais um. Por fim encontraram-se todos reunidos, inclusive o Dr. Peregrino, que, por amor ao seu sanatório, seria capaz de descer a todas as vilezas. O Bias também lá estava, indefectível, malgrado D. Oleogarípia proibir-lhe terminantemente que desertasse o lar conjugal depois das ave-marias.

Os conjurados, para maior segurança, tinham-se reunido no quarto de despejo, que era um cubículo sem janelas no âmagô da casa. A um canto, discretamente velada por uma trouxa de roupa suja, uma lamparina fumacenta alumiaava escassamente a quadra. Um bacião de folha e um grande tacho, ressoando quando falavam, davam a todas as palavras um sinistro timbre sobrenatural.

No momento em que Cândido declarou com a voz incerta que estava aberta a sessão, os paredistas alinharam-se em semicírculo, voltados para ele. Então, impressionados pela calada da noite, a que a solenidade do momento dava relevo, pelo aspecto lóbrego do cômodo e pelos clarões vasquejantes da lamparina, todos ficaram desfigurados, arregalando olhos de pavor uns para os outros. Para maior garantia o ex foi dar volta à chave e, tirando da roupa suja uma saia, dependurou-a sobre o buraco da fechadura.

O silêncio que se seguiu era de coar arrepios. Ninguém ousava falar, nem achava o que falar. Como nos pródromos de uma evocação espiritista, só havia a muda expressão dos bugalhos ressaltados, circunvagando inquietos. O Bias não desfitava o seu olhar de um nó furado, numa tábuca do forro. Puxando o paletó do ex, perguntou-lhe, por fim, apontando o buraco:

— Não haverá perigo?

— Perigo! — exclamou o ex, surdamente. — Nenhum!

— Os senhores parece que estão receosos! — interveio Penedo.  
 — Por mim não me temo de nada.  
 — Nem eu — falou o Camões.  
 — Eu muito menos — tornou outro.

Todos queriam mostrar-se impávidos, e assim reacharam a voz. Um timbrou em falar com o tom natural, e seu exemplo foi logo seguido pelos demais. Em pouco, a coparticipação na culpa e a comunhão do perigo trouxeram uma certa tranquilidade. E entraram pela ordem do dia. A matéria à discussão era pouca, quase tudo já fora resolvido; restava apenas assentarem alguns pormenores sômenos. Primeiramente discutiu-se quem passaria a limpo a lista das reclamações. Cada um alegava ter a letra péssima.

— A minha é a pior de todas, mas não desgostaria de servir de secretário — disse Peregrino, cortando cerce a dúvida —, pois de-sejo desenvolver alguns considerandos sobre o meu sanatório.

Tomou da pena e redigiu-os; depois Cândido pôs-se a ditar o conteúdo do caderninho, e ele a escrevê-lo. Foi bom isto assim em voz alta, porque Camões notou que havia ali defeitos de estilo e erros de português. O poeta filava-os à passagem, endireitava os aleijões e mandava a frase retocada continuar o seu caminho.

— “No nosso penoso emprego de professor”... — ditava o Cândido.

— Espere — atalhou o censor —, em vez de “penoso emprego” é melhor “árdua tarefa”. Escreve lá: “Na nossa árdua tarefa de docentes”...

E a letra do Dr. Peregrino ia correndo epiléptica, inda pior que nas receitas.

No fim, ele mostrou a todos os presentes:

— Está ininteligível — disse, envaidecido.

Os colegas foram de encontro, achando-a ótima.

— Ótima! não digam isso — protestou ele. — Vejam, por exemplo, este “mais”. É um rabisco com um pingo em cima.

Aprovados o texto e a letra em última discussão, restava só assinar. Peregrino sugeriu que a ordem das assinaturas fosse prefixada pela sorte.

— Pela sorte? — motejou o Penedo, rindo forçado. — Do que é que o doutor tem medo?

— Medo de quê? — secundou outro com um riso amarelo, que procurava ser humilhante para o facultativo.

— Pois se não querem — redarguiu ele —, vamos assinando sem mais. — Tome a pena, Sr. Penedo.

Mas o Penedo já preparava apressadamente os papelinhos. Estando prontos, meteu-os no covo de um chapéu com um jeito esquisito, que levantou suspeitas. Estas suspeitas depois se confirmaram, porque seu nome saiu por último.

— Agora, Cândido, vá tirando e lendo em voz alta.

— Dr. Cavagnari! — fez o presidente, desenrolando um papelinho.

— Ecco! — exclamou o poliglota. — Cosa? Non capisco!

— É fácil “capiscar”, sobreveio Penedo, com aspereza; é só ir pegando a pena e lavrando o nome. Nada mais.

O professor acompanhou estas palavras com uma mímica tão expressiva, que não houve refugir. E o doutor, dando ao rotundo abdome uma compostura digna da Universidade de Milão, assinou em primeiro lugar.

— Dr. Peregrino! — leu de novo Cândido.

Aprumando-se com altivez, o médico foi assinar.

— Não sei que comi hoje — dizia o Bias ao Mendonça, apertando o ventre. — Estou com uma cólica!

— Luís de Camões! — apregoou Cândido.

— ... parece que tenho nos intestinos um formigueiro a morder, ferroar... Que será?

— Decerto foi alguma misturada — aventou o Mendonça, satisfeito por ser consultado em face do seu rival. — Tome um pouco de magnésia.

— Coronel Mercês!

— Parece que me espetaram uma faca na barriga, e a estão a revolver, a revolver lá dentro...

E Bias fez um gesto de quem roda cambito.

— Faça lavagem com uma infusão de ipecacuanha, para experimentar.

— Cândido! Sou eu... Dê-me a pena, coronel.

— Ai! — gemeu o Bias. — É o mesmo que se me tivessem amarrado um barbante na tripa e o estivessem puxando, puxando. Com licença, é muito urgente...

Abriu a porta e sumiu no corredor. O farmacopola pôs a cabeça na fresta, e falou para fora:

— Veja a cor da obra... Porque talvez seja caso de sal amargo.

— Bias! — leu o presidente. — Não foi o Bias quem saiu?

— Ele estava muito incomodado — explicou Mendonça. — Agora mesmo eu estava-lhe até receitando — e olhou para o Dr. Peregrino.

Esperaram o fugitivo. Tardando muito, o coronel foi procurá-lo. Remexeu a casa e não o desencafuou. Como o plano fosse patente, os paredistas, entre grandes indignações, resolveram passar sem ele. O ex-deputado chegou a requerer que se consignasse na ata um voto de qualquer coisa contra o desertor.

Terminadas as assinaturas, discutiram o modo de entregar a mensagem. Os debates foram demorados e renhidos. Camões propôs ir um dos grevistas à Escola Normal, enfiar sub-repticiamente o papel debaixo da porta, e raspar-se a toda. No dia seguinte, ao amanhecer, seria encontrado. A ideia sorriu-lhes um momento; depois foi rejeitada, pois de noite andavam soltos em roda da chácara três cachorrões que a tornavam inacessível. Penedo achava melhor um deles ir altivamente à presença do diretor e entregar-lhe, em mãos próprias, a lista de reclamações.

— Excelente! magnífico! — acudiram unânimes como os ratos votando o guizo.

Mas era preciso escolher o portador.

— Eu não me ofereço, porque tenho medo de esbofetear o Navarro — disse o Penedo.

— Por mim já me conheço, sou de um gênio endiabrado — falou o ex. — Como sabem, tenho a zelar um passado modesto, mas

glorioso; e não responderia por mim se o diretor me viesse com alguma indireta menos delicada.

Os outros fizeram observações do mesmo teor. E cada um tinha orgulho em revelar-se ali, aos demais companheiros, com essa feição bravia que uns não conheciam nos outros. Ouvindo-os, gerava-se a convicção de que naqueles cidadãos pacatos, maleáveis e submissos, havia outros tantos criminosos natos, com avitas ferocidades do homem da pedra lascada. Era o sangue do ex-gorila que bramava nas veias do ex-deputado? Despertava no Luís de Camões a têmpera dos velhos guerreiros lusitanos? E na lesmice do Mendonça surdida porventura o antropófago pré-histórico? Problemas em que a razão se obumbra e soçobra!

O certo é que não saíam nunca da indecisão se uma ideia brilhante não chispasse da imaginativa virgem do Cândido Rodarte:

— Vamos pôr o Dadico como intermediário!

Estupendo! A ideia foi incontinentemente considerada como resolutiva da situação. Era simples como o ovo de Colombo, e não podia haver melhor. O secretário do Ginásio estava em posição excepcional de graça aos olhos do Navarro. No primeiro de novembro se travara o esperado recontro eleitoral, resultando a estrondosa derrota da Câmara velha. Todos os barbaças venerandos que havia anos sem conta tinham o monopólio da Câmara lá estavam acantoados pelas fazendas, neurastênicos e hipocondríacos. Dadico fora eleito presidente da Câmara nova. Agora ele e o Navarro não se largavam, como complementos vitais um do outro. Por isso a importância do secretário tornara-se formidável: um pedido seu seria de grande peso.

— Vamos ao Dadico! — clamaram todos.

Ei-los que vão, em grandes passadas, hermeticamente rebuçados nos xalemantas e nos cobertores. Sendo o Dadico solteiro, não punham escrúpulo em incomodá-lo a tais desoras. Defrontando sua casa, Mendonça separou-se do grupo, dizendo:

— Vou verter água ali no beco e já volto.

Pelas fisgas da janela os professores viram luz no quarto. Animados por esta circunstância, bateram resolutos à porta. Dentro houve

rebuliço; exclamações surdas, passos correndo, e o barulho de um corpo pesado engatinhando atabalhoadamente para baixo da cama. Batem de novo. O estalidar de gatilhos aperrados, a janela que se entreabre, mostrando um nariz e um cano, a janela que estronda fechando-se de novo, frases abafadas: “Nhá Tuca! É o Lago! Com vinte capangas!”. E novas carreiras. Subitamente, a voz do secretário berrou no beco: “Não me mate!”. Os docentes correram para lá, e viram o Dadico, que, saltando o muro da horta, havia caído nos braços do Mendonça.

— Sr. Dadico, que é isso! Não lhe queremos mal! — reconfortava-o o farmacêutico.

— Mas o Lago!

— O Lago não está aqui, Sr. Dadico! São todos amigos dedicados.

O secretário passou então do terror a um riso louco, irreprimível, interminável. Só depois de muito tempo pôde dar uma explicação aos colegas.

— Não estranhem meus modos. Não sei se lhes contei que sou sonâmbulo... Estou acordando neste momento. Imaginem que eu sonhava que os vereadores da Câmara velha tinham vindo assaltar-me a casa. Nisto ouvi um batido forte na porta... Então, sempre sonhando, perdi a tramontana e fugi. Mas que há de novo? Ainda estão em greve? Custa-me reconhecê-los na escuridão, com esses biocos na cabeça... Aquele lá é o Cândido? Por que foi ficar tão longe?

— Sou eu mesmo — respondeu Cândido, impressionado. — Ouvi você falar em sonambulismo, e isso me pôs nervoso... Já está bem acordado?

— Já — respondeu Dadico, rindo-se.

— Levei um susto! Dizem que os sonâmbulos matam, inconscientemente... E eu que vi você com uma garrucha na mão... Por sinal que você também estava sonhando com uma tal Nhá Tuca.

— Talvez... — respondeu Dadico com um riso de descocha. — Mas vou recebê-los dentro de casa... Podem esperar à porta, que entrarei pelos fundos, por causa da chave.

Dadico pôs-se a custo em cima do muro. Daí hesitou em pular para dentro.

— Que diabo! É alto demais. Nem sei como pude trepar aqui.

— O sonâmbulo, dormindo, faz coisas de que não é capaz no estado normal — explicou Cândido, cheio de admiração.

Depois de hesitações infinitas, o secretário encomendou a alma a Deus e atirou-se. Instantes depois, enfiando umas calças, foi abrir a porta aos docentes.

— Que há de novo? — repetiu recolhendo-os à sala de visitas.

Então, Luís de Camões, fazendo-se boca dos demais professores, começou com eloquentes preâmbulos. E preferindo de momento a avena à tuba avoenga, falou sobre os chilros maviosos da nossa fauna alada e o luxuriante das selvas pátrias; abandonando, afinal, pela realidade triste, as etéreas regiões da poesia, foi cair no assunto. Então explicou o que havia e entregou a lista.

— Pois não! Contem comigo — prontificou-se Dadico, guardando o papel.

— Mas não é só entregá-lo ao Navarro, assim sem mais nem mais — disse o Penedo. — Interesse-se por nós, advogue a nossa causa como companheiro, como irmão... Nossas condições são tão precárias! Estamos todos endividados até a ponta dos cabelos. Mas diga você, Camões; você sabe melhor externar o nosso pensamento...

Tomando a palavra tão gentilmente oferecida, Camões aproveitou-se dela para esboçar um ligeiro patético sobre o lar em miséria, as criancinhas sem pão. Vendo que o Dadico se mostrava visivelmente comovido, redobrou de eloquência. No fim, o secretário, com lágrimas nos olhos, prometeu tudo.

Então os paredistas saíram. E, de júbilo, resolveram passar pelo Bias, para dar-lhe a grata notícia, perdoando-lhe a deserção. Mas, chegando a sua casa, nem tiveram ânimo de bater. De dentro vinha um berreiro e bulha insólitos, uma das costumadas trovoadas conjugais. O Bias dava gritos horrorosos. Decerto, D. Oleogarípia ajustava com ele suas contas, por ter-se escapulado à meia-noite do tálamo conjugal.

Os docentes afastaram-se, penalizadíssimos.



## CAPÍTULO XVIII

No dia imediato, pouco antes da hora designada pelo Navarro para a reunião da congregação, os paredistas já se achavam num dos salões do ex-teatro. Estavam todos pálidos, desolhados, mostrando no debrum escuro dos olhos que haviam passado a noite em tenebrosas maquinações. Quando Bias apareceu, muito amarelo, muito abatido, Mendonça perguntou-lhe pela saúde:

— Como passou depois de ontem, Sr. Bias? Sarou?

O interrogado ficou indeciso sobre a resposta a dar; mas, como o professorado era bem capaz de alguma invencionice perigosa antes de chegar o Navarro, julgou melhor ter ali à mão, por seguro, a iminência de novas cólicas.

— Quase... — gemeu ele —, mas parece que a toda hora vai voltar... Ai! — e levou as mãos à barriga.

Felizmente ninguém naquele momento pensava em novas invenções. Nem tinham animação para “trocar ideias”. As frases que entre si proferiam eram lânguidas. Às vezes começava um simulacro de palestra que num pronto arrefecia. Quando ameaçava cair a hora terrível, condensou-se um silêncio expectante na roda à parte dos paredistas. Fluidos frios passeavam-lhes lentamente a espinha, para baixo e para cima. Dos olhares inquietos borbotavam interrogações ansiosas. Como chegaria o Navarro? Estourando como uma grana-da, fulminando, destroçando, pulverizando? Solene e gelado como um rei, para desarticular friamente um “passem bem?”. As vísceras tremiam-lhe, e os fluidos alastravam-se como passes magnéticos

pelo corpo todo. A cada momento esperavam ouvir o estrondo dos seus passos. A avalanche não ia tardar.

Tudo, porém, eram infundadas apreensões; pelo contrário, Navarro irrompeu ali jovialmente.

— Ilustres conspiradores, salve! — saudou, com um largo gesto.

Entrara com o Dadico pelo braço. Este, de passagem, lançou ao inerte e trêmulo rebanho um olhar que era um raio de esperança.

Sorridente, o diretor galgou o estrado, puxando para si o Dadico, que lhe resistia.

— Não, Sr. Presidente da Câmara, seu lugar é aqui ao meu lado. Meira, um assento para o nosso benemérito agente executivo, que leva a sua condescendência ao ponto de vir assistir à nossa humilde assembleia.

Enquanto Dadico, protestando, era instalado à força no lugar designado, os grevistas enfiaram-se por entre as carteiras americanas. Seus colegas, alheios à liga, foram também sentar-se, olhando-os com curiosidade.

Vendo todos em silêncio e em ordem, Navarro começou, puxando um papel do bolso:

— Preliminarmente, passo a tomar conhecimento das queixas dos senhores paredistas. Antes de mais nada declaro que, amparados aqui pelo meu grande amigo o Sr. Presidente da Câmara, podem desde já ter a certeza de obter tudo o que quiserem.

— Obrigado, Navarro — agradeceu o secretário.

Em seguida o diretor abriu o papel e leu as assinaturas.

— Peregrino... Mendonça... Penedo... É incrível! Não encontro aqui o nome do Sr. Bias.

Deixou a lista, e procurou com os olhos o professor de francês.

— Será possível, Sr. Bias, que o senhor não seja participante do conluio?

— Eu? — perguntou o interpelado com voz sumida. E, sem saber o que responder, observou atemorizado se os colegas não o iriam trair. Nada viu de alarmante.

Dando de ombros, Navarro deixou-o em paz.

— Vejamos o que me pedem os senhores — disse, voltando-se para o papel. — Desejo que tenham sido francos. Creiam que em mim têm o maior advogado de seus interesses, desde que o que me peçam esteja ao limite das coisas possíveis e razoáveis...

Navarro frisou a restrição. Os paredistas recearam que por esse furo escapulissem suas promessas.

— “Considerando”, leu o diretor, “que as nossas condições climáticas são excepcionalmente privilegiadas... Considerando... Considerando...” — Um sanatório! — exclamou num pulo, chegando à oração principal. — Mas é magnífico! Estupendo! E essa ideia ainda não me ocorrera! Vi bem que nos meus projetos faltava qualquer coisa que o meu espírito tateava e não descobria... Era um sanatório!

E, transfigurado, com a imaginação delirando, Navarro dizia quase monologando:

— Famílias que convergem para a vila... O clima que se afama... Quem sabe se águas minerais! Veraneantes em bando — o escol das grandes cidades... — Dr. Peregrino, Dr. Cavagnari, os senhores que são cientistas, procurem pelas redondezas fontes minerais. Pesquisem pacientemente... Talvez encontrem perto águas gasosas... ou termais... Vejam, esmiúcem, analisem com o escalpelo da ciência mina por mina... Um sanatório! Águas termais! — Dadico, abra uma verba municipal para o sanatório...

E, num arranco de régia magnanimidade, Navarro exclamou:

— Peçam-me tudo! Concedo tudo!

A exultação foi violenta entre os paredistas, que trançaram entre si olhares triunfantes. Penedo tomou um ar irônico, que parecia dizer aos colegas:

— O homem capitula com habilidade. Bem sabia que não tinha outro remédio!

— Deixemos, portanto, a preliminar que já foi resolvida, e tomemos o assunto que hoje nos reúne neste local. Conforme a metáfora que já tenho empregado, sou como o general que na véspera de uma grande batalha reúne a flor de sua oficialidade para determinar

a cada um o seu papel. “Vocês, a artilharia; é flanquear a praça de rijo; você acolá, investir de frente. — Apontar... — Fogo! O outro, na ala esquerda, aí vocês, assalto a baioneta: zzupt!” Não farei mais que repisar coisas já ditas e reeitas, mas que nunca se tornam inoportunas, pois vejo que, malgrado minhas constantes advertências, as faltas se repetem. Começo por tocar numa questão importantíssima, o vestuário. Quantas vezes não lhes tenho dito que se esmerem no trajar? Pela fachada do edifício, muitos querem avaliar do interior; e a fachada de quase todos os senhores, é, na verdade, lastimável! Por que isto, meus amigos? seus ordenados não são pagos pontualmente? sua missão não é sobejamente nobre? Não posso compreender esta contumácia. Aqui na vila temos tantos alfaiates, dois, três, não sei quantos! Hoje mesmo vão tomar medida o Cândido, o Bias, o Penedo, o Camões, o coronel Mercês. Por especial favor excluo o Dr. Cavagnari; está bem ensebada sua sobrecasaca, mas, mesmo assim, lhe dá uma certa importância. Será a pança, doutor? Seja o que for, sua aparência impressiona bem; dá-lhe assim uns ares de sábio que vela as noites esfregando o nariz em manuscritos antigos... Mas precisa retocar tudo com benzina. Mande seu terno ali para o Mendonça, que o submeterá a alguma eficaz manipulação físico-química. O Sr. Mendonça conhece muitas reações miraculosas.

Mendonça aquiesceu, e o poliglota protestou com um “ma!” que não foi atendido.

Navarro insistiu ainda sobre o vestuário. Essa questão era agora mais que nunca capital, porque esperava ilustres visitantes. Deixava de lado o Cobra, que vinha fiscalizar os exames normais, pois esse era de casa; mas, como sabiam, o Dr. Romero Fagundes, deputado do distrito, vinha ser o paraninfo das professorandas. Há tantos anos convidado, finalmente resolvera aceitar esse encargo, depois do primeiro de novembro. Contavam ainda com Sua Eminência D. Sérico, bispo da diocese, como paraninfo dos bacharelados. Comprometera-se formalmente a vir.

— Por falar nisto, meus senhores — observou Navarro —, D. Sérico está profundamente interessado em criar uma certa

irmandade religiosa por esta zona. Escuso dizer que já lhe remeti o nome de todos nós... São cinco mil réis mensais a dar nesta vida, em troca do reino dos céus na outra. “Centuplum accipit”, dizem os evangelhos. Precisamos curar da outra vida, meus senhores! Somos carne e alma. Conservemos a carne nesta, e salvemos a alma na outra! Garanti a Sua Eminência uma centena de irmãos... Dita assim a última palavra sobre este ponto, passemos a outro. Designei o dia dezenove do corrente para as festas da Escola Normal, e o dia vinte para as do Ginásio. O programa das primeiras já está impresso, mas mal impresso, Sr. Luís de Camões. Há ali falta de estética nos tipos e na distribuição da matéria. Nunca mais imprima coisa alguma sem mostrar-me as provas, Sr. Camões, sob pena de multa. Aqui está o original para o programa dos festejos ginasiais. Não o dê a ninguém, componha o senhor mesmo, que é meio tipógrafo. Que diabo! É preciso não desonrar os louros do seu sexto avô. “As armas e os barões assinalados”... Seja também um barão assinalado, Sr. Camões. Muita arte, muito asseio. O senhor tem tal facilidade em deixar impressões digitais em tudo quanto pega! Fidelidade absoluta... Sobretudo, poupe-me o latim. O senhor estropia tudo quanto é da nobre língua de Cícero e de Tasso... Seu quinto avô era versado no latim, Sr. Camões!

— Il Tasso! — reivindicou o “dotore”, com indignação.

— Não se discute isso — atalhou o Navarro. — Fala-se sobre programas de festejos... Ouçam-lhes alguns tópicos: “Pró-pátria” — isto em letras garrafais, Sr. Camões. Mais abaixo: “Ex digitus, gigans”. Hem? Uma alegoria finíssima. Pelo dedo dos exames, mostramos o gigantesco da instrução que administramos. “Nosce te ipsum... Gutta cavat lapidem”... Que tal o frontispício? Vê-se bem que se está entrando no templo da instrução. Tive sempre queda pela língua de Xenofonte... Sou capaz de levar o reverendo à parede. “Hora, horæ, justus, justa, justum...” Mas que acham os senhores se, em vez de “gutta cavat lapidem” ficasse “Introibo ad altarem lucis”? Hem? Majestoso! O altar da luz! Já risquei a “gutta”, Sr. Camões, e fiz substituição. Ah, senhores, eu sou assim! Tenho sede de

perfeição e tudo quanto escrevo modifico, corrijo, burilo até a última hora. Às vezes penso que nasci com pendor para as letras... Admiro seu avô, Sr. Camões, e considero-o nosso primeiro poeta. Sei os *Lusíadas* de cor. “As armas e os barões assinalados”... É sublime! Tive sempre o desejo de escrever um poema épico em oitavas... Intitular-se-ia: “A pedagogiada”. Cedo-lhe a ideia, Sr. Camões. Nas férias o senhor vai escrever-me esse poema. Pinte dois exércitos inimigos — o livro contra a Ignorância, ou as Trevas contra a Luz. Descreva batalhas cruentas, todo o fragor de uma encarniçada peleja... No fim, faça o Livro debelar o exército das Trevas. Quanto ao nome dos comandantes, dou-lhe carta branca, faça o que entender. Mais tarde elucidaremos melhor o plano da obra. Voltemos ao programa: “Depois dos exames do Ginásio Equiparado Fiat Lux, os quais serão energicamente fiscalizados pelo coronel João Simplicio Tinoco, provector representante do governo federal dos Estados Unidos do Brasil...”.

Nada era omitido. Estava ali a chegada do bispo, discursos de alunos, recitativos em francês, a cerimônia da colação de grau e no final declarava que se faria ouvir “o verbo flamejante do nosso douto e querido diretor”. Depois deste selo de chamás, só restava uma comédia em verso “Amor à instrução”, do Luís de Camões. Bem embaixo da página manuscrita, lia-se, como remate, o melancólico latinório: “Sic transit gloria mundi”.

— Passo agora a determinar a sucessão dos exames, continuou o diretor. Amanhã, dezesseis, examinaremos todas as alunas da Escola Normal, escrita e oralmente. A dezessete, escrita do Ginásio, e a dezoito, orais, idem; a dezenove, festejos na escola normal, a vinte, no ginásio. E... “sic transit”. Hão de notar que nunca os exames foram tão rápidos como agora vão ser. É que cada vez todo o mecanismo trabalhará macia e eficazmente, em admirável harmonia e presteza. Por exemplo, amanhã são os exames normais, mas as escritas já estão prontas. Há pouco deixei na chácara todo o pessoal a passar a limpo as provas, sob a fiscalização enérgica da Adélia. Em meia hora as julgaremos. É inútil recomendar-lhes também todo o

rigor com as escritas daqui. “Scripta manent”. Para mim é a prova fundamental, porque é a que fica. A oral não passa de uma ociosa formalidade legal. Ó Meira, o papel, já se sabe, do acetinado de vinte e cinco linhas. Os senhores docentes ensinem os alunos a fazer-lhe uma dobra artística. Nada de borrões e a letra muito caprichada. Quanto aos alunos porcalhões, façam-nos copiar as provas duas, três, quatro, enfim, tantas vezes quantas forem necessárias. E não se façam de carrascos com os pobres infelizes que não souberem o ponto; deem-lhes uma ajudazinha de vez em quando, assim disfarçadamente, e... fechem os olhos a alguma “cola”, porque, digam-me, qual o estudante que não “cola”? Aliás, digo isto apenas por dizer, pois tenho a convicção de que os senhores os prepararam suficientemente para os exames. Calculo que lhes deram os pontos com a necessária antecedência. A oral, como lhes disse, é uma estúpida formalidade. Face a face com uma banca de exames, qual a alma infantil que não se perturba, perdendo noventa por cento dos seus conhecimentos? O que vale é a média mensal, e por essa estão todos aprovados com distinção. Quando o aluno não souber o ponto que saiu no papelinho, façam uma excursão por toda a matéria, depenicando aqui, onde se mostram fraquinhos, insistindo acolá, em terreno sólido. Perguntem-lhes de preferência aquilo que mais souberem. Mesmo assim, que os pontos sejam tirados à sorte. É outra estúpida formalidade. Ah, se tivéssemos como legisladores homens traquejados no ensino, tudo poderia ser muito simplificado. Mas... “dura lex, sed lex”.

— O Navarro está hoje esperdiçando latim, cochichou Penedo ao ouvido do Dr. Peregrino. — Será que com a greve esqueceu o português?

— Aquilo vem no fim de um dicionário que eu lhe trouxe do Rio — respondeu no mesmo tom o doutor.

— Tenho-o encontrado a decorar páginas e páginas do apêndice.

— Outro ponto. Não pensem os senhores que pela superveniência dos exames ficarão dispensados das lições. Absolutamente não! Sejam como o comandante de um navio em naufrágio, que

vê a mastreação por terra, o casco fendido, o leme em pedaços, e que mesmo assim não cessa de correr, multiplicando ordens: — À bomba! Amainar velas! Olá, ó da gávea e o do traquete!... Escaleres ao mar! A bombordo! A estibordo!

— Ai, Navarro! me pregou um soco na orelha! — queixou-se o Dadico. — Crie modos de gente nessa cadeira! Há mais de meia hora estou aqui com a espada de Dâmocles cai não cai em cima da cabeça.

A tempestade amainou, e Navarro prosseguiu:

— Deem aulas extraordinárias à madrugada e à noite, batendo no mesmo ponto (movimentos de malhar na bigorna), insistindo, repisando, e só passando adiante quando o que ficou para trás estiver bem sabido. Chamem de preferência os mais broncos, e malhem, até meter-lhes os pontos na cabeça (gesto de quem racha um crânio e atocha dentro um recheio de pontos). — Mas compreendem, por sem dúvida, que o naufrágio que figurei é uma pura fantasia retórica. Graças a Deus, não poderá haver sinistros. A tripulação de minhas naus educativas está perfeitamente amestrada, e o seu casco, delas, naus, solidamente reforçado nos estaleiros da competência e da dedicação profissional. — Gosto de falar por parábolas, como Jesus. — Todos os alunos irão a salvamento, com pouquíssimas restrições. Não ficaria bem uma aprovação assim a monte, seria até escandaloso. Haverá reprovações, indubitavelmente. Há por aí meia dúzia de garotinhos que me vêm aqui chuchar de meia-cara a linfa da ciência e que não poderão saber grande coisa. Será um estímulo para eles, um exemplo para os demais, e o irrecusável atestado da nossa energia. Há outros ainda, como o Rui Barbosa, irmão do nosso estimadíssimo poeta. O Napoleão também. Ao seu coração fraternal é um duplo dilaceramento, Sr. Camões; mas, longanimidade no caso. O senhor sabe como eles são broncos, principalmente o Rui Barbosa, que é um monumento de estupidez. Hei de dar-lhes a lista completa dos degolandos; mas aos desta categoria, já se sabe, reprova-se numa única matéria, da qual farão ato em março próximo, ficando assim sem perder o ano. No mapa ao Governo, Dadico,



— você especifique bem que o Rui Barbosa e o Napoleão são irmãos de um dos docentes do Ginásio. E lá o meu sobrinho Ricardo... Por que você não continua os estudos? Podia inscrever-se agora; e, se estivesse fraco, seria reprovado numa matéria também, e o Dadico explicaria no mapa que você é meu sobrinho. Estamos combinados, inscreva-se. Agora, resta-me ainda dizer-lhes...

Durante algum tempo desenvolveu novas instruções. Nada omitiu, auxiliando-lhe a memória, à guisa de quipos, uma fieira de papeluchos, que lhe pendiam, amarradinhos, da corrente do relógio. No final, fazendo menção de retirar-se, lançou as últimas exortações, com marcial entusiasmo:

— Agora, acicalar, armas! brunir elmos! e arremeter com denodo contra a praça inimiga!

Aqui o Dadico reteve-o pela aba do paletó:

— Navarro, faça favor, decida já o negócio da greve. Você sabe que me interessa muito por isso.

O diretor sentou-se de novo.

— Tem razão. Vejamos o papel... Nas minhas algibeiras não está.

O Meira foi apanhá-lo no chão, para onde voara no momento do naufrágio. E o diretor recomeçou a ler:

— “Considerando que”... Mas é estupendo o sanatório! Famílias novas, veraneantes, águas termais... E, em todas as capitais, grandes cartazes: “Sanatório Fiat Lux”.

— “Sanatório Dr. Peregrino” — retificou o médico secamente.

— Concedido, com a emenda — gracejou Navarro, voltando-se para ele. — Vejamos agora o resto. Aumento de ordenado... diminuição de serviço, liberdade de musa... Sob pena de demissão coletiva e imediata...

Navarro depôs o papel e absorto rufou com os dedos na mesa. E enquanto os paredistas esperavam transidos, grandes coisas povoavam-lhe o mundo interior. “Demissão coletiva...” Esta última frase esvoejava no espírito do diretor como uma tentação, vindo, indo, tornando. — Demitir tudo, em globo! Escorraçar dali imediatamente, com um pontapé nas pousadeiras, aquele povinho irritante!

Nunca acharia melhor pretexto. E depois sanear com um jorro de desinfetante as cátedras que haviam ocupado; e, a exemplo da reforma da Câmara, instalar gente sadia e vistosa no lugar daquelas figuras maltrapilhas e macilentas. Quantas vezes não pensava nesta reforma necessária! Ia despejar tudo na rua, incontinentemente... Tinha na pasta um cento de cartões de candidatos a vagas. Era só um telegrama, “Venham!”, e teria número para escolher a ponta de dedo a nova oficialidade... Mas de momento havia muito em que cuidar, meditava lances geniais com que se absorver semanas e semanas, e para que criar-se uma situação que lhe tomaria parte dos cuidados? Mais um ano só, e resolveria tudo a seu contento e suavemente.

— Está bom, concedo... em parte. Depois das férias, com vagar, reconvertaremos sobre o assunto.

E o diretor tornou a levantar-se:

— Por favor, decida agora, Navarro — pediu Dadico. — Fixe pelo menos o aumento de ordenado.

Irritado com a insistência, o diretor voltou-se contra o Bias:

— Mas, Sr. Bias, será verdade que o senhor esteja alheio a tudo isto? É incrível!

Depois de relancear novamente os colegas, Bias cabeceou negativamente com energia.

— Então o senhor não entrou nisto? — interrogou Navarro.

— Não... Eu estou satisfeito... — respondeu Bias, com a voz velada.

— Jure, Sr. Bias!

— Juro!

Nada obstante o juramento, Navarro continuou incrédulo.

— Pois eu até seria capaz de apostar que a ideia foi do Bias.

— Ideia do Bias, não! — protestou Cândido, abespinhado.

— Foi do Bias, Sr. Cândido, foi! — tornou Navarro. — Quem sabe se quer significar que foi sua? O senhor nunca teve desses arancos de imaginação. Ninguém me tira da cabeça que o fomentador de tudo foi ali aquele senhor. Os senhores talvez não o conheçam. Há pouco tempo que meus olhos se abriram. O Bias é um

finório! Vejam ali a cara comprida que ele está fazendo... Não lhes conto até um certo episódio culinário, em respeito ao lugar. Mas D. Oleogarípia há de saber!... — Bias ficou lívido.

— E para remate — acrescentou Navarro tomando o chapéu — saibam todos os reclamantes e não reclamantes que para o ano lhes concederei dez por cento de aumento sobre os ordenados atuais. Só excludo o Bias. Ele disse que está satisfeito... Em compensação, arranjar-lhe-ei mais uma aulazinha suplementar; vamos embora, Dadico. Adeus, meus senhores!

## CAPÍTULO XIX

Três dias depois, por volta das onze horas, o desocupado que se postasse com um óculo de alcance, ao alto da torre da matriz avistaria muito ao longe, na estrada de rodagem, dois pontos animados encaminhando-se para a vila. Eram dois cavaleiros, e isto a distância não lhe permitiria reconhecer. O da frente, caboclo tostado, gingava o corpo pachorrento, sem pressa, ao compasso do andadura do animal; parecia mal-assombrado de feições e cosia-se em profundo mutismo. Cavalgava atrás dele um homem alto, cujo chapeirão desabado lhe encobria o rosto até o nariz; e do nariz para baixo também não se poderiam devassar as feições, pelas abundantes barbaças que tapavam tudo. Vez em vez essas barbaças agitavam-se, e saía de suas profundezas uma voz cava e rouca, que gelava, arrepiando os cabelos de quem a ouvisse. A lentidão da viagem impacientava o homem, e nele a impaciência era medonha de ver. Como seu animal dava indícios de afrouxar, picava-o de esporas com frenesi assassino, e como de cada vez que isto sucedia o cavalo tivesse um sobressalto, o cavaleiro atracava-se-lhes às tábuas do pescoço com tal sanha, que parecia querer estrangulá-lo; por um prodígio o animal continuava vivo; e, seu passo recaía sem demora no seu lerdo revezar de patas. O viandante curioso que se atrevesse a embeber o olhar sob aquela aba descaída, recuaria inevitavelmente de pavor vendo a parte superior do rosto; os olhos faiscantes em órbitas fundas, lembravam feras emboscadas em lapas; e sua fosforescência sinistra completava o símile.

Quando as casas de Três Barras começaram a aparecer muito remotas, para além de uma baixada ainda encoberta, o das barbas perguntou em voz alterada ao companheiro da frente:

— Máximo! você não ouve um vasto sussurro de multidões ao longe?...

O interrogado não respondeu; e o fiscal (não era outro, como o leitor perspicaz já terá adivinhado), aplicando o ouvido, reiterou a pergunta:

— Não ouve um rugir longínquo de aclamações?

— Não senhor, Sr. Cobra — respondeu o mestiço de mau modo. — É a barriga do meu cavalo que está roncando.

— Você é pirrônico, Máximo! Não ouve porque não quer ouvir. Importunado por essas observações, o sisudo camarada berrou a cantarola:

“Lá no mato tem um bicho que rói, rói... ”

Teu amor tem um luxo que dói, dói!”

— Cale-se, cale-se, Máximo! — gritou o patrão. — Não vê que assusta meu animal?

De fato, o cavalo levantara as mãos, querendo refugar e enovelar-se. O quadrúpede, que ele comprara de pouco, depois de rigoroso exame de suas qualidades de sociabilidade e pacatez, sofria de acessos súbitos de neurastenia, e qualquer bulha tirava-o do normal; umas vezes pulava, outras dava para empacar e parecia um pene-do; outras desgarrava da estrada, galopando com o cavaleiro entre espinhais e cipós. Por isso, Cobra esmerava-se em esmiuçar-lhe a “psicologia”, e só viajava quando o bucéfalo mostrava certos sintomas benignos, que seu dono descobria concentrando sobre ele toda a sagacidade fiscalizadora que a profissão lhe granjeara. Mas, tirante aqueles senões, o animal era exemplo de mansidão evangélica.

— Já proibi terminantemente que você cantasse em viagem, tornou o fiscal vendo tudo restituído à normalidade. Deu-lhe essa mania só depois que comprei Incitatus! Até parece acintoso... Está ouvindo, Máximo?

Após uma pausa, supondo ter usado demasiado rigor com seu silencioso camarada, Cobra prosseguiu, abrandando a voz:

— Desculpe o tom em que falei, Máximo, mas é também para seu bem. Só sabe essa cantiga, e os dizeres dela não são cômicos. De fato, que tem de comum um bicho roedor com os castos amores de uma donzela? Além disso está errada; a palavra “luxo”, na acepção em que você emprega, não é autorizada pelos clássicos, por nenhum clássico! E o “tem” impessoalizado da oração principal?

Depois desta rápida preleção, Cobra esqueceu o incidente, voltando de novo às delícias do momento. Uma suavíssima emoção senhoreou-o, e sob seu influxo pôs-se intimamente a monologar:

— Afinal de contas, a glória é isto. No fim de uma vida obscura, mas honesta, cheguei a conhecê-la. Mas, não sei por quê, esta comção suprema tem seus toques de melancolia... Todavia sinto-me feliz, muito feliz, apesar de um tanto inquieto.

Essa inquietação evaporou-se ao atingirem o cimo do último ca-beço; dali abria-se a vista para a baixada remota, onde havia o rebo-lir de uma turba imensa e confusa.

— São eles, Máximo, são eles! — exclamou em grande exaltação, esticando o dedo.

Colhendo as rédeas, o camarada voltou-se para o fiscal:

— Patrão — avisou —, aquilo é gado; se tem medo, tomamos o desvio das marias-pretas.

— Gado! — tornou Cobra, animadíssimo. — Não, não é! Não se lembra de que da outra vez pensamos o mesmo? São eles! Olhe os estandartes enfunados como velas... Escute esse rumor de vivas... Não vê mãos que se agitam? Braços nervosamente erguidos para o ar? Vamos depressa, Máximo! Dê uma lambada neste estafermo, e ceda-me a dianteira. Daqui até lá são só porteiras de empurrar, e essas eu sei abrir.

— Aquilo é criação — avisou o caboclo em última instância.

— Ousa replicar-me, Máximo! — irritou-se o fiscal. O cama-rada obedeceu. Aplicou um rijo açoite no traseiro do Incitatus. O quadrúpede, atirando um pincho, despediu descabriado, num ter-rível acesso de neurastenia. O fiscal, aos berros, seguia agarrado ao seu pescoço. Se Incitatus afrouxava, outra chicotada.

— Máximo! Proíbo que faça isso! — bramava o fiscal.

Como resposta, novo açoite, seguido de novo pincho. O caminho fugia sob os pés dos animais, e as porteiras eram atiradas violentamente contra os moirões. O trajeto assim percorrido foi enorme.

Na descida chegou a ser vertiginoso. E Cobra via que era levado implacavelmente para o meio de uma imensa boiada, que ocupava o vargado. Mugidos de touros minacíssimos já se cruzavam em desafio sobre sua cabeça. Cornos estralejavam em luta, patas pesadas sacudiam duramente o chão, levantando ecos soturnos. E os cavalos, galopando, abriam caminho por entre a massa movediça. A cólera do fiscal demudou-se em terror, no meio da manada. Terminado, porém, aquele momento horrível, foi com admiração profunda que encarou o varadouro retilíneo cavado pelo galope no meio daquela mole viva; cravava alternativamente o olhar na bicharia e no camarada temerário. E via a este tão impassível, com a sua catadura habitual, que apenas teve palavras para admirar:

— Máximo, você é heroico!

— Eu bem dizia que era gado, Sr. Cobra — limitou-se o camarada a responder.

Cravando os acicates no Incitatus que parecia derreado, o fiscal reabriu a marcha um minuto interrompida. Depois de uma empinada ladeira entraram na vila. Cobra enchia-se de pasmo. Por que não fora o colégio, em préstito, esperá-lo? Extraviara-se carta em que designara o dia e a hora da chegada? Talvez a faina dos exames? A verdade é que pretendiam fazer-lhe recepção festiva. Isto inferiu vendo por toda parte arcos de bambus e fieiras de bandeirolas ao vento. Inquiria cada papel de cor gulosamente, procurando seu nome; nesta esperança enfiava incansável o olhar por aqui e por ali. Nada! Nem uma inscrição, nem um viva — mutismo absoluto. Talvez o Navarro, com fino tato, quisesse assim significar que a maior eloquência era a do silêncio... O Cobra sorriu superiormente, por ter encontrado a chave do enigma. Não era outra coisa! E, não menos fino, suas primeiras palavras ao Navarro, reforçariam: “Agradecido! Compreendi”. Cobra tornou a sorrir com os seus botões.

Esse momento foi um dos mais felizes da sua vida; e, nessa disposição assuntava:

— Pelas janelas tanta gente me espia indiferente, como a qualquer cometa agalegado a chegar com as canastrinhas. Tinha bem vontade de parar e dizer por experiência a um desses curiosos: “Sabe quem sou? O fiscal Matos Cobra!”. Ficaria pulverizado de espanto... Mas nem o suspeitam. Boa gente!

Por mera vadição assentou de perguntar a um moleque, que tocava com uma varinha um arco de barril:

— Para que são estas bandeiras, crioulinho?

— Para esperar sô bispo que vem depois d’amanhã — respondeu o moleque, segurando a roda.

— Ah!...

O menino seguiu rodando o arco. Cobra ficou desapontado; e esporeando cautelosamente Incitatus, removeu consigo:

— Que lhe faça bom proveito... Já conheço o vazio de todas as aparências e prefiro a obscuridade. A glória! uma palavra oca, nada mais. Seria bem melhor que o preço dessas bandeiras revertesse em esmolas aos pobres, e que os braços que cavaram os buracos para os bambus fossem cavar a gleba produtiva... A verdadeira glória é um caráter obscuro, mas probó.

Espiando Máximo nesse instante, Cobra viu-lhe no olhar brilhante uma expressão de satânica ironia.

Sentiu-se humilhado; mais tarde, porém, havia de reabilitar-se; no decurso de uma das futuras viagens faria daquelas reflexões o tema de uma judiciosa dissertação moral.

Não tardou que apeassem à porta do ginásio; e, enquanto Máximo cuidava das cavalgadas, o fiscal foi bater palmas. De dentro vinha o vozear de muitas pessoas falando ao mesmo tempo.

— Entre! — gritou da secretaria o diretor.

Cobra entrou.

Navarro não estava só; os professores achavam-se todos ali, de pena em punho, debruçados sobre uma porção de mesinhas dispostas ao acaso. Havia ainda o fiscal Tinoco e outras pessoas. Pelas



mesinhas alastrava-se uma baralhada de livros de atas, montões de provas e mais papelada, em aparente confusão. Navarro, com uma caneta molhada atrás da orelha, ia de mesa em mesa azafamado.

— Ah! é o Sr. Cobra! — limitou-se a exclamar, estendendo-lhe o dedo mínimo. — Caiu em má hora, meu amigo; estamos de serviço até o pescoço. Sente-se por aí, se puder...

E, em frases breves, interrompendo-se a cada passo para fazer observações aos professores, explicou ao fiscal o de que se tratava. Estavam no último dia de exames. Se bem que pelo regulamento os exames normais que o Cobra vinha fiscalizar deveriam ter início depois de vinte de novembro, já antecipadamente os haviam concluído.

Houve uma fraude sem monta — posdataram as atas para evitar nulidade. Em todo caso, por deferência a ele, Cobra, constava dos livros a sua presença a tudo. Daí a instantes, ou à noitinha, conforme combinariam depois, o fiscal iria assinar as atas e rubricar as provas, que se achavam na Escola Normal.

— É uma faina incomportável — prosseguiu o diretor —; desde a madrugada estamos aqui julgando as provas ginasiais e rematando as últimas atas.

— Coronel Tinoco! a linha não é essa... Veja a cruzeta... Entra pelos olhos! — Aqui nesta casa trabalha-se, meu amigo! Imagine que amanhã chega o deputado Dr. Fagundes e que depois de amanhã vem D. Sério... Precisamos ultimar o serviço hoje. “T” grande, coronel Tinoco! “t” grande! É até falta de dignidade assinar o nome com minúscula!

Estava nesse instante acurvado sobre a mesinha do fiscal federal. Duas ou três pessoas cercavam ainda este, pondo-lhe as provas debaixo do nariz, apontando-lhe a linha, e lembrando-lhe as letras do nome. O coronel Tinoco fungava e tresfolegava, levando um tempo desesperador a fazer com mão trêmula cada rubrica. Na sua calva lisa, desprotegida da gorra, marejavam grossas gotas de suor. No final de cada rubrica ele enxugava-as com o lenço, e aproveitava esse intervalo para desoprimir-se, puxando o ar até o fundo dos pulmões.

— Os exames ainda não estão concluídos e as atas já vão ficar prontas e assinadas — continuou o diretor. — Tudo isso é a previdência e a firmeza com que todos aqui trabalhamos, Sr. Cobra. O professor conhece bem o aluno, e pode prever, sem nunca se enganar, que nota vai tirar. — Sr. Bias, você raspou demais esta prova; acabe de corrigi-la e leve-a ao estudo, para o menino copiá-la sem erros. — Dê distinção com louvor ao Cerqueira, Sr. Cândido; não quero que o rapaz saia daqui descontente. Afinal de contas é um moço, merece alguma consideração. — Sr. Penedo, encoste só plenamente no Martinho. Quero que isso fique como exemplo, porque esse menino nunca pegou num livro. Pode até servir-lhe de estímulo para o ano. — Somos aqui de uma energia, Sr. Cobra! Mas o senhor ainda está de pé... — Dadico, vá procurar-lhe uma cadeira. — Estamos aqui em família, Sr. Fiscal, e dessa família consideramos o senhor um dos membros; desculpe, por isso não dar-lhe toda a atenção que merece... — Eu fiz parte da banca de português, Sr. Camões? Então dê-me o livro para subscrever a ata... Que diabo! O senhor assinou Luís Eufrásio Macedo de Camões. É muita coisa. Meu nome junto do seu faz figura pífia... Doravante suprima o Eufrásio Macedo. Inda o sublinha com esse risco colossal que me inutilizou a linha. Se eu fosse assinar primeiro, garanto-lhe que teria a civilidade de deixar-lhe uma linha em branco em cima. É isto uma coisa de nonada, mas “ex-digitus”... — Sabe traduzir a frase, Sr. Cobra? — Justos céus, Sr. Camões!... Que cabeça louca a sua, Sr. Camões! Pois não sabe que em português o Sebastião não devia passar? Não sabe que nem chegou a fazer prova escrita? O senhor ainda desmoraliza este honrado teto, Sr. Camões!

Abatidíssimo, e com as mãos na cabeça, Navarro caiu debruçado sobre o livro das atas.

— Sr. Camões! Sr. Camões! — gemia, esmagado.

— É fácil pôr aqui um “em tempo” e sana-se tudo — sugeriu o professor.

Impetuosamente Navarro levantou-se, agarrando o livro:

— Veja isto! Veja isto, Sr. Camões! — e defronte à cara do falto-so o seu dedão epiléptico folheava as páginas. — Veja este capricho,

esta limpeza! E o senhor quer pôr aqui um “em tempo” horrível, dependurado como uma hérnia embaixo das assinaturas. Tenho horror a tudo que é *postscriptum* e apêndice. Que fazer agora? E ainda por cima, lasca distinção e louvor no Sebastião! O senhor vai cavar a minha ruína, Sr. Camões!

Acalmado pela explosão, Navarro pôde então explicar ao Cobra:

— Desculpe-me este assomo, meu amigo; mas em questão de consciência sou assim. Mas há contingências em que o espírito mais são se vê obrigado a capitular. Agora, por exemplo, sou forçado a deixar um equívoco nesta ata. Em todo caso, há ainda remédio; vou mandar fazer um simulacro de exame para reparar a cincada do Sr. Camões. Seja testemunha de minha inteireza de ânimo, Sr. Cobra!

E, suspirando resignado, chamou o secretário:

— Traga a máquina, Dadico, vou ditar-lhe uma carta, para o padrinho do Sebastião.

Em pouco estava já o secretário com os dedos sobre as teclas, datilografando o nome do destinatário.

— “Paz e sorrisos no sacrário do lar” — redigiu Navarro. — “Flores e triunfos na egrégia pasta de V. Ex.<sup>a</sup> Vitória! Tenho a comunicar a V. Ex.<sup>a</sup> que o seu M. D. Afilhado, graças aos profícuos e humildes métodos de ensino empregados nesta tenda de trabalho, acaba de sair aprovado com distinção e louvor em todas as matérias do segundo ano ginásial...”

Nesse momento já a animação era menor na secretaria do ginásio. À proporção que findavam o seu trabalho, os professores iam-se retirando; e pouco depois da saída de cada um, ouvia-se o tropel de uma turma de alunos seguindo para as orais.

À saída do último docente Dadico empilhou metodicamente no armário-arquivo os livros das atas e as provas. Assobiando de alívio, o fiscal Tinoco, passou o lenço uma última vez no suor do cocuruto, e saiu, derreado.

Enfim desimpedido, Navarro chamou o Cobra:

— Sente-se mais perto, caro e ilustre amigo, temos que conversar... Diga-me uma coisa. Pôs em movimento sua parentalha graúda para o governo ficar-me com a chácara?

Navarro perguntara-o com indiferença, mais por vadição.

— Está tudo pronto — respondeu o Cobra. — É só o senhor indicar os avaliadores, e dentro de trinta dias efetua-se a transação pelos duzentos contos.

O diretor deu um pulo da cadeira.

— É certo o que me diz?

— Aqui estão as cartas — disse Cobra, desembolsando um maço de papéis. — Veja.

O diretor pegou-as com frenesi e à sua leitura as feições purpurejaram-lhe. No fim depôs o maço e disse calmamente:

— Dadico, vendi minha chácara. Preciso que me dê outro palacete para a Escola Normal. Ou melhor, dê-me um palácio só e imenso, dividido em dois lanços independentes, um para o Ginásio e outro para a Escola. Hei de escolher estilo...

— Pelo nosso orçamento não há mais verba — objetou o secretário.

— Reforçaremos o empréstimo municipal. Encarrego-me disto.

— Então está dito — disse o secretário, tomando as cartas com vivo interesse.

— Dadico — tornou Navarro enternecido, apertando-lhe o braço —, hoje acabo de crer na sua amizade. Não me hei de esquecer de você, meu grande amigo, e não é impossível pô-lo ao meu lado, como sócio.

E voltando-se para o Cobra:

— Terá a sua comissão régia, meu amigo; verá que não sou ingrato... Como! Recusa?! Mas o que não pode recusar é um certo refresco químico celestial que lhe vou preparar...

— Não! obrigado! — foi dizendo o Cobra, pensando com terror na limonada.

— Uma “Antarctica” ao menos. Dadico, cerveja “Antarctica” e copos.

Um minuto depois, soabria-se um abismo lóbrego entre as cerradas barbas do Cobra. Por onde num átimo sumiram dois ou três copos espumantes.

— Agora vá embora — disse Navarro impelindo-o para a porta —; preciso dar providências sobre a transação... Vou ver as orais; temos

para elas método próprio, em que só os curtos de inteligência achariam o que censurar... Depois me dará sua impressão sincera. É no outro prédio.

Cobra saiu. Antes de chegar ao antigo teatro, já ouviu uma ampla vozeria que bem podia figurar o hino sacrossanto do trabalho ou a balbúrdia do Juízo Final.

Entrou, e permaneceu algum tempo em cada uma das salas de exames. Já havia uma boa porção de assistentes; eram pais que começavam a chegar e que, sucessivamente, com o coração aos pulos, temiam pelos rebentos quando eram chamados, e de olhos úmidos de doce emoção se orgulhavam depois do ato, por vê-los garbosamente atravessar a prova difícilíssima. Em cada sala havia um só examinador, que era o lente da matéria.

No compartimento do Bias achava-se o Cobra. Em companhia de outros espectadores, estava ali o pai do Weber, um vendeiro bronco e achaparrado. No momento em que o Weber foi chamado, houve na assistência um certo risinho de motejo, que parecia dizer:

“Inda mais este pirralho! Que pode um coisinha destes saber?”

Tirou-se o ponto. E incontinente Bias rompeu em perguntas cerçadas, sucessivas, estonteantes:

— Aimez-vous de haricots? Avez-vous soif? Aimes-vous votre père? votre mère? votre soeur? votre frère?

Era vertiginoso. O pai tremia como um covarde; e o filho, calmo, quase risonho, também vertiginosamente respondia:

— Oui, monsieur! oui, monsieur!

Foi um torvelinho de perguntas e respostas, mas passou como um torvelinho.

— Basta, Sr. Weber! Pode sentar-se.

E o menino foi cair triunfante nos braços paternos, que os soluços convulsionavam. Os assistentes olharam o vendeiro com inveja, por ter tal filho; apenas um deles, juiz de paz em Santa Rita ficou mal-encarado, como se se lhe revoltassem os sentimentos de justiça; de indignado nada mais quis assistir, e retirou-se da sala, dizendo acintosamente em tom meio alto:

— Isto nunca foi exame! é carnificina!

Aos poucos os pais foram seguindo-lhe o exemplo. Bias que examinava maçado aluno por aluno, suspirou de alívio vendo ali só o Cobra.

— Meninos, agora todos à minha frente, enfileirados. Vamos!

Todos obedeceram. O professor contentou-se com fazer uma pergunta a cada um. Quando não acertavam mandava adiante. O seguinte errava ou acertava, seguia-se o turno do imediato. Chegando ao último, Bias despediu-os com um gesto:

— Estão todos aprovados! Podem retirar-se.

Cobra correu as outras salas onde o espetáculo era idêntico. Por último dirigiu-se ao salão de física e química.

Aí a assistência era maior, por causa das reações. Muitos examinandos já haviam causado estupor mudando o cor-de-rosa do tornassol em azul e vice-versa. Era coisa tão prestigiosa que aos olhos estarecidos dos pais tocava à nigromancia. Mas nem por isso o Mendonça se mostrava calmo. Vendo-se obrigado, por ordem do Navarro, a variar as reações, sua cor terrosa tomava tons creme, só de pensar nas misturas traiçoeiras. A par desse terror a presença dos assistentes agravava-lhe a inibição mental. Sentia-se meio apatetado, sem exata consciência do lugar e da hora. Que saudades não lhe acudiam do remanso pacato de sua botica, onde apenas o rodeavam bocais inofensivos e pomadas familiares!

À entrada do fiscal, Mendonça dizia aos pais:

— Querem ver como o menino misturando estas duas drogas a mistura fica verde?

Estavam ali defronte dois provetes de conteúdo branco. Com um garbo de prestidigitador o examinando despejou o conteúdo de um vaso no outro. Mas a mistura continuou branca. Em regra, saindo-se do tornassol, as experiências de química falhavam.

— Uai! Não quis ficar verde! — admirou-se o Mendonça.

E foi seu rosto que esverdeou de desapontamento.

O examinando seguinte foi encarregado de fabricar pólvora — os ingredientes já ali estavam pulverizados de antemão. Guiado pelo

professor, o menino pesou, numa balança de precisão, as porções relativas dos mesmos, sem desprezar infinitesimais. Depois misturou tudo. Na hora de deitar fogo, houve um pequeno recuo da assistência.

— Jogue de longe o fósforo acceso e corra, menino! — determinou.

Assim foi feito; mas o fósforo se enterrou chiando no meio da pólvora, sem atear-lhe fogo.

Outros tiveram o mesmo insucesso. Foi preciso o aluno agachar-se bem perto e demorar a chama sobre a pólvora.

Desprendeu-se então uma fumacinha do meio do montículo preto, desvanecendo o fabricante e o mestre.

— Veja, papai! está pegando fogo! — exclamou o examinando para um dos espectadores.

Era a pura verdade. A fumacinha começou a aumentar, espalhando na sala um forte cheiro sulfídrico. Das bancas vizinhas vieram uns professores protestar, porque o cheiro ia alastrando por todas as aulas, por cima dos biombos. Penedo chegou a dizer para o ex:

— Este Mendonça, quando se mete a fazer experiências, é insuportável! É capaz de infeccionar toda a atmosfera terrestre... O Navarro devia proibir esse abuso.

E a pólvora a não querer mais acabar de pegar o fogo. O ar foi-se tornando tão irrespirável, que os pais se puseram a desertar a sala, e o próprio Mendonça se viu obrigado a achavascar os últimos exames.

Daí a minutos não havia mais ninguém no ex-teatro. Estavam findas as orais. Após a peleja exaustiva, os soldados do livro iam descansar as armas fatigadas, e cingir os louros da vitória.

## CAPÍTULO XX

A concorrência às festas do Ginásio era sempre maior que as da Escola Normal; sem embargo disso, o dezenove e o vinte foram dois dias de grande agitação na vilazinha mineira. Chegara o paraninfo das normalistas, o Dr. Romero Fagundes, deputado excessivamente cortês que abraçava a todo o mundo e se aprazia em encarecer as mínimas coisas da vila, falando em aura de progresso, alevantamento da lavoura, futuro próspero, etc. Não podendo ficar nas Três Barras mais de vinte e quatro horas, ia partir, “em obediência às injunções do seu cargo”, na manhã do último dia de festas, aproveitando o especial encomendado para o bispo. Também o Dr. Fagundes tivera as honras de chegar em especial.

Desde a madrugada desse dia havia nas Três Barras desusado movimento. De quarto em quarto de hora estouraram no alto do morro baterias de bombões; a banda do Lago e mais duas de localidades próximas percorriam as ruas três-barrenses à espera da ida à estação. Mas como melancólico indício do como seria efêmera essa pletora de vida, pequenos carregadores trançavam em numerosas turmas, levando a despacho as malas dos colegiais.

Às nove e meia grandes grupos começaram a concorrer para a estação. Foram as bandas, foram os meninos do Ginásio uniformizados de azul; grande parte do povo se incorporara à procissão adornada de opas e tocheiros que ia receber sob o pátio a eminentíssima pessoa de D. Sério. Houve ainda o alvo préstito das alunas da Escola Normal, abraçando corbelhas de pétalas.



À chegada do trem ninguém podia mexer-se na plataforma; o povo ainda transbordava dela para todos os lados; quem o enxergasse de longe veria um largo borrão preto à frente da estaçãozinha, alastrando até por cima dos trilhos. Para não morrer entalado, cada um precisava estar constantemente acotovelando os vizinhos dos lados, empurrando os da frente, e dando coices nos de trás. O trem veio parando de mansinho, para evitar desastre. Nesse momento, Navarro, trepado numa cadeira, e as mãos solidamente aferradas ao ombro do Dadico e do padre Gauquério para resistir aos estos da onda humana, trovejou uma oração que soçobrou no meio da algazarra.

Cada qual espichava mais o pescoço para ver o bispo e seu pessoal no fé em deus.

Nesse momento houve vários pequenos desastres causados pelas tochas, que, na febre da hora, os portadores esqueciam. Um deles inadvertidamente despejou uma plastrada de cera derretida na calva do coronel Tinoco, que deu um urro de dor; houve um princípio de incêndio nas abas do fraque do Lago, que esmurrou sem piedade uns dois ou três narizes mais chegados; mais tarde suspeitou do Bias, e dizem que teve com este um tremendo pega.

— Deputado... Bispo... Lei... Religião... — fazia ouvir a intervalos a voz do diretor.

Quando terminou, os demais oradores inscritos para o ato desistiram da palavra. Então de mansinho o fé em deus recuou, para desatramancar o local... Nesse momento aumentou a força repulsiva da multidão, que começou a desnover-se ampliando-se para todos os sentidos; da beirada da plataforma, perdendo o equilíbrio, despencavam na linha cachos de homens. Reproduziram-se os incidentes cômicos; entre eles viu-se o Dr. Cavagnari tombar de quatro, e o Bias cair sobre ele às cavaleiras. Com essa dilatação abriu-se facilmente entre o povo, um aceiro, por onde passou o Navarro, de braço com o bispo. Os curiosos puderam então observar a este melhor. Era um mastodonte chato e corpulento, de bochechas hemisféricas. Nos seus lentos movimentos de cevado a quem as banhas

pesam, havia um quê de manipanço ou ídolo chinês pedindo incenso e adoração. Pelo caminho Navarro dizia-lhe amabilidades. D. Sério apenas raro em raro respondia com um arreganhar de dentes que era um modo de sorrir sem quebra de dignidade. Foram acolher-se ambos debaixo do pálio, e a procissão partiu.

Constituía o séquito do bispo uma dúzia de bigodes rapados e narizes pontudos vestidos de batina. Dentre eles um desgarrou-se, avistando o Meira.

— Sr. Meira, como tem passado? — perguntou em tom familiar.

— Ó Marolo! — exclamou o subdiretor abraçando-o. — Então está fazendo carreira!

— Sim, senhor... Felizmente...

— Por que você não diz “sim, senhor, com a ajuda de Deus”? — gracejou o Meira.

Olhando para o bispo com um temor significativo, Marolo deu a entender que se sentia coagido. E cochichando ao ouvido do Meira contou-lhe que D. Sério o havia admitido com a cláusula de rezar o menos possível. E era-lhe uma tão penosa privação!

— Sr. Meira, veja se o Sr. Navarro me deixa voltar para o colégio...

A procissão seguiu até o Ginásio onde o almoço esperava D. Sério.

Ao meio-dia o estouro de cento e cinquenta bombas anunciou o princípio da sessão. O salão do ex-teatro, alargado com a retirada dos biombos, encheu-se num instante. Para aumentar a concorrência, pouco depois da chegada do especial o trem de carreira despejara na vila mais uma torrente de pais que vinham buscar os filhos. Aos fundos do salão levantara-se um palco para a representação do “Amor à instrução”. A assistência, todavia, admirava-se: ainda não se viam nem o bispo, nem o Navarro. Quando fariam sua entrada?

Súbito uma deliciosa surpresa. O pano dos fundos ergue-se lentamente, exibindo no palco todas as sumidades. Por trás de longa mesa formavam uma grandiosa linha humana o Navarro, o bispo e os dois fiscais. Rosas em profusão, iluminação rica, malgrado inda ser dia, tapetes e colgados vistosos, davam àquele fundo de cena a aparência de uma abside de novo estilo. Navarro deu um sinal, e a assistência rompeu em ruidosas palmas.

Começou-se pela colação de graus aos bacharelados, a que deu realce um sermão de D. Sério a propósito à cerimônia. Seguiram-se discursos de docentes, alunos, espectadores, intervalados de recitativos em francês. O coronel Mercês disse inconveniências contra o governo, e Luís de Camões celebrou nossa ornitologia, nossa flora e nossas bacias hidrográficas não deixando de bater para as Índias nas naus do Gama: de espaço em espaço ia implantando “quês” guturais que lá ficavam, como marcos miliários, assinalando a rota percorrida; o Dr. Peregrino fez uma científica conferência sobre a medicina; e assim corriam as horas. A assistência não revelava fadiga; tudo corria com uma lentidão solene que lembrava missas cantadas em dias dúplices, contribuindo para essa impressão a presença de D. Sério. Todavia, não foram recebidas com desagrado as palavras do Navarro suspendendo a sessão para o jantar. Este delongou-se até a noite, porque o imenso refeitório apenas comportava a quarta parte do povo. À espera do seu turno, os professores ajuntaram-se na secretaria, transformada no momento em salão para a música. Era sobremaneira incômoda a companhia das bandas, pelo estridor dos instrumentos. Acrescia que desde a manhã se revelara grande rivalidade entre as três. Quando uma preparava as partituras para tocar, outra rompia num dobrado interminável; então a primeira espinhava-se, e simultaneamente tocavam músicas diversas. Era coisa horríssonas e de arrebenatar tímpanos. O Lago, como gallo do terreiro, tornara-se o maior perturbador de ordem.

Os docentes mostravam-se satisfeitos; Penedo, principalmente, irradiava no seu terno novo. Já não praguejava contra o Navarro injúrias de carroceiro; ressuscitara o seu antigo e impecável garbo; sua voz áspera retomara modulações veludosas; e, esmerando-se no gesto, amanhã frases primorosas, relevando-as às vezes com um pico de ironia. Certo momento dizia para o Lago:

— Esta é a festa das harmonias; ao blandífero sopro do seu trombone, conjugado com as encantadas vozes das bandas que ressoam neste âmbito, aliás demasiadamente limitado, casa-se bem a harmonia das cores variegadas dessas bandeirolas álacres, e o pulsar

de centenas de corações unanimemente felizes. É a harmonia dos instrumentos, das cores, das almas, e também do azul sem mácula deste céu primaveral.

— Tudo pode ser — sobreveio o Lago para acintar —, menos o que diz das outras bandas. Por exemplo, o instrumental daquele freguês parece de lata; faz um zé-pereira, um inferno, e seu chefe pasma-se de gozo, como se estivessem assoprando música de anjos.

Um sujeito de cabeleira de maestro e olhos de tigre, pulou para o Lago:

— Alto lá, siô banda de cana rachada! Vou-lhe dizer as verdades...

Não o pôde, porque a banda número três iniciou uma marcha Nabucodonosor que ordinariamente durava três quartos de hora.

— É desaforo! — rugiu o Lago para os companheiros — a vez não era dele. Vamos nós — o hino nacional! Um, dois...

— Tarataxim, tarataxim, tarataxim, xim! — começou a banda.

— Canalhada! — berrou o maestro de cabeleira — a “Ronda infernal”! Um, dois...

Prorrompeu a Ronda. Penedo, perdendo a linha, fugiu ao pandemônio. Horrorizados, os outros professores acompanharam-no.

— Que coisa medonha! — comentou Penedo, quando se viram em respeitável distância. — Hoje não se tem sossego em parte alguma. Ó Mendonça, eu achava bom você levar para lá os ingredientes do laboratório e fazer umas experiências químicas, para ver se nos enxotava aqueles filhos de Euterpe.

— Quem sabe se já podemos jantar? — sugeriu o ex para torcer o assunto, que visivelmente pusera o Mendonça de cara enfunada.

— Vamos ver, acordaram todos.

De passagem resolveram uma excursãozinha pela copa. Aquilo ali devia estar entupido de garrafarias. Ao entrar, deparou-se-lhes um espetáculo grotesco. O Dr. Cavagnari estava lá dentro, espapachado no chão de pança para o ar, a sugar uma botija. Fazia-lhe companhia uma parelha de patrícios na mesma postura; e expandindo saudades da cara pátria, de vez em quando rolavam e se abraçavam uns nos outros, exclamando:

— “Ó Firenze, la bela città... Pátria del Dante!”

Nesse momento o Navarro aproveitava-se do intervalo livre para cumprimentar pais chegados de fresco. Rodeava as mesas sulcando o povo, dando pastelões num, cochichando uma anedota a outro, distribuindo safanões aqui, palmadinhas acolá. Vendo o Décio, agarrou-lhe violentamente o braço.

— Senhor tratante, não me quis ainda cumprimentar! E eu que o procuro há duas horas para dizer-lhe uma coisa importante...

— Não tenho podido até agora abrir caminho para ir até você, Navarro — disse o Décio. — Mas que tal achou minha última correspondência no *Estado* sobre a vitória da sua Câmara?

— Simplesmente sublime, meu grande escritor! Mas falemos no meu negócio. Você vai entrar numa irmandade que D. Sérico está criando. Já lhe dei seu nome... D. Sérico é muito meu amigo. Estamos concertando juntos grandes planos para o futuro... Está dito, você entra. São cinco mil réis por mês.

— Sim — respondeu Décio abstrato, mordendo o bigode louro, e a piscar desesperadamente.

Navarro seguiu o seu caminho, e Décio ficou murmurando consigo:

— Sublime!... Ele achou sublime!...

— Cá está o Dr. Trapézio! — trovejou Navarro, tomando de assalto em violento abraço o engenheiro anguloso, de nasóculos, pai do Dario.

— É verdade — respondeu o doutor, comovido. — Sabe que não perco ocasião de vê-lo... Muitas novidades por aqui?

— Muitas, todas enormes — respondeu Navarro. — Primeiro que tudo uma certa irmandade que D. Sérico quer criar... Vem cá, deixe-me apresentá-lo ao bispo.

— Ó Navarro! quem sou eu! — protestou o engenheiro. — Além disso, ainda estou em trajos de viagem, pois acabo de chegar pelo trem da tarde...

— Nada, nada. Venha cá...

Entregou-o ao bispo e foi atirar-se sobre um português de Contendas.

— Um abraço, meu caríssimo Sebastião! Outro abraço! Mas você, Sebastião, meu Sebastião, D. Sebastião... Sabe a história de D. Sebastião, seu Patrício? Não sabe? O rei que se mete para a África, que some em Alcácer-Quibir, e depois os sebastianistas a esperar... Hei de contar-lhe toda a história logo mais... Meus filhos!

Navarro pusera-se de cócoras, para cingir os rebentos dum sujeito de orelhas cabeludas.

— Um abraço bem apertado, meus filhos... Voltem logo para matar as saudades de seu velho diretor... — e enxugou uma lágrima. — Seus meninos são inteligentíssimos — acrescentou, voltando-se para o pai.

— O senhor acha?

— Vai ver... Diga-me cá uma coisa, André...

— O André é o outro — explicou o pai. — Esse é o Olavo.

— É isso, é o Olavo! Diga-me uma coisa, Olavo: que é um substantivo? Não se lembra? Adiante, Sr. André, dê-lhe quinau!

— É a palavra que designa! — falou André, triunfante.

— Bravos! — aplaudiu Navarro. — Viu que presteza... Seus pequenos são extraordinários! Mas, com licença, coronel, vou ali cumprimentar um amigo...

O pai ficou envaidecido por tê-lo o diretor achado com cara de coronel. Matutou consigo que infelizmente era apenas capitão, e assim mesmo nem tirara a patente. Aquele ano ia lutar, para chegar a major. Com empenhos talvez que...

Navarro já estava apertando de rijo a mão do negociante apalermado. No princípio do ano viera matricular o filho do compadre no “Fiat Lux”; e ficara tão deslumbrado pelo que vira e ouvira, que não trepidara em cometer de novo as oitenta léguas a cavalo, para ver, mais uma vez, o grande educador. E em lugar do compadre viera buscar o menino.

— Ex.<sup>mo</sup> Sr. Navarro... Quería fazer-lhe uma consulta...

— Pois não! Diga.

— Aqui vê o senhor um prospeto do seu Ginásio... Encontramos nesta página a palavra “ensinameutos”, que foi causa de muita

discussão na botica de sô Quinca. Certa gatinha dizia que a palavra estava errada: eu sustentava que o senhor não escreveria um erro... Eu queria uma explicação.

— Ah, ah, ah! — gargalhou Navarro. — É um pastel tipográfico, meu caro amigo!

— Eu bem dizia que não podia estar errado! — murmurou o amigo do compadre, enquanto o diretor se afastava. E, puxando de um caderninho, registrou: “Ensineamentos — pastel tipográfico”.

Todavia, surgiu-lhe uma nova dúvida; e, para não esquecer-se, acrescentou um lembrete: “Será coisa que se coma?”.

À noite, quando se reinstalou a sessão, havia ainda mais expectante atenção que durante o dia; foi iniciado o programa, fazendo-se ouvir o “verbo flamejante” do diretor. Alguns redatores de jornalecos do interior, já haviam aparado os lápis para colher as notas predominantes do discurso. A solenidade agora era talvez maior, realçada pelas luzes coloridas que se coavam de centenas de lanternas venezianas suspensas de ramagens e tufos de bambus. Ao fundo do palco as sumidades haviam retomado seus lugares. E os discursos prosseguiram, inúmeros, sem fim...

Quando as últimas palavras do último aluno se desvaneceram entre palmas frouxas, sobreveio um grande silêncio. Uma como paralisia geral petrificara a assistência. Era a grande hora. “Ele” já havia feito um movimento imperceptível em sua poltrona. Ia levantar-se. Ia falar.

Os corações pararam de bater. Houve uma suspensão da vida durante alguns segundos infinitos.

Como um sol majestoso lento e lento sobe no horizonte, o busto do Navarro foi emergindo dos tufos de flores que ornavam a mesa. Acabou de subir. Estava de pé, imóvel.

Passou-se outro infinito.

É que agora já começara a falar! Seus lábios pareciam mover-se, e um sussurro conhecido já adejava pelo ambiente. Ei-lo que se volta para o bispo. Decerto invoca-lhe a atenção. E o sussurro acentua-se, as palavras desarticulam-se mais nítidas, num crescendo tumultuoso que dá arrepios de antecipado entusiasmo:

— ... eminente entre os eminentes, sábio entre os sábios, virtuosíssimo, reverendíssimo bispo de nossa bem-aventurada diocese, representante direto do papa nesta festa sagrada do Livro e do Trabalho...

Volta-se para os fiscais... para o povo... E, súbito, violento, rubro, estupendo, dando um formidável murro sobre a mesa, prorrompe numa explosão de efeitos. Aos jorros as palavras borbotam-lhe impetuosas, ardentes como estilhas de metralha.

O mundo podia acabar. O que tinha de melhor já fora visto.

Navarro pairava no sublime. Depois não lhe custou pouco descer dos altos páramos a que se havia alcandorado.

Com jeito e cautela, e por transições sábias, foi descendo. Um degrau, outro degrau... Por fim, já conseguia falar num tom médio razoável. E disse que, naquela tenda da instrução, todos os atos eram praticados “ao pleno esplendor da luz meridiana”. Era por isso que ele exigia a presença de dois fiscais naquele solenidade. O Cobra estava até ultrapassando suas funções, que eram adstritas à Escola Normal; mas, na pessoa augusta e enérgica do coronel Tinoco, encarnava-se ali a Nação Brasileira, a Terra de Santa Cruz, a República dos Estados Unidos do Brasil, sancionando com a sua chancela oficial o julgamento das exigentes bancas examinadoras. E este julgamento era encorajador. As provas foram brilhantes, motivo por que se congratulava com os seus queridos alunos e respectivos pais, bem como com os intrépidos legionários da ciência, seu competentíssimo batalhão docente. Esta frase marcial fez Navarro improvisar uma belíssima alegoria. Figurou com as duas mãos dois exércitos inimigos; um era o do Livro, etc. O Livro vencia no fim, etc., etc. De épico, o diretor trasladou-se ao patético. Despediu-se dos alunos, seus filhos diletos, almas de sua alma, estrelas encravadas no Saara do seu árduo destino. As frases que se seguiram foram lancinantes. Muitos choravam. A voz do Navarro pegou-lhe com os soluços; e teve de interromper-se largo espaço, a cara rubicunda encoberta com um lenço.

— Mas que fazer! — tartamudeou quando pôde. — São os martírios do nosso Calvário. Debandar para o lar, e do lar para



as conquistas do Porvir — eis o roteiro da mocidade. E seguem risonhos, sem olhar para trás, só divisando a faixa rósea que os atrai da orla do horizonte; não sabem por isso que para trás deixam corações debatendo-se em dor, asfixiados em soluços, e que, ainda assim, sem embargo dos soluços e da dor, encontram forças para erguer a mão e abençoá-los de longe; “Ide-vos, esperanças de nossa alma; ide-vos, sorrisos de nossa vida; vosso quinhão é de glórias, o nosso de amargurado abandono!”.

O pranto da assembleia recresceu. O juiz de paz de Santa Rita de Cássia, a quem tanto havia indignado o rigor dos exames, revoltou-se de novo; e, assoando as lágrimas que lhe haviam entrado no nariz, desabafou surdamente com os vizinhos:

— Isto nunca foi discurso! Isto é um dilaceramento bárbaro!...

— Janguta — disse uma mulherzinha descabelada para o marido —, empreste-me seu lenço. O meu já está que é uma sopa.

— Não posso! Preciso dele! — soluçou Janguta.

Felizmente Navarro mudou de tema. Ali já não estava o pai; agora era a vez do missionário; o homem cedia o lugar ao apóstolo; o coração que soluça, ao braço que constrói; e o olhar que baixara magoadamente às afeições terrenas, volvia-se para o alto, a buscar exemplo no céu. Na sua vida havia predestinação; algo indomável que rugitava no imo de sua alma, impelia-o para um grandioso Gólgota.

— Não preciso lembrar todo o meu passado de dedicação e amor — continuou ele —; minha história por aí voa, aos quatro ventos, gravada indelevelmente nos corações infantis que formei; não escrita com palavras e sim com um largo transbordamento de benefícios. Sinto em mim força sobeja para regenerar a humanidade. Desbarate-se, embora, na luta ingrata, todo o vigor da minha natureza, e a miséria de um irrisório capital que consegui amealhar em tempos mais prósperos! O bem é o lema de minha consciência. Que importa a ruína se pratico o bem? Os tempos são péssimos e meus recursos estreitos. Sinto-me no cairel de um precipício. Quem não ouve cada dia a fragorosa derrocada de algum estabelecimento de

instrução? Que de ruínas e assolações por toda parte, quantos escombros de institutos de ensino! Mas apenas aos covardes cumpre recuar. A mim, não! Farei como os moços que só olham para a frente. Para a frente e para o alto — é o moto da minha bandeira. E, no final da luta, espezinhado embora, exangue, semimorto, que meu olhar ainda uma vez se volva ao azul infinito, a dar testemunho a Deus de que, se nada mais pude fazer, é que o esforço humano fraqueja onde só tem eficácia a Onipotência Divina!

E Navarro calou-se. Ah! quem o vira então, transfigurado e volvido para o alto, num último e supremo gesto de invocação ao céu! Era bem o gigante exausto que pede forças para suportar nos ombros a bruta carga de um mundo. E assim, em magnânimo desprendimento das prosperidades materiais, e pedindo a Deus o martírio, havia em toda a sua pessoa uma tão bela expressão de incorruptível e sublime Apóstolo do Livro, que olha sempre para o alto, e para mais alto ainda, em poderosa elação para o infinito das perfeições inatingíveis, que toda a assembleia pasmou, eletrizada; e, após a fascinação de um instante, trovejaram as palmas da mó de braços erguidos em frenesi, a consagrar, numa espontânea apoteose de aplausos, o Benemérito e o Mártir.

## CAPÍTULO XXI

Todo fim de ano havia sempre alguma pequena modificação no corpo de professores e regentes dos colégios de Navarro. Nesse ano o Ginásio perdeu Ricardo. Não houve para isso causas externas, apenas o resultado da evolução interior. Talvez entrasse um tanto o influxo da primavera, que foi excepcional. Por toda parte o que era germe e broto vingava com facilidade maravilhosa. Era uma eclosão profusa de verdes, de flores, um frutear copioso. E surriadas de chilros que chegaram a perturbar a alma. Da natureza esmirrada de Ricardo, dos seus desesperos, do seu tédio, das suas latentes aspirações, desse terreno preparado para a revolta, espitou uma tal torrente de seiva primaveril, que se quer expandir, e tornar-se em ramagens e florações, que resolveu libertar-se da estreiteza de sua prisão. Já o mundo para ele não se limitava ao Navarro; não o turbava mais a ideia da luta tremenda fora das paredes do colégio; nem tão mau seria assim o mundo! compreendia apenas que era grande e que ele precisava de um âmbito mais amplo que o daquela clausura em que vivia; se fosse preciso lutar, para a conquista de mais alguns palmos de espaço, sentia-se forte para a luta. Até mais, parecia que os assomos da primavera, que rugiam alegremente no seu sangue, ansiavam por ela.

Ricardo queria viver.

Era certo que por toda parte encontraria ferropeias e sofrimento. Mas que importava! E, como argumento decisivo, a imaginação sugeria-lhe as antigas visões estonteadoras: o desejo de

morder na polpa de frutos não provados, de gostar felicidades incógnitas, de amar, de lutar.

Foi assim que no dia seguinte ao dos últimos exames procurou o Meira para despedir-se.

— Sr. Meira, adeus! — disse, singelamente.

O subdiretor viu-o de chapéu na mão, e com o ar de quem parte. Viu-lhe o olhar tão contente e a aparência tão diversa da que lhe conhecia, que adivinhou sua grande resolução.

— Adeus! — respondeu o Meira. — Seja feliz — sua voz tinha a inflexão comovida. Como o moço se afastasse, Meira chamou-o:

— Sr. Ricardo!

Ricardo voltou-se e ele abraçou-o chorando. Eram lágrimas de pai despedindo-se do filho; mas o moço ria.

— Não chore, Sr. Meira! Estou tão satisfeito!

O subdiretor quis dar-lhe algum dinheiro. Ele recusou firmemente. Queria sair dali apenas com a sua mocidade. Mais tarde, se precisasse...

Passando pelo Navarro, desbarretou-se jovialmente. Não lhe reparou na expressão atonitamente parva, nem ouviu o que lhe gritava. E foi seguindo. No largo, hesitou: que estrada seguir? Eram muitas, e se alongavam para todos os pontos cardeais. Para que, porém, essa hesitação? Todas eram dele. Estava livre como um pássaro para escolher o seu rumo. E meteu-se por uma delas, indiferentemente. De caminho, sentia na garganta um prurido esquisito. Era vontade de cantar. Mas cantar o quê? Só sabia hinos escolares, e esses, detestava-os... Então gritou versos às árvores, ao céu, às montanhas, aos pássaros. Súbito, deu-lhe para rir. Riu-se, riu-se até às lágrimas, sem motivo algum. Agora o caminho subia; e certo momento chegou ao cimo de uma montanha. E viu sobre si um céu que nunca sonhara, vastíssimo, sobrepondo-se a um ferredouro de serras que se bolevam para todos os lados.

— O mundo é enorme — murmurou Ricardo, varrendo os horizontes com o olhar sonhador.

Procurou ali embaixo a vila. Lá estava, a seus pés, com o seu punhadindo de casas achegadas umas às outras. Pela ilusão da

perspectiva parecia conter-se no espaço de alguns metros quadrados. Alguns pontos escuros, minúsculos como insetos, moviam-se nas ruas da largura de uma polegada. Eram três-barrenses. Ricardo amiserou-se de tanta pequenez. E riu-se, lembrando que um bichinho daqueles pretendia escravizá-lo numa lura fazendo-lhe crer que uma casquinha de noz era o universo. Em um daqueles pontos quase imperceptíveis agitavam-se ambições, sofrimentos, desejos e uma tão grande maré de soberba presunção, que acreditava que o mundo devia gravitar em torno da sua insignificância.

Então Ricardo deixou-os, para dominar de novo a amplidão com o olhar extasiado. Por toda parte o galope sem fim de montanhas para o horizonte sem raias. E com o peito intumescido pelo anélito ardente da liberdade, e o sangue alvoroçado em esto de vida intensa, murmurou:

— O mundo é imenso!

E ante a imensidade tinha sensações de dono.

Por sua vez, a Escola Normal ficou sem Flávia.

João não se resignou a continuar na mesma vida: agora que lhe voltara alguma saúde, quanto mais pensava nas dificuldades para arrancar a mulher ao Navarro, mais se açoitava em regressar com ela para o Douradinho. Navarro obrigara a velha a assinar contrato por cinco anos? Flávia, como dizia, era sua devedora? Não tinha dinheiro para o retorno? Eram tudo nicas. Ele sentia-se com forças para arrombar, matar, arrasar, contanto que a libertasse! Assim pensando, recobrava ousadias de moço e forças de homem válido.

Flávia a seus olhos não era mais a buliçosa rapariga de suas doentias visões, e sim uma doce velhinha, fraca e indefesa, enclaustrada pelo demônio num inferno de torturas. Instava salvá-la, libertá-la a todo o transe! Para defendê-la, quem mais havia no mundo senão ele?

A superveniência das férias acabou de incutir-lhe a grande resolução. Três Barras, com o êxodo dos estudantes e o silêncio dos repiques, tinha o ambiente repassado de melancolias outoniças. O choro das casuarinas do largo, a difusa claridade que caía do céu baço, o menear monótono do arvoredo sob as lufadas pressagiadoras das

chuvas de dezembro, a ausência do Dario, tudo agravava-lhe a tristeza. Finalmente, uma manhã em que vira o Navarro dirigir-se à estação, de partida para a sede da diocese, onde tinha vastíssimos planos a concertar com o bispo, ficara João febricitante, e resolvido a colher a ocasião pelos cabelos. Ia salvar Flávia, raptá-la incontinente, e fugiriam, sendo possível, naquele dia. No mesmo instante foi procurar o padre Gauquério.

— Ah, Sr. Padre, estamos no fim da vida, queremos morrer em sossego na nossa terra! Pelo amor de Deus, Sr. Padre!

— Mas que quer você? — perguntou, atônito, o Vigário.

Ele balbuciou o pedido. Não tinham recursos, a viagem era dispendiosa.

— Quer dinheiro? Por que não disse logo? Vamos ver quanto precisa...

O reverendo foi liberalíssimo. Também andava tão feliz, que não queria ver ninguém descontente. Dissesse-o a Maria Gansa, cujas últimas lágrimas se haviam evaporado desde a vitória nas urnas. Animava a companheira com tais extremos, que era um delicioso recommençar da lua de mel; e as carícias que prodigalizava à pequenada, mostravam que dentro de sua batina batia um amantíssimo coração de pai.

O velho fez suas últimas despedidas ao tio Roque. Foi procurá-lo na meia-água, onde jazia de cama profundamente quebrantado.

— Tio Roque, Deus lhe pague com uma velhice sossegada todo o bem que me tem feito...

O sacristão teve forças para abraçá-lo.

— Adeus, Sr. João... E para sempre, porque estou por pouco. Deus parece que atendeu ao meu pedido, e vai livrar-me logo deste mundo...

— Não fale assim! — protestou João. — O que o senhor tem é só fraqueza. Isso passa, verá!

— Fraqueza? — tornou tio Roque em voz surda. — Então pensa que poderei suportar a vista dos mocinhos vereadores na primeira sessão da Câmara nova? Não, não... O mundo anda

de pernas para o ar, Sr. João; penso às vezes que é a chegada do Juízo Final...

João deixou-o, condoído. Só então dirigiu-se para a Escola Normal. Pelo caminho ia memorando todas as etapas dos seus sofrimentos. Lembrava-se de como caíram ali, descuidados, entre as garras de um homem sem caridade. Revia as angústias da separação, o seu delírio senil, as vergonhosas torturas do ciúme naquela idade, a longa crise cardíaca... No lugar que pisava agora surgira-lhe um dia o Navarro, armado de um podão, vedando-lhe a passagem. Se estivesse outra vez ali, naquele momento, ainda teria receios? João respondia para si que não; mas involuntariamente insinuou o olhar atemorizado por entre as magnólias da avenida. Ninguém, graças a Deus... Subindo as escadas da chácara, encontrou-se com a Luciana, que descia.

— Faça o favor de chamar a Flávia — pediu.

Não precisava dizer para quê. Tudo já estava há tempos combinado.

— Não sei se ela poderá vir... — disse a negra. — Parece que o patrão deixou ordens para... Em todo caso, vou avisar.

E a preta entrou de novo no edifício.

Quem apareceu primeiro foi Adélia. Estava pálida e tinha convulsões nos dedos magros.

— Vá embora — disse ao velho, com a voz sem timbre. — Não tem licença para vir aqui!...

João sorriu-lhe calmamente, sem responder nem mover-se do seu lugar.

Os braços de Adélia contorceram-se, num princípio de insulto nervoso. Sempre que a contrariavam vinham-lhe os fanicos.

— Vá embora! — repetiu, num guincho histérico.

E, muito branco, vendo o velho continuar a fitá-la sorrindo placidamente, agarrou-se ao portal:

— Luciana! O éter!

Nesse momento Flávia apareceu. Trazia uma trouxinha.

— Vamos — disse João. E saíram, sem se impressionar com os gritos estrídulos que Adélia soltava. Era assim todos os dias, explicou Flávia, mas não havia perigo. Deixassem-na, lá, com o

seu nervoso, que por vontade dela não sairiam...

Ei-los agora. Vão renteando a barranca na estrada deserta. A sua primeira tranquilidade, porém, abandonara-os; malgrado saberem o Navarro de viagem, a imagem dele revestia tudo e o fazia onipresente. Seus corações estavam cheios de susto, e as pernas trôpegas se aligeiravam por milagre. E, tropeçando e resfolgando, lá iam céleres, atirando a cada passo olhares esgazeados por cima dos ombros. Chegados ao povoado buscaram a estação pelas ruas mais escusas. Enfim, já tranquilo, João quis mostrar-se amável:

— Dê-me sua trouxinha, Flávia...

Flávia entregou-a sorrindo:

— É justo que quem a trouxe também a leve...

João olhou-a embevecido. Era tão suave o sorriso de sua companheira! E agora era para nunca, nunca mais se separarem.

— Flávia, disse então, estou sentindo a mesma comoção que tive ao furtar você a primeira vez, há quarenta e seis anos; parece-me que ainda somos noivos...

— João! — censurou docemente a velha.

O marido calou-se, mas um sorriso malicioso que lhe aflorou aos lábios indicava que ainda tinha mais que dizer. Flávia viu-lhe o sorriso.

— Em que está ainda pensando? — perguntou com amuo.

— Estou pensando que esta noite vamos dormir juntos...

— João! — atalhou a velha tapando-lhe a boca com a mão.

Nada mais disseram, mas o velho conservou-se sorridente o resto do caminho, ao passo que Flávia disfarçava um inexplicável enleio.

Chegaram à estação muito cedo, hora e meia antes do trem, e foram esconder-se num ângulo da saleta de espera. Então puseram-se a evocar o futuro. Iam, pois, rever o Douradinho, o velho casarão de vidraças partidas, os antigos conhecidos! Como estariam estes? A Maria talvez já estivesse de filho; quem sabe se o vigário sarara do reumatismo? O Anastácio prometera-lhes uma leitoa; haviam de reclamá-la... E Flávia acompanharia de vela acesa a primeira



procissão, para cumprir uma promessa pela saúde do velho. Fulano e sicrano haviam de mandar as crianças à sua escola, outra vez... E o momento da chegada, o Lava-Pé de águas claras, a capelinha, os abraços nas comadres e nos compadres, sorriam-lhes antecipadamente.

— Veja se o trem já apontou, João... — dizia a velhota a cada momento, ansiosa pela partida.

Afinal ouviram-lhe ao longe a surda trepidação, seguida de um longo apito. Enfim! Pouco depois, em ruidoso matracolejo e esguichando vapor, o trem parava na plataforma.

Azaranzados, tontos, dando-se uma pressa desnecessária, os velhos foram-se enfiando pela portinhola. Dentro deixaram-se cair, de fôlego curto, num banco. Dois minutos depois o trem partia. Nesse momento, um indivíduo de enormes bigodes, que havia desembarcado, chegou-se à janelinha do carro e exclamou para o João:

— Ó vovô, olhe a trouxinha! Já ia esquecendo da outra vez...

— Muito agradecido! — disse João, tomando-a.

— Não há de quê! — respondeu alegremente o sujeito. — Boa viagem!

— Flávia — disse o marido para a velhota —, olhe, olhe lá! Foi aquele moço que mandou recomendações a você no dia em que desembarcamos... Lembra-se?

E chegaram-se os dois curiosamente à janela. Não, não era conhecido, disse a velha.

De longe o sujeito dos bigodes ainda lhes acenou com a mão, sorrindo.

— Não fico, não, meu filho.

Outra pausa. E o interrogatorio proseguiu:

— A velha vae ficar no collegio?

— Vae.

— E você onde vae morar?

João teve um gesto vago. Como, porém, a pergunta lhe revocasse as amarguras do presente, e as incertezas do futuro, enxugou uma lagrima. E fosse que julgasse ter ao pé um coração que o entendesse, ou necessidade de expansão á dor, poz-se a contar a sua vida, o futuro que com Flavia sonhara, as fadigas da viagem, o grande impasse final... Concluiu vertendo amargos ~~bagadas~~ bagadas. Porque não morrera ainda? Que destino lhe estaria reservado? Ia talvez pedir esmolas? Pedir esmolas! Como um aleijado...

Sua narração impressionou profundamente Dario, que admirado ~~ante~~ o fitava. Como nunca ~~vira~~ um velho chorar, via, com um mixto de dó e ~~de~~ commiseração, escorrerem-lhe as lagrimas pelos sulcos das rugas, indo empastar-lhe as barbas. Ouvindo falar em esmola, elle machinalmente, com uma especie de temor religioso, e a encaral-o com ~~uma~~ insistencia de hypnotisado, <sup>mirou</sup> a mão no bolso do dolman, donde tirou uma moeda.

*Sr.* — Tomá, João... Póde ficar com a pratinha. Não ~~me~~ dou mais, porque não tenho.

— Não, meu filho, não quero, recusou o velho.

— Tomá, tomá!

*ele* E como ~~teve~~ repellida a mãozinha dadivosa, Dario deu um pulo e introduziu-lhe a moeda no bolso. E teimando ~~tem~~ não acceitar a restituição, João declarou-lhe que a guardaria como lembrança.

Então o ~~pequeno~~ *Dario* começou a queixar-se, por seu turno.

Seu pae a encher a pança na escola normal, e elle esquecido alli, na estrada, sem almoço! Estava com tanta fome! Pois o pae já não podia tel-o deixado no gymnasio, entregue ao Meira, o subdirector? Mas qual! Chegando ás Tres Barras era um tal assanhamento com o Navarro, que se esquecia do ~~meu~~



OS BEM-  
-CASADOS  
GODOFREDO  
RANGEL

# PRIMEIRA PARTE

## CAPÍTULO I

Aquele rumor de cachoeira no silêncio da madrugada, seguido de um demorado ranger de monjolo e do baque da mão, socando... Esses sons repassavam o ambiente de um bucolismo de fazenda, acalentando a modorra de Licínio em quem despertavam recordações do passado. Reconhecia a vilazinha das Três Barras, sua terra natal, onde vivera tão pouco. Os estudos prendiam-no em São Paulo, e raras as férias que ia passar com a mãe. Instado por ela, fora aquele ano. Um tanto pela necessidade de poupar três meses de pensão, porque aos poucos a vida se lhe tornava difícil: fazendo-se moço, a vaidade trazia novas exigências, de modo que a exígua mesada que a viúva podia remeter mal lhe chegava para o passadio. E a ela bem que custava amealhá-la, com os rendimentos das costuras.

Os sons da madrugada embalavam-lhe suavemente a modorra do despertar: o catadupejar remoto, cantos de galos... E o tempo passava; Licínio deixava-se ficar na cama, gozando a enxerga fofa de palha nova, bocejando antecipadamente de mais um longo dia vazio que tinha de tolerar.

Com o amanhecer a vila ia-se animando. Já lhe vinha um ruído de bater roupa, passos e vozes de transeuntes. Pelo cantar da caneca raspando o barro do pote, conheceu que sua mãe estava de pé. Ouviu-lhe na casa os passos que ela fazia leves, para não o despertar. Certo momento pareceu-lhe que ela conversava com alguém.

Chegado na véspera, Licínio estranhara a mãe, achara-a velhusca, decaída. Estranhara-lhe também a voz, tantos anos não a ouvia! Notava-lhe a inflexão um tanto fanhosa, um som anacrônico, que

lembrava a voz subjetiva das recordações. Dizia as frases de um modo ligeiramente arrastado.

Achava-a velhusca, mais ainda do que a casa, que se fizera com o tempo um pardieiro inabitável. Habitado ao conforto das casas de pensão, Licínio sentia-se desajeitado naquele lar que era o seu. No meio da pobreza em que a mãe vivia, julgava-se deprimido, des-cido do seu nível de valia, como que degradado. Boa mãe! Como ele correspondia mal ao prazer que ela sentia de tê-lo junto de si! Adorava-o. Por ele era que D. Ismênia varava o dia a trabalhar em costuras, interrompendo-se apenas para o tráfego doméstico. Costureira de pobres, obrigada a esse gênero de vida pela viuvez necessitada, custosamente reunia o dinheiro da mesada de Licínio. Vivía só, e como se afanava no correr do dia! Cozinhava, lavava e cultivava numa nesga de horta canteiros de hortaliças. Licínio maravilhava-se dessa atividade multiforme que atendia a tudo com oportunidade e diligência. Às vezes pedia-lhe que se poupasse, preguiçando um pouco para que a saúde não se ressentisse.

— Não posso, meu filho, senão como poderia você estudar? Além disso, sou forte, e esta labuta faz-me bem.

— Ah!

E Licínio concordava, achando soberana lógica na explicação. Sabia que era ele a única razão da vida da viúva, que para favorecer seus estudos ela empregava o melhor de sua atividade; e há tantos anos já durava essa situação, que ele a aceitava como fato natural. Bem que não tivesse mau interior, nunca lhe ocorrera a ideia de trabalhar, por si e pela mãe, para repousar a velhice desta, de tal arte se habituara à dependência. Não que contasse recompensá-la no futuro, quando obtivesse seu pergaminho de bacharel, pois não se esmerava em obter promoções na carreira escolhida, e a prova fora sua reprovação recente, nos exames do segundo ano acadêmico, reprovação que o enchia de cansado tédio pelos estudos.

Já a manhã se adiantava quando Licínio abriu, estremunhado, a porta do quarto. D. Ismênia veio da cozinha encontrá-lo na sala de jantar, e perguntou:

— Dormiu bem, meu filho?

— Bem, obrigado.

Ele sentou-se no banco comprido, de espaldar alto, que ladeava a mesa, únicos móveis existentes naquele cômodo. Na esteira do forro, negra de fuligem, nos portais, também negros, nas tábuas largas do assoalho desnivelado pela pressão das paredes que abatiam, havia o mesmo ar de velhice decadente que se notava na pessoa de D. Ismênia.

Quanta simplicidade arcaica, e quanta miséria em tudo! Até no velho pote, posto a um canto sobre um caixão, tampado por um prato desbeijado. Malgrado os anos de ausência, tudo aquilo lhe era ainda familiar. Reconhecia na casa cada lasca de madeira, cada pedra da calçada, via nela os mesmos ornatos: flores de papel nos ângulos, velhíssimas, encardidas, e as duas estampas na parede, enroscadas de teias de aranha, uma representando a morte do justo, entre anjos, outra a do pecador, no leito, rodeado de demônios horrendos, que assombraram a meninice de Licínio.

— Muitas pessoas já vieram procurar você hoje — disse D. Ismênia. — Veja o que trouxeram. Isto foi a Quina, que te pajeou. Coitada! Gosto de agradecer... Mas é tão pobre!

Mostrou-lhe uma cesta de pepinos pousados em alcatifa de cambuquira.

— A Joana, sabendo que você veio, mandou uma franga. Pedro Carpinteiro, este jacazinho de jabuticabas. Estão fresquinhas...

Licínio recebeu-o das mãos da mãe, que retirava as folhagens ainda orvalhadas que protegiam as frutas. Estava atestado de bolas pretas, cada qual com um reflexo de luz no negro luzidio e molhado da superfície.

— Não sei como pôde apanhá-las! Anda atarefado, porque a mulher deu à luz ontem... Mandou também esta carta, deve ser participação de nascimento.

Licínio rompeu-lhe a sobrecarta sobrescritada com grande esbanjamento de tinta e de cuidados. A carta era longa, duas laudas de garranchos. O moço leu-as apiedado do trabalho que Pedro se



dera para juntar aquelas frases, onde se derramava a sua bondade de criatura simples, rude e sincera. Para ser agradável “ao doutor, filho da comadre”, quantas horas não levava rascunhando, errando, a praguejar contra a pena perra, a remexer impaciente o bojo do tinteiro meio seco, esquecido da mulher enferma! Era, de fato, participação. Linguagem amistosa, cordial, mas num estilo confuso, de tal modo embrulhado, que no fim não se sabia ao certo quem havia dado à luz, se a mulher ou se ele.

Esquecida a carta de um lado, Licínio começou a comer as jabuticabas, instando com a mãe para que o imitasse. E, no silêncio que se seguiu, apenas se ouvia o estalo surdo das frutas nos dentes.

Nos olhos de D. Ismênia, que observava Licínio, brilhava a alegria de vê-lo cercado da consideração e amizade das pessoas suas conhecidas. O estado mental do filho, porém, era diverso. Aquelas provas de carinhoso acolhimento não lhe davam prazer. Humilhavam-no.

“Tudo gentinha”, pensava. “Minha mãe não tem outras relações! A escória de Três Barras, jornaleiros, miseráveis... No entanto, no tempo de papai vivo, gozávamos a consideração de todos. Por que mamãe não continuou a cultivar as antigas amizades? Sinto-me deslocado, só. Detesto, por isso, Três Barras.”

Aquela decadência, aquele meio de melancólica humildade, coava-lhe o arrepio pálido que provoca o contato de um morto. Ali ele tocava o cadáver de uma existência já vivida. A casa, morta; a mãe dos antigos tempos, morta; morto o antigo lar também.

O coração confrangeu-se-lhe ao pensá-lo. Sentiu então saudades de sua vida descuidosa de estudante, e arrependia-se de ter vindo à vila.

— Em que está pensando, meu filho? — perguntou a mãe, vendo-o cismativo.

— Em nada...

— Julgava que fossem saudades de São Paulo.

Fez-se uma pausa. Quebrou-a a viúva, dizendo entre risonha e séria, a ameaçá-lo com o dedo:

— Olhe, você não tem licença de esquecer-me! Não faça como os outros. É o último filho que me resta.

O último, sim. E ela enumerou os demais, os ingratos: o Álvaro, deputado, que casara rico e havia dez anos não lhe escrevia, nem para responder aos pedidos de emprego para o Licínio; o Ubaldino, absorvido pela mulherzinha tirânica, ciosa de tudo, e que desde o casamento buscara isolá-lo da família; a Ester, já maior, educada por americanos, com quem ficara morando, e de tal modo americanizada, que raro escrevia à mãe lacônicos postais em inglês que eram lidos por ela quando se lhe deparava um intérprete casual. Eram como mortos...

Que motivaria essa indiferença? Pois não os criara com carinho, sempre não se desvelara por eles com os extremos de boa mãe? Por que tal ingratidão?

A pergunta erguera entre a mãe e Licínio um doloroso ponto de interrogação, que os amarrou em novo intervalo de silêncio; mas D. Ismênia apressou-se ela própria a explicar:

— Contrariedades, decerto, cuidados... Porque meus filhos nunca tiveram mau interior. Não me vêm ver, não me escrevem, mas estou certa de que cada dia me dão ao menos um de seus pensamentos, e basta.

E basta! Não! não bastava. Leu-o Licínio no olhar sofredoramente perquiridor que a mãe lhe entranhou até o íntimo da alma, e que, cheio de angústia, parecia dizer-lhe:

— Você, você também me esquecerá um dia...

## CAPÍTULO II

Não! ele não a esqueceria nunca! Licínio quis protestar-lho, mas acanhou-se dessa expansão afetuosa. “Que importa!”, pensou. “Não o digo hoje, mas meu futuro procedimento há de dar-lhe a segurança de meu grande amor. Os atos falarão por si.” Havia de amá-la sempre muito, muito...

Esta resolução removeu-lhe do espírito a penosa impressão que aquele ambiente de pobreza e humildade lhe incutira. Ainda mais, daí a pouco sucedeu um fato que o fez ímpar de júbilo: foi procurado pelo Juca, mocinho filho do médico, que o convidou para um jantar de aniversário. Fazia anos uma prima do Rio, que estava a passeio em Três Barras, onde fora passar uns tempos.

— A gente do médico convidar você! — pasmou D. Ismênia.  
— Eles, tão importantes, e que agora fingem não me conhecer por eu ser pobre!

— Nesse caso não irei ao jantar! Não me agrada ter relações com quem a maltrata.

— Não! vá, vá, meu filho, para que não nos chamem de soberbos.

D. Ismênia calou-se um instante e em seguida observou sorrindo:

— Olhe, já compreendo o milagre! É que Angélica, a irmã do Juca, está chegando à idade de casar, e aqui não há rapazes entre os quais possa escolher noivo. Aquele povo é fino e enxerga longe. Querem casar a filha com o Bernardes, filho do Barão; mas pensando que esse casamento pode gorar, e que você daqui a poucos anos está doutor...

— Ora! — disse Licínio. — Que ideia!

— Deus me perdoe se estou sendo injusta com eles.

A viúva contou-lhe que a família do médico, tão econômica, dirigida pela cabeça calculista de D. Alívia, de pouco tempo àquela parte dava bailes e jantares ao menor pretexto, apenas fariscavam a longe possibilidade de um partido para a filha.

— Então, se acha que devo ir...

À hora designada Licínio preparou-se para sair. Ia displicente, mais por comprazer à mãe, pois já tinha seu melhor fato bem coçado, e não desejava que o contraste com o Bernardes o desfavorecesse muito. Mas já que devia ir...

— Deve, sim — confirmou ainda a mãe, a quem ele expôs o seu vexame.

Com estas palavras sua resolução se fixou e Licínio saiu para o jantar.

D. Ismênia acompanhou-o com o olhar melancólico até ele dobrar a esquina. É que se lembrava das últimas palavras envergonhadas do filho.

“Tanto sacrifício”, suspirou para si, “e não poder fazer por ele quanto desejava!”.

## CAPÍTULO III

Ao chegar à casa do Dr. Lopes Coutinho, as primeiras pessoas que Licínio viu numa espécie de antessala que comunicava com a sala de jantar foram o mocinho que o convidara conversando com o Bernardes.

Conversando, não: ouvindo. Era esse o único modo de palestra compatível com a importância do seu interlocutor. Bernardes era muito desejado para genro a vinte léguas de contorno, devido às cem mil arrobas de café do pai, um barão de qualquer coisa conhecido unicamente como “Barão”. Eram cem mil, mas Bernardes, ancho de seus haveres, envaidecido de andar tão requestado, dava-se ares de duzentas mil, de mais ainda. Quem lhe fixava a cara esnobe, analisando-lhe os modos esnobes, e as demais afetações que perfaziam o aspecto geral de sua pessoa, não deixava de pensar num arranque de inveja: “O Barão deve colher quinhentas mil arrobas, no mínimo!”.

A ostentação de fortuna que lhe aprazia fazer naqueles meios de tacanhice roceira, às vezes ultrapassava seu alvo, que era deslumbrar. Tão destoantes eram seus modos, palavras, trajos, ideias, dos usados no gasto ordinário da vida social, que aos olhos de muitos ele era algo como um museu de raridades. Fitavam-no como aos espécimes exóticos de algum jardim zoológico, boquiabrindo-se ao medir com os olhos o pescoço de uma girafa, ou ao contar as ramificações da cornadura de um veado galheiro. Era o mesmo abrir de bocas e pasmar quando trocavam entre si comentários: “Tem três

anéis de brilhantes nos dedos!”, “Que botina pontuda!”, “Que será que dá aquele lustre à sua camisa?”, “É cera ou pomada o que lhe levanta as pontas do bigode?”. Cada centímetro quadrado da superfície de sua pessoa dava aso a um semicolapso de estupefação e a outros comentários do mesmo jaez. Falava-se de seu namoro com a Angélica, filha do Dr. Lopes Coutinho, atribuindo-se a essa causa os bailes e jantares na casa do facultativo ao mais descabelado pretexto, quando acertava de estar o Bernardes de passeio ou a negócio do pai em Três Barras. Corria aquele boato; como, porém, em cada uma das localidades vizinhas havia uma ou duas Angélicas cortejadas do mesmo modo pelo Bernardes, quedavam-se todos céticos quanto ao desenlace desejado pela família do médico.

Enquanto Bernardes falava, Juca, o filho do Dr. Lopes Coutinho, bebia-lhe as palavras pela boca, pelos olhos, pelos ouvidos, pelas narinas, todo ele numa atitude passiva de absorção e maravilha. A figura pernalta e a semiadolescência do moço davam-lhe ares de um frango ao qual as esporas tardam ainda. Por cacoete, a cada momento repuxava nervosamente o buço, como para o fazer crescer. Bernardes acabava de contar que chegara um automóvel para sua fazenda; e descrevia-lhe as peças, dava ideias, com gestos e torceduras de corpo, do modo como se guiava. Juca acenava com a cabeça para indicar que estava entendendo, o que era, todavia, muito problemático, pois nenhum desses veículos havia ainda aparecido em Três Barras.

Licínio quis cumprimentar os dois, mas esperou que primeiro dessem demonstração de terem notado sua presença. Mas era como se fosse um espírito invisível. Nem o Juca nem o Bernardes atentaram nele para o cumprimentar. Embevecido com a honra de tão alta companhia, Juca julgaria rebaixar-se conversando com Licínio, ao passo que Bernardes assumira o ar das quinhentas mil arrobas com que gostava de impressionar as caras novas. Licínio tossiu, arrastou o pé, mas Juca continuou no seu enlevo, e Bernardes acintosamente olhava para tudo — para a maçaneta da porta, para a escarradeira, para o armário de livros — menos para Licínio. Este observou

que de vez em vez o filho do cafezista enfiava o olhar para a sala de jantar, para o grupo formado por duas moças e senhoras de mais idade. Aquelas duas olhavam mais ou menos disfarçadamente o Bernardes. Achou uma delas, em quem reconheceu Angélica, irmã do Juca, uma figurinha desenxabida e apagada. A outra devia ser a prima do Rio, Ercília, a aniversariante. Trajava com gosto, ao rir sabia mostrar os belíssimos dentes, e mostrava o desembaraço de quem tem traquejo social. “Era a carioca!”, pensou Licínio contemplando-lhe com admiração namorada a silhueta. E aparava com os seus os olhares que ela lançava, endereçados ao Bernardes, que visivelmente lhe correspondia.

Afinal, Juca resolveu dar pela presença de Licínio, a quem disse:

— Então, veio também?

— Sim — respondeu Licínio, vexado, cumprimentando com a cabeça Bernardes, que supôs estar olhando para seu lado.

Mas puro engano. O olhar dele, tangenciando a têmpora esquerda de Licínio, fixava o brilho niquelado de instrumentos cirúrgicos num armário envidraçado, por isso não viu o cumprimento.

— O Licínio, estudante... — apresentou o Juca.

— Ah, estudante...

E no tom desdenhoso com que o disse, Bernardes parecia acenar que não havia mácula maior para uma pessoa. Deu a mão por condescendência, mas ato contínuo afastou-se, como quem não se quer contaminar com más companhias.

Juca, aflito, foi-lhe na cola. Entrementes, outras pessoas chegavam. Ouviam-se a cada momento os passos de mais convidados subindo a escada. Em cima espalhavam-se os homens pelos vários cômodos que antecediam a “varanda” ou sala de jantar; quanto às mulheres, entravam para esta, onde havia o afã de crioulas pondo a mesa, meio estonteadas pelo ar de festa que reinava na casa, e a fazer com os pratos, copos e talheres mais barulho do que o estritamente necessário.

Entre os recém-chegados estava o Leôncio de Sá, cuja loquela incansável fazia o monopólio das atenções em qualquer roda onde

se achasse. Era calvo e de uma cara sem idade, tanto podendo ter quarenta, como cinquenta ou sessenta anos. Homem maravilhoso e extraordinário, uma espécie de alquimista desgarrado num século que não era o seu, Leôncio tinha habilidades enciclopédicas que o talhavam para muitas grandezas. Basta dizer que em época não remota revolucionara o pacato vilarejo com a descoberta do moto-contínuo, preocupação que sobrepunha as demais, numerosíssimas, que povoavam seu cérebro. Por causa desse invento tomara uns tempos certos modos estranhos que o faziam passar por louco; vivia em viagens misteriosas a diversas localidades, em conciliábulos maçônicos com ferreiros, mecânicos e funileiros a quem encomendava as peças de seu maquinismo, uma aqui, outra ali, para não lhe reconstituírem a engenhoca, roubando-lhe o segredo. Houve uma ocasião em que viajara três dias para ir buscar um parafuso vulgar. Depois de um longo período dessa operosidade dispersiva, ele fez retumbar a grande nova: descobrira o moto-contínuo e ia vender seu invento por seis mil contos! Do aparelho nada se sabia, a não serem vagos informes pelas indiscrições da mulher e das filhas do Leôncio, que contavam que um dia o foram espiar a furto, e que tinha mais rodinhas que um relógio. E, aguardando a riqueza, elas já andavam alvoçadas pelos negócios, deixando de olho muita teteia apeteçada e muita fazenda fina pelas quais iam trocar as chitinhas de somenos a que as obrigavam os poucos recursos do genial inventor. A ocasião de ir buscar a bolada chegou. Leôncio tomou o trem sobraçando um vasto pacote: era a coisa! Mas voltou com o embrulho, descontente, porque, dissera, apenas lhe ofereceram quinhentos contos, ínfima quantia pela qual não se resolvia a malbaratar seu invento.

Leôncio era em três Barras coletor federal, boticário, carimbamba (concorrente terrível do Dr. Lopes Coutinho, cuja clientela absorvera), torneiro, chefe de banda, fotógrafo, merceeiro, criador de coelhos, fundidor, prestidigitador, descobridor de um remédio para mordeduras de cobras, escultor, finalmente, tudo, e mais alguma coisa. E note-se que era defeituoso, tinha um dedo quebrado. Como inventor, não só ideava e executava descobertas próprias,



como aperfeiçoava as alheias, numa ânsia do mais perfeito que raiava pela mania. Dessem-lhe uma cadeira de quatro pernas, ele meteria uma quinta, no centro, com ponderações justificativas. Se Deus lhe pedisse a opinião sobre a máquina do universo, é mais que certo que Leôncio não deixaria de levantar seu toco de dedo, que era o indicador da mão direita, e sugerir ao Inventor do Moto-Contínuo universal.

— Saberá Vossa Divindade que eu acharia melhor, para variar a monotonia do céu, fazer umas estrelas redondas, outras quadradas; preferiria também que, em vez de dois olhos voltados para a frente, tivéssemos um de cada lado, perto da abertura da orelha, ou então um no meio da testa e outro na nuca, para enxergarmos para todos os lados ao mesmo tempo, etc.

Nisso de querer aperfeiçoar tudo, Leôncio chegava a ser de um intrometimento que provocava remoques de seus conterrâneos. Diziam entre si:

— Por que ele não endireita a corcundinha da Augusta, e não lhe põe dentro do corpo uma armação de arame, para não ser mole-mole?

Augusta, de apelido a Mole-Mole, era sua filha mais velha, cor de queijo, um saco de preguiça. Tinha preguiça até de ter o corpo direito, o que lhe dava um jeito corcovado e propensões a encostar-se aos portais e aos móveis, no abandono de quem se deita. Trazia a cabeça caída sobre o ombro, também de preguiça de tê-la direita.

Naquele momento, Leôncio, que mal acabara de chegar com a família, já organizara entre os homens uma rodinha de palestra, na qual pontificava, explicando interminavelmente qualquer coisa. Todos, de cabeça inclinada, observavam-lhe o que quer que fosse na mão.

Ao avizinhar-se Licínio, como este era mais ou menos conhecido dos componentes da roda, interromperam-se para cumprimentá-lo. Em seguida Leôncio disse:

— Dr. Licínio...

— Doutor, não! Licínio somente.

— Ora, dessa massa é que se fazem! O senhor está no forno... Eu mostrava aqui a estes amigos um pequeno aparelho interessante: um isqueiro automático...

Retomou o fio da explicação, depois de, por esse modo sumário, incorporar Licínio ao seu auditório. O moço também se pôs de cabeça curvada, como os outros, observando o isqueiro. Leôncio acendia-o, apagava-o, encarecendo-lhe a utilidade. Ia porém melhorá-lo, adaptando-o a uma bolsa de fumante, de sorte que, quando torcesse a mola, aparecesse, ao mesmo tempo que a chama, uma mãozinha oferecendo um cigarro. Leôncio trazia sempre consigo uma porção de maravilhas dessa espécie. Sua casa, por sua vez, diziam que era um lugar impressionador, com mecanismos de alçapões misteriosos que tiravam toda a segurança e calma de espírito ao inerme visitante, que receava, a um ligeiro movimento inadvertido, ver abrir-se-lhe aos pés, no assoalho, o buraco de um precipício. Uma caverna perigosíssima, em vez de um lar tranquilo!

Depois do isqueiro, mostrou ainda uma sua fotografia animada, que, por meio de uma compressão, abria e fechava a boca e os olhos, sorria, fazia caretas. Faltava, porém, ali, não sei quê, para, etc., melhoramento que ele ainda havia de pôr-lhe.

Todos os do grupo mostravam tanto interesse no que dizia e mostrava Leôncio, que outros se foram chegando, para ver também. Entre eles o Tristão, empregado do alfaiate, rapaz de condição humilde, gentinha, mas que gozava em Três Barras de uma consideração enorme, devido à escassez de moços casadores. Até lhe esqueciam os cabelos crespos de mulato e a voz fanhosa, essa voz característica de quem fala com um pente, coberto de papel de seda, em frente da boca. Veio também o dono da casa, o Dr. Lopes Coutinho, a cujo ombro se apoiava sorridente, com o seu melhor sorriso de agradecer visitas, a venerável matrona D. Alípiã, sua mulher. O médico era calvo, não tanto pelos anos, que não excederiam uns cinquenta, mas, provavelmente, pelas longas meditações no silêncio de seu gabinete, sobre as moléstias de seus antigos clientes, no tempo em que o Leôncio ainda não lhos havia tomado. Saiba-se que, apesar disto,

reinava a melhor harmonia entre ambos, circunstância fenomenal, destoante dos usos das terriolas primitivas.

Licínio ficou profundamente impressionado pelo ar sisudo do Dr. Lopes Coutinho. Este e a esposa saudaram afavelmente os convidados. D. Alívia ia dizer-lhes que o jantar estava à espera; aproveitando-se, porém, do descortino que a porta daquele gabinete dava ao que se passava na “varanda”, ela fingiu interessar-se com o marido nos objetos curiosos de Leôncio, na intenção de observar dali o grupo formado pelas duas moças, a que se foram agregar o Juca e o Bernardes. Embora não se lhe dissipasse do rosto afável seu sorriso de agradar visitas, D. Alívia estava apreensiva, com a coincidência de umas tantas observações miúdas colhidas aquela noite.

Parecia-lhe que as atenções do namorado de Angélica se iam deslocando desta para Ercília, o que muito a aborrecia, pois era o desmoronamento de um plano amorosamente acariciado. Daquele ponto de mira, conforme via Bernardes voltar-se para uma ou outra moça, sucediam-lhe no espírito alternativas de esperança e desilusão, com predominância da última. E foi a ponto de ela sentir urgente necessidade de agradar Licínio, com a previdência da mãe que em benefício dos filhos vai de longe aplainando o caminho de sucessos futuros, para que estes venham deslizando suave e seguro, como automóvel em asfalto.

— Que prazer em vê-lo aqui, Sr. Licínio! — disse. — Desculpe não o termos convidado com maior antecedência, mas só ontem à noite soubemos de sua chegada. D. Ismênia como vai? Por que não veio também?

Licínio, ao mesmo tempo que ia dando as respostas convenientes, observava-a. Achava-a simpática. Tinha uns modos tão insinuantes, tão bons... Apesar de orçar pelos mesmos cinquenta anos do marido, parecia menos idosa. Era alta, exuberante de carnes, seios volumosos, cintura enorme. Usava os abundantes cabelos retorcidos para o alto, em capacete frígido.

— Simpatizo muito com o senhor — disse-lhe com sua maneira mais cativante, os olhos parados no grupo da “varanda”, onde se via o Bernardes todo da Ercília, namorando-a às claras.

— É muita bondade, D. Alípia... — respondeu Licínio.

Os laços dessa afeição nascente foram-se estreitando mais no decurso do jantar. Quando os convidados rodeavam a grande mesa, onde Bernardes se postara ao lado de Ercília, todas as atenções e sorrisos para ela, cada vez que D. Alípia via Angélica murcha e esquecida, dava a Licínio um dilatado sorriso maternal, que era mais uma confirmação de sua simpatia. Licínio, ao recebê-lo, totalmente cativo, baixava os olhos.

Baixava os olhos porque não sabia onde pô-los. O moço sentia uma extraordinária confusão. Não acostumado a frequentar reuniões, achava-se semiapatetado e incapaz de analisar seus próprios sentimentos. “Que estranha perturbação é esta?”, perguntava-se. “Dar-se-á o caso de eu estar apaixonado? Por Ercília? Ora! Uma namoradeira” (namoradeira era, para Licínio, toda moça que namorava a outro e não a ele). “Por D. Alípia? Horrendo incesto! Sinto por ela apenas afeição filial. Será inveja da riqueza do Bernardes? Temor respeitoso infundido pela siseudez do Dr. Lopes Coutinho?”

Licínio debatia-se num mar de dúvidas. A causa de seu estado d’alma talvez fosse nada mais que o acanhamento de comer em público. De tanto baixar os olhos ao receber o sorriso protetor de D. Alípia, ele resolveu ficar com eles no prato, regulando o tamanho das garfadas, fazendo-as diminutas, para não lhe crescerem muito as bochechas ao mastigar.

— O senhor não está comendo peru, Sr. Licínio — disse D. Alípia. — Aceita este pedaço?

E ameaçava pôr-lhe no prato uma coxa de palmo e meio, que trazia espetada num garfo.

Licínio quis recusar; mas, como nesse momento tinha a boca cheia, não pôde emitir mais que um regougo ambíguo que tanto podia ser sim como não. Tomando-o por assentimento, D. Alípia depositou-lhe no prato aquela peça anatômica. No prato, não. O continente era pequeno para tal conteúdo. A coxa ficou ali feito uma colher no açucareiro. Como causava obstrução incomodativa, Licínio tentou pô-la de outro modo, isto é, deitada sobre as bordas

do prato. Mal se pilhou assim, o maldito pedaço foi rolando parar na toalha. Licínio ficou vermelho. Tirou-o da toalha e tornou a atravessá-lo no prato, escorando-o de um lado com uma batata inglesa e do outro com uma pirâmide de tutu de feijão. Houve certo equilíbrio que manteve a coxa em semitranquilidade ilusória.

— Peço a palavra! — disse de súbito Bernardes.

Houve pânico e petrificação geral. A coxa rolou de novo na toalha, impelindo ante si a batata inglesa, que foi parar fora do alcance de Licínio. Felizmente todas as atenções estavam voltadas para o orador, que saudava a aniversariante. Nesse momento um bufar insólito ao lado de Licínio fez-lhe compreender que algo extraordinário ali se passava. Era a solteirona Siá Cota, irmã mais velha da costureira Florinda, que emitia aqueles bufos, relampejando olhares de cólera no Tristão do alfaiate. A razão era que Siá Cota morria de amores pelo rapazola, e nesse momento acabava de surpreendê-lo a namorar escandalosamente a Augusta Mole-Mole, Filha do Moto-Contínuo!

Oh pérfido! pérfido Tristão!

E Siá Cota coriscava olhares desvairados para os dois.

Florinda acotovelou-a, avisando:

— Estão olhando, Cota! Tenha modo!

Chiando e fungando, a solteirona conteve-se, mas via-se que quase explodia, como caldeira em excesso de pressão. Daí a pouco a lufada de cólera passou, deixando-a apenas imensamente triste e abatida, tão abatida que desse momento em diante recusou tudo o que lhe ofereceram, até café.

Depois do jantar, que acabou tarde, os moços e moças falaram tanto em baile, que não houve remédio senão improvisar-se uma orquestra para poderem dançar. Um tanto a contragosto de D. Alípiã, é verdade, conforme a matrona confidenciou a Licínio ao começarem os preparativos:

— Não me agradam muito essas folias quando há certos tipos de fora que a gente não conhece bem...

Frisou a alusão mostrando com o beijo o Bernardes, que de novo, renteado pelo Juca, se abeirara do grupo das moças, donde o atraía o olhar namorado de Ercília.

— Juca! — exclamou D. Alípia chamando o filho.

Juca estava tão boquiaberto de admiração pelo Bernardes, que a mãe precisou repetir o chamado três vezes. Assim que atendeu, D. Alípia levou-o a um particular no corredor, onde lhe segredou umas tantas instruções secretas. Não se sabe exatamente o que eram; mas o Juca, em virtude delas, ficou desconsolado, e manteve-se o resto da noite arredado do Bernardes, fazendo-lhe apenas companhia com o olhar invejoso e admirativo. Como o Pedrinho, um seu irmão de mais idade, de cara de macaco e trocista, quisesse tirar graças com ele, Juca, mal-humorado, repeliu-o. Para lhe aliviar o desconsolo, restava-lhe apenas o recurso dos apaixonados, de falar sobre a criatura amada.

— Olhe, Licínio — disse Juca aproximando-se do estudante —, vê aquele plastrão do Bernardes? Não adivinha quanto custou.

— Não...

— Faça um cálculo.

— Dez mil réis.

— Acertou. Foram dez. Quanto ao alfinete...

Juca estendeu-se num inventário meticoloso dos valores que constituíam a casca daquele ser humano, sobre os quais se achava perfeitamente informado. Fingindo ouvir, Licínio observava as moças. Não cria nos boatos que sua mãe lhe transmitira, isto é, dos intuitos secretos das festas dadas pela família do médico. Um homem tão austero como este, e uma senhora tão bondosa como D. Alípia, que se derramava toda em maternidade afetuosa com os convidados, não podiam maquinar essas tramas matrimoniais. Ao passo que assim pensava, Licínio observava Angélica. À primeira vista achara-a incolor, insignificante, de tal modo desaparecia na presença de Ercília. Esta, esmerada nos trajos, sabendo sorrir, conversar, era toda ela esse complicado aparelho de seduzir que a cultura social produz; Angélica, tímida e arisca, a relancear olhares fugitivos para a sala,

amarfanhava de contínuo o lencinho de seda, sestro de menina acanhada. Podia-se dizer menina, com os seus dezesseis anos.

“A Ostentação e a Modéstia”, pensou Licínio, resumindo suas impressões numa frase.

“Modéstia, sim!”, disse ele consigo. Angélica parecia mais um símbolo que um ente real, na candidez de seu singelo vestido branco. Vaporosa, etérea. Era certamente por essas qualidades de rarefação que se fazia quase invisível, despercebida aos olhares, como o fora para os seus, dele Licínio, que a princípio mal dera com sua presença ali. Acudiam-lhe, ao vê-la, todas as comparações castas: lírio, cecém, florinha agreste. Talvez não fosse bela, mas atraía irresistivelmente a simpatia. Simples, acanhada, era o tipo da menina de seu arraial. “Será namoradeira como Ercília?” A esta pergunta o coração de Licínio confrangeu-se, como se a resposta lhe importasse muito. Não! Não podia ser. E, repetindo o paralelo entre as duas moças, Angélica vencia de novo, enfeitada pelas suas qualidades negativas, por não ser triunfantemente bela como a prima, por não ser tão elegante, nem graciosa, por não saber conversar, nem sorrir, andar, ou sentar-se. Usava os cabelos soltos, e no penteado, única faceirice desculpável, um lacinho vermelho colhia-lhe uma madeixa sobre a orelha esquerda.

— Angélica! — murmurou Licínio. — Não se pode adaptar melhor um nome à pessoa.

Até ali Licínio apenas conhecera com esse nome uma cabocla papuda, que costumava ir à casa de sua mãe pedir “ajutórios”; esse nome sempre a trazia à sua memória, e parecia-lhe que todas as Angélicas deviam ser assim; agora o nome se nobilitara de súbito, parecendo-lhe singularmente belo. Com a boa vontade dos convidados, improvisou-se uma orquestra mista. Indo de um grupo a outro, D. Alípia lastimava-se por não ter previsto a tempo que tivessem a intenção de dançar, porque então contrataria a banda. Mas era mais do que sabido que os jantares do Dr. Lopes Coutinho tinham sempre esse desfecho dançante, e essa imprevisão, eternamente repetida, faria pensar que estivesse nos cálculos de anfitrião econômico

regalar os convidados com a menor despesa possível, dado o caráter gratuito com que prestavam seus serviços as orquestras improvisadas.

Os instrumentos eram vários e malcombinados: flauta, cavaquinho, violão, sax... Leôncio, o homem dos mil ofícios, foi correndo à sua casa buscar um instrumento meio requinta, meio outra coisa, invenção dele, que apregoava como a mais genial novidade em música, de que tirara privilégio que futuramente pretendia explorar. Seu único defeito era ter um som muito grosso, de taquara rachada, percuciente para os tímpanos. Chamava-lhe requintão.

Quando o viu assomar à porta com o instrumento, o Dr. Lopes Coutinho foi-lhe ao encontro, e pela primeira vez Licínio notou que ele deixava seu ar severo, rememorando coisas da mocidade:

— E a minha requinta, hein, Leôncio, no nosso tempo?

— Você foi um turuna, foi — confirmou Leôncio com uma voz ambígua de quem faz o elogio por obséquio.

Era uma alusão aos tempos de rapazote, em que o Dr. Lopes Coutinho pertencia à banda então regida pelo pai do Leôncio, ex-escrivão, ex-dentista, ex-fotógrafo, ex-tudo, e de que o filho iria ser mais tarde uma edição mais complicada. Contava-se que o doutor cobrara tal amor a esse instrumento, que ainda agora lhe aprazia recordar variações antigas; e, se não fosse a proibição categórica de D. Alívia, ele, para aperfeiçoar-se, tomaria lições com o Leôncio.

Àquele ponto a palestra foi cortada por um olhar severo da matrona, que desse modo lembrava ao marido que ela não gostava dessas reminiscências musicais. Leôncio foi incorporar-se à orquestra, que se instalara num ângulo do salão.

Passou também para lá, com uma flauta, Afonso, filho mais velho do Dr. Lopes Coutinho. Morava numa fazenda do pai, administrada por ele, a poucos quilômetros do arraial. Era sisudo e reconcentrado, qualidades carrancudas contrabalançadas por certo número de sestros ridículos, como piscar muito, comprimindo os olhos, e lamber a cada instante as pontas dos dedos. Diziam ser aquilo o efeito de muita inteligência, que lhe desequilibrava um tanto a cachimônia. Era o orgulho da família, e, se esse orgulho



se justificava, dissesse-o seu talento na flauta, que chorava quando lhe encostava o bico, acolhendo-a sob a vasta bigodeira, caída como os ramos de um salgueiro.

“Que prole numerosa tem o Dr. Lopes Coutinho!”, pensou Licínio. “Recapitulemos, para evitar alguma rata: Angélica, Juca, Pedrinho, Afonso... E ainda não são todos!”

E como visse perto a matrona:

— A senhora tem um numeroso batalhão de filhos, D. Alípia — disse. — Quantos?

— Quatorze, Sr. Licínio! quatorze!

— É uma felicidade! — tornou o moço, não se lembrando de frase menos chocha para responder.

— Nem tanto! Quatorze filhos são quatorze cuidados...

E o pior é que depois de crescidos se separam da gente.

Tenho três na fazenda, os três mais velhos. Inda bem que não pensam em casamento, e isso me conforta!

Aqui D. Alípia perturbou-se como se lhe houvesse escapado uma inconveniência, e procurou emendar a mão:

— Quanto a Angélica... essa, não sei se pensará; acho-a tão incompreensível... Referia-me aos filhos homens.

— Sua filha, D. Angélica... — começou Licínio a dizer, irreflexivamente.

Engasgou-se, porém, no meio da frase, sem coragem de rematá-la.

— Que é? — perguntou D. Alípia, de modo acoroçador.

— ... é muito simpática — concluiu Licínio, avermelhando-se consideravelmente.

Que ousadia fora essa? perguntou para si. Ele, tão tímido, atrever-se a dizer palavras tão denunciativas à mãe da mocinha que o encantara! Mas a figura rebojuda e afável de D. Alípia animava essas confidências, infundia nos que a avizinhavam imensa confiança, em sua tolerante bondade. Licínio achava-a sublime, aureolada de seu prestígio de mãe de numerosa prole, e especialmente de mãe de Angélica.

Mal disse o moço aquelas palavras, D. Alípia fez um sinal, chamando a filha.

— Angélica! Venha ouvir o que o Sr. Licínio está dizendo de você!

E quando a filha se aproximou:

— Ele acha você muito simpática.

Angélica também corou, fazendo *pendant* à rubefação de Licínio. Havia levantado para este os olhos, mas baixou-os confusa, ouvindo o que a mãe dissera. E ficou esquerda, retorcida de acanhamento. Nunca as palavras “simpleza”, “bonina”, “florinha silvestre” se aplicariam tão bem a uma criatura humana! Agravava-se em Licínio o mal de amor nascente. Conversaram algum tempo os três. Enquanto isso, o coração de Licínio batia misteriosos rebates. Que “namoradas estranhezas” eram aquelas? Amor? Receio de não ter correspondência? Vagos ciúmes do Bernardes, que tentara imiscuir-se na conversa, e que D. Alívia pronto despachara com três respostas secas? O resto da noite ele passou assim, ao mesmo tempo que observava furtivamente o vulto claro de Angélica, enchendo-se de alegre alvoroço quando julgava perceber que ela furtivamente também o buscava com seu olhar puro.

O baile já começara. Licínio, que não sabia dançar, ficou como mero espectador. Acompanhava com os olhos o movimento dos pares, e tanto Angélica os levava consigo no giro das valsas, que poderia ele dizer como o poeta: “O meu olhar valsa com ela”. Enlevando-se com a vista de sua silhueta clara dançando, ele sentia-se feliz; preferia, porém, que naquele momento lhe acariciasse o ouvido música mais suave, no diapasão dos seus sentimentos delicados, e não a bulha infernal daquela “orquestra” macabra. O requintão era atordoador. O cavaquinho do Pedro, irmão de Angélica, tinha repinicados implicantes, e o sax do Tristão coaxava numa monotonia exasperadora. Os gemidos do violão e o choro da flauta do Afonso eram absorvidos no rumor atordoante dos outros instrumentos.

Às vezes, para não se fazer notado, Licínio desviava os olhos de Angélica, e observava semidistraído os outros pares; via as pernas em parênteses de um, os sapatos cambados de fulana... Uma senhora baixa e gorducha, de cabelo levantado, dançava aos pinchos, socando o pericote, ritmicamente, nos queixos do par infeliz, que em

legítima defesa levantava o rosto o mais que podia, o que lhe dava o ar de um poeta a ouvir estrelas, ou de “Simplício olha para o ar” do livro de João Felpudo. Nas quadrilhas, era marcante o Zé de Paula, redator do periódico local, um semanário morrediço que apenas longe em longe saía de seu letargo “à luz da publicidade”. Dançava com a cabeça a oscilar sobre os ombros marcando o compasso, e o saliente pomo de adão a fazer pontaria no par fronteiro.

Licínio achou cômico o Tristão do alfaiate, tocador de sax. Era louco por quadrilhas, e não sabia dançar outra coisa. Mal o Zé de Paula batia palmas gritando “Gerais!” Tristão largava o instrumento para o lado, e, malgrado os protestos dos companheiros de orquestra, ia tirar par. Seu par era sempre o mesmo, a Augusta Mole-Mole, filha do Leôncio, magricela, nariguda, cor de coalhada, cuja corcundinha tinha ondulações desgraciosas durante as evoluções da quadrilha. Siá Cota, sentada próximo de Licínio, comia-a com uns olhões ferozes, mas Tristão, nem por sombras se incomodava com o ciúme que carbonizava o coração da solteirona. Era todo de Augusta e da quadrilha. Mais ainda da quadrilha que de Augusta. Era o seu fraco.

Tornara-se célebre o garbo com que fazia o *En avant!* avançando de esguelha, a jogar os braços com entusiasmo, à cadência da música; e, ao recuar, descrevendo um arco de círculo com precisão tal, que ia tornar exatinho no ponto de partida. Outra vez avançava de esguelha e descrevia ao voltar o mesmo arco... Não olhava para trás. Quem quisesse, fugisse da trajetória de regresso, se não queria ir num boléu parar longe. Nesse dia seu garbo esteve acima de tudo o que se podia esperar. Mole-Mole ficou totalmente rendida, e Siá Cota desesperada. Tão desesperada que Licínio se apiedou, perguntando-lhe delicadamente:

— Está triste, D. Cota?

Vendo-o interessado pelos seus penares, a solteirona respondeu, deitando-lhe um olhar agradecido:

— Muito, muito triste!

— Por que não dança também?

— Não gosto... Não quero... Tenho o gênio reconcentrado...

Preferia viver num ermo... Resolvi entrar para um convento.

— Um convento? — espantou-se Licínio. — Ainda existem conventos?

— Não sei — respondeu a solteirona com sentimentalismo. — Devem existir, para refúgio das infelizes como eu!

— Não diga isso — tornou Licínio delicadamente aflito —, nem pense em tal. É loucura!

— Não! — replicou Siá Cota com veemência. — Já decidi... E sou firme nas minhas resoluções.

— Nesse caso...

Licínio não insistiu mais, por discrição. Mas parece que, com a sua delicada interferência nos padecimentos de Siá Cota, ganhou as boas graças desta, que desse momento em diante acentuou sua gratidão, dirigindo frequentemente para seu lado os olhos grandes de novilha. Tanto foi, que Licínio achou prudente afastar-se, colocando-se de modo a evitar o canhoneio silencioso de seus olhares ternos.

Em seguida, abstraído da sala, ele enlevou-se todo em Angélica. Sentia-se arroubado. Tinha a sensação de pairar e sonhar. Talvez pelos efeitos hipnotizantes do requintão fanhoso, esse sonho figurado quase se tornou real, porque em dado momento sobressaltou-se, despertando de um cochilo. Então resolveu sair despercebido da sala e recolher-se.

Toda a noite sonhou com Angélica. Ora a via no altar, como uma santa, ou no baile, a dançar, levípede e branca, ou numa nuvem, transfeita em sílfide, nuvem muito branca, donde sua figura também muito branca difundia um suave palor de luar sobre o universo.

## CAPÍTULO IV

O médico orgulhava-se da numerosa descendência a que ia legar seu nome. De momento já não poderia dizer quantos filhos tinha; por isso, em suas ocasiões de curiosidade estatística, se queria conhecer a cifra exata que atingia a prole, valia-se da cabeça de sua esposa, a Alípia, que lha dizia de pronto. Alípia tinha uma cabeça invejável para números e contas. Ao tempo em que o Lopes ainda escrevia os algarismos de uma multiplicação, ela já dizia o produto, e tão exato que dispensava prova. Na verificação das complicadas contas da fazenda, onde moravam os três filhos mais velhos, a matrona aplicava inteligentemente esse dom natural.

O Dr. Lopes Coutinho fora excelente estudante, cursara com brilho a medicina, granjeando fama de aplicado e inteligente. Formado, casara logo. E como sucedera ter uma mulher inteligente e ativa, que tomava a si a solução de todos os negócios de família e de dinheiro, desde os complicados aos comezinhos, solvendo tudo com acerto sempre, o doutor habituara-se a deixar-lhe os encargos que dependessem de emprego, mesmo pequeno, da substância cinzenta do cérebro. Sentia-se feliz por se ver exonerado da responsabilidade de elaborar ideias, e chegou sua inércia a tal extremo, que não praticava, sem lhe ouvir o conselho, um ato mínimo que fosse, como comprar uma caixa de fósforos, cortar as unhas ou espremer um cravo do nariz. De tão doce hábito resultou que suas brilhantes faculdades, por falta de exercício, se foram gradualmente embotando. Se foi atilado algum dia, já não o era mais. Em contas, então,

uma catástrofe; errava somas ou multiplicações muito simples. Isto o levou a deixar de clinicar, pois atribuíram o malogro de vários tratamentos a fórmulas erradas; e sua clientela, que já não era grande, baldeou-se toda, espavorida, para o curandeiro Leôncio de Sá, o qual, se não sacrificava menos doentes que o Dr. Lopes Coutinho, propinando-lhes beberagens exóticas de sua invenção, tinha pelo menos, por si, a confiança do povo.

As únicas funções desempenhadas, depois disso, pelo Dr. Lopes Coutinho, eram as de secretário da mulher. Lançava, sob a inspeção desta, as parcelas dos rendimentos e dos gastos da fazenda nos livros de escrituração, tomando um meticuloso cuidado para não borrar as páginas, e ornando-as com riscos de tinta vermelha e verde, muito bem traçados, retos e iguais. Nunca sentia preguiça para tomar da heureca ou da raspadeira para tirar manchinhas minúsculas, apenas perceptíveis para ele, desrespeitos de mosquitos inconvenientes. Seu regalo predileto era folhear tais livros e mostrar-lhes o capricho às visitas, se as tinha; se não, folheá-los a sós consigo, namorando os riscos coloridos, pasmando da bela letra que ia adquirindo, e que agora enfeitava com uns floreios artísticos nas pernas das maiúsculas.

Possuía outra paixão, que lhe voltava em acessos periódicos — era a da requinta, que começara a aprender em mocinho. Trazia o instrumento querido conservado com carinho numa caixa forrada de veludo. Seu amor à requinta tinha a violência dos sentimentos proibidos. Era quase uma paixão pecaminosa, exacerbada pela oposição sistemática de D. Alípia à livre expansão de seus pruridos musicais. Ela achava-os impróprios de sua idade e condição. Lá uma vez por outra, quando os negócios não corriam mal, ou havia grande motivo de regozijo, o Dr. Lopes lhe obtinha a aquiescência para tocar seu instrumento querido. Ele aguardava semanas a fio esses momentos favoráveis, pressentia-os de longe com o faro com que o elefante adivinha o inimigo remoto, e aqui é que revelava uma perspicácia notável, digna de seus altos espíritos de antanho, quando ainda não abdicara da maçadora obrigação de pensar. Pilhado esse momento raro, ele tocava à tripa forra, se é que uma locução

tão digestiva pode adequar-se à expressão de um ato de natureza tão artística e espiritual. Espiritual, não; retrato-me; não eram nada espirituais os guinchos estrídulos com que ele enchia a casa desde que obtinha o *placet* conjugal. Devia ser como aquilo a trombeta com que um juiz, ou o que seja, da Bíblia, lançou por terra as muralhas de Jericó.

Tirante essa pequena divergência, os dois viviam como anjos e eram apontados como espelhos de harmonia conjugal.

Já ficou dito que possuíam uma fazenda não longe do povoado. Era ela o celeiro da família, e, simultaneamente, uma espécie de desterro, ou campo de concentração dos filhos mais velhos, à proporção que os pais iam descrendo das esperanças neles depositadas.

Dos quatro filhos homens, já crescidos, três moravam lá.

O primogênito, o sestroso Afonso dos bigodes caídos, exímio na flauta, a sisuda águia da família, tinha apenas vinte e nove anos que pareciam quarenta, de tal modo se lhe enrugara precocemente a cara, fosse dô muito pensar, ou de tanto fazer caretas. Era embezzerrado, meio tristonho, um ar de pensamentos graves, no que se via que herdara a máscara austera de seu progenitor. Os irmãos, quando queriam escarnecê-lo chamavam-lhe “juiz de direito”, em memória das antigas esperanças paternas malogradas. O Dr. Lopes e D. Alípia tiveram sempre a balda de arquitetar grandes planos de futuro para os filhos, dilatadas visões de triunfos, e todas as desilusões não tinham a força de desiludi-los de vez. Primeiro o Afonso. Desde a meninice D. Alípia fizera ver ao marido que o filho era dotado de certa gravidade e concentração meditativa que lhe davam um ar togado. Contentava-se de ver brincar os outros petizes da sua idade, não se imiscuindo em seus folguedos, como desejoso de habituar-se a estar fora de todas as parcialidades e paixões, para poder mais tarde manter-se na linha de íntegro julgador. E respeitavam-no, os pequenos, em seu isolamento digno, por bem saberem como seriam recebidas quaisquer tentativas de intimidade desrespeitosa.

Mas os pais foram uns grandes descuidados. Deixaram essa preciosidade sem ir à escola até os doze anos. Era tarde para começar,

e como Cosme, o segundo filho, já estivesse taludo, convergiram para ele as suas vistas. Infelizmente o Cosme era de uma obtusidade que passou a ser proverbial em Três Barras. Quando se dizia “Fulano é burro como o Cosme”, entendia-se que atingira o inultrapassável. Paralela a esta qualidade, possuía a da gula, uma voracidade fenomenal, de fazer a gente descreer da lógica, e jurar que o conteúdo pode ser maior que o continente. Por mais que o quisessem fazer padre, uma vez que não lhe descobriam aptidão para coisa alguma, os desejos dos pais esbarraram naquela dificuldade como vagas num penedo. Mal conseguiram ensinar-lhe a ler.

Desiludidos do Cosme, suas vistas passaram para o terceiro filho, o Pedrinho, desta vez com mais evidentes probabilidades de êxito. O fedelho era o antípoda dos dois irmãos; não tinha a sisudez do Afonso nem a necidade do Cosme; e desde criança revelara um gênio tão azougado e um espírito tão sagaz, que desta feita as esperanças paternas ancoraram solidamente nele. Seu futuro decidiu-se um dia em que o encontraram riscando o assoalho com uma ponta de prego. O pai, que ia ralhar com ele, sustou a admoestação, surpreso das vagas parecenças dos riscos com uma figura geométrica. Chamou triunfante a mulher, e, apontando-lhe o pirralho e a figura, lançou o prognóstico:

— Será engenheiro!

D. Alípiã concordou depois que o marido trouxe da estante o Timóteo Pereira e lhe mostrou a semelhança dos riscos do filho com as figuras do livro. Coincidiu essa descoberta com desengano definitivo dos dois primeiros, que de qualquer modo precisavam encarrear. Comprada por esse tempo a fazenda-desterro, para lá exportaram a ambos a fim de aprenderem a lavoura e acabarem de crescer e educar-se entre os bovinos.

A decidida vocação de Pedrinho cada vez se confirmava mais. Um dia era um quinau de tabuada no pai; outro, uma complicada ponte de sabugos, em cuja construção passara horas; seu gosto de traçar figuras geométricas a ponta de prego já ia resvalando a calamidade; riscava o chão, as paredes, os móveis, transformando a casa toda



numa geometria; com os outros meninos, seu fraco era brincar de trem de ferro — ele à frente, feito locomotiva, apitando, bufando, fazendo com os braços movimentos de alavanca; e enfileirado atrás de si o resto da caterva, o de trás agarrando no paletó do da frente, figurando de carros engatados. Observando-o nesses momentos os pais babavam-se de sensação gozosa, não vendo nada mais certo que o grande futuro daquele seu rebento.

Mas... Pedrinho também passou, como os irmãos mais velhos. Não que tivessem sido imprevidentes com ele, como sucedera com o Afonso; desde cedo o puseram na escola; o caso, porém, é que o menino tinha tão louca paixão por brinquedos e troças, que não havia meio de encostar-lhe o nariz nos livros. Era o desespero dos mestres, insubordinava as classes, infernava os regentes. Vivia de castigo nos cantos, com o livro na mão e orelhas de burro na cabeça. E pensam que se envergonhava com elas? Sáiße o mestre um pouco, ele fazia focinho comprido e punha-se de quatro, a zurrar e a galopar doidamente pela sala.

Tristemente desiludidos, os pais, no fim de alguns anos, tiraram-no da escola; e como em casa ele quisesse continuar com a mania dantes tolerada de riscar tudo a ponta de prego, D. Alípia curou-lhe a geometria à vara de marmelo; e, apenas crescido um pouco mais, desterraram-no igualmente para a fazenda, para se livrarem das suas travessuras. Lá viviam os três desde esse tempo, somente tendo licença de ir a casa aos domingos, a fim de prestarem contas da lavoura.

Agora andavam enciumados por haver sido o Juca poupado até então, tendo a regalia de morar na povoação, embora já raiasse pelos vinte anos. Este filho fora cedo para o colégio. Aos nove anos já sabia ler, escrever e fazer as quatro contas. Até aí os pais nada resolveram sobre seu futuro, cansados de desperdiçar projetos. Lá um dia decidiram discutir a questão, e D. Alípia expôs uma ideia que tivera:

— Olhe, Lopes, nosso erro com os outros, foi querermos que eles seguissem uma carreira diferente; você é médico — ele deverá seguir a medicina.

— Mas a medicina é uma profissão ingrata — objetou o marido —; além disso, requer tanta aptidão, tanta pertinácia...

— Ora! — limitou-se a dizer a esposa.

Este “ora!” significava: “Pois você não se formou?”.

Além desses, invocou outros motivos. Fez-lhe ver que não só o rapaz não precisava comprar livros e instrumentos, servindo-se dos do pai, como também estava este aparelhado para orientá-lo nos estudos.

O marido deu-lhe razão, ficando assim tudo combinado. Mas não queria separar-se do rapaz, seu filho predileto. Na sua família havia o hábito dessas predileções. Cada filho tinha seu tempo de tornar-se queridinho, mimado, com todos os privilégios, sendo certo também que viria depois a época do declínio e ostracismo. Agora a predileção do Dr. Lopes Coutinho pelo Juca era tão violenta, que mais parecia sintoma de caducidade precoce.

Como D. Alípia falasse em metê-lo num internato, o médico contraveio, aflito:

— Não! não é preciso! Os internatos só servem para dar maus costumes aos rapazes. Ele estudará os preparatórios comigo.

— Mas você está esquecido das matérias, Lopes...

— Não me custa recordar!

— Você não tem força de vontade, Lopes...

— Como não! Você verá! Em quatro anos dou pronto o rapaz.

Ficou. E sucedeu o que a mulher previra; não valeram os horários inflexíveis, quadriculados a tinta vermelha e verde, que o doutor pregava na parede com tachinhas douradas; eram mil complicações, preguiça do pai, rebeldia do Juca, interrupções de visitas, de sorte que apenas de longe em longe pai e filho se sentavam à mesa redonda do consultório, que era o lugar dos estudos, isso mesmo sob fortes instigações de D. Alípia. Encetaram a gramática e o francês; mas aos dezoito anos Juca ainda não conhecia as conjunções nem concluíra o método de Ahn. No escrever, então, uma lástima! Cada palavra era um barbarismo. O Dr. Lopes Coutinho não desanimava, cheio de confiança

em si e na vocação do filho, não tanto por convicção, mas para sofismar com a própria consciência.

Observando tudo isso com tristeza, D. Alípia perdeu a confiança no futuro dos filhos. Não falava nisso para não mortificar o marido, que ficou muito comovido uma vez em que ela alvittrara remeterem o Juca para a lavoura. O Juca! O embeleco do pai! E, desiludida dos filhos, a matrona voltara o melhor de sua afeição maternal para Angélica, que se fazia moça. Meditou no problema do casamento, que é a carreira das moças. Como no arraial escasseassem os bons partidos, D. Alípia horrorizava-se à ideia de suas filhas ficarem condenadas à solteirice, como a Florinda e Siá Cota. Foi a esse tempo que apareceu ali o Bernardes. Seu namoro com Angélica encheu de feliz alvoroço o coração da matrona, que multiplicou meios de cativar o filho do ricoço. Parecia-lhe tão certo o casamento breve da filha, que uma noite D. Alípia chegou a abraçá-la chorando, num arranco de despedida triste, em dolorosa antecipação das saudades que ia padecer.

Prolongou-se esta ilusão até a festa da Ercília. Já nas vésperas lhe vieram certas atoardas que a puseram de sobreaviso. Palpitando-lhe alguma mudança, o coração sugeriu-lhe mandar o Juca convidar Licínio. Estudante, de família boa, embora decaída, podia ser um recurso futuro...

Seu amor maternal enxergava a longíssimas distâncias.

Naquele baile a desilusão foi total. Bernardes definiu-se, desprezando-lhe a filha, e namorando descaradamente sua sobrinha.

E tal cólera sentiu do malogro de mais essa esperança, que poucos dias após exportou para o Rio, sob um pretexto qualquer, a desfaçada Ercília, embora esta se mostrasse disposta a prolongar *sine die*, naquelas paragens, sua agradável vilegiatura.

## CAPÍTULO V

Execrado o Bernardes, todas as esperanças de D. Alípia se mudaram para Licínio, embora fosse um consolo mínimo para perda tão grande. Parecia que o namoro pegara. Angélica vira-o passar pela rua, dias depois do baile, buscando-a com os olhos. Sabendo isso, D. Alípia, no dia imediato, esperava com o coração nadando em júbilo que se repetisse o acontecimento.

Às onze horas o Dr. Lopes Coutinho postou-se no escritório em frente de seus preciosos livros, a fim de pôr em dia a escrita atrasada. Sucedeu, então, o que sempre sucedia: não achou caneta, não achou tinta, tudo em desordem: a heureka derramada, a borracha sumida. O doutor tinha uma escadinha de filhos pequenos, capitaneados pelo Xanxã, que orçava pelos oito anos, umas pestinhas, como dizia D. Alípia nos momentos de irritação, que em dois tempos punham de pernas para o ar a casa mais bem arranjada. O descanso dela era enxotá-los para a rua.

— Noêmia! — gritou o doutor com impaciência, cansado de procurar. — Noêmia!

A menina estava na alcova, longe dali, fazendo dormir o Lolô, seu irmãozinho de dois meses, e não ouviu o chamado.

— Juca! — bradou ele, lembrando-se do filho, que àquela hora devia estar em casa, em obediência às exigências enérgicas do horário de lições.

Juca não apareceu.

Percebendo que a mulher se achava na sala de visitas, o doutor foi até a porta, donde viu D. Alípia à janela, por trás da Angélica,

a cabeça por cima da cabeça desta, o que havia de fazer parecer, a quem as visse de fora, que a moça tinha uma cara de dois andares.

— Alípia — disse o doutor quase choroso —, sumiu tudo! Não acho caneta, nem tinta, nem nada!

A mulher voltou-se com um “chut”, de indicador cruzado na boca; e saindo de seu posto segredou ao marido:

— O Licínio vai passando ali!

— Então, D. Angélica — gracejou o pai mudando de sentimentos, Vossa Excelência anda de namoricos. . .

A filha não ouviu. Os pais contemplaram-na pelas costas, com os rostos expandidos num sorriso feliz. Tinha ela os cabelos despenteados caindo-lhe em maçaroca nas costas. Para ver melhor, pisava com as pontas dos pés descalços a sola das chinelas velhas. Parecia embebida no que via. Passos tímidos aproximavam-se na calçada. D. Alípia não se pôde conter; apressou-se a retomar sua primeira postura. Com seu corpanzil cobria totalmente a filha, ao modo de ave que protege a prole, conchegando-a sob as asas maternas.

Licínio passou, muito pálido e simpático, tirando o chapéu. As duas cabeças se inclinaram simultaneamente, correspondendo ao cumprimento. Afastando-se, o moço levou após si os olhos de mãe e filha.

No momento, de regresso ao consultório, o Dr. Lopes Coutinho sentiu voltar sua indignação contra os filhos miúdos.

— Noêmia! Noêmia! — atroou a sua voz.

Ouviram-se, por fim, os passinhos diligentes da menina, que logo entrou muito séria, como pessoa grande que cuida da obrigação. Tinha nove anos apenas. Apesar de tão tenros anos, era em casa a “achadeira” de tudo o que sumisse, mesmo sem “amarrar o diabo” nem prometer vinténs a Sto. Antônio.

— Quero escrever — exclamou o pai —, e não acho nada! Sumiu tudo!

— Não passa do Xanxã! — disse Noêmia. — Esse menino é os meus pecados!

E, com os modos de *ménagère* ativa, rebuscou em cada canto, cômodo por cômodo. Em breve trouxe as coisas reclamadas, que foi encontrar no terreiro; e, antes de sair, recomendou ao pai:

— Quando acabar, tranque seus objetos na gaveta e dê-me a chave.

E foi-se com o seu passinho leve, num plique-plique de chinelinhas no assoalho.

A “achadeira”, embora tão novinha, era uma espécie de mãe da criançada mais nova, e um pouco dos irmãos de mais idade. O Dr. Lopes Coutinho podia ser incluído na sua prole graúda, como filho mais velho. O queridinho de Noêmia era porém o Lolô, de dois meses. D. Alívia, toda da Angélica, sua predileta, e cansada de criar filhos, deixava-os crescer um tanto à revelia, espirrando-os para a rua quando já estivessem no ponto de “ruar”, ou desterrando-os para a fazenda, quando os via grandalhões, entupindo-lhe a casa com os corpanzins de marmanjos. Os bem pequenitos, criava-os ajudada pela Noêmia.

Esta voltou à alcova donde a tiraram os gritos do pai, e pôs-se a fazer muitas festas ao Lolô:

— Ah, meu benzinho, saí agora mesmo e já estava com saudades de você!

E riu-se, numa alegria ruidosa, vendo-o todo enrolado na cama, chupando com sofreguidão os dedinhos rosados.

Nesse momento Juca voltou da rua, onde estivera a passear.

— Juca! Juca! — chamou o pai.

O moço entrou no consultório.

— Vá preparando a lição de francês enquanto termino esta escrita — disse o médico, armado de um régua, e com a pena de tinta vermelha na mão.

— Não posso, tenho de estudar flauta — respondeu o moço, dando-lhe as costas.

E, na sala de jantar, pôs-se com afinco a oreilhar uma valsinha que lhe caíra no gotto. Na família eram todos assim, tinham vocação decidida para a música.

O Dr. Lopes começou o trabalho, mas antes de acabar de riscar uma página do contas-correntes teve que interromper-se, porque D. Alípia, voltando da sala, pousou-lhe a mão no ombro, dizendo:

— Lopes, estou muito triste!

O marido olhou-a, fazendo-se triste também.

— Estou comovida, pensando na Angélica! É bem duro casar uma filha! Muitas vezes é a separação, talvez para sempre... O Sr. Licínio há de querer levá-la para São Paulo...

Vendo os olhos marejados de Alípia diluídos em ternura materna, o doutor confirmou que de fato era uma desgraça enorme...

— Para sempre, Lopes... É muito triste!

E ficaram silenciosos, a ouvir distraídos a flauta estudiosa do Juca, que repisava a primeira parte da valsinha.

— É muito triste — repetiu afinal o marido, como um eco tardio.

E, enquanto o doutor limpava meticulosamente uma lágrima da mulher que pingara na folha do contas-correntes, D. Alípia pôs-se a fazer considerações sobre aquele novo namoro. Gostava do Licínio, que diziam ser inteligente. Estava muito nos princípios da carreira jurídica, mas devia ter um bonito futuro. Pena é que fosse filho da Ismênia, que vivia desconsiderada, depois que ficara viúva e pobre! E uma criatura que não escolhia trabalho, a cozinhar, lavar, plantar, ombreando-se com qualquer preta! Verdade era que o trabalho não é desdouro.

— Olhe — acrescentou —, acho que tenho sido um tanto injusta em pensar mal da Ismênia. Antigamente, nos seus bons tempos, nós nos dávamos tanto! Como era serviçal, a gente estava sempre a dever-lhe obrigação... Mas, por outro lado, decaída como se acha, não ficaria bem a uma pessoa decente frequentar-lhe a casa. Iria até envergonhá-la, pois talvez a coitada não tivesse uma xícara de café para oferecer!

— Você pensa com acerto, Alípia. Mas não vejo razão...

Alípia acotovelou-o para que se calasse. É que, numa parada do Juca, que reunia novos alentos para tentar a segunda parte da valsinha, ouviram distintamente passos mansos que se avizinhavam para escutar. Pela

fresta da porta apareceu o nariz adunco e o olho murcho de uma velha, que inspecionou a saleta do consultório. Era D. Rita, velha octogenária, mãe do Dr. Lopes Coutinho. Farejando novidade, saía de seu quarto para ver o que de anormal sucedia. Vivia às espreitas e às escutas, imensamente curiosa de tudo, e constantemente insatisfeita, porque todos procuravam hostilizar sua eterna curiosidade, ocultando-lhe as coisas mais simples, como se fossem segredos de grande monta.

Como marido e mulher ficassem calados, ela resolveu mostrar-se e perguntou ao filho:

— Que foi que houve, Lopes?

— Nada, mamãe — respondeu o facultativo, absorvido agora em tentar a heureka, para tirar os últimos vestígios da lágrima da Alípia na página lustrosa. Na realidade, fazia-o infeliz esse desastre; e, para evitar a outra lágrima, que lentamente se lhe engrossava na papada, ele pensou em falar à mulher que não havia motivo para tanto sentimento! Essa última lágrima em formação dava-lhe sérios cuidados; esperava vê-la escorrer pescoço abaixo, mas a lágrima não se resolvia; causando-lhe um suplício de Dâmocles, mostrava-se ambígua. Para cortar dúvidas, o doutor arredou para um lado o precioso contas-correntes.

— Que foi, Alípia? — perguntou a velha, voltando-se para a nora.

— Nada que lhe interesse, D. Rita — respondeu a matrona secamente, franzindo o nariz.

A velha abriu a caixinha, fungou despeitada uma pitada de rapé e foi saindo. Na sala de jantar ainda parou um instante, na esperança de saber o que sucedia. Porque o ambiente da casa indicava novidade. Pressentia-o, com a argúcia imensa que sua curiosidade eternamente contrariada lhe fizera adquirir. Prestou atenção. Mas a flauta do Juca a impedia de ouvir. Então a velha desprendeu um suspiro e reentrou tristemente no seu quarto, a pedir a Deus que lhe mandasse a morte logo. Como lhe era vedado saber o que de mais interessante se passava no mundo em que vivia, desejava, pelo menos, conhecer as novidades do outro, que lá as deveria haver também.



D. Alípia, ainda melancolizada, voltou para a sala.

—Vá desembaraçar o cabelo — disse à filha —; você está feito uma bugra!

Angélica obedeceu, e a mãe tomou-lhe o lugar à janela. Ali ficou, pensando no desmazelo incorrigível da filha. Tão sem vaidade que nem parecia moça! Não escovava os dentes, andava de chinelas sem meias, a saia sungada, a cabeça caspenta. Que luta para fazê-la mais caprichosa! Felizmente, depois do namoro com o Bernardes, havia momentos em que despertava nela um pouco de garridice. Aquele hábito de pôr uma fitinha no cabelo, acima da orelha, por exemplo.

Recostada ao poial, a matrona remoía estas ideias, quando viu Licínio, já de regresso, apontar na extremidade da rua.

— Angélica! — chamou, volvendo a cabeça para o interior da casa. — Angélica!

A moça deixou o pente de um lado, e, jogando os cabelos para as costas, atendeu correndo ao chamado. Foi-lhe atrás a pretinha Flauzina, que a ajudava a pentear-se.

— Lá vem ele outra vez — disse D. Alípia, alvoroçada.

E postaram-se ambas à janela, esperando o moço, a caraça da mãe sobre o rosto da filha. Noêmia, que ouviu o chamado, veio também e trepou no rodapé saliente para espiar. A pretinha Flauzina enfiou a cabeça de um lado. Até o Juca, apressurado, largou a flauta e foi erguer uma vidraça da “varanda”. Licínio, ligeiramente desconcertado, cumprimentou e passou.

Do consultório vinham berros insistentes do Dr. Lopes Coutinho, que queria saber a causa do rebuliço.

— Alípia! Alípia!

A esposa não respondia, interessada em acompanhar o moço até a esquina encobri-lo.

— Que houve, Alípia?

— O Licínio! — informou a mulher, entrando no gabinete. — Depois que passou, olhou para trás duas vezes!

O doutor, bem-humorado, deu uns tapinhas na cabeça da filha, galhofando:

— Então temos namoricos, hein, senhora dona?

Angélica safou-se aos pulos para o espelho, fazendo barulhada grande de chinelos. A moça nunca tinha expansões com os pais. Só gostava de conversar com a Flauzina. A negrinha foi-lhe no encalço, rindo. Noêmia voltou para o Lolô e Juca para a flauta. Apenas nesse momento, um tanto atrasada, saía D. Rita do seu quarto, perguntando assarapantada a todos que enxergava:

— Que foi? Que sucedeu?

Não houve uma alma caridosa que lhe desse resposta.

## CAPÍTULO VI

Pelo Juca, com quem se encontrava às vezes, Licínio soube que Angélica se havia confessado; por essa razão, na manhã do dia imediato, que era um domingo, ele se dirigiu à igreja, esperando vê-la, na primeira missa, comparecer à comunhão. O moço fez triste-nho esse trajeto: lembrava-se de que era provisória sua estada em Três Barras, e antecipadamente doía-se da ausência. Cada dia que passava arraigava-o mais naquele arraial, mercê da paixão nascida na noite do baile. Não suportava passar vinte e quatro horas sem ver Angélica. A menina enfeitiçara-o de tal arte que ele vivia num estado de semipatetice permanente, toda a alma concentrada nela. Orçava pela monomania. Tudo, menos o seu amor, tomara para ele uma feição de inexistência. Sua mãe, São Paulo, a Academia, as pessoas da povoação, eram como entes e coisas fantásticas, parecendo-lhe existirem na irrealidade dos sonhos. No mundo apenas havia Angélica. Ele estranhava a própria transformação, levando-a à conta de milagre. Se refletisse bem, não veria, todavia, motivo de estranhezas, porque se transformara assim em cada um de seus namoros anteriores.

“Amo Angélica”, dizia a si mesmo. “É inegável. Amei-a repentinamente, desde o primeiro momento em que a vi. Mas por que a amo?”

Por quê! Ora, um namorado a perguntar-se sobre coisas destas! Porque...

“Compreendo agora!”, refletiu, súbito iluminado. “É porque é única, inigualável. Que outra moça sabe olhar com a doçura de seus olhos de avezinha inocente? Que outra alma se vê assim candidamente espelhada num rostinho de anjo?”

Ora, já estão aí duas razões, embora pouco convincentes, da superioridade da moça. Sofismas de namorados! A verdadeira ele atinou alguns passos além, continuando o caminho da igreja.

— Angélica é única, não pela beleza, ou pela elegância, ou pela graça — nada disso! —, mas por esse eflúvio sobrenatural que dimana dela, essa radiação imponderável do que quer que seja, que a faz quase divina.

Licínio ficou contente por ter achado a solução do enigma; mas, ao entrar na igreja, sustou-se repentinamente, como se alguém, atravessando-se em seu caminho, lhe embargasse o passo. Esse alguém foi uma ideia súbito ocorrida: “E se ela não me ama?”. Nada mais plausível que essa dúvida, pois, para aquela criatura celestial, única, que podia valer um mísero estudante como ele?

Se Angélica não estivesse tão próxima, era provável que perdesse o sofrimento ocasionado pela dúvida, mas a só circunstância de tê-la a dois passos de si, bastava para remover-lhe todas as nuvens do espírito. Porque ela estava ali, adivinhava-o, do outro lado daquele guarda-vento da entrada, a poucos passos de distância. Não precisava vê-la para o saber; dava-lhe o amor a intuição disso; sentia no âmbito um como perfume de flor agreste, que acusava a sua presença. Ele a via com o pensamento. Poderia até determinar o lugar em que a moça estava: num banco da frente, à direita. Ó fenômeno admirável, telepático, ó telegrafia das almas que os sábios negam, os sábios de visão curta e coração seco, que nunca conversaram alma a alma, à distância, com um anjo querido!

Lamentando a imbecilidade desses sábios, Licínio entrou. Esperava-o, porém, uma decepção. Angélica ainda não estava lá, nem no banco da frente, nem em parte alguma da igreja. Esta ainda se achava quase deserta; ele se antecipara muito à hora da missa. A desilusão restituiu-o à melancolia da dúvida. “E se ela não me ama?” Viu-se

humilde, indigno de Angélica, a começar pela diferença de posição social. Ele por si ainda era apresentável, tinha o seu polimento e traquejo social, e esmerava-se em se vestir decentemente; mas sua mãe! tão decaída, tão descuidada! Costureira de pobres, e considerada apenas pelos Pedros Carpinteiros, Quinas, e gentalha igual. E a família de Angélica! “Que contraste!”, pensava Licínio, evocando a figura enérgica e sisuda do Dr. Lopes Coutinho, o capacete frígido e a figura repolhuda de D. Alívia, a arredada distinta de seus filhos moços. Ele esmoeu estes amargos pensamentos durante o tempo da espera. Com a aproximação da hora da missa afluíam os frequentadores matinais da igreja. A cada rumor de passos o coração de Licínio dava-lhe rebates telepáticos dizendo com alvoroço: “É ela!”. Ele olhava: ilusão! Começou a achar cansativa essa série de pequeninas decepções. Distraiu o pensamento com outras ideias, e tão bem o fez, que, quando deu acordo da realidade, viu, num sobressalto, a família do médico já no interior da igreja. Vinham apenas o Dr. Lopes e os filhos. Entre estes, Angélica, trajada de branco, como na noite do baile; tão branca, dos sapatos à fita dos cabelos, que Licínio a comparou a um ramo de jasmim. Seus olhos roçaram pelos do estudante, baixando-se, ato contínuo, perturbados. O moço sentiu-se felicíssimo. Foram sentar-se no banco dos comungantes, que ficava na primeira fila. Licínio achou no facultativo o ar grave e austero que o impressionara na noite do baile. Sua calva, grande e lustrosa, dava-lhe um aspecto de solenidade e pensamentos profundos, aureolando-lhe a frente de uma espécie de prestígio científico.

Até esse dia, Licínio encarara com menosprezo as coisas de religião; mas o espetáculo daquele homem de semblante augusto e encanecido no seu elevado mister de médico, que ali vinha comungar como qualquer paroquiano humilde, dando público testemunho de sua fé, abalou-lhe o ceticismo indiferente. Pois o doutor, fundo conhecedor de biologia, ele que no seu tirocínio clínico desmontara a máquina humana em todas as suas peças, que vira o que nela há de empírico e falível, e a dependência em que a alma está de toda essa falibilidade, verdadeiro reflexo dela na sua imperfeição de efeito de

uma causa defeituosa — ele, que o sabia, prosternar-se aos pés de um padre e suplicar perdão para suas culpas!

Angélica, a seus olhos, também nobilitava a religião. Como pudera, leviano, escarnecer as ideias em que a moça, uma alma de eleição, acreditava? Tão celestial pureza podia enganar-se? Impossível!

Licínio estranhou a falta de D. Alívia. É que as muitas ocupações não lhe deixavam tempo para ir à igreja. Religião não lhe faltava, e gostava de que todos os da família cumprissem com zelo seus deveres para com Deus e o padre Gauquério, pessoa influente e muito da consideração da família, e que podia mais tarde encarregar-lhe algum dos filhos na política. A matrona exigia dos seus que fossem católicos praticantes. Pois até o doutor, não conseguiu fazê-lo crente fervoroso após cinquenta anos de ateísmo inveterado? Obrigava os rapazes da fazenda a confessar-se na quaresma; e, todos os domingos, se vinham a tempo, ela exigia que, antes da prestação semanal de contas, fossem à igreja, onde eles ouviam a missa ungidos, a exemplo do pai, que respeitavam muito.

Embevecido em Angélica, Licínio não teve acôrdo do decorrer do tempo. Lembrava-se vagamente de que ouvira o soar de campanhas e notas plangentes de harmônio; lembrava-se ainda da figura dos comungantes recebendo a hóstia de língua espichada, recolhendo-a em seguida à boca com infinitas cautelas para não roçar nos dentes; ouvira repique de sinos, notara dentro da nave rebuliço de fim de missa, e a dispersão dos crentes para as várias portas exteriores; a família do médico a sair, e, ao sair — acaso ou intenção? — Angélica que lhe dava um novo olhar.

Ele levou para casa esses dois olhares, como suficiente provisão de felicidade para muitos dias; parecia até que foram decisivos para sua carreira, pois uma resolução, que se achava escondidamente fermentando em seu espírito, atravessou, enquanto voltava da igreja, as várias fases psíquicas que medeiam entre o desejo vago e a decisão inabalável. Foi assim que, ao transpor a soleira de sua casa, Licínio murmurava: “Não vou mais para São Paulo”.

Lembrou-se de comunicar incontinentemente sua resolução à mãe. Não a viu na cozinha, nem a lidar com as costuras; pelo som de

machadadas que vinha dos fundos percebeu que arranjava lenha para o almoço. Licínio dirigiu-se para lá. Sentada no patamar da porta do terreiro, o moço viu, com repugnância, encorujada, uma forma humana. Era a Joanhina cega, arcadinha de velhice, que vivia num barracão, dependência da casa, que dantes servia para guardar lenha partida. Havia muitos anos, D. Ismênia cedia aos necessitados esse barracão, sendo a cega o último hóspede. Ali já estivera um paralítico, que morrera, depois a Canã, viúva pedideira de esmolos, com três filhas meninas, que havia mudado de terra; depois um preto papudo, tocador de urucungo, que sofria de “batedeira” e que um dia foi encontrado morto, caído do jirau que lhe servia de cama; era a vez da Joanhina, e já muitos, vendo-a quase acabada, tinham de olho a vaga, e iam teimar com D. Ismênia, que protestava:

— Gente, a Joanhina ainda está viva, não agourem a coitada! Não prometo nada!

Mas os candidatos não desistiam. Certos sábados os pedidores de esmolos se aglomeravam no terreiro, formando uma espécie de sessão magna, para decidir-se a sorte do quartinho da lenha, depois que a Joanhina o “desocupasse”. Cada um fazia seus arrazoados, havia disputas, armistícios efêmeros, novas discussões. Às vezes a própria Joanhina Cega tomava parte nos conciliábulos e emitia parecer, em sua voz tremida de octogenária:

— Quando eu desocupar, Sá Ismênia, cá no meu entender quem deve vir é o Bolão.

Era um mendigo meio louco, desbocado, quebrador de vidraças, e ferocíssimo para a molecada, que gostava de o perseguir a pedradas.

Bolão não, Bolão sim — e a discussão retravava-se. A Joanhina explicava: todo o mundo tinha-lhe birra, pelas suas más-criações; se uma alma caridosa como Sá Ismênia não cuidasse dele, o Bolão morria de fome.

E a questão ficava pendente.

Licínio sentia displicência por aquela miséria que diariamente acotovelava em casa de sua mãe. “Se eu ficar aqui”, pensou naquele

momento, “porei um paradeiro a isto”. Da porta do terreiro ele avistou a mãe, a rachar lenha. Meio de costas para ele, a viúva não o viu desde o primeiro momento. Licínio ficou-se na soleira a contemplá-la. Observava-a friamente, analisando-a, julgando-a, surpreendido de que laços tão estreitos de parentesco o ligassem àquele ente misérrimo. Era sua mãe! O que queria dizer, ele era efeito de tal causa; o seu nascimento dependera da existência daquele caco de gente, daquela figura humilde, encarquilhada e magra, que fazia *pendant* àquele outro resíduo de vida encorujado à porta, na forma da Joanhinha Cega.

O ambiente de decadência e velhice que o rodeava em casa, acobrihava-o. As relações mais frequentes, até então, havidas entre mãe e filho, eram o dinheiro da pensão, que ele recebia mensalmente em São Paulo. A imagem da mãe estava sempre aliada, em sua imaginação, à ideia de dar dinheiro. Ele não podia concebê-la agindo por outra forma, costurando, cozinhando, lavando, partindo lenha, pois nunca lhe ocorrera a reflexão comezinha de que as mesadas que recebia representavam o esforço, as vigílias, talvez o sofrimento de quem as remetia. Eram sentimentos como aquele que lhe davam, naquela casa, a sensação permanente de dolorosa surpresa que naquele momento ressentia.

E observava-a, desgostoso. Não! Aquela figura encarvoada, quase ridícula, não representava a seus olhos o tipo da verdadeira Mãe. D. Alívia, sim! E evocou-lhe a maternidade triunfante, a figura ancha e majestosa de carnes, meticulosamente asseada, contrapondo, em mente, às horríveis maranhas de cabelos grisalhos de D. Ismênia, a imponente trunfã da outra, alteada em capacete frígio.

A viúva expedia um arquejo, a cada machadada: cansaço, o fígado túrgido, a doer-lhe... E vendo-a desengonçada, angulosa, diligente na sua faina brutal, nem remotamente passou pela ideia do moço que ele podia e devia tomar do machado para aliviar-lhe a labuta; foi outra a ideia que lhe atravessou o espírito; foi uma comparação perversa: achou-lhe uns modos de macaca.



Anos depois ia lembrar-se daquele momento e daquela comparação com lancinantes remorsos.

Súbito a viúva surpreendeu-lhe a espionagem. Com um movimento de vexame deixou o machado e ajeitou algumas madeixas rebeldes de cabelo atrás das orelhas.

— Está reparando em mim? Essa lenha deixa a gente que é só carvão! Donde veio, meu filho?

— Da igreja — respondeu Licínio.

— Então você agora está devoto... Não será algum namoro?

E a mãe sorriu à descocha do moço que não quis negar.

— E foi saindo tão caladinho, sem esperar café! Venha tomar.

Levou-o para dentro. Enquanto bebia o café, Licínio, espaçando os goles, expôs à mãe sua nova resolução. Não tinha vocação para os estudos e a estadia em São Paulo era dispendiosa...

— Que loucura, cortar sua carreira! — observou a mãe.

— Mas também, como estudar? — ponderou ele. Por mais sacrifícios que a mãe fizesse, matando-se no trabalho, a mesada que remetia era insuficiente. Ele vestia-se mal, acanhava-se com a sua inferioridade de fortuna junto aos demais colegas... Insistiu nisso. Insistiu com certo amargor, tirando a culpa de si e pondo-a na mãe pobre; e, pela convicção com que alegava, notava-se que havia conseguido convencer-se a si mesmo. Mostrou suas roupas já velhas, os sapatos furados, falou no aumento crescente do preço das pensões.

— É impossível continuar assim, mamãe. Só se a minha mesada fosse o dobro.

D. Ismênia ouviu-o atenta, desconfiada de que naquilo tudo andasse sugestão de namoro.

— Licínio! isso é outra coisa que você não diz.

E ela moveu o dedo à altura do rosto, numa intimativa a que lhe revelasse os pensamentos ocultos.

— Ora, minha mãe! — respondeu ele.

Nesse "ora" pôs certo mau humor que magoou um pouco a viúva, que não objetou mais nada. E, meditando um pouco, ela não tardou a conformar-se. Os últimos exames perdidos provavam

bem a frouxidão de vontade de Licínio, que não se esforçava o bastante. E, ainda mais, a indiferença dos outros filhos, o esquecimento ingrato em que antecipadamente eles a davam por morta, pouco lhes importando que ainda um resto de vida se agarrasse renitente naquele corpo velho, que já havia cumprido para eles sua missão materna... Tanto que os criara mimados! Tanto que se dera a eles, no desejo de fazê-los felizes! E a indiferença a espessar-se cada vez mais entre eles e a mãe, afastando-os irrevogavelmente dela... Restava-lhe Licínio, Licínio apenas! Não voltando ele para São Paulo, ela o conservaria junto a si, reavivando-lhe a estima ao calor de seu afeto, apegando-se egoisticamente a esse resto de felicidade que a vida esmolava à sua velhice triste. Far-se-ia indispensável a ele, para que nunca a abandonasse.

— Não pôde, porém, deixar de revelar-lhe uma inquietação:

— Que futuro você vê aqui, meu filho?

Licínio respondeu com um gesto vago. O futuro! Não o afligia o perscrutá-lo. Não via, na sua imprecisão de bruma, nem ameaças de catástrofe nem outra coisa tétrica; o futuro para ele era um indeciso amável, aclarado por um resplendor branco e puro, puro como Angélica, branco como o vestido dela na noite do baile...

No futuro ele via Angélica, somente.

## CAPÍTULO VII

Em frente à janela do quarto de Licínio a rua vivia cheia de papeizinhos picados. Se acaso alguém se baixasse com curiosidade e tomasse alguns, leria neles “flor agr”, “constanc”, “jo do meu cora”, “Angélic” e outras coisas idênticas. O indiscreto poderia supor que eram bocados de cartas amorosas; mas não! tratava-se de fragmentos de versos. O amor pela mocinha bulira com a veia poetizante de Licínio, que lhe havia já dedicado dezessete sonetos e uma legião de quadrinhas, além de uma poesia comprida em que descrevia a noite do baile, toda estribilhada, na toada do “Marília, escuta”, com estes versinhos saltitantes:

“Quando te vi  
Toda de branco.”

Por sinal que a rima em “anco” lhe fizera suar o topete. Em quase todas as estrofes acentuava o seu feitio de flor singela e a contrapunha a Ercília, que vergastava com sarcasmos. Era a bonina perfumosa dos campos, inocente e pura, nívea e casta, etérea e aérea, modesta, sim, mas cheia de um grato encanto natural, que não tinham as outras flores *mais pretensiosas* (com vistas à outra). Espalhara a esmo alusões vagas ao Bernardes, cheias de “quicás” melancólicos de um longe ciúme, considerando-o mais digno e... quicá mais feliz do que ele...

Por mais que encarecesse as qualidades de Angélica, Licínio nunca se julgava culpado de exagero. Ela era realmente única, uma

exceção em todo o universo. E por que motivo uma exceção admirável dessas, sendo o mundo tão grande, foi aparecer exatamente num lugarejo ínfimo como Três Barras? Oh, o mais surpreendente dos acasos! Maravilha inexcelsível!

Ele não podia compreender que houvesse pessoas que se apaixonassem por outras moças. Quando lia nos jornais que fulano casara com beltrana, pasmava-se cheio de dó de um erro desse quilate.

Licínio esmoía mais uma vez estas reflexões ao refazer, um dia, a trajetória habitual pela rua do médico. Verdade é que tais reflexões ele as esmoía em qualquer parte e a qualquer hora,

“De noite, em doces sonhos que mentiam,  
De dia em pensamentos que voavam”,

chegando a ponto de ocuparem poeticamente seu espírito até nos instantes em que ele se dava aos atos mais prosaicos.

Na rua da moça, já chamava a atenção com suas deambulações para lá e para cá, que o faziam parecido a um pêndulo. A comparação é ainda mais verdadeira pela sua tendência em estacionar no justo meio, que era a casa de Angélica. Isto quando acontecia estar à porta o Juca, a quem Licínio dava dois dedos de prosa delicada, recusando por acanhamento o convite para entrar, convite que Juca não deixava de fazer.

Naquele dia, ao vê-lo passar na rua, as mesmas caras curiosas acompanharam-no com a vista. O Tristão do alfaiate, que alisava umas calças, deixou o ferro queimando a fazenda, distraído, todo virado para a direção em que vinha o moço. Este, que o viu e cumprimentou, teve pena de o saber apaixonado pela filha do Leôncio, a Augusta Mole-Mole. “Por certo não a ama!”, pensou consigo. Nem podia amá-la! Com exceção de Angélica, no mundo não havia moça capaz de inspirar paixão. “Talvez seja esperança dos seis mil contos do Moto-Contínuo.”

Nesse momento seu olhar pousou na fachada deserta do casarão do médico. Apesar de feia, como essa vivenda se diferenciava das mais! Tinha um aspecto solene, vetusto e como que dava à rua o seu prestígio.

Pareceu-lhe então ver sumir-se alguém que espiava para fora e cuja presença do primeiro relance ele não notara. Era decerto uma atalaia, porque não tardou as janelas do casarão se atafulharem de muitas caras humanas.

O moço encanzinou-se, perdeu a consciência das coisas.

Antolhava-se-lhe que não eram seus pés que pisavam as pedras da calçada, e começou a sentir na cabeça suada um alvoroço de caspas comichentas. Acanhado de ver tantos pares de olhos assestados nele, não sabia se devia procurar Angélica com os seus. Foi quando Xanxã, pendurado da primeira janela do sobrado, lhe gritou:

— Bom dia, Sr. Licínio!

Ele correspondeu, risonho, e teve presença de espírito para cumprimentar os demais. Fê-lo atrapalhadamente, num cumprimento largo que abrangia todas as janelas. (Depois pensou se não teria feito melhor cortejando janela por janela.) Viu Angélica mover delicadamente a cabeça, viu o largo sorriso prazenteiro, de agradar visitas, com que D. Alípia lhe correspondeu à saudação. A matrona estava contente, soubera pelo Juca que Licínio desistira dos estudos, e isto aliviara-lhe o coração do receio de que ele lhe escapulisse como o bandoleiro Bernardes.

Licínio não sentiu perfeitamente saciada a sua sede de ver Angélica. A figura da matrona perto dela, sobre ela, como envolvendo-a num gesto de defesa, era um borrão no quadro a que a janela servia de moldura.

Ele apressou o passo, infernado pela coceira da caspa, que estava a gritar pelas suas unhas. Um pouco mais adiante ouviu Xanxã berrear outra vez:

— Bom dia, Sr. Licínio!

— Bom dia — respondeu o moço, desconcertado, voltando-se.

E mais além outro:

— Bom dia!

Era ainda o endiabrado menino.

Licínio ficou perplexo, mas resolveu tornar a voltar-se, correspondendo ao fedelho com um riso amarelo. Sentia-se ridículo.

— Bom dia! — soou outra vez, seguida de muitas outras.

O moço não virou mais a cabeça, embora ficasse incomodado receando que o achassem indelicado. Nesse momento surgiu-lhe no espírito uma pergunta desagradável. “Que dirá D. Alípiã”, pensou, “por eu passar tantas vezes nesta rua?”. E a essa pergunta subiu-lhe ao rosto uma onda de sangue. Sentia-se culpado. Naturalmente ela suspeitaria de namoro. E lembrou-se de sua casa humilde, de sua mãe humílima, do pote desbeijado, do enxergão de palha, de tudo o que lhe constituía humilhação em seu lugarejo natal, principalmente sua mãe, sua mãe a rachar lenha, de cabelos emaranhados e movimentos desengonçados de macaca...

A estas reflexões desanimadoras Angélica assumia maior prestígio, fazendo-se tanto mais preciosa e adorável, quanto mais inacessível. Se ela também o amasse, seriam dois a sofrer as angústias do afastamento, e, sofrendo com ela, sofreria menos; mas... amá-lo-ia Angélica, porventura?

Apesar de todos os olhares que a moça lhe dera, Licínio ainda duvidava.

“Angélica é um enigma!”, concluiu para si. E, pela primeira vez, cuidou compreender os poetas amantéticos que proclamam “Mulher! abismo insondável, mistério, assombro, confusão, logogrifo!”, o que tudo parecia endereçar-se com especialidade à mocinha.

— Sr. Licínio! — disse uma voz juvenil, coando-se através de seu pélagos de dúvidas.

Ele sobressaltou-se e viu Florinda, a costureira, que o chamava de uma janela.

— Então, não se diz mais “bom dia” à gente? Vai-se passando assim sem mais nem mais? E tão embevecido, santo Deus! Em que alturas não pairava essa alma! Estou quase a apostar que o senhor anda apaixonado!

Licínio deteve-se, satisfeito por ter uma desculpa para voltar-se e avistar mais uma vez a casa de Angélica. Julgou de longe reconhecer a moça e a pretinha Flauzina. Os outros haviam entrado.

“Enigma! amar-me-ás tu?”, perguntou-se ele, com a esperança surgindo-lhe n’alma, como um sol interior.

Florinda desfechou uma risada.

— Eu não digo? Gente! Até parece que está sonhando acordado!  
E confidencialmente, dobrando o busto no peitoral, para avizinhar-se do moço:

— Eu também sei de uma moça que anda muito apaixonada!

— Por quem?

— Por um tal Sr. Licínio!

— Quem é? — perguntou o rapaz, alvoroçado.

Ouviu-se um barulho de papel nervosamente fuxicado.

Era Siá Cota, numa janela perto, com um romance na mão, que parara de ler, angustiada.

— É uma tal senhora dona Angélica... — disse Florinda, observando curiosa o efeito de suas palavras em Licínio.

O livro escapou da mão de Siá Cota, caindo à rua. O moço pegou-o, restituindo-o à dona.

— Obrigada — disse Siá Cota em tom seco.

No auge da satisfação que lhe causava a confiança recebida, Licínio voltou-se para Florinda, perguntando:

— Como sabe?

A costureirinha disparou nova casquinada.

— Ah, meu Deus, isso não vai assim em dois tempos! Tenho muitos segredos a lhe contar, mas só o farei aos poucos, para obrigar o senhor a não se esquecer da gente. Apareça um dia, venha dar uma prosa, que lhe diremos tudo, não é, Cota?

A solteirona limitou-se a responder com um suspiro. O suspiro era a linguagem habitual com que ela exprimia seus sentimentos. Naquele momento o seu suspiro exprimia birra. Vivia de quizília com Florinda, pelo seu gênio de passarinho inconsequente, que a fazia intrometer-se em todo o namorico. Siá Cota não podia tolerar isso, achava uma inconveniência imperdoável. No íntimo julgava o amor de um rapaz a qualquer moça uma espécie de afronta à sua pessoa, um verdadeiro roubo. Se ela era a mais digna de todas! Dissesse-o a vasta ternura que tinha acumulada na alma, sem derivativo.

Sentia que faria feliz aquele que a amasse. Ter-lhe-ia um amor desesperado, e decerto também ciúme, muito ciúme! Seu natural era excessivamente ciumento. Dava-lhe zelos todo o amor inclusive o dos romances. Se num deles topava namorações, lançava-o para o lado, exclamando: “Que enjoamento! Não posso com essas anti-patias! Por isso é que prefiro o Júlio Verne, que é sério e instrutivo”. E como Florinda apreciasse exatamente os livros que Siá Cota desdenhava, a última censurava-lhe o mau gosto, dizendo-lhe que eram leituras impróprias para uma moça honesta.

Mas a birra ainda não ficou explicada. Licínio era para Siá Cota um romance desmantelado. Na noite do baile foram-lhe ao fundo da alma as palavras que o moço lhe dirigira. Parecia interessar-se tanto pela não ida da solteirona para um convento, que, apesar da firmeza de sua resolução, Siá Cota sentiu-se meio abalada; e, insistisse o moço um pouco mais, ela teria desistido. Essa noite e as seguintes Siá Cota passara insone, a idear romances de amor em que Licínio e ela figuravam de protagonistas. Robusteceram-se as suas esperanças vendo-o passar com tanta assiduidade naquele trecho de rua. Seu coração, batendo-lhe desordenado, dizia-lhe que era por causa dela. Com isso deu de ataviar-se muito, retocando a fachada avariada pelo tempo, e não saía da janela, a esperá-lo. Atribuía à timidez a reserva cerimoniosa com que o moço a cumprimentava, e, como a reserva persistisse, Siá Cota tencionava encorajá-lo. Bem merecia o pobrezinho essa condescendência, pelo trabalho de passar ali tantas vezes, sem reçar chuva ou sol!

Mas chegou-lhe aos ouvidos a história do namorico com Angélica, o que fez Siá Cota cair na realidade. Caiu com um “paf!” que a envelheceu dez anos.

Não há exagero em dizer-se isto. Quando a solteirona tinha algum desgosto que lhe afetava fundamente as fontes da sentimentalidade, esquecia o creme, ficava desgrenhada com o cabelo da véspera, tinha um filete de remela branca no canto dos olhos, vestia umas blusas amarrotadas e velhas, e isso lhe dava mais dez anos. Mas remoçava os mesmos dez, logo que se resolvia a cuidar de si.



Com a nova desilusão de que fora vítima, aderira mais firme à ideia de ir para um convento. Mas na vida tudo era tão difícil, até o sacrifício! Começava que ela nem sabia se existiam ainda conventos.

A irmã notara-lhe a mudança, e para vê-la enfurecida falava de contínuo sobre Licínio, com quem Siá Cota já começava a implicar.

Naquela tarde, ao despedir-se, o moço prometeu ir lá um dia; e acrescentou, sorrindo:

— Não vá crer, D. Florinda, que seja por interesse!

— Sim! sim! — exclamou a moça alegremente, como quem não acredita mas também não se zanga por isso.

Foi um dos dias mais felizes de Licínio. Chegou a ponto de não dar por si ao entrar na velha casa de sua mãe, em cuja soleira não o esperavam naquela ocasião as impressões desagradáveis do costume. As paredes esfuracadas do pardieiro ancestral resplandeciam como as de um castelo de fadas. Era efeito da irradiação de sua ventura. Foi quase meigo com a mãe, que viu sentada num banquinho baixo, remendando umas roupas velhas do filho. Esteve para fazer-lhe uma carícia, mas sentiu paralisar-se seu impulso vendo-a encarquilhada, angulosa, ridícula, inclinada como estava sobre a costura, com um *pince-nez* velho do marido acavalado no nariz, um caco de *pince-nez* de grau exagerado, que ela usava na falta de outro.

Licínio pôs-se de novo a contemplá-la mudamente, a analisá-la, com uma fixidez que seria perversa se não fosse angustiosa.

D. Ismênia em certo ponto interrompeu o serviço e levantou os olhos para ele. Vendo-se observada, teve um sorriso acanhado e tirou os nasóculos.

— Licínio, escute uma coisa, meu filho... — começou ela.

O moço dispôs-se a ouvi-la com a atenção que o modo com que fora dita essa frase reclamava. A mãe pôs as mãos sobre a costura e continuou:

— Há dias soube de uma coisa que me tem posto preocupada. Contaram-me que você gosta de Angélica... É verdade?

— É... — confirmou Licínio, baixando os olhos.

— Não se enleve com essa gente, meu filho! São graúdos... e nós somos humildes.

Este “nós” magoou o moço, como se se julgasse de uma esfera superior à da mãe.

— Você é criança, não tem emprego nem jeito para ganhar a vida, não vá por isso tomar a sério uma distração de rapaz. Ainda é tempo: volte para São Paulo, fuja dessa gente, que tomará a sério sua rapaziada, e mais tarde, quando você se quiser arrepender, não é mais possível.

Dito isto, a viúva tornou a pôr o *pince-nez* e reverteu pensativamente aos seus consertos. O moço nada disse, mas em pensamento entabulou uma argumentação cerrada com a mãe. Seu argumento decisivo era o clássico “Amo!” irrespondível, porque faz da sem-razão uma razão suprema. Equivale ao “Quero!” dos voluntariosos. E, quando se força assim a lógica, é mister que se desista de julgar as coisas à luz do senso comum.

Essa admoestação entristeceu o moço e deu mais força a seus sentimentos. Ao cair a tarde ele foi recostar-se ao peitoril duma janela, a contemplar o crepúsculo. Nesse momento memorava as palavras maternas, explicando consigo: “É porque mamãe não conhece Angélica, em sua simplicidade de florzinha celestial. Será possível que ela não veja que Angélica seria para mim um tesouro de felicidade? Por que só meus olhos veem o que ninguém vê? Que dom excepcional é este que possuo com exclusão de outra qualquer pessoa? Será que, ao criar-me, a natureza não usou seus moldes habituais?”.

Ele aceitou a hipótese, que era reanimadora; deixou-o orgulhoso de si e contente com o seu amor, tão contente que se lançou em pleno devaneio, na contemplação do poente. Cerrava-se a tarde. Na única zona iluminada do horizonte, esbatida de um verde tenro de avenca, sobrepunham-se longas faixas de nuvens castanho-escuras, que para cima se faziam menores e menos carregadas de cor. Semicerrando os olhos, figurou-lhe estar vendo um mar infinito, semeado de recifes. Uma das nuvens tinha a vaga conformação de

uma barca. E Licínio imaginou-se, mais Angélica, navegando aquele oceano intermínimo e sem ondas por um tempo sem fim. Eram os únicos tripulantes do batel, e este a única embarcação daquele mar. Ambos, sentados em frente um do outro, mergulhavam-se os olhos no fundo dos olhos, sentindo n' alma uma embriaguez eterna; e derivavam de manso, sem rumo e sem fim, a beberem-se reciprocamente as almas, naquela muda contemplação infinita...

## CAPÍTULO VIII

D. Alípia era muito econômica. Se descobrisse um erro, por pequeno que fosse, nas contas que os filhos da fazenda lhe prestavam, era certo repreendê-los severamente; e, como nada lhe passava despercebido, eles tinham o máximo cuidado de explicar o emprego de cada vintém. Não fazia roupas novas para os moços. Eles vestiam as que haviam servido ao pai. O corpo não era exatamente igual, mas — ora! — um refego aqui, uma ensanचा aproveitada ali, e iam prestando. Para aproveitamento dessas roupas havia uma espécie de hierarquia a observar. Ocupava-as primeiro o Afonso, por ser de mais idade e consideração; depois de algum tempo, passava-as ele ao Cosme, que por sua vez as herdava a Pedrinho — e em tal estado, que ninguém diria que aqueles tristes restos serviram um dia para ocultar as secretas nudezas do Dr. Lopes Coutinho. Em certas ocasiões os filhos, mordidos de ciúme, protestavam contra o esbanjamento de roupas novas para o Juca, o filhinho querido que ainda gozava a regalia de morar na povoação.

— Mas o Juca vai seguir os estudos, meus filhos — explicava D. Alípia —, precisa, por isso, apresentar-se com mais decência.

— Há de seguir mas é uma figa! — resmoneavam os descontentes, que tinham razões sólidas para descrer das esperanças maternas.

Eram, porém, rebeldias de momento. Aquietado o assomo de ciúme, eles se submetiam dóceis ao estatuto econômico com que a matrona os regia.

Para Angélica, D. Alípiã conciliara bem o desejo de vê-la vestir-se decentemente com os seus espíritos financeiros, arrematando no negócio do Fragoso uma peça de cassinha branca, meio avariada, oferecida a resto de barato. Como a peça era enorme, rendeu a Angélica sucessivos vestidos brancos, cuja cor, de colaboração com seu andarzinho pulado, lhe davam um ar suficientemente aéreo e níveo de nuvem, sílfide, e outras coisas etéreas que constavam dos versos de Licínio.

Foi a esse tempo que ela deu de ficar andeja. Procurava as outras mocinhas de sua idade, e ia com especial predileção à casa de Florinda, porque a costureira tinha o gênio alegre, e gostava de falar de namorados.

Não a encontrou, porém, Licínio, no dia em que foi lá cumprir sua promessa. Florinda, que foi ver quem batia, acolheu-o com expansões amistosas:

— Que milagre, Sr. Licínio! Quando podíamos esperar que se mostrasse tão gentil!

— Pelo que vejo não era muito favorável o juízo que faziam de minha gentileza...

— Era, era sim... Mas vamos para a varanda, porque sei que não é de cerimônias... Peço apenas que não repare na confusão.

Entraram na sala de jantar. Lá estava Siá Cota numa cadeira de balanço, em maré de langor, lendo um romance. Na mesa estendia-se um corte de vestido, que começava a ser talhado por um molde de jornal velho.

A solteirona, sem olhar o moço, disse-lhe um adeus de mão fugidia, com uma expressão transparente de ressentimento, um ar de pessoa desprezada que se queixa.

Dando largas a sua expansão de passarinho alegre, Florinda foi desobstruir uma cadeira, em cujo assento e respaldo se amontoava um caos de cortes de fazenda e “preparos”, e ofereceu-lha. Em seguida sentou-se perto de Licínio, apenas recostada ao rebordo de uma cadeira, onde se amontoavam tesouras e carretéis, por um hábito de pessoa atarefada que não está acostumada a perder tempo,

a não ser o estritamente indispensável para dar um dedo de prosa, e cumprir a obrigação, que toda moça tem, de se pôr de vez em quando à janela.

Florinda fitou-o com seus olhos vivos, ricos de deliciosos segredos, dizendo-lhe:

— Aposto, Sr. Licínio, que não veio para ouvir o que eu tinha para lhe contar...

— Perde a aposta.

— Ah! então confessa, Sr. Interesseiro!

— Mas também vim porque lhes quero bem.

— Mais bem do que a nós, quer o senhor a certa pessoa que sabemos, não é, Cota?

A irmã grunhiu qualquer coisa, erguendo os olhos sentimentais, grandes como olhos de novilha, para o forro da casa; dali baixou-os para o livro, fingindo que lia. Fingindo, sim, porque nunca passava a folha. Siá Cota estava em crise. Sentia que sua implicância pelo Licínio tendia a cair, cedendo de novo lugar a uma paixão desarrazoada. Atentando nela o moço achou-a esquisita, acabada. Eram os tais dez anos retromencionados.

Entre Florinda e Licínio encetou-se uma palestra animada sobre futilidades interessantes. Em pouco não houve mais sombra de constrangimento entre ambos, e a moça pediu licença para conversar trabalhando. Continuou a cortar o pano estendido na mesa pelo molde de jornais. Enquanto a tesoura o sulcava num ruque-ruque abafado, ela confidenciou-lhe:

— O meu segredo é que Angélica me tem dito que lhe quer muito bem. Mas muito, mesmo... Contou-me que começou a gostar do senhor naquele baile.

— Mas... o Bernardes?

Florinda deu um muxoxo:

— O Bernardes? Angélica nunca fez conta dele! Achou-o sempre afetado e antipático. Mais razão teria ela para enciumar-se... Olhe, ela anda meio enciumada com o senhor!

— Por quê? — perguntou o moço, surpreso.

— Porque... ouviu falar numa rival... numa sua predileta...

No auge da comoção, Siá Cota fungou ruidosamente, apurando o ouvido. Seu coração monjolava descompassado, fazendo-lhe cismar que essa predileta era ela.

— Numa rival?

— Sim... Numa mocinha de São Paulo... Porque é impossível que em São Paulo o senhor não tivesse alguma namorada.

Mal reprimindo bufos de despeito, Siá Cota levantou-se de repelão e foi ler para o quarto, a resmungar contra a irmã, a quem ela chamava tagarela e alcoviteira. Mas Florinda protestou:

— Alcoviteira, meu Deus! Já nem se pode conversar mais! Minha mana tem um gênio esquisito, Sr. Licínio... Não se ofenda com os modos dela, senão estaria a sentir-se ofendido a cada instante. Agora, tagarela, sou mesmo. Tenho qualquer coisa (mostrou a garganta) que me faz cócega aqui e me obriga a falar, falar, falar... Enquanto não falo muito não sossego...

Riram-se os dois; e, tornando ao primeiro assunto, Florinda insistiu:

— Confesse que deixou um “doce enlevo” em São Paulo.

— Juro que não! Nunca namorei — afirmou Licínio, esquecendo as oito ou dez pequenas que lhe inspiraram os versos de fabrico anterior.

— Pois direi a Angélica que o senhor jurou. A coitadinha vai ficar contente... Ah! outro segredo: ela anda queixosa do senhor, porque é tão amigo do Juca e depois daquele dia não voltou à casa dela...

— Mas D. Alípia... — começou Licínio, deixando entrever os receios que a matrona lhe causava.

— D. Alípia simpatiza muito com o senhor — atalhou Florinda —; acha-o um moço distinto, instruído e de futuro brilhante.

Licínio achava-se no pináculo da ventura. Não se lembrava de outro dia de felicidade igual. Quando se levantou para sair dizia para si que Florinda era a mais ideal das criaturas, depois de Angélica e de D. Alípia. Não se despediu de Siá Cota, que lá estava com os burros, sumida no quarto.

Fez o percurso até a casa num estado tal de ventura, que via apenas seus pensamentos, e nada do mundo exterior. Ao chegar, lembrou-se, por associação de ideias, de sua mãe, e da pergunta desta no dia em que lhe anunciara a resolução de não ir mais para São Paulo: “Que futuro você vê aqui, meu filho?”. Concentrando-se, para encará-lo, ele viu de novo o resplendor branco que o iluminava com a doçura de uma alvorada e o fazia ver diversas estradas ridentes que divergiam para todos os rumos. Como não serem ridentes, se uma luz tão doce as aclarava? Via idealmente a mesma irradiação de estradas que existiam num campo ao sair de Três Barras. Essas estradas materiais se sutilizaram em visão abstrata. Era tão exata essa superposição do concreto e do abstrato, que chegava a ser imbecil. Por exemplo, se Licínio fixava a atenção nas estradas de seu futuro, pedindo mais nitidez, mais pormenores, via um pinheiro seco com três casas de João-de-Barro ao lado de uma delas. Como no real, exatamente, o que não o deixava mais adiantado.



## CAPÍTULO IX

No domingo seguinte, D. Alípia, que ainda hesitava em fazer uma visita a D. Ismênia, recomendou ao Juca que levasse outra vez Licínio à sua casa.

Combinaram esse ponto com o cuidado minucioso com que os generais planejam uma batalha; de véspera não se falava noutra coisa, a tal ponto que D. Rita, sentindo o ambiente prenhe de novidades, vivia com o nariz adunco para o ar, farejando por toda parte, tentando adivinhar aquilo que se urdia em voz baixa, em torno dela.

Esperando os rapazes, marido e mulher estavam na sala; Angélica, à janela, sondava a ponta da rua; perto dela, Flauzina, sentada no chão, segredava-lhe, bufando de riso malcontido, coisas picantes, que faziam também a patroazinha rir-se.

Não tardaram os esperados. D. Alípia acolheu Licínio com o mais condescendente dos sorrisos, e o doutor apertou-lhe vigorosamente a mão. Apenas Angélica não se moveu da janela, a torcer nervosamente o lencinho de seda.

— Angélica! — chamou a mãe.

Mas a moça, paralisada de acanhamento, não atendeu.

— Desculpe, Sr. Licínio, minha filha é uma caipirinha! — explicou D. Alípia, sorridente.

Achando encantador o seu enleio, Licínio adiantou-se até a moça, que lhe estendeu a mão sem o olhar. E conservou-se à janela, arredia dos mais, como uma cabritinha arisca, corando de ver em vez, se Licínio lhe surpreendia algum olhar furtivo.

O moço, naquele interior, sentia uma impressão indefinível e embebedante. D. Alívia impressionava-o; achava-lhe maneiras nobres, de suprema distinção; tudo nela parecia-lhe perfeitamente adequado e harmônico, inclusive o buço carregado, que dava à larga boca um quê de severo e ao mesmo tempo maternal.

Sugestionavam docemente o moço as mínimas coisas da sala, que era como uma nesga extraterrestre, confinante com o céu. Cada pessoa ali, cada objeto, pareciam-lhe de valor inestimável; não fosse o ligeiro receio que lhe inspiravam os pais de Angélica, seria completamente feliz. Olhando em torno, dizia para si que, naquele canapé em que fora ficar, Angélica já se sentara: sua mão já teria tocado o lugar onde ele pousava a sua; tudo estava impregnado de sua existência — o peitoril da janela, a maçaneta da porta, o pedaço de céu que dali se divisava. A gravura da parede (um Napoleão vulgar num cavalicoque malpintado) seu olhar a santificara, e por isso equivalia para Licínio a uma raridade artística.

D. Alívia amavelmente perguntou-lhe por D. Ismênia, chamando-lhe ingrata por fazer-se fugitiva havia tantos anos. Não sabia se tinha motivo de agravo contra ela, Alívia; por sua parte, continuava a estimá-la do mesmo modo. Queriam-se tanto em solteiras! Contou episódios de seu tempo, frisando a intimidade da convivência. Em seguida perguntou a Licínio sobre seus estudos; e como o rapaz respondesse que desistira da carreira, a matrona aprovou, acrescentando que um moço como ele nunca se perdia, dado seu talento, amor ao estudo e outras prendas de estimação.

— É bondade sua, D. Alívia.

— Não é bondade, é justiça — retrucou ela, no tom com que D. João confidenciou à amante: “Não é remorso, é fome!”.

Licínio ainda protestou, porém debalde; D. Alívia continuou a afirmar que ele tinha belas qualidades que lhe garantiam um futuro brilhante.

— E, caso o senhor queira, poderá continuar os estudos mais tarde. Com os começos que já tem, ser-lhe-á fácil conseguir um diploma.

Pelo modo pensativo com que isto disse, parecia que a matrona estava a falar mais consigo mesma do que com o rapaz.

— Será fácil, não há dúvida — confirmou Licínio, definitivamente conquistado pela mãe de Angélica.

D. Alívia ainda conversou um bocado, em seguida pediu licença para sair da sala, pois ia “arranjar um docinho”.

— Oh! tanto incômodo! — exclamou Licínio.

— Incômodo nenhum! O senhor é muito merecedor.

E, voltando-se para o marido, que até aí ouvira quieto, com um sorriso abstrato:

— Converse com o Sr. Licínio, Lopes.

Deu ainda um olhar sorridente ao moço e saiu da sala.

Defronte de Licínio ficara sentado o Juca, que o olhava com simpatia, roendo silenciosamente as unhas. Angélica, do seu posto, dava-lhe uns olhares menos furtivos e mais frequentes que em começo. Cada vez que os olhos de ambos se encontravam, Flauzina, que os observava enrodilhada aos pés da patroa como um canito de estimação, abafava um riso convulsivo.

O Dr. Lopes Coutinho convidou Licínio a visitar seu antigo consultório. O moço admirou-se da boa ordem de tudo, e do brilho metálico dos instrumentos cirúrgicos. O doutor pôs-lhe à frente uma rima de livros comerciais, e, passando as folhas de um deles, mostrava a Licínio seu capricho. O moço elogiou-lhe a letra regular e bela. O doutor agradeceu o elogio e continuou a passar as folhas. Fazia-o devagar, religiosamente, e pelo ar de enlevo com que se mirava na sua obra, percebia-se que o motivo para a mostrar era pretexto para a ver de novo. Numa das folhas ele deteve-se, desgostoso, mostrando a Licínio:

— Há aqui esta manchinha, que não acho meio de tirar! Já tentei todos os meios, heureka, borracha, raspadeira, e nada! A folha já está quase furada. Isto me contraria muito!

— Mas não aparece quase — objetou Licínio.

— Aparece muito, muito! É a única mancha existente no livro, e me dá um real desgosto! Foi a Alívia, a causadora...

Era a ex-lágrima.

Folheou o resto do livro, não já com o agrado do começo, e depois tirou da rima outros, que mostrou também.

Terminado isso, o doutor ficou quieto, a olhar Licínio com uma expressão de cândida seriedade, que parecia dizer:

“Meu assunto acabou. Não sei mais que hei de fazer ou dizer para lhe ser agradável.”

O facultativo achou boa solução convidar Licínio a tornar à sala.

Ao vê-lo, Juca dirigiu-lhe a palavra:

— Você deve achar este lugar muito triste.

— Não, não acho — respondeu Licínio.

— Pois admira... Habitado a morar em cidade grande...

— Gosto mais daqui — asseverou Licínio.

— Deveras?

Juca boquiabriu-se. Não era possível! Para ele o sonho dourado era conhecer São Paulo, que em sua imaginação resumia todas as grandezas.

— Gosto muito mais — confirmou Licínio, com intenção, olhando Angélica, que, no auge da perturbação, mordeu nervosamente o beicinho ao passo que Flauzina caía numa casquinada surda e infundável, que abafava na manga do paletó.

— Tenha modos, Flauzina! — disse a moça, desapontada, dando-lhe disfarçadamente um pontapé.

O moço sorriu-lhe; ela entressorriu-lhe enrubescida. Juca ficou apavorado, sem saber se devia fingir que não via. Tirou a vista dos namorados e fixou-a na gaveta da mesinha. Nessa gaveta havia qualquer coisa que ele hesitava em tomar. Afinal levantou-se sem dizer palavra e abriu-a, desencafuando sua flauta. Volvendo a seu lugar, mostrou-a a Licínio.

— Eu tenho um irmão, o Afonso, que toca flauta muito bem — disse.

— Já tive ocasião de o ouvir — respondeu Licínio.

Juca fez uma pausa de expectativa. Como Licínio nada lhe pedisse, resolveu acrescentar:

— Ele está me ensinando agora.

— Toque alguma coisa, então.

— Não sei ainda quase...

— É modéstia.

Juca, ligeiramente acanhado, olhou a flauta; afinal criou coragem, e, embocando-a resoluto, anunciou:

— O princípio duma quadrilha. Só sei a primeira parte.

E tocou. Mas errou logo. Recomeçou, explicando que tinha errado. Depois da quadrilha vieram outras músicas, todas truncadas, principiadas apenas.

— Escute agora minha valsinha predileta.

Licínio, embevecido em Angélica, fitava-a a cada momento. Trocaram sorrisos. Flauzina tornou-se tão importuna com suas risadas intempestivas, que a mocinha a expulsou para dentro.

— Muito bem! — aplaudiu Licínio por delicadeza, ao terminar a valsinha.

— Agradecido — disse Juca. — Ouça agora o “Ora vai tu”.

— Na minha família todos têm muita vocação para a música, explicou o médico, despertando de um ligeiro cochilo, a que se deixara insensivelmente arrastar.

— Têm por quem puxar — observou Licínio —, pois eu soube que o senhor antigamente também tocava requinta.

— Ainda toco! — retificou o doutor acaloradamente. — Mas tenho perdido muito, por falta de exercício. O senhor julgará por si mesmo...

— Lopes! — disse severamente D. Alívia, que por decreto da Providência chegara à porta no momento em que o marido fazia menção de ir buscar o instrumento. O médico, tristemente, arrepiou caminho. E a mãe, dirigindo-se ao filho que repisava o “Ora vai tu”:

— Pare com isso um pouco, Juca, e traga o Sr. Licínio para comer um pires de arroz-doce.

Entraram na sala de jantar, onde a mesa estava posta com muita ordem. Noêmia, seriazinha, com o paletó arremangado a mostrar

os braços finos, acabava de colocar molhos de rosas nos vasos do aparador. Deixara sozinho o Lolô, que chorava desconsolado, estranhando a ausência da mãezinha. Meia dúzia de fedelhos dependeram-se às saias amplas de D. Alípia, em grita alegre, pedindo doce. A mãe os enxotava a rir forçadamente, afetando tolerância; conseguiu afinal serená-los com piscadelas terríveis, que prometiam coisas “para depois que o moço saísse”.

Licínio foi convidado a sentar-se no lugar de honra, e Angélica se postou na extremidade oposta. O moço apenas tocou no doce. Sentia na alma suave repleção de sentimentos; não se lembrava naquela hora de que possuía vísceras prosaicas que precisava atulhar de substâncias ternárias e azotadas umas tantas vezes por dia.

Instigado por D. Alípia, o doutor não se cansava de instar:

— Mais um pouquinho, o senhor não comeu quase! Um pedaço de queijo. Só?

— As laranjas, Lopes!

— Então uma laranja, ao menos! São da fazenda, e excelentes.

— Os caquis, Lopes!

— Prove este caqui. . .

Licínio aceitava, por prazer. Juca é que aproveitava a ocasião comendo valentemente o que Licínio recusava, a fazer-se desentendido das olhadas rigorosas de D. Alípia.

Soou atrás um passo leve. Era D. Rita voltando da missa. Ao chegar, pressentindo novidade, entrara pé ante pé, para surpreender algum segredo.

Atenuando sua prevenção com um ar de afabilidade forçada, D. Alípia apresentou:

— Minha sogra D. Rita, Sr. Licínio; não sei se já conhece.

O moço cumprimentou delicadamente.

— Quem é mesmo o senhor? — perguntou a velha. — Custa a reconhecer as pessoas. . . Ando com a cabeça muito fraca!

— É o Sr. Licínio, filho da Ismênia — explicou a nora.

— Licínio? filho de D. Ismênia? — inquiriu D. Rita, incrédula. — Não pode ser.

Encobriam-lhe tanto as coisas naquela casa, que bastava lhe dizerem isto ou aquilo, para ela desconfiar de que se tratava justamente do contrário. Por isso pôs-se a examiná-lo meticulosamente, querendo ver tudo claro à luz da maior certeza possível.

— Sou eu mesmo, D. Rita — respondeu o moço, submetendo-se risonho à inspeção.

D. Alípia irrompeu, perdendo a paciência:

— D. Rita, a senhora está a ver que é o Sr. Licínio mesmo, e põe-se a fingir que não o conhece!

Tendo a velha, afinal, presunções veementes para supor que não lhe encobriam a verdade, resolveu tomar a mão que Licínio lhe oferecia, e que, desde a apresentação, pairava desconcertada no espaço intermédio aos dois. Depois que a segurou, não quis mais largá-la. Reteve-a prisioneira, como refém, até que o moço lhe dissesse qual o seu nome todo, quantos anos tinha, se ainda ia para São Paulo estudar, como passava sua mãe, por que a Joaquina Cega não pedia mais esmolas. Licínio respondia a tudo, satisfeito pela cordialidade com que o tratava a avó de Angélica, título valiosíssimo a seus olhos. A velha também satisfeita por achar quem lhe respondesse a todas as perguntas não lhe largava a mão, indagando novas coisas. Conservou-a segura até a hora de voltarem todos para a sala de visitas, que foi o pretexto que D. Alípia achou para atalhar o interrogatório infundável.

Instantes depois chegaram também da missa os três rapazes da fazenda, de quem a mãe exigia maior religiosidade que dos outros filhos, para sempre prestarem contas boas e honestas. Afonso olhou carrancudo a Licínio, cumprimentando-o com mau modo, ao passo que os outros dois o encararam com ar fraterno.

Pouco mais se demorou Licínio em casa do médico, para não ser importuno, pois calculava que era aquela a hora solene em que os pais e os três filhos se deviam recolher ao consultório, para as terríveis contas da semana. D. Alípia e o médico acompanharam-no gentilmente até o patamar. Juca correu a tomar o chapéu para sair com ele. Ao transporem a porta da rua, a matrona ainda disse, do alto da escada:

— Já aprendeu o caminho, Sr. Licínio, agora é aparecer sempre, que nos dará muito prazer!

— Prazer todo meu, dona Alívia — respondeu o moço, que sabia as frases de uso.

E saíram.

A princípio nada se disseram. Depois, Juca, que procurava ro-deio para dizer certa coisa que lhe parafusava o espírito, quebrou o silêncio dizendo seus planos. Estudava os preparatórios para medicina. Concluídos que fossem, iria cursar a faculdade do Rio ou de São Paulo.

Aqui achou a transição suficiente e perguntou, mudando de tom:

— Diga-me uma coisa, Licínio, em São Paulo há flautas de treze chaves para vender?

— Decerto há — respondeu o interrogado.

— Dizem que são muito boas.

Calou-se um pedaço. Daí a pouco recomeçou a falar. Referiu-se aos irmãos mais velhos, contando os projetos falhos sobre seus estudos. Tomou um diapasão de confiança para revelar:

— O Afonso...

Hesitou um momento; mas de improviso resolveu ser franco:

— Olhe, de meus irmãos, o Afonso é o mais esquisito. É inteligente, sim, e tem muito juízo; mamãe pede-lhe sempre a opinião para resolver qualquer coisa de importância, mas é de um mau gênio... Um dia destes, porque o Pedrinho lhe chamou “pisca-pisca”, assentou-lhe um murro que lhe tirou sangue no nariz; e, faz uns meses, na fazenda — aqui baixou mais confidencialmente a voz — deu uma facada num capinador que quase o matou. Felizmente a polícia não soube, porque mamãe pagou o ferido para que nada dissesse. Mas o que eu lhe ia dizendo é que... ele tem implicância com você. Primeiro era com o Bernardes — você sabe, aquele cometa — depois virou para você. E isso à toa, à toa, só porque... Sem motivo nenhum.

Acanhou-se de completar a confiança. Calou um momento, pondo-se em seguida a falar de Angélica. Disse-lhe que a irmã tinha



quinze anos e ia completar os dezesseis no dia tal, dali a poucas semanas. Estimava muito a irmã porque era boazinha. E recatada. Nunca tivera namorado algum. Soube que se falara no Bernardes, mas era mentira, mentira deslavada.

Juca continuou a falar em Angélica, e era este ainda seu tema quando chegaram ao largo. Próximo do chafariz ele deteve-se, dizendo que dali voltava. Licínio lamentou separarem-se tão depressa.

— Preciso voltar — disse Juca.

Mas não se despedia, indeciso... Afinal cobrou resolução e perguntou:

— Você pode fazer-me um favor, Licínio?

— Pois não — respondeu o moço.

— É o de encomendar-me de São Paulo uma flauta de treze chaves. Você tem conhecidos lá, não lhe será difícil...

— Com todo o gosto — respondeu Licínio.

— Pois será um grande obséquio. Quando vier, eu lhe darei a importância.

— Não falemos nisso.

E separaram-se.

## CAPÍTULO X

Passaram-se muitas semanas. Licínio voltara mais de uma vez à casa de Angélica, o que era facilitado pela sua amizade com o Juca. Já o tratavam ali com certa intimidade de parente, exceto o Afonso, cuja prevenção se conservava irredutível, malgrado as reiteradas ponderações de D. Alívia, que a julgava desarrazoada.

Perto do moço a matrona já não usava muita cautela para encobrir certas particularidades íntimas, como a sua ascendência sobre o Lopes, que do papel de chefe de família respeitado e temido descambava a figura meramente ornamental. Com o correr do tempo, D. Rita também decaiu do seu prestígio de “mãe do Lopes”. Quando surgia na sala e se dispunha a submeter Licínio a novo interrogatório, D. Alívia a remetia com palavradas azedas para o seu quartinho sombrio, cujos palmos de assoalho eram a única área da casa onde lhe permitiam francas deambulações. Licínio, não obstante o muito que venerava o tronco sagrado de que rebentara a celestial vergôntea — Angélica —, não desgostava dessa medida, que lhe parecia sensata e indispensável, como tudo aquilo que pensasse uma cabeça tão assisada como a de D. Alívia.

Num domingo achava-se Angélica defronte do espelho, desembaraçando os cabelos, à espera da visita costumada do rapaz. Flauzina auxiliava-a. A pretinha tomara a precaução de taramelar a porta do quarto, para dar-se ao regalo de puxar umas fumaças do cigarro que trazia escondido no seio, junto com a caixa de fósforos

da cozinha, suja de carvão e gordura. A intervalos deixava o toco num canto do lavatório e ia a mandado de Angélica espiar “se o moço já vinha”.

Numa das vezes em que a rapariga foi inspecionar a rua, Angélica, depois de dar a última demão ao penteado e ajeitar a um lado da cabeça o lacinho com que costumava prender uma madeixa, dispôs-se a ir para a sala. Vendo no lavatório o toco de cigarro, parou para acabar de fumá-lo. Acendeu-o de novo, e, enquanto lhe aspirava as fumaças espessas, pensava em seu namoro com Licínio. Gostava do moço. Não tanto como do Bernardes, mas sentia prazer em vê-lo e namorá-lo, em receber os olhares de adoração que ele lhe lançava, uns olhares humildes, que pareciam estar de joelhos e de mãos postas. Preferia, porém, os olhares do Bernardes, intimativos, como dotados de magnetismo, que a punham tontinha, tontinha, como um inseto fascinado pela luz. Sentira despeito vendo-se preterida pela Ercília, mas um despeito que não chegava a ciúme e não a molestava em excesso. Não achava o Licínio feio, e parecia-lhe bom rapaz.

Agradava-lhe a ideia de um dia casar com ele. Via-o mentalmente, mais a si, vivendo juntos, cercados de filharada numerosa. Aos domingos andariam de braço pelas ruas de Três Barras, a pagar e fazer visitas. Comeriam à mesma mesa, dormiriam na mesma cama. Ele haveria de usar aqueles colarinhos altos que lhe assentavam tão bem, e traria sempre as botinas cuidadosamente engraxadas como usava.

Este prospecto de vida comum parecia-lhe interessante, e seu espírito, como o do vulgar das mulheres, não ia a maiores funduras sentimentais.

Em suma, Licínio, tal como era, agradava-lhe muito. Numa coisa, porém, preferia vê-lo modificado: era no modo de olhar. E havia de modificar-se, pois, cada vez que o moço lhe fitasse seus olhares humildes com que a envolvia em adoração, ela observaria: “Assim não, Licínio, olhe-me fixamente, imperativamente!”.

— Evém, Sá Angélica, evém! — exclamou alvoroçada a negrinha irrompendo pelo quarto.

— Já?

Antes de correr para fora, Angélica se mirou ainda ao espelho, ajeitando o penteado. Quando ia sair, Flauzina reclamou:

— Gentes! e meu cigarro que larguei aqui?

— Fumei — disse a moça, rindo.

— Ah! ladra!

Angélica disparou para a saleta de entrada, pois já se ouviam os passos do moço subindo a longa escadaria. Para a mesma saleta, a fim de recebê-lo, convergiram em poucos instantes Noêmia, D. Alípia e o Dr. Lopes Coutinho.

Introduzido solenemente na sala de visitas, aí o trataram com a habitual distinção. D. Alípia esbanjou, em seu proveito, tesouros de maternidade afetuosa, e os demais requintaram igualmente em gentileza.

— Onde está o Juca? — perguntou certo momento Licínio, dando por falta dele.

D. Alípia respondeu-lhe que se achava em casa do vizinho alfaiate, a exercitar-se num velho piano de cauda, que, de tão desafinado, fazia muitos anos que servia a seu dono unicamente como mesa de corte.

De fato, ouvia-se próximo um subir e descer de escalas. Era o rapaz. A espaços parava numa tecla afônica, e martelava-lhe até arrancar-lhe um ruído que se parecia com uma nota.

Juca havia enjoado da flauta. Quando veio de São Paulo a de treze chaves, cara, de ébano e prata, com que Licínio o presenteara, já se havia desiludido de seu pendor para flautista. A vinda do novo instrumento fez renascer nele, por uns dias, a mania antiga; mas era tão complicado, tão inútil em suas mãos, que foi o golpe decisivo na sua vocação.

— Quero aprender um instrumento que se não precise acompanhar — disse. — Piano, por exemplo.

E fora o piano. No entanto, os estudos é que estavam sendo prejudicados. Fazia meses que o pai, desistindo de encarreirá-lo, não o chamava nem uma vez à lição. D. Alípia também não insistira mais,

sentindo desvanecer-se sua veleidade de ter um filho doutor. Para ela, agora, tudo era “a sorte”, fórmula comodista que exonerava de responsabilidades ou dispensava do trabalho de resolver; se “tivesse de ser”, o Juca um dia seria alguma coisa; se não, a lavoura estava ali para recebê-lo, tanto mais que a fazenda prosperava, e os filhos mais velhos reclamavam mais um auxiliar.

— Irá o Juca — disse D. Alípia.

— Irá o Juca, se... — respondeu o pai.

Este “se...” era o último esforço, facilmente combatível, com que ele procurava reter o filho.

Juca horrorizou-se quando soube da possível resolução dos pais.

— Não tenho vocação para a lavoura, mamãe — protestou com veemência —; nasci para os estudos ou para a música. Ainda hei de ser um grande pianista!

D. Alípia não discutiu nem respondeu. A opinião do Juca não pesava. Veria. Para o filho, no entanto, a coisa mais sagrada do mundo era a “vocação”, e ele a alegava como argumento irrespondível. Era hábito proferir-se esta palavra em sua família com tanta unção, que ele a reverenciava, como ao nome de uma potestade suprema.

Àquele ponto ouviu-se um tropel de cavalos, e dali a pouco subiam a escada, lentamente, os três irmãos da fazenda. D. Alípia foi-lhes ao encontro, recebendo-os com palavras de acre censura por terem faltado à missa. Não sabiam que era esse um dever de cristãos, de administradores honestos, e filhos obedientes?

Todos ouviram em silêncio e de cabeça baixa. Quando a mãe finalizou, desculparam-se com o trabalho excessivo.

Terminada esta cerimônia preliminar, indispensável para a conservação das boas normas de disciplina com que os regia, a mãe conduziu-os para a sala, a fim de “estarem com o Sr. Licínio”.

— Desculpe os trajes de meus filhos — disse —; andaram três léguas a cavalo!

O moço, levantando-se para cumprimentá-los, conturbou-se vendo o rosto carrancudo de Afonso, que lhe estendeu a mão estrangido, grunhindo um “bom-dia” feroz. Lembrou-se de que era

temível, de que dera facadas num camarada, e de que estava prevenido com ele, Licínio. A essa rápida reflexão, um arrepio fino desceu-lhe ao longo do espinhaço. “Tolice!”, pensou consigo, para afugentar essa impressão importuna; um irmão de Angélica não podia ser mau rapaz. Aquilo eram modos sisudos e concentrados de quem tem muito em que pensar. Mesmo se existisse prevenção, seria até razoável, por causa da canalhice de certos tipos namoriscadores como o Bernardes. Um dia, quando reconhecesse suas intenções leais, Afonso julgá-lo-ia merecedor de sua estima. Cumprimtando Pedrinho, achou-o, como sempre, com o ar alegre de pessoa contente consigo e com os outros. Quanto ao Cosme, o ar estúpido do costume.

Avisado de que Licínio se achava em sua casa, Juca subiu a escada correndo.

— Bom dia! — exclamou, entrando a sala. — Não sabia que já estava aqui.

Olhou de soslaio os irmãos, de quem pouco gostava.

Vendo-os juntos, a todos os quatro, Licínio confrontou-os, entre si, resultando desse confronto conclusão favorável para o Juca: era desembaraçado, bem-vestido, tratável; os outros tinham um aspecto matuto aumentado pelas roupas desajeitadas, que bem se via terem sido feitas para outro corpo.

Os irmãos lançaram ao Juca um olhar atravessado de inveja odienta. Sua prevenção contra ele revelou-se dali a pouco, quando, depois de tocarem em vários assuntos, Afonso voltou-se para a mãe e perguntou:

— Quando é que o Juca vai para a fazenda?

D. Alípia ficou constrangida; não lhe agradava que os filhos, em presença de terceiros, se esquecessem de prestigiar o Dr. Lopes Coutinho, dirigindo-se a ela, e não a ele, para tomar resoluções que competiam a um chefe de família; por isso respondeu:

— Não sei... O Lopes vai resolver. Depois ele dirá.

— Eu, ir para a fazenda! — exclamou Juca. — Não nasci para caipira! E meus estudos?

— Juca! — censurou a mãe.

— Você já está velho para começar — tornou-lhe Afonso, ríspido.

— Começar?! — engalispou-se de novo o rapaz —; pensam que sou ignorante como vocês? Para o ano faço os preparatórios, não é, papai?

O doutor limitou-se a fazer um gesto vago. Estava meio deitado no sofá, e cingia com o braço a cintura de Noêmia. Os filhos da fazenda olharam isto como bom augúrio, compreendendo ter havido uma daquelas reviravoltas de afeto a que o pai era dado, e que substituíam um antigo predileto por outro. O médico enjoara do Juca, e Noêmia ia ser agora a queridinha.

Afonso, no entanto, replicou com ironia:

— Olhem o sabichão que vai concluir os preparatórios e ainda escreve “trouxe” com “c” cedilhado!

— Mentira! — berrou o Juca, possesso.

— Ora, mentira!

O irmão provou o que afirmava tirando do bolso do colete um bilheteinho preciosamente conservado, que apresentou ao pai. O Dr. Lopes Coutinho tomou-o, incrédulo; mas logo que leu abanou a cabeça com um jeito de condenação. Passou o bilhete a D. Alípia, que teve para o Juca um risinho que este achou terrível. Estava derrotado. Fora de si, dando rabanada, saiu da sala. Cosme, a quem a natureza, por um fenômeno de compensação, convertera a inteligência, que lhe fazia míngua, em voracidade excepcional, também saiu a esse ponto para varejar os armários, à cata de algum comestível. Cruzou-se com um batalhão ruidoso de crianças que subia as escadas em tropel, invadindo a saleta de entrada.

— Para trás, corja! — gritou D. Alípia.

O batalhão recuou, apavorado. Metade desandou escada abaixo; eram os intrusos, moleques das vizinhanças; os moleques da família, isto é, a filharada miúda, manteve a posição espalhando-se em correrias e altos gritos pelo interior da casa, a chicotear os cavalos de pau. O chefe, Xanxã, ficou na sala, todo ancho com seu capacete de jornal. Encarando com arrego a Licínio, exclamou em tom de quem reata assunto velho:

— E o tostão que me prometeu ontem?

Pondo as mãos atrás das costas, perfilou-se diante de Licínio, em atitude de quem espera. O interpelado amarelou de susto, porque apenas tinha no bolso uma nota de dois mil réis, a última que lhe restava dos cinquenta que a mãe lhe dera poucos dias antes.

— Não tenho dinheiro trocado, Xanxã — disse com voz acanhada —, porém amanhã pago a você.

— Vejamos se não tem mesmo — tornou o menino. — Vou passar-lhe uma revista.

E avançou com uma calma terrível, para pôr em prática a ameaça.

— Xanxã! — censurou D. Alívia, querendo debalde tornar severa a voz, que era toda tolerância materna, ao ver o menino precipitar-se em assalto sobre Licínio.

Estirado no sofá, também o doutor engrolou uma repreensão acariciando distraidamente os cabelos de Noêmia.

O pirralho revolveu todas as algibeiras de Licínio. Dum bolsinho sacou a nota, muito amarrotada.

— Olhe aqui, Sr. Mentiroso! Achei ou não achei? — exclamou o menino vitoriosamente, a fazer-lhe fosquinhas com ela.

— Este menino toma muita intimidade com os estranhos, mamãe — observou Afonso, cerrando os sobrolhos.

Pedrinho deu uma gargalhada, achando graça.

— Restitua o dinheiro, Xanxã! — ralhou D. Alívia, agridulcurosamente.

Licínio protestou:

— Ora, uma tuta e meia! guarde, Xanxã.

E assim se fez. Guardada a nota, Xanxã, pondo-se diante de Licínio em atitude de pulo, exclamou em voz de comando:

— E agora — firme!

O moço compreendeu que naquele dia ia repetir-se uma coisa muito desagradável. Perante a namorada, seu corpo, nas mais humilhantes posições, ia servir de trapézio para várias acrobacias do menino.

Xanxã, precipitando-se, montou-lhe na perna cruzada. Instalado aí, pediu-lhe que “galopasse”. Licínio, em postura incômoda,



fê-lo pular cinco minutos e trinta e cinco segundos. Quando queria afrouxar, estimulavam-no os coices que Xanxã lhe dava na perna, à guisa de esporadas, com os calcanhares enlameados, gritando:

— Upa, cavalo lerdo! Mais depressa!

Depois, trepando-lhe no cogote, pediu-lhe que corresse pela sala. Licínio o fez, suando, enquanto o menino pinoteava para excitá-lo, agarrado aos seus cabelos como às crinas de um animal. Ao rumor do galope, o resto da criançada veio do interior e atirou-se sobre o moço, subindo-lhe pelo corpo como correição de formigas assanhadas. Todos, à exceção de Afonso, que fechara tromba de desagrado, olhavam satisfeitos aquela cena tão edificante de amor aos pequeninos. Afinal, de fôlego curto, Licínio caiu numa cadeira. Xanxã esporeou-o de novo.

— Vamos! vamos! Que cavalo lerdo! Está querendo afrouxar!

O resto da petizada puxava-o da cadeira, instando:

— Outra vez! Outra vez!

E recomeçou o galope.

Sorrindo com benevolência, D. Alípia perguntou, quando o moço, derretendo-se em suor, caiu de novo na cadeira:

— Gosta muito de crianças, Sr. Licínio?

— Muito — respondeu ele enxugando a fronte.

Como os fedelhos fizessem muita algazarra, a pedir a continuação da brincadeira, D. Alípia enxotou-os, afinal:

— Basta, agora! Vão brincar lá fora. Deixem o Sr. Licínio sossegado.

— Não! Não! — protestaram.

— Já disse! Passa para fora, cambada!

Bateu o pé. A meninada espirrou por todas as portas.

Pondo os bofes pela boca, Licínio continuava a enxugar a testa alagada.

— Esse é um bom exercício, disse o Dr. Lopes Coutinho, porque faz suar. Lembro-me, até, a respeito, de um preceito de Hipócrates. É o aforismo n.º... n.º... Oh, esta minha cabeça!

Não precisava o número.

Bastava ser de Hipócrates e reafirmado pelo Dr. Lopes Coutinho, para que todos o achassem sábio e reverenciável.

Licínio admirou o saber profundo do pai de Angélica.

— Mamãe! — lembrou Noêmia, que estalava cafunés nas falripas ralas do pai. — E a víspora?

— É verdade, Sr. Licínio — acudiu D. Alívia —, havia-me esquecido de convidá-lo para uma víspora esta noite.

— Mamãe! — censurou Afonso, saindo de seu mutismo concentrado.

A matrona fez-se de desentendida. Licínio prometeu ir.

— Agora, meus filhos — disse D. Alívia a Afonso e Pedrinho —, vamos às nossas contas. Você, Lopes, fique aí com a Angélica, dando uma prosa com o Sr. Licínio. Se for preciso nós o chamaremos. E o Cosme? Esse Cosme... Onde estará ele? Vá buscá-lo, Afonso!

Afonso obedeceu, constringendo o irmão a acompanhá-lo. Cosme não o fez sem despedir-se, com um aperto d'alma, do resto do bolo destinado a Licínio, bolo que era inteiro e fora reduzido por ele àquele estado de resto. Mas não se despediu apenas com a alma que se lhe vazava pelo olhar guloso, e sim também com a boca que no momento extremo da separação ele atafulhou o mais que pôde. Ao entrar na sala, onde não contava encontrar mais o moço, parou boquiaberto, na sua atitude mais cretina, mostrando entre as maxilas resíduos “do bolo para o Sr. Licínio”.

— Venham, meus filhos! Às contas! — determinou a matrona.

E foram entrando no consultório.

— Alívia... — implorou o médico, segurando-lhe levemente o braço. — Alívia...

A matrona deteve-se.

— Que é, Lopes?

— Se eu fosse ver a requinta... — continuou ele, com a voz e os olhos súplices. — O Sr. Licínio gostaria de ouvir-me tocar...

— Muito, muito — afirmou o moço cordialmente.

D. Alívia, depois de hesitar, cedeu, descontente:

— Pois toque, Lopes. Mas você não sabe nada.

— Eu! — revoltou-se o marido. — No meu tempo...

— Ora! — atalhou a mulher. — Isso foi no seu tempo. Hoje o tempo não é seu, e sim da geração nova. Mas pode ir buscar o instrumento.

Para atenuar a autoridade com que falara ao marido, explicou a Licínio:

— Oponho-me a que o Lopes toque, porque lhe faz mal ao peito.

— Oh! nesse caso!... — conveio o moço.

Mas o médico, rejubilante, já tivera tempo de ir buscar a requinta, e voltava com ela triunfalmente na mão, e mais um molho de velhas partituras.

A mãe e os três filhos trancaram-se no consultório.

— Vá buscar, Noêmia! — disse o doutor à menina, que compreendeu de que se tratava.

Não tardou, ela trouxe uma estante exígua e leve, que colocou num ângulo da sala.

O médico postou-se em frente, ladeado pela menina, que devia virar as folhas da música.

Antes de principiar, o doutor voltou-se, anunciando o Carnaval de Veneza. Ato contínuo embocou o instrumento e começou. Licínio, atrás dele, apreciava-lhe a calva pelo seu lado posterior, que era igualmente majestoso. Notou, porém, que o modo por que o médico inchava as bochechas em sua função musical lhe tirava um tudo-nada da majestade impressionadora do seu aspecto.

Enquanto a requinta se esganiçava horripilante, Licínio sentia-se feliz vendo-se quase só com Angélica. A cadeira da moça convizinhava com a sua. Ele olhou-a, ela olhou-o, sorriram-se, disfarçaram; depois olharam-se de novo e novamente sorriram, e desta vez não disfarçaram, quedando-se em recíproca e muda contemplação. Então, tremulamente Licínio avançou a mão e tomou-lhe a mãozinha nívea; Angélica abandonou-a, inerte, na sua; a palma estava quente e úmida. Como o doutor parasse, voltando-se, para anunciar o “*Stabat Mater*”, num movimento rápido retrairam-se; depois, de manso Licínio retomou a adorável mãozinha.

Sentia numa exultação indefinível. Não lhe parecia possível existir felicidade superior à daquele contato. Ela sentia-se também feliz. Quanto tempo assim ficaram, de mãos dadas? Não o saberiam dizer, porque o êxtase do amor absorvia-lhes todas as noções elementares do espírito humano, inclusive as do tempo e do lugar. Como uma catástrofe inopinada, viram apenas abrir-se de súbito a porta do consultório, aparecendo D. Alívia e os três rapazes.

Foi tão rápido, que Licínio se quedou apatetado, e não deixaria a mão da moça se ela mesma não se lembrasse de retirá-la, indo disfarçar para a janela.

D. Alívia olhou-os estarelecida. Afonso teve um relâmpago assassino no olhar. O Cosme e o Pedrinho se limitaram a acompanhar o pasmo materno. Quanto ao doutor, compenetrado, mostrava agora sua agilidade em subir escadas. Ia subindo até arrancar da requinta guinchos finíssimos, perfurantes, que eram o seu orgulho, pois desafiava a quem os tirasse mais agudos.

Licínio, afinal, ergueu-se cambaleando para buscar o chapéu. Despediu-se às tontas e saiu sentindo um torvelinho na cabeça, sem compreender as últimas palavras de D. Alívia, gritadas do alto da escada:

— Não se esqueça da víspera à noite!

Momentos depois estava a família do médico reunida no consultório, em grave conciliábulo secreto: os pais e os três filhos mais velhos. Todos rodeavam a mesinha redonda. No princípio fez-se um silêncio augusto. D. Alívia, que convocara a reunião, quebrou-o, dizendo:

— Eu tinha a intenção de um dia reunir todos aqui para tratarmos do futuro de Angélica; mas, como o namoro dela com o Licínio já está muito adiantado, como todos viram, achei bom que conferenciássemos agora, para resolvermos o que for mais avisado. Afonso — e ao dizer este nome a matrona voltou-se para o filho mais velho —, você não tem razão de estar prevenido com o Licínio. É rapaz sério, de boa família, e, se namora sua irmã, é com as melhores intenções. Garanto que ele já a teria pedido em casamento se não fosse tão acanhado.

— É sim, muito acanhado, com “c” cedilhado — aparteu Afonso sacudindo afirmativamente a cabeça, com uma ironia feroz.

— Mas agora — continuou a matrona sem replicar ao aparte — que nós o temos encorajado dando-lhe intimidade na casa, tratando-o quase como filho, esse acanhamento se torna intempestivo, pois, não ficando definida sua situação como noivo de Angélica, isso vai dar matéria à tagarelice dos desocupados, como já está dando. Ainda hoje a comadre Antônia me perguntou se o casamento já estava marcado. Disse-lhe que não havia nada, que eram boatos. Mas fiquei com uma cara!

Todos ouviam em religioso silêncio.

— Por isso — concluiu a matrona —, eu achava bom encorajarmos mais explicitamente o moço a fazer o pedido. Por exemplo, em sua qualidade de irmão mais velho, iria o Afonso procurar Licínio, e far-lhe-ia ver, com toda a diplomacia, que a sua pretensão não seria mal-acolhida por nós, e que retardar o pedido teria seus inconvenientes. Mas dir-lhe-ia isto habilmente, com muito bons modos, não é, Afonso?

— Vou e mato-o! — berrou Afonso, dando uma punhada na mesa. D. Alípiã levantou-se de golpe.

— Afonso! — exprobrou, assumindo o ar de chefe da família. — Proíbo-lhe que lhe faça qualquer coisa! Proíbo-lhe, ouviu?

O filho curvou a cabeça, vencido.

Mas aquela explosão inesperada deixou-a hesitante. Depois de frisar seu descontentamento por ato de tanta rebeldia, declarou que dava o dito por não dito, adiando o passo decisivo para mais tarde.

## CAPÍTULO XI

Licínio saiu da casa do médico quase inconsciente da realidade, num estado de confusão indescritível. Achava-se incapaz de conceber a mínima ideia. Ele era todo das sensações, que se lhe sucediam atropeladamente no espírito. Primeiro pareceu-lhe ter no cérebro um remoinho que girava infrenemente fazendo “zum!”. Depois o remoinho mudou-se em matracolejo de caminhão desconjuntado, solavancando em chão desigual. Foi-se o caminhão, e com ele figurou-se a Licínio ter-se ido todo o conteúdo do crânio, ficando este vazio como os espécimes das coleções de ovos. Era um delicioso aniquilamento. Mas, enquanto andava, sentia um zumbido de palavras que lhe esvoejavam em torno do ouvido, querendo entrar. Era o eco da última recomendação de D. Alívia, que ele não lograra compreender desde logo, no atordoamento em que saíra. Apenas achou-se em estado de dar-lhes atenção, as palavras enfiaram-se-lhe pela consciência adentro, repetindo: “Não se esqueça da víspera à noite!”. Então clareou-lhe instantaneamente a realidade. Primeiro encheu-se de um misto de terror, vergonha e assombro pelo trágico ridículo da surpresa de que fora vítima; depois, como um óleo balsâmico, relembrou a última frase de D. Alívia. A matrona avultou em prestígio para ele. Santa mulher! Que bondosa tolerância! Que outra mãe, depois de um escândalo daqueles, estenderia, sobre seu causador, as magnânimas asas de perdão? Como pudera rápido prever todo o bem que lhe iam causar suas últimas palavras e dizê-las tão oportunamente, de modo que ele ainda saísse com

elas esvoejando-lhe em torno do ouvido, para o confortarem? Não havia dúvida de que a matrona era um “espírito superior”, uma supermulher. Suas vagas reminiscências de Nietzsche serviram-lhe naquele momento para agraciar D. Alípia com o atributo mais honroso do repertório de seu uso. Super-homem, supermulher — Licínio não esbanjava estas palavras sem discernimento, poupava-as aplicando-as somente às pessoas de reconhecida superioridade a seus olhos. Assim, D. Alípia foi promovida a supermulher. Angélica, há muito que o fora; e ele, à sua parte, considerava-se um super-homem. Estava a pique de conceder a mesma honra a Afonso, mas retinha-o um tal ou qual ressentimento pela hostilidade com que era tratado por ele.

Depois de sentir-se mais tranquilo, Licínio pôs-se a esmoer outra reflexão desagradável. Lembrou-se de que prometera ir à víspera e perguntava a si mesmo com que cara se apresentaria em casa do médico. Além disso, outra dificuldade. Ir à víspera implicava a necessidade de ter no mínimo dez mil réis no bolso, e achava-se sem vintém. Essa víspera era uma instituição temível, apesar de remuneradora sob o ponto de vista sentimental. Ganhava em olhares de Angélica o que perdia em dinheiro, pois era Licínio quem lhe fazia as despesas. Juca, Noêmia, Xanxã, ficavam alvoroçados sempre que ele ia jogar. O primeiro ganhava quase ininterruptamente usando de processos poucos lisos para baldear ao seu bolsinho os níqueis de Licínio. Xanxã propunha logo sociedade, ficando com todos os proventos, ao passo que competia a Licínio entrar com todo o capital. Muitos lhe pediam entrada; e durante a noite Noêmia, quando não jogava, lhe botava uns olhos tão compridos, que ele logo lhe passava um punhado de fichas. D. Alípia a tudo assistia com seu bom riso de tolerância, estendendo sobre a adorada prole as asas da condescendência maternal. Tudo nela dava a ideia desse “estender de asas”, embora a comparação seja vulgar e excessivamente galinácea. Em suma, ao retirar-se, Licínio levava confortada sua alma de namorado, mas vazios os bolsos. Na sua qualidade de homem superior não detinha a atenção em tais miudezas pecuniárias, dando por

bem empregada essa quantia que lhe comprava o prazer de passar os serões ao pé de sua querida florinha agreste.

Mas naquele dia ele estava sem vintém e não sabia como obter dinheiro. Sua pobre mãe, embora mourejasse o dia e grande parte da noite, mal podia prover às despesas da casa e dele. Porque Licínio tinha despesas suas e não pequenas. Com certa vergonha reconhecia que naquele vilarejo, tendo tudo o de que necessitava, despendia ainda mais do que quando estudava em São Paulo. A princípio ele tinha um secreto ressentimento da mãe, achando insuficientes as mesadas que lhe mandava; começava, porém, a compreender não ser a culpa da escassez do dinheiro e sim de seu pouco cálculo no gastar. Tudo o que sobrava das despesas da casa, dava-lho a viúva, e esse tudo se dissolvia em suas mãos, aplicado em insignificâncias dispendiosas. Com suas exigências amiudadas de dinheiro ele percebia que a mãe às vezes lhe entregava o que estava reservado para o pagamento de dívidas ou para abastecer a minguada despensa. Em muitas ocasiões, depois de formular seu pedido, via a viúva enrolar na cabeça o xalinho preto de ir à rua, e sair disfarçadamente sem lhe dizer qual o seu destino. Licínio adivinhava: ia pedir dinheiro emprestado. Nos últimos tempos as saídas se fizeram mais frequentes. Ele apiedava-se, tinha remorsos de suas dissipações, mas essas revoltas da consciência eram inconsistentes e passageiras. Quando não queria agravar mais a situação da mãe obrigando-a a recorrer a empréstimos, era ele que usava esse expediente. Já não devia pouco ao Fragoso e à Josefa, baiana vendeira em cuja mercearia costumava abastecer-se de cigarros e de balas para as crianças de D. Alípia e oferecer cerveja ao Juca. Notava que seus credores já não o olhavam com bons olhos, e que, ao venderem-lhe a prazo já punham dificuldades: mentiam dizendo que não tinham o objeto desejado ou faziam-no esperar, semendo reticências ofensivas entre o pedido do moço e a entrega da mercadoria. Essa desconfiança feria os brios de Licínio, mas não obstava a que, levado pelos seus caprichos, mais fraco do que eles, reincidisse nos empréstimos e nas compras fiadas.



Naquele dia Licínio se lembrou de valer-se de Leôncio; o inventor, porém, confessou-lhe com franqueza que, embora aguardando os doze mil contos do moto-contínuo, se achava momentaneamente “desprevenido”. A clientela rareava na botica, pois as drogas de seu invento iam perdendo a cotação. Saindo de sua casa, o moço recalçou o orgulho ferido e entrou no Frágoso, que ficava perto. O negociante valeu-lhe com a metade do que pedira, mastigando entre dentes que isso de duas contas complicava a escrita e que achava melhor reunir a conta dele à de D. Ismênia. Licínio covardemente murmurou um assentimento e saiu felicíssimo, encasando no bolsinho do colete a nota que lhe dava ingresso, à noite, na mansão bem-aventurada em que residia Angélica.

E foi à víspera. Entrou timorato, gaguejando ao cumprimentar; D. Alívia, todavia, requintou em tanta gentileza, que momentos depois ele se sentia à vontade, como se nada de vexatório houvera sucedido naquele dia.

## CAPÍTULO XII

Passaram-se algumas semanas. Frequentemente Licínio voltava à casa do médico, onde tinha amiudados ensejos de ficar só com Angélica e de lhe tomar ocultamente a mão — agora com maior cautela, com a atenção repartida entre a moça e as surpresas possíveis.

Aos poucos uma feliz modificação foi-se produzindo na alma do rapaz. Nos primeiros tempos de seus amores com a filha do médico, uma grande angústia enchia-lhe o coração nos momentos em que não a podia ver. Eram saudades dilacerantes, um desejo desvairado de abraçá-la e não desgarrar-se mais dela dia nenhum, momento nenhum. Os momentos em que não a via eram de agudo suplício, malgrado a certeza de tornar a vê-la dali a pouco ou no dia imediato. Ao repassar incansável pela frente da casa do médico, sem receio de reparos, procedia como um autômato, pois a seus olhos as coisas da vida deixaram de ter qualquer significação; era como se não existissem; e, os homens, via-os agitarem-se-lhe em torno, como sombras fictícias de um mundo de sonho. No meio dessa inexistência geral apenas Angélica fulgia como única realidade tangível. Buscando-lhe a casa, era ele o inseto que parte do recesso da selva, ofuscado e atraído pela palpitação de uma luzita remota. Passa inconsciente entre os troncos sombrios onde não sente que se lhe ferem as asas; e nada ouve, nada sente, nada vê, tirante a luz hipnotizadora que o chama.

Isto, nos começos. Agora — e foi esta a mudança feliz — agora que podia ir à casa de Angélica as vezes que queria e lá estar o tempo

que lhe agradava, em doce intimidade de filho, a imagem da moça já não lhe ocupava dominadoramente o espírito, com exclusão de outra preocupação qualquer; já tinha cabeça para cogitar de outras coisas; recomeçara a ir à agência procurar os jornais diários, interessando-se pelas discussões no Congresso, pelas crises governamentais, leitura essa de sua predileção nos tempos de São Paulo; lia os romances que de boa vontade Siá Cota lhe emprestava dando suspiros de infeliz judiada pela sorte, que nasceu para sofrer, e deitando-lhe ternamente seus olhões de novilha amorosa, onde bruxuleava uma esperança vaga de melhores dias. Licínio divertia-se a procurar nesses livros as flores murchas de que a solteirona os recheava intencionalmente para que ele as achasse, e bem assim as frases sublinhadas a unha, que exprimiam, todas elas, uma ardente declaração de amor.

O Tristão do alfaiate ia procurá-lo, nas horas desocupadas, para jogarem damas.

Por vezes Licínio se comprazia em memorar sua vida em São Paulo. Sentia saudades dela. Escreveu a diversos colegas, e suas respostas lhe deram intenso prazer. Queria isto dizer que Angélica já não o absorvia tanto. Mais de uma feita deixou-se ficar o dia todo tranquilamente em casa, sem procurar vê-la, pela simples preguiça de se barbear ou mudar de roupa. A terrível víspora, ele a suprimira de todo, pretextando resfriados, com grande sentimento do Juca e demais parceiros. As coisas que se afundiam em névoa, as pessoas que se agitavam em sonho, foram-se esbatendo de uma luz mais viva, readquirindo contornos, criando formas, renascendo rápidas, até que a seus olhos se tornaram vulgarmente nítidas, à luz normal da realidade.

O mais surpreso de tal transformação era ele próprio.

— Acaso a estarei amando menos? — perguntou um dia para si.

Então aquele grande amor era igual a tantos velhos namoricos com que se distraíra? Repassou-os mentalmente, estabelecendo comparação entre eles. Achou-os monotonamente repetidos e escandidos em fases fatais, como os períodos previstos de uma

moléstia aguda. Começavam com a fascinação súbita, dias de tortura e felicidade intensa, de intensa fabricação de versos inflamados; depois um bruxuleio de lâmpada a que vai escasseando óleo, e afinal a completa indiferença.

“Não amarei mais Angélica?”, reperguntava-se Licínio quase convencido dessa verdade.

E acusava-se de sua volubilidade como de uma culpa. Era ser ingrato com a moça, que se mostrava tão boazinha e tão constante! Agradecia-lhe mentalmente havê-lo feito conhecer instantes de felicidade incomparável.

“Se isso for verdade”, dizia-se ele, “Angélica, apesar de tudo, ficará sendo a mais deliciosa recordação de minha vida!”.

Nos seguintes dias sua triste suposição se confirmava. Tudo lhe anunciava o fim de seu amor. Até perto de Angélica, se a visita se prolongava, sentia um começo de tédio, chegando a preferir, nesses instantes, estar jogando damas com o Tristão.

Então Licínio viu-se a braços com um caso de consciência. “Não a amando mais, devo continuar a iludi-la?” Devia mostrar-se leal em paga de Angélica ter-lhe sido tão boazinha e fiel, e a lealdade mandava que a evitasse, não lhe frequentando mais a casa, e retirando-se, caso fosse possível, do arraial mineiro onde morava. Era o procedimento mais nobre.

E, assim raciocinando, Licínio ficou envaidecido de ter um caráter tão íntegro, tão obediente à nobreza dos motivos.

Essa “nobreza”, porém, não seria um eufemismo, para acobertar motivos mais vexatórios? Nesse desejo de partir e não ver mais Angélica, havia, talvez, o receio da atitude da família do médico, principalmente do Afonso, que não perdia ensejo de lhe deitar olhares iracundos que valiam por um rosário de ameaças. Temia-se também do orgulho ferido da matrona, que principiava a mostrar-se seca, vendo-o espaçar as visitas e faltar à víspera. No dia antecedente, notando-lhe o brilho frio dos olhos, entre severos e descontentes, encimados pelo capacete frígido que se levantava com soberbo entono dando-lhe os ares de uma rainha ofendida, Licínio teve uma

sensação esquisita, que se parecia perfeitamente com o medo, se não era, de fato, puro medo. Influía também naquele alvitre a exacerbação crescente de seus credores, e a impossibilidade, dado seu descrédito, de contrair dívidas novas, o que significava, para ele, a insatisfação de seus frequentes caprichos. Além de tudo, Licínio sentia remorsos ao ver os sacrifícios a que obrigava sua mãe, já tão velhinha e necessitada de descanso. Indo para longe, as importâncias das mesadas recebidas pelo correio teriam um aspecto agradável e impessoal de dinheiro, um ar singelo de notas de banco, pois não veria as lágrimas, as humilhações e o cansado labor que esse dinheiro custava à pobre viúva.

Mas sabia que, se tornasse para São Paulo, ficaria sua mãe, nos primeiros meses, impossibilitada de sustentá-lo, tantas as dificuldades pecuniárias em que a estada dele no arraial a enleara. Escreveu, por essa razão, a colegas de famílias influentes, pedindo-lhes que lhe arranjassem um emprego.

D. Ismênia via com júbilo a transformação por que passava o filho. Ele nada lhe confidenciava do que lhe passava no ânimo, mas como que mudamente, pela atenção com que lhe ouvia a voz aconselhadora e mansa, lhe confessava tudo o que se passava em seu espírito.

— Você deve voltar para São Paulo — dizia ela. — Quero ver você livre das garras dessa gente perigosa. Nem sabe como são despóticos e vingativos... Já me fizeram sofrer muito...

Contava-lhe velhos casos, do tempo do marido. Injúrias sem causa, explorações revoltantes, perseguições sistemáticas... Ouvindo-a, Licínio se irritava intimamente contra a família do médico, sentindo pesar em si o desprezo com que durante tantos anos humilharam sua mãe, pela culpa única de ser pobre e só.

— Receei que eles obrigassem você a casar com Angélica! Mas o namoro não foi longe, não é? Ora, simples rapaziada! Amor é como o vento, vai um, vem um cento. Decerto não a comprometeu em nada? Mas se voltar para São Paulo, receio que você passe privações nos primeiros meses. Estou uma coroca,

não presto mais para nada e tive que fazer umas dívidas. Pagas elas, recomeçarei a mandar a pensão.

Sombreava-lhe, porém, as feições, aquele receio de ver seu filho entre estranhos e sem recursos... Expressiu-lho ainda uma vez.

— Ora! — contraveio Licínio. — Não se preocupe com isso. Tenho promessas certas de emprego. Veja estas cartas.

Mostrou-as. Eram recentes e confirmavam suas palavras.

D. Ismênia então pôs as mãos e levantou-as para o céu, não tanto por espírito de religiosidade, mas como expressão de alívio, exclamando:

— Que felicidade, santo Deus! Vá mesmo, meu filho, mas logo, logo, para não surgirem embaraços. Se tivéssemos dinheiro, eu fazia você embarcar amanhã mesmo.

Feliz porque a mãe lhe aprovava os projetos, Licínio começou a preparar-se para a partida. O mais difícil era conseguir o dinheiro da passagem. Sentia-se impaciente de ver-se no vagão rodando a toda a velocidade para São Paulo, que já se lhe antolhava como a mansão de todas as delícias depois daqueles meses de emoções diversas, passados em sua terra natal. Já ele via Três Barras de alto para baixo, julgando o arraial com o descaso superior do excursionista que chegou, estanciou um dia e seguiu para mais adiante.

Desde então cessaram de vez suas visitas à casa do médico.

## CAPÍTULO XIII

Na véspera de partir, que foi alguns dias depois, Licínio resolveu ir despedir-se da família de Angélica. Não era isso, talvez, estritamente necessário, na situação melindrosa que se criara; mas ele se iludia com os motivos de nobreza com que justificava sua conduta, e, desejoso de portar-se nobremente até o último instante de sua estada ali, tão depressa resolveu como executou. Nesse rasgo generoso não deixava, quiçá, de haver um tanto de temeridade; mas ele sentia-se tranquilo, porque, estando a semana em meio, não era provável encontrar-se com Afonso, que vinha da roça aos domingos. Saiu para esse fim logo depois de almoçar.

Ao defrontar o casarão do médico veio-lhe uma leve saudade antecipada — talvez instintiva hipocrisia sentimental. “Adeus!”, disse-lhe em pensamento. E quase se comoveu; agora não tanto da saudade, mas da entoação mental e do gesto de mão também mental com que dera aquele “adeus!”. Nas janelas, ninguém. É que se desabituarão de o esperar. Ele embocou escada acima como pessoa da intimidade da casa. Subia, porém, os degraus com pausa, reunindo coragem para enfrentar a matrona.

Renovou-se-lhe nas vísceras a mesma sensação enigmática que parecia medo. Nem pensava no prazer de ver Angélica. Aquelas velhas paredes que ele dantes achava sagradas por asilarem a moça, premiam-no como os paredões de pedra de um calabouço. Correu-lhe a espinha um arrepio de pressentimento desagradável, ao simples conspecto do canzarrão acorrentado, pintado na barra da

parede, bem defronte do patamar. Cérbero de uma só cabeça, mas cujos beijos ferozmente arregaçados deixavam ver uma dentuça digna de um cérbero autêntico.

Quando, na antessala, bateu palmas trêmulas, veio-lhe ao encontro D. Alípia em pessoa. Não tinha esse dia aqueles ares de rainha ofendida; mostrou-se afável e risonha, mas sua afabilidade era um tanto constrangida, e seu sorriso repassado de tristeza.

— Ah! Sr. Licínio, o senhor é um ingrato! Nós querendo-lhe tanto bem, e o senhor que some de uma vez! — foram suas primeiras palavras.

Entrando na sala de visitas, para onde a matrona o conduzia, Licínio desculpava-se. Preocupações... A necessidade de pensar na vida...

— Angélica! — chamou D. Alípia. — Venha aqui ver um ingrato fujão!

A filha veio e cumprimentou-o sem o olhar.

— Ajude-me a ralar com ele, Angélica, por causa do sumiço!

— Decerto é porque acha nossa casa muito triste — disse a moça.

Licínio sentia-se à vontade. Cáira a tal qual prevenção com que julgara, durante uns dias, a família do médico. Sentia sobretudo dó de Angélica, que o amava e a quem ia deixar. Pobrezinha! Mas devia afastar-se; a lealdade o exigia. Procedendo assim, dava-lhe a maior prova de afeto. Ela compreenderia mais tarde a delicadeza de seu procedimento. Naquela ocasião só poderia nutrir ressentimento. Estava arrufada, via-se. Não o olhara uma só vez de fito, e com os dedos amarfanhava nervosamente uma preguinha da blusa clara. Muito séria, afetava indiferença.

Era a primeira vez que ele a via assim, o que lhe feriu a vaidade. Preferia vê-la dócil e meiga, a botar-lhe seus olhos apagados de carneiro manso. Então teve o desejo de recomeçar a namorá-la, de dizer-lhe que gostava dela e de tomar-lhe a mão... Não a via passivamente enamorada, como nos outros dias; mostrava-se outra: mais mulher, com um quê de autoritário na fixidez do olhar que não o fitava, e no modo por que mordida o lábio inferior. Zelos e despeito, nada mais!



“Recomeço porventura a amá-la?”, perguntou-se Licínio. “Tolice! Até a própria constância significa às vezes volubilidade, porque a Angélica que agora me perturba não é a florinha agreste dos outros dias. Poderia amá-la sempre, se de tempos a tempos ela se transformasse noutra Angélica...”

Ele sorriu no seu interior, envaidecido de sua ideia sutil, e esse momento de triunfo subjetivo lhe deu forças para dizer ao que viera. Tornou a desculpar-se de ter andado sumido. Hipocondria, aborrecimento de ser filho-família pesado à mãe e inútil para ela e para a sociedade. Resolvera continuar os estudos interrompidos, tanto que ali fora levar suas despedidas. Partia com pesar, saudosos de todos e de tudo, principalmente daquela casa onde o acolhiam tão afetuosamente.

— Faz bem — respondeu D. Alípia, singelamente. — Quando parte?

— Amanhã.

Seguiu-se uma pausa penosa para os três. Angélica, num trejeito nervoso, mordeu o lábio delgado até tirar sangue. A matrona quis dizer algo para quebrar o silêncio pesado, mas a voz embargou-lhe e ela rompeu num pranto que lhe sacudia o atochado corpanzil. Levantou-se e foi ver um lenço para enxugar os olhos e assoar-se, mal podendo engrolar entre as lágrimas:

— Desculpe esta fraqueza, Sr. Licínio... Mas eu já o estimava como... como filho...

Recrudescer o pranto. D. Alípia foi acabar de chorar em outro canto da casa.

Licínio, também comovido, olhou Angélica. Esta parecia convergir toda a atenção para uma prega da saia, que em vão tentava rasgar. Sentindo dificuldade em articular as palavras, o rapaz tartamudeou a custo:

— Você fica com saudade, Angélica?

A moça não respondeu.

— Eu vou — disse ele —, mas não é de uma vez. Virei sempre nas férias, só para ver você!

Angélica continuou silenciosa. Súbito Licínio viu-a branquear e tremer o beicinho, prestes a desfazer-se em choro. Irreflexivamente, antes que a moça pudesse pensar em resistir, Licínio avizinhou-se dela e apertou-a doidamente nos braços.

— Largue! largue! — disse Angélica, debatendo-se. — Abrace a outra... em São Paulo!

— Angélica! — dizia Licínio continuando a enlaçar-lhe o corpo frágil —; não seja tolinha! Só gosto de você! Só, só! Nunca amei a nenhuma outra, ouviu? Juro!

Então ela rompeu em soluços que cantavam alto, sufocando-a. Licínio desejaria consolá-la, acariciá-la mais, dizer-lhe ainda meiguices; mas, estarrecido, teve que deixá-la. É que vira na fresta de uma porta o olhar inquisidor de D. Rita, que gulosamente observava tudo.

## CAPÍTULO XIV

D. Ismênia, à noite, costurava na varanda. O serviço pouco rendia porque, preocupada com a viagem de Licínio, interrompia-se a cada momento para dar-lhe conselhos com sua voz mansa e melancólica de quem muito sofreu. Licínio, ao pé da máquina, pouco escutava, malgrado sua atitude simulasse atenção. Fugindo à tristeza de seu isolamento no quartinho do terreiro, Joaquina Cega costumava passar os serões naquela “varanda”, a ouvir mãe e filho conversarem, ou o rodar afanado da máquina em ocasiões de muito aperto de costuras. Quedava-se encolhida numa banqueta a um canto. Naquela noite faltava ali, porque agora mal podia levantar-se da cama. Já era uma proeza grande sair ao terreiro uns minutos por dia, arrimada a seu bastão, para tomar um pouco de sol. Definhava a olhos vistos, tornando-se uma isca de gente, sumida de magreza, o que trazia em alvoroço os indigentes da vila, que se disputavam a sucessão no cubículo que ela ocupava.

O pensamento de Licínio oscilava entre São Paulo e Angélica. Ora todo ele se achava mentalmente naquela cidade, antegozando o prazer de reentrar na vida de estudante e na convivência dos amigos queridos; ora lembrava-se com simpatia e piedade da filha do médico, cujos arrufos reativaram, naquele dia, a sístole vital de seu marasmado amor. Licínio, porém, não se iludia mais. Sabia que era excitação passageira, não devendo, por isso, influir em suas resoluções.

— Não devo ter remorsos de deixá-la — dizia consigo, pedindo auxílio, naquela contingência, às tinturas de filosofia que tinha para

seu uso —, porque não somos responsáveis pelas nossas ações, e o remorso implicaria essa responsabilidade, o que a ciência desmente. Somos escravos dos motivos, e os motivos a que obedeco forçaram-me a partir, tirando-me o arbítrio de resolver. De um lado, Angélica, minha obrigação à família do médico; do outro, minhas dívidas aqui, as que forço minha mãe a fazer, minha carreira a concluir e o dever de atalhar este amor com que iludo a pobre menina.

Assim cotejava ele os prós e os contras. Descia às vezes ao empirismo: imaginando uma balança, punha num prato os motivos favoráveis à partida e no outro os contrários. Esses motivos, conforme seu maior ou menor peso, ele representava como batatas maiores ou menores. Isto era o resíduo de uma reminiscência remota, de um dia em que vira, com pasmo, um negociante vender batatas aos quilos. Lembrava-se bem da balança, que tinha as conchas azinhavradas. A que figurava mentalmente era azinhavrada também, e as próprias batatas se pareciam com as que vira pesar.

Certo momento em que cessou o estridor da máquina, disse a viúva, apurando o ouvido:

— Não sei o que tem a Joanhina! Lá está a gemer. Vou animá-la um bocado. Também a coitada está por pouco!

Espevitou uma lamparina de querosene e lá se foi com ela, arrastando as chinelas, para o lado do terreiro.

Poucos momentos depois bateram à porta. Licínio teve preguiça de ir ver. Bateram de novo, com energia. Então levantou-se e foi abrir. Fora, na escuridão da noite sem estrelas, divisou um vulto irreconhecível; mas, ouvindo-lhe a voz, estremeceu apavorado, porque, esta, reconhecia-a bem! Soara surda, com um timbre duro, de rancor.

— Sr. Licínio, preciso falar-lhe em particular. Venha comigo!

— Pois não! Boa noite, Sr. Afonso!

O “Sr. Afonso” não se dignou de corresponder ao cumprimento.

Afastou-se acompanhado de perto por Licínio, cujo ânimo timorato se confrangia com mil apreensões. Não precisava a presença do Afonso para ele sentir receios: bastava o aspecto da noite. Tudo era indistinto e de um negrume carregado. Sapos tantangalhavam num

brejo. O chio sinistro de uma coruja lançava a intervalos no espaço a nota arrepiadora de um mau presságio.

A poucos passos dali deixaram para trás as últimas casas do arraial, metendo-se numa estrada deserta. Mas estrada deserta ou rua povoada, tudo, àquela hora, era o mesmo ermo e as mesmas trevas.

Naquele momento culminante de sua vida Licínio sentia o que deve sentir o condenado caminhando para o cadafalso. E seu espírito centuplicava hipóteses: aonde era levado? A que sacrifício horrendo fora sentenciado? D. Rita delatara tudo? Ia pagar com a vida a ousadia de seu abraço? Queria D. Alípia vingar-se do desdém com que ultimamente ele tratara Angélica, e que agora frisava com a sua partida iminente? Morrer assassinado! Devia ser horrível! horrível! Uma faca a entrar lentamente na barriga... Porque, decerto, seria a faca. Licínio tiritava. Teve ímpetos de voltar em desabalada carreira; mas Afonso podia alcançá-lo e enterrar-lhe a faca nas costas. Brrr! Sensação horrorosa! Correndo, precipitaria o momento fatal.

E prosseguiram. Adivinhavam-se árvores enormes ladeando a estrada, que mergulhava em maior treva. O pé tateava incerto o chão desigual. Sapos coaxavam infernalmente. Mais além uma porteira, ao ser aberta, emitiu um rangido arrepiante. Licínio passou à frente de Afonso, que a ficara segurando; e o baque dela, fechando-se, soou-lhe sinistro, como ao Conde Hugolino o distante ranger da chave fechando o portão da torre onde o iam matar à fome, com os filhos pequeninos. De muito longe chegavam os sons lúgubres de uma marcha fúnebre que a banda do Leôncio ensaiava para um enterro no dia imediato.

Continuavam a caminhar, mas Afonso conservava-se atrás, como na intenção de cortar-lhe a retirada.

Estavam agora num campo em cujo terreno a estrada se entranhava meio corpo de homem.

— Sr. Licínio — começou Afonso calmamente.

— Senhor? — retrucou Licínio com humildade.

Estacaram em frente um do outro. Afonso continuou:

— A pedido de minha mãe quis ter este particular com o senhor. Recebi na fazenda um recado urgente. E, se não chegasse hoje a

tempo de estarmos juntos, tinha ainda até amanhã, à hora do seu embarque. Porque *eu iria* à estação!

— Sim, senhor — disse Licínio, que ouvia, aterrado.

— Em primeiro lugar, uma pergunta: quais suas intenções a respeito de... minha irmã?

(Este “minha irmã” saiu-lhe com entoação feroz.)

— Casar-me com ela — respondeu Licínio flebilmente.

Dizendo esta falsidade, pensava consigo: “Se for para optar entre casar-me com Angélica e uma faca enterrada nas costas, prefiro a primeira alternativa. Ainda mais que gosto dela. Tive hoje a prova, vendo-a amuada”.

Não digo que nesse momento as frases lhe surgissem no cérebro ordenadas e calmas, mas era isto que se traduzia de seus sentimentos caóticos.

— E pode dizer-me — insistiu Afonso com o afobamento do caçador que vê quase acuada a presa — o que significava essa história de viagem de amanhã?

— Ia... continuar os estudos... procurar... um meio de vida... Reconheci que...

— Devia ter reconhecido antes de namorar, ouviu? — exclamou Afonso, malsopeando a cólera. — Antes de namorar minha irmã, escutou? — berrou sacudindo-lhe com força o braço. — Ainda vai? Ainda vai?

— Não... não vou — disse Licínio quase choroso.

Afonso largou-lhe o braço e fez uma pausa.

— Olhe — continuou daí a pouco —, mamãe tem envelhecido dia a dia, exclusivamente por sua causa. O senhor veio trazer a desmoralização ao nosso lar. O povo já anda com ditinhos, todo o mundo vive a perguntar-nos se é noivo de Angélica. Respondemos que não. E com que carão ficamos! Agora esta sua viagem, para envergonhar-nos ainda mais!

Ouvindo-o raciocinar, Licínio cobrou ânimo e conseguiu dizer que lastimava essa situação penosa para a família de Angélica e estava disposto a fazer o que achassem mais razoável.

— Deve pedir minha irmã. É indigno dela, mas depois desses diz que diz que é a solução mais airosa!

— Sim senhor...

— Amanhã.

— Sim senhor...

— E, depois de pedir — berrou-lhe Afonso ao ouvido —, vá para São Paulo, ouviu? — atracou-lhe o braço, sacudindo-o outra vez. — Vá, se tiver coragem, seu traste!

A imagem da morte inelutável passou de novo ante os olhos de Licínio, mais horrível ali, naquele cenário de solidão e trevas soturnas.

Tremulamente confirmou que não iria. Nada mais foi dito entre eles. Voltaram calados, ladeando-se, cada qual revolvendo suas próprias cogitações. Licínio mal acreditou quando se viu só, a reentrar em casa. Chegando à “varanda” levou a mão à cabeça para descobrir-se. Só então notou que saíra sem chapéu.

D. Ismênia costurava. À chegada do moço atentou-lhe nas feições desfiguradas. E foi com a voz prenhe de pressentimentos maternos que lhe perguntou:

— Não vai mais amanhã, meu filho?

Licínio hesitou em responder. Disse consigo que precisava resolver de ânimo perfeitamente livre. Evocou a balança mental em que pesava os motivos; mas depois da entrevista com Afonso pesava na concha dos contras um batatão que levantava irresistivelmente todos os contrapesos...

— Não vou, não... — respondeu por fim.

— Já o adivinhava — respondeu D. Ismênia, tristemente.

E, com um suspiro, continuou a costurar.

## CAPÍTULO XV

Licínio passou a noite a refletir, insone, fazendo e refazendo o mesmo círculo de ideias. Estas sucediam-se tão atropeladas, que às vezes se faziam indistintas e giravam-lhe no cérebro em remoinhos sibilantes. Repetiu-se a sensação da locomotiva, e do carroção barulhento solavancando, aos trancos. Depois do eclipse as ideias voltavam, sempre as mesmas, como uma fita de cinema de brinquedo ou uma correia sem fim: seu desemprego, a falta de dinheiro, o Afonso; a ameaçadora falange dos credores, São Paulo, o Afonso; o pedido de casamento inevitável; D. Alívia, o Afonso; Angélica...

Angélica era o oásis luminoso da sua torvação. Ele lembrava-se do abraço, desejaria abraçá-la outra vez; não passiva, com seu modo de bobinha; mas a debater-se, branca de despeito e ciúmes, mordendo o beijo; ou chorosa, para que ele a consolasse, beijando-lhe os olhos lacrimosos.

Passou toda a noite a revezar essas reflexões. Como tanto pensar lhe fazia dolorida a cabeça, alta madrugada escancarou as folhas da janela e debruçou-se ao peitoril, mergulhando as pupilas na escuridão externa. Quedou-se ali tempo esquecido, encontrando-o na mesma postura o primeiro albor matutino. Então, extenuado, deitou-se de novo e conseguiu dormir. Mas o sono foi breve. Despertou subitamente aos urros, presa de um pesadelo. Sonhara que Afonso o atirara por terra, e que, de joelhos sobre ele, lhe enterrava uma faca entre as costelas — lentamente, aos bocadinhos, saboreando-se de seu terror.



— Que foi, Licínio? — perguntou D. Ismênia, aflita, do outro lado da porta.

— Nada... Estava sonhando.

A viúva, tranquilizada, afastou-se.

Fugindo da cama com horror, Licínio preferiu dar um giro pelo arraial. Às seis horas, depois de partir o trem, ele observou distraidamente as raras pessoas que voltavam da estação. Sobressaltou-se vendo entre elas o Afonso. Cumprira a palavra! Isto incutiu-lhe a ideia de cumprir também a sua. Faria pessoalmente o pedido? Aca-nhava-se; julgou melhor valer-se de um intermediário. Lembrou-se para esse fim do Leôncio. Quando julgou poder encontrá-lo de pé, dirigiu-se à casa dele. Veio abrir Leôncio em pessoa.

O inventor era uma figura sinistra em seu *déshabillé* matinal. Com a guedelha e a barba arrepiadas, lembrava uma horrível caricatura de um sol cujos raios fossem fios de cabelos. Trajava calça de brim, larga na cintura e sem nada que a prendesse, o que lhe dava certa tendência para cair, tendência contrariada pela sua mão esquerda, que lhe repuxava a todo o instante o cós. Da cintura para cima, unicamente a camisa de meia, por cuja abertura saíam tufos revoltos de pelos. Apesar de viver ocupadíssimo, às voltas com as invenções e os aperfeiçoamentos, deixava tudo pelo prazer de dar ao primeiro interlocutor que se lhe deparasse dois dedos de prosa, ou melhor, duas mãos inteiras, porque Leôncio era de gênio assaz comunicativo, e, em começando a contar casos ou a exhibir habilidades, não acabava mais.

Como Licínio lhe pedisse um particular, ele exultou:

— Vamos, vamos entrar... Vamos para o laboratório... Desculpe achar-me nestes trajos e com estas chinelas... (espichou um pé e mostrou). Isto é de minha invenção. Casca de tatu. Hein? Confesse que é original... Veja que não fica feio... E de uma solidez! Parece ferro. É como se a gente andasse de caçambas... Lembra-me a história da moça que casou com o Diabo e que este obrigou-a morar no inferno até que se gastassem uns sapatos de ferro que lhe deu... Conhece-a? Oh! vai já sabê-la, é uma história importante!

Licínio, parado à porta, e de chapéu na mão, ouvia-a em todas as suas peripécias. Quando, a poder de ácido úrico, os sapatos de ferro se gastaram e a moça saiu do inferno, Leôncio introduziu Licínio no lugar anunciado. O laboratório era um salão de aspecto apocalíptico, em cujo ambiente pairava um cheirinho de erva-de-santa-maria complicado com exalação de barrigada de porco de uma tachada de sabão. Esse o antro temível de Leôncio, a caverna digna daquele bípede hirsuto. A caliça centenária se despegava das paredes; desciam do forro sanefas espessas de teias de aranha que tornavam o ambiente pesado e baixo, velando a verdadeira altura do cômodo; aos lados, mesas compridas perlongavam as paredes, dando a ideia dum largo balcão quadrilateral; mesinhas, banquetas e cavaletes tomavam o centro. A um canto, avultava num enorme cavalete um miguelangelesco Judas Iscariotes, de tintas berrantes. A luz que se coava naquela sala era escassa e difusa, como o longe albor que insinua nas trevas dum subterrâneo um espiráculo remoto. Sobre as mesas havia um amontoamento macabro de todas as coisas imagináveis. Primeiro a botica, vastas fileiras de boiões, caixetas, latinhas, garrafinhas de óleo de rícino, seringas, almofarizes. Ervas de todas as qualidades pendiam em molhos das paredes; no meio delas havia um rolo de couro de jiboia, preciosidade que Leôncio vendia para cintos largos. Viam-se espingardas quebradas, relógios azinhavrados, muitos deles abertos, com as rodinhas esparsas; a um canto um presepe de Natal, já célebre em Três Barras, com os Reis Magos e um Menino Jesus num rancho de capim. Atrás, uma vasta cidade — Belém, com gente nas ruas, burricos com cargueiros, monjolos, moinhos, S. José serrando tábua, lavadeiras, enxadeiros e outras coisas como essas, que na ocasião do Natal ele fazia moverem-se por meio de engenhos secretos. Ia ver quem queria, pagando uma “espórtula” módica em benefício de coisas confusas, que ele procurava embaralhar o mais possível.

Como um Baedeker falante, Leôncio mostrava tudo, desenrolando o fio de explicações intermináveis.

— Olhe este trenzinho de ferro. Ele anda só.

— Não é possível — disse Licínio.

— Não é? Pois vai ver!

Leôncio moveu os lábios a pronunciar palavras cabalísticas, ao mesmo tempo que apertava disfarçadamente um botão.

O trem começou a mover-se ante os olhos admirados de Licínio, sobre uns trilhos de arame. Percorreu todas as ruas de Belém, saiu por um lado e foi seguindo pelas mesas até que mais adiante descarrilou, tombando sem ruído.

— Meus ovos de beija-flor! — exclamou Leôncio, consternado. — De fato, o descarrilamento se dera devido a um ovinho que rolara da sua coleção, indo parar nos trilhos. Apesar de haver suportado o peso todo da locomotiva estava intacto. Já aliviado do susto, Leôncio chamou a atenção de Licínio para as numerosas variedades dessa coleção. Formava-a fazia trinta anos e possuía mais de trezentas variedades. Mostrou-lhe um ovo de cobra, dizendo-lhe, entre parênteses, que descobrira um remédio infalível contra as mordeduras destas. Outro ovo, sobranceando os demais como um gigante um exército de pigmeus, era de ema.

— Isto é da nossa avestruz brasileira — disse Leôncio, mostrando-o. — Tenho a ideia de mandar vir do Egito um casal de avestruzes para começar uma criação. Que acha? — perguntou.

— Parece boa ideia.

— É! Vou mostrar-lhe as vantagens. Tenho um livro que só trata disso...

E levou o moço, por entre uma floresta de mesinha e cavaletes, ao recanto onde estava a “biblioteca”. Era um caixão enorme repleto de livros esfarelados de cupins e caindo aos pedaços, com sinais digitais em cada página. Um e outro examinavam os títulos. Leôncio fazia a espaços considerações:

— *Guia do horticultor... 1.001 receitas... Manual do fabricante de vernizes... As estrelas são habitadas?.* São — comentou ele, respondendo ao título. — Tenho um telescópio de minha invenção, Sr. Licínio, ali, debaixo daquela coleção de pedras, que ainda lhe vou mostrar. Escrevi, até, a respeito, uma notícia que vai cau-

sar sensação. Examinando com atenção a Lua, enxerguei, atrás de S. José puxando o burrinho com Nossa Senhora e o Menino Jesus, uma cidade perfeita! Admira-me que os sábios até hoje não tenham dado por tal! Vi casas, uma igreja, pessoas andando nas ruas. Não foi ilusão, Sr. Licínio! Vi com estes olhos, e o senhor também poderá ver quando quiser. *Livro de S. Cipriano... Guia do hipnotizador... Manual da evocação dos mortos...* Isto é uma maravilha, Sr. Licínio. Acredita em almas do outro mundo? Não? Duvida? Mas afirmo-lhe que já vi! Um dia — Leôncio benzeu-se — saí de casa à meia-noite para chamar a parteira; fazia um luar mortiço como luz de alumiar defunto. Nisto uma coisa pesada voou sobre minha cabeça... Foi, veio e repassou... Meus cabelos ficaram em pé. Quase sem querer levantei a cabeça e olhei. Não avalia meu terror ao ver um negro voando, batendo as mãos feito asas, de rabinho torcido como rabo de porco! Reconheci-o: era a alma daquele Ananias que em vida virava lobi-somem. Cruz, credo! O tratante olhava para mim e ria; eu baixei a cabeça, rezando com devoção a coroinha de S. Cipriano. Olhe, cá está (desaninou-a da floresta de pelos pectorais e a mostrou a Licínio). Tem virtudes que o senhor não imagina. Foi benzida por um nigromante do Rio. Outra vez vi a mula sem cabeça...

Leôncio contou esse e mais outros casos verídicos, segurando com cuidado o *Guia do evocador*, como quem se ampara a um talismã defensivo de malefícios sobrenaturais.

Licínio sentia-se ansioso para entrar no assunto que o levava ali; mas Leôncio não deixava brecha para ele encaixar duas palavras.

— *Guia do prestidigitador* — continuou. — Ah! ah! ah! admirou-se, não foi? ao ver meu trenzinho de ferro andar; mas nada havia de miraculoso, só habilidade. Outra, por exemplo: repare bem neste livrinho. Está vendo? Vou comê-lo!

Leôncio teve gestos de quem o atafulhava na boca.

— Veja como falo! Não me atrapalha a voz. Quer agora encontrá-lo? Não olhe para os lados, procure no bolso!

Licínio, boquiaberto, sacou o livro do bolso do paletó.

— Ah, ah! ah! — riu-se triunfante Leôncio Vercingetórix Sá.  
— Que tal? gostou? Faço coisas muito mais difíceis! Breve darei

um espetáculo de mágicas. Tenho também um teatrinho João Minhoca que poderia exhibir; infelizmente o povo deste arraial não sabe dar apreço ao mérito...

Pouco tempo antes — disse ele —, expusera seu Judas Iscariotes — levou Licínio para ver o quadro — um trabalho formidável, pelo que exigiu de tempo e de tinta, para os três-barrenses conhecerem um artista conterrâneo. No entanto, o que sucedeu! As beatas, ao verem o quadro, tinham apenas palavras de ódio. Algumas cuspiram no Judas, exclamando:

— Toma, Cusarruim! Isto é para tu vender Nossenhor!

O próprio padre, horrorizado, excomungara-o.

— Mas não ficará só nisso — disse Leôncio com um olhar vingativo. — No dia seguinte escrevi ao papa um longo memorial narrando o fato e pedindo justiça. Não tardará por aí a bula. Agora, cá entre nós, Sr. Licínio, a verdade é que, desde que estou excomungado, muita coisa me sai às avessas! Um dia destes plantei um canteiro de alecrim, para certas coisas cá do meu segredo, e só nasceu picão!

— Todos deviam ver que não foi por mal que o senhor pintou o Judas — comentou Licínio.

— Pois é! Essa é a verdade; simples trabalho de curioso. Mas esta gente... esta gente...

Leôncio abanou a cabeça com desânimo.

— Para o senhor ver: sou agricultor, torneiro, farmacêutico, fotógrafo e cem coisas mais; e acredita que mal ganho para comer?

— Santo de casa não faz milagre — sentenciou o moço.

— Nem ninguém é profeta em sua terra.

Trocados estes conceitos profundos, Leôncio mostrou a Licínio uma coleção de selos, outra de conchas, outra de rótulos de caixas de fósforos; como o moço quisesse falar, ele atalhou-o com um gesto intimativo de silêncio; e, tirando de uma caixeta uma moeda, perguntou-lhe:

— Que é isto?

— Uma prata.

— Das boas?

— É... — respondeu o moço duvidosamente, pois achava-lhe o metal muito baço.

— Pois olhe — e Leôncio triunfou de novo —, é falsa. Feita por mim. Trabalho de curioso! Se eu não fosse honesto poderia ficar rico. Aqui está uma porção de outras.

Enquanto as desempacotava, a curiosidade de Licínio foi atraída por um maquinismo complicado, instalado num tripé. Era uma coisa híbrida, de vagas parecenças com um moinho e uma máquina de costura.

— Que é isto? — inquiriu interessado, a mirar o maquinismo.

— Arrede-se! — bradou Leôncio, lívido.

De um salto, tomando de uma manta, abafou a engenhoca, com a precipitação de quem abafa um incêndio. Em seguida, muito pálido e esgazeadado, tomou as mãos de Licínio convulsivamente:

— O senhor viu? compreendeu meu... moto-contínuo?

— Vi-o ligeiramente, apenas — respondeu o moço, desapontado pela sua indiscrição.

— Descobriu meu segredo? — interrogou de novo Leôncio, terebrando-o com o olhar suspeitoso.

— Não senhor! Somente divisei uma espécie de moinho.

— Infeliz! — exclamou Leôncio, levando as mãos à gaforinha hirsuta. — E pensar que basta eu apertar um botão para lançá-lo num abismo! Mas repugna-me a violência. Decerto percebeu, mas o Sr. Licínio não há de querer roubar o futuro de minha mulher e minha filha! É um bom moço, tenha piedade, jure que nunca revelará o meu segredo!

— Mas nada percebi! — tartamudeou Licínio.

— Não quer jurar! — disse desesperadamente Leôncio. — Jure! Pelo amor de Deus!

— Juro!

— Ah — suspirou, aliviado, o descobridor. E, a enxugar as bagas agônias que lhe camarinhavam a fronte, foi conduzindo o moço para fora de seu santuário, como a temer novo desastre. Quis levá-lo à sala de visitas, mas Licínio alegou pressa; diria ao que viera ali

mesmo, no corredor. Então, expondo seu desejo de pedir Angélica, rogou-lhe que fosse o intermediário. Depois de manifestar-se surpreso, pois já supunha o casamento contratado, Leôncio prometeu satisfazê-lo naquele mesmo dia. Licínio agradeceu e despediu-se. Quando ia transpor a porta da saída, Leôncio deteve-o, ainda suspeito, e foi buscar uma bíblia em hebraico.

— Vê este alfarrábio? — perguntou ao moço, mostrando-lhe os misteriosos caracteres — é o livro mais velho e mais sagrado do mundo. Tem mais de mil anos! Acontecem as piores desgraças a quem quebra um juramento feito sobre ele. É encadernado em pele humana. Ponha sua mão na capa!

Licínio colocou-a.

— Jure outra vez que guardará segredo.

— Juro!

## CAPÍTULO XVI

Licínio obteve o “sim”. Da casa do Leôncio, onde foi saber a resposta, dirigiu-se à residência do médico. D. Alípia recebeu-o de braços abertos, e, cingindo-o contra o peito, chamou-lhe filho. Oh, como ele achou dulcíssima esta palavra, ouvida assim reclinado sobre o almofadado busto da matrona, onde todo ele se fundiu, naquele momento de suave comoção! Todos os da família o trataram com carinho, à exceção do Afonso, que manteve uma atitude discreta de expectativa, e do Juca, que continuava de pique. Desastrado Juca! Essa hostilidade apressou o seu desterro para a fazenda, que já era sentença lavrada e passada em julgado, só dependendo de execução. Na tarde desse mesmo dia lá seguiu ele, inconsolável, cavalgando um burrico velho, entre os irmãos que o debicavam, considerando-se a mais infeliz das criaturas! No dia imediato D. Alípia deu um passo decisivo que lisonjeou os sentimentos filiais de Licínio: foram ela e Angélica visitar D. Ismênia, a moça trajando vaporosa cassinha azul-celeste, e a matrona encouraçada num *tailleur* imponente, abotoado justo, que acusava as rotundidades encobertas. Que suave comoção a de Licínio, ao ver a cordialidade com que se tratavam as pessoas que, pela natureza e eleição afetiva, lhe eram mais caras! Angélica deu-lhe nesse dia, enquanto as duas mães conversavam, os seus mais deliciosos olhares, insistentes, apaixonados, que ele achou celestialmente expressivos, talvez por influxo da vaporosidade azul-celeste da cassinha de que ia vestida; e, quando o olhava, sorria um sorriso gracioso que lhe abria covinhas nas faces. Restabelecidas,



assim, as boas relações entre as duas famílias, e definida a posição de Licínio como noivo de Angélica, restava apenas decidir-se um ponto: a época do casamento. No princípio ela ficou envolta num vago, numa imprecisão que não procuraram esclarecer; depois, por sugestão da mãe, que lhe pediu não esquecesse o seu futuro e a necessidade de encarrear-se, Licínio disse consigo, que, para possuir, como sua, aquela sílfide azul de encantos celestiais, precisava estar em condições de ganhar a vida. Não sentindo inclinação para outra coisa, pensou em terminar os estudos. Abriu-se com D. Alípia dizendo-lhe suas incertezas e planos, mas, cada vez que tocava em São Paulo, a matrona lhe retorquia friamente em frases reticenciadas e dubitativas, e Angélica, com uma ligeira ruga da testa, volvia o olhar pensativo para o bico das sandálias. Não era que não quisessem ver Licínio formado; receavam, porém, que lhes fugisse. Afinal, D. Alípia resolveu refletir a sério sobre o assunto, e um dia, como o abordassem de novo, disse deliberadamente:

— Sr. Licínio, o senhor nos tem falado na sua intenção de prosseguir nos estudos. É bela a carreira que escolheu, porém longa. Terá coragem de ficar tanto tempo ausente, sabendo a estima que lhe temos?

— Penso na carreira apenas como um meio de poder casar. Sem emprego, como vivo...

— Ora, um moço, como o senhor, apoquentar-se com isso? Com as aptidões que tem? Para ganhar-se a vida não é preciso ser formado; aí estão a política, o comércio... a lavoura... Graças a Deus, o Lopes goza de alguma influência e compromete-se a colocá-lo bem. O casamento, por consequência, não dependerá dessa circunstância. Pode fazer-se daqui a um ano, ou um mês, quando quiser! Mesmo que resolva continuar a estudar mais tarde, não lhe será obstáculo. Conheço tantas pessoas que se formaram casadas!

— Como a senhora é bondosa! — disse Licínio. — Admiro também a sua sensatez. Prevê tudo, dispõe tudo, abrindo-me as portas da felicidade!

O agradecimento revia dos olhos dele. Todavia, não ousava ainda marcar um prazo próximo; era um confuso temor incompreensível, o receio de magoar a mãe...

— Assim — concluiu a matrona —, marcará o senhor mesmo a data.

E D. Alívia levantou-se, para tratar do café. Ficaram sós os noivos.

— Para daqui a um mês — pediu Angélica, com a sua vizinha simpática.

O moço, ainda irresoluto, fitou-a. Ela esperava sorridente a solução do pedido, lábios semiabertos, duas covinhas nas faces. Licínio não se conteve. Tomou-lhe o queixo com a mão e deu-lhe um beijo na boquinha rosada. Tão doce o achou que ardeu de desejo de sorver outros, inúmeros, infindáveis. Foi o *alea jacta est* da sua perplexidade.

— Para daqui a um mês — disse.

## CAPÍTULO XVII

Licínio não sabia em que tom participar a sua mãe a nova resolução. Receava-lhe a oposição, embora ela nunca lhe contrariasse os desejos; não oposição áspera, de vontade prepotente que quer impor-se, mas um fastidioso rosário de conselhos, lamentações e súplicas. Para prevenir esta possibilidade, deu-lhe a notícia friamente, com um “Resolvi casar no dia tal”, como decisão irremovível. Foi de balde: teve que ouvir os conselhos, as lamentações e as súplicas, e, como os achasse desagradáveis, replicou, por fim, à mãe, com certo desabrimento que a fez calar, ressentida. Cessadas as palavras, tudo nela ainda assumia atitude reprovadora, conseguindo pelo silêncio uma eloquência que aquelas não tiveram. Desenganada de conseguir convencer o filho, a viúva acabou por dizer:

— Precisamos então tratar dos preparativos. Você quase não tem roupa, e a pouca que tem está muito velha.

E ficou-se abatida. Pressentia, acaso, que ia perder o último filho. Tantos já eram os ingratos! Criados com muito amor, ela não compreendia como se podiam tornar tão deslembados, que para eles a mãe era como se já não existisse. Consolava-se da perda do afeto de um com os que restavam, e da perda do afeto dos outros consolou-se com Licínio. Tinha a vaga esperança de que não lhe roubariam aquele filho; era o móvel de suas ações, a sua razão de existir, era tudo o que restava de seu lar antigo; queria fazê-lo sensato, bem-orientado na vida, apto para lutar contra a sorte: e tão cedo já o via estranho a ela, esquecido de que ela era sua mãe; sensível

e bom, porém fraco e voluntarioso, guiando-se apenas pelos seus caprichos de inexperiente, levado pelos acontecimentos como uma coisa inerte. Via a inutilidade de lutar ainda, e por isso se conformou com o casamento próximo.

Licínio discutiu com ela a questão do enxoval. Orçaram-no com toda a modéstia, mas uma modéstia decente, que implicava despesas avultadas para a sua míngua de recursos. Ele teve um movimento de piedade pela mãe, que ia obrigar a esse novo sacrifício.

— Pobre da senhora! Como se arranjará?

— Ora! Hei de arranjar-me. Mesmo que tenha de vender alguma coisa.

Nesse momento um rumor de gritos e baques de muletas no soalho indicaram que o Bolão chegava da rua. Era o substituto da Joaninha Cega, que dias atrás “desocupara” o cômodo do terreiro. Os outros candidatos ficaram temporariamente derrotados. Bolão era o mais merecedor, por ser antipatizado pelo povo. Não sabia pedir com humildade nem agradecia o que lhe davam. Meio louco, vivia a descompor a todo o mundo, ameaçando com as terríveis muletas os garotos que o perseguiam gritando-lhe a alcunha e atirando-lhe pedras, para o verem furioso. Quando saía ao seu giro de esmolas, as mães, ao pressentirem-no, recolhiam aflitas a criançada, estrondando as portas da rua, como a fugirem de um cataclismo em forma humana. Aquele horrendo aleijado era invocado como tutu para acalmar as birras dos fedelhos manhosos. Quando trabalhador, quebrara a espinha numa queda, ficando inutilizado. O que dava ao Bolão seu mau gênio, eram as contínuas provocações dos moleques e sua voracidade insatisfeita. Comia a qualquer momento o que lhe dessem, com uma sofreguidão que para muitos era um espetáculo divertido.

A chegada do Bolão interrompeu a conversa entre mãe e filho. D. Ismênia, para acalmar-lhe os gritos, acenou-lhe com uma panelada cheia. Ao vê-la, a fisionomia descomposta do monstro se desmanchou num sorriso de satisfação. Emitiu grunhidos de gozo, escancarando a bocarra, donde escorreu um fio de baba pegajosa.

E, com um bater tempestuoso de muletas, se foi atrás da viúva, que, fazendo da panela chamariz, o conduziu para seu cubículo. Procurava aquietá-lo no seu quartinho a fim de não incomodar a Licínio, que a custo lhe tolerava os gritos e a presença.

Embora fossem os móveis poucos e antigos, sua venda, lembrada pela viúva, era o único recurso para conseguirem o dinheiro necessário. Quando saiu num carro de bois o guarda-louça e o velho relógio de armário, correu todo o arraial a notícia da venda, chegando aos ouvidos dos credores. Foi o fogo do estopim chegado à pólvora. Perdido o acatamento que mostravam a D. Ismênia, porque julgavam que os queria prejudicar, irromperam os credores pela casa dela, exigentes e irritados. Com uma catadupa de alegações, o Frágoso mostrava a papelada da conta, que excedia a seiscentos mil réis; e a Quitéria vendeira, sacudindo os braços de múmia, vociferava insolências. Como correu o boato de que a viúva chamara credores, todos os que se julgavam com direito a algum pagamento concorreram para ali; e, temendo que os competidores levassem vantagem, buscavam intimidar a devedora, e faziam-se o mais importunos possível. Um escândalo nunca visto, no pacífico arraial! Ao estourar da tempestade, Licínio, para manter ilesa a sua dignidade, julgou prudente trancar-se no seu quartinho. Ali se conservou, profundamente desgostoso, com a alma embebida em fel. Envergonhava-se da repercussão que ia ter aquele fato, cuja notícia já havia, certamente, chegado à casa do médico. Com que cara se apresentaria lá no dia imediato? Sentia a vergonha escaldar-lhe o rosto. Desafogava-se acusando mentalmente sua imprevidente mãe, por ter deixado as coisas chegarem àquele ponto; era ela, com a sua excessiva bondade, a culpada de tudo. Se eram pobres, se precisavam viver com parcimônia, para que sustentar aquele parasita do Bolão, depois de Joaninha, e tantos outros miseráveis? Em casa ele via sempre uma súcia de vagabundos que iam chorar miséria e abastecer a sacola vazia explorando a piedade fácil e dadivosa da viúva. Era inevitável que semelhante desregramento conduzisse àquelas consequências! Como não via aquilo na casa do médico, incomparavelmente mais abastada? É que D. Alípiã era mulher de tino prático.

Segundo seu costume, Licínio recomeçou um paralelo entre as duas, paralelo esmagador para sua mãe. Não prosseguiu, porém, porque um remorso agudo lhe alanceou a alma, por ouvir nesse momento a voz chorosa e suplicante da viúva. Ele atentou nessa voz triste como um lamento e de humildade implorativa. Licínio reagiu contra a comoção, invocando a análise fria. Entristecia-se como um tolo — refletiu — pelo efeito sugestivo de meras entoações de voz. Era aquela toada plangente, modulada em gemido, que o influenciava com sua música dolorosa. Sua mãe não devia falar assim, era esse o momento de altear a fronte com altivez e obrigar aquela caterva ao respeito, pondo-a porta fora. Como frequentes vezes ouvia proferirem seu nome, o vexame de Licínio recresceu.

No meio da balbúrdia das reclamações era difícil a viúva e os credores se entenderem. Afinal, Frágoso deu-se por satisfeito com a promessa de hipoteca da casa, e os credores menores foram facilmente acalmados; um ficava com as alfaias de prata, outro com a mesa, outro com o banco e o estrado da “varanda”; a Quitéria vendeira se deu por paga levando várias miudezas e a máquina de costura; e assim, mais ou menos aquinhoados, foram-se todos embora.

Na casa saqueada reinava um silêncio de morte. Mãe e filho não se animaram a trocar uma palavra o resto do dia.

Enfim, vencidas todas as dificuldades, foram ultimados os preparativos, e, na época designada Licínio casou. Casou, não como o homem refletido que resolve tomar estado, mas como o justo que penetra no céu de todas as bem-aventuranças; em vez de um enlace foi a apoteose da suprema ventura. Licínio julgava sonhar. O grupo de homens que foi buscá-lo para as cerimônias civil e religiosa, a mesa de doces, o baile, Angélica imaterialmente linda, tudo eram aspectos do mesmo sonho dourado em cujo esplendor se via envolvido. Além disso, ausência absoluta de preocupações; o que era o passado, perdia-se para trás em um nevoeiro confuso e impenetrável; e o futuro, Licínio não o interrogava. Para quê? Angélica era sua e bastava; a seu lado a vida não podia apresentar senão odoríferas rosas.

## SEGUNDA PARTE

## CAPÍTULO I

D. Alípia tinha motivo para estar contente; realizara seu sonho de casar a filha com um rapaz bem-apegoado e de boa família, o que não era, em Três Barras, problema de fácil solução. Sem embargo disso, chorara no dia do casamento e nos seguintes, sempre com a ideia triste de que sua filha ia para longe, muito longe. Ela dizia suas tristezas ao Lopes:

— É brincado? Tem a gente uma filha — vê-a crescer ao seu lado, depois ela casa-se e parte para sempre... Meu Deus! Nunca terei coragem de separar-me de Angélica!

O Dr. Lopes concordava em que era uma coisa muito triste; e, assim dizendo, fechava prudentemente os livros de escrituração, nunca esquecido da célebre lágrima, cujos vestígios lá se achavam imperecíveis, na folha de um de seus mais queridos diários.

Todavia, estava longe do pensamento de Licínio ir para terras distantes. Contrastava com a tristeza dos pais a alegria dos desposados. Nas primeiras semanas os dois não se desagarravam; viam enlaçados, o braço de um na cintura do outro; onde quer que aparecessem, era sempre assim, mesmo deambulando vadiamente pela casa, quando em nada se interessavam; ficando a sós prorrompiam em risadas sem fim, intervaladas pelo bisbilho de beijos. Tudo era-lhes causa de alegres casquinadas. Às vezes Licínio olhava Angélica de um jeito sério, e riam-se por isso; outras fazia-lhe cócegas, e ela torcia-se-lhe ao colo, sufocada de riso; ou tomava-lhe o inseparável lençinho, ou Angélica lhe desfazia o nó da gravata — estas pequeninas coisas lhes davam inigualável ventura.



Não se incomodavam com o que quer que fosse que se prendesse aos cuidados da vida comum; quando as visitas começaram a ir felicitá-los, D. Alípiã precisava constrangê-los a aparecer, invocando as conveniências. Em muitas ocasiões ela chamara a filha à parte, para admoestá-la:

— Angélica, isso não são modos; vocês pensam que casamento é brincadeira! É um estado sério e grave, de muita responsabilidade! Essas expansões, essas alegrias, só se permitem entre noivos. Não veem como eu e o Lopes nos tratamos? Amamo-nos muito, talvez mais do que vocês se amam; mas não usamos tais infantilidades; de mais a mais, entre casados convém não haver muita confiança; é preciso mútuo respeito. Acabou-se a criancice, Angélica! Agora você precisa ficar circunspecta.

Isso ou nada, era o mesmo para a moça; em presença da mãe, fazia-se compenetrada e obediente; mas, apenas saía de sua vista, corria a reproduzir a parlenga a Licínio, com voz grave, de inflexões convincentes, a imitar a matrona. Morriam de riso a motejar-lhe as ideias absurdas; para eles o casamento era um segundo berço, donde renasciam crianças.

— Mamãe disse que devo dar-me ao respeito, Cininho — gracejava Angélica franzindo comicamente as sobrancelhas e ameaçando-o com o dedo, se ele queria abraçá-la.

Cininho era um nome de querer bem. Ele, por seu turno, chamava-lhe Geliquinha, ou Quiquinha. Entre si usavam uma linguagem especial, extravagante, rica em diminutivos, o que lhes dava prazer. Certos momentos tratavam-se de “minha mulherzinha” e “meu maridinho”, como as crianças a “brincarem de comadre”.

À hora de dormir, quando Angélica, em camisa, se ajoelhava na cama para rezar os padre-nossos e ave-marias do costume, Licínio a inquietava, fazendo-lhe perder o fio da reza, dando-lhe beijos pruntes na nuca e no lóbulo da orelha, ou fazendo-lhe cócegas na sola dos pés, chamando-lhe sua “carolinha querida” e “devotinha adorada”. Ela fingia-se de zangada e recomeçava a oração a penitenciar-se com palmadas no rosto, dizendo “Deus me perdoe! Deus me

perdoe!”, o que não obstava a que em muitas noites cometesse o pecado de dormir sem rezar.

Certos momentos, ela, de ordinário tão calada, sentia-se tomada de loquacidade invencível; punha-se a contar, com uma precipitação que lhe tirava o fôlego, cenas da meninice; Licínio, sem buscar compreender, enlevava-se a ouvir-lhe o chilrear de passarinho. De improviso atalhava-lhe o fio da narrativa sugando-lhe a boquinha rósea com frenesi, como a querer, na expressão de lago, “arrancar os beijos pela raiz”; e Angélica debatia-se, semissufocada, a chorar de riso.

Outras vezes não se sentiam em veia de brincar; eram momentos de suave sentimentalismo. Com Angélica ao lado, Licínio tomava-lhe a mãozinha e fitava-lhe o olhar, em adoração; dizia-lhe emocionado tudo o que achava que ela era; louvava-lhe o “olhar celeste”, a “graça divina”, chamava-lhe “visão etérea”, “lírio imaculado”, “raio de luz”, compunha-lhe uma ladainha de atributos de Maria Santíssima; e, com intercadência, beijava-lhe meigamente os olhos.

Angélica quedava-se a ouvi-lo, profundamente envaidecida de ser tanta coisa bonita; deixava-se beijar passivamente, imitando as santas de verdade; e, de tanto ouvi-lo e crê-lo, exagerava as qualidades que o moço lhe via com olhos de poeta em cio, tomava-se mais etérea e alada, mais divinal, a ponto de as amigas começarem a evitá-la, achando-a excessivamente “enjoada”.

Licínio adorava-a assim, achava-a uma harmonia viva em tudo, no corpo esbelto, na expressão do rosto, no modo de andar. Quando caminhava, Angélica adquiria a particularidade dum bamboleio que ele comparava às oscilações de um pedúnculo de flor a uma leve aragem. D. Alípia chegou a implicar e disse uma vez:

— Angélica, que jeito é esse, esquisito, de andar? Você parece um pata choca... Endireite o corpo!

Melindrada com as palavras maternas, de tal modo se habituara a elogios, ela saiu dando uma rabanada, que, por dignidade, D. Alípia fingiu não ver.

Licínio não ouviu aqueles ralhos; se ouvisse, a comparação lhe inspiraria novos diminutivos; chamar-lhe mil vezes, entre beijos, “Minha patinha querida” e “Chochoquinha de meu coração”!

Assim corria-lhes a vida. Licínio sentia-se perfeitamente feliz, sem se inquietar com as possíveis sombras do futuro. Que importava o mais, se o presente era belo? Naquele momento a sorte lhe sorria — era quanto bastava. E, adotando esse doce fatalismo, os dias fluíam brandamente, com a passividade da água que corre e se deixa correr.

## CAPÍTULO II

Em Três Barras a mais perfeita dona de casa era D. Alívia. A autoridade com que se impunha aos filhos, a sensata clarividência com que procedia nas circunstâncias mais intrincadas, a boa ordem de seu lar, faziam que muita gente exclamasse, apontando-a como modelo:

— Aquilo é que é dona de casa! D. Alívia é uma guerreira!

Sobejava-lhes razão para falarem assim. Ninguém havia tão amante da ordem, em todas as suas acepções, a começar pelo arranjo e asseio. Um fósforo riscado que achasse no chão, ela apanhava e atravessava a casa inteira para o atirar na lata de lixo. Tudo ali vivia espanado, alinhado, reluzente de limpeza, inclusive a calva do Dr. Lopes Coutinho, que com o correr dos anos passava da categoria de homem pensante a objeto doméstico, calva que tinha, em certas condições de luz, reflexos de marfim brunido. Era devido a esse meticoloso cuidado em tudo que as coisas na fazenda corriam tão satisfatórias; mesmo de longe, seu tino administrativo fazia a lavoura prosperar; ela via tudo, sabia tudo; quando não sabia, adivinhava; e, nas conferências semanais com os filhos lavradores, dava pelo desvio de aplicação de um vintém, quando as contas não eram lisamente prestadas.

Por isso a matrona elogiava sempre o Afonso, dizendo que era seu filho de mais juízo, que mais puxara por ela; talvez porque criado muito agarrado à mãe, desde cedo ela lhe embutira a noção do que é justo e do que não o é.

A consciência da matrona parecia uma casa em ordem, com os móveis todos nos lugares, em simetria, sem poeira e sem fósforos

riscados no chão. À noite, feitas as suas orações, a matrona balançava o frutífero emprego do dia, e sentia-se tão placidamente feliz, tão satisfeita consigo própria, que sorria um dilatado sorriso interior, que era a expressão tranquila da consciência de sua força. E, sobre esse sorriso, como recompensa merecida, vinha-lhe um sono tranquilo e repousador.

Mas agora, depois do casamento de Angélica, D. Alívia já não andava satisfeita consigo; a consciência dava-lhe rebate de graves desordens no andamento normal dos negócios da família, desordens que convinha logo reparar, para restituir-se, durante as noites, ao calmo ritmo de seu ressonar tranquilo. Supusera que a filha, depois do casamento, a tomasse como exemplo, encarando sisudamente a vida. Longe disso! Faziam os dois um par de malucos. Que diferença dela! Desde os primeiros dias de casada soubera tomar uma atitude digna, que a fazia respeitada e obedecida pelo Lopes; não que mandasse nele, isso nunca, porque a mulher não deve mandar no marido; sua missão é convencer, para o marido render-se à razão e viverem em feliz acordo. Aquelas expansões, os flagrantes beijos em que os surpreendia, aquele modo de viverem abraçados, precisavam um corretivo eficaz; e a ela, como cabeça dirigente, cumpria fazê-los tomar propósito. Procurava pretexto, cada dia, para ter Angélica junto de si e aconselhá-la. Costumava chamá-la para desembaraçar os cabelos dela, Alívia, e, enquanto o pente embaraçava em seu rabicho grisalho e rompia as maçarocas, quem estivesse a certa distância, ouviria um zum-zum-zum ininterrupto, que era o chorrilho das frases persuasivas com que catequizava a filha. A impaciência desta, que a maltratava com movimentos estabados do pente, olhando a cada momento a porta, dava causa a que a matrona a retivesse mais tempo, contrariando-lhe o pendor da cabecinha amalucada. D. Alívia não variava muito sua argumentação; tinha para si, entre os preceitos claros que adotava, que o melhor meio de convencer é repisar incansável, infindavelmente, e outra coisa não era aquele zum-zum-zum que o destilar seguido das mesmas admoestações.

Censurava Angélica pelo seu procedimento, acrescentando que iguais conselhos não dava a Licínio, com o receio de que ele ficasse sentido.

— Isso não são modos! — dizia. — Olhe, ainda ontem a Augusta veio visitar você, e, quando entrou na sala, viu você sentada no colo do Sr. Licínio. É um escândalo que nunca eu e seu pai demos! Que hão de dizer por aí? Nestes últimos poucos dias fiquei velha, de vergonha. Tenha mais propósito!

— Mas é ele mamãe, que faz isso... — desculpava-se a filha.

— Pois não consinta! Diga-lhe francamente, explicando-lhe, se preferir, que sou eu que não quero. Como moço sensato ele cairá em si. Deve falar também sobre o cigarro. Em casa, graças a Deus, ninguém fuma! E o Sr. Licínio, não é por falar mal, é inconveniente, não tira o cigarro da boca. Não é só por economia, é falta de educação. Minha mãe sempre me dizia que em nossa família não admitia que ninguém fumasse — e não fumavam. E, cá entre nós, minha filha, o mais feio é que ele vai comprando isso nos negócios e para mim é que mandam as contas. Eu não digo nada, porque o Sr. Licínio ainda não está formado, nem arranjou emprego; mas que é feio para ele, é.

— Tenho vergonha de falar, mamãe.

— Antes você falar, porque se for eu será pior.

D. Alípia desfiava o mais que lhe turvava o sossego espiritual, descarregando-se do peso dessas preocupações. Queixou-se do pouco caso que Licínio fazia agora de todos. Dantes dava suas prosas com o Lopes; agora, não! não lhe mostrava a consideração devida a um sogro e a uma pessoa da sua condição social. Com ela, poucas palavras se dignava trocar, mas o que mais a magoava era sua brutalidade com as crianças. Em noivo, tantos caídos com o Xanxã e os outros; e agora... Não se lembrava de que ele beliscara o Tavico, não sabia mais por quê? Por sinal que ela não se contivera, e dissera-lhe secamente: “Sr. Licínio, quando meus filhos o importunarem, dê-me parte que eu os saberei castigar!”.

— Falei secamente — explicou D. Alípia —, porque é preciso desde o princípio encarrilhar as coisas pelo caminho da razão e da

ordem; e durante o resto do dia fiquei de cara fechada. Mas ele é simples, parece que não percebeu. Enquanto é tempo, minha filha, cortemos o mal pela raiz. Pense bem nisto: maltratar um inocentinho que é seu irmão, e que nesta casa tem mais direitos que ele, que é nosso hóspede... Não acha feio?

Angélica a princípio ouvia-a com visível impaciência; depois, enquanto a mãe falava, ela se quedava cismativa, a absorver os seus conselhos. E foi assim que um dia, atentando na filha, D. Alívia exclamou, rejubilando:

— Mas você já me compreende! Tem por quem puxar. Em nossa família todos sempre viveram de acordo — é tradição que vem de pais a filhos; e você há de ser também muito sensata, não é, minha filha?

Foi dessa época em diante que Angélica começou a modificar-se. Dava-se a transição da criança para a mulher. Era como se os olhos dela se desvendassem para a luz do bom senso. Essa transformação consternava Licínio, que a atribuía a um princípio suspeitado de gravidez. Restringiram-se consideravelmente suas prerrogativas conjugais. Não era a qualquer momento que Angélica se mostrava disposta a acolher bem os seus carinhos, nem os seus melífluos diminutivos, de modo que o moço, receando repulsa, hesitava em chamar-lhe Geliquinha, ou em acariciar-lhe os cabelos, quando a via quieta e pensativa ao pé dele. “Tenha modo!”, “Tenha propósito!” eram as palavras que a todo instante lhe ouvia.

Fora-se sua garrulice louca de avezinha, e com frequência deixava Licínio só, para ir ajudar a mãe na labuta doméstica, ou ouvir-lhe os salutares conselhos, cuja toada zumbidora chegava até os ouvidos do rapaz; se vinham visitas, já não as evitava; comprazia-se em fazer-lhes sala conversando gravemente sobre assuntos sérios, à imitação da mãe. Evitava gracejos ou brincadeiras fúteis com Licínio, para que se mantivessem entre ambos as boas normas do recíproco respeito. Se tinham momentos de maior expansão, Angélica aproveitava-os para fazer-lhe ver o que não agradava à mãe, e pedia-lhe que se modificasse. Desconcertado com a mudança rápida, ele tudo

prometia, embora seu indolente comodismo não se prestasse às transformações subitâneas. Por exemplo, custava fazer-lhes o sacrifício do cigarro. A gravidez incipiente de Angélica, já confirmada, e que serviu de poderoso elemento para sua catequização, foi impotente para obter o sacrifício exigido. Se puxava um cigarro do bolso, Angélica, a pretexto de engulhos, fugia-lhe de ao pé, e toda a família deixava-o isolado como a um contaminado de peste; embora os da casa concentrassem para o vilíssimo cigarro as baterias da sua hostilidade, o vício venceu, e, melancólico, Licínio esparecia as tristezas de sua soledade puxando as deliciosas fumaças de seu “poço-fundo”. À noite, quando se ajoelhava em camisa para fazer as orações, Angélica não consentia que Licínio a interrompesse com “agradados intempestivos”, o que lhe dizia num tom que tirava ao moço vontade de continuar; nesses momentos ele mantinha-se encolhido no canto da cama, colocação de praxe na família, retendo o mais possível o fôlego e os movimentos, para evitar maior severidade.

Decorrido ano e tanto de casados, até no físico se refletia a transformação da moça. Harmonizando com o ventre que bojava, carnes fartas lhe medravam em todo o corpo, como se aquele puro lírio apenas aguardasse a eiva matrimonial para deitar rotundidades de abóbora; roscas enxundiosas bambeavam-lhe no pescoço e nos punhos, tendendo a uma parecença crescente com D. Alípia. Seu andar já não era levípede e etéreo: ao deslocar-se, abalava o assoalho velho com passos tardos de proboscídeo, e todo o seu corpo tremia em ondulações e rebojamentos de banhas. Começara a nascer-lhe um buço carregado, como o da mãe, ao passo que o desta propendia a bigode; e a voz grossa da Angélica ajuizada nada tinha no timbre que lembrasse papeios de ave.

Licínio olhava com espanto essa mutação rápida, dizendo para si, tristemente, que a borboleta aérea se invertera em lagarta pesada; e à noite, depois de deitado, vendo-a a seu lado em trajes menores, o moço sentia uma coisa esquisita, misto de terror e de respeito: tinha a horrenda sensação de estar dormindo com a sogra!



## CAPÍTULO III

Na família do Dr. Lopes Coutinho a gravidez era uma coisa solene e sagrada. A mulher, nesse estado, adquiria um prestígio de ente sobrenatural, sendo venerada e obedecida sem limites. Assim, na mudança de gênio por que passava Angélica, entrava muito o nobre orgulho de sentir-se mãe. Sabia que agora iam volver para si a admiração e os desvelos de todos, e isso a elevava em seu próprio conceito. Declarado o seu estado, implicou-se um tanto com Licínio, notando que ele não a cercava daquele cuidado metucioso, daquela atenção carinhosa que seu pai tinha com a mulher, quando ela estava nesse período melindroso. Achava que o moço não se mostrava suficientemente entusiasmado com a sua paternidade; longe disso: quando sentia bem forte o acordo da realidade, Licínio espichava uma cara inexpressiva, como bestificado pela superveniência dum acontecimento aborrecido. Via-se claro, pelo seu pasmo sorna, que não compreendia todo o alcance e glória daquele sucesso. É que a existência do feto complicava mais a sua situação no seio da família, situação que para ele já era penosa. Amargava-lhe aquela existência de parasita; sentia-se constrangido, devido, provavelmente, à ponta de animosidade que transparecia dos modos com que o tratavam. Começavam a considerá-lo um hóspede importuno; todos o olhavam de través, como a um intrometido que ali nada tinha que fazer. Fazia exceção a Noemiazinha. Sempre dedicada e terna, tinha-lhe grande estima. Lembrava-se dele a cada instante; um doce, uma fruta que se comesse longe de Licínio, a menina não deixava de

reservar-lhe um pedaço; quando nada sobrava, dava do seu próprio, satisfeita. Em paga de tudo só pedia que poupasse as rosas do jardimzinho que ela mesma plantara, as quais no princípio o moço devastava, ignorando que apanhar uma flor era o mesmo que arrancar uma fibra do coração da pequena *ménagère*. Noêmia não se cansava de fazer-lhe recomendações:

— É para as jarras, aos domingos — explicava com gravidade.

Licínio, em sua situação, não achava uma válvula de escapamento. Um emprego, era delusório; continuar os estudos, uma ideia no ar. Momentos houve em que lhe avaliou a praticabilidade; sua mãe aumentar-lhe-ia a pensão que lhe fazia dantes, e então, vivendo com economia, talvez ele e Angélica... Não finalizou o raciocínio lembrando-se do desastroso estado de pobreza em que a viúva ficara nas vésperas de seu casamento, privada até da máquina que lhe fazia ganhar alguma coisa. Já o futuro, em vez das estradas múltiplas a se bifurcarem para um impreciso radioso, antolhava-se-lhe agora uma vereda única que ia esbarrar num impasse.

Felizmente, as tristezas de Licínio eram névoas passageiras, pois tinha gênio acomodaticio e fatalista, procurando tirar do presente todo o prazer possível, não por espírito de sistema, mas por índole imprevidente. Força para resistir aos aborrecimentos da vida, alguns podem obtê-la por educação filosófica; outros já nascem com ela, e são, para assim dizer, filósofos de nascença.

Isto não era inútil a Licínio naquela fase matrimonial, pois a gravidez dava a Angélica uma irascibilidade que se manifestava a propósito das mínimas coisas. Foi ela causa, uma tarde, à hora do jantar, de forte desavença entre os dois. Sucedeu assim: achavam-se no quintal vendo as crianças pular na corda, e Licínio, em veia de infantilidade, assentou de intrometer-se em seu brinquedo.

— Vou pular também — disse à Angélica.

— Não faça isso, Licínio. Não é próprio. É uma criancice.

— Ora! casar é renascer. Seu amor fez o milagre de restituir-me os meus oito anos.

— Tolice! Isso é uma inconveniência. Papai nunca pulou na corda.

— Pois eu pulo.

— Não pule!

— Pulo!

E ele, rindo-se, fez como os pequenos, não prevendo a que ponto sua insubmissão ia irritar Angélica.

Esta embranqueceu, e, frenética, bradou:

— Ah! quer pular, siô Coisa! E se estragar a botina quem é que vai dar outra? Decerto você não vai comprar com seu dinheiro!

E após o insulto, branca de ira, entrou em casa, ao passo que Licínio, num assomo de indignação impotente, foi sentar-se arredio, num banco tosco do jardim.

Ali ficou. Não quis jantar, apesar dos chamados insistentes de Noêmia. Um pedaço de carne que esta lhe levou espetada num garfo, ele fingiu que ia comer; mas, apenas a menina saiu, o atirou a um gato esfomeado.

Quase ao anoitecer a taramela do portão fez barulho. Abriu-se, e apareceu D. Alípiã que o ia procurar. A matrona se reservava para agir diretamente só nas grandes ocasiões.

— Sr. Licínio — perguntou desabridamente —, que escândalo é esse?

O moço gaguejou, avermelhando-se de vergonha: Angélica ofendera-o...

— Mas não sabe que minha filha se acha... pesada? Que pode ter um aborto, à mínima contrariedade? Que o senhor pode assim ser o assassino dela e de seu filho?

Licínio humilhou-se. Não pensara em tal! Pediria perdão a Angélica.

— Pois é! Peça, que é esse o seu dever!

Ele assim fez. E prometeu a si ter sempre presente, desse incidente em diante, as catástrofes que poderia causar se a contrariasse. Seria paciente, para evitar possíveis remorsos, pois lembrou-se de ter ouvido contar muita coisa acontecida a mulheres no estado melindroso de Angélica.

Uma semana depois novo incidente veio turbar o *modus vivendi* conjugal. Ouviu-se estrondar forte pancadaria na porta da rua.

— O Bolão! O Bolão! — berrou a pequenada, lançando o alarma em toda a casa.

Era aquele o processo mais delicado de bater, do terrível pedidor de esmolas. Novas pancadas atroaram na porta. Angélica, sobressaltada, gritou por Licínio, que foi acalmar o importuno, dando-lhe um pedaço de pão. A esse tempo D. Alípia acudia da cozinha, a perguntar à filha se se assustara. E Licínio, de volta da porta da rua, encontrou-a no quarto onde se achava Angélica, a exclamar com grandes gestos:

— É inqualificável! Sustentar um vagabundo destes para andar de casa em casa a inquietar todo o mundo! Em risco de minha filha ter um mau sucesso e morrerem, ela mais a criança! É falta de consciência alimentar a ociosidade de vagabundos inconvenientes! Se o tem em casa por caridade, prenda-o lá, para não importunar os outros!

Licínio não sabia com que mais se consternasse: se com o risco sofrido por Angélica e o futuro filho, ou com a alusão a sua mãe. Titubeou sob a afronta, conseguindo, em sua confusão, articular:

— Sinto muito... Efetivamente, foi grave o perigo... Se quiserem, vou ter com mamãe... para não se repetir o fato...

— Se tem de ir, vá já, antes que essa súcia mate minha filha — conveio D. Alípia, categórica, acentuando a palavra “súcia”.

Licínio tomou o chapéu e saiu. A ideia de rever a mãe e o lar onde vivera tantos meses de esperanças intercaladas de angústias, perturbava-o. Desde o dia do casamento Licínio não estivera com a viúva, pois saía raramente, quase limitando-se a pagar com Angélica as visitas que lhes faziam, ou a “cavar” pelas vendas o seu querido “poço-fundo”, tão execrado por todos daquela casa. Pelo seu lado, a viúva, receando incomodar, não o visitava. Limitava-se a passar cada semana pelo sobrado do médico, e a perguntar da porta, a quem aparece:

— O Licínio e a Angélica vão bem?

E, ouvindo a resposta afirmativa, deixava lembranças a todos e ia embora.

O filho preferia isso, para não ter diante da vista a figura lastimosa da mãe, decaída e velha, em contraste com o entono triunfante de D. Alípiã.

À proporção que se afastava da casa do médico, do novo ambiente em que se confinara durante os últimos meses, como que Licínio se modificava e retornava ao passado; revivia sua antiga vida, tornava a ser o moço sem cuidados e amante do poetar à namorada, que arribara uma tarde, a gozar férias, em sua terra natal. Esse choque de sentimentos renovados apurava-lhe a emotividade, afinava-a delicadamente fazendo-a vibrar à mais leve percussão de uma ideia ou de uma reminiscência.

Ao avizinhar-se da casa da mãe estranhou não ouvir o rumor familiar da máquina de costura, em que ela se azafamava a dar conta de tarefas infundáveis para ganhar o seu sustento e a mesada do filho. Só então teve Licínio exata consciência do valor de um acontecimento que lhe parecera insignificante: a entrega da máquina aos credores, nas vésperas de seu casamento. Cheia de dívidas como ainda ficara, conseguira a viúva recursos para comprar outra? Se não, do que vivia ela? Nesse momento o filho teve acordo de sua ingratidão. À ideia de vê-lo em São Paulo desamparado, a viver de seu trabalho, a mãe se inquietaria pelos apuros que ele poderia passar; no entanto, ele nem um instante detivera ainda a atenção a se perguntar se a pobre viúva, velha e só, não estaria enferma ou passando privações. Como um esboço de ideia, de uma ideia que não acabara de germinar, Licínio sentia confusamente que seu dever de filho era protegê-la, alimentá-la, garantir-lhe uma velhice sem cuidados; lembrou-se dos irmãos ingratos que a esqueceram, e viu-se igual a eles, a desprezar a fonte estanque de sua vida, aquele resto de gente encarquilhado e humilde, como a árvore que já deu frutos, e que o tempo vai secando e matando.

E sentiu o desejo intenso de dedicar-se a ela, de cumprir o dever de filho; mas sobreveio-lhe a lembrança de sua situação, e esse desejo morreu desarvorado, como os braços que descaem em atitude cansada de desalento, à simples ideia de tentar-se uma empresa impossível.

A casa estava fechada e no interior reinava grande silêncio. Licínio bateu, mas em seguida não ouviu o estralar das chinelas de sua mãe indo abrir a porta. Bateu de novo.

— D. Ismênia saiu, compadre — gritou-lhe uma voz conhecida.

O moço voltou-se e viu no casebre vizinho o Pedro Carpinteiro com o cepilho suspenso, sorrindo-lhe amistosamente. Tratara-o de compadre, por haver levado a Licínio como padrinho do último filho, cujo nascimento coincidira com sua chegada a Três Barras.

O moço dirigiu-se à casa de Pedro, que depôs a ferramenta, e lhe estendeu a mão calosa.

— Que sumiço o seu! — exclamou. — Eu e a Maroca sempre dizemos que é como se o compadre não morasse mais aqui... Sua mãe está na fonte. Lava da manhã até à noite!

Nesse momento o moço recordou-se vagamente de que já lhe haviam dito que era esse agora o trabalho da viúva.

— Como vai ela? — perguntou.

— Tem envelhecido muito, coitada! Com um serviço tão pesado! Além disso, vieram umas novidades de rins, umas cólicas aperreadas... Para mim é da umidade! Mas conformada sempre, e com aquele gênio de animar os outros!

— Por onde se vai onde ela está?

Pedro deu-lhe a indicação pedida.

Licínio ia afastar-se, mas Pedro o reteve, para que a mulher o visse.

— Maroca! Maroca! — gritou para dentro. — Olhe aqui o compadre!

A mulher apareceu depois de uma pequena demora, para enfiar atarantadamente uma saia clara de ramagens vermelhas, à altura do honroso compadresco. Teve muitas exclamações de contentamento por ver Licínio. Achou-o mais gordo e forte. Prometeu ir um dia com o Pedro visitá-lo mais a Angélica. Não consentiu que ele sáisse antes da formalidade imprescindível de deitar a bênção no afilhado. Aquela cordialidade insinuou um indizível bem-estar no ânimo do moço, que dizia consigo, depois de despedir-se, pondo-se a caminho do lavadouro.

— São espalhafatosos em suas demonstrações de afeto, mas vê-se que é boa gente. Contanto que não se lembrem de cumprir a promessa da visita, que me iria envergonhar!

O sol estava a pino, mas Licínio se comprazia com aquele farto banho de luz. Vivera tão enclausurado, que aquele passeio, e a soledade bucólica da ruela deserta em que se metera, lhe davam uma sensação de liberdade. O céu era azul e semeado de nuvenzitas brancas. Ele se deleitou em contemplá-lo, um tanto surpreso, como se visse uma novidade desacostumada; esperava, talvez, vê-lo coberto de tábuas pintadas de branco, como o forro da casa do médico.

Desembocou num campo. Pancadas ritmadas de roupas nos batedouros chegaram-lhe aos ouvidos. Não muito longe divisou mulheres a lavar e a palrar. Entre elas reconheceu a mãe. À proporção que se avizinhava, um sentimento estranho intumescia-lhe a alma, vinha-lhe uma vontade histérica de chorar. Por quê? Que falta cometera para justificar aquele pungir aflitivo de um grande remorso? Não o sabia dizer: era um incógnito misterioso e complexo, que lhe trazia à boca uma sensação física de amargor. Conhecendo de longe Licínio, D. Ismênia veio alvoroçada ao seu encontro.

— Que novidade, que prazer, meu filho! Eu já sentia tanta saudade de você... Por que não tem aparecido?

E, assim dizendo, deitava para trás mechas rebeldes do cabelo quase branco, que a fuligem do fogão encardira. Enxugou a mão na saia para dá-la a beijar ao filho. E cuidadosa, receando que o sol o molestasse, levou-o para a sombra de um pinheiro novo, a poucas braças da fonte.

Licínio embrulhou umas desculpas, a explicar seu sumiço. A mãe atalhou-as, para livrá-lo do vexame de mentir:

— Sei, sei, meu filho. O motivo é muito justo. A gente, quando muda de vida, fica assim desnorteada... De mais a mais, a Angélica está grávida... Ela tem passado bem?

— Tem... salvo uns enjoos... umas impertinências...

— Isso é da “doença” — disse D. Ismênia, rindo-se. — Nada de dar cuidados, felizmente.

E, enquanto falava, ela não desfitava o filho, como a bebê-lo com a vista, a saciar-se, com os olhos, do desejo de fazer-lhe mil carícias, de apertá-lo nos seus braços esmirrados. Tinha receio de desgostá-lo ou causar repulsa levando a carícia além daquela meiga contemplação de mãe amorosa. No seu olhar fito passava a escala dos sentimentos: o amor, a saudade, o orgulho materno, o desejo de dedicação, a piedade...

Sim, também num olhar apiedado envolveu o filho, sabendo-o fraco, presentindo-o infeliz. Compreendendo-lhe a muda linguagem, Licínio baixou a fronte e murmurou um pedido:

— Veja se me arranja um emprego.

— Vou fazer o possível, meu filho.

O moço tocou no motivo que o levara ali — o escarcéu feito pelo louco, o susto de Angélica; rematou perguntando à mãe se não via um modo de evitar a repetição do fato.

— Que hei de fazer! — disse a viúva, desconsolada. — Procuo prendê-lo em casa, mas passo os dias fora, não o posso vigiar. E seria impossível segurá-lo num lugar, porque está habituado a andar pelas ruas o dia inteiro.

Depois de alguns minutos de silêncio, em que mãe e filho percebiam que eram curiosamente observados, recomeçou o chalar das lavadeiras, e seu cantar monótono, escandido pelo bater compassado da roupa nas tábuas. Em cada uma das companheiras de lavadouro encontrava D. Ismênia uma afeição profunda e respeitosa. Todas lastimavam ver descida a condição tão ínfima quem dantes, em tempos de prosperidade, as cumulava de favores. O espetáculo dessa decadência contrista os humildes, que acham natural a miséria em que vivem, mas não a das pessoas que conheceram em situação elevada. A bondosa D. Ismênia ser obrigada a lavar roupa! A seus olhos era isso uma revoltante injustiça da sorte.

— Não se cansa com essa vida? — perguntou, apiedado, Licínio.

— Um pouco... — respondeu a viúva. — É um trabalho ingrato... Ganha-se uma miséria. Agora é que vejo como o serviço dessa pobre gente — e apontou as lavadeiras — é mal recompensado.



Labuta-se o dia inteiro para se ganhar uns dez tostões. Depois, as contrariedades, o descontentamento dos fregueses, os dias de chuva improdutos, os bichinhos que roem a roupa quando fica serenando nos coradouros... Não o digo por mim — e sim por essas coitadas, porque sou só, e o pouco que faço me dá para viver, e ainda para pagar uns restinhos de dívidas. Houve tempo em que eu era injusta e exigente com as pobres lavadeiras...

Trocadas mais algumas frases, Licínio despediu-se da mãe, que o acompanhou com um olhar amoroso e melancólico até que o perdeu de vista. Então ela suspirou, murmurando:

— Coitado! Não é por ser mau que me esquece... Tudo simplicidade... Todos são assim; só depois que os pais da gente morrem é que nos arrependemos de não lhes ter mostrado mais amor...

Licínio, pelo seu lado, afastou-se com a alma contente e aliviada, como se a consciência o premiasse por ter tratado carinhosamente a mãe naquele rápido colóquio.

Ao reentrar na casa do médico seu estado de espírito mudou. Só então compreendeu a inutilidade dos passos que dera para tranquilizar a sogra. Apreensivo dirigiu-se à varanda, onde encontrou as duas em surdo conciliábulo. À sua chegada interromperam-se, encarando-o mudamente, com uma expressão displicente de expectativa, que parecia dizer: “Vamos ver se esta criatura imprestável serviu para alguma coisa!”

— Estive com mamãe — disse Licínio —, e contei-lhe o que se passou. Ela acha impossível segurar o Bolão em casa. É meio louco, não atende ao que se pede...

Os narizes de mãe e filha levantaram-se paralelamente em sinal de desprezo. E, a par uma da outra, sem se exprimirem por outro modo a não ser por um silêncio glacial, afastaram-se para a cozinha.

## CAPÍTULO IV

Além de Noêmia havia ali outra pessoa que simpatizava muito com Licínio: era D. Rita, porque o moço tinha paciência para responder a seu rosário de perguntas. Licínio não lhe evitava a companhia incomodativa, talvez porque os irmanava a sua igual condição de poleás naquela casa. A velhota andara uns tempos doente, e, à exceção do moço, ninguém fora a seu quarto pedir notícias. Agora já se levantara e podia andar, arrimada a um bastãozinho.

À medida que aumentava em idade, parecia tomada de uma gana maior de saber as coisas, como se a possuísse o receio de morrer sem saber tudo o que se passava e se dizia na face da Terra.

As pessoas da família a relegaram para o esquecimento; ninguém lhe dirigia a palavra a não ser para ralhar-lhe ou dirigir-lhe observações desagradáveis. Exasperada pelo isolamento, e incontentada, apesar da complacência de Licínio, que não sabia novidades a contar-lhe, por sair pouco, e já muito fraca para correr as casas do arraial a fim de fazer a sua colheita de mexericos interessantes, era a janela o seu supremo desafogo. Para ela corria ao rumor de passos de algum transeunte, que seu ouvido apurado adivinhava ainda longe; notava donde vinha, para onde ia, procurando depreender, pelos seus modos e precedentes sabidos, o que pensava e o que ia fazer. Não sendo pessoa de cerimônia, a octogenária não resistia, fazia-a parar:

- Bom dia!
- Bom dia!
- Aonde vai?

— À chácara da Sinh'Ana.

— É para ela esse presente?

— Não é presente, não senhora, é arroz que vou levando neste saco.

— Onde comprou? por quanto? é do catetinho? Qual seu nome todo? E de seu pai? Sua mãe ainda não morreu? Quem é ela?

Geralmente suas últimas perguntas ficavam sem resposta, porque o interpelado finalmente fugia, a passos rápidos, surdo aos chamados insistentes com que ela procurava pescá-lo.

Num domingo, à falta de outro interlocutor mais interessante, D. Rita aproveitava-se da passividade de Licínio fazendo uma investigação em regra sobre seus antepassados. O moço respondia o que sabia, com meio tento na conversa e outro meio na lembrança de que a mãe lhe prometera uma visita naquele dia. Apesar de a esperar, foi D. Rita quem deu pela chegada da viúva.

— Está alguém na porta — disse ela com a boca semiaberta, em atitude suspensa, de atenção, e as mãos aduncas paralisadas num gesto, como a suster algo invisível no ar. Admirado de tal acuidade auditiva, Licínio foi ver, reconhecendo sua mãe. Ele não prevenira da visita a família do médico, pois, sem saber por quê, acanhava-se de falar nela. Sentiu certo desapontamento vendo-a, a seu convite, subir a escada do sobrado, como se lhe fosse desagradável como realização aquela visita que, esperada, era um prazer.

Chegada ao patamar, D. Ismênia sorriu para o filho e abraçou-o às pressas a fim de apertar a mão de D. Rita, que o acompanhara.

— Vamos entrar — disse Licínio, um pouco embaraçado.

— A senhora está muito conservada, D. Rita — disse D. Ismênia, ao entrarem na sala de jantar.

— Qual! — respondeu a velha. — Só me falta morrer! Parece-me às vezes que já estou morta em pé.

Sentaram-se. D. Rita contou suas doenças à mãe de Licínio e pediu-lhe em seguida notícias dos conhecidos.

Dos lados da cozinha ouvia-se a voz de D. Alípiã falar em “inconveniência”, “excessiva intimidade” e “sala de visitas”. Apareceu, por fim, trombuda, mas só. Tomou um ar altivo e seco, e não quis

sentar-se depois de dar a mão à viúva. Licínio não tirava os olhos de uma e outra, angustiado e inquieto, querendo ler, na expressão dos semblantes, o que lhes passava no íntimo. Viu, com vexame, D. Alípia reparar na saia de ramagens vermelhas que trazia sua mãe. Ele lembrou-se de que já conhecia aquela saia, mas não atinava com quem vira. Súbito recordou-se de que fora com a Maroca, mulher do Pedro Carpinteiro. Provavelmente aquela chitinha ridícula era a roupa melhor de seu vestiário, e por isso a emprestara a D. Ismênia para aquela visita de circunstância. Se D. Alípia soubesse, ele morreria de vergonha!

Poucas frases trocaram as duas. D. Rita, que podia sustentar conversas com suas perguntas inesgotáveis, foi-se escapulindo para o seu quartinho apenas chegou à “varanda” D. Alípia, de quem ela sentia muito medo. Licínio achava sua mãe excessivamente esquerda e calada, dando má ideia de si. D. Alípia podia tomar seu acanhamento como frieza. Desejaria que ela se mostrasse loquaz, insinuante, risonha, desfazendo à força de afabilidade afetuosa a prega de descontentamento que se cavara na linha mediana da testa de sua sogra. Como desejaria vê-las íntimas, muito amigas! Decididamente sua mãe era intratável. Licínio tinha-lhe ressentimento pelos seus modos reservados.

Não vendo Angélica, o moço foi procurá-la no quarto, para dizer-lhe que a mãe dele estava lá.

— Dê uma desculpa por eu não aparecer — respondeu ela. — Estou suja, e para trocar roupa demoraria.

— Mamãe não é de cerimônia — disse Licínio em tom súplice.

— Assim mesmo fico acanhada.

Ele ainda pediu-lhe humildemente que, para ela não ir sem um agrado, lhe fosse fazer um “cafezinho”.

— Não posso passar pela varanda nesta sujeira para ir à cozinha — disse Angélica, já um tanto irritada. — Além disso, estou com dor de cabeça.

Licínio não insistiu. Voltou para a sala de jantar e sentou-se numa banquetta baixa, com os cotovelos nos joelhos e as mãos no queixo, em postura de desalento e tristeza. Xanxã, que entrava, achando-o

cavalgável, de um salto pulou-lhe no cogote. Com paciência e custo Licínio conseguiu libertar-se do fedelho. Era-lhe o maior dos suplícios a palestra de sua mãe e D. Alípia, que ele apatetadamente ouvia. Limitava-se a perguntas tímidas de D. Ismênia sobre as pessoas da família do médico, às quais D. Alípia dava respostas breves. Sempre de pé, a última provocava pesados silêncios incômodos, que coagiram D. Ismênia a levantar-se para sair. Arregaçando um sorriso falso, D. Alípia teve a condescendência de acompanhá-la até o patamar. Licínio desceu a escada em companhia da mãe. Chegados à porta da rua, D. Ismênia relanceou para o alto, e, não avistando ninguém, disse baixo ao filho:

— Fiquei acanhada de dizer o fim de minha visita hoje aqui. Eu queria oferecer a D. Alípia para lavar a roupa de todos da casa. Para ela convém, porque não terá de pagar nada.

— Mas a senhora já trabalha tanto, mamãe! — objetou *pro forma* Licínio, a quem o oferecimento dava viva satisfação, porque sabia que, com seus instintos econômicos, D. Alípia ia ficar contente, passando a ver-lhe a mãe com melhores olhos.

— Ora! — respondeu a viúva — o aumento de serviço é insignificante. Diga a ela, sim?

Ouvindo no sobrado os passos pesados da matrona, D. Ismênia abraçou rapidamente o filho e afastou-se.

D. Alípia, assomando ao alto, aguardou que o moço subisse. Disse-lhe, então, com expressão pausada:

— Sr. Licínio, não me agradam cochichos em minha casa! Isso é mais próprio de negros.

Desconcertado de todo, mal pôde o moço gaguejar o recado da mãe. Defendeu-a: foi por acanhamento que falara a sós com ele sobre o assunto. Ela insistia para que aceitassem seu oferecimento. Nada cobraria pela lavagem da roupa...

— Não sei se convirá aceitar — disse D. Alípia, mudando de tom. — Depois dou minha resposta.

— Depois dou minha resposta — repetiu maquinalmente o Dr. Lopes Coutinho, que passava perto, pelo hábito que adquirira de reproduzir distraidamente as frases que ouvia à sua mulher.

## CAPÍTULO V

A resposta foi decidida em conselho de família, com o meticuloso escrúpulo que exige a discussão de um pedido de casamento. No dia imediato mandaram a D. Ismênia o “sim”, acautelado por uma porção de cláusulas — não pusesse a roupa a perder, nada deixasse sumir, pregasse botões e consertasse o que fosse preciso, não anilasse demais, etc.

Nesse passo de tão grande ponderação, o Dr. Lopes Coutinho foi consultado, para que não se dissesse que a opinião do chefe de família não pesava; consulta essa, aliás, de simples formalidade, como a que se faz aos santos da parede, pois o médico, apenas com os seus cinquenta e poucos anos, já sofria de uns lapsos intelectuais que indicavam caduquice precoce. Levava a vida tão pacata e metódica, girando no círculo estreito de tão poucos hábitos, sem ocasiões de desenvolver atividade ou raciocínio, que a inteligência se embotara, afinal, como se atrofia um órgão não exercitado. Como sintoma alarmante, seu amor pela requinta ia-se fazendo paixão desarrazoada. D. Alípia quase perdia a paciência, tantas vezes ele lhe pedia com humildade, as lágrimas nos olhos, que o deixasse tocar. Se obtinha licença, a casa enchia-se com as escalas fanhosas de seu instrumento, coisa de ensurdecer a todos. Foi a ponto que um dia D. Alípia não se conteve: pegou na requinta, na caixa da requinta, na estante, nas músicas (inclusive o “*Stabat Mater*!”), fez de tudo um monte e pôs fogo. Fizera-o a contragosto, pois desagradava-lhe desprestigiar a personalidade respeitável do médico, mas explicou a Angélica que

há situações em que a mulher precisa ser enérgica, quando é para bem do marido e este não vê a razão.

O Dr. Lopes Coutinho ficou inconsolável. Como derivativo a sua mágoa incurável, dedicou-se com aferro aos livros da escrita. Nessa época enriqueceu suas tintas com mais uma cor — a roxa —; e, em lua de mel com ela, sentiu atenuada a tristeza de ver seus vastos dotes musicais condenados a esterilidade perpétua.

Aceito o oferecimento, D. Ismênia, na primeira segunda-feira, entrou no exercício de suas novas funções. Às segundas ia buscar a trouxa, e aos sábados levava-a, com a roupa pronta. Houve a princípio algumas reclamações e exigências que depois diminuíram, pois D. Ismênia ia aprendendo os hábitos da família e cada vez servia mais a contento. Licínio ficou satisfeito, por contribuir desse modo para as despesas domésticas; humilhava-o, porém, ver sua mãe ocupar esse emprego subalterno, no qual substituíra uma Siá Bonifácia, cabocla muito baixa. A similitude das funções como que nivelava as pessoas. No ritual da entrega e do recebimento da roupa, nada se modificara para marcar consideração à mãe de Licínio; as verificações se faziam pelo mesmo processo: Angélica a contar as peças, separando-as, e D. Alívia, de pé, com o lápis e o rol na mão. Não davam mais à viúva a sombra de deferência que os demais ainda tributavam a sua antiga posição social naquele lugarejo. Dirigiam-se a ela com a sem-cerimônia com que tratavam Siá Bonifácia, reclamando o que queriam, e limitando a conversa a coisas da lavagem. Por fim, Licínio quase se agastava com a ideia generosa da mãe, porque sentia-se descer à proporção que ela descia. Parecia que, à menor contrariedade que causava em casa, tinham todos engatilhada a injúria: “Você é filho de uma lavadeira!”. Por isso evitava com mil cuidados dar azo a que se fizesse um pequeno movimento de lábios e o ultraje fosse irreparavelmente articulado em palavras. Pois que poderia responder? Ouvia às vezes mãe e filha, quando se julgavam sós, rirem-se de D. Ismênia, do seu rosto encarquilhado, da eterna saia de ramagens com que aparecia ali, das velhas botinas furadas de Licínio que ela usava e procurava esconder, do seu

cabelo empaçocado num coque; torciam-se de riso comparando a epiderme sedosa de suas mãos com a pele encoscorada e encardida das de D. Ismênia, a que Angélica, em guinchos de hilaridade, chamava “mãos de craca”. Iam-se habituando a falar dela à vontade em presença de Licínio; e, como sinal visível de desconsideração, já não a tratavam de “D. Ismênia”; era “Siá Ismênia”, simplesmente, como a outra era “Siá Bonifácia”.

Licínio evitava encontrar a mãe quando esta ia buscar ou levar roupa, pois sentia um estranho amargor ao espetáculo de vê-la, assim degradada, a falar, como a outra, unicamente em coisas da lavagem. Não era difícil esquivar-se aos encontros, pois a viúva não merecia as honras de sala: recebiam-na no quarto dos arrumos, sem a mandar sentar, e dali ela saía, depois de uma despedida acanhada, sem ousar estender a mão a ninguém. Mal dava Licínio pela sua estada na casa. Mesmo nisso, frisava a desigualdade. Fosse alguma visita, ou algum parente longe da família do médico, haveria um tumulto alegre; D. Alípi e Angélica comporiam o rosto com o seu sorriso mais amável, mudariam de voz, esmerando-se em dizer meiosidades sorridentes, para “agradar”. Este era o moto a que cumpria obedecer. Até a Licínio, Angélica ia desencafuá-lo onde estivesse, dizendo-lhe apressurada:

— Fulana está na sala, Licínio! Precisa aparecer, senão ela repara!

E, se o moço quisesse objetar, ela punha-o pela frente, quase a empurrar, dando em alvoroço instruções em voz abafada:

— Não fique embezzerrado, como no outro dia, saiba “agradar”. Não converse em assuntos de bobagem. Veja papai. Que compostura bonita numa sala! Fale em coisas sérias.

Por essa época os hábitos de Licínio se modificaram um pouco. Desde o dia em que fora procurar a mãe à fonte e tivera aquela sensação embebedante de liberdade, desejara renovar esses momentos, variando a monotonia, que já lhe pesava, de sua vida cotidiana. Alguns dias saiu regularmente, indo jogar damas com o Tristão, que também lhe emprestava romances. Quem os fornecia ao oficial de alfaiate, era Siá Cota, que procurava tomá-lo da Augusta Mole-Mole. Já a esse



tempo, um tanto desenganado dos possíveis milhares de contos do moto-contínuo, Tristão mantinha entre as duas uma atitude ambígua, que levantava fervuras de paixão no coração da solteirona. E, em perplexidade infundável, não se cansava de pesar mentalmente — de um lado os quarenta anos maciços de D. Cota, e do outro os dois casebres velhos de que era proprietária.

Nesses momentos de agradável esparecimento extraconjugal também Licínio podia fumar, filando cigarros do Tristão; dava assim desafogo a seu vício querido, pois fumo e cigarro, em casa da sogra, eram contrabandos que a Flauzina, muito recomendada, não se atrevia mais a trazer das vendas. Licínio, que em tempos anteriores tentara vezes sem conta, inutilmente, deixar de fumar, viu-se então subitamente desmamado como o Dr. Lopes outrora; mas o vício mal-extirpado conservava reclamos latentes; por isso, desses passeios levava para casa boa provisão de cigarros do amigo.

A sogra e a mulher viam com maus olhos essas fugas, que revelavam propensão à vagabundagem. Graças a Deus, ninguém na família delas era corredor de casas, nem jogador, diziam, de modo que Licínio entendesse a alusão. Debalde o moço explicava que não arriscava dinheiro, que o jogo de damas era uma simples distração; Angélica voltava diariamente à carga, acoroçada por D. Alípia, que lhe reforçava a resolução, dizendo:

— Pois não ouviu falar no despotismo de dívidas que tinha quando se casou? Eram decerto as damas, a tal jogatina! Não! isso não tem propósito.

— Vou proibir Licínio de sair, mamãe, é o melhor — disse Angélica em ar categórico.

— Não! — moderou D. Alípia. — Também não se deve ir assim a ferro e fogo. Tente conseguir pelo bem, pela paciência, sem desanimar; mas afinal, se não houver outro recurso, imponha sua autoridade, pois você é mulher dele, e ele, como seu marido, deve respeitar a sua vontade.

No dia seguinte, vendo Licínio a procurar o chapéu, Angélica chamou-o. Ela estava sentada num banquinho, a fazer uma carapuça de lã.

— Que é, meu bem?

— Sente-se aqui ao pé de mim.

Licínio trouxe uma cadeira e sentou-se, fitando-lhe, em seguida, um olhar interrogativo.

Ela sorriu, perguntando:

— Você me quer bem?

— Quero.

— Então fique aí bem quietinho, ao pé de mim, sim?

E dizendo estas palavras esqueceu Licínio, remergulhando a atenção nos pontos da carapuça.

Embora um tanto intrigado, Licínio ficou. Fez uma conjectura agradável: “Angélica vai ficar outra vez boazinha, como nos primeiros tempos de casada”.

No fim de uma hora de imobilidade ele pôs-se a mexer com os pés, procurando instintivamente com os olhos o chapéu. Vendo-o fazer menção de levantar-se, Angélica o olhou e sorriu, pedindo:

— Fique aí sossegadinho, sim, meu amor?

— Pois não!

Ela, agradecendo com outro sorriso, retomou a agulha, continuando a carapuça. Licínio tentou uma carícia, mas Angélica lhe rogou que ficasse bem quietinho, que daquele modo a fazia errar os pontos.

Passada a hora de o marido “bater rua”, ela soltou-o, satisfeita com essa primeira vitória.

No dia imediato, mal Licínio relanceou o cabide, na sofreguidão de sair, Angélica, que no mesmo banquinho terminava a carapuça, pediu-lhe melifluamente:

— Meu bem, sente-se aqui pertinho de mim!

Mais intrigado, Licínio começou a entrever a verdade.

— Como ontem? — perguntou.

— Sim, meu amor!

— Não! desejo andar um pouco.

Angélica depôs o trabalho no regaço e insistiu:

— Deveras, você tem coragem de sair de perto de sua mulherzinha?

Ele encarou-a bem de fito, dizendo:

— Confesse que esse é um modo disfarçado de me pôr de castigo, para não sair? Mas estou com vontade de passear.

Angélica branqueou de ira, quebrando com um estalido seco a agulha de osso.

— Não se zangue, meu amor, que eu não saio! — acudiu Licínio, precipitadamente, lembrando-se da gravidez.

— Pode ir... vá... para o inferno! — rugiu Angélica, pondo-se de pé e arrebrandando furiosamente a carapuça.

Ao brado da filha, D. Alípiã acudiu pesadamente, abalando o assoalho com sua massa adiposa.

— Olhe! olhe, mamãe! — disse Angélica, apontando Licínio. — Quer ruar, como nos outros dias, e por mais que eu peça não atende!

— Não vou... Havia-me esquecido... — murmurou Licínio, de cabeça baixa.

— É por causa da tal jogatina, não é? — invectivou-o D. Alípiã. — Mas o senhor é um inconsciente? Não vê o estado de minha filha? E não se lembra dos desastres a que o levaram seus vícios? Em nossa casa não admitimos jogadores! Graças a Deus, em minha família não há ninguém assim! Parece que se casou somente para contrariar a coitadinha de minha filha!

Dançando no mesmo lugar, a sogra prosseguiu, contando nos dedos:

— Ela não quer que o senhor fume, e o senhor fuma; não quer que o senhor jogue, e o senhor joga; não quer que leia romances, e o senhor teima em trazê-los para casa. Romances, santo Deus! Graças a Deus, em minha família ninguém lê romances!

E, com as mãos na vasta cintura, franzindo o nariz, D. Alípiã interpelou-o:

— Se o senhor tinha essas intenções, por que pediu minha filha em casamento?

Dito isto, numa imponente reviravolta, voltou-lhe as costas, desembocando para fora do quarto.

Licínio ficou aterrado, triturado. Não podia haver acachapamento maior no momento das explosões da mulher e da sogra. A reação de amargor e dignidade vinha sempre tardia.

“Vá lá”, pensou à noite, sentindo o princípio de uma revoltazinha; “seja tudo por amor da gravidez de Angélica. Quando ela ficar livre, passearei a meu gosto e farei o que me aprouver”.

E desse dia em diante não fumou, não jogou damas nem leu romances.

Nos domingos todos os filhos jantavam com os pais, na imensa mesa da varanda; só à tarde é que os da fazenda montavam a cavalo, de regresso para a roça, onde passavam a semana.

Enquanto comiam, ninguém dizia palavra, regra de educação que desde cedo D. Alípia incutia nos filhos. Licínio ficava sempre constrangido, porque naquele silêncio religioso, apenas cortado pelo trinclido dos talheres e pelo ruminar barulhento das mandíbulas glotonas do Cosme, lia o que os olhares diziam. Todos tinham um modo oblíquo de observá-lo, e cada garfada do moço era analisada pelos olhares de todos, que acompanhavam a comida desde o prato até entrar na boca.

Num domingo estava à mesa toda a família, guardando o silêncio de costume. Acabava-se de jantar. Então o Dr. Lopes Coutinho pediu o café. Era o sinal para as palestras.

Começou-se a falar sobre vários assuntos. Pedrinho, de natural buliçoso, perguntou ao cunhado:

— Como vai de estudos?

Licínio grunhiu uma resposta descochada.

— Eu soube que ele vai para São Paulo fazer exames? — perguntou o Juca a Angélica, muito enciumado.

Continuava inimigo de Licínio e evitava dirigir-lhe a palavra.

— Licínio fala em arranjar emprego em São Paulo e continuar os estudos, mas ele diz as coisas à toa.

— Não — corrigiu Licínio —; eu disse que iríamos para lá se arranjasse emprego. Escrevi a vários conhecidos, mas nada consegui.

— Ah, Licínio! — replicou Angélica com calor —; não foi isso que você falou! Você diz uma coisa e depois vem com outra. O que você disse é que se fôssemos para lá, arranjaría emprego com facilidade.

O moço protestou, o que deu azo a que lhe achassem novas contradições. D. Alípa, que gostava de falar em preceitos gerais, cortou a discussão concluindo sentenciosamente:

— Nunca se devem dizer as coisas à toa.

Fazendo-se eco da mulher, o Dr. Lopes Coutinho distraidamente repetiu muitas vezes em tom sentencioso:

— Nunca se devem dizer as coisas à toa!

Depois de uma pausa, Pedrinho desfechou nova ironia:

— Mas não é só arranjar emprego: para estudar é preciso alguma coisa na cachola!

— Inteligência ali não falta — disse Juca com escárnio, enquanto os demais tinham um meio riso de confirmação.

Afonso, amante de palestras graves, voltou o assunto para as ditaduras do dia. Era pelo Hermes, que lhe parecia um homem de ação.

D. Alípa também era pela espada. No país andavam as coisas tão tortas, havia tanta vagabundagem (voltou com disfarce o rabo do olho para Licínio) que só um homem enérgico e meio absoluto podia pôr cobro a isso.

Licínio, com fumaças acadêmicas, julgou de seu dever dissentir:

— Mas o Rui... — objetou timidamente — a Águia de Haia, um homem erudito, inteligente...

— De inteligências andamos cheios! — retrucou a sogra com intenção.

— Estamos cheios de inteligência — repetiu o Dr. Lopes Coutinho, que não ouvira bem. — Estamos literalmente cheios! A Alípa é um poço de inteligência!

A matrona mordeu o beiço, descochada, mas nada disse, para não desprestigiar o venerável chefe da família.

Depois de percorrer a mesa com o olhar, procurando água, Licínio foi buscá-la, à talha. Era essa uma de suas graves infrações

à praxe da família, quase uma afronta à autoridade do facultativo, porque este, já consultado, se referira a um aforismo de Hipócrates, que condenava a água nas refeições. “Aforismo número... Oh! esta minha memória!”, dissera ele. Atos miúdos como esse, reproduzidos por Licínio com frequência, faziam-no descer constantemente no conceito das pessoas da família.

Depois que Licínio tornou a sentar-se debaixo do olhar reprovador da sogra, Afonso encaminhou a palestra para outro assunto grave, perguntando:

— A “doença” da Angélica não demora, mamãe?

O Pedrinho e o Juca, que se riam do cunhado, e a criançada que começava a fazer algazarra, todos se calaram, conservando-se em silêncio solene.

É que se falava na gravidez da moça.

Esta assumiu expressão absorta e séria, de ente sagrado, consciente de sua divindade, que se respeita a si próprio.

— Pelo nosso cálculo faltam poucas semanas — respondeu D. Alípia gravemente. — Talvez pela lua nova.

Angélica disse que, para ser feliz, fizera uma promessa a cumprir-se no próximo sábado. Era todos da família confessarem-se nesse dia, e comungarem solenemente no dia imediato, domingo, à hora da segunda missa.

— Bonita promessa, não acha, Lopes? — disse D. Alípia, orgulhosa de sua filha ter concebido uma ideia tão bela.

O Dr. Lopes concordou que sim. Todos se figuravam mentalmente à imponente comunhão da família inteira, que moveria a admiração de todos os três-barrenses. No arraial esse fato tomaria o vulto de um grande acontecimento. Licínio fez exceção ao êxtase geral, para dizer, imprudentemente:

— Mas eu penso que me dispensarão! Não sou religioso, e confissão de quem não tem fé não tem valor.

— Como! — clamou D. Alípia. — Não tem religião!

Todos da família, escandalizados, o olharam com estupefação e desprezo. Farejando acontecimentos extraordinários, D. Rita, que

não era mais admitida a comer à mesa comum, por causa de suas inconveniências, e que tinha, por muito conceder, o seu quarto por menagem, intrometeu o nariz pelo vão da porta e pôs-se à escuta.

Angélica foi a primeira que rompeu o silêncio opressor:

— Ah, Licínio! para que diz as coisas à toa! Então você não tem religião?

— Não, ou melhor, para mim todas as religiões são boas — disse o moço, querendo afetar liberalidade, o que achava digno de um “intelectual”.

— Então como é que vai à missa e se ajoelha? — tornou a moça, esmagando-o com essas novas contradições. — Como é que confessou e comungou para casar? Meu Deus! O Licínio não é capaz de dizer coisa com coisa! Ele fala demais!

— Não há incoerência de minha parte — retrucou Licínio, com pruridos de discutir —; e vou provar. Primeiro...

— Basta! — atalhou D. Alípiã com severidade. — Em minha casa não admito discussões de religião! O Sr. Licínio tem o péssimo hábito de turrar! Se não tinha religião, para que foi pedir minha filha em casamento? Graças a Deus, em minha família não há ninguém protestante!

— Há — tornou Licínio, com uma valentia desacostumada, que a hostilidade geral exasperava —; sua irmã, de Rio Preto, é protestante. A senhora ainda há poucos dias o disse.

Houve uma pausa horrível. Sob a afronta inesperada, a matrona branqueou. Ninguém nunca fora tão longe, nem o Lopes, quando se casou, e tinha, como Licínio, suas asperezas de educação, que ela depois com paciência bruniu, pondo tudo lisinho e igual, como sua calva reluzente.

O nariz de D. Rita arfava na fişga da porta, esperando um lance magistral.

Rangendo os dentes, Afonso pusera-se de pé, à espera de um sinal para lançar o bote sobre o cunhado. Mas foi a matrona, ela própria, quem tirou o despique. Levantando-se, a rebojar furiosamente o corpo de elefante, sem parar com os pés no mesmo lugar, disse ao atrevido:

— O senhor não tem que meter o bedelho em negócios de minha família! É muito intrometido, ouviu? Mesmo que fosse verdade, não haveria mal, porque minha irmã é senhora muito distinta e poderá ter suas convicções, o que não se dá com o senhor, que é um lagalhé mal-agradecido!

E D. Alípia, num súbito desmancho nervoso, caiu arquejando numa cadeira. Dando um urro, Afonso precipitou-se contra Licínio, que assumiu atitude defensiva. Mas um guincho agudo de Angélica veio mudar favoravelmente para Licínio o curso dos acontecimentos. Todos fitaram-na angustiosos. Tinha o olhar desvairado, e com a mão segurava o ventre, gemendo.

Recobrando-se instantaneamente do vágado, D. Alípia foi a primeira a correr, aflita, para ela, perguntando:

— Que é, minha filha?

Angélica, em tom flébil, respondeu-lhe que fora uma dor aguda, como uma punhalada, no ventre.

Então, com um gesto de final de ato, a matrona apontou Licínio, rouquejando:

— Assassino! Matou minha filha!

Felizmente não foi nada. No sábado seguinte Licínio confessou-se, à imitação de toda a família, sentindo não poder fazer mais sacrifícios, para manifestar a Angélica seu arrependimento. Pedira humildemente perdão a ela e a D. Alípia, prometendo emendar-se.

A comunhão foi solene. O povo, de natural devoto, via aquele exemplo com admiração e inveja. Quantas famílias se poderiam gabar de uma tal coesão em crenças? Mas o que os fazia pasmar era a súbita conversão de Licínio, que todos sabiam ser ateu — ou “livre-pensador”, conforme o moço dizia, para saborear o prazer de escandalizar seus conterrâneos de espírito simples e pouco afeitos a essa novidade “de fora”. Porque Três Barras era uma poça estagnada de vidas humanas, onde os hábitos, as ideias e as crenças também se haviam estagnado no marasmo da mesmice.

A conversão de Licínio constituía um autêntico triunfo com que a rotina rejubilava. Todos notaram a unção mística com que o moço



espichara a língua para receber a hóstia e com que depois a recolhera com sua carga santa.

Como recompensa justíssima, o filho veio suavemente. Foi tão fácil e rápido o parto, que o povo atribuiu esta circunstância à conversão de Licínio. Diversas senhoras, em vésperas das dores, na convicção de que se tratasse de virtude mirífica do marido de Angélica, se empenhavam com o moço para que também se confessasse na intenção delas. Lisonjeado com o pedido, Licínio as satisfazia; e como com o tempo a confiança do povo se transmitisse a ele, começou a sentir certa veneração por si próprio. Para não se achar ridículo na sua credulidade, fortalecia-se com a citação de Shakespeare: “Há mais coisas entre o céu e a Terra do que sonha a nossa filosofia”. E eram dois motivos de vaidade: os milagres que obrava e o citar-se Shakespeare a propósito.

Quando José Antônio veio à luz, Licínio recebeu-o com prazer nos seus braços paternais. Ninou-o comovido a noite toda; e o outro dia, cheio do doce alvoroço de ser pai, passou-o a pajear o menino. Achava mil encantos na caramunha que o pequerrucho fazia para vagir e mil harmonias no seu berrar incessante. Do terceiro dia em diante começou a achar um tanto fastidioso aquele chorar sem paradeiro, pois José Antônio chorava para mamar, chorava para dormir, para acordar, para parar de mamar, e, quando não ocorria algum desses motivos, chorava de dor de barriga. Por fim, entediado, Licínio ansiava pela dita de reentrar na posse de sua querida liberdade, de que se via privado havia não poucos meses. Mas não queria ser imprudente. D. Alívia lhe falara nos melindrosos cuidados que exigiam as puérperas nos quarenta dias subsequentes ao parto, e ele resolveu dedicar-se ainda esses quarenta, já que assim era preciso, a bem da saúde da mãe.

Foi esse o período mais difícil para o estreante pai. Não era só ninar sem parada, a passear pelo quarto o José Antônio em berros, mas havia os cocôs a limpar, as fraldas a pôr, os nós a dar e desdar nas carapuças e sapatinhos — ele que dantes não conseguia nunca desatar sem dificuldade um nó.

E o choro infundável! Com voz débil, a cada momento Angélica reclamava do leito:

— Acomode essa criança, Licínio! Seus gritos me dão dor de cabeça!

Ele tentava-o experimentando pôr José Antônio em todas as posições, de costas ou de bruços, de um lado ou do outro, sacudindo-o aos tremidinhos ou ninando-o em movimentos compassados — mas era inútil! Não havia mezinha, chupeta ou cataplasma que aplacasse aquele esgoelar-se infundável.

Com isso, o receio de repreensões de D. Alípia, que mais de uma vez lhe dissera:

— Tenha dó de seu filho, Sr. Licínio! O senhor parece que o pega com pouco caso!

Não havia recurso. A manhã do José Antônio era a expressão em choro infantil da fatalidade inelutável com que sucedem as coisas irrevogavelmente fadadas pelas Potestades Supremas. Era como a lei da queda dos corpos, da flutuação, das combinações químicas, enfim, um aspecto da imutabilidade das leis universais: era fatal, cientificamente fatal, que José Antônio goelasse vinte e quatro horas por dia.

Era por isso que Licínio pensava tanto na libertação do quadragésimo dia. Seria então como que subir ao Sétimo Céu. Como se sentiria feliz ao emancipar-se daqueles cuidados de pajem! Findo o resguardo, ele deporiam o pirralho no regaço de Angélica, dizendo:

— Tome o petiz. De hoje em diante fica entregue aos seus carinhos.

Uma mãe sem um filho nos braços, é um altar sem imagem, um corpo sem alma, um jardim sem flores!

A última comparação ele aprendera com o barbeiro, um baixote de olhos piscos, que não deixava de dizer a cada um dos fregueses, no momento de barbeá-los: “Um rosto sem barba feita é como um jardim sem flores”.

E, ao dizê-lo, os olhinhos piscos do barbeiro assumiam uma expressão vaidosa e satisfeita. Era a coisa mais fina que ele aprendera em toda a sua vida.

Ele o diria, sim, com toda a energia. Era preciso energia, porque não precisava ter a argúcia do barbeiro sentencioso para compreender que entre mãe e filha ficara resolvido que ele, Licínio, seria o pajem perpétuo do José Antônio. E, se encontrasse oposição, fugiria de casa cedo e voltaria ao anoitecer.

Havia de rebelar-se! pois bem notava que de dia para dia tinha mais restrita a sua ação pessoal, que a família da mulher tentava impor-lhe as ideias, os hábitos, a vontade, manipulando-o, à sua guisa, para afinal fazer dele um manequim apatetado como o Dr. Lopes Coutinho. Fora-se o cabresto da gravidez. Até ali suportara tudo porque sua consciência se melindraria se fosse causa de uma desgraça; contava os dias restantes do resguardo, como um preso os que faltam para a sua liberdade. E noites a fio já sonhava com o Tristão e os romances de Siá Cota, e planejava pescarias, excursões. Essa perspectiva o fazia submisso. Angélica tanto se agradou de suas novas maneiras que vez em vez lhe dizia palavras ternas ou lhe fazia uma carícia, como justa recompensa da ilimitada paciência com que ele cuidava do José Antônio. Por sinal que no trigésimo nono dia o abraçou e lhe pediu um beijo; e, imensamente venturosa, num retrocesso de noivado feliz, ela pousou com meiguice a cabeça no seu ombro e sussurrou-lhe no ouvido a grata novidade:

— Já estou outra vez, Cininho!

— Grávida! — exclamou Licínio dando um pulo.

— Sim... — murmurou ela, ruborizando-se.

Graças a Deus era sempre assim, na família do Dr. Lopes Coutinho!

## CAPÍTULO VI

Licínio e Angélica, na opinião dos três-barrenses, formavam o casal mais combinado do mundo. Citavam-nos como modelo dos bem-casados. A dedicação que Licínio demonstrava à esposa e filho, de perto dos quais não se arredava, provocava comentários admirativos dos conterrâneos. Por seu turno, ele encontrara uma mulher de juízo, que herdara as belas qualidades da mãe.

— Esses é que irão partir o queijo no céu — diziam.

Comparar Angélica à mãe, constituía o maior dos elogios. A matrona era mais do que estimada em Três Barras, era venerada. Chegava a ponto de a incumbirem de decidir suas pendências e casos de consciência — e, o que ela resolvia, era como sentença de juiz.

Seu prestígio crescia de contínuo aos olhos de Licínio; dava um pulo de crescimento cada vez que ele lhe sentia a força. O moço admirava-lhe as qualidades de energia e resolução, e a pertinácia com que ela martelava seu esforço num só ponto, até vencer, mesmo que se tratasse de coisas mínimas. Sem embargo disso, Licínio preferiria que Angélica não se lhe assemelhasse tanto.

Apesar do susto que lhe causara a “grata nova”, que aliás poderia ser rebate falso, ele já se resignara a tolerar a segunda gravidez de Angélica. Com o aprendizado da primeira a tarefa tornava-se mais fácil. Consolava-se e animava-se agora com a esperança do emprego que a mãe lhe prometera arranjar. Já não era recente seu pedido e a promessa dela, mas o filho conhecia a dedicação

da viúva, que seria incansável em procurar, pedir, esforçar-se até conseguir o pretendido. Atribuía ele a opressão em que vivia a seu parasitismo naquela casa.

Tendo sempre em mira a norma de não contrariar Angélica, punha todos os extremos no desempenho de suas funções de esposo e pai; era incansável em pajar o José Antônio, que crescia birrento e rebelde a seus carinhos. Birrento com o pai, com quem o pirralho parecia implicar, e que agatanhava furiosamente. Tomassem-no porém os braços gordos da mãe ou da sogra, que todo ele se rebojava de gosto naquelas almofadas de toucinho macio.

Foi uma festa o dia em que Angélica lhe descobriu o primeiro dentinho. Fazia cócegas no bebê para que abrisse a boquinha em riso, e então palpava-lhe a gengiva e observava-a em todos os sentidos.

— Olhe, olhe, mamãe! — exclamou, dando rebate. — O primeiro dentinho!

D. Alípia acudiu pressurosa e verificou por si mesma o grande acontecimento.

— Tão crescido já e sem que ninguém visse! Você que o viu primeiro, precisa dar-lhe um bonito presente. É o uso!

Como Licínio não estivesse no quarto, chamaram-no em alvo-roço para ver.

— Olhe, Licínio! O primeiro dente do Zezico! Parece uma serpinha! Não sei como ainda não o senti dando-lhe de mamar.

Licínio olhou, reparou, mas nada viu.

— Como! — tornou D. Alípia. — Não vê o dente?

O pai esperou o José Antônio abrir outra vez a boca, e então observou de novo, com o mesmo resultado.

— Se era coisa que entrava pelos olhos! — disseram as duas mães admiradas de ele não ver.

Fizeram José Antônio rir muitas vezes, para o pai repetir o exame; e depois, como, cansado de rir, o fedelho começasse a berrar, esta circunstância favoreceu o novo exame. Convencido, porém, de que era trabalho baldado, Licínio declarou que não via absolutamente coisa alguma.

D. Alípia começou a perder a paciência:

— Acaso o senhor achará que eu e minha filha estamos mentindo, Sr. Licínio? Está tão visível! Faça o favor de pôr o dedo na gengiva!

— Sinto qualquer aspereza — disse o moço. — Mas não se sabe ainda se é dente.

Angélica com arrebatamento escancarou a boca de José Antônio, que se espolinhava aos urros, exclamando:

— Veja, veja agora, Licínio! Olhe, Tomé, que duvida de tudo! Está vendo agora? Reparou bem?

Mais que depressa Licínio mentiu:

— Oh! agora vi perfeitamente! Que gracinha! Dê-me esse amorzinho, quero acomodá-lo.

E mais de uma vez fingiu que lhe via o dente na boca, dizendo:

— Que serrinha! Não sei como não o enxerguei desde o primeiro momento.

Nem assim pôde mais conciliar nesse dia a benevolência das duas.

Com essa vida sequestrada a que não se podia afazer, sentia-se cheio de um amargor contínuo. Às vezes pesava-lhe tanto o jugo em que o mantinha a gravidez de Angélica, que ficava a pique de sacudi-lo num arranco de independência. Queria um momento de descanso e soledade, onde não o chamassem a cada instante para passear com José Antônio ou preparar-lhe a mamadeira. Um dia ele avistou a entrar na casa um vulto de mulher arcado sob uma trouxa. Nunca vira sua mãe depois daquela visita, nem buscara vê-la, para não se penalizar e envergonhar com o espetáculo de sua degradação. Era um domingo, e na casa do médico mãe e filha desde a véspera zunzavam comentários descontentes sobre o atraso da roupa. Avisadas por Flauzina da chegada da viúva, D. Alípia e Angélica foram ter com ela. Licínio ouviu que a recriminavam por não ter vindo na véspera. Em tom submisso a viúva desculpou-se com as últimas chuvas. As recriminações continuaram largo tempo. O coração de Licínio batia forte a cada impertinência que ouvia. Uma hora depois a viúva saía com a roupa da semana. De um

relance perscrutou o interior da casa, como se procurasse alguém. Viu Licínio, e depois de alguns passos voltou-se para o ver ainda. Seu olhar foi rápido, mas disse tudo. Foi como um silencioso grito de angústia, angústia por ele, comiseração pelo que devia ser ali sua vida. Nesse olhar pusera ainda a saudade dos longos meses de apartamento; mas o que predominava era aquela expressão inenarrável de angústia, que parecia dizer: “Coitado de você!”.

Licínio nesse momento sentiu-se forte. Agitou-lhe o coração uma revolta desconhecida. Depôs o filho no berço e disse a Angélica:

— Olhe um pouco o menino, que está chorando.

Angélica replicou-lhe com desabrimiento:

— Ora, essa é boa! Olhe você, que é sua obrigação.

— Preciso sair — disse Licínio tranquilamente.

— Sair para quê?

— Vou visitar mamãe.

E com os olhos ele procurava o chapéu. No berço José Antônio entesava o corpinho aos berros, reclamando pajem.

— Você não pode sair — disse Angélica rispidamente —; tire o menino do berço.

Licínio não retrucou. Desprendeu o chapéu dum cabide e dispôs-se a sair. Angélica, no supino da irritação, gritou:

— Mamãe!

D. Alípia acudiu, alvoroçada.

— Olhe o Licínio! Esse imprestável largou o José Antônio e quer sair! — delatou a filha.

Torcendo o chapéu na mão, Licínio, indeciso, esperava. Os moços cunhados saíram do consultório, para ver o que sucedia.

— Deveras, Sr. Licínio! — exclamou a sogra, assestando-lhe a bateria de seus olhares furibundos.

— Vou visitar mamãe — respondeu o moço em voz sumida.

Angélica prorrompeu aos guinchos:

— Ouviram? Quer sair! Visitar a mãe! Aquela carcaça mulambenta!

Este insulto foi a chicotada que lhe avivou o desfalecimento da resolução. Fez-se muito branco e rompeu entre os cunhados, buscando a porta.

Afonso quis detê-lo, segurando-lhe o paletó:

— Não vá! Ouviu? Senão...

Mas nesse momento um babaréu infernal pôs em tumulto a casa. Dando gritos estrídulos, Angélica esmurrava o ventre. Todos se precipitaram de roldão a conter-lhe a fúria infanticida.

— Angélica! Pelo amor de Deus! Que é isso? — exclamava a mãe.

Livre das mãos de Afonso, Licínio sentiu horrível perplexidade. Mas durou apenas um momento. Disse entre dentes, com rancor:

— Vou!

E, dando as costas ao bolo que formavam os membros da família, desgalgou a escada da rua com uma pressa prudente.

— Haja o que houver! Sou homem! Quero sair, saio! Sou homem! — ia ele mastigando consigo, para sua resolução não esmorecer. — Se matar a criança, a culpa é dela!

Matar a criança... Evocou num relance a cena trágica: Angélica esvaindo-se em sangue, semimorta, e um corpinho inteiriçado sobre a mesa...

Quis voltar; mas cerrou o cenho e os punhos, para continuar a excitar-se artificialmente. E prosseguiu para diante.

— Gente! O Sr. Licínio parece louco! — diziam os que o viam passar.

Mais por instinto que por obediência a uma ordem consciente, as pernas conduziram-no para o lado da habitação da mãe. Ao de-frontá-la viu-a fechada. Estava indeciso sobre o que faria, quando, olhando para trás, avistou Afonso que aceleradamente lhe vinha ao encalço. Já o repente que impelira o moço a rebelar-se havia arrefecido; e, ao ver ao longe o temível cunhado, Licínio, tomado de medo, meteu-se pela estrada de rodagem que começava ali. A lembrança da noite tétrica em que já fizera aquele percurso com o Afonso, que lhe impedira a fuga planejada, fez o pavor de Licínio recrudescer. Pôs-se a correr, agachado, para que as grandes touças de gravatás que orlavam a estrada o ocultassem. A estrada coleava em curvas. Vez em vez, voltando-se e erguendo a meio o busto, divisava entre as folhas enristadas das bromélias a figura terrível



do Afonso, que também corria. Vendo-o ganhar terreno, Licínio galgou o barranco superior e, saindo da estrada, meteu-se numa capoeira. Corria arquejante, sem se voltar. Por fim, exausto, com o coração a pular forte, deixou-se cair sobre as folhas úmidas do solo. Nesse momento percebeu distintamente Afonso passar correndo pela estrada, mais abaixo. Fora iludido pelo expediente do fugitivo. Um suspiro de alívio saiu do peito do moço. Estava salvo! Salvo e livre! Seus cabelos arrepiavam-se à só ideia de que naquele momento já podia estar caído, de borco, na estrada, com uma faca enterrada nas costas. Para maior segurança, internou-se mais uma centena de braças na mata, que se adensava em capoeirão sombrio e silencioso.

Parou de novo num sítio aprazível. Perto, entre pedras tapeçadas de musgo velho e begônias florescidas, minava uma água clara. Encalmado pela hora e pela corrida, Licínio bebeu à farta; depois estirou-se no chão, contemplando retalhos rendados do céu entre as copas das árvores. Já estava tranquilo e sentia uma sonolência de cansaço agradável. Seus temores e contrariedades zumbiam em surdina, num enxame remoto, longe do momento atual e como fora de seu espírito. Tinha a sensação de uma grande liberdade, naquele grande silêncio. De instante em instante vinham-lhe sobressaltos e sentava-se num rápido movimento reflexo: era a ilusão de estar em casa e o receio de D. Alípiá encontrá-lo naquela posição vadia. Ria-se do engano e tornava a deitar-se, sonolento. Prestava ouvidos ao menor estalido de ramos secos ou rugitar de folhas, e, verificando que nada era, recaía em sua modorra inefável.

Aos poucos, com o cansaço, foi-se-lhe a tranquilidade ilusória. A vespeira remota de preocupações aproximava-se de sua cabeça e por fim invadiu-a toda, zinindo e estonteando-o. Era Angélica a esmurraçar o ventre, Afonso a persegui-lo, a insubordinação recente indispondo-o com a família da mulher, a incerteza do que sucederia... Como deslindar uma situação tão complicada? Como ele emaranhara, com a irritação de um instante, o fio singelo e corredio de sua vida! Fora um grande desastrado. Agora o melhor partido era fugir a tudo, sequestrar-se em qualquer recanto ignorado, embrenhar-se mais e mais na selva libertadora.

Mas, ao pensar nisso, sentia-se tolhido, petrificado. Se Angélica estivesse morta? perguntava-se. Matando a criança talvez ela matasse a si mesma, no estado melindroso em que se achava. E o culpado seria ele. Então sentiu a tortura de remorsos. Sua imaginação mostrava-a inanimada, cor de cera, cercada pelo aparato das cerimônias fúnebres. Naquele momento talvez tivesse dois círios à cabeceira e um crucifixo na mão. Via o caixão agalado. Não era um enterro e sim dois; a seu lado, seguiria para a cova o filhinho recém-nascido...

Esta evocação lembrou-lhe José Antônio. Licínio teve saudades dele e o remorso de o haver jogado no berço com um gesto impaciente que tinha a significação brutal de um repúdio. Fizera o pobrezinho chorar! Pai desnaturado! Desprezar um filho e matar outro!

Estas reflexões o puxavam para trás, para remediar o que ainda fosse remediável; a catadura ferocíssima do Afonso, no seu encaço, impelia-o para mais longe; e esse duplo efeito paralisava-lhe a resolução, imobilizava-o ali imensamente perturbado.

Exausto de sentir essa dolorosa perplexidade, tomou uma resolução inesperada — a de ficar morando ali no mato, como um selvagem. A ideia era poética e atraente. Habitasse embora uma toca, sentir-se-ia feliz, porque o que desejava era paz de espírito. Que partido mais prudente? Voltar, seria morrer. Antes a vida, por mais penosa e solitária que fosse!

Como nesse momento sentiu fome, Licínio pensou na solução do problema da alimentação. Ouvira contar casos de anacoretas que se sustentavam de folhas e raízes silvestres: não poderia fazer o mesmo?

Deu um lance d'olhos em volta, sem divisar folha de aparência comestível. Também não via raiz que tentasse o paladar; só uns grossos raizames de árvores, unhando profundamente o chão. Notou, porém, que a certos intervalos caíam duma copa umas pelotas esbranquiçadas. Eram frutas. Heureka!

Tomou avidamente uma delas e a partiu nos dentes. No mesmo instante cuspiu, enojado. Tinha um sabor acre e nauseabundo.

Só então começou a compreender a privação que os pobres ermitões deveriam sofrer! Como conseguiam subsistir no seio de uma natureza sovina e indiferente? Talvez pela intervenção direta da Providência, que, para os nutrir, renovava um milagre a cada dia. Licínio pensou em erguer o pensamento ao Céu, numa oração fervente, para implorar também um milagre. Assim fez, concentradamente; e, como se o Céu respondesse a seu pedido, ouviu no mesmo instante qualquer coisa cair do alto. Precipitou-se em regozijo para pegá-la; mas viu logo, decepcionado, que era mais uma das pelotas esbranquiçadas.

Desenganado da intervenção celestial e vendo-se ameaçado pelo dilema — morrer à fome ou morrer à faca —, ele sentou-se acobrunhado, com o queixo enterrado entre os joelhos. Um bando de ideias tétricas, revoada sinistra de urubus, povoou-lhe o espírito desalentado. Perguntou então a si mesmo se não haveria uma terceira espécie de morte mais suave, que o livrasse da sua existência miserável. Oh, uma bala nos miolos! Instintivamente apalpou os bolsos, procurando. Gesto inútil, nunca andava armado. Todavia, o Acaso escarninho trocadihou, fazendo-o encontrar uma bala de açúcar, que guardara naquela manhã para dar a José Antônio. Licínio contemplou-a, enternecido, lembrando-se do filho. Havia de guardá-la como relíquia valiosa, para um dia dá-la ao pequeno, contando-lhe as agruras daquele dia memorável.

Essa tenção durou pouco, porque, com a fome, preferiu chupá-la, e o fez gostosamente, sem pensar mais em matar-se.

Era provável que, acabada ela, recaísse Licínio nas garras da hipocondria, porque persistiam as causas de sua amargura; mas atraiu-lhe a atenção um grito longínquo, soando com intermitência. Parecia-lhe uma voz conhecida. Licínio concentrou-se para escutar. A voz avizinhava-se, e ele julgou ouvir as últimas sílabas de seu nome. Por fim escutou nitidamente: “Licínio!”. Era sua mãe. A voz dela soava demorada e dolente como um queixume. Já estava rouca, coitada!

O moço precipitou-se morro abaixo, sem ter tempo para hesitar, e do alto de um barranco viu na estrada sua mãe e Afonso, que seguiam emparelhados.

Avistando o filho, a fisionomia angustiada da viúva iluminou-se, ao passo que Afonso fechava uma catadura emburrada.

Compreendendo que nada tinha que temer, Licínio saltou na estrada e lançou-se comovido nos braços da mãe.

Dali voltaram os três, lentamente, trocando frases raras sobre assuntos indiferentes, para evitarem explicações difíceis.

D. Ismênia perguntou ao filho se sentia fome. Licínio cabeceou afirmativamente.

— Então vamos passar por casa, meu filho; hei de arranjar qualquer coisa para você comer.

Chegados aí, Afonso esquivou-se a entrar, ao que a viúva ponderou:

— É melhor mesmo, Sr. Afonso, que vá adiante tranquilizar a família.

Em casa, acendeu a lamparina porque já anoitecia. Rebuscando as vasilhas de mantimento, ficou consternada vendo-as tão vazias. Que lauto banquete ela não daria ao filho infeliz, se pudesse, ainda que o devesse pagar com seu sangue, com sua carne, com sua vida!

Suspirou melancólica, servindo ao moço um prato humílimo, de sobras de comida, que ele devorou sofregamente. Enquanto comia, D. Ismênia procurava dissipar-lhe os receios que ainda tivesse. Soubera pelo Afonso que nada sucedera a Angélica. Em casa do médico, depois daquela escapula, não o receberiam mal. Se usassem alguma impertinência com ele, fosse tolerante, que “de hora em hora Deus melhora”.

Ao sair da casa da mãe, Licínio levava a alma confortada e a fome apaziguada. Reentrar em casa do sogro, era agora para ele apenas questão de uma atitude a assumir. Optava pela mais humilde. Já meditava uma frase implorativa, a proferir ante a hostil assembleia familiar: “Justamente vos zangastes; perdoai-me!”. Mas achou o “vós” excessivamente oratório. Diria sua frase no tom do estilo caseiro usado por D. Alípiã nas coisas domésticas.

Ao avizinhar-se da mansão do médico sentiu receio, mas com um arranco de intrepidez fictícia subiu a escada. Ao remergulhar naquele ambiente temido, as ideias sensatas enxamearam-lhe no espírito. Maldizia mil vezes sua cabeça birrenta que o impelira àquele disparate. Fora loucura; fora burrice.

O grande momento avizinhava-se, porque chegara ao patamar; e, às apalpadelas, no meio da escuridão desusada que enchia a casa, procurava a porta de comunicação com o interior. Encontrou-a trancada! Era fato anormalíssimo! Bateu timidamente. Um rastilho de luz espraiou-se pelo chão e filtrou-se pelas frinchas da porta. Seu coração deu pulos formidáveis quando rangeu a chave na fechadura. Pensou em atirar-se de joelhos e pedir perdão; fá-lo-ia se fosse outra pessoa e não a Flauzina que surgisse no limiar. A pretinha segurava um castiçal e foi dizendo logo o recado:

— Nhá Angélica falou assim, que, se o senhor quiser ficar, sua cama está arranjada na sala.

Licínio tomou a vela e foi-se, suspirando, para o lugar indicado, onde encontrou a marquesa convertida em cama. Ao ver-se ali solitário, ficou melancólico, com saudades do largo tálamo conjugal. Aquela sala recrudescia-lhe as saudades, evocando recordações do noivado. Pensou no filho. Desejaria beijar o José Antônio, para quem aquele dia também não fora bom, como se nessa efusão sentimental aliviasse a consciência do peso do remorso. Dar-lhe-ia a bala que lhe guardara... Procurou-a nos bolsos; depois lembrou-se de que já a havia chupado.

— Pobre filhinho! — suspirou, comovido.

Olhando a parede, estranhou-lhe a nudez desacostumada. Falta-va ali o que quer que fosse. Ah, o Napoleão! O Dr. Lopes estimava imenso esse quadro, e, como a sala ia ficar interdita, ele, para não se ver privado de contemplá-lo, removeu-o para o consultório. Adorava esse Napoleão, e com grande regalo contava a sua história a quem a desejasse conhecer. Não vinham à baila as batalhas célebres, Austerlitz, Waterloo: nada! o que o Dr. Lopes contava era a história da estampa, o dia em que a comprara, por quanto, o tempo que a

possuía, quem lhe pusera a moldura; por sinal que fora ele que lhe dera aquele dourado tão bonito, a ouro japonês. Muito lhe apreciava, também o chapéu de bico. Havia tempos o doutor se implicara com o colorido apagado do chapéu da estampa; um dia tomou da tinta vermelha e pintou-o. D. Alípiã achou que o quadro ficava assim mais alegre, o que envaideceu muito o doutor, que quis pintar de azul a roupa de Bonaparte. “Não”, disse a esposa, “fica acaipirado”. E admiraram juntos, mais uma vez, o gamenho chapéu vermelho do general. Nesse dia Licínio ouviu o doutor repetir várias vezes, em solilóquio:

— Oh, se eu tivesse tido um mestre de pintura!

Com o coração apertado, o moço encaminhou-se tristemente para a cama.

Muitos dias passou nesse desterro. A sala parecia um lugar maldito. À exceção da criada, que à hora das refeições lhe entregava o prato da comida pelo vão da porta, ele não via mais ninguém. À exceção também de Noêmia, que furtivamente o ia visitar, quando a casa estava deserta, levando escondido debaixo do avental algum doce, repartido do quinhão dela do jantar, ou alguma fruta. Um dia levou-lhe uma rosa de seu jardim. Se não tinha pressa, sentava-se um nadinha e contava a Licínio, em sussurros, uma porção de novidades importantes: a palmada que o Xanxã levava, o segundo dentinho de José Antônio, a gata que tivera uma porção de gatinhos, uns mimos que “só vendo!”. Quando o assunto terminava, afofava o travesseiro, sacudia o cobertor, e sobre isto dizia-lhe adeusinho com um gesto da mão pequenina e saía pé ante pé.

O isolamento de Licínio era quase completo. A vida naquela casa transcorria distante da sala, onde todos os rumores chegavam remotos, como os ecos que se coam no ambiente pesado de uma casa onde sucedeu alguma desgraça. Às vezes, quando a criançada miúda galopava pela casa em correrias tresloucadas, acontecia que um ou outro dos cunhadinhos embarafustava pela sala, perseguido pelos demais. Era uma invasão barulhosa e instantânea. Pulavam na mesinha, atiravam-se de gatas sob a marquesa, aos gritos desatinados;

mas D. Alípia não tardava a descobrir a infração e surgia na porta, trombuda, rebolando-se como um chimpanzé obeso, e com um gesto imperioso fazia os diabretes brincões desfilarem murchos para fora. Ao vê-la, o moço tomava o seu ar mais submisso e murmurava palavras implorativas; a sogra fazia que não dava pela sua presença, a ponto de Licínio ter a sensação de não ser um ente tangível, mas um puro espírito a viver uma ilusão de vida imaterial.

Esse “não ser” pesava-lhe tanto como a atitude de exprobração que as pessoas grandes da casa assumiam para com ele. Cada dia D. Alípia e Angélica tornavam-se mais anjos na sua imaginação. Não se lembrava da sogra carrancuda, impondo incondicional respeito; quem ele via com os olhos da alma era a matrona amável que em solteiro o recebia com os mais acolhedores e maternais sorrisos. Como pudera dar-lhe tal desgosto? Angélica passara a ser a pobrezinha que a maternidade desvaira; e pensava que, ao invés dos cuidados infinitos que seu estado reclamava, ele apenas lhe dava contrariedades! Via-a noiva, procurando-o com o olhar, dando-lhe a almazinha virgem, oferecendo-lhe todo o seu futuro. Como ele fora ingrato!

Assim, a cada momento se acerbava mais seu remorso. Mais de uma vez, quando Flauzina aparecia, ele mandava pedir à sogra que lá fosse. A matrona não aparecia. Insistiu, chegou a rogar com lágrimas nos olhos. De uma feita o enganaram uns passos na saleta. Foi logo depois que mandou um novo recado idêntico. Aquietou-se e esperou a visita desejada. Mas era o doutor que passeava, nos seus costumados vaivéns pela casa. Licínio ouviu-o monologar, distraído:

— Que quererá o Tomé com tantas embaixadas? Que quererá o Tomé?

O recluso sabia que, desde o dia do dentinho, tomara esse apelido. Não tardou surgiu a pretinha trazendo-lhe a solução esperada:

— Sinhá Alípia mandou chamar o senhor.

No auge da ventura ele precipitou-se para fora. Na varanda encontrou mãe e filha. Estavam de pé e trombudas. Sem dizer mais,

Licínio caiu de joelhos e murmurou:

— Perdão!

Mãe e filha perdoaram-no com magnanimidade. Como Noêmia passasse perto, ninando José Antônio, Licínio arrancou-lho dos braços e comeu-o de beijos, enquanto o fedelho, com as mãozinhas gorduchas, lhe repuxava os bigodes, sorrindo com dois dentinhos perfeitamente visíveis.



## CAPÍTULO VII

Tão grande foi o contentamento de Licínio ao ver reentrar sua vida no andamento costumado, que seus sentimentos para com a família do médico de todo o ponto se modificaram. Votava agora um misto de admiração e reconhecimento a D. Alípia e a Angélica. O que dantes constituía para ele motivo de implicância, tornava-se objeto de veneração. Achava agora certa grandeza moral na gravidade com que as duas conversavam sobre assuntos sérios, induzindo das mínimas coisas generalizações filosóficas profundas. Compreendia quanto fora fútil e presumido. Como não tinha bom senso, o melhor que lhe cumpria fazer era deixar-se guiar pelas cabeças sensatas das duas. Desistia de todas as veleidades de emancipação. Como pudera pensar nisso quando compromissos graves lhe atavam a conduta, compromissos assumidos com o passo decisivo do casamento?

E a transformação se acentuava, como por obra de milagre. Começou a ser muito meticoloso, a fazer suas obrigações com o amor e o escrúpulo de quem quer fazer tudo bem feito. Para que houvesse esquecimento total do passado, tornava-se acomodaticio. Ao dirigir-se a Angélica, sua voz era mansa e quase apagada; se não obtinha resposta, em vez de embezzerrar, como dantes, resignava-se. Toda a sua atitude para com ela era humílima, o que se revelava até no abuso dos diminutivos. Precisando do lenço ou de punhos, pedia-lhe “o favorzinho de lhe dar um lencinho ou um parzinho de punhos”.

Era como se ansiasse por se diminuir a si próprio e a seus desejos para se fazer tolerado.

Essa regeneração captou-lhe de novo a simpatia dos moradores da casa. Todos lhe prestavam mais atenção, e não raro D. Alípiã já lhe solicitava o parecer sobre os negócios domésticos. Com Angélica recomeçara uma lua de mel *sui generis* toda de afeição discreta e mútuo respeito.

Um dia a sogra, como testemunho da amizade crescente que lhe votava, chamou-o ao vestiário do Lopes, para presenteá-lo com sua última roupa velha. O presente não valia tanto por si, como pelo significado simbólico, pois aos filhos da casa é que competia a sucessão das calças remendadas do pai, e semelhante dádiva era nada menos que elevá-lo à categoria de filho. Licínio compreendeu; e foi com orgulho e satisfação que se enfiou naquelas roupas amplas, que vinham no momento psicológico substituir sua ultracoçada fatiota de zurra.

Tão a sério tomou sua perfilhação, que de instinto esposou a hostilidade da família contra D. Rita. Repelia-a com mau modo, se o buscava para encher-lhe o ouvido de perguntas ou de queixas contra a nora. Para D. Rita foi um golpe considerável, pois era o único desabafo que lhe restava, depois que a família julgou conveniente, a fim de pôr cobro às indiscrições da velha nas casas que frequentava, contando pormenores da vida íntima da família, proibir-lhe que saísse só. Para ir à missa ou fazer visitas, era escoltada pela vigilância alerta da nora ou de Angélica. Nem à janela lhe permitiam ir, “para se evitarem as conversas intempestivas”, no dizer de D. Alípiã. Exasperada em sua curiosidade insatisfeita, D. Rita caiu de cama e entrevou, com um mal de nervos que lhe puxava gemidos prolongados que ninguém ia consolar.

Em família, às vezes D. Alípiã referia-se à mãe de Licínio, reparando certas coisas. Fazia-o até em presença do moço, mas em termos comedidos, o que era nova prova de consideração. A cada observação dizia com delicadeza:

— Desculpe-me falar assim, Sr. Licínio, mas o senhor, como moço sensato, não deixará de dar-me razão.

Licínio concordava sempre com tudo. Juiz desse tribunal doméstico, condenava a mãe todas as vezes que D. Alípiã a acusava. Não

era, todavia, sem um repuxamento doloroso d'alma, de que ele evitava ter consciência, pelo receio de se sentir culpado. Enxotava de si a sensação molesta que sorratamente lhe cravava o ferrão envenenado de uma espécie de remorso. Sua atitude psicológica em relação à viúva era procurar esquecê-la; e se raro em raro acontecia vislumbrar seu rosto encarquilhado e triste, sentia contra ela uma surda irritação por vir fazer-se presente em seu espírito.

Uma vez foi quando o Tobias morreu de tísica. D. Ismênia assistiu-lhe os últimos momentos e auxiliou, piedosa, os preparativos para o enterro. Obedecendo à tendência caritativa de sua alma, era a enfermeira de todos os doentes do povoado. Como Tobias fosse tuberculoso, D. Alípia referveu em justa indignação:

— É demais, Sr. Licínio! O senhor há de concordar... Nem tem qualificativo esse procedimento! Sua mãe não se lembra de que cuida da nossa roupa, esquece que tem de lavá-la com as mesmas mãos com que lavou o corpo de um tísico!

Licínio abundou nos mesmos sentimentos.

Esse gosto de ir "fossar" na casa dos doentes, prosseguiu D. Alípia, não a recomendava muito perante as pessoas de conceito. São "folias" próprias de gentinha. Já bastava o trabalho de lavadeira! Procedendo assim, ela desmoralizava a si, e, indiretamente à família dela, Alípia, por causa dos laços que a prendiam a Licínio.

— Sua mãe é muito esquisita — acrescentou. — Falta-lhe um pouco de respeito às conveniências! Vê-se isso até na escolha das amizades. Vive numa intimidade reprovável com a Maroca do Pedro Carpinteiro e com as lavadeiras com quem bate roupa na fonte, e fica tão contente nessa rodinha, que não cuida de procurar a amizade de pessoas dignas. Por isso é que todos a tratavam com descaso. A nós, por exemplo, ela procura? Procura o senhor, que é seu filho? Mal pede notícias suas. E mostra muito má vontade, quanto às obrigações... Não se lhe pode dizer nada, mesmo quando é de precisão. Anteontem, por exemplo, conferindo o rol, demos por falta de uma fronha. Como não é a primeira vez que isto sucede, falei-lhe com certa energia. E só o senhor vendo! Fechou

uma cara feia e fingiu que estava chorando. Não compreendo essa pouca vontade de se corrigir!

Licínio concordava, convencido pelas razões irresistíveis da sogra, que era a Razão em pessoa, não só nas palavras como na entoação da voz, na atitude, no olhar e nos reboleios majestosos do corpo.

Dias depois o moço teve motivo para ficar-lhe grato. Embalava o José Antônio na rede, quando sentiu que sua mãe entrava no cômodo contíguo, perguntando por ele a D. Alípia. Era pela manhã.

— Ele agora está ocupado, respondeu a matrona, estranhando aquela vinda em hora imprópria.

— Então não precisa chamá-lo. Falarei com a senhora mesma... Ele vai bem?

— Sim senhora, obrigada.

— Angélica e todos os mais, bons?

— Também, obrigada... Não quer sentar-se?

O convite foi feito com um sorriso forçado e uma voz amarela, que davam a compreender que a viúva estava sendo importuna.

— Agradecida. Eu desejava apenas... dizer ao Licínio... que lhe arranjei um emprego.

— Um emprego? — espantou-se D. Alípia.

— Sim... De caixeiro, no Fragoso.

D. Alípia entufou-se de indignação.

— Oh, Siá Ismênia! A senhora acha meu genro com cara de empregado! De caixeiro! E, além disso, do Fragoso, que tanto o desfeiteou a ele e à senhora, por causa de dívidas?

O Fragoso se arrependera, explicou a viúva. Fora pedir-lhe desculpas e fazer oferecimentos. Ela desculpava, como era natural, e, quanto aos oferecimentos, dissera que aceitaria um arranjo para o filho, se fosse possível. Ele prometeu pensar a respeito, e depois, generosamente, ofereceu-lhe um emprego no negócio.

— Caixeiro! — horrorizava-se a matrona. — Um genro meu! Um genro do Dr. Lopes Coutinho! Penso que não foi o Sr. Licínio que lhe pediu esse lugar?

— Não... — tartamudeou a viúva. — Pensei que... para ele não ficar pesando à sua família...

— Pois não se preocupe mais com meu genro! Na minha família, graças a Deus, não há nenhum caixeiro, e feijão para mais uma pessoa não é que vai fazer falta! Se o Sr. Licínio algum dia precisar de colocação, nós a arranjaremos, e digna!

E estendeu a mão à viúva, dando por terminada a discussão e a visita. A matrona, ainda palpitante de indignação, foi direito onde estava o genro:

— Ouviu, Sr. Licínio?

— Sim, senhora.

— Caixeiro! Quando o senhor quiser, eu mesma o colocarei, e bem! Olhe... talvez até na fazenda. Graças a Deus, recursos não nos faltam para encarregar as pessoas da família! Dispensamos o intermédio de estranhos!

Além do emprego, D. Alívia aludiu vagamente à tenção de metê-lo na política. Mais tarde, depois do Cosme. A eleição deste para vereador preocupava-o bastante. Em tempos fora o Lopes político, com elementos próprios; depois descuidara-se, abandonando o eleitorado. Mas refletindo bem agora no prestígio que um lugar na câmara dá a uma pessoa, e em certas vantagens que poderiam auferir, como, por exemplo, melhorar a estrada da fazenda, ambicionou esse cargo para um dos filhos. Lembrou-se logo do Cosme, que na fazenda era um imprestável, com a sua eterna preocupação de comer. E com isso a atrapalhar os outros, armando quizílias. Agora, principalmente, depois da ida do Juca, andavam os dois engalfinhados em brigas o dia todo, como dois criancolas que eram. A conselho do Afonso, julgava necessário tirar um deles da fazenda, e ela escolhia o Cosme, porque, além de inútil, sua estupidez lhe dava uma aparência de gravidade que dizia bem com o sério das funções a que era destinado.

A ideia de fazê-lo vereador encontrou certa oposição, principalmente da parte do padre, que se intrometia na política, e já tinha candidato para o lugar cobiçado. Divergir do reverendo Gauquério

era mau, porque, excessivamente autoritário, em todos os assuntos, religiosos ou profanos, só admitia uma opinião, que era a sua. Depois de algumas sondagens cautelosas que não surtiram efeito, para encaixar o candidato, D. Alívia julgou necessário um ato decisivo que definisse a situação: mandou o Lopes, de sobrecasaca e calva bem-ensaboada, ir dar parte, ao reverendo, das pretensões do Cosme.

O padre Gauquério tomou o negócio em riso:

— O Cosme? Camarista? Ah! ah! ah! É de gloriosa!

E como o doutor insistisse a sério, reproduzindo o recado bem-ensinado:

— Não! É impossível. Não pode ser!

Não saiu desses três argumentos talhantes.

Ao saber a resposta, D. Alívia encheu-se de uma daquelas santas indignações que a faziam gesticular, rebojando as banhas, com os pés inquietos a dançarem febrilmente no mesmo lugar:

— Não pode, não é? Pois veremos! Ele é o padre Gauquério, mas o Lopes é o Dr. Lopes Coutinho! Se não quer as coisas por bem, haverá luta! Teremos a consciência tranquila, porque a declaração de guerra não partiu do nosso lado. Eu queria saber no que é que o candidato do padre Gauquério é melhor do que o Cosme!

E no mesmo dia escovou o chapéu do Lopes, pô-lo sobre sua calva, acavalou-lhe no nariz os óculos de ouro, e, tomando-lhe o braço, saíram à rua. Era o princípio da campanha. Correram às casas dos conhecidos, explicando a situação e pedindo-lhes o voto. A ideia de dissidência foi bem recebida, porque o povo já estava cansado da política mandona do padre. E desse dia em diante, até a grande ata do pleito, não parava de entrar e sair gente na casa do médico, onde iam conferenciar com a matrona. O Dr. Lopes, compenetrado e de óculos, o cabelo restante muito bem penteado para trás das orelhas, presidia aos conciliábulos, proferindo a intervalos generalidades muito vagas, o que era seu modo de opinar, pois deixava à consorte o cuidado de debater os detalhes práticos. Leôncio era o mais extremado inimigo do padre, desde que este,

do alto do púlpito, lhe lançara a excomunhão, por saber que ele, por diletantismo, andava metido em maquinações de magia negra. O inventor passou a frequentar assiduamente a casa de D. Alípia. Esta ouvia com um sorriso melífluo suas intermináveis dissertações sobre a máquina de sua invenção e outras coisas importantes; sorria ainda ao ouvi-lo falar nos milhares de contos que lhe ofereceram pelo privilégio daquele invento, e que ele ia agora aceitar.

— Não fosse a eleição, D. Alípia — dizia ele —, eu já estava no Rio a embolsar a cobreira!

E a matrona admirava-se da insistência que ele punha em dizer uma coisa que ninguém levava a sério.

Enquanto isso, o Cosme, instalado na casa paterna, aperfeiçoava-se para a grande investidura. A mãe corrigia-lhe a atitude lorpa, o olhar banazola; ensinava-lhe que dentro de casa não se anda com chapéu. Além disso, procurava tirar-lhe o feio vício da gula. Se o via com os bolsos crescidos, passava-lhes revista, sacando para fora broas, nacos de pão, bananas e mais comezainas que neles atafulhava de mistura. Cosme acompanhava com um olhar consternado aquelas preciosidades, que eram atiradas janela fora pelas mãos inexoráveis da matrona.

Não tardou, a mãe achou que o rapaz já adquirira um verniz suficiente. Nas reuniões de eleitores, esquecida de sua autoria na transformação, ela era a primeira a admirar a compostura do candidato. Não falava; fechado em concentramento silencioso, tinha um ar de pensamentos graves. Seurgia dar conselho ou decisão, sabia emitir pequeninas respostas, lacônicas, como aperfeiçoada boneca falante, respostas que se prestavam admiravelmente a todos os assuntos: “Perfeitamente. Pois não! Veremos. Pois sim. Bem”. Puro milagre! D. Alípia enternecia-se até às lágrimas, ao observá-lo. Confidenciou certa feita ao marido, a indicá-lo:

— Olhe, Lopes, o Cosme não é tão burro como pensávamos! Repare que tem seu tino. Na fazenda estava mesmo se perdendo. Pena foi não ter seguido uma carreira!

— Podia ser hoje padre — respondeu o facultativo.

— Não, padre não! — apressou-se D. Alívia a responder —; não sei por quê, Deus me perdoe, mas estou tomando birra com essa gente, em cuja santidade não acredito mais. Não vê o procedimento indigno do padre Gauquério? No entanto, não lhe faltavam motivos de ser-nos grato! Sempre assinamos em subscrições para festas, tenho sido festeira muitas vezes, e você nunca deixou de vigiar o Santíssimo e carregar o púlpito, nem de fazer parte das comissões para as obras da igreja. Sou uma desiludida...

E acrescentou com um olhar vago, o pensamento a flutuar em hipóteses:

— Talvez minha mana Lucrecia é quem tem razão, com o seu protestantismo...

Mas repelindo a tentação:

— Nunca se deve dizer “Desta água não beberei”, mas em minha família, protestantes, nunca!

— Nunca! — ecoou o Dr. Lopes Coutinho.

O ressentimento contra o padre se agravava de domingo para domingo. É que o reverendo Gauquério, desatinando ao ver seus fiéis debandarem para o partido do médico, entrara a fazer política do púlpito. Foram a principio alusões discretas; depois, indiscretas, e, por fim, sentindo-se a pique de uma derrota, não se continha, e despejava do alto de sua tribuna um enxurro de improperios contra os antagonistas. E recorria às ameaças:

— Sim, meus irmãos! — pregava ele um dia, rubro de cólera —; excomungarei daqui deste lugar todos os que votarem com a Chefa. Tão certo como Deus está no Céu!

Havia sempre alguém que levava a D. Alívia o teor dos sermões dominicais. Desta vez ela bufou, sabendo do apelido:

— “Chefa”, Lopes, “Chefa”, Angélica! Ouviu, Sr. Licínio? Cosme! desconhecem a autoridade de seu pai! Então acham que a opinião do Lopes não pesa? Que ele é uma besta? Um dois de paus?

— Acham que sou um dois de paus? Uma besta? — repetiu com veemência o médico.



Mas toda a cólera cessou no dia do enorme triunfo. Também, de memória de gente, não se lembravam em Três Barras de festa como a que comemorou a vitória da nova dissidência. A cerveja espoucou profusa, e fez-se uma hecatombe de leitoas. A casa regurgitou de correligionários. É verdade que num dia se foram pela água abaixo as economias de meses; mas foram-se cantando, com a alegria do dinheiro bem gasto, que compensa em risos e festas o que absorveu de doloroso labor.

## CAPÍTULO VIII

Afonso insistia com a mãe para mandar-lhe mais um auxiliar, pois o serviço aumentava com a prosperidade crescente da fazenda. Procurando em torno de si, D. Alípia não via ninguém que pudesse ir, com exceção de Licínio. Entendeu-se com este, lembrando-lhe que lhe prometera emprego, nem que fosse em sua fazenda. Chegara a ocasião de dar-lhe esta prova de afeto. Se quisesse ir para lá com os filhos dela, mais tarde teria um interesse nos lucros. Mais tarde, dali a uns três ou quatro anos, conforme corresse os tempos.

Licínio aceitou, desvanecido, porque a sogra acrescentara que o achava um rapaz correto, metódico, e que depositava nele mais confiança que nos próprios filhos, menos o Afonso. Durante uma semana deu-lhe instruções minuciosas, educando-o para a nova profissão como fizera com o Cosme para a política. Da parte prática, o Afonso se encarregaria. Desde o princípio fez-lhe ver que ele seguiria só, porque Angélica tinha saúde fraca, necessitando de seus constantes cuidados.

Combinaram primeiro que ele viria aos domingos com os cunhados, mas para as contas somente, pois ninguém mais da família pisava na igreja, desde as insolências oratórias do vigário político. Depois D. Alípia refletiu um pouco, hesitou, e com uma coisa parecida a rubor assomando-lhe ao rosto, disse que os filhos dela, como dantes, voltariam no mesmo dia, mas que

Licínio podia pousar, seguindo segunda-feira de madrugada, porém muito de madrugada.

Licínio ouviu jubiloso e corou também.

E certa manhã, depois de despedidas chorosas, ele partiu para a fazenda, deixando no regaço de Angélica um novo rebento, desta vez uma menina, que viera suave, como por obra de milagre.

Chegado à fazenda, o Afonso não foi ao encontro do cunhado. Licínio teve de procurá-lo para receber-lhe as ordens. Cumpriu-as diligentemente, com o desejo de agradar, de conquistar, afinal, a afeição do cunhado mal-encarado, que não simpatizava com ele. Jurava para si que, à força de dedicação e trabalho, lhe captaria a amizade. Levantava-se antes de todos e ia recolher o gado; durante o dia ocupava-se em mil coisas; e via com prazer que a desconfiança contra ele diminuía, substituindo-a uma doce cordialidade de relações. Acamaradou-se também com o Juca e o Pedrinho, rindo-se das farsas de ambos, e não as tomando a mal se era a vítima; mas não brincava e corria como eles, preferindo conservar-se quieto e reservado a exemplo do Afonso, que procurava imitar.

Aos domingos a sogra o tratava com carinho, satisfeita dos elogios que Afonso lhe fazia.

Algumas semanas depois, ao chegarem os quatro moços, D. Alípiã disse ao genro:

— Ah, Sr. Licínio! quase o mandei chamar ontem, com urgência!

— Que houve? — interrogou ele, inquieto. — Doença?

Sabia que Angélica se achava novamente grávida, o que o fazia passar, longe dela, dias turbados de receios; era tão melindrosa, tão fraquinha!

— Não, graças a Deus, não é nada de doença! Depois direi.

O moço compreendeu que se tratava de acontecimento importante.

Quando se reuniram todos no consultório e Afonso puxou do bolso a papelada das contas, D. Alípiã deteve-o com um gesto.

— Não, meu filho — disse —; os negócios depois. Estou preocupada com outra coisa.

E dirigindo-se a Licínio, com uma voz de circunstância, séria e solene, começou:

— Desgosta-me muito ter que falar num assunto destes, que irá magoar seu coração de filho. Mas que fazer! É preciso!

Licínio teve um sobressalto. Sua mãe! Era verdade que ele ainda tinha mãe. Seus lábios se repuxaram, numa contração de desgosto inexplicável. Na sua vida nova tudo lhe corria com tanta placidez, que o passado lhe dormia no íntimo, como um tranquilo açude de água lodosa. Aquelas palavras agitaram-lhe a estagnação, e o moço sentiu-se displicente, com um desconhecido desagradável a borbullhar-lhe do íntimo.

— Sim, é filho — continuou D. Alívia —, mas é justiceiro. — Admiro muito seu caráter correto, Sr. Licínio; e o Afonso também.

Este confirmou com a cabeça.

— Há muitas coisas que encubro para não o contrariar, Sr. Licínio; mas, quando chegam a certo ponto, não é mais possível, é preciso a gente tomar uma resolução. O senhor bem viu que, quando mandamos a roupa para sua mãe lavar, foi porque ela bem quis; nada lhe pedimos. Pois há de acreditar que há meses, desde sua ida para a fazenda, ela nos tem judiado com a roupa? O que para nós era economia tornou-se agora prejuízo. Parece que lava de má vontade. Se não, veja!

Indo a um canto do gabinete, mostrou-lhe uma pilha de roupas.

— Veja se isto é camisa lavada! Toda encardida. Não há nada que tire estas nódoas. Como esta, uma porção. Todo sábado mando para trás um montão de roupas, para ensaboar de novo. Não pense que é por falta de energia minha; gosto de ver tudo andar direito e tenho-lhe falado severamente a respeito. Angélica também. E quem a visse quando nos escuta! A cabeça baixa, um ar de santinha arrependida... Mas vai, no outro sábado, vem tudo na mesma. E ontem, sabe a que ponto chegou o pouco caso? Olhe!

D. Alívia, no frenesi de uma de suas belas cóleras que a faziam dançar os pés inquietos no chão, estirou no assoalho um lençol estiraçalhado.

— Novo, este lençol! Não havia ainda sido ocupado. Foi lá para tirar a goma e voltou em que estado! De cretone, e novo, novinho!

Veio dizer que foram uns bois que o mascaram. “Mas como foi isso?”, perguntei. De atarantada nem pôde responder. No entanto, é culpa dela! Devia ter mais cuidado! Todos sabem que muitas horas do dia, em vez de cuidar da obrigação como as outras, Siá Ismênia deu para ficar de lado, sentada, banzando, a mão na cara, feito uma mosca-morta. Ah, não posso com uma coisa dessas! Desculpe a franqueza, mas quando qualquer coisa me oprime preciso desabafar. E nisto quero seu auxílio.

Licínio fitou a sogra, à espera de que lhe dissesse como podia ajudá-la.

— Por mais que eu me zangue — prosseguiu D. Alípia —, Siá Ismênia não endireita. Parece até que já perdeu a... o escrúpulo. Eu queria que o senhor lhe falasse, o senhor mesmo, com energia, para ver se toma rumo, do contrário não tenho mais confiança de entregar-lhe nossa roupa!

Os sentimentos desconhecidos continuavam a borbulhar no íntimo de Licínio e subiam-lhe à garganta, quase embargando-lhe a voz! Quedou-se um momento indeciso, mas logo se lembrou do conceito em que agora o tinham, e da consideração que lhe mostrava D. Alípia, e da qual não devia desmerecer. E respondeu, resolutivo:

— Tem razão, D. Alípia. Minha mãe procedeu mal, muito mal. Estou pronto a falar-lhe.

— Pois vou mandar chamá-la já — disse D. Alípia. — Bem sabia que o senhor, sensato como é, também gosta de ver as coisas direitas.

Xanxã foi encarregado de ir procurar Siá Ismênia. Voltou pouco depois com ela; e introduziram a viúva no consultório, onde o conselho de família estava ainda reunido defronte do corpo de delito de sua incúria criminoso.

Ao penetrar aquele cômodo sombrio, ela sentiu-se intimamente gelada. Viu sentados, solenes como juízes, D. Alípia, Afonso e Licínio. Estavam sérios e calados. Ao fundo observavam-na com ar de escárnio o Juca e o Pedrinho. A viúva compreendeu que ali comparecia como ré; sem falar ao filho, ato que sentia seria descabido, esperou de pé que lhe dirigissem a palavra. Aproveitou a

pausa para relancear Licínio. O olhar que lhe deu nesse momento exprimia sofrimento e angústia, e uma como interrogativa dolorosa que o filho não pôde traduzir. Varava-o tão fundo, buscando ler-lhe no âmago da alma, que Licínio não o pôde suportar. Desviou o seu, desconcertado, sentindo embaralharem-se-lhe as ideias e os sentimentos. Com esforço senhoreou-se outra vez de si. E em toada lenta, estudada, embora um tanto incerta, repetiu os agravos da sogra. Mostrava-lhe a roupa perdida, orçando o prejuízo. Em poucas frases terminou o recado. Então, sem saber mais o que dizer, repisou, tartamudeando, as mesmas recriminações.

D. Ismênia ouvia-o, absorta; não entendia suas palavras, apenas sentia-as contra si; mirava-o todo, acompanhava-lhe o gesto seco do dedo, apontando as roupas; pasmava-se vendo-lhe a expressão dura do rosto. Numa parada de Licínio ela exclamou:

— Você, meu filho!

O moço reagiu contra a emoção, que o fazia gaguejar; e prosseguiu nas censuras.

— Você, meu filho! — tornou a dizer D. Ismênia, boquiaberta.

Como Licínio esmorecesse, sem nem saber mais repetir-se, D. Alípiã tomou a palavra para renovar a acusação. D. Ismênia, apatetada, encarava alternativamente nela e no filho. Não os ouvia. Sentia-se envolta num ambiente de pesadelo. Fora dela e dentro dela, tudo era vácuo morto e sem som; as próprias pessoas que tinha em frente pareciam-lhe criaturas sem vida real.

Vendo-a branca e silenciosa, D. Alípiã julgou o efeito suficiente e promissor de melhor procedimento. Com uma última frase severa despediu-a. Mas a viúva não se movia do lugar, com o olhar baço e as mãos rugosas a tremerem.

— Pode sair — repetiu a matrona.

D. Ismênia estremeceu, despertando; e tropeçadamente retirou-se. Ao descer os últimos degraus da escada, caiu, levantando-se em seguida suja de poeira. Pedrinho, no alto, mãos na barriga, prorrrompeu numa gargalhada interminável; e, correndo à janela, ainda sem poder falar, mostrou ao Juca o vulto da velha, com as

costas sujas de terra, que acabrunhada, se afastava lentamente.

Dentro, Licínio ficara tão branco e trêmulo como sua mãe; mas uma forte voz interior, a voz da consciência, que pelo timbre se parecia à de D. Alívia, dizia-lhe que havia cumprido o seu dever.

Mal a viúva saiu, disse a matrona, espichando o beijo, com desdém:  
— Vamos ver se isso agora toma jeito.

Não tomou. No sábado seguinte, como a viúva tardasse a trazer a roupa, D. Alívia mandou-lhe Flauzina com um recado exigente; a criadinha voltou com a trouxa intacta, com a mesma roupa suja que fora na segunda-feira, e cujas melhores peças se achavam inutilizadas pelo bolor. A matrona, ao vê-las, primeiro recuou, cheia de horror, e em seguida, furiosa por se sentir desprestigiada, despicou-se em Flauzina, aplicando-lhe uma coça mestra. Por que motivo, não se sabe ao certo: uma xícara quebrada, ou água que derramou no chão — qualquer coisa semelhante.

## CAPÍTULO IX

Nos últimos tempos passara por grande modificação o gênio de D. Ismênia. Quanto mais os dias corriam, mais longe de si sentia o coração do filho. Caía, enfim, a ilusão materna em que se embalara a vida toda; e ainda bem que tardiamente, depois que lhe branqueara a cabeça. O trabalho já não bastava a aplacar-lhe o desgosto; era frequente sentir afrouxarem-lhe os braços durante a lavagem, menos por exaustão física do que por doloroso desalento; em tais momentos esquecia a roupa no batedor, e quedava-se cismando, na atitude alheada de quem tem o espírito a cem léguas de distância. E as outras lavadeiras se entreolhavam, penalizadas, murmurando umas às outras:

— Coitada de D. Ismênia!

— Aquilo é o filho!

— Não pode ser; tão bem casado! — discordava uma.

— Tenho para mim que são outros desgostos.

Aventavam ainda que podia ser doença. Andava ela se queixando de umas pontadas no peito, cuja causa era talvez friagem apanhada na labuta da fonte.

Felizmente a viúva ainda nutria alguma dúvida. “Licínio parece indiferente”, dizia consigo, “mas no fundo é o mesmo. É retraído, não se manifesta, não me procura, mas isso nada significa; ele sempre foi meio cabeça no ar. Como agora anda querido, esquece-me um bocadinho. Não mudou, não! Sempre a mesma criança grande...”.



Habituada a sofrer pelo esquecimento dos filhos, seu estoicismo dava-lhe argumentos contra a dor. Fora sempre uma resignada. No momento, porém, em que compareceu ante o filho como ré e lhe ouviu as exprobrações duras, fugira-lhe dos lábios o primeiro queixume nas palavras: “Você, meu filho!”.

Ainda sentia a esperança extrema de vê-lo cair em si e arrepende-se; ou esperava que Licínio lhe significasse de qualquer modo que aquilo era uma atitude artificial, forçada, pura comédia para contentar a família da mulher. Ela ainda o desculparia e aprovaria. Mas não! o filho permaneceu seco e ríspido, compenetrado do que dizia, como um juiz verdadeiro que pronuncia a condenação de uma verdadeira ré.

“Perdi meu filho!”, soluçou-lhe a alma naquele momento decisivo.

Saiu pungida por um agudo sofrimento. Com o desalento, bambearam-lhe as pernas e caiu na escada. Levantou-se, sem voltar a vista e seguiu. Sentia uma dor viva que não sabia localizar. Com os braços instintivamente apertava o próprio peito para lhe amortecer as pontadas. Inútil! A sede do sofrimento era outra, toda subjetiva.

Na semi-inconsciência dessa hora chegou a casa, onde se pôs automaticamente a andar de um lado para outro, na aflição de quem procura uma coisa e não acha. Depois foi à porta do terreiro e correu os olhos em torno, como à espera de encontrar lá o que buscava. Viu roupas a branquejarem nos coradouros, e, mais além, os canteiros da horta. Não estava também lá. Apoiada ao umbral, teve ainda o gesto de cingir o peito, para fazer calar o sofrimento; e recalcando um soluço, a triste mãe murmurou:

— Meu Deus! Perdi meu filho!

Sentou-se desanimada na soleira, na atitude encolhida da Joaquina Cega que morara ali. Cansada de lutar em vão, rendia-se à fatalidade. Teve a visão de sua velhice inútil e desprezada, e pediu a Deus a dádiva da morte.

Sua tristeza era amarga como fel. Ancorou-lhe na alma como um penedo onde debalde iam embater-se as preocupações da vida comum. A cada instante a força do hábito trazia-lhe à lembrança uma obrigação: a roupa a recolher; o preparo do jantar; as trouxas em atraso a serem entregues... Costumada à longa servidão voluntária em que levava a vida

para beneficiar os seus, esforçava-se para se levantar e cuidar do serviço; mas surgiam-lhe as interrogações paralisantes: Para que trabalhar? Para que viver? Perdera os filhos todos. Sua missão estava finda.

E, enovelada como a ceguinha, amortalhada na treva de seu sofrimento, esperava cabisbaixa a morte. Oh, se ela tardasse! Se aquela noite sombria se prolongasse indefinidamente!

Ante a possibilidade deste novo horror, não teve mais forças para sofrer silenciosa; intumescceu-se-lhe a garganta, sacudiu-se-lhe o peito e rompeu em soluços altos, enquanto as lágrimas lhe corriam pelo rosto encarquilhado.

Quantos anos havia que não pranteava! Quanto padecimento ela estoicamente forçara a silenciar! E agora, soltas as fontes das lágrimas, chorava doridamente e sem fim, pelo muito que deixara de chorar. Relembra os filhos todos, esparsos por terras distantes, que aos poucos a foram esquecendo, e que já eram como mortos.

A noite a encontrou sentada na soleira; lenta e soturna sua negridão a envolveu toda; e a desoras, entre o coaxar das rãs, o trilo melancólico dos insetos e as pragas do Bolão, faminto, no cubículo do terreiro, seu soluçar infundável ajuntava ao concerto dessas vozes noturnas uma nota estranha, misto de regougo e de gemido humano.

Os dias se passaram em monótona sucessão de claridade e sombras, sem que cessasse o doloroso marasmo da viúva, para quem o ambiente exterior tinha o ar de irrealdade e pesadelo. Pessoas batiam à porta. Cansadas de bater em vão, invadiam-lhe a casa, injuriando-a, em constantes reclamações enérgicas. E, atentando-lhe na inconsciência, ajuntavam a roupa onde a encontravam e levavam-na, sem obterem da viúva resposta às palavras que lhe dirigiam. Começaram a dá-la por louca.

As lavadeiras suas conhecidas vinham à tarde fazer-lhe companhia. Rodeavam-lhe o corpo esquelético e diziam-lhe palavras de consolo, como os amigos de Jó:

— D. Ismênia, que é isso! Pois a senhora não vê o sereno? Vamos para dentro!

— Não! não! — gemia a viúva.

— Que pecado! — redarguia outra. — Deus não gosta de um desespero como o seu! Pare de chorar, D. Ismênia! Ninguém morreu!

Era inútil; mas as visitas compreendiam que sua companhia a confortava, fazendo-lhe o pranto marejar mais suave. E que pranto sem fim! Ela já tinha os olhos inchados; e o rosto, continuamente repuxado pelo choro, como que diminuía.

A Maroca do Pedro Carpinteiro vivia acabrunhada por essa mudança. Diziam que D. Ismênia estava louca; ela, porém, tinha para si que isso não era verdade. Antes fosse! A loucura seria um benfazejo princípio de morte. Estimava há tantos anos a viúva! Por sinal que fora esta quem arranjara seu casamento com o Pedro. Davam-se muito, marido e mulher. Ele não bebia, não vadiava, todo de seu trabalho e da família; ela a cuidar da casa e da petizada já numerosa. Tudo para o Pedro era a Maroca, e a Maroca não ia a parte alguma sem o Pedro. Mesmo assim, nessa perfeita vida doméstica, ela sentia-se consternada desde que D. Ismênia perdera a resignação; doía-se de sua desdita como de uma desgraça pessoal.

— Não sei por quê — explicava, enxugando os olhos na manga do paletó —, mas eu às vezes penso que D. Ismênia é minha mãe de verdade! Nem sei dizer o amor que lhe tenho!

À hora de comer, solícita, o primeiro bocado em que tocava era para levar à viúva. Escolhia o prato menos quebrado do guarda-louça pobre, asseava um garfo, e ia “pelejar” com D. Ismênia para que tomasse alimento; e dava-se por feliz quando a poder de instâncias via-a comer um pouquinho.

Toda a sua solicitude, porém, não conseguia dissipar-lhe a tristeza mortal. Não havia mais nenhum meio de reanimar aquela alma com um sopro de alegria. D. Ismênia desdeixara a casa e o trabalho; na horta o mato invasor afogava os canteiros; as cercas caíam; e não saíam de dentro da casa as galinhas e os bácoros da vizinhança, que iam fofosar nas canastras, e nas roupas velhas que encontravam pelos cantos.

Ressentido do abandono e esbravejando, Bolão um dia foi-se embora. Saiu ameaçador, invocando todas as maldições do Céu sobre aquela casa onde o queriam matar de fome. E num assomo de cólera, antes de arredar-se dali, arreventou com o bastão os últimos vidros das janelas.

## CAPÍTULO X

Decorreram alguns anos. Nesse interregno Licínio e Angélica conceberam outros filhos e filhas. Os meninos, ao ficarem taludinhos, iam para a fazenda, onde o José Antônio já começava a prestar alguns serviços. Licínio sentia-se tranquilo e feliz. O único espinho que o molestava, era saber que sua mãe vivia há muito tempo da caridade pública. Assim como a família da mulher, ele reprovava mais essa degradação. Seria tão fácil a viúva evitá-la, recorrendo ao filho, que não a repeliria, ou mesmo trabalhando como dantes. Pois não era inválida, nem estava decrépita. Sem embargo desse mau procedimento da viúva, no fundo da consciência de Licínio persistia a ponta acerada de um incomparável remorso.

No arraial, a novidade máxima desse período de tempo, foi a fortuna inesperada de Leôncio. Há muito que o homem dos sete instrumentos havia abandonado todas as mais cogitações para se dar a umas combinações exóticas de números, os quais, pela influência de São Cipriano e certos demônios que lhe eram familiares, deviam dar-lhe a sorte grande. Baseado nesses cálculos comprava bilhetes e mais bilhetes, e um dia — zás! — arranca uma sorte de vinte contos. Pela sua oportunidade esses vinte contos valiam por duzentos. Seus múltiplos negócios andavam rendendo pouco, seus talismãs miraculosos não tinham procura, os doentes receavam suas garrafadas a que se atribuíam uns tantos desastres, e, apesar dos muitos mil contos que o moto-contínuo lhe devia trazer, o certo era que, enquanto eles não vinham, as chitinhas baratas com que se vestiam sua

mulher e sua filha inspiravam comiseração, e a mocidade decaída da Augusta ia-lhe dando probabilidades de ficar solteirona. Dia a dia Mole-Mole se fazia mais murcha e cor de queijo, ao passo que sua corcundinha se ia tornando em gibosidade.

A notícia dos vinte contos arreventou com fragor naquela terriola pacata. O Tristão, fascinado, rompeu seu interminável noivado com Siá Cota, e pediu a Augusta em casamento. Foi aceito e casaram-se logo. Quanto a Siá Cota, desesperada, chorou três dias e três noites ao ver fugir aquele último rastilho de esperança. Apegou-se de novo à ideia do convento, mas via não ter coragem de pô-la em prática. Seu coração era um enigma. Pois a solteirona não reconhecia que, mesmo depois do Tristão casado, o amava muito, mas muito? E não podia ocultar-lhe essa paixão pecaminosa, malgrado as admoestações revoltadas de Florinda. Quanto ao malandro do Tristão, não via tal paixão com maus olhos. E Siá Cota, sentindo-se à beira de um abismo, atirou-se com fervor à religião, frequentando assiduamente a igreja, não perdendo missas nem novenas. Nas suas confissões expandia-se com o padre Gauquério, a quem revelava suas lutas íntimas. Nesses instantes a irascibilidade do reverendo se aplacava e ele ouvia-a com um sorriso bonacheirão de quem vê mais motivo para rir do que para arrepelar-se. Um dia em que Siá Cota lhe suplicava que a salvasse do abismo ele aconselhou-a:

— Tranque-se em casa e evite olhar o moço.

— Não posso! — gemeu Siá Cota.

— Então faça uma promessa a Santa Úrsula e reze padre-nossos para as Onze Mil Virgens, um para cada uma.

A solteirona começou a cumprir a penitência difficilima; mas seu coração continuava rebelde.

Apesar de rico, Leôncio ainda continuava na política, sendo o colaborador mais ativo do partido do médico. D. Alípiã e este, presos pela gratidão, lastimavam a negra melancolia que a fortuna parecia ter-lhe trazido. Poucos meses depois do casamento da filha ele deu em sair pouco de casa, mergulhado em suas combinações tenebrosas de números. E continuou a comprar, a comprar bilhetes, o que

deu ensejo a cochichar-se que as suas combinações milagrosas já lhe haviam absorvido os vinte contos da sorte e mais o valor do que possuía em bens.

Durante o mesmo intervalo de tempo, grande acontecimento para a família do Dr. Lopes foi o pungentíssimo golpe da morte de D. Rita. Seria difícil descrever o desespero da família no dia da grande desgraça. Era um sentir profundo e comovente. D. Alípia e o Dr. Lopes abraçavam em lágrimas o cadáver amortalhado, que pareciam querer revocar à vida, espetáculo que arrancava jorros de pranto das pessoas amigas que lhes enchiam a casa. Trajaram rigoroso luto por um ano; e muito tempo depois de morta, ela era ainda o assunto obrigatório em todos os serões. D. Alípia e o marido recordavam toda a vida de D. Rita, pondo-lhe em destaque as virtudes.

— Um consolo ao menos ela teve — observava a matrona —, é que nunca lhe faltou coisa alguma.

E com os olhos marejados rematava:

— Nunca lhe conheci defeitos. D. Rita era uma santa!

— Era uma santa! — suspirava o facultativo, comovido.

Na política, sempre vitoriosos, e, por essa causa, molestados pela hostilidade incansável do padre Gauquério. O reverendo, iracundo, despeitado, despicava-se contra a “Chefa” em todos os sermões. No dia do acesso do Cosme à presidência da Câmara, lançara do púlpito excomunhão solene em toda a família. Todos tremeram de horror, menos a matrona, que só viu o lado injurioso do ato e embranqueceu de raiva a essa nova afronta. Em diversas cartas a Lucrecia, a irmã protestante, ela escrevera queixas amargas contra o reverendo. A irmã respondia-lhe prontamente longas epístolas semeadas de Mat. VI, 33, João XII, 35 e outros engrimanços assim, que a família olhava sem compreender, com pasmada admiração. Essas respostas punham D. Alípia cogitativa. Esmoía consigo umas tantas dúvidas, dizendo às vezes em família:

— Sabem em que ando pensando? Tenho-me perguntado se não será minha irmã que está com a razão... Esses padres são tão perversos que lançam na alma da gente uma dúvida; será possível que criaturas assim sejam sagradas e ministros de Deus?

Um dia entrou-lhe a casa uma mulher seca, espigada, duns cinquenta anos. D. Alípiu deu um grito, atirando-se-lhe nos braços.

— Lucrécia! Você! Que surpresa agradável, minha irmã!

Em altas vozes chamou as pessoas de casa; e em pouco a recém-vinda era abraçada e festejada por todos, inclusive os sobrinhos que não a conheciam ainda.

— Sim! Sou eu — repetia ela —; vim numa santa missão buscar para o rebanho do Senhor muitas ovelhas desgarradas!

Aos poucos as expansões foram cedendo lugar a uma calma satisfação, e todos, alegres e respeitosos, admiravam aquela mulher de voz metálica e gesticulação abundante, que pregava como um padre.

Trouxera como bagagem uma grande mala atochada de livros e folhetos de propaganda e de números de jornais evangélicos.

D. Alípiu passou o resto do dia desabafando no seio da irmã os seus desgostos profundos.

— Minha mana — disse Lucrécia —, por que se apega a essas coisas terrenas? A seara do Senhor é só o que importa, e ela precisa de ceifadores!

E, cada vez que se tocava no nome do padre, a irmã, colérica, improperava:

— Os padres são enviados pelo Anticristo, para corromper os corações! A Igreja Romana é a sinagoga de Satanás, ouviu, Alípiu?

À noite reuniram-se todos na sala de jantar. Lucrécia sentou-se tendo ao lado um montão de bíblias e folhetos, para iniciar a santa missão. A família escutava, pasmada de tanta coisa nova de que nunca ouvira falar. Quando a predicante se referia ao romanismo, aos poucos tomava calor, exaltava-se, até que, possessa de indignação, numa transfiguração de sacerdotisa inspirada, punha-se de pé, e, brandindo os braços, com a voz blindada vibrando como a trombeta do Juízo Final, anunciava o fim do mundo. Culpava de todas as calamidades do universo os padres e os papas; e atirando o punho cerrado para o lado do Cosme, que se transia de terror, ameaçava Roma e o Vaticano:

— Besta de Sete Cabeças! Serás arrasada e consumida em cinzas! Pagarás teus malefícios com pranto e ranger de dentes, e da tua fortaleza não ficará pedra sobre pedra!

Depois a missionária se apaziguava, entrando por várias explicações. Se havia tanto pecado no mundo, disse ela, é porque o Diabo andava solto; mas Deus, na sua misericórdia, ia dar aos homens mil anos de felicidade, mandando um anjo agarrar o Maldito (“Aqui está, no Apocalipse, cap. XX!”) e amarrá-lo durante aquele tempo, e então reinariam paz e harmonia no mundo.

— Eu também sei amarrar o diabo! — aparteou o Xanxã.

E como a tia o encarasse severa e interrogativamente, ele explicou:

— Quando a gente perde alguma coisa, dá um nó numa tira de pano e o prende debaixo de um pé de mesa. O diabo fica amarrado e logo se acha o que se procura.

— Isso são superstições romanas! — vociferou Lucrecia num tom que não encorajava novas interrupções.

Continuou falando sobre outras coisas interessantes, como o mistério do 666 e o episódio da burra de Balaão. Este divertiu particularmente as crianças, ao passo que o primeiro provocou profundas reflexões no cérebro das pessoas grandes.

Finalizou a noite fazendo oração e entoando em solo vários hinos sagrados, contraste de harmonias sumamente tranquilizador depois de suas explosões temerosas, sendo apenas de lastimar que certo pigarro lhe prejudicasse as notas mais belas, nos trechos mais próprios a elevar a alma em êxtase. Em seguida foram todos silenciosamente deitar-se, cada qual levando embaixo do braço uma Bíblia oferecida pela missionária.

No dia seguinte Licínio e os rapazes da fazenda foram chamados, e, durante a semana em que Lucrecia esteve ali, D. Alívia obrigou-os a ir passar o serão em família, para lhe beberem a palavra inspirada. Na véspera de sua partida, depois que a irmã se foi deitar, D. Alívia congregou na varanda todos os membros da família, em sessão solene:

— Escutem — disse-lhes entre o silêncio respeitoso de todos —, Deus foi servido de mostrar-me o caminho da Verdade. Declaro aqui



perante todos que adoto as ideias de minha irmã. Digam se não tenho razão de proceder assim, depois do que temos sofrido da parte do padre Gauquério.

Respondeu-lhe o silêncio aprovador de todos.

— Muito bem! — disse ela. — Sou feliz por ver que todos pensamos do mesmo modo.

No dia seguinte, quando Alípia contou à irmã o resultado da conferência, Lucrecia, rejubilando, propôs fazerem um culto em ação de graças, para comemorar o grande acontecimento. Findo o culto, entoou novos cânticos adequados à circunstância, cânticos de uma elevação sublime, que fazia esquecer as deficiências da voz. Em seguida abraçou a todos e partiu.

Um ar de santidade começou a reinar na casa que ela deixara. Havia bíblias esparramadas por toda parte, entre aluviões de folhetos sobre o papel conjugal de São José e a multiparidade provada da Virgem Maria. D. Alípia várias vezes teve que puxar as orelhas da pequenada, que profanava os santos livros brincando de fazer com eles casinhas. Aquela abundância resvalava às vezes a entulho. Era um atravancamento incômodo em todas as partes, no chão, em cima das mesas, em cima das camas, com grande consternação de D. Alípia, que não via mais jeito de ver a casa parar arrumada.

“Faziam culto” todas as noites. Aos domingos o faziam também antes do jantar, para os filhos fazendeiros tomarem parte. Lucrecia insistira para guardarem escrupulosamente os domingos, deixando para outro dia as contas da fazenda; mas D. Alípia achava ser questão de consciência, e a dela não lhe dava rebates por isso. Nos cultos era de rigor guardar-se o mais absoluto respeito, cláusula difícil de observar para o Pedrinho, a quem certas palavras cabeludas ou certos episódios como o das filhas de Ló e o de Abisague, faziam prorromper em gargalhadas intempestivas, que eram atalhadas pelas mais acerbas censuras de D. Alípia.

Com esse revide contra o padre Gauquério a casa se fez mais feliz. Haviam-se emancipado da influência da Igreja, e isto era uma nova vitória. A matrona pensava em ampliá-la mais, convertendo

ao protestantismo o rebanho do padre. A primeira conversa foi Siá Cota. Esta reconhecia a inutilidade das difíceis promessas que andava cumprindo. Jejuns, cilícios, orações prolongadas — bastava um sorriso do Tristão para demolir essa fortaleza em que se entrincheirava. Refazia ela assim o crochê infundável de Penélope. E, sentindo-se a um passo do abismo, abraçou-se com fervor às ideias que D. Alípia lhe incutia, buscando a salvação na nova crença.

Por esse tempo começou a raiar para Licínio a vaga possibilidade de voltar a morar no povoado. O caso é que já se fazia urgente dar-se um substituto ao Dr. Lopes na escrituração, e o genro foi lembrado para isso. Havia, porém, um enorme obstáculo — e era que, quando se tocava no assunto, o Dr. Lopes ficava tão consternado, que a matrona, de dó, não insistia. No entanto, ela via que daquele modo as coisas não podiam continuar. O facultativo estava imprestável, confundia tudo, errava crassamente contas simples. A verdade é que, numa caducidade precoce, o cérebro já lhe desatremava, inclinándolo a várias manias. Pois, com aquela história de protestantismo, a cabeça não lhe ficara mais abalada? Desde a primeira leitura da Bíblia manifestara sua preferência pelos capítulos das gerações, que para ele encerravam todas as belezas do novo credo. Lia-os, relia-os, tentava decorar; horas mortas levantava-se do leito e punha-se a andar pelo quarto, monologando: “Abraão gerou a Isaac, Isaac gerou a Jacó, Jacó gerou a Judas e a seus irmãos”, etc... Isto sem termo, recomeçando depois de terminar, subindo dos últimos para os primeiros, e refazendo a escala descendente, a ponto de D. Alípia perder a paciência. Às vezes até pecava, tentando reconstruir sua própria geração, numa paródia aos livros sacros: “Manuel Coutinho gerou ao Coronel João Coutinho; o Coronel João Coutinho gerou ao Dr. José Antônio Lopes Coutinho; o Dr. José Antônio Lopes Coutinho gerou a Angélica Coutinho e Angélica Coutinho...”. Dizia os nomes dos netos; depois que terminava subia; e, como não podia ir além do avô, suas ideias se embaralhavam e começava a dizer coisas desatadas.

Além disso, a mania caligráfica e do desenho confirmavam seu desequilíbrio mental. Tinha uma variada coleção de tintas de cor

e chorava como criança quando D. Alívia as escondia. Uns tempos andara maníaco pela letra gótica, e copiara integralmente em caracteres irrepreensíveis uma obra de terapêutica em dois volumes. Nos livros de escrituração fazia iluminuras interessantes: se lançava um assento de leite, pintava ao lado uma vaca; registrando colheita de milho, ou ovos, pintava um pé de milho ou um galo. (Não se compreende por que não pintava uma galinha, o que seria mais lógico.) E tudo com as maiores arbitrariedades de cor. Por exemplo, pintando um galo, punha-lhe asas vermelhas, rabo amarelo, cabeça azul e pés verdes.

Era lamentável semelhante decadência de uma pessoa de tanta respeitabilidade! E D. Alívia, em todas as suas orações, não se esquecia de pedir fervorosamente a Deus que lhe desse forças para não perder a paciência com o Lopes.

## CAPÍTULO XI

Um dia, como Leôncio lhe dissesse que sua mãe estava doente, Licínio entristeceu-se e disse a D. Alípia que desejava ir visitá-la.

— O senhor está incomodado à toa — respondeu a sogra. — Decerto são as macacoas que ela sempre tem tido. O Leôncio exagera muito. E por que haveria de adoecer? Não cuida da casa, não bole numa palha, passa uma vida sossegada!

Este “sossegada” teve uma inflexão *sui generis* que levantou uma pequena desconfiança na alma de Licínio. Adivinhou o insulto rebufado no eufemismo. Por que a sogra odiava sua mãe, devia ele, que era filho, odiá-la também?

Insistiu intrepidamente, com o fim de analisar-lhe os sentimentos.

— Disse que está de cama, passando mal.

— Histórias, decerto, Sr. Licínio! Exageros do Leôncio. Mesmo que estivesse, podia ser apenas... cansaço de andar. Isso de tirar esmolos deve ser cansativo. É uma vida de andarilho.

— Mamãe não pede pelas ruas — retrucou Licínio. — Trata dela a Maroca do Pedro, e, assim, é como se pagasse uma dívida, pelo muito que a mamãe a serviu outrora.

D. Alípia enrugou o beijo e franziu o nariz, como quem significava que dava tudo na mesma e era sempre aviltante.

— Em todo caso — prosseguiu Licínio com mansidão, porém com firmeza —, faz tanto tempo que não a vejo, que vou hoje fazer-lhe uma visita. Confesso-lhe que tenho tido remorsos de a ter esquecido tantos anos!

D. Alípia encrespou mais o nariz, meio agastada, com algumas “verdades” prestes a borbotar-lhe da boca; mas preferiu afastar-se para o outro cômodo, lançando-lhe uma última frase:

— O senhor pode ir, mas lembre-se de que esperamos daqui a pouco o noivo da Noêmia e seria uma desfeita não estar aqui conosco para recebê-lo.

Sentindo a proibição que encerravam essas palavras, Licínio pendurou o chapéu que havia tomado para sair. Em seguida, prestando atenção, ouviu no compartimento contíguo D. Alípia zunzunar ininterruptamente o que quer que fosse, respondendo-lhe Angélica com indignação abafada. Pareciam ambas irritadas.

Durante o resto do dia Licínio não encontrou oportunidade para sair. Era como se secretamente conspirassem para tomar-lhe as horas todas. Passou a maior parte do tempo a fazer sala, com as outras pessoas da família, para o noivo da cunhada. Este era um moço imberbe e tímido que morava num lugarejo próximo. Estava doidamente apaixonado por Noêmia que, com o passar dos anos, embora perdesse alguns atrativos da menina, ganhara em mimo e graça angelical. Era fina de rosto e tinha um ar etéreo de sílfide e de visão. O noivo, perto dela, adorava-a com os olhos e com a boca aberta. Licínio, sem saber por quê, sentiu por ele, ao mesmo tempo, simpatia e piedade.

## CAPÍTULO XII

Durante a semana Pedro Carpinteiro foi várias vezes dizer a D. Alípiã que mandasse chamar Licínio, porque a mãe dele agonizava. Certificada por outras fontes da notícia, a matrona afinal convenceu-se e disse a Angélica:

— Minha filha, estou muito indecisa. Meu dever é mandar chamar o Sr. Licínio; mas tenho tanta pena dele, coitado! Imagino como não ficará triste sabendo da notícia. Depois, uma alma sensível como a dele assistir ao horror de uma agonia... Acho melhor poupar-lhe esse espetáculo doloroso. Além disso, o serviço se ressentiria, se ele, mesmo por uns dias, deixasse a fazenda. Porque, ao receber o aviso, seria bem capaz de deixar tudo e vir.

— Lá isso vinha mesmo — observou a filha. — Mamãe, tenho para mim que o Licínio não regula bem. Não nota que às vezes ele tem assim uns modos... umas reviravoltas?

— Aquilo é gênio — opinou D. Alípiã.

— É; mas quando a gente o esbarra como deve ser, fica melhor. Não se lembra daquela vez que ele fugiu para o mato? Tratamo-lo mal uns tempos e ele ficou feito uma seda.

— Isto é verdade — concordou D. Alípiã. — É preciso ir aos poucos e com jeito encurtando o cabresto, para evitar muitas contrariedades. Pensa que nestes últimos dias não tenho tido agravos dele?

— Licínio tem isso mesmo, mamãe; de tempos a tempos noto-lhe umas mudanças...

— Então não o avisamos?

— É melhor. Para quê? Ele não pode dar vida à mãe e iria inutilmente sofrer e atrapalhar o serviço. Afinal de contas, Licínio pouco se importa com ela. Há quantos anos não a vai ver? Também, seria absurdo ter considerações com uma criatura daquela ordem!

D. Alípia suspirou, filosofando:

— Tem razão. Há certas mães desnaturadas a quem não sei para que Deus dá filhos!

E ficou assentado nada dizerem.

Na sexta-feira Pedro foi comunicar-lhes a morte de D. Ismênia. Tinha os olhos vermelhos de chorar, e o sentimento fazia-o gaguejar ao dar a triste nova.

— Querem que eu vá à fazenda avisar o Sr. Licínio? — perguntou.

— Não é preciso — respondeu a matrona —; mandarei eu mesma.

— O enterro é amanhã, às cinco da tarde.

D. Alípia, consternada, conferenciou de novo com Angélica. Contrariava-a ter isso acontecido no meio da semana. Resolveu por fim:

— Quer saber, Angélica? Não mando nenhum aviso. Saberá domingo, quando vier. Também, que adiantaria chegar mais cedo? O que tinha de acontecer, aconteceu. Morreu, e o Sr. Licínio não poderá ressuscitá-la.

— Acho até uma obra de caridade não dizer nada agora — opinou Angélica.

— Tem tempo de sobra para saber depois. Eu mesma dar-lhe-ei a notícia com toda a suavidade, para evitar um choque muito grande.

E após uns momentos de silêncio:

— Olhe, Angélica, estou com vontade de chorar, só de pensar em D. Ismênia morta. É esquisito, mas estou... No fundo sempre lhe dediquei amizade. Tinha seus defeitos, não há dúvida, mas era uma boa criatura.

— Tão humilde... — concordou Angélica, enxugando uma lágrima. — Coitada!

## CAPÍTULO XIII

No dia seguinte, vendo que Licínio não chegava para o enterro, Pedro Carpinteiro, sem nada dizer a ninguém, montou a cavalo e foi ele próprio à fazenda. Ao receber a notícia da morte da mãe, Licínio quedou-se apatetado.

— Monte no meu cavalo — disse-lhe Pedro —, e toque bastante, que ainda poderá chegar a tempo de ver sua mãe morta.

Como o moço ficasse zozzo, sem iniciativa, Pedro levou-o até o animal e fê-lo montar.

Subitamente estimulado por um turbilhão de sentimentos, Licínio chicoteou o cavalo, partindo em desapoderado galope. Galopava, galopava com fúria, talvez não tanto para chegar depressa, mas para fugir às ideias que o salteavam; fugia de si próprio, da realidade, da vida. Oh, quem lhe dera aturdir-se indefinidamente num galopar assim, por uma estrada infinita, sem nunca chegar!

A meio caminho o cavalo ajoelhou exausto, incapaz de andar mais. Vendo-o inerte, imprestável, Licínio abandonou-o, continuando a pé o caminho. Corria conforme lhe permitiam as forças. Em certo lance, ladeando uma capoeira, teve uma alucinação e chamou:

— Mamãe!

Admirava-se de não ouvir resposta. Parecia-lhe que a procurava, como ela o procurara um dia com o Afonso; e o moço parava a espaços, espreitando na sombra da espessura. Depois a verdade



fuzilava-lhe no espírito como lançada cruel: sua mãe morrera; ele ia abraçar-lhe o cadáver!

E desesperava-se de haver perdido tempo com uma ilusão de demência.

Corria ofegando, na esperança de chegar a tempo. Em certo trecho ouviu dobres a finados. Era o enterro! Oh, se fosse chegar atrasado e não a visse nunca, nunca mais!

Neste receio continuou a correr, adelante, redobrando de esforços.

Atingiu o arraial. Passou sob as janelas da sogra, sem atender aos apelos que dali lhe fizeram. Andando as ruas, estranhava o olhar de espanto com que todos o fitavam, de vê-lo correr assim. E Licínio, notando-os, perguntava para si se todos não estariam loucos.

Acelerou o passo na colina do cemitério, onde encontrou turmas de pessoas de rosto compungido, a voltarem para o povoado. Dentro do quadrilátero de velhos muros, entre as cruzes toscas, procurou ansioso com os olhos. Num recanto viu uma mulher que não reconheceu. Era a Maroca. Foi em direção a ela.

— Onde é? — perguntou com voz rouca.

Ela apontou silenciosamente uma sepultura, cuja terra estava fofa e abaulada regularmente. Num extremo via-se um pé de malmequer plantado de fresco.

— É aqui? — inquiriu ele de novo, em voz ríspida, apontando o cômodo.

Maroca, soluçando, cabeceou afirmativamente e cobriu o rosto com o avental, donde caíram mudas de flores ao chão.

Licínio fitou com desespero aquele monte de terra que o privava de beijar a mãe morta; sentia ímpetos de cravar as unhas no espesso obstáculo e removê-lo com fúria. Nunca mais veria a pobre velhinha, que ele deixara morrer tão só!

Vendo-o imóvel, os olhos fixamente cravados na sepultura, Maroca teve pena; e, amparando-o com o braço, porque as pernas lhe fraqueavam, o foi levando brandamente para fora. Seguiram assim colina abaixo. Ela dizia-lhe palavras de consolo sem compreender que cada frase sua o alanceava dolorosamente,

como uma exprobração. Para que lastimar-se assim? A morte fora até um benefício para quem sofria tanto. Quantas vezes não fizera promessa a Nossa Senhora para não a deixar penar! Pois era vida, passar o dia e a noite a chorar, a chorar sem termo?

Chegando ao largo, Maroca quis levá-lo para a casa do sogro.

— Não! não! — protestou Licínio. — Quero ir lá!

— Não vale a pena!

— Quero ir, quero ir...

Maroca satisfez o seu desejo. Pelo caminho ela relanceava-o a furto, espantada da expressão dura, fixa, de seus olhos secos, o que a fazia menear a cabeça, com o ar de quem se apieda, respondendo assim ao olhar curioso de algumas pessoas que a interrogavam mudamente.

— Coitado! que sentimento! — sussurravam uns.

— Sentimento não! Remorso — resmoneavam outros.

E uma língua perversa:

— Amanhã já não se lembrará da mãe.

Ao frentear a casa ele desvencilhava-se de Maroca, que o procurava reter:

— Deixe-me, deixe-me... — murmurava.

Empurrou a porta e entrou. Impelia-o o desejo agudo de ver ainda a figura da mãe evocada pelos objetos familiares, essa como reconstituição espiritual da pessoa pelo ambiente em que vivia. O interior estava sombrio. Caía das paredes um grande frio, mesclado a um cheiro de bolor. À proporção que os olhos se acostumavam à penumbra, dilatava-se o vácuo daquele interior deserto. Então Licínio pôde ver que nem o pequeno consolo buscado lhe restava, pois ali nada mais havia que lembrasse a morta; com o abandono de anos, a casa já não tinha aquele aspecto de pessoa conhecida, aquele ar acolhedor de mãe a receber o filho em seu regaço. Era como se pela segunda vez a enterrassem sem que o deixassem vê-la. Chegara novamente demasiado tarde!

Dirigiu-se à porta do quintal e abriu-a; aí acolheu-o a mesma estranheza. Onde eram canteiros, tufavam moitas de carrapicho e

capim. Mandacarus hirtos, erguendo braços trágicos, pareciam imobilizados em posturas de maldição sobre sua cabeça. O velho muro era apenas um longo murundu de adobes desmoronados. Também não estava ali a pobre morta. Onde quer que esperasse encontrá-la, somente se lhe deparavam acusações e anátemas, desde a horta e a casa em ruínas até o humílimo pé de margarida que Maroca plantara sobre a sepultura da viúva, e que era, na sua humildade, a carícia de um estranho que piedosamente desejaria encobrir a falta do filho.

E, amarrado em desespero surdo, os olhos secos e como a encarar fixamente uma visão imaterial, ele se quedou em rígida imobilidade naquela porta em cuja soleira a mãe derramara tantas lágrimas.

## CAPÍTULO XIV

D. Alípia e Angélica, que andavam inquietas à procura de Licínio, chamaram-no da porta em altas vozes. A uma recomendação de Maroca, que lhes veio ao encontro, entraram pé ante pé na casa da finada. Maroca, num gesto consternado, deu a entender que o achava abalado do juízo.

Angélica recalrava uma surda irritação. Não lhe desculpava o ter passado pelo sobrado sem lhe atender aos apelos, e dar, com sua dor intempestiva, um ridículo espetáculo a todo o povo do arraial. D. Alípia, com a fleuma de pessoa experiente, encarava as coisas sob um aspecto mais geral e filosófico, não participando da irritação da filha.

— Dar agora para louco! — esmoía Angélica entre dentes. — Era o que faltava! E, avistando-o à porta do terreiro, chamou colérica:

— Licínio!

— Licínio! — repetiu daí a pouco, mais enérgica.

Maroca, escandalizada, exprobrava-a: deixasse o pobre moço! Se visse o seu desespero, as suas feições transtornadas, ao chegar do cemitério! As grandes dores precisam desabafar-se na calma.

— Mas é fingimento! — protestou a moça. — Nunca lhe conheci dessas adorações por D. Ismênia! É gosto de se mostrar, de dar que falar!

D. Alípia, porém, puxou-a para si, segredando:

— Não, Angélica, você não tem razão. Isto agora é sincero. As pessoas nervosas nessas ocasiões sentem grande abalo.

Lembra-me um caso antigo do Lopes... A morte é coisa que impressiona sempre, minha filha! E, além disso, mãe sempre é mãe, não acha, Siá Maroca?

E depois de uma pausa, preenchida pela confirmação da interrogada, D. Alívia continuou:

— Esses abalos são mais frequentes do que você pensa, Angélica. A princípio uma pessoa fica aturdida, principalmente quando a notícia é repentina demais, mas depois passa. O que lhe faz mal é não virem as lágrimas. Se ele chorar, verá como fica aliviado.

Quedaram as três, mudas, a observá-lo. Pálido como um morto, Licínio esgazeava o olhar febril em torno. Súbito a atenção prendeu-se-lhe ao que quer que era no portal. Inclinou-se, desfeito, examinando...

No auge do interesse, para prova do que afirmara, D. Alívia acotovelou a filha:

— Repare! Repare! Ele agora vai chorar.

Licínio, a tremer, cravava um olhar obstinado e repassado de dor nuns fios de cabelos grisalhos agarrados a uma lasca do portal; e de improviso, num impulso irresistível, postou-se de joelhos e beijou sofregamente aqueles cabelos, murmurando, aos arrancos, entre soluços incoercíveis:

— Mamãe... Mamãe...

do grupo mais numeroso, notava-se um  
lico, a quem todos prestavam reveren-  
Era Fortunato Marolo, um dos regen-  
io, encarregado pelo director de acom-  
ção os paes que se ~~lanç~~ de retorno e es-  
~~chegasse~~, por não tel-o podido fazer  
aquelle dia. Aos que nao conheciam  
ro, e nem haviam experimentado os  
hodos de ensino dos seus collegios, a  
ente, que ~~os personificava tal~~ incutia  
neira impressão, que exigia respeito e  
oravelmente; pois, embora vestido  
em muito asseio, o moço respirava  
idade, como uma imagem que, cansada  
tura de immobildade e extase no seu  
esolvesse a descer dalli e a sahir da  
misturar-se com os peccadores. Em seu  
o compasso solenne de quem acompa-  
r; ~~uma~~ voz era lenta e nasalada, com  
anto gregoriano; e com a mão gesti-  
mente, ~~uma~~ ares de quem abençoa.

, que se avizinham, viram a cruz  
que lhe pendia sobre o collete sujo.  
nseguiam escutar ~~as~~ suas palavras.

a Nossa Senhora... Alumnos sempre  
doutor... —respondia a uma figurinha  
cujá cara rechupada brilhavam na-

pergunta de outro interlocutor:



GODOFREDO RANGEL  
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Godofredo Rangel parecia pedir desculpas por ser escritor, num tempo em que tantos simulam essa condição. Ninguém menos do que ele ostentava o dom natural. O isolamento em pequenas comarcas do interior, como juiz, dava-lhe igualmente motivos para desistir e força para continuar, pois a vocação literária se nutre de contrários. Tantos anos levou nessa luta contra o meio, não digo hostil, pior do que isso: indiferente, e contra a própria timidez, que, ao atingir uma cidade onde os contatos culturais já não eram abstratos, e sim um aspecto habitual de vida, o criador deixara nele de funcionar. Rangel mergulhara no Túnel da Tradução, de onde os escritores saem fatigados e sem rosto.

Não direi mal dos tradutores, e Godofredo Rangel era dos bons. Lastimo apenas que cada vez mais seja impossível nos entregarmos àqueles trabalhos de penetração do texto literário e de transposição de sua essência misteriosa, de um para outro invólucro, tão só pelo prazer do exercício arriscado. Quem ler *A barca de Gleyre* perceberá facilmente como e por que um autor é arrastado ao ofício de tradutor, como se profissionaliza e, mesmo dando à sua tarefa o desempenho mais escrupuloso, não consegue alçá-la à categoria de obra de arte.

De resto, distingue o trabalho de tradutor um fundo de humildade, que haveria de comprazer o autor de *Vida ociosa*, ele que era humilde de natureza. Antes de o conhecer pessoalmente, já eu possuía dele um retrato perfeito, através de uma carta de Milton Campos, então



advogado em Dores da Boa Esperança, e que indo de serviço a Três Pontas, lá o encontrara:

[...] seria mais alegre contar-lhe as peripécias do julgamento, mas prefiro dizer-lhe que conheci de perto o Godofredo Rangel. Esse homem impressiona. É juiz modelar e cultiva essas polidezes sociais. Fez-me a visita de estilo. Notei-lhe logo a humildade no agradecer-me as ligeiras referências que lhe fiz no *O Jornal*. Passei, depois dos trabalhos forenses, uma parte do dia de sábado em casa dele. Casa de pobre, com uma salinha desguarnecida de móveis, onde o dono recebe as partes e os oficiais. Conversa despreocupadamente e amavelmente. Ninguém descobriria no seu semblante o grande e estoico sofredor que ele é, se o aspecto físico do corpo magro e curvado e os repuxões da face não lhe denunciassem logo os males orgânicos. Mas só esses. Os outros não se percebem. Disse-me que tem muito pouco tempo para ler ou escrever: os trabalhos do cargo e das aulas só lhe deixam uma hora ligeira à noite. Mesmo assim, tem pronto mais um romance, ainda sem retoque: *A filha*. “Se o senhor permitisse, eu lhe leria um trecho...”. É claro que permiti e que gostei. Pela amostra, pareceu-me que a obra tem intuítos diferentes de *Vida ociosa* e *Andorinhas*. O pedaço ouvido falava calidamente de amor.

Era isso em 1924, e havia já três anos que Godofredo Rangel se tornara nome de prestígio nas letras, com a publicação de um livro admirável, que reflete o *humour* e a melancolia de seu espírito, e onde sentimos fluir preguiçosamente o tempo. Em 1925, como eu lhe pedisse colaboração para uma revista, ele com simplicidade prometeu mandá-la sempre, “mas permita o colega que imponha uma condição: que condene irrecorrivelmente à cesta tudo o que eu enviar e que ache indigno dela (*revista*)”. O terceiro conto remetido gratuitamente por ele não pôde ser publicado, porque a revista desaparecera; saiu num jornaleco de Belo Horizonte, e Rangel sentiu-se no dever de agradecer-me esse abuso. Era a gentileza mesma, isto é, aquela que não se apresenta com ademanos untuosos, mas se manifesta em pequeninos aspectos insuspeitados, e se filtra em modéstia.

Não teria motivo para gostar de nós, rapazes modernistas. Tentávamos uma expressão literária em conflito com a sua, e se podia mesmo viver o nosso estado de espírito, era natural que o desdenhasse ou pelo menos o ignorasse. Seu amigo Monteiro Lobato, que, a julgar pelas cartas, exercia sobre ele uma docência intelectual meio tirânica, tomara posição contra os moços, e era sublime de incompreensão. Na realidade, e com a força dos tímidos, Rangel não se deixou imbuir nos preconceitos do outro: aceitou o modernismo de seus coestaduanos jovens, com uma simpatia bem-humorada. Submeti-o inconscientemente a uma prova dura, ao lhe remeter as *Memórias sentimentais de João Miramar*, de que Oswald de Andrade me enviara uma porção de exemplares para distribuição entre amigos. Nem se irritou nem fez ironia: “Muito obrigado pela oferta das *Memórias*. É um livro curioso... Não acho, porém, que o Oswald o tenha escrito a sério. É uma pilhéria, *pour épater*”. E, terminando a carta: “Mais uma vez, grato pelo *Miramar*, que eu tinha grande interesse de conhecer”. Ou espontaneamente, referindo-se a algo que eu publicara como poema, e era apenas a transcrição, em linhas irregulares, de um trecho de regulamento da Inspetoria de Veículos: “Li o seu ‘Sinal de apito’ na *Verde*. É formidável, como dinamismo demolidor”.

Bem pouco o pratiquei, fora de algumas cartas trocadas naquela época. Só muito mais tarde fui conhecê-lo de presença física, e não me lembro de tê-lo visto mais de duas vezes, sempre de relance; a impressão que me ficou foi de doçura. O longo juizado no interior não o destruíra, embora o marcasse. *Vida ociosa* não é só a pintura delicadíssima de uma atmosfera rural que tritura os melhores estímulos, malgrado sua poesia e seu drama latentes; é também a defesa contra o afundamento nesse nada. Rangel salvou-se do interior, fixando-o previamente no seu livro. Depois, foi viver sua experiência aniquiladora. Alphonsus de Guimaraens, este, juiz municipal, pereceu no vazio, de cujo fundo fizera ressoar os acentos mais dolorosos de sua poesia. Há em Minas, a qualquer hora do dia, em qualquer tempo, e não só em Minas, mas pelo Bra-

sil afora, um temperamento artístico abandonado a si mesmo, e ansiando por sobreviver.

Num capítulo de *Vida ociosa*, narrativa feita na primeira pessoa, a criatura de ficção parece identificar-se, não com o autor individualmente, mas com a figura genérica do escritor, do homem de imaginação criadora, em sua inadaptação à vida de todos os dias e, ao mesmo tempo, em sua gula de vivê-la. Ao pé do fogo quase extinto, siá Marciana desfia padre-nossos pelos defuntos: por todos os defuntos, conhecidos e desconhecidos, inclusive o pescador afogado num lugar qualquer, há vinte anos, e de que o jornal dera notícia. Os demais circunstantes cismam em silêncio, e no entressono perpassam imagens do dia que cada um viveu. “Uma árvore, um chuchu, andorinhas tontas a lutar com o vento.” Américo traz a sanfona e toca. Recordações povoam a fazenda: os mutirões, as festas, os mortos.

Eu achava encanto em vê-los, os três, tão absorvidos, inalando aquela revivescência do passado. Também a música influía sobre mim, mas o meu sonho era o sonho deles; buscava sentir o reflexo de suas cogitações, enxertar-me em seus pensamentos, como quinhoeiro deles. Não é que após mim não ficassem vinte e tantos anos de acervo próprio de recordações; mas só o passado dos outros parece-me interessante. É o meu uma série de fragmentos desconexos, um perpassar de silhuetas vagas, e tem o vinco preponderante das sensações desagradáveis; um mau romance truncado, sem interesse, de que de bom grado me alijaria, se pudesse deli-lo dos refolhos d’alma, onde, por mal de pecados, se tatuou inapagavelmente. Esmaga-me a predominância dos maus momentos sofridos; meu passado figura-se-me um rol de misérias cujo cruciar, quando o evoco, lateja sempre atual. Não sei que malévolo ímã me constitui o núcleo da alma, que só atrai, limalha imprestável, impressões sabendo a fel e pranto.

E, ao lado dessa, outras penúrias. Sei de pessoas que, de uma excursão pequena, fazem uma narrativa longa, vendo em ínfimos nada peripécias atraentes. Creio que, o que nos torna a vida interessante, é sorvê-la com o apetite ávido de todas as curiosidades, o qual, em torno de incidentes mínimos, multiplica sugadores de polvo, bem como na

mesa colabora o apetite no sabor das iguarias. Tenho viajado muito; mas em tanto correr não colhi uma anedota, uma observação rara, como se desprende num canteiro o pedicel de uma flor. Tudo encinzeira-me tédio na alma e escancela-me a boca em bocejos. Sou, talvez, um abortado da alma, inviável para a vida normal. É por isso que sinceramente invejo os que sabem ou podem viver. Oh, as simples criaturas, cujas almas se entreabrem como corolas para acolher o orvalho dos eflúvios do passado! Que livro interessante não folheiam, ao ritmo da sanfona roufenha que há tantos anos lhes acalenta os serões!

E a noite prolonga-se nessa beatitude sem fim – meus amigos todo recordações; eu, vampiro de nova espécie, avoejando pela sua cisma.

Vampiro de nova espécie; assim é o escritor, e mal percebe que se exaure a si próprio.

O livro de que extraio esta página ficou sendo a grande obra de Rangel, a que há a somar alguns contos deliciosos, das *Andorinhas* ou esparsos. Não será muito o que deixou, mas no seu apuro discreto e no seu tom algo “fora de moda”, suponho encontrar razões de sobrevivência, que o recomendem a um gosto futuro, já liberto de nossas pobres manias. Como é curioso esse halo que a publicidade lança em torno de nossos escritos! Monteiro Lobato assistiu em vida à própria glória no limite nacional do termo; entretanto, o que talvez melhor o defenderá do esquecimento vindouro, aquilo que ele nunca imaginaria servir como testemunho de um temperamento literário, menos realizado que desviado, não são seus contos nem seus romances, são as centenas de cartas que durante quarenta anos escreveu a um amigo do interior de Minas. Não sei, em nossa literatura, de correspondência mais rica do que esta, salvo a de Mário de Andrade, que não tem rival. Apenas, sentimos o silêncio estranho que secunda o correspondente Lobato, pois as cartas de Rangel não foram publicadas, e sem dúvida elas devem importar, no diálogo de quarenta anos. E aí está mais um traço a reter em sua personalidade: ele foi capaz de um diálogo literário que durou toda uma vida, e que muito provavelmente garantirá a lembrança de seu amigo.

Meu cortês, meu douto, meu caro e bom Godofredo Rangel: agora que morreste, posso bem dizer que não te conheci menos porque pouco te frequentei. E se me lastimo porque a vida não me permitiu privar de tua companhia, deixa estar que nós mineiros, e entre os mineiros os de certo tipo de sensibilidade, em rigor não carecemos de presença física para a funda convivência. Abrindo ao acaso teu livrinho de contos, essas *Andorinhas* que cabem no bolso do paletó, encontro, entre surpreso e comovido, dois títulos que me coube quase repetir inconscientemente: “A beira-rio” (e escrevi algo chamado “Beira-rio”) e “Meu parente” (também aventurei “Meu companheiro”). Se os temas são diferentes, perdura a identidade de gosto no rotular, a maneira afim, que me faz sentir e amar melhor certas páginas tuas, invejá-las e censurar-me por não as ter escrito eu mesmo. Satisfeito porque assim te copiei aquelas palavras, faço delas uma flor, e te ofereço essa flor, velho Rangel.

Texto publicado originalmente em *Passeios na ilha*  
(Ed. Organizações Simões, Rio de Janeiro, 1952)





Godofredo Rangel com a primeira neta, Sandra,  
personagem de seus livros infantis.  
Fotografia, sem data. Acervo Márcio Sampaio.

## CRONOLOGIA

## JOSÉ GODOFREDO DE MOURA RANGEL

Nasce na cidade de Três Corações (MG), a 21 de novembro de 1884. É o quinto dos oito filhos de João Silvío de Moura Rangel e Clara Augusta Gorgulho Rangel.

Alfabetizado muito cedo, logo demonstra interesse pelos muitos livros disponíveis na biblioteca doméstica — literatura, ciências, geografia, história, religião. Procura *decifrar* textos literários em inglês e francês, leitura preferencial de seu pai, o que o leva a procurar aprender esses e outros idiomas.

Vivendo a liberdade própria de menino de cidade do interior mineiro, divide seu tempo entre brincadeiras, estudos escolares, experiências científicas. Cria um teatrinho de bonecos para encenar suas histórias. Participa de peças teatrais encenadas por grupos locais. Aos 10 anos começa a *editar* um jornalzinho manuscrito, no qual é redator, diagramador, ilustrador. Além disso, é ele também o distribuidor. O noticiário pescado nos jornais e em conversas familiares, as *charges* e comentários críticos fazem parte da pauta do periódico, no qual demonstra verve humorística e atenção para com os acontecimentos sociais e políticos, para além do âmbito local. Publica contos e poemas. Esse empreendimento



tem a duração de 11 números, que são mostrados aos familiares e amigos, em tiragem de um único exemplar.

Reside com a família nas cidades de Três Corações e Silvestre Ferraz (Carmo de Minas).

Seu pai, que fora próspero comerciante, sofre reveses financeiros e vem a falecer em 1896. Godofredo tem, então, 12 anos.

Em 1902, transfere-se para São Paulo, a fim de continuar os estudos. Mora por uns tempos com a irmã Lavinia, já casada.

Concluídos os estudos preparatórios, matricula-se na Escola de Direito. Para custear os estudos, passa a trabalhar como escrivão da subdelegacia de um posto policial no Brás. Em um de seus plantões, conhece o jornalista e poeta Ricardo Gonçalves. Estabelece-se entre os dois uma forte camaradagem. Ricardo sugere-lhe uma pauta de leitura, orientando-o na escolha da melhor literatura disponível à época.

Transferido para o posto da delegacia no Belenzinho, Rangel aluga o sótão de um chalé que vai se transformar no ponto de encontro de diversos jovens estudantes. Com Ricardo Gonçalves, chegam Monteiro Lobato, também estudante de Direito, José Antônio Nogueira, Cândido Negreiros, Hilário Tácito, Lino Moreira, Tito Lívio Brasil, Albino Camargo, Raul de Freitas, todos aspirantes a escritor. Dadas as particularidades da arquitetura do chalé, o espaço recebe o nome de “Minarete” e passa a ser local de grandes e prolongadas conversas, fantasias, aspirações, em torno da literatura e da vida. A essa *confraria* dão o nome de “Cenáculo”, e Rangel, por suas qualidades de liderança, se torna o natural coordenador do grupo.

É nesse estimulante espaço de criatividade que se estende para outros locais da cidade que se dá início a

uma reformulação estética, protomodernista, que lança um olhar mais realista para a terra, para questões sociais e políticas.

Em 1903, criam em Pindamonhangaba, interior de São Paulo, o *Minarete*, um jornal de feição política e literária no qual publicam seus contos, crônicas, poemas e artigos.

Ao mesmo tempo, outro jornal alternativo, *O Combatente*, abre suas páginas para o grupo, que irá ter uma atuação mais incisiva e com maior liberdade para a manifestação política, humorística e literária. O jornal, bastante irreverente, acaba sendo fechado pela polícia.

Concluído o curso de Direito, Lobato vai residir em Taubaté e pouco depois é nomeado promotor em Areias (SP).

Inicia-se entre Rangel e Lobato uma correspondência, que se prologará por 43 anos.

Com o tempo, o grupo do Minarete vai se dispersando. Rangel inicia carreira como professor, paralelamente aos estudos do curso de Direito, que conclui em 1906.

Trabalhador compulsivo, nessa época já havia produzido e publicado muitos de seus contos e iniciava a elaboração de romances e novelas.

Em 1904, regressa a Minas, fixando-se em Silvestre Ferraz.

Em 1906, casa-se com Bárbara Pinto de Andrade, com quem terá quatro filhos — Nello, Túlio, Caio e Duse. Nessa época sua atividade principal será a de professor de português no colégio local.

Em 1907 visita Monteiro Lobato em Areias, e esse será um dos poucos encontros que terão ao longo da vida. Serão “amigos escritos”, como definiu Lobato,

pois a amizade permanece ao longo dos mais de 40 anos de assídua correspondência.

Nomeado juiz municipal, atua, entre 1909 a 1918, em Machado e Santa Rita do Sapucaí.

Entre 1918 a 1937, exerce as funções de juiz de direito das comarcas de Três Pontas, Lavras, Estrela do Sul e Passos, continuando suas atividades como professor. Publica a obra didática *Estudo prático de português*, como apoio às suas aulas.

Mantém relações com o meio intelectual de São Paulo e publica contos e artigos na imprensa paulistana.

Inicia atividades como tradutor, tornando-se conhecido por essa atividade, trabalhando por muitos anos para a Companhia Editora Nacional, de Lobato, a Editora Globo, de Erico Verissimo, a José Olympio e a Civilização Brasileira.

Em 1917, o “Estadinho”, edição vespertina do jornal *O Estado de São Paulo*, publica em capítulos seu romance *Falange gloriosa*, que obtém ótima repercussão. Da mesma forma, o jornal publica capítulos de *Vida ociosa*, que sairá em livro em 1920, em edição da Revista do Brasil, de Monteiro Lobato & Cia. Editores.

Em 1922 a mesma editora publica o livro de contos *Andorinhas*, bela edição em formato de bolso.

Em 1924, em Três Pontas, recebe visita do escritor Milton Campos, então advogado em Boa Esperança, cidade próxima.

Em 1929 sai a novela *A filha*, em edição da Imprensa Oficial de Belo Horizonte.

Em 1937, Rangel aposenta-se como juiz de direito de terceira entrância da comarca de Lavras (MG) e passa a residir em Belo Horizonte, onde é recebido com muito apreço pela intelectualidade local.

Em 1939 é eleito para a Academia Mineira de Letras (AML), ocupando a cadeira de número 13, cujo patrono é Xavier da Veiga.

Em 1943 lança os livros infantis *Um passeio à casa de Papai Noel*, *Histórias do tempo do onça* e *A banda de música do onça* pela Companhia Editora Nacional (SP).

Nesse mesmo ano, Rangel e Lobato decidem devolver as cartas que escreveram, nas quais registram, em vivo diálogo, substancioso panorama da vida e do tempo de dois amigos intelectuais. Não os perturbam as diferenças de personalidade e os diferentes modos de conduzir a vida. Lobato, inquieto, pragmático e corajoso, mobilizado por diferentes demandas profissionais e existenciais; Rangel, aquietado em sua vida no interior mineiro, imobilizado pelas circunstâncias da profissão em meio de modesta contextura intelectual, mas compensando a irredutível vocação de escritor com trabalho incessante e pesquisa.

No ano seguinte, depois de uma revisão crítica, Lobato publica em dois volumes as suas cartas para Rangel, com o título *A barca de Gleyre*. A repercussão dessa obra suscita interesse pelas cartas de Rangel, como o contraponto necessário para a melhor compreensão do diálogo mantido pelos dois amigos. Mas Rangel recusa-se a publicar suas cartas, alegando que elas não possuíam outro mérito senão o de provocar as de Lobato.

Em 1944, sai o segundo livro de contos de Godofredo Rangel, *Os humildes*, pela Editora Universitária, de São Paulo, com prefácio de Lobato.

O período em Belo Horizonte, apesar das dificuldades financeiras e das doenças que o acometem, é muito estimulante. Continua escrevendo contos e artigos, que são publicados em diversas revistas e jornais de Minas,

do Rio e de São Paulo. Muitos dos textos passam a integrar antologias do conto brasileiro.

Continua sua atividade de tradutor, atendendo à demanda de várias editoras.

Recebe escritores que lhe solicitam opinião sobre sua produções, mantendo com eles longas conversas. Acolhe com a mesma simpatia jovens autores que buscam sua orientação, entre os quais Mário Garcia de Paiva, Autran Dourado e Guimarães Rosa, os quais viriam a dar depoimentos sobre a influência exercida pelo velho escritor sobre suas obras. Mantém correspondência com outros escritores de São Paulo, oferecendo-lhes também aconselhamento e fazendo revisão de suas obras, como foi o caso de Menotti del Picchia.

Em 1948 falece Monteiro Lobato. Rangel publica artigos em sua homenagem, lembrando a amizade de toda uma vida.

No dia 4 de agosto de 1951, três anos após a morte de Monteiro Lobato, Godofredo Rangel falece em Belo Horizonte, aos 66 anos, deixando para seu filho Nello Rangel um acervo de centenas de manuscritos, com anotações, diários, um dicionário em cinco volumes, rascunhos de romances e as cartas que escreveu para Lobato, com a recomendação de que só fossem publicadas depois de uma seleção rigorosa e destruição do que não fosse de interesse literário.

Em 1955, a Editora Melhoramentos, de São Paulo, publica edições póstumas dos romances *Os bem-casados* e *Falange gloriosa*, junto com *Vida ociosa*, obras integrantes da série Ficção Nacional.

O escritor Edgar Cavalheiro descreve com precisão os primeiros tempos de Rangel em São Paulo, e o historiador Décio de Vasconcelos elabora a primeira biografia de escritor.

O escritor catarinense Enéas Athanázio vem se dedicando à divulgação e revisão da obra de Rangel, tendo publicado vários ensaios, entre os quais *Godofredo Rangel* (1977) e a biografia crítica *O amigo escrito* (1988).

O professor Lutiane Marques é outro pesquisador persistente, que tem feito descobertas em arquivos no país e no exterior, recuperando e restaurando documentos fundamentais para o conhecimento mais amplo do escritor e de sua obra. Em sua dissertação de mestrado estudou a correspondência entre Rangel e Lobato. Em *O visitante*, executa uma montagem surpreendente de textos de Lobato e Guimarães Rosa, como um diálogo entre os dois escritores, no qual o autor revive visitas efetivamente acontecidas.

Em 1984, o *Suplemento Literário de Minas Gerais* publica edição especial, em comemoração do centenário de nascimento de Rangel e é feita uma exposição no Palácio das Artes, em Belo Horizonte.

Em 2000, a Editora Casa da Palavra e a Fundação Casa de Rui Barbosa, do Rio, publicam *Vida ociosa*, com introdução de Autran Dourado, prefácio original de Hilário Tácito, posfácio de Enéas Athanázio e estabelecimento de texto por Adriano da Gama Cury.

Nas duas últimas décadas, a obra de Godofredo Rangel tem despertado maior interesse no âmbito acadêmico, reconsiderando sua posição no quadro da literatura brasileira do século XX, por sua obra literária e por sua influência sobre outros escritores.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE MINAS GERAIS  
Desembargador Gilson Soares Lemes  
Presidente

Desembargador José Flávio de Almeida  
1º Vice-Presidente

Desembargador Tiago Pinto  
2º Vice-Presidente  
Superintendente da Escola Judicial Desembargador Edésio Fernandes

Desembargador Newton Teixeira Carvalho  
3º Vice-Presidente

Desembargador Agostinho Gomes de Azevedo  
Corregedor-Geral de Justiça

Desembargador Edison Feital Leite  
Vice-Corregedor-Geral de Justiça

AMAGIS  
Juiz Luiz Carlos Rezende e Santos  
Presidente

Juíza Rosimere das Graças do Couto  
Vice-Presidente Administrativa

Juíza Roberta Rocha Fonseca  
Vice-Presidente Financeira

Juiz Jair Francisco dos Santos  
Vice-Presidente de Saúde

Juiz Lourenço Migliorini Fonseca Ribeiro  
Vice-Presidente do Interior

Desembargador Maurício Pinto Ferreira  
Vice-Presidente Sociocultural-Esportivo

Desembargadora Aposentada Heloísa Helena de Ruiz Combat  
Vice-Presidente dos Aposentados e Pensionistas

Juíza Ivone Campos Guillarducci Cerqueira  
Diretora-Secretária

Juiz Evandro Cangussu Melo  
Diretor-Subsecretário

Juiz Jorge Paulo dos Santos  
Diretor de Projetos Culturais Especiais

ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS  
Rogério Faria Tavares  
Presidente

Caio Boschi  
Vice-Presidente

Jacyntho Lins Brandão  
Secretário-Geral

Luís Giffoni  
Tesoureiro

Realização:



© Godofredo Rangel  
© Antonio Candido  
© Autran Dourado  
© Carlos Drummond de Andrade

COORDENAÇÃO EDITORIAL Márcio Sampaio & Rogério Faria Tavares  
PREPARAÇÃO E REVISÃO Leonardo Mordente  
DIGITALIZAÇÃO DE TEXTOS Tiago Mozer de Moura Rangel  
PRODUÇÃO EXECUTIVA Bruno Gontijo  
DIREÇÃO DE ARTE E DESIGN Marconi Drummond  
PROJETO GRÁFICO Gladston Costa

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

R154v Rangel, Godofredo, 1884-1951.

Vida ociosa / Godofredo Rangel – Belo Horizonte: Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais: Associação dos Magistrados Mineiros (Amagis) : Academia Mineira de Letras (AML); 2022.

2 v.

ISBN: 978-65-87273-06-8

Conteúdo: v.1: A filha . – v.2: Falange gloriosa. Os bem-casados.

Inclui artigos sobre o autor de Rogério Faria Tavares; Autran Dourado; Antonio Candido, Márcio Sampaio e Carlos Drummond de Andrade.

1. Ficção brasileira. 2. Rangel, Godofredo 1884-1951 - Autobiografia.  
I. MINAS GERAIS. Tribunal de Justiça. II. Associação dos Magistrados Mineiros.  
III. Academia Mineira de Letras. IV. Título. V. Título: A filha. VI. Título: Falange gloriosa. VII. Título: Os bem-casados.

CDD: B869.3  
CDU: 82.3(81)

Ficha catalográfica elaborada pela Coordenação de Biblioteca (COBIB)  
Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais

ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS  
Rua da Bahia, 1.466 – Lourdes  
Belo Horizonte – MG – 30160-011  
(31) 3222-5764  
contato@academiamineiradeletras.org.br



Tipografia: Perpetua e Cera  
Papéis: Supremo Alta Alvura 250 g/m<sup>2</sup> e Pólen Bold 70g/m<sup>2</sup>  
Tiragem: 500 exemplares  
Impressão e acabamento: Gráfica Rede  
Impresso em Belo Horizonte, MG, junho de 2022.



**EJEF**  
Escola Judicial  
Escuela Judicial  
Escuela de Magistero



**TJMG**  
Tribunal de Justiça do  
Estado de Minas Gerais



**AMAGIS**  
ASSOCIAÇÃO  
DOS MAGISTRADOS  
MINEIROS

